

UNIVERSIDAD DE SALAMANCA
FACULTAD DE FILOLOGÍA
DEPARTAMENTO DE FILOLOGÍA MODERNA



VNiVERSIDAD
D SALAMANCA

Tesis Doctoral

“Musa, paremos aqui”:

biografia e cânone autoral do poeta

João Sucarelo Claramonte (1619-1668)

MARIA DO CÉU PEREIRA DUARTE

2016

UNIVERSIDAD DE SALAMANCA
FACULTAD DE FILOLOGÍA
DEPARTAMENTO DE FILOLOGÍA MODERNA

Tesis Doctoral

“Musa, paremos aqui”:

**biografia e cânone autoral do poeta
João Sucarelo Claramonte (1619-1668)**

MARIA DO CÉU PEREIRA DUARTE

Diretores:

Dr. Ángel Marcos de Dios (Universidad de Salamanca)

Dr. Francisco José de Jesus Topa (Universidade do Porto)

2016

**À memória da minha Mãe, Maria de Lourdes,
a mulher extraordinária que me inspirou**

ÍNDICE

<i>Siglas e abreviaturas utilizadas</i>	19
<i>Agradecimentos</i>	23
<i>Preâmbulo</i>	29

I. LEITURA HISTÓRICO-BIOGRÁFICA DA POESIA DE JOÃO SUCARELO CLARAMONTE

31

INTRODUÇÃO	33
1. Nascimento e origens: a questão da pureza de sangue	40
2. Formação académica e aspirações a uma carreira universitária	48
2.1. O estudante	48
2.2. Uma presumível (e breve) carreira docente	75
2.3. Testemunhos poéticos de vivências em Coimbra	79
2.4. O virar de costas à Guerra da Restauração	84
3. João Sucarelo, poeta e médico	90
3.1. O vate assumido	90
3.2. O médico / cirurgião	97
4. Relações interpessoais	102
4.1. Relacionamento com individualidades da época e cidadãos comuns	102
4.2. A Misericórdia do Porto – uma presença indireta na poesia de Sucarelo ...	115
5. O exercício da sátira	119
5.1. «Definindo os disparates do Porto»	119

5.2. Uma poesia de <i>maldizer</i>	126
5.3. O fenómeno do freiratismo	133
6. A poesia como reflexo de vivências	142
7. Sucarelo e a Guerra da Restauração	148
8. Auto e heterocaracterizações	161
9. Epílogo	163
CONCLUSÃO	165
CRONOLOGIA	173

II. *RECENSIO*: INVENTÁRIO TESTEMUNHAL DOS POEMAS

ATRIBUÍDOS A JOÃO SUCARELO CLARAMONTE	177
--	-----

INTRODUÇÃO	179
A. MANUSCRITOS	183
1. Manuscritos principais	185
1.1. Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra	185
1.2. Biblioteca Pública Municipal do Porto	186
1.3. British Library	191
2. Manuscritos secundários	195
2.1. Academia das Ciências de Lisboa	195
2.2. Arquivo Distrital de Braga	196
2.3. Arquivo Nacional Torre do Tombo	199
2.4. Biblioteca Celso Cunha (Fac. de Letras da Univ. Fed. do Rio de Janeiro)	202
2.5. Biblioteca da Ajuda	202
2.6. Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra	205
2.7. Biblioteca Histórica do Ministério das Relações Exteriores do Rio de Ja- neiro (Biblioteca do Itamarati)	215
2.8. Biblioteca de Menéndez Pelayo	216
2.9. Biblioteca Municipal de Coimbra	216

2.10. Biblioteca Nacional de Portugal	217
2.11. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro	226
2.12. Biblioteca Pública de Évora	227
2.13. Biblioteca Pública Municipal do Porto	230
2.14. Library of Congress	237
2.15. Paróquia de Alvarães (Viana do Castelo)	237
B. IMPRESSOS	241
1. Impressos antigos.....	243
2. Impressos modernos	245
C. INVENTÁRIO GLOBAL DOS POEMAS E SEUS TESTEMUNHOS	249
1. Poemas de João Sucarelo Claramonte	251
1.1. Dísticos	251
1.2. Poemas em décimas heptassilábicas	251
1.3. Poemas em quintilhas heptassilábicas	255
1.4. Poemas em redondilhas	255
1.5. Romances	256
1.6. Silvas	263
1.7. Sonetos	265
1.8. Tercetos	274
2. Poemas de autoria duvidosa	274
3. Poemas excluídos	277
4. Réplicas a poemas de João Sucarelo Claramonte.....	289

III. EDIÇÃO CRÍTICA DA POESIA DE JOÃO SUCARELO CLARAMONTE

	291
A. NORMAS DE TRANSCRIÇÃO DOS POEMAS E CRITÉRIOS DA EDIÇÃO ..	293
1. Opções de base	295
2. Normas de transcrição dos textos	295

2.1. Poemas em português	296
2.2. Poemas em espanhol	299
3. Apresentação do texto crítico e do aparato	300
B. POEMAS PUBLICADOS EM VIDA DO AUTOR	303
1. Décima <i>Esta avaramente dura</i>	305
2. Soneto <i>Lágrimas brandamente derramadas</i>	307
C. POEMAS IMPRESSOS POSTUMAMENTE	309
Réplica I. Décima <i>Daqui, Senhor Regedor</i> (Duarte Ribeiro de Macedo)	311
3. Décima <i>Aqui, Senhor Regedor</i>	312
Réplica II. Décima <i>De ãa em outra esperança</i> (D. Rodrigo de Meneses) ...	313
Réplica III. Glosa <i>Amor que por glória tem</i> (D. Rodrigo de Meneses)	314
D. POEMAS TRANSMITIDOS PELO MENOS PELO MS. P	317
4. Silva <i>Meu Gregório Martins, Deão do Porto</i>	319
Réplica IV. Silva <i>Olá, Senhora Musa!</i> (Gregório Martins Ferrão)	324
5. Décima <i>Se Amor é fogo fatal</i>	327
6. Décima <i>Senhor António de Abreu</i>	328
7. Décima <i>Veio Elisa muita guapa</i>	330
8. Romance <i>Faz anos Dona Maria</i>	332
9. Quintilha <i>Besbelho comum de três</i>	335
10. Soneto <i>Guardadoras do gado deste outeiro</i>	336
11. Soneto <i>Quis fazer o Carola seu papel</i>	338
12. Soneto <i>Oh, que valentemente as gotas dás</i>	340
13. Soneto <i>Aqui se esconde o corpo bem logrado</i>	342
14. Soneto <i>Lobo cerval, fantasma pecadora</i>	344
15. Romance <i>Juíz que na sala livre</i>	346
16. Romance <i>Saloia dos olhos verdes</i>	349
17. Romance <i>Perdeu-se Menga por Brás</i>	352
18. Soneto <i>Soror Dona Barbata, em que vos pês</i>	355
19. Décima <i>Tremendo estive de nós</i>	357
20. Romance <i>Sabereis, mana Maria</i>	358

21. Décimas <i>Por toda a cruz cristãmente</i>	361
22. Romance <i>Não corrais, bela Maricas</i>	363
23. Silva <i>Si, Senhor, eu me vim dessa cidade</i>	369
24. Romance <i>Reverendo Frade Loio</i>	376
25. Romance <i>A vós, Pantaleão da Silva</i>	382
26. Soneto <i>Ceguei aqui às três da quarta-feira</i>	386
27. Décimas <i>Senhor, quem paga o que deve</i>	388
28. Romance <i>Foi Sílvio para Alentejo</i>	393
Réplica V. Romance <i>Parte o medo para Aveiro</i> (an.)	400
29. Romance <i>Dizeis-me, Senhor Dom Pedro</i>	406
30. Soneto <i>As valentias de Gaspar de Anaia</i>	409
Réplica VI. Soneto <i>Bem caro te custou Gaspar de Anaia</i> (an.)	412
31. Soneto <i>Esta vil poluição do entendimento</i>	414
32. Soneto <i>Aqui debaixo desta pedra fria</i>	416
33. Soneto <i>Padre Girão, se a Vossa Reverência</i>	419
Réplica VII. Soneto <i>Diga, assim me perde a Reverência</i> (an.)	421
34. Romance <i>Senhor soldado da armada</i>	423
35. Décimas <i>Partidos desesperados</i>	426
36. Romance <i>Manda o Senhor Dom Miguel</i>	428
37. Soneto <i>Acolá e acolá e acolá soa</i>	433
38. Soneto <i>Rubi, concha de perlas peregrina</i>	435
39. Redondilhas <i>Deus, que ao Mundo por nós veio</i>	437
40. Romance <i>Reverendo Estagirita</i>	438
Réplica VIII. Romance <i>Ó tu, médico em ditongo</i> (Frei Jerónimo de Moura)	445
41. Redondilha <i>Foi Peixoto a Guimarães</i>	450
42. Redondilha <i>Carneiro de Vasconcelos</i>	451
43. Redondilha <i>Mandai vinho tinto</i>	452
44. Soneto <i>Aqui de costas jaz Grácia da Costa</i>	453
45. Terceto <i>e quando desabafares</i>	455
46. Silva <i>Coçastes-me a borbulha</i>	456

47. Romance <i>Os olhos com pranto amargo</i>	459
48. Décima <i>Veio à revista nossa</i>	464
49. Redondilha <i>Vendo aqueles três Alarves</i>	466
50. Silva <i>Meu Duarte Ribeiro</i>	467
51. Soneto <i>Aónio, que de Délia namorado</i>	472
52. Quintilhas <i>Se com saudades partistes</i>	474
53. Silva <i>Isto sim, boto a Cristo</i>	478
54. Décima <i>Cuidará Você, Senhor</i>	481
55. Romance <i>Deixai, Senhora Amaríles</i>	482
56. Romance <i>Sabe Deus, Senhora minha</i>	486
57. Soneto <i>Quando a Meneses te falar na grade</i>	489
58. Dístico <i>Mas mais corre quem vai posto</i>	491
59. Romance <i>Dona Brázia dos meus olhos</i>	492
60. Soneto <i>Ó muito nobre e sempre leal cidade</i>	499
61. Redondilha <i>É muito grande mofina</i>	501
62. Romance <i>Fui amar por meus pecados</i>	502
63. Décima <i>Aqui neste posto escuro</i>	506
64. Romance <i>Madrepérola, algum dia</i>	507
65. Soneto <i>Quando a fermosa mão Fílis movia</i>	512
66. Décima <i>Fílis um desmaio teve</i>	514
67. Soneto <i>Depois que à sombra estou, Monsiur Francisco</i>	515
68. Décima <i>Como Autor libelo dá</i>	517
69. Redondilha <i>Gastou todo o bom humor</i>	518
70. Romance <i>Que fazeis na vossa Terra</i>	519
71. Décimas <i>Deste rato a sorte enveje</i>	523
72. Redondilha <i>Fervem os Pontificais</i>	525
73. Redondilha <i>Faço meu Procurador</i>	526
E. POEMAS TRANSMITIDOS PELO MENOS PELO MS. L	527
74. Soneto <i>Faleceu a Senhora Vilanova</i>	529
75. Décimas <i>Seis Órfãs, e muito honradas</i>	531

76. Décimas <i>Por vida de El-Rei Dom Sancho</i>	534
77. Décimas <i>Engenho agudo mostrastes</i>	536
78. Décima <i>Senhora, tudo me dais</i>	538
79. Décima <i>Pois que vos fostes, traidora</i>	539
80. Décima <i>Silva, aqui para entre nós</i>	540
81. Romance <i>Minha Anarda, cuja voz</i>	541
82. Romance <i>Olhos pretos matadores</i>	550
83. Romance <i>Pois que dos meus disbarates</i>	553
84. Romance <i>Soror Úrsula, que sois</i>	558
85. Romance <i>Tem-me Sua Senhoria</i>	562
86. Romance <i>Atrevido pensamento</i>	565
F. POEMAS TRANSMITIDOS APENAS POR MANUSCRITOS SECUNDÁRIOS ...	567
87. Redondilha <i>Mande-me Vo' Senhoria</i>	569
Réplica IX. Redondilha <i>Antes que pão, muito açoute</i>	570
88. Romance <i>Margarida, mais fermosa</i>	571
89. Romance <i>Quero-te contar, Geraldo</i>	574
90. Silva <i>Que discretos que são e que polidos</i>	580
91. Soneto <i>Neste insigne aparato que à vaidade</i>	586
92. Soneto <i>No eres nieve que fueras derretida</i>	587
93. Soneto <i>Ó tu, que sibilante bamboleias</i>	589
94. Soneto <i>Por mostrar milagrosa a Divindade</i>	591
95. Soneto <i>Que fio de ouro, que cabelo ondado</i>	593
96. Soneto <i>Sapateiro moncoso o membro estava</i>	595
97. Soneto <i>Sou vivo sepulcro de esperanças</i>	597
G. POEMAS DE AUTORIA DUVIDOSA	599
98. Décimas <i>Corre por esta cidade</i>	601
99. Romance <i>Não gosto, não, vida minha</i>	616
100. Romance <i>Por entre um bosque de Ninfas</i>	620
101. Romance <i>Queixa-se o Mar de Sodoma</i>	626
102. Silva <i>Reduzistes, menina, em tanto excesso</i>	630

103. Soneto <i>Depois que ausente paso mi trabajo</i>	634
104. Soneto <i>Como estáis aquí, linda prenda mía</i>	636
105. Soneto <i>Não há amor que iguale ao da fragona</i>	637
H. APÊNDICE	639
Réplica X. Romance <i>Contra vosso esquecimento</i>	641

IV. BIBLIOGRAFIA 645

A. BIBLIOGRAFIA ATIVA	647
1. Fontes biográficas: Arquivos	647
1.1. Arquivo da Universidade de Coimbra	647
1.2. Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia do Porto	647
1.3. Arquivo Nacional Torre do Tombo	647
2. Fontes bibliográficas	648
2.1. Manuscritas	648
2.1.1. Manuscritos principais	648
2.1.2. Manuscritos secundários	648
2.2. Impressas	649
2.2.1. Impressos antigos	649
2.2.2. Impressos modernos	650
B. BIBLIOGRAFIA GERAL	650
1. Algumas referências sobre João Sucarelo Claramonte	650
2. O Porto de seiscentos	652
3. Obras para a contextualização da época de João Sucarelo Claramonte	653
3.1. A conjuntura histórica	653
3.2. A conjuntura social	654
3.2.1. A Universidade de Coimbra	654
3.2.2. A Universidade de Salamanca	656
3.2.3. O papel das Misericórdias na assistência social	656

3.2.4. Inquisição e cristãos-novos	656
4. Personalidades relacionadas com a vida e obra de João Sucarelo Claramonte ...	657
5. Estudos	660
5.1. Estético-literários	660
5.2. Sobre crítica textual	662
6. Dicionários	663

V. ÍNDICES PARCELARES 665

A. ÍNDICE DE FIGURAS	667
B. ÍNDICE DE PRIMEIROS VERSOS	670

VI. ANEXO 675

FIGURAS	677
---------------	-----

SIGLAS E ABREVIATURAS UTILIZADAS

1. Específicas

A – Azul (Série de manuscritos da Academia das Ciências de Lisboa)

AC – Códice Asensio-Cunha (da Biblioteca Celso Cunha)

ACL – Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa

ADB – Arquivo Distrital de Braga

ADN – Adelino Duarte Neves, *Poemas de D. Tomás de Noronha*, 1992.

ADP – Arquivo Distrital do Porto

AHMP – Arquivo Histórico Municipal do Porto

AHSCMP – Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia do Porto

ALB – Anabela Leal de Barros, *A poesia de Tomás de Noronha segundo a tradição manuscrita*, 2008.

AP – Afrânio Peixoto, *Obras de Gregorio de Mattos*, 6 vols., 1929-1933.

Arm. – Armário (indicação de catalogação da Biblioteca Pública de Évora)

ASC – António Sucarelo Claramonte

AT – Arquivo Tarouca (Coleção de manuscritos da Biblioteca Nacional de Portugal)

AUC – Arquivo da Universidade de Coimbra

BA – Biblioteca da Ajuda

BCC – Biblioteca Celso Cunha (Fac. de Letras da Univ. Federal do Rio de Janeiro)

BGUC – Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

BI – Biblioteca do Itamarati (Biblioteca Histórica do Ministério das Relações Exteriores do Rio de Janeiro)

BL – British Library

BMC – Biblioteca Municipal de Coimbra

BMPel – Biblioteca de Menéndez Pelayo

BNP – Biblioteca Nacional de Portugal

BNRJ – Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

BPE – Biblioteca Pública de Évora

BPMP – Biblioteca Pública Municipal do Porto

C – Ms. 544 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

Cod. – Códice (Série de manuscritos da Biblioteca Nacional de Portugal)

F – Arquivo da Casa de Fronteira (Série de manuscritos da Torre do Tombo)

FA – Fundo Azevedo (Série de manuscritos da Biblioteca Pública Municipal do Porto)

Fénix – *A fenix renascida, ou obras poeticas dos melhores engenhos portuguezes*, de Matias Pereira da Silva (2.^a ed., de 1746).

FT – Francisco Topa, *Edição crítica da obra poética de Gregório de Matos*. Vols. II e II, Anexo, 1999.

JA – James Amado, *Gregório de Matos: obra poética*, 2.a ed., 2 vols., 1990.

JSC – João Sucarelo Claramonte

L – Ms. 30767 da série Addiotional da British Library (Londres)

LC – Library of Congress

Lv – Manuscritos da Livraria (Série de manuscritos da Torre do Tombo)

LV – Lope de Vega Carpio, “La ninã de Plata”. In *Comedias*. Novena Parte, 1617.

M – Fundo Manizola (Série de manuscritos da Biblioteca Pública de Évora)

MCF – Maria do Céu Fonseca, *Uma Leitura de Camões por António Barbosa Bacelar*, 1992.

MFC – Mafalda Ferin Cunha, *Obras poéticas de António Barbosa Bacelar*, 2007.

MR – Mendes dos Remédios, *Poesias ineditas de D. Thomás de Noronha*, 1899.

Memórias fúnebres – *Memorias funebres. Sentidas pellos ingenhos portugueses, na morte da Senhora Dona Maria de Attayde (...)*. Lisboa: Officina Craesbeckiana, 1650.

Obras de D. R. Macedo – *Obras do Doutor Duarte Ribeiro de Macedo (...)*. Tomo II. Lisboa: Officina de Antonio Rodrigues Galhardo, MDCCLXVII.

P – Ms. 755 da Biblioteca Pública Municipal do Porto

Parte I – Leitura histórico-biográfica da poesia de João Sucarelo Claramonte

Parte II – *Recensio*: inventário testemunhal dos poemas atribuídos a João Sucarelo Claramonte

Parte III – Edição crítica da poesia de João Sucarelo Claramonte

Pb – Pombalina (Série de manuscritos da Biblioteca Nacional de Lisboa)

Pt – Portuguese Manuscripts (Série de manuscritos da Library of Congress)

R – Fundo Rivara (Série de manuscritos da Biblioteca Pública de Évora)

Rimas várias – *Rimas varias: flores do Lima. Composta por Diogo Bernardes*. Reprodução fac-similada da edição de 1597. Lisboa: IN-CM, 1985.

S – Manuscrito pertencente ao espólio de Alberto de Serpa (Biblioteca Pública Municipal do Porto)

SCMP – Santa Casa da Misericórdia do Porto

TA – Teresa Paula L. Alves, *Novas Poesias Inéditas de D. Tomás de Noronha*, 1997.

TT – Arquivo Nacional Torre do Tombo

2. Gerais

an. – anónimo

cont. – continuação

f. (ou **fl.**) / **ff.** – fólio / fólhos

inc. – incompleto

Liv. – livro

Mç – maço

Ms. / **mss.** – Manuscrito / manuscritos

p. (**pp.**) – página(s)

q. – que

r – rosto

rep. – repetido

v – verso

AGRADECIMENTOS

Foi com grande entusiasmo que abraçámos o trabalho que se apresenta, um desafio considerável tendo em conta a sua diversidade e grande complexidade, que resultou em muitos constrangimentos e sacrifícios pessoais, familiares e até financeiros, uma vez que todas as despesas que envolveu foram por nós integralmente custeadas. As circunstâncias adversas do sinuoso caminho que percorremos foram sendo superadas pela nossa forte determinação, que nos impediu de contemplar sequer a hipótese de desistirmos do nosso objetivo. No entanto, *unicuique suum*, «a cada um o seu», uma vez que o resultado final só foi possível pelos muitos contributos de variada ordem com que pudemos contar. Em tempos em que tantas vezes escasseia a fé no outro, regozijamo-nos por, em todo o processo de concretização deste trabalho, nos termos deparado com a cooperação de numerosas pessoas que, a troco de nada e muitas vezes sem nos conhecerem pessoalmente, nos auxiliaram a realizá-lo. Louvamos o facto de, sempre que recorremos ao auxílio de outrem, termos sido bem acolhidos e de não registarmos qualquer negação ou ausência de resposta a esses pedidos de ajuda. Assim, começamos por agradecer a todos os funcionários das muitas Bibliotecas e Arquivos em que desenvolvemos as nossas pesquisas, que nos socorreram com preciosas informações, tornando um pouco mais leve o nosso labor tantas vezes árduo e intrincado. Agradecemos também aos operacionais da Biblioteca da Ajuda, pela forma tão expedita com que nos facultaram o material solicitado, da Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa e da Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Manifestamos os nossos sinceros agradecimentos à Doutora Ana Maria Leitão Bandeira, do Arquivo da Universidade de Coimbra, pela perícia e ajuda fundamental nas transcrições de textos de legibilidade praticamente impossível para os nossos conhecimentos, bem como pelo tempo que nos dispensou com esclarecimentos de diversas matérias sobre a Universidade de Coimbra e o percurso académico de João Sucarelo Claramonte. Enaltecemos essencialmente a sua paciência e imensa bondade.

Estamos gratos aos Senhores Professores Fernando Dores Costa, por todas as achegas sobre aspetos relacionados com a Guerra da Restauração, e João Santos Ramalho Cosme,

pelas indicações de fontes bibliográficas que nos permitiram aprofundar conhecimentos sobre a vida do autor que nos ocupa.

Agradecemos de forma muito especial ao Senhor Professor Francisco Ribeiro da Silva todo o apoio que nos dedicou e toda a disponibilidade que sempre teve para, de uma forma muito pronta, nos facultar dilucidações – e foram imensas – sobre a contextualização da época em que viveu João Sucarelo. Agradecemos também ao Engenheiro Carlos da Fonte, que, tão generosamente, colocou os seus conhecimentos de genealogia ao serviço da investigação de aspetos biográficos relativos ao nosso poeta, partilhando connosco informações tão relevantes e brindando-nos com palavras de encorajamento e estímulo.

Estamos profundamente reconhecidos ao Senhor Professor Ángel Marcos de Dios, o nosso Orientador da Universidade de Salamanca e grande impulsionador do nosso doutoramento, por nos ter demonstrado que a concretização deste projeto era possível. Agradecemos toda a atenção que dedicou ao nosso trabalho; a leitura pormenorizada dos nossos textos; os esclarecimentos que tão abundantemente nos proporcionou e que contribuíram extraordinariamente para a correção e rigor da nossa tese; todos os ensinamentos que nos facultou e o constante incentivo com que sempre nos obsequiou. Muito nos honra o facto de nos ter acompanhado em todo este processo, pelo que lhe dedicamos-lhe a nossa amizade sincera.

Consagramos um agradecimento muito especial e um grande reconhecimento público ao Senhor Professor Francisco Topa, nosso Orientador da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, mas essencialmente nosso amigo de há muitos anos e um excelente ser humano, para além de um notável profissional, que nos revelou o interesse que um trabalho sobre a poesia de João Sucarelo Claramonte poderia ter. Expressamos a nossa imensa gratidão pelo acompanhamento metódico e constante da nossa tese e o imenso tempo a ela dedicado; pelos esclarecimentos das muitas dúvidas com que nos deparámos e que sempre partilhámos sem constrangimentos; pelas palavras de motivação que nos dispensou nos momentos de desânimo, mas também por todas as críticas que nos fez e pelo rigor que nos exigiu, que nos obrigaram a progredir e a gradualmente fazer mais e melhor. Todos os agradecimentos que lhe possamos dedicar ficarão aquém dos que ele merece.

Terminamos agradecendo aos nossos amigos e familiares mais próximos todo o apoio que nos deram, a colaboração que nos prestaram e a paciência e compreensão pelas nossas ausências, desabafos e angústias, em especial ao João e ao Luís, que ao longo destes anos tiveram também um João Sucarelo muito presente nas suas vidas.

Por fim, resta-nos fazer um balanço pessoal de todo este projeto, do qual saímos mais enriquecidos, com mais competências e com a consciência de que nos conseguimos superar em muitos aspetos, dedicando um último e muito sentido agradecimento póstumo à nossa mãe, ao seu sacrifício épico e à felicidade e orgulho com que acolhia os nossos pequenos sucessos.

Gods love

Fig. 1 – Assinatura de João Sucelelo Claramonte.
Arquivo da Universidade de Coimbra.
In *Livro de Processos de Provisões das Cadeiras (1623-1679)*.
Liv. 2, f. 2r, maio de 1649.

PREÂMBULO

Este trabalho, que pretendemos realizar com considerável minudência, apresenta-se em seis partes distintas, das quais destacamos a apresentação da biografia possível do autor, o recenseamento e inventário de poemas atribuídos – em fontes diversas – a João Sucarelo Claramonte e a edição crítica da poesia, quase na totalidade inédita, do poeta.

Cumpre-nos antes de mais esclarecer que a parte que intitulámos “Leitura histórico-biográfica da poesia de João Sucarelo Claramonte” resulta de um aprofundamento e considerável ampliação da nossa dissertação de Mestrado, uma vez que cedo nos apercebemos do muito que havia ainda para explorar, no que concerne ao manancial de informação que nos facultava a poesia de João Sucarelo. A oportunidade que posteriormente se nos apresentou de procedermos à *recensio* e edição crítica da obra do autor levou-nos a perserverar nas nossas investigações, resultando num trabalho bastante completo sobre os seus mais diversos aspetos biográficos, embora admitamos que os quatrocentos anos que nos separam complexificaram sobremaneira a tarefa, sendo por isso de admitir que tenham ficado ainda elementos por descobrir, tendo em conta a quantidade de poemas dispersos por diferentes publicações e a existência de documentos oficiais, nomeadamente sobre a Guerra da Restauração, aos quais não tenhamos tido acesso.

Embora apresentadas em partes autónomas, a leitura histórico-biográfica e a edição crítica andam a par. Muitas foram as notas da segunda feitas a partir da primeira; muitos foram os versos e os poemas da edição crítica chamados a exemplificar as nossas afirmações na leitura histórico-biográfica. Contudo, tivemos o cuidado de tornar as duas partes assaz independentes e de as provermos de recursos suficientes, de forma a não obrigarmos o leitor a recorrer a uma para entendimento da outra. Apesar disso, esforçámo-nos por despertar curiosidade e proporcionar satisfação a todos quantos se propuserem fazer uma leitura integral do nosso trabalho, o que facultará um conhecimento mais completo do autor.

I. LEITURA HISTÓRICO-BIOGRÁFICA

DA POESIA DE JOÃO SUCARELO CLARAMONTE

INTRODUÇÃO

O grande objetivo do trabalho que apresentamos é o de fazer sair do esquecimento João Sucarelo Claramonte¹, um nome relevante da literatura barroca portuguesa, tornando visível uma faceta desta corrente menos conhecida e muitas vezes desprezada pelos comentadores, devido ao seu teor satírico e um tanto fescenino.

Procuramos assim, muito modestamente, dar continuidade ao trabalho daqueles que, como Aguiar e Silva², têm sublinhado o «complicado e luxuriante mundo novo a descobrir»³ que o barroco representa, empenhando-se no resgate dos seus autores e textos mais significativos.

Porque o barroco português é muito mais do que o limitado conjunto das poesias recolhidas nas páginas da *Fenix Renascida*⁴ ou do *Postilhão de Apolo* urge fazer ressurgir a outra faceta escondida e ignorada, da «arte acentuadamente realista e popular, animada de um poderoso ímpeto vital, comprazendo-se na sátira desbocada e galhofeira, (...). [A arte dos] Assuntos banais, quotidianos, familiares, grotescos, indecentes [...]»⁵, porque também essa existiu e de forma muito visível e prolixa.

As palavras que Aguiar e Silva escreveu há 40 anos mantêm-se, de facto, atuais:

quem pretender analisar as características da poesia barroca portuguesa, vê-se obrigado a proceder previamente – e durante longo período de tempo – a um autêntico labor de arqueologia literária, desenterrando das páginas manuscritas de numerosos cancioneiros e miscelâneas as composições poéticas que vêm preencher lacunas, esclarecer tendências e gostos, revelar autores quase totalmente desconhecidos.

¹ Apresentamos duas assinaturas do autor, respetivamente de 1649 e 1665 (Figs. 1 e 43), dos poucos testemunhos que conseguimos encontrar.

² Vd. o prefácio de *Maneirismo e Barroco na Poesia Lírica Portuguesa* (1971), no qual o autor fala em «Ressuscitar autores ignorados e obras esquecidas [...]».

³ Idem, *ibidem*.

⁴ Antologia importante mas parcial, tanto mais que Matias Pereira da Silva, o seu editor, reconhece ter obedecido também a um critério moral: «não tenho intenção de dar lugar nestes tomos às obras que por profanas e impudicas o não merecem» (*apud* Pontes, 1953: p. 149).

⁵ Aguiar e Silva, *op. cit.*, p. 41.

A necessidade deste labor demorado e penoso – mas também fascinante – só desaparecerá quando for possível publicar, com apuro científico, a parte mais importante e mais significativa da poesia do século XVII. [...]

O que nos parece necessário é publicar, em edições cuidadas, a obra de cada um dos mais representativos poetas do período barroco: Barbosa Bacelar, D. Tomás de Noronha, Fonseca Soares, Jerónimo Baía [...]; e publicar igualmente, em volumes independentes ou colectivos, a obra dos poetas barrocos que poderemos considerar menores, mas tão interessantes pelo seu valor como testemunhos de certas correntes de gosto, de determinado tipo de visão do mundo, de uma dada sociedade e de uma dada cultura. Estão neste caso autores como Cristóvão Alão de Morais, Jacinto Freire de Andrade, Torresão Coelho, João Sucarelo, Serrão de Castro, Pinheiro Arnaut, etc.

Com tais edições, não lucrariam apenas os estudos de história literária, mas também os estudos sobre a história da língua portuguesa e sobre a nossa sociedade no século XVII.⁶

Quase respondendo ao repto lançado pelo investigador, propusemo-nos dar um primeiro passo na tentativa de recuperar a obra de Sucarelo (tal como já foi feito com autores da mesma linha, como Gregório de Matos, D. Tomás de Noronha, Jorge da Câmara, Tomé Tavares Carneiro, e António da Fonseca Soares), reconstituindo a biografia do autor e propondo um levantamento e leitura das referências históricas presentes na sua obra manuscrita⁷.

Contra o que possa parecer, não se tratou de uma tarefa fácil, devido, por um lado, à desatenção de que tem sido objeto e, por outro, à diversidade de movimentos que parece ter caracterizado a sua vida. Além disso, a natureza circunstancial de muitos dos poemas faz com que neles compareçam figuras e episódios tornados menores pela passagem do tempo e cuja identificação requer hoje um persistente trabalho de investigação.

Para levarmos a cabo esta primeira parte do nosso projeto, socorremo-nos antes de mais dos estudos – escassos e breves – dos poucos autores que se debruçaram sobre a biografia do poeta, dando a conhecer alguma documentação idónea, porque oficial e datada (cartas régias e portarias, atinentes à nomeação do autor para Cavaleiro da Ordem de Cristo ou para cirurgia do exército nas campanhas do Alentejo, à época da Restauração). Valemo-nos também da dimensão testemunhal da própria poesia de Sucarelo, encarando-a como fonte para uma espécie de *arqueologia biográfica*⁸.

Estamos conscientes de que não devemos, em teoria e por norma, confundir o autor com a sua obra, o poeta com o sujeito poético. No entanto, as características particulares da época literária em causa e a natureza dos próprios textos – sobretudo os burlescos e satíricos – conduziram-nos num caminho divergente e permitiram-nos uma abordagem tendencialmente biográfica da sua poesia. Não pudemos pois negligenciar a enorme riqueza de informações contidas nos seus poemas, muitas delas fidedignas e de fácil comprovação (as pessoas, algu-

⁶ Idem, *ibidem*, pp. 104-108.

⁷ Os poemas mencionados neste trabalho serão apresentados na Parte III.

⁸ A expressão é de Barros (2008: p. 53).

mas das quais com relevo social, as referências históricas, as situações, uma ou outra data, a toponímia...), nem a profusão de expressões deícticas que nos remetem para os mais diversos contextos situacionais: interlocutores e referentes de lugar e tempo, num processo que torna complicado destringir obra e realidade, dados os seus limites tão ténues. A este respeito Pereira (2007: pp. 25-27), no seu trabalho sobre Jorge da Câmara, contemporâneo de Sucarelo, debatendo-se com questões da mesma natureza, afirma, entre outros aspetos relevantes nesta matéria⁹:

Iniciar um trabalho crítico (de crítica literária, mas também de crítica textual) com um conjunto de dados biográficos sobre o autor da obra em estudo poderá parecer natural, mas também um contra-senso, natural porque se trata quase de um lugar-comum nos trabalhos deste género; contra-senso porque esbarra numa série de princípios e doutrinas imanentistas propugnadas desde Valéry (que chegou ao extremo de ambicionar uma história literária despojada até mesmo dos nomes dos autores). [...]

A obra de um autor que tenha atravessado mais de três séculos em profundo silêncio [*como é o caso da poesia de Sucarelo*] necessariamente se posiciona perante o investigador como um objecto de interpretação, em permanente diálogo com a referencialidade extraliterária. Primeiro porque, no caso de uma obra dispersa por manuscritos, o nome do autor é, antes de mais, um dado textual, e a biografia por ele materializada é, muitas vezes, o único instrumento de que dispomos para corroborar ou inviabilizar as atribuições autorais avançadas nesses testemunhos. Depois, porque, em última análise, esclarecer o(s) sentido(s) de um texto pertencente a outra sincronia equivale a procurar nos dados biográficos, tal como nos dados históricos, nos dados culturais ou nos dados linguísticos de um texto indícios em que hão-de assentar as nossas leituras. E finalmente porque em literatura são muitas vezes indistintas as fronteiras entre a vida e a criação, sendo de alguma forma falaciosas as teorias que simplisticamente nos apresentam um autor concreto e um autor implícito em compartimentos estanques.

Em Sucarelo, pareceu-nos, efetivamente, que a realidade serviu de mote à criação, uma vez que qualquer situação ou acontecimento, mesmo banais, foram pretexto para a produção de versos. A realidade e a vida, nas suas múltiplas vertentes, constituíram em grande escala as fontes de inspiração do poeta, que tanto versegou a propósito dos acontecimentos históricos da sua época, das circunstâncias boas ou más em que se encontrava, como escarneceu desta ou daquela personagem¹⁰ ou glosou a respeito dos amores freiráticos ou das jornadas que fez, num registo assaz concreto¹¹.

⁹ Barros (*ibidem*: pp. 53-54) apresenta argumentos análogos, no seu trabalho sobre a poesia de Tomás de Noronha:

Se é certo que em momento algum da história literária é recomendável ceder ao biografismo e interpretar informações retiradas do próprio texto como dados reais concernentes ao seu autor, também é verdade que períodos como o barroco o autorizam e explicam mais do que outros, uma vez que os próprios poetas, além de constituírem muitas vezes a sua obra a partir de factos do domínio público, e de outros sucessos reais que pretendem pelo menos trazer ao conhecimento de um círculo de curiosos e de apreciadores, incluíam não raras vezes nos textos o seu nome, ou, com intuídos quase sempre burlescos, informação completa com raízes na realidade como o nome, a localidade na qual se achavam, a identificação do destinatário ou dos visados e outros dados mais ou menos comprováveis que aproximam o autor do sujeito poético, estreitando o mais possível a faixa não coincidente na sobreposição das esferas do real e do imaginário.

¹⁰ *Vd.* as décimas “Aqui neste posto escuro” e “Silva, aqui para entre nós”.

¹¹ Sobre este assunto, Aguiar e Silva (*op. cit.*: pp. 3-5) apresenta argumentos irrefutáveis:

Neste contexto, as palavras de Aguiar e Silva (1971: p. 2) adequam-se com exatidão ao caso concreto do poeta que nos ocupou e aos seus textos, que não podem ser encarados «como entidades insuladas, microcosmos monàdicamente autónomos, estremos frutos de uma epifania misteriosa ou de uma expressão estritamente individual», tendo até em conta que o próprio Sucarelo se identificou pelo seu nome em uma ou outra composição, constituindo-se, não raras vezes, ele próprio o referente de poemas em que as alusões ao *eu-aqui-agora* se conseguem documentar com alguma facilidade.

Será pondo a tónica no «estilo jocoserio em que levou a palma a todos os mais celebres professores desta divina arte», que Barbosa Machado, em tom laudatório, se refere a Sucarelo na sua *Bibliotheca Lusitana*¹², afirmando ainda que «Das suas poesias se podiaõ formar diversos volumes», realçando assim a importância do autor, não só pela qualidade como pela quantidade dos seus escritos.

Naturalmente que se revelaram determinantes também as legendas e notas acrescentadas pelos seus calígrafos, um dos quais Cristóvão Alão de Morais¹³, extraordinariamente importante por ter sido contemporâneo e amigo de Sucarelo, o que o torna bastante credível. Esses elementos auxiliaram-nos na identificação de personagens e na contextualização de circuns-

Em todo o processo de criação literária – e na obra que daí resulta – há a considerar uma dipolaridade fundamental: por um lado, as estruturas genéricas de teor linguístico e literário que o autor encontra dominantes na sua época, com as quais estabelece variáveis relações de aceitação ou conflito, mas que de qualquer modo o condicionam como escritor; ainda neste mesmo pólo, há a assinalar todos aqueles elementos de vária ordem – religiosa, ética, filosófica, social, económica, etc. – que configuram a visão do mundo característica de uma dada época e de uma dada sociedade (ou grupo social) e que representam um factor de primeira importância não só para a compreensão dos temas característicos de um período literário, [...]; por outro lado, no outro pólo, em profunda ligação com os factores anteriormente mencionados, condicionada mas não determinada por eles, encontra-se a capacidade inventiva e criadora do escritor, a sua força imaginativa e reveladora do mundo e da vida, enfim a sua originalidade. [...] qualquer texto literário pressupõe, além de um sistema semiótico primário representado por um sistema linguístico, um sistema literário – conjunto solidário de ideias sobre a natureza do discurso literário, sobre a função desse discurso, sobre as relações entre a literatura e o real, etc. – e uma determinada visão do mundo.

[...] Esse vocabulário e essa sintaxe artísticos e essa imagem do mundo e do homem, que lhes anda indissoluvelmente ligada, é que constituem os elementos definidores de um estilo de época.

¹² *Vd. Barbosa Machado (1747: II, p. 708).*

¹³ Nasceu em São João da Madeira em 1632 e morreu em 1693. A sua assinatura encontra-se reproduzida na Fig. 44. Entre outros cargos, foi Desembargador da Relação do Porto e Corregedor da mesma cidade. Foi também genealogista e escritor de alguma fama. Pertenceu à Mesa da SCMP, tendo sido, por algum tempo, o respetivo escrivão, tal como comprova a Fig. 90 que apresentamos no Anexo. Na *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Vol. III, p. 573, diz-se curiosamente: «[*João Sucarelo Claramonte*] Poeta e médico que floresceu no Pôrto, na segunda metade do século XVII, sustentando nas lides poéticas rivalidade feroz com o desembargador Cristóvão Alão de Morais.» Camilo Castelo Branco (1874: Vol. 1, p. 32) considera também que Sucarelo e Morais foram «rivaes e inimigos». Não conseguimos entender o fundamento de tais asserções, tendo mormente em conta o título do Ms. 755 da BPMP, de que é copista Alão de Morais, que colige os poemas de Sucarelo. Posteriormente pronunciar-nos-emos ainda sobre este assunto. Camilo Castelo Branco (*ibidem*, pp. 34-35) acrescenta sobre o genealogista: «Ora os Alões são mais antigos em Portugal que os seus monarchas. D. Mendo Alão era senhor de Bragança, antes da vinda do conde D. Henrique a Hespanha. Alguns genealogistas lhes dão como antepassados os reis “álanos”. Na igreja de S. Bartolomeu de Lisboa existiu o morgado de Santo Eutropio instituido por João Alão, bispo do Algarve. Esta familia está representada no Porto por descendentes que não desdouram tão nobre appellido.»

tâncias e acontecimentos, contribuindo, dessa forma, para uma compreensão e estudo mais cabais, não só da obra do poeta, como dos seus referentes culturais, sociais, epocais e históricos.

Para além das legendas de Alão de Morais no Ms. 755 da BPMP¹⁴, tivemos também em conta as de António Correia Viana, copista do Ms. 30767 da coleção *Additional* da BL, cujo título é «Poezias / do Doutor / João de Assucarelo / Claramonte. / Adquiridas de varios manuscritos, / e pella ordem em q. vão neste volume, / juntas, e escritas / por / Antonio Correya Vianna. / Lisboa = 1782 =>» e as do Ms. 544 da BGUC, cujo calígrafo desconhecemos. Consideramos ainda as informações fornecidas por miscelâneas manuscritas em que surgem, soltos, poemas do nosso autor. Convém no entanto ressaltar de entrada que as informações dos antologadores têm de ser encaradas com reservas, tanto mais que são frequentes as divergências entre os testemunhos¹⁵, não sendo assim de descartar a possibilidade de erros e de inter-

¹⁴ De acordo com informações gentilmente cedidas pelo Dr. Sílvio Costa, da BPMP, o Manuscrito 755, que pertence ao Fundo Geral da referida Biblioteca, esteve sempre na posse da família de Alão de Morais, antes de fazer parte do acervo da instituição. Explica o bibliotecário que «O manuscrito possui duas assinaturas de pertence aparentemente referidas à mesma pessoa e ambas rasuradas, com prejuízo da leitura. Tanto quanto nos foi possível apurar, as assinaturas referem-se a João Machado Portella Faria Pessoa. Ora, um neto de Cristóvão Alão de Morais, de seu nome Cristóvão Alão de Morais Sarmento, vivia no Porto em meados de setecentos e terá sido casado com Teresa Ana Pessoa de Faria, por sua vez filha de João Machado Portella. Se estas suposições estão correctas, temos que o manuscrito permaneceu na posse de familiares de Cristóvão Alão de Morais até ao século XVIII. E deu entrada na BPMP na fundação deste estabelecimento, como se comprova pela rubrica do seu 1.º bibliotecário, Diogo Góis Lara de Andrade, aposta no canto superior direito da folha de título, certamente no contexto das nacionalizações de bens religiosos e particulares a que procedeu o governo revolucionário de então no rescaldo das lutas liberais.» Apresentamos imagens do manuscrito, no Anexo deste trabalho (Figs. 87, 88 e 89).

¹⁵ Exemplifiquemos: a décima “Veio à revista nossa” colocou-nos alguns problemas na identificação de uma personalidade – Francisco de Sá de Meneses – designada pelos antologadores com o mesmo nome, mas podendo referir-se a pessoas diferentes. Parece-nos mais credível a legenda de Alão de Morais – «Era Francisco de Sá de Meneses, o de Coimbra» –, que tem o cuidado de o distinguir de outro com o mesmo nome, que era do Porto, e para quem nos direciona a legenda «Mandando-lhe de Lisboa Francisco de Sá um romance [...]» do Ms. 544 da BGUC, de autor desconhecido. O do Porto seria, então, o proeminente autor do poema épico *Malaca Conquistada*, que, quanto a nós, dificilmente sujeitaria um soneto seu à revisão de Sucarelo.

Passos (1942: pp. 179 e 181) esclarece: «[*João Rodrigues de Sá, o Moço*] Casou 2.ª vez com Maria da Silva, filha de Gaspar da Silva, do Pôrto, de quem teve, entre mais, Francisco de Sá, autor da *Malaca conquistada* (usou indevidamente o apelido Meneses, pertencente à geração do 1.º matrimónio do bisavô). [...]

[*Francisco de Sá Meneses*] Nasceu em 1600, no Pôrto, e morreu em 1664. Autor do poema heróico *Malaca conquistada*. A Filipe III consagrou o autor a 1.ª edição (de Matias Rodrigues, 1634); a 2.ª (de Paulo Craesbeck, 1658), a D. Afonso VI. [...] Casou c. Antónia Andrade [...]. Tiveram dois filhos: João Rodrigues de Sá, jesuíta [...] e Joana de Sá [...]. Depois de enviuar, o poeta, em 1642, professou no convento de S. Domingos de Benfca, onde foi Frei Francisco de Jesus. Indevidamente usou o apelido Meneses, que pertencia a outro ramo.»

Monteiro in *Sás, Subsídios para uma genealogia* (s.d., pp. 119-120) explica: «Do 2.º casamento de João Rodrigues de Sá, ‘O Moço’, com D. Maria da Silva, nasceu Francisco de Sá, autor da *Malaca Conquistada*, que casou com D. Antónia de Andrade, filha de Baltazar Leitão, Tesoureiro da Casa da Índia e Comendador de Cristo; teve geração que perdeu a varonia de Sás.»

No *Dicionário de Personalidades* (2004: XVII, p. 98), pode ler-se sobre Francisco de Sá de Meneses: «Escritor (Porto, 1600?-1664). Viúvo em 1642, fez-se dominicano com o nome de Frei Francisco de Jesus. Compôs [...] *Malaca Conquistada* [...]» *Vd.* também informação detalhada em Barbosa Machado (1747: II, pp. 229-231).

pretações superficiais ou abusivas¹⁶. Sobre este assunto, Sena-Lino (2012: p. 42) refere: «nestes casos, Ivo Castro recomenda, ‘a não consideração da periferia do texto (título, anotações marginais), cuja autoria pode caber a qualquer interveniente’».

Uma prova da validade de uma leitura histórico-biográfica da poética de Sucarelo reside nas réplicas aos seus poemas – a que aludimos à medida que tal se revelou pertinente –, as quais possibilitaram a confirmação de circunstâncias referidas pelo autor.

A enraizada tradição manuscrita da poética de feição mais popular da época barroca cumpre, quase sempre, o objetivo de aludir com menosprezo a factos e acontecimentos, dar conta de situações caricatas, ridicularizar e achincalhar figuras públicas ou simples anónimos. Esclareça-se que a cópia manuscrita dos poemas tinha quase sempre como intuito a sua fruição no momento e não o intuito de os legar à posteridade, como dilucida Aguiar e Silva (1971: pp. 47-48): «proliferavam os cancioneiros de mão [...] processo de fazer circular a poesia numa sociedade onde ainda não se enraizara o hábito, ou onde escasseavam os meios materiais, de editar obras poéticas –, poucos poetas cuidavam de reunir e acepillar as suas obras no sentido de as darem à estampa, de modo a salvar assim as suas criações da precariedade dos manuscritos e da contingência das edições póstumas organizadas por outrem.»

Não havia por parte dos autores a preocupação de imprimir os seus versos ou de os perpetuar em seu nome¹⁷. Acrescente-se que a circulação manuscrita tinha as suas vantagens, como explica Carvalho (2013: s.p.):

¹⁶ A título de exemplo refira-se que na legenda do romance “Foi Sílvio para Alentejo”, Alão de Morais alude ao Doutor Santos de Sousa e na legenda da réplica a este mesmo romance, “Parte o medo para Aveiro”, que consta do Ms. 338 da BGUC, há uma alteração do nome para Doutor Santos de Moura. Se atendermos à legenda do genealogista, cuja autoridade se impõe, o Doutor Santos de Sousa poderá ser aquele referido no *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*, Volume XVII, de 1954, pp. 273-274, como Doutor Santos de Sousa Galhardo, uma vez que era vulgar, na época, não se aludir ao último apelido. Referir-nos-emos posteriormente, e com mais detalhe, ao Dr. Santos de Sousa.

No sentido de alicerçarmos as nossas convicções, passamos a apresentar mais dois exemplos, que consideramos irrefutáveis: o último verso da décima “Senhor António de Abreu” – «de colhão preto isso não» – foi alterado por apresentar linguagem obscena. Assim, num testemunho dos *Portuguese Manuscripts* da Library of Congress (talvez de início do século XVIII) «de colhão» passou a «de cachaço» e em dois testemunhos impressos, a saber, de Afrânio Peixoto e Mendes dos Remédios, a palavra obscena em causa é substituída pela seguinte grafia: «de c...». No romance “Fui amar por meus pecados”, mais uma vez uma palavra, «Putá», pelas razões óbvias para a época, foi alterada para «perra», no manuscrito 30767 da coleção *Additional* da BL, que data do século XVIII, como já referimos. Mas os exemplos não se ficam por aqui. Aguiar e Silva (*op. cit.*: pp. 98-99 e 101-102) menciona a eliminação, por parte do editor da *Fenix Renascida*, de estrofes de poemas de vários autores, «por considerá-las licenciosas e eversoras dos bons costumes. [...] Matias Pereira da Silva não se limitou a expungir da sua colectânea as obras poéticas por ele reputadas como indecorosas e imorais: mutilou e deturpou, em muitos casos, o que os poetas de facto escreveram, de modo que a lição dos textos poéticos que apresenta, sobretudo quando esses textos são de tom realista, de índole satírica e burlesca – e tais textos constituem um aspecto fundamental da poesia do século XVII –, tem de ser acolhida, em princípio, com fundada reserva.»

¹⁷ A este propósito, Viterbo (1950: p. 16) refere sobre os versos de Sucarelo: «É possível, porém que os [poemas] desta natureza fossem tão soltos, que não lhes fosse permitida outra circulação, além da manuscrita.»

Pelo olhar de nossa contemporaneidade, uma poesia é publicada quando aparece no suporte livre, porém, até o século XVIII, os manuscritos igualmente publicavam uma obra, pois exerciam a mesma função de fazer um texto tornar-se público e, por vezes, essa publicidade era mais bem exercida. O papel manuscrito corria com desenvoltura dando toda a eficácia de publicidade ao discurso que portava, desde uma égloga pastoril até à mais viperina das sátiras. Do ponto de vista cultural, a manuscritura compensava o impresso e, às vezes, o ultrapassava. Há relatos de preferência, por parte de quem desejava realmente ver texto divulgado ou vulgarizado, pela espontaneidade da difusão do manuscrito, cujo acesso era certo e percorria vários estratos sociais. Além disso, suas contrafações seduziam os autores, pela licenciosidade que o impresso não podia portar e pelo anonimato que o papel solto podia conduzir. O outro lado, oposto a esse sentido de dar conhecimento do texto, reside no fato de que havia também ocasional interesse, por parte dos autores, de restringir leituras de seus papéis, então o manuscrito garantia aos que não desejavam que seus textos fossem apropriados por leitores tomados como “vulgares”, incapazes, portanto, segundo essa concepção, de compreender o alcance das ideias expostas ou de contemplar a beleza dos ornatos ali construídos. O manuscrito, endereçado ao virtual leitor, escolhido ou definido segundo os interesses de interlocução pelo autor do texto, era nos aspectos quantitativo e qualitativo mais seguro e suficiente. Época de poucos mecenas, o século XVII português dividiu de igual para igual a importância do manuscrito e do livro editado. Em síntese, o impresso, sendo livro ou folheto avulso, não era a única chancela de valorização de um escrito.

Foi-nos difícil estabelecer uma ordem cronológica para todos os aspetos biográficos que fomos reunindo a partir da poesia de João Sucarelo, uma vez que são raras as referências a dias, meses e anos, tanto nos poemas como nas legendas. No entanto, desenvolvemos esforços no sentido de logarmos estabelecer tantas datas quanto possível, tornando o nosso trabalho consideravelmente mais fundamentado.

Prosseguindo no objetivo enunciado anteriormente, ao longo deste trabalho, procurámos validar as nossas asserções através da apresentação de imagens, na sua grande maioria fac-similadas de documentos relevantes diretamente relacionados com a vida de João Sucarelo Claramonte, que lográmos encontrar no decorrer das nossas pesquisas. Tendo em conta que são testemunhos com quase quatro séculos de existência, procedemos a uma discreta edição, no sentido da sua maior perceptibilidade, bem como, sempre que possível, à transcrição do seu conteúdo. No Anexo apresentamos, igualmente, uma variedade de figuras atinentes a diversos assuntos transversais à vida e a obra do poeta.

Como fomos dizendo, pretendemos comprovar a ligação da poesia de Sucarelo à sua realidade, às suas vivências e às pessoas com quem se terá cruzado. Comprovaremos que foi criticado por permanentemente aludir a indivíduos desconhecidos, numa tentativa de desvalorização do carácter testemunhal da sua poesia. Pretendemos, com o nosso trabalho, isentar o

Como já vimos, a circulação manuscrita era a regra, não a exceção. Nesta conformidade, Carvalho (2012: p. 12) acrescenta:

havia inteiros cancioneiros que, em geral, corriam manuscritos, pois a poesia satírica, nestes fins do século XVI e começos do século XVII, não estava tão bem vista que se julgasse oportuna ou sem riscos a sua publicação, especialmente quando o poeta abundava em termos ou conceitos que roçavam a obscenidade, a coprografia, o mal oloroso ou punha em causa a honorabilidade dos seus alvos.

autor dessa crítica, evidenciando que grande parte desses indivíduos, com maior ou menor proeminência social, existiram efetivamente, libertando-os, assim, do anonimato a que estiveram submetidos. Nessa conformidade, dada a importância da assinatura de cada um, sendo ela a representação de uma identidade, apresentamos as assinaturas de alguns dos indivíduos referidos quer por Sucarelo quer indicados nos abundantes paratextos que cercam os seus poemas.

Por último, esclareçamos que redigimos o nosso trabalho obedecendo às regras da nova ortografia, pelo que procedemos a uma atualização da ortografia nos versos de Sucarelo que transcrevemos. Optámos, contudo, por sermos fiéis aos textos originais que reproduzimos dos numerosos autores que nos auxiliaram a conceber a tese que intitulámos “*Musa, paremos aqui*”: *biografia e cânone autoral do poeta João Sucarelo Claramonte (1619-1668)*.

1. Nascimento e origens: a questão da pureza de sangue

Começamos por atentar nos dados biográficos que conseguimos reunir sobre João Sucarelo Claramonte. O poeta de quem Gião (1942: p. 9) diz ser «Filho e neto de cirurgiões», é quase sempre referido pelo seu primeiro nome de família. Mendonça (1910: II, p. 16) refere «O nome tem um pronunciado perfume italiano ou hespanhol». Mais tarde, Monteiro (1947: I, pp. 124-125) e Sousa Viterbo (1950: p. 6) aludiram também a uma possível origem italiana deste nome, o que nunca nos pareceu descabido, até pelo facto de, como veremos, o pai ter sido sepultado na Igreja de Nossa Senhora do Loreto, em Lisboa, conhecida como a Igreja dos Italianos, uma vez que «foi construída pela comunidade católica italiana a residir em Lisboa para dar apoio espiritual aos mesmos imigrantes»¹⁸. Efetivamente, conseguimos encontrar em Itália, na região da Ligúria, uma pequena vila medieval com o nome Zuccarello, que é referida em Mariana (1678, p. 593)¹⁹ exatamente com o nome «Sucarelo». Uma outra referência surge mais tardiamente: «On 19 September 1795 D'Argenteau launched an assault on the heights of Sucarello near Borghetto, which failed, and on 23 November he was pushed back by Massena and cut off from the army of Savoy under Colli.»²⁰. Verificámos ainda que

¹⁸ In WWW: <http://www.dehonianos.org/portal/noticias_ver.asp?noticiaid=518>.[Consult. 10 out. 2013].

¹⁹ MARIANA, Juan de, *Historia General de España*. Tomo Segundo. Madrid: Andrés Garcia de la Iglesia, Impresor de Libros, 1678.

²⁰ *Vd.* KUDRNA, Leopold; SMITH Digby, “Mercy d’Argenteau, Eugen Gillis Wilhem Graf. June 2008”. In *A Biographical Dictionary Of All Austrian Generals During the French Revolutionary and Napoleonic Wars*.

o apelido Sucarelo ocorre atualmente em Itália e também em Espanha, mas não lográmos encontrá-lo em Portugal.

A ascendência italiana do autor fica definitivamente esclarecida através de um registo, que reproduzimos a seguir, com data de 13 de outubro de 1626, que consta do *Livro 11 de Ementas da Casa Real*, f. 273r, que diz respeito à licença atribuída ao pai do poeta, António Sucarelo, para praticar cirurgia, onde consta claramente que este é «filho de Joane Csuccarello etaliano».

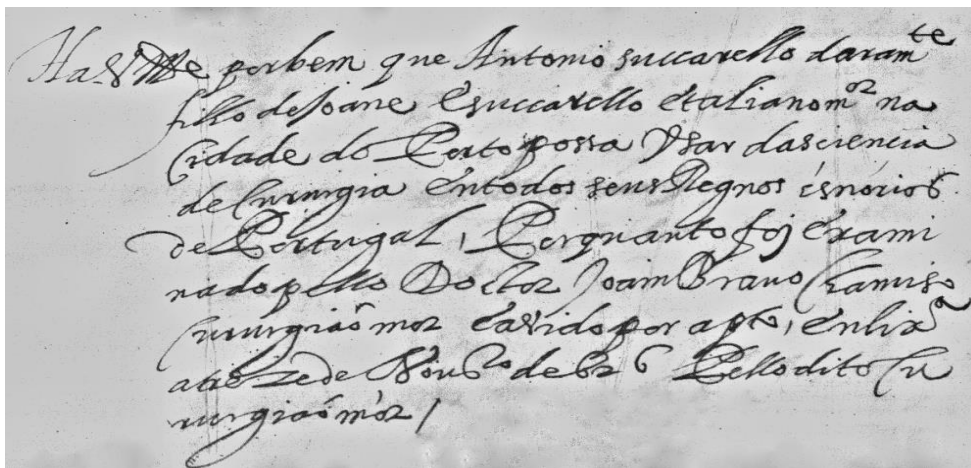


Fig. 2 – Arquivo Nacional Torre do Tombo. In *Livro 11 de Ementas da Casa Real*, f. 273r.²¹

João Sucarelo terá sido porventura o descendente mais velho de Maria Rebelo e de António Sucarelo Claramonte²² (cujas assinaturas reproduzimos na Fig. 45), que tiveram, pelo menos, mais dois filhos, Jerónimo e Lourença²³.

1792-1815. In Research Subjects: Biographies. The Napoleon Series. March-November 2008. Disponível em WWW: <URL: http://www.napoleon-series.org/research/biographies/Austria/AustrianGenerals/c_AustrianGeneralsIntro.html>. [Consult. 08 abr. 2012].

²¹ A informação da existência deste e outros registos foi-nos gentilmente facultada pela Dr.^a Alexandra Marques, por intermédio da Dr.^a Maria Leonor Pinto, da Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa.

²² Segundo informações veiculadas por Monteiro (1947: I, pp. 124-125), António Sucarelo Claramonte foi cirurgião do Hospital de D. Lopo, que funcionava no n.º 171 da Rua das Flores, no Porto. Trabalhou neste hospital a partir de 5 de novembro de 1628 até 1647, altura em que partiu para Lisboa, «chamado pelo Senado da Câmara», após longas contendas com os responsáveis pelo hospital. Terá sido um excelente médico, pois «impunha[-se] à consideração dos grandes da Corte justamente pela singularidade de fazer curas maravilhosas [...]»

«Antes de se instalar definitivamente em Lisboa, já Sucarelo ali ia de vez em quando curar doentes [...]. [...] o Senado da Câmara de Lisboa nomeou-o seu cirurgião na sessão de 4 de Junho de 1647.» *Vd. também Monteiro (1926: pp. 32-42).*

Viterbo (1950: pp. 6-7) confirma que era António Sucarelo Claramonte «clínico de fama e muitas vezes» chamado a Lisboa, «a convite de pessoas ricas e nobres» para curar com remédios da sua invenção (talvez por esse motivo tenha sido obrigado a pedir licença para destilar óleos, como demonstramos na Fig. 91 do Anexo). De acordo com o seu registo de óbito, que nos foi gentilmente facultado pelo Engenheiro Carlos da Fonte, «Aos nove de Setembro de 1649 / falleceu na Rua larga de S. Roque [parte da atual Rua da Misericórdia] / Antº Suquarello Surgião enter / rouçe nesta Igrª da N. S. do Loreto». Na margem pode ler-se «Antº Su / quarello /

Ao longo de décadas, muito se conjecturou relativamente ao local de nascimento do autor. A cidade do Porto, onde morou inequivocamente durante parte da sua vida e que consta nos registos de matrícula e de exame da Universidade de Salamanca e da Universidade de Coimbra, era uma das duas hipóteses se colocavam. Sampaio Bruno (1907: pp. 259, 262 e 264) atribui-lhe inequivocamente a naturalidade portuense, o mesmo acontecendo com João Paulo Freire, (d.l. 1925: pp. 16, 35-36), que afirma:

E são ainda do Porto: [...] o medico Sucarello Claramonte, chalaceador e chocarreiro, por vezes licenciado e impublivavel. [...] Também conhecido por João de Succarello Claramonte. Poeta jocoso nado e creado no Porto e que apesar de bohemio incorrigivel foi cavalleiro de Christo. Das suas composições joco-serias apenas algumas composições manuscriptas chegaram até nós. Foi medico de fama e os seus versos eram copiados e passados de mão em mão como apreciado acepipe. Há d'elle impresso apenas um necrológio [*impõe-se uma correção: são dois os poemas impressos, a saber a décima “Esta avaramente dura” e o soneto “Lágrimas brandamente derramadas”*] que Maximiano de Lemos classifica de medíocre e que nunca conseguimos ver. Também lhe não conseguimos averiguar o anno do nascimento, nem tampouco o do falecimento, mas sabemol-o contemporâneo do Dr. Christovam Alão de Moraes de quem é a resposta á Satyra [*“Bem caro te custou, Gaspar de Anhaia”*] que na pagina seguinte se publica. Devia ter portanto existido na segunda metade do seculo XVII.

Pedro Augusto Dias, em *Arquivos de História da Medicina Portuguesa e n' O Comércio do Porto* de 19.VIII.1926, atribui também a naturalidade portuense ao nosso autor, o mesmo se passando com Freitas (1952: p. 3) e, mais recentemente, com Cruz (1982: p. 56, que parte da informação que consta nos registos de matrícula da Universidade de Coimbra); Fardilha (1982: p. 7), Marcos de Dios (1987: VII, p. 335), Topa (1999: II, Anexo, p. 175) e Carvalho (2012: p. 25), que o intitula «temível poeta do Porto».

Surgião». Disponível em WWW: <URL: <http://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=4814952>>. [Consult. 10 de outubro 2015].

Em Viterbo (*ibidem*) pode ler-se também «conforme se deduz de um mandado de pagamento, de 18 do mesmo mês e ano, em favor da sua viúva [...], extraído do Livro deles da Câmara Municipal de 1645 a 1654, fl. 187 [...]: “Aos 18 de setembro de 1649 annos se passou mandado përa Balthesar Telles Sinel, Thesoureiro da Cidade, pagar a Maria Rebello, viúva do licenciado Antonio Sucarello Claramonte, que foi çurgião da cidade 2,856 reis, de que se lhe mandou fazer o pagamento por tanto os venceu o dito defunto, do seu ordenado com o dito cargo nos dois meses e nove dias que serviu o 3.º quartel deste anno presente a respeito de 15\$000 por anno – Jacinto Monteiro o scerui.”».

No mandado anterior, o velho Sucarelo é tido como licenciado, contudo, as indicações de Ribeiro da Silva (1985: II, p. 728) não vão nesse sentido. Atentemos nas suas palavras: «Do conjunto dos cirurgiões aqui referidos, o único comprovadamente graduado pela Universidade era António de Açores. Quanto aos restantes, seriam certamente profissionais aprovados pelo cirurgião-mor do Reino perante o qual deviam fazer exame de competência.».

No Anexo, Fig. 92, reproduzimos o excerto de uma ata da Mesa da SCMP, que tutelava o Hospital de D. Lopo, em que se decide aumentar o ordenado de António Sucarelo, pelo facto de ver acrescidas as suas funções e na Fig. 93 o seu registo de óbito.

²³ Batizados, respetivamente, em 20 de janeiro de 1620 e 15 de abril de 1621, na paróquia de São Nicolau, em Mesão Frio. *Vd. Registos de Batismos, Livro 29*, ff. 14v e 16r, dos arquivos paroquiais in Arquivo Distrital de Vila Real. Disponível em WWW: <http://www.advrl.org.pt/documentacao/digi/iViewer2.php?w=PT-ADVRL-PRQ-PMSF05-001-029&imgfile=galleries/PT-ADVRL-PRQ-PMSF05-001-029/PRTC0808D_ADVRL-PMSF05-001-Lv029-a_M_00098.jpg> e WWW: <http://www.advrl.org.pt/documentacao/digi/iViewer2.php?PT-ADVRL-PRQ-PMSF05-001-029&imgfile=galleries/PT-ADVRL-PRQ-PMSF05-001-029/PRTC0808D_ADVRL-PMSF05-001-Lv029-a_M_00099.jpg>. [Consult. 07 out. 2013].

Mesão Frio²⁴ era a outra localidade que se aventava como o local da naturalidade de Sucarelo, pois surgia indicada em dois documentos, a saber, o aval do Cirurgiãomor e a carta da autorização régia para a prática da Cirurgia, que terão sido, muito possivelmente, a origem da informação que é veiculada quer por Gião (1942: p. 9) quer por Reis (2004: II, p. 145)²⁵.

Frei Lucas, colaborador de *O Tripeiro*²⁶, convencido da naturalidade portuense de Sucarelo, manifesta o seu repúdio por essa hipótese de nascimento, num artigo intitulado “João Sucarello”²⁷, a propósito do que supõe ser o espírito pouco patriótico revelado pelo autor no soneto “Cheguei aqui às três da quarta-feira”, ao qual aludiremos oportunamente. Escreve, categoricamente, o articulista: «antes portuense não fôra». Monteiro (1926: p. 5), crendo que Frei Lucas estava equivocado quanto às origens tripeiras de Sucarelo, afirma: «Felizmente não era. Rejubilem os portuenses; caia a vergonha sobre *Mejam-frio...*»²⁸.

Como demonstrámos, foram consideráveis as opiniões divergentes em torno da questão da naturalidade do poeta. No entanto, esta matéria não mais constituirá um equívoco, uma vez que lográmos descobrir o seu assento de nascimento. Estamos em condições de afirmar que Sucarelo nasceu efetivamente em Mesão Frio, Vila Real, no ano de 1619, tendo sido batizado em 13 de janeiro, na Freguesia de São Nicolau²⁹.

²⁴ Trata-se de Mesão Frio, no distrito de Vila Real, na altura Bispado do Porto.

²⁵ O autor atribui características a João Sucarelo que Viterbo (1950: p. 6) refere como sendo de António Sucarelo e que consideramos mais correto. Para além disso, refere que o poeta era filho de Joane Sucarello, italiano, morador na cidade do Porto, mas provaremos que inequivocamente António Sucarelo é o pai e Joane Sucarello é o avô.

²⁶ «*O Tripeiro*, propriedade da Associação Comercial do Porto, é uma revista de culto e tradição, colecionável, com preocupações de natureza literária e que guarda a memória colectiva da nossa comunidade.» In página *on-line* da Associação Comercial do Porto: WWW: <http://www.cciporto.com/publicacoes/o-tripeiro>. [Consult. 10 de set. 2012].

²⁷ Vd. *O Tripeiro* de 15.VII.1926.

²⁸ Já um pouco antes, em outubro de 1925, Delfim Guimarães (1926: p. 222) escrevera: «Um dos poetas citados por Paulo Freire, João Sucarelo Claramonte, principalmente afamado por um soneto depreciativo visando o Porto, embora nomeado em vários trabalhos bibliográficos como natural da cidade invicta, não foi, felizmente, filho do Porto. Nasceu em Mesão Frio esse vate satírico. Assim o evidenciou em face de documento insuspeito, o ilustre escritor, meu conterrâneo e saudoso amigo, dr. Sousa Viterbo. No *Arquivo histórico português*, encontra Paulo Freire, querendo verificar a minha informação, a prova do que deixo exposto.»

²⁹ «A freguesia de S. Nicolau é o núcleo urbano da vila de Mesão Frio. Situa-se num planalto a 308m de altitude. O rio Teixeira, desviado, na Era Terciária, do seu percurso primitivo, espalhou no passado a força e a frescura das suas águas, moveu moinhos e azenhas e irrigou as terras baixas de S. Nicolau de Jusano, contribuindo, decisivamente, para sedimentar os primitivos habitantes desta localidade que foi o principal centro aglutinador da formação de Mansion Frigido, retratado em documentos datados do séc. 18. A história das freguesias gêmeas de S. Nicolau e Santa Cristina, na época medieval, confunde-se com o nascimento de Mesão Frio. Esta pequena paróquia teria origem, após a batalha de Zama, quando os romanos asseguraram a conquista da Península Ibérica e delimitaram a antiga Lusitânia com o Douro ao Norte e o Guadiana ao Sul. Entre os séculos 5 e 6, já com os suevos a dominar esta parte da Lusitânia, S. Nicolau integrava a importante paróquia de Aliobrio no tempo em que Constantino era imperador romano. Em 1093 quando o Conde D. Henrique entra na posse do condado Portucalense, já herdou a povoação de Meijon-Frio, cujo mais importante núcleo habitacional se aglomerava na paróquia de S. Nicolau, tendo como limites territoriais (ainda muito imprecisos e geradores de confl-

Chegámos a conjecturar que a ligação de Sucarelo à cidade invicta podia ter-se iniciado ainda na sua infância, em 1628, quando tinha apenas nove anos, uma vez que foi neste ano que o pai, António Sucarelo, iniciou funções no Hospital de D. Lopo, no Porto³⁰, como já revelámos. No entanto, poderá ter sido alguns anos antes, uma vez que em 26 de dezembro de 1625, António Sucarelo foi padrinho de uma criança batizada na Igreja da paróquia da Vitória³¹, como se pode ver na Fig. 94 do Anexo.

A imagem que reproduzimos a seguir, e que atesta as declarações anteriores sobre o local de nascimento do poeta, é um excerto de um documento que consta dos *Registos de Batismos*, Livro 29, f. 14r, dos arquivos paroquiais³², do Arquivo Distrital de Vila Real, no qual podemos ler: “E’ treze dias de ianeiro da sobredita era [1619] / bautizei Joam filho de Ant^o Sucarelo, e / de sua molher foram padrinhos Domingos / Pinto e Anastasia de Seixas molher de Fr^o R^oz / de fu’do de vila”.

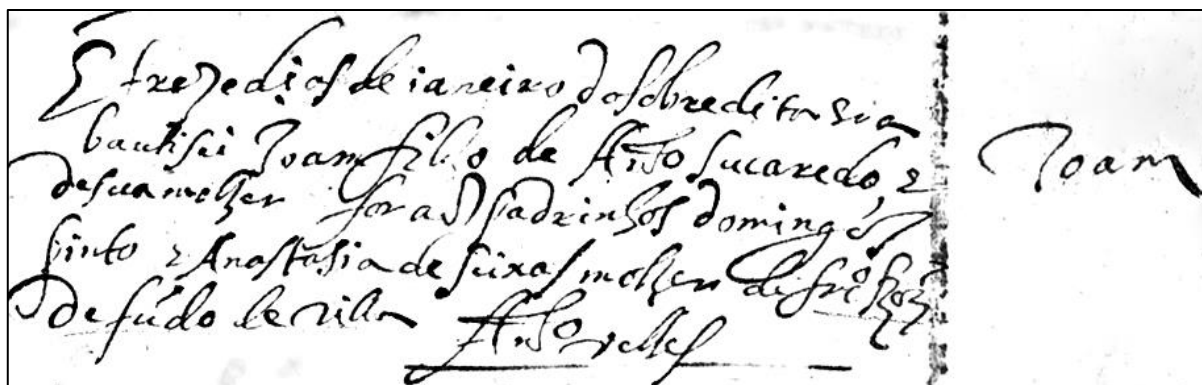


Fig. 3 – Arquivo Distrital de Vila Real. PT/ADVRL/PRQ/PMSF 05
Paróquia de São Nicolau. In 029 Livro de registo de batismos, f.14r.

Resolvida a questão da naturalidade, deparámo-nos com outro equívoco, ao qual concedemos particular atenção. António José Saraiva e Óscar Lopes atribuem-lhe uma ascendência judaica e admitem a perseguição pela Inquisição³³, o que não nos foi possível fundamentar.

tos) os lugares que, actualmente, se denominam Cimo de Vila e Fundo de Vila». Disponível em WWW: <<http://www.mesaofrio.com.pt/apresentacao/sao-nicolau.html>>. [Consult. 08 out. 2013].

³⁰ De acordo com informações que o Engenheiro Carlos da Fonte partilhou connosco, o exercício de funções de cirurgião de António Sucarelo no Hospital de D. Lopo poderá ter origem no facto de o instituidor do dito hospital estar ligado por laços familiares aos Leme, fidalgos de Mesão Frio.

³¹ In Arquivo Distrital do Porto. Disponível em WWW: <URL: <http://pesquisa.adporto.pt/viewer?id=49118>>. [Consult. 10 de out. 2015].

³² In Arquivo Distrital de Vila Real. Disponível em WWW: < http://www.advrl.org.pt/documentacao/digi/iViewer2.php?w=PT-ADVRL-PRQ-PMSF05-001-029&imgfile=galleries/PT-ADVRL-PRQ-PMSF05-001-029/PRTC0808D_ADVRL-PMSF05-001-Lv029-a_M_00097.jpg>. [Consult. 04 out. 2013].

³³ «Além dos desqualificados por razões pecuniárias como Gregório de Matos e Tomás de Noronha, os perseguidos e vexados pela Inquisição a pretexto de sangue cristão-novo eram naturalmente propensos à sátira. É o que acontece com João Sucarelo Claramonte [...]». *Vd.* Saraiva e Lopes (1978: p. 539).

Sobre esta matéria, permitimo-nos proceder a uma reflexão mais aprofundada, no sentido de tentar perceber as afirmações daqueles autores de tão reconhecida autoridade e, simultaneamente, refutá-las.

Estamos em crer que o cerne da questão se situa em torno de Mesão Frio, local do nascimento de Sucarelo. Sabe-se da existência de uma comunidade florescente de cristãos-novos nessa localidade, que motivou estudos de Elvira Mea, que, entre outros aspetos, deu conta de uma visita inquisitorial nessas paragens:

Com uma jurisdição que abrangia o bispado do Porto e o arcebispado de Braga, o tribunal [*da Inquisição*] procedeu a uma visitação a Mesão Frio em 1542, que se justifica apenas por se tratar duma localidade situada já nas franjas do bispado e dum núcleo influente de cristãos-novos, [...].

São sentenciadas 78 pessoas [...] 21% de Mesão Frio [...].³⁴

Por outro lado, pode relacionar-se com a prática da Cirurgia e da Medicina, quer por António Sucarelo quer pelo seu descendente, uma vez que estas profissões eram tradicionalmente desempenhadas por cristãos-novos. Como refere Ángel Marcos de Dios, em *Portugueses na Universidade de Salamanca (1580-1640)*³⁵ «la inmensa mayoría de los médicos portugueses, en épocas pasadas, eran de ascendencia judía. La tradición médica en Portugal tiene un sello marcadamente israelita.». Linhas antes, referia que, por exemplo, no ano letivo de 1633-34, em cento e oito matrículas na Faculdade de Medicina, sessenta e nove eram de portugueses.

No âmbito das nossas pesquisas, encontrámos um soneto anónimo com o *incipit* “Diga, assim me perdoe a Reverência”³⁶, que constitui uma réplica ao soneto de Sucarelo “Padre Girão, se a Vossa Reverência”, no qual se sugere uma ascendência judaica do autor, através do verso «Filho do Israelita patriarca». Porém, tratando-se de uma sátira, a suposta acusação deve ser encarada com as devidas reservas.

Malgrado as considerações anteriores, tudo leva a crer que Sucarelo não tivesse origem judaica. Senão vejamos: na sua poesia há vários e inequívocos sinais de preconceitos anti-

³⁴ In *Os Portuenses Perante o Santo Ofício – Século XVI*, (2002: p. 417). Sobre esta matéria *vd.* também da mesma autora *A Rotura das Comunidades Cristãs-Novas do Litoral, Século XVII* (2002: p. 267, nota 6) e *A Inquisição do Porto*, (1979: p. 217), em que afirma:

há três processos de apelação, um relativo a cristãos-novos ausentes e outro referente a uma visitação do bispo do Porto a Mesão Frio em 1542.

Parece-nos que seria esta a célebre ida a Mesão Frio apontada por Herculano, embora não refira data, até porque para uma terra com uma população de 130 ou 140 habitantes, como ele afirma também, não é de crer que se tenha repetido visitas em tão curto espaço de tempo [...].

É curioso que encontramos mesmo processos referente a alguns dos denunciados em Mesão Frio.

³⁵ In *Brigantia, Revista de Cultura* (1987: VII, n.º 3, p. 313).

³⁶ Consta de dois manuscritos, um da BGUC, o 526, ff. 249v-250r, e outro da Paróquia de Alvarães, o I, ff. 93r-93v.

semitas; por outro lado, percebe-se que o poeta se relaciona com pessoas muito influentes, que dificilmente se entrosariam com um cristão-novo, numa altura de profundo *ambiente antijudaico*³⁷; para além disso, como já demonstrámos, o pai era médico no Hospital de D. Lopo, no Porto, um pouco posteriormente a uma fase de grande perseguição do Santo Ofício a médicos de ascendência judaica³⁸; por último, Sucarelo foi estudante de Medicina, tendo beneficiado do dinheiro da Arca dos Médicos³⁹, com o qual se atribuía bolsas de estudo a estudantes de Medicina, não antes de o candidato ser sujeito a um processo de inquirição *de genere* – o de Sucarelo, que nos teria facultado informações preciosas nomeadamente sobre a sua ascendência estrangeira, infelizmente, ter-se-á perdido –, e foi opositor à cadeira de Cirurgia na Universidade de Coimbra em 1649, (estes assuntos serão amplamente explanados mais adiante), numa época em que as ambições dos cristãos-novos eram completamente cercadas e em que o fanatismo e a cobardia do anonimato alimentavam os ódios contra todos os que fossem da nação, como prova o texto que transcrevemos, de autor desconhecido⁴⁰:

³⁷ A expressão é de Ribeiro da Silva (1985: I, p. 367).

³⁸ Idem, *ibidem*, p. 366:

E estranhamente louva-se e aprova-se que cinco médicos portuenses hajam sido presos em 1618; na verdade, além de reconhecidamente competentes, deviam constituir metade ou mais dos físicos da cidade. Um deles, Lopo Dias da Cunha, havia sido chamado em 1614 à Corte de Castela para aí exercer seu ofício.

O mesmo autor (1985: II, p. 725) insiste:

Após a morte do Doutor Lopo Dias, por volta de 1620, vítima da Inquisição, o provimento no caso de físico da saúde do Porto exigia, como condição prévia, a qualidade de cristão-velho. Em 1618, 5 médicos cristãos-novos haviam sido presos no Porto, como vimos, e a hostilidade contra os da nação ficou bem patente nas Cortes de Lisboa de 1619.

Teófilo Braga (1895: II, p. 473 *et passim*) referindo-se a ocorrências na cidade de Coimbra, consagra um capítulo à matéria referida anteriormente, intitulado “PERSEGUIÇÃO CONTRA OS LENTES CRISTÃOS NOVOS” («[...] estendendo-se ainda essas perseguições ao pessoal administrativo da Universidade.», p. 475), detendo-se com especial pormenor no longo processo do Dr. António Homem, que lecionava a «Cadeira de Prima de Cânones» (p. 600), «preso pela Inquisição em 1619 e penitenciado em 1624, em Lisboa» (*vd.* também Bandeira e Costa, 2014: p. 14).

³⁹ Bandeira e Costa (2014: p. 13) explicam: «Era também no Colégio de São Paulo que se guardava a designada *Arca dos Médicos* ou seja, a arca com o dinheiro, em depósito, para pagar aos partidos médicos atribuídos à Universidade».

Mas, qual foi a origem de tal pé-de-meia? Braga (1895: II, pp. 779-781 e 783) dilucida:

As frequentes queixas dos povos nas cortes de 1535, 1641 e 1654 contra os médicos *christãos-novos*, eram uma das formas com que o fanatismo religioso se impunha ao poder real; isso fez com que D. Sebastião, sob o influxo dos Jesuitas, assignasse a carta de lei de 20 de setembro de 1568, fundando na Universidade de Coimbra um subsídio pecuniário para estudantes *christãos-velhos* que estudassem Medicina: «para bem commum d'estes reinos houvesse sempre na Universidade de Coimbra trinta estudantes *christãos-velhos* de boas partes e calidades, que estudassem Medicina e Cirurgia, e que a cada hum d'elles se dessem vinte mil reis de porção, e lhe fossem pagos aos quartéis á custa das rendas dos Conselhos de certas cidades, villas e logares, que para isso applicou.» O modo como foi regulamentado o chamado *Partido dos Médicos*, e a administração da *Arca dos Médicos*, em que se arrecadava o dinheiro cobrado em varias povoações do reino, não parece ter sido plausível até á sua reforma por Filipe III, no *Regimentado Partido dos Médicos e Boticários da Universidade*, dado em 7 de fevereiro de 1604; [...]. A *Arca dos Médicos*, pelo rigor com que se fazia a cobrança nas comarcas, tinha sempre dinheiro em saldo, d'onde resultava, na falha dos rendimentos da Universidade, pedir-se emprestado á *Arca* para pagar aos lentes, como vemos pela carta de 30 de Setembro de 1626 auctorizando este abono. [...] Poderíamos acompanhar a historia dos *Partidos dos Médicos*, mas o que temos até aqui apresentado basta para se conhecer a sua nulla influencia no desenvolvimento da frequência de estudantes na facultadade de Medicina, e muito menos no desenvolvimento da sciencia.

⁴⁰ *Apud* Braga: 1895, II, p. 599.

As rezoens que se allegam contra os estudos sam as seguintes: 1.^a que os xpãos novos se aproveitam dos estudos para nos não fazerem mal, e assi que convém tirar-lhes esta occasião porque sendo advogados e juizes consommem as partes com dilações, favorecendo aos xpãos novos e julgando contra os xpãos velhos. Se são theologos e canonistas uzam mal os sacramentos, e se são médicos podem fazer grande dano aos xpãos velhos que curam ; que por esta razam se conta serem aconselhados dos seus que procurem estes estudos para depois com elles se vingarem melhor dos xpãos velhos; 2.^a porque hua vez que não convém chegarem a ouvir d'estas sciencias, he melhor atalhar logo ao principio, por se não chegar ao fim que elles pretendem.

Marcos de Dios (1987: VII, n.º 3, p. 317, anotação n.º 134) adianta o nome de um número considerável de médicos da nação formados em Salamanca, que praticavam na clandestinidade os seus rituais judaicos e foram descobertos pela Inquisição. Em parágrafos anteriores refere:

En repetidas ocasiones los médicos judíos fueron acusados de matar a cristianos vejos (bajo la cobertura de su ejercicio profesional) y com frecuencia se divulgaron listas de médicos y boticarios culpados de muchas muertes, por venganza, contra los cristianos.

La emigración a Castilla era una de las prácticas más efectivas para los judíos portugueses a la hora de librarse de la Inquisición de su país, porque no había tratado de extradición con Castilla.⁴¹

É profusa a bibliografia relacionada com a matéria em análise, tal como se comprova com os excertos que se seguem, de origens e autores variados: «Por Provisão de 29 de Abril de 1641 mandou ElRei que se observassem os Estatutos na vacatura das cadeiras, provendo-se por votos dos Estudantes, e que nenhum Christão novo fosse admitido a fazer opposição.»⁴²; da monografia de António de Oliveira (1981), intitulada “O motim dos estudantes de Coimbra contra os cristãos-novos em 1630”, transcrevemos uma passagem bem elucidativa: «[...] se achou na porta da Universidade hum papel que dizia per notificacam, que todo o estudante que fosse da nação dentro em três dias dezaparecesse da Universidade sob penna de ser lancado com pancadas, e bofetadas [...]»; em Ribeiro da Silva (1985: I, p. 366) encontramos esclarecimentos adicionais sobre esta matéria: «E porque eram infiéis ao cristianismo, deviam ser proibidos de ingressar na Universidade e exercer profissões liberais como advogados, boticários, médicos.»⁴³. Ángel Marcos de Dios corrobora a situação reportada anteriormente. Afirma, então:

⁴¹ Cf. também Marcos de Dios, 2001: p. 17.

⁴² In *Jornal de Coimbra*, n.º LXXVI, Parte II, 1819, p. 131.

⁴³ Vd. também Ribeiro da Silva (1985: I, pp. 368 e 369); Lamy (1990: p. 30) e *Memoria Professorum Universitatis Conimbricensis (1290-1772)*. Vol. I, p. XL, onde pode ler-se «Nos Estatutos [da Universidade] de 1654 vem inserido o “Regimento dos médicos e boticários” de 1604 que contém normas específicas acerca da Medicina. Devia haver 30 estudantes de medicina, todos eles cristãos-velhos [...]». Relativamente aos Estatutos de que se fala anteriormente, Fonseca (1988: p. 230) dilucida «Trata-se dos que foram impressos em 1654, após confirmação de D. João IV, em 1653, os quais, por sua vez, vigoravam já desde 1597, tendo-se-lhe juntado posteriormente os 162 artigos da *Reformação* de 1612». Sobre esta matéria, Joaquim de Carvalho in *Organização do ensino superior: as Universidades de Coimbra e de Évora* acrescenta:

Up until 1640, the School of Medicine of Salamanca has a higher enrollment of Portuguese students than Coimbra. This is due to the fact that Portuguese Jews, outstanding students of the School of Medicine (and also highly represented in other fields), were not persecuted by the Spanish Inquisition and there was no extradition treaty with Castile. There is conclusive evidence for this policy: among university documents there is not a single denial of admission for not having “pure blood”.⁴⁴

2. Formação académica e aspirações a uma carreira universitária

2.1. O estudante

Prosseguindo na tentativa de reconstituição biográfica de Sucarelo, dedicaremos esta etapa do nosso trabalho ao seu percurso académico, que, globalmente, se encontra muito bem documentado.

Começamos por apresentar registos da Universidade de Salamanca, que o poeta frequentou, e de cuja existência nos informou, muito gentilmente, Ángel Marcos de Dios, que desenvolveu estudos muito aprofundados sobre os alunos portugueses que frequentaram a Universidade do Tormes, quer antes da Restauração (de 1550 a 1580 e no período que compreende o domínio filipino⁴⁵) quer depois da Restauração (até à grande reforma pombalina)⁴⁶. Interes-

A estes Estatutos [*de 1597*] propôs o visitador D. Francisco de Bragança, cuja visita teve início em 10 de Novembro de 1604, cento e sessenta e dois artigos de reforma, os quais, discutidos e examinados pelo claustro universitário em 1611 e revistos ainda em Madrid, foram decretados e aceites pela Universidade em 1612.

Os Sétimos Estatutos, modificados e acrescentados pelos 162 artigos, são conhecidos em geral pelos Oitavos Estatutos, cuja vigência foi larga, pois confirmados por D. João IV em 15 de Outubro de 1653 vigoraram até à monumental reforma pombalina de 1772.

Carlos Jaca (s.d.), no capítulo “Da decadência da Universidade de Coimbra até ao consulado pombalino” esclarece também:

O que se sabe é que o Rei nomeou, por provisão de 20 de Março de 1604, D. Francisco de Bragança, Visitador-reformador, alegando-se que «havendo respeito ao muito tempo (!) que há que nessa Universidade não foi visitada nem reformada» e que o seu bom funcionamento «impunha nova remodelação».

As reformas consistiram em modificar e acrescentar 162 artigos aos “Sétimos Estatutos” que foram objecto de discussão e protestos da parte da Universidade. Esses artigos foram remetidos de Lisboa ao Reitor Francisco da Costa em 1611 que, depois de revistos, foram confirmados em 20 de Julho e aceites pela Universidade. Eram os “Estatutos Velhos” ou “Oitavos Estatutos” que perduraram, como já foi referido, até à reforma pombalina dos Estudos.

O fenómeno da decadência afeta também a Universidade de Salamanca, aproximadamente na mesma época. De acordo com Águeda M. Rodríguez Cruz (1990: p. 113) «*En el siglo XVII se inicia la decadencia de la Universidad*. Prácticamente, desde fines del siglo XVI, comienza en España un proceso de decadencia que se va acentuando progresivamente. Se trata de una decadencia general que afecta a todas las instituciones, de la que no podía escapar la institución universitaria, tan íntimamente relacionada con la sociedad.»

⁴⁴ *Apud* “Castilian and Portuguese in the sixteenth century.” In *A Comparative History of Literatures in the Iberian Peninsula*.

⁴⁵ Marcos de Dios (1985: IV, nº 4, p. 569) afirma que «Son casi 10.000 escolares portugueses que asistieron, en este período [1580-1640], a las aulas salmantinas [...]»

⁴⁶ De Ángel Marcos de Dios, são obras de referência nesta matéria:

– *Portugueses na Universidade de Salamanca (1550-1580)*. Salamanca: Luso Española de Ediciones, 2009;

– *Portugueses na Universidade de Salamanca (1580-1640)*. Esta, que constitui a tese de doutoramento do autor, foi publicada em Portugal, entre 1984 e 2003, sob a forma de artigos, em vários volumes de *Brigantia, Revista de Cultura*. Bragança;

sa-nos particularmente o espaço de tempo entre 1580 e 1640, na medida em que João Sucarelo, embora por um curto período de tempo, frequentou os estudos em Salamanca, que, segundo Marcos de Dios (1985: IV, n.º 4, p. 569) «hasta 1640 [...] nunca fue una universidad extranjera para los portugueses» e, por exemplo, «acogió a más estudiantes de medicina portuguesa que la propia universidad de Coimbra [...]»⁴⁷. Ares Montes (1956: pp. 11-12), aludindo ao mesmo tema, referiu mesmo que a Universidade de Salamanca acolheu

estudiantes lusitanos en número asombroso, hasta el punto de considerársela, por encima de la de Coimbra, ‘a alma mater da escolaridade nacional portuguesa’.

Desde el siglo XV puede seguirse paso a paso este continuo y creciente influjo español, que alcanza su mayor intensidad en el siglo XVII. Después de la restauración, en 1640, continúa la influencia hasta muy entrado el siglo XVIII, aunque cada vez con menos fuerza

As investigações de Marcos de Dios revelam-se fundamentais para a caracterização desta Universidade nas épocas referidas; para percebermos como se enquadravam juridicamente os estudantes portugueses nesta instituição⁴⁸; para compreendermos as relações que ela mantinha com as Universidades de Coimbra e Évora; para nos documentarmos sobre a proveniência social dos estudantes portugueses. Relativamente a este assunto, as pesquisas de Marcos de Dios (1987: VII, n.ºs 1-2, pp. 76-81) permitiram-nos chegar a conclusões deveras interessantes: encontrou testemunhos «explícitos de la pobreza de muchos estudiantes»; verificou que eram em número muito reduzido os estudantes fidalgos e os fidalgos endinheirados (apenas um caso de um membro da alta nobreza); inventariou cerca de quinhentos portugueses pertencentes ao clero; detetou que a maior percentagem de estudantes era abastada e «medianos propietarios»; detetou também que um grupo considerável de alunos era filho de pequenos proprietários, incluindo, neste conjunto, os criados dos endinheirados que, servindo os seus amos em Salamanca, se matriculavam, essencialmente, em Gramática. O mesmo autor (2001: p. 25) refere que «regra geral, os portugueses que acudiram a Salamanca eram menos adinheirados que os que foram para Coimbra: a burguesia lusitana preferiu a universidade do Mondego, enquanto que Salamanca recolheu os menos favorecidos crematisticamente e que, por isso mesmo, não tiveram projecção social».

– *Os portugueses na Universidade de Salamanca desde a Restauração até às Reformas iluministas do Marquês de Pombal*. Salamanca: Luso Española de Ediciones, S.L. 2001.

⁴⁷ Idem (1987: VII, n.º 3, p. 330).

⁴⁸ Idem (1985: IV, n.º 4, p. 581) informa:

Es natural que los portugueses no obtuvieran privilegios en la Universidad de Salamanca hasta la unión de las coronas portuguesa y española. Es fácil sospechar las intenciones de Felipe II con relación a sus súbditos lusitanos, a los que procuró atraer también en el terreno cultural, consciente de que un acercamiento cada vez más intenso podría conducir a la fusión entre ambas naciones, que, en fin de cuentas, es lo que buscó el monarca español con las armas y las letras.

Marcos de Dios debruçou-se também sobre a forma como se distribuíam pelas diferentes faculdades e como ficavam alojados os estudantes⁴⁹; sobre como eram recebidos os cristãos-novos portugueses, nomeadamente os que pretendiam cursar Medicina, que lhes era vedado em Portugal⁵⁰, e contribuiu de forma determinante para dispormos, de um modo que nos foi extraordinariamente facilitado, o nome de todos os estudantes acolhidos em Salamanca, nomeadamente o de João Sucarelo Claramonte, que surge na p. 146 da lista dos estudantes portugueses que estudaram na Universidade do Tormes, no período de vigência da monarquia filipina (1996: XVII, n.ºs 3 e 4)⁵¹.

Por informações obtidas no Arquivo Histórico da Universidade de Salamanca, sabemos que Sucarelo se matriculou a 22 de outubro de 1635, tinha, então, 16 anos⁵², no primeiro ano de Artes, tal como atesta a imagem que se segue. Era um dos 543 alunos portugueses, que, no ano letivo de 1635-36, se encontravam matriculados em Salamanca, sessenta e seis dos quais em Artes⁵³. Tal como em Coimbra, a frequência deste curso era condição *sine qua non* para quem pretendia licenciar-se em Medicina, algo, muito certamente, ambicionado por Sucarelo.

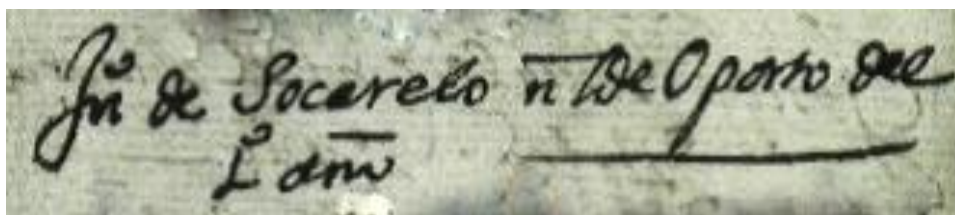


Fig. 4 –Arquivo Histórico da Universidade de Salamanca.
In *Matricula del Curso 1634-1635*. Livro n.º 342, f. 156r.⁵⁴

⁴⁹ Idem (1987: VII, n.º 3, pp. 305-313 e 2001: pp. 19-20) dilucida sobre os possíveis tipos de alojamento dos portugueses, preferencialmente a “república de estudantes”.

⁵⁰ Entre 1579 e 1639 assiste-se a um número muito aproximado de estudantes portugueses que frequentavam quer em Salamanca quer em Coimbra, tal como esclarece Marcos de Dios (1986: V, n.º 1, pp. 133-134):

Este equilibrio en números absolutos se explica, en primer lugar, por las dificultades de los cristianos nuevos con la Inquisición portuguesa y su relativa tolerancia por parte de la castellana. Al mismo tiempo, y subsidiariamente, la persecución de los profesores de Medicina de la universidad de Coimbra a finales del siglo XVI obliga a los estudiantes portugueses de esta especialidad a desaparecer del ámbito del Santo Oficio, porque, en su inmensa mayoría, eran descendientes de judíos y practicantes del mosaísmo.

⁵¹ Idem (1996: XVII, n.ºs 3 e 4).

⁵² Em seiscentos, seria comum que os alunos iniciassem os seus estudos universitários com dezasseis anos (embora, de acordo com Marcos de Dios, a idade mínima seria de treze anos), como podemos verificar a partir de Braga (1895: II, pp. 272-273):

Por este império do Latim, os jesuitas do Collegio das Artes governavam na matricula da Universidade: «Nenhum estudante assi dos que estudam no Collegio como dos que vem de fora poderá ir ouvir Direitos (s. civil e canónico) se não constar que he de idade de dezeseis annos compridos, posto que pretendam serem sufficientes no mais que se requiere conforme a estes Estatutos; e faltando-lhes algum tempo para chegar á dita faculdade, o gastarão em se aperfeçoar mais em letras humanas de Latim, Grego e Artes.»

Também Dinis (2008: p. 37) chegou a essa conclusão e, referindo-se a Coimbra, afirma «[...] à época, era prática corrente os alunos ingressarem com 16 anos, [...]», o mesmo devendo passar-se em Salamanca, embora pudessem ser mais ainda mais jovens.

⁵³ Cf. Marcos de Dios, 1987: VII, n.ºs 1-2, pp. 97 e 99.

⁵⁴ Disponível em WWW: <URL: [http://ausa.usal.es/imagen.php?serie=libros_matriculas&libros=AUSA%](http://ausa.usal.es/imagen.php?serie=libros_matriculas&libros=AUSA%201634-1635)

Repetiu a matrícula a 12 de novembro de 1635, também no primeiro ano de Artes, como se pode comprovar pela imagem seguinte, do que se conclui que não terá obtido aprovação para transitar para o segundo ano. Jaca (s.d.: pp. 26-27) dilucida que à época, em Coimbra, havia a obrigatoriedade da repetição da matrícula como forma de se evitar que os alunos não frequentassem as aulas:

A Universidade tinha por este tempo [*após a Restauração*] um avultado número de estudantes, em que a maioria deles só o era de nome, interessando-se mais pelas questões extra escolares, abandonando, quase por completo, as aulas.

Os alunos limitavam-se a escrever as «postilas» (explicação dada pelo professor) ditadas e rubricadas pelo mestre, de modo a provar a sua frequência, só que esta formalidade era, vastas vezes, ludibriada, adquirindo as «postilas» e testemunho de assiduidade «comprovado» por dois discípulos. A assistência às aulas diminuiu a tal ponto que, no primeiro quartel do séc. XVIII, se deixara, praticamente, de ler nas escolas, levando os estudantes teólogos a preferir as lições dos seus colégios à da própria Universidade.

A maior parte dos estudantes só vinha a Coimbra para se matricular, habituados que estavam a provar os seus cursos «os mais deles sem residir nem cursar». O mal já tinha profundas raízes. Em Novembro de 1640, Filipe IV de Espanha (III de Portugal) em carta dirigida ao Reitor Manuel de Saldanha, considerava que «a causa principal dos estudantes serem menos curiosos procede da falta que os Lentes proprietários fazem na lição das suas cadeiras».

Pelo facto de só haver exames nos últimos anos do curso, e a matéria sobre que versavam ser muitas vezes conhecida antecipadamente, os estudantes, para esse efeito, procuravam ser leccionados por um graduado, geralmente um doutor. Assim, «qualquer estudante, por mais ignorante que fosse, podia aspirar ao doutoramento».

A propósito da vida e disciplinas académicas, um autor anónimo, de meados do séc. XVII, num livro interessante e curioso de crítica social, “A Arte de furta”, cap. XXXII, deixou-nos o seguinte passo: «Como há-de haver no mundo que se tolere e se permita provarem cursos em Coimbra mais de um cento de estudantes, todos os anos sem porem o pé na Universidade? Andam na sua terra matando cães, e escrevem, a seu tempo, ao amigo, que os aprovem lá na matrícula, representando suas figuras e nomes; e daqui resultam as sentenças lastimosas que cada dia vemos dar a julgadores, que não sabem qual é a sua mão direita, mais que para embolsarem com ela espórtulas e ordenados, como se fossem Bártolos (Bártolo de Sassoferrato, séc. XIV, considerado o maior jurista da Idade Média) e Cova[rrubias. Daqui, matarem os médicos milhares de homens, e pagarem-se como se fossem Avicenas e Galenos. E a graça, ou maior desgraça, é que nem o diabo, que lhes ensinou estes enredos, lhes saberá dar remédio, salvo se for levando-os a todos, que é o que pretende».

A Universidade ainda tomou algumas medidas no sentido de prevenir a falta de residência dos seus alunos, ordenando que se estabelecessem duas «matrículas incertas» e mais tarde determinou-se que houvesse apenas uma, visto que da primeira medida não resultou «aquela utilidade que constituía a causa final das ditas disposições, mas antes tem mostrado a experiência que na prática delas se encontram inconvenientes e prejuízos particulares dos estudantes, sem que pelo meio deles se conhecesse maior adiantamento nos estudos públicos...». O caso é que os estudantes tomavam sempre conhecimento do primeiro dia de chamada de tais matrículas e, prevenidos através de diligentes “correios” pagos, apresentavam-se no momento oportuno.



Fig. 5 – Arquivo Histórico da Universidade de Salamanca. In *Matrícula del Curso 1635-1636*. Livro n. ° 343, f. 150v.⁵⁵

2C342&verPagina=113#estados>. [Consult. 10 de set. 2012].

⁵⁵ Disponível em WWW: <URL: http://ausa.usal.es/imagen.php?serie=libros_matriculas&libros=AUSA%2C343&verPagina=101#estados>. [Consult. 10 de set. 2012].

Sucarelo só terá frequentado o primeiro ano de Artes, dos três anos e seis meses necessários para o bacharelato⁵⁶, obrigatório para ingressar no curso de Medicina⁵⁷, em Portugal⁵⁸.

A frequência de Sucarelo em Salamanca por apenas um ano terá sido causada por falta de recursos económicos? Como sabemos, o pai era cirurgião, um pequeno burguês, e, muitos deles, na ótica de Ángel Marcos de Dios (1987: VII, n.ºs 1-2, pp. 76, 81, 99 e n.º 3, p. 326), «enviavam a sus hijos com la esperanza de asegurarles un porvenir mejor que el de sus progenitores», (provaremos, ao longo deste trabalho que a ascensão social foi um dos objetivos de vida de João Sucarelo). Também de acordo com palavras do autor, «En términos generales, la profesión médica estaba bien pagada en Portugal». Contudo, o agregado familiar era, pelo menos, composto por cinco pessoas (pais e três filhos) e os custos de cursar naquela universidade (a mais cara da península, especialmente para os graus de licenciado e doutor) eram elevados. O autor mencionado anteriormente refere que, na generalidade, «los estudiantes en Salamanca – al menos los portugueses – no eran adinerados.». Alguns anos mais tarde, como veremos, Sucarelo, que no romance “Fui amar por meus pecados” se afirma «pobre como Job», seria candidato a uma bolsa de estudo em Coimbra, circunstância contextualizada por Ana Maria Leitão Bandeira (1997), no resumo de *Catálogo dos Processos de Habilitação a Partidos Médicos e Boticários (1658-1771)*. Explica, então, a autora: «A incentivação dos estudos médicos foi feita através da concessão de partidos, uma forma de financiamento a todos os alunos que provassem ser cristãos-velhos e possuidores de poucos recursos económicos.». De acordo com Teófilo Braga (1895: II, pp. 770-771 e 804), o incentivo era necessário em virtude da decadência do ensino da Medicina pelas constantes perseguições aos cristãos-novos, o que fazia com que emigrassem e levassem consigo conhecimentos valiosos que beneficiavam outras instituições de ensino. Havia também «uma falsa idéa da indignidade da profissão medica, de que resultava a carencia de estudantes, que preferiam as formaturas rendosas de leis, canones e theologia, [...]». Sobre a decadencia dos estudos medicos na Faculdade já deixamos transcriptos valiosos documentos extractados da Devassa de 1619. As vagas das cadeiras estavam desde essa época por preencher [...]». Teimava-se, contudo, em dar absoluta preferência a candidatos cristãos-velhos.

⁵⁶ Vd p. 235 dos *Estatutos da Universidade de Coimbra (1653)*. Edição Fac-similada. Por Ordem da Universidade. 1987.

⁵⁷ «Nenhum estudãte poderá cursar em Medicina, sem primeiro ser Licenciado em Artes, ou Bacharel por esta Universidade, & ter ouvido nella todo o tempo, que se requiere para se fazer Licenciado.» *Ibidem*, p. 224.

⁵⁸ Marcos de Dios (2001: pp.17-18) refere que muitos alunos «[...] continuavam em Coimbra para adquirirem o grau de licenciado ou doutor, onde os graus eram sensivelmente menos caros.»

Dos *Registros de exámenes de estudantes para ingressar en Facultad Mayor* de Salamanca consta também o nome do poeta como examinando de Gramática, uma vez que, de acordo com esclarecimentos de Ángel Marcos de Dios, o estudante, antes de iniciar os estudos em qualquer Faculdade, tinha de demonstrar a sua suficiência em latim, língua obrigatória nas aulas⁵⁹, o mesmo acontecendo na lições de Coimbra, “as quais deviam ser ditas em latim”, como dilucida Joaquim de Carvalho⁶⁰. Sobre este assunto, vejamos os esclarecimentos propostos por Teófilo Braga (1895: II, pp. 371-372):

Pelos Estatutos de 1565 o Collegio das Artes alcançava uma preponderância sobre os cursos da Universidade por via dos preparatórios do Latim, cujo exame só era válido feito perante os mestres jesuitas:

«Todo o estudante que vier de fora pêra ouvir qualquer faculdade na dita Universidade, será examinado de Latim no Collegio, e assi no que se lê no primeiro anno das Artes, se as tiver ouvido, e tendo sufficiencia, em huma e outra cousa, o Reytor do Collegio lhes passará a certidão para ser admittido nas Escolas maiores, e não tendo ouvido Artes, ouvirá o dito anno pela maneira atraz declarada. . . E se algum dos ditos estudantes que vierem de fora não for achado no Latim suficiente pêra ouvir outra faculdade, será posto na classe, que por seu exame e sufficiencia lhe couber...» Renova o alvará de 26 de agosto de 1557.

Marcos de Dios adianta também que Sucarelo deve ter estudado Gramática em Portugal, acrescentamos nós, muito possivelmente no Porto, onde residia, porque não aparece na matrícula desta disciplina em Salamanca, onde, ao que parece, apenas fez o exame.

Por esta altura, a introdução de Estudos na cidade do Porto estava envolta em grande polémica, com obstáculos que surgiam dos mais diversos quadrantes da sociedade. De acordo com as explicações de Ribeiro da Silva (1988: pp. 121 a 123):

o que a Nobreza e os cidadãos pretendiam era obstar à mobilidade social de que os Estudos eram um princípio. [...]

Se até então se haviam escusados os Estudos, porquê criá-los agora? – interrogava-se. Por outro lado, se Coimbra ficava tão perto (apenas 18 léguas), qual a necessidade de criar classes no Porto?

A oposição às aulas inicianas seria retomada de novo em 1606. [...] O que há é uma oposição tenaz a que um burgo de vocação e perfil mercantis se transformasse num centro intelectual a partir de um embrião como o Colégio de São Lourenço. [...] muita gente influente julgava incompatíveis os dois modelos de cidade: do trabalho e do estudo. Porquê?

Porque para muitos, estudante era sinónimo de ocioso. [...]

Mas não se julgue que esta maneira tacanha de ver a instrução era apanágio das gentes do Porto. As cabeças influentes do Reino pensavam do mesmo modo. [...]

A melhor forma de impedir que as Instituições Pedagógicas desempenhassem o seu papel natural de agentes de renovação e mudança seria impedir a sua expansão e seleccionar os alunos segundo critérios estamentais cerrados.

Por quanto tempo prevaleceu tal forma de pensar?

Em plena década de trinta do século seiscentista ela achava-se vigente e inspirou aos agentes portuenses medidas de extremo rigor: constando que o Colégio de São Lourenço vinha admitindo

⁵⁹ Sobre esta matéria, Almeida e Brandão (1937: p. 35) esclarecem: «A matrícula em Artes dependia da aprovação no exame de latinidade, e para a matrícula nas Faculdades maiores requeria-se o grau de bacharel ou licenciado em Artes.»

⁶⁰ *Vd. Organização do ensino superior: as Universidades de Coimbra e de Évora.* (s.d.).

alunos externos [...] a Assembleia municipal aprovou um acordão proibindo a todo o morador a permissão de seus filhos frequentarem as classes. A punição prevista para os infractores varia conforme a qualidade social dos transgressores: se fossem plebeus, oficiais ou não oficiais, seriam expulsos da cidade. Se fossem nobres, seriam riscados os seus nomes do livro dos cidadãos.

Mas o rigor apregoado das punições não deve ter tido grande aplicação prática. E as mentalidades foram-se abrindo.

O mesmo autor, em estudos posteriores (1993: p. 43), referindo-se aos capítulos levados às Cortes, esclarece: «A hostilidade contra as classes dos Jesuítas do colégio de S. Lourenço vinha dos fins do século XVI. Os capítulos Gerais dos Povos das Cortes de 1619 apresentaram uma verdadeira catilinária contra o excesso de Estudos e de estudantes.». Algumas linhas antes, Ribeiro da Silva explicava:

Em 1641 os Procuradores [*do Porto*] solicitavam ao Rei que mandasse encerrar as classes de latim dos Jesuítas para o que apresentavam razões um tanto bizarras: é que, sendo o Porto uma cidade de mercadores e porto de mar, os seus moradores andavam muitas vezes fora, nos caminhos do Brasil e de outras partes, deixando sozinhas as suas mulheres e filhas. Ora os estudantes, sendo «muy osiozos», inquietavam-nas e não as deixavam em sossego. Mas o capítulo acrescenta duas outras razões de peso: a primeira é que a Universidade de Coimbra estava muito perto; a segunda era que, na conjuntura, do que o País carecia era de homens para a guerra e não de estudantes.⁶¹

Pelo que ficou dito, duas possibilidades se colocam: ou o jovem Sucarelo terá sido mesmo um dos “alunos externos” do Colégio de São Lourenço⁶² (lembramos que o pai, António Sucarelo, se revelara um homem desabrido e sem medo de disputas, envolvendo-se em graves querelas com os Irmãos da Misericórdia, a partir do início da década de quarenta) ou não há de ter frequentado o dito Colégio e terá tido lições de latim com um mestre⁶³.

Através do registo de exame de Salamanca a que aludimos anteriormente, cuja imagem facultamos mais abaixo, ficámos também inteirados de que a sua primeira inscrição naquela Universidade ocorreu a 21 de setembro de 1635 e que tencionava seguir o curso de Artes. Foram suas testemunhas Francisco Pereña, um espanhol, e Gonzalo Rodriguez, que tanto podia ser espanhol como português, porque *Rodrigues* se escrevia *Rodriguez*.

⁶¹ Passamos a transcrever o texto original (*apud Cruz*, 1943: p. 101):

“19.ª na Cidade do Porto introduzirão, de 15 anos a esta parte pouco mais ou menos estudos, a que sempre a dita Cidade lhes foj a mão pello grande prejuízo, que niso ha por ser porto do mar, E andarem de Continuo os moradores da dita Cidade embarcados para o brazil e outras partes e oCupados na melliçia E os Estudantes: que nella há muj osiozos. Imquietando, as molheres e filhas dos oficiais abzentes: mormente estando a unyversidade de coimbra tão perto 18 llegeas da dita Cidade, pedimos a V. mg.ª que não hajão mais Clases: pellos danos E jncnuenientes que niso para que assim se ocupem todos nestas guerras E defemção do Reino, basta somente a unyversidade de Coimbra.” Arquivo Nacional da Torre do Tombo. *Capítulos de Cortes*. Mº 10, nº 2, fl. 5.

⁶² Dos quais, segundo apurámos, não há quaisquer registos.

⁶³ Sobre os mestres de gramática e os seus parcos ordenados cf. Ribeiro da Silva (1985: I, p. 295).

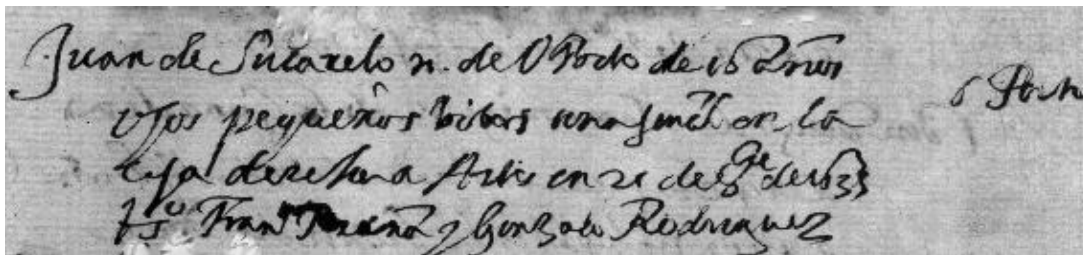


Fig. 6 – Arquivo Histórico da Universidade de Salamanca.

In *Registros de exámenes de estudiantes para ingresar en Facultad Mayor (1631-1649)*. Livro n.º 551, f. 114v.⁶⁴

Esta inscrição faculta-nos informações valiosíssimas sobre: a idade do poeta, a sua proveniência e aspeto físico: «Juan de Sucarelo natural de Oporto de 16 años / ojos pequeños bibos una señal en la / ceja derecha a Artes en 21 de septiembre de 1635 / tsº Francisco Pereña y Gonzalo Rodriguez.» Ou seja: «João de Sucarelo natural do Porto de 16 anos / olhos pequenos vivos um sinal na / sobrelha direita [...]».

Questionámos Ángel Marcos de Dios sobre a razão de ser das testemunhas e da descrição física, tendo-nos sido esclarecido que se tratava de uma forma de confirmar a identificação do examinando e de evitar fraudes, não raras na vida universitária...

Embora Coimbra ficasse apenas a «18 léguas» (cf. o texto de Ribeiro da Silva, na p. 53), não será de estranhar a presença de Sucarelo, tal como muitos outros alunos portugueses, em Salamanca. Marcos de Dios (1986: V, n.º1, pp. 148-149) aponta cinco razões de peso para que isso acontecesse (especialmente durante o período filipino): o desaparecimento de entraves, com a união de ambos os reinos; a proximidade geográfica, especialmente para jovens oriundos de Miranda do Douro, Lamego, Guarda e Viseu, embora também houvesse alunos provenientes de Braga, Porto, Leiria e Coimbra; o conhecido prestígio de que gozava a Universidade do Tormes; o bilinguismo; o afastamento das garras da Inquisição, sobretudo para os cristãos-novos e criptojudeus⁶⁵, uma vez que nenhuma matrícula foi recusada pelo facto de os estudantes serem da *nação*⁶⁶.

Na sequência do que acabámos de reportar, as explicações que obtivemos do professor Francisco Ribeiro da Silva, corroboram o que foi explanado: Salamanca, além de ser perto da

⁶⁴ Disponível em WWW: <URL: <http://ausa.usal.es/imagen.php?serie=registrosexamenes&libros=AUSA%2C551&verPagina=230#estados>>. [Consult. 10 de set. 2012].

⁶⁵ *Vd.* informações adicionais em Marcos de Dios (1987: VII, n.º 3, p. 318).

⁶⁶ Marques (2003: p. 88) refere: «[...] a presença de portugueses no Estudo Geral ou Universidade de Salamanca se documenta já nos seus primórdios, no remoto ano de 1242, prosseguindo ao longo da Idade Média, e aumentando de forma, quase diríamos, extraordinária, no período especificado no título dos séculos XV-XVII [...]». Mais adiante (p. 91), afirma que a instituição salamantina exercia uma «[...] enorme influência cultural [...] sobre a população portuguesa, principalmente, do Norte de Portugal.», para, quase a título de remate (p. 104), mencionar Ángel Marcos de Dios e as convicções deste último relativamente à preferência dos portugueses por Salamanca, devido à proximidade geográfica, à degradação de alguns cursos ministrados em Coimbra, à facilidade do bilinguismo e aos receios da Inquisição. Marques, contudo, refere que alguns dos motivos anteriormente apresentados «carecem de alguma matização». *Vd.* Marques, José, “A Universidade de Salamanca e o Norte de Portugal, nos Séculos XV-XVII”. In *Península. Revista de Estudos Ibéricos*. N.º 0. Instituto de Estudos Ibéricos. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2003.

fronteira, era uma universidade de grande prestígio europeu, sobretudo nas Humanidades, (mas também no Direito Canónico e Civil, de acordo com as explicações de Marcos de Dios). Daí não ser de estranhar termo-nos deparado nas nossas investigações com matrículas na universidade espanhola de alunos oriundos inclusivamente de Coimbra. Sobre esta questão, o investigador anterior (2010: pp. 416-417) acrescenta: «During certain periods Salamanca hosted up to a third of all Portuguese university students. As a matter of fact, the *Studium* of Salamanca was not even considered a foreign university by the Portuguese until 1640, and for many students it was the closest university geographically.».

Naturalmente que a subsequente passagem de Sucarelo pela Universidade de Coimbra, no sentido de desenvolver estudos na área da Medicina⁶⁷, será dos aspetos mais determinantes da biografia do autor. Impunha-se, pois, a acreditação desse exercício pela via universitária, uma vez que, e citando Ribeiro da Silva (1985: II, p. 728) «havia a noção de que o verdadeiro cirurgião devia estudar e saber latim e não se contentar com fazer sangrias como faziam os barbeiros.» Tratar-se-ia do quebrar com a tradição e da busca de um maior reconhecimento profissional, e conseqüentemente social⁶⁸, na medida em que «A profissão era aprendida experimentalmente em grande parte dos casos, como talvez o sugira o facto de, em 1641, com grande escândalo da Mesa da Misericórdia, o cirurgião António Sucarello fazer-se substituir pelos seus praticantes na assistência aos doentes do Hospital.»⁶⁹.

Neste sentido, estão corretas as informações de Monteiro (1926: pp. 6 e 41-42), ao afirmar que Sucarelo se matricula pela última vez a 20 de novembro de 1646⁷⁰ e termina a sua licenciatura a 22 de junho de 1647. Anteriormente a este ano letivo, frequentou outros quatro anos no curso de Medicina, tendo, portanto, iniciado os seus estudos universitários no ano letivo de 1642-43.

Tínhamo-lo visto, há pouco, em Coimbra. Digamos, a propósito, o que pude apurar, graças ao amável auxílio que me prestou o distinto e presado colega Dr. Maximino Correia (1).

Perguntando-lhe eu, se nos assentos da Universidade figura com o nome de João Sucarelo Claramonte, com que por vezes é também designado, o que faz supor procedência italiana, aquele colega disse-me, em carta, o seguinte:

⁶⁷ Praticando algumas liberdades de imaginação, Carvalho (1926: p. 105) traça-lhe o retrato do típico estudante de Coimbra do imaginário popular, um jovem fanfarrão e galhofeiro, adivinhando uma voz do nosso autor ora suave ora «áspera e cuspida, de insulto», dependendo do teor das suas declamações, e afirma: «[...] porque o Succarello, que mais tarde foi um médico de nomeada, era então o maior garoto que frequentava os Estudos, gostando do vinho e do jôgo, sempre acompanhado da guitarra conhecida, ao longe, das mulheres e dos rouxinóis.» Monteiro (1926: p. 3) reitera a opinião do anterior e dá um contributo essencial para o apuramento de factos relacionados com a biografia de Sucarelo.

⁶⁸ Ao longo deste trabalho, tentaremos comprovar as nossas convicções de que Sucarelo teria ambições de ascender socialmente, numa sociedade conservadora, que pugnava por «manter inalterável a estratificação social», de acordo com as palavras de Ribeiro da Silva (1993: p. 46).

⁶⁹ Ribeiro da Silva (1985: II, p. 728).

⁷⁰ A sua matrícula consta do livro X, em que aparece apenas como João Sucarelo, tal como foi vulgarmente conhecido (cf. *O Instituto*, 1931: Vol. 81, pp. 430-431).

«Não figura, nem nos livros de matrícula, nem no livro de actos e graus com qualquer outro nome além destes dois, mas também não existe outro João Sucarelo naqueles livros e por isso deve tratar-se do que lhe interessa. A última matrícula é no ano lectivo de 1646-47 com a data de 20 de Novembro e reza assim: “João Sucarelo, filho de Antonio Sucarelo, do Porto – 20 de Novembro de 1646”. Esta matrícula figura no “livro X”, 1646-47. Frequentou, além deste ano, ano da formatura e do grau, mais cinco anos lectivos anteriores a este. Num outro “Livro de actos e graus” encontra-se no nº 33, as folhas 87 verso, a notícia da formatura: “Fez-se acto de formatura aos 22 de Junho de 1647, sendo aprovado *nemine discrepante*, tendo recebido grau no mesmo acto.»⁷¹

A propósito do registo anterior e da aprovação *nemine discrepante* (por unanimidade), Hernâni Monteiro aquiesce em atribuir algum mérito ao poeta, afirmando: «Como se vê (manda a verdade dizê-lo), a veia satírica e mordante não impediu que João Sucarelo tivesse sido um estudante cumpridor dos seus deveres escolares.»

Vejamos, então, com mais detalhe, como se desenrolou o percurso académico do poeta, cujos estudos em Coimbra terão começado no ano letivo de 1639-1640, havendo, portanto, um hiato temporal de quatro anos desde a presença em Salamanca, em 1635. Cremos que entre a frequência dos estudos em Salamanca e o ingresso na vida académica da Universidade de Coimbra, Sucarelo pode ter sido um aprendiz na prática da Cirurgia, tendo em conta a autorização que pede ao Rei para o seu exercício, em 1638, como aludiremos adiante com mais pormenor.

Acreditamos que o autor terá feito os seus estudos preparatórios, exigidos para a frequência do curso de Medicina, no Colégio das Artes conimbricense⁷², tendo em conta uma anotação com o seu nome encontrada no livro de registo da *Confraria da Nossa Senhora da Luz*⁷³, para o ano letivo de 1639-1640. Na folha destinada a “Título das Escolas Menores” (ou seja, o Colégio das Artes⁷⁴), no f. 18r, pode ler-se “João Sucarelo do Porto cursista..... 050”. O contributo em forma de esmola terá sido de 50 reis. Anotação semelhante pode ser encontrada no f. 35v dos registos do ano letivo de 1644-1645, num grupo global de donativos, que, por esclarecimentos que obtivemos por parte de Ana Maria Leitão Bandeira, «deve tratar-se do grupo de Médicos, pois os registos ocorrem no espaço habitual destinado a estes, antes das Escolas Menores».

⁷¹ Vd. Monteiro (1926: p. 6).

⁷² Ao que apurámos no AUC, os livros de matrículas em Artes perderam-se para o período que nos interessa.

⁷³ A Confraria estava agregada à Capela da Universidade. Encarregava-se de todo o serviço religioso e prestava assistência a estudantes doentes e pobres, encarregando-se do enterramento de estudantes, lentes e demais funcionários da Universidade. Tinha como fonte de receitas, entre outras, as esmolas doadas por estudantes e professores «tanto da Universidade como das Escolas Maiores ou Menores». Para informações adicionais cf. WWW. <http://www.uc.pt/auc/fundos/ficheiros/UC_ConfrariaNossaSenhoraDaLuz>.

⁷⁴ Sobre a história do Colégio das Artes, desde a sua fundação por André de Gouveia, em 1547, passando pela sua usurpação pelos Jesuítas, em 1555, cf. Braga (1895: II, p. 257 *et passim*). Salientamos, contudo, uma afirmação do autor anterior, na p. 264, sobre a génese deste Colégio: «A fundação do Collegio das Artes sob a direcção de André de Gouvêa correspondia a uma necessidade nova no ensino, a verdadeira determinação de uma instrução secundaria, ou, como então se dizia, a separação e independência das eschololas menores das maiores.»

A discência no Colégio das Artes há de ter-se verificado sem constrangimentos, até estarem criadas as condições para a primeira matrícula no curso de Medicina, volvidos cerca de três anos, aos quais acrescentamos o 1.º ano dos estudos salamantinos em Artes, que estamos em crer que lhe terá sido validado⁷⁵.

Passamos, agora, a apresentar a sucessão de matrículas em Medicina⁷⁶ efetuadas por Sucarelo e que contêm algumas, embora escassas, informações sobre o mesmo: nome do estudante, filiação (apenas o nome do pai), proveniência⁷⁷ e data, seguidas das respetivas provas de curso, que consistia «como o próprio nome o indica, em atestar a frequência de cursos na Universidade. Este sistema vigorou até à Reforma Pombalina da Universidade e permitia conhecer os anos de curso frequentados pelo aluno. São a única fonte documental que nos indica as datas de frequência do aluno na Universidade. [...] A prova de frequência era feita por duas testemunhas, colegas do mesmo curso. Estes registos são também importantes por incluírem as assinaturas dos alunos que se apresentam a confirmar a frequência de seus colegas, na maioria dos casos os únicos testemunhos autógrafos desses mesmos alunos, num período em que o registo de matrícula ainda não apresentava a assinatura dos alunos.»⁷⁸.

Explicamos, de forma muito breve, alguns aspetos das transcrições que fizemos: utilizámos o traço oblíquo para a direita para indicar o final de linha e para separar nomes próprios apresentados como testemunhas. Colocámos alguns significados entre parênteses retos,

⁷⁵ Esta e outras situações atinentes à validação de cursos e graus obtidos em Universidades estrangeiras estavam previstas nos *Estatutos da Universidade*, no “Título LXVIII. Dos Estrangeiros, que vierem ouvir a esta Universidade, ou nella se quiserem incorporar [...]”, p. 247 e seguintes.

⁷⁶ Carvalho in *Organização do ensino superior: as Universidades de Coimbra e de Évora* (s. d.), debruça-se sobre a formalidade da matrícula dizendo que:

A matrícula era a primeira obrigação [*do estudante*].

Durante quinze dias após a chegada a Coimbra, desde o primeiro de Outubro ao Natal, inscrevia-se como escolar de uma faculdade, não podendo o secretário exarar o assento da matrícula sem que o estudante comparecesse pessoalmente, jurasse e trajasse hábito talar. Se o estudante pretendia matricular-se em Artes tinha previamente de ser examinado e aprovado por “duas pessoas doutas em latinidade”, as quais verificavam se ele sabia “o que basta para falar latim e compor”; se aspirava à matrícula no primeiro ano das faculdades maiores, carecia de exhibir certidão probatória do grau de licenciado ou bacharel em Artes.

⁷⁷ De acordo com Ana Maria Leitão Bandeira in *Percurso académico na Universidade de Coimbra, nos séculos XVI a XX* (orientações para pesquisa), p. 2:

Até à Reforma Pombalina da Universidade em 1772 o registo de matrícula apresenta geralmente a seguinte informação:

Nome do aluno, naturalidade e filiação, sendo neste último caso apresentado apenas o nome do pai, seguido da informação sobre a data de matrícula e assinatura do aluno. No caso de alunos de ordens religiosas não é apresentado o dado de filiação.

Não é igualmente indicado o ano de curso, pelo que só compulsando todos os anos de frequência do aluno se pode saber exactamente os anos frequentados.

Já utilizámos a designação «proveniência» quando nos debruçámos sobre os registos de matrícula e exame de Sucarelo em Salamanca. Consideramos que é mais rigorosa do que «naturalidade», como se refere anteriormente, em virtude do facto de, como já o comprovámos, o autor ser natural de Mesão Frio e não da cidade do Porto.

⁷⁸ Idem, *ibidem* (pp. 5-6).

que vêm com asterisco para uma ou outra parte do texto de cuja transcrição não estamos seguros e com uma cruz (†) para palavras que não conseguimos transcrever, dada a ilegibilidade da caligrafia do escrivão. Entre parênteses retos ocorrem também os pontos finais que separam o rol das testemunhas indicadas pelo escrivão e a assinatura deste.

Como já referimos e comprova a imagem que se segue, a primeira matrícula de João Sucarelo ocorreu em 25 de outubro de 1642, que, para além das informações habituais, indica que o autor apresentou «certidão», cujo paradeiro se desconhece, talvez dos estudos efetuados em Salamanca ou, muito possivelmente, passada pelo reitor do Colégio das Artes, para que pudesse ser admitido nas Escolas Maiores (Universidade)⁷⁹.

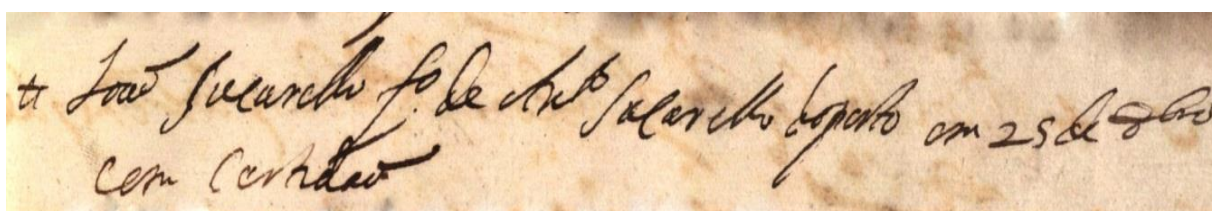


Fig. 9 – Arquivo da Universidade de Coimbra. In *Livros de Matrículas (1641-1646)*. Vol. 9; Liv. 2, f. 66r. «João Sucarelo fº de Antº Socarelo do Porto em 25 de 8^{bro} / com certidão».

Apresentamos a seguir a prova de curso correspondente ao ano letivo de 1642-43.

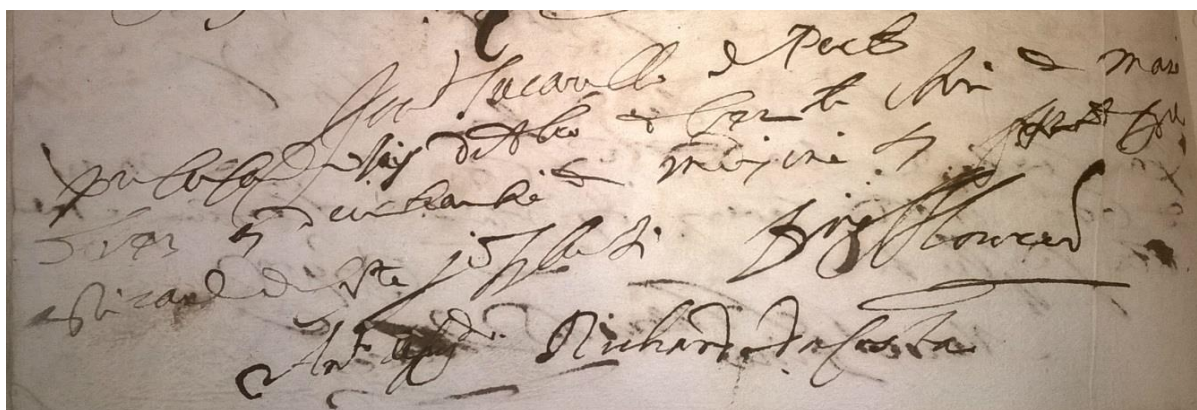


Fig. 10 – Arquivo da Universidade de Coimbra. In *Provas de Curso (1642-1645)*. Vol. 25; Liv. 1, f. 76v. «João Sucarelo do Porto / Provou cursar de seis de 8^{bro} de 642 te fim de maio / de 643 as intrancias de medicina ts [testemunhas] Francisco Mourão / Ricardo da Costa[.] João da Silva es. [escrevi].» Assinam: Francisco Mourão, António Figueiredo e Ricardo da Costa.

Segue-se uma segunda matrícula, com data de 26 de outubro de 1643, e a respetiva prova de curso.

⁷⁹ Idem, *ibidem* (p. 6): «Pode surgir a informação sobre a frequência de outras Universidades (Évora e Salamanca) e Colégios da Companhia de Jesus, sendo comprovada por certidões apresentadas pelo aluno ou testemunhos de outros seus colegas.»



Fig. 11 – Arquivo da Universidade de Coimbra. In *Livros de Matrículas (1641-1646)*. Vol. 9; Liv. 3, f. 66. «João Sucarelo fº de Antº Sucarelo de / Porto 26 de 8º».

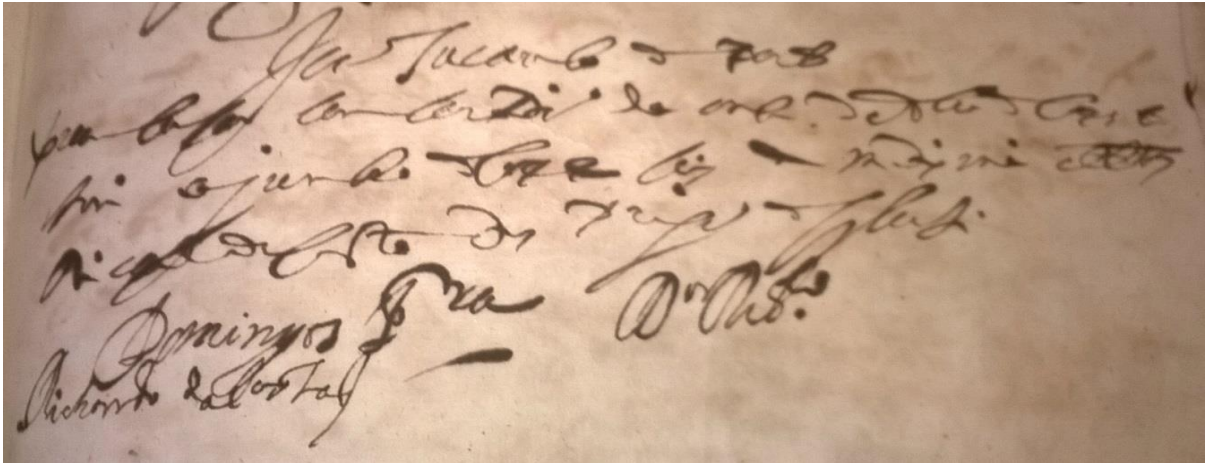


Fig. 12 – Arquivo da Universidade de Coimbra. In *Provas de Curso (1642-1645)*. Vol. 25; Liv. 2, f. 93r. «João Sucarelo do Porto / Provou cursar com certidão 11[?] de 8º de 643 te / fim de junho de 644 seis de medicina tts Ricardo da Costa / Dºs Pereira. / João da Silva es.» Assinam: Domingos Pereira, Domingos Ribeiro e Ricardo da Costa.

A terceira matrícula ocorreu em 30 de outubro de 1644.

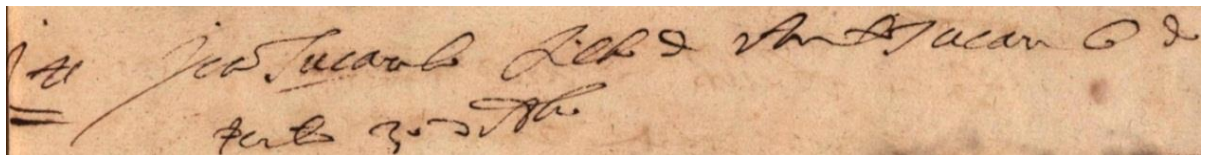


Fig. 13 – Arquivo da Universidade de Coimbra. In *Livros de Matrículas (1641-1646)*. Vol. 9; Liv. 4, f. 66. «João Sucarelo filho de Antº Sucarelo de / Porto 30 de 8º».

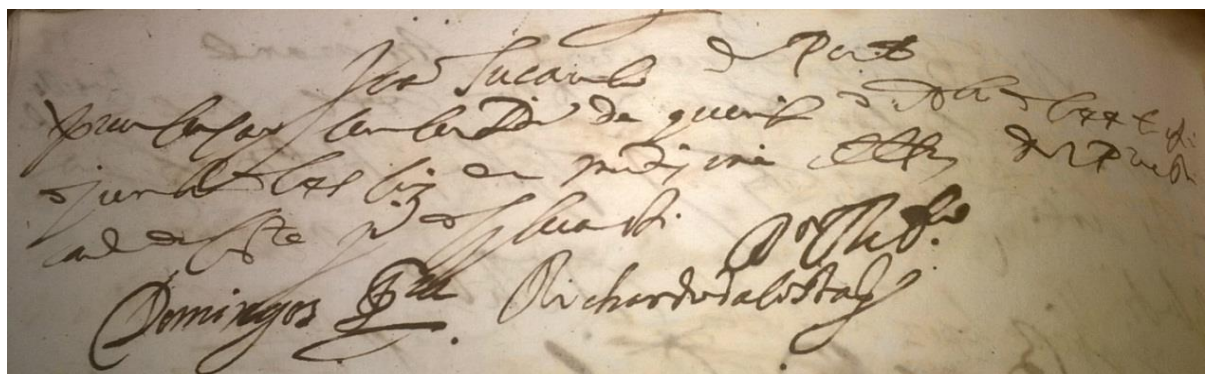


Fig. 14 – Arquivo da Universidade de Coimbra. In *Provas de Curso (1642-1645)*. Vol. 25; Liv. 3, f. 93v. «João Sucarelo do Porto / Provou cursar com certidão de quinze de 8º de 644 te fim / de junho de 645 seis de medicina tts Dºs Pereira [/ Ri/ cardo da Costa[.] João da Silva es.» Assinam: Domingos Ribeiro, Domingos Pereira e Ricardo da Costa.

A quarta matrícula data de 19 de outubro de 1645.

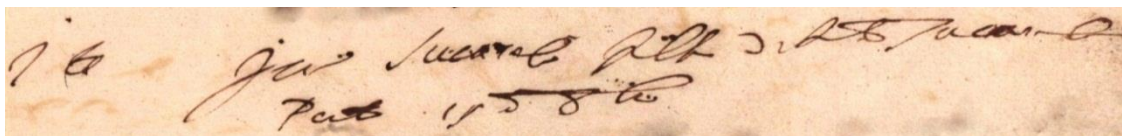


Fig. 15 – Arquivo da Universidade de Coimbra. In *Livros de Matrículas (1641-1646)*. Vol. 9; Liv. 5, f. 66r. «João Sucarelo filho de Ant^o Sucarelo / Porto 19 de 8^{bro}».

Eis a prova de curso de 1645-1646.

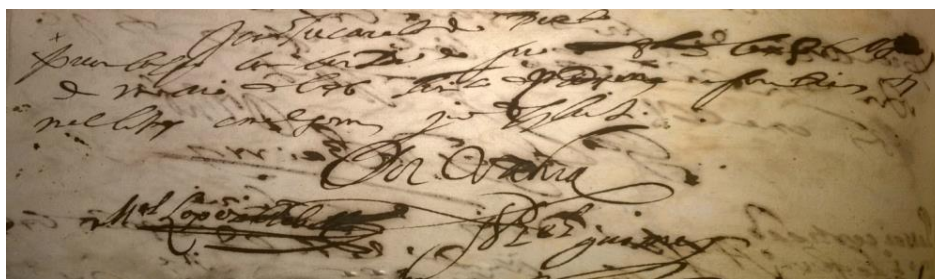


Fig. 16 – Arquivo da Universidade de Coimbra. In *Provas de Curso (1645-1648)*. Vol. 26; Liv. 1, f. 105v. «João Sucarelo do Porto / Provou cursar com certidão do p^{ro} de 8^{bro} de 645 te fim / de maio de 646 cinco de medicina foram ts M^{el} Lopes e M^{el} Gomes[.] João da Silva es.» Assinam: o Dr. Francisco Baía Teixeira⁸⁰, que no texto parece como «D^{of} Vahia», Manuel Lopes Rebello e Manuel Guomes.

A quinta matrícula verifica-se em 20 de novembro de 1646.

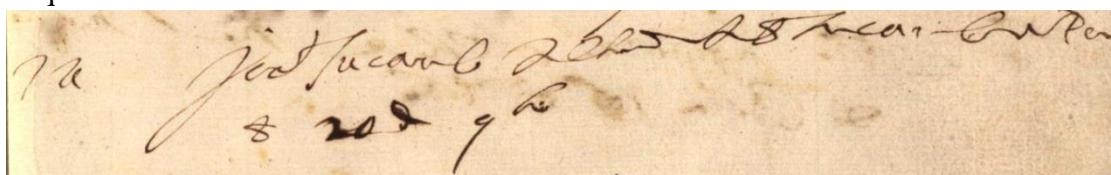


Fig.17 – Arquivo da Universidade de Coimbra. In *Livros de Matrículas (1641-1646)*. Vol. 10; Liv. 1, f. 66. «João Sucarelo filho de Ant^o Sucarelo Porto / 20 de 9^{bro}».

A última prova de curso exhibe-se de seguida, com a particularidade de darmos a conhecer que também Sucarelo retribuiu a gentileza ao atestar a presença no curso do colega João Mendes, da localidade de Figueiró, que fora sua testemunha. Transcrevemos apenas o primeiro texto, que é o que se refere ao autor de que nos ocupamos.

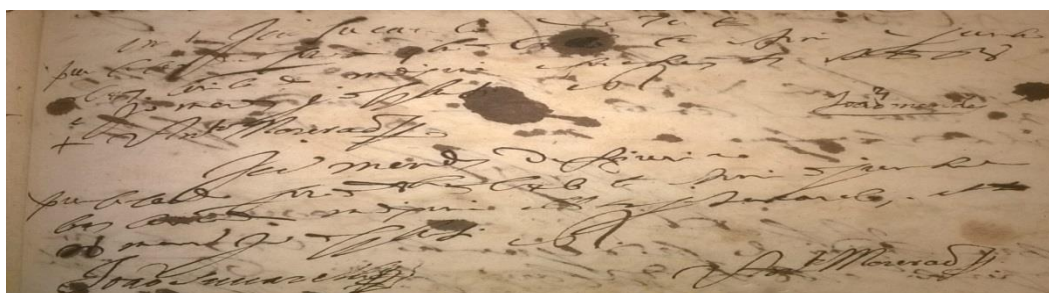


Fig. 18 – Arquivo da Universidade de Coimbra. In *Provas de Curso (1645-1648)*. Vol. 26; Liv. 2, f. 87r. «João Sucarelo do Porto / Provou cursar do p^{ro} de 9^{bro} de 646 te fim de / junho de 647 cinco de medicina e foram ts Ant^o Mourao e J^o Mendes[.] João da Silva es.» Assinam: João Mendes e António Mourão.

⁸⁰ Irmão do poeta Jerónimo Baía. Barbosa Machado, no tom laudatório que lhe conhecemos, refere-se a ambos os irmãos (Vd. 1747: II, pp. 277 e 529). Reproduzimos a assinatura do Dr. Francisco Baía Teixeira na Fig. 46.

No decorrer das nossas pesquisas, encontrámos no *Livro dos Actos e Graus deste anno de 641 p^a 642* um registo de 8 de março de 1642, cuja imagem facultamos de seguida, no qual consta que João Sucarelo terá faltado, por razões que não conseguimos apurar, ao exame de aprovação dos bacharéis, que só realizou em 1643.

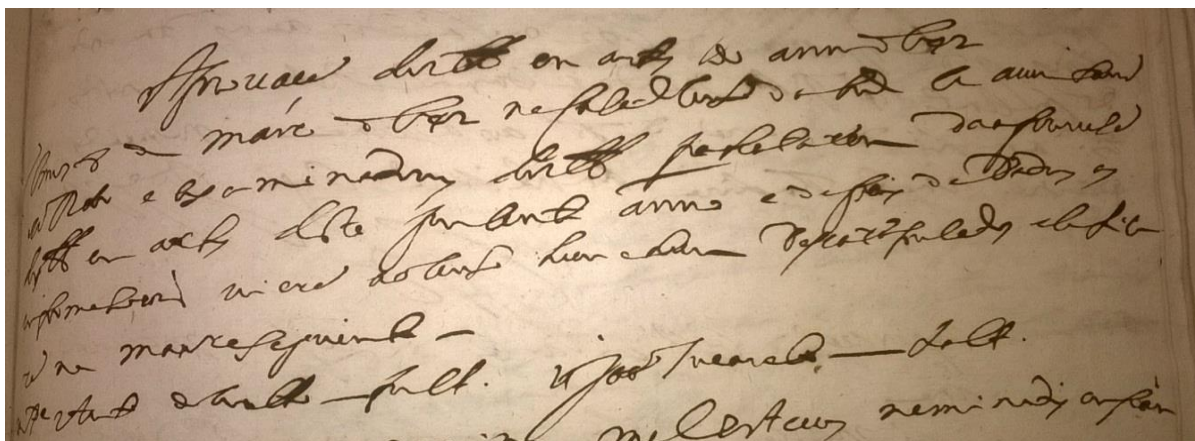


Fig. 19 – Arquivo da Universidade de Coimbra. In *Actos e Graus (1639-1643)*. Vol. 32; Liv. 3, f. 18r. «Aprovação dos bb [bacharéis] em artes do anno de 1642 / Em os 8 de março de 642 na sala do cons^o da Und de Coimbra o Sr Rtor e examinadores dos bb pa se fazerem as aprovações / dos bb em artes deste presente anno e depois de dadas as / informações vieram ao cons^o hum e hum [†] e aprovaram da maneira seguinte / João Sucarelo – falt.»

A obtenção do grau de Bacharel em Artes, veio a concretizar-se, efetivamente, em 28 de fevereiro de 1643. Como já referimos, de forma muito sucinta numa das nossa notas, os alunos que pretendessem ingressar nas Faculdades Maiores – pelo menos nas de Teologia e Medicina – tinham de ter cursado previamente em Artes⁸¹. Como esclarece Fonseca (1988, pp. 240-241):

as Artes [...] embora podendo constituir um curso autónomo, com graus próprios, possuem também um carácter propedêutico: obrigatório para os estudantes que quisessem ingressar em Teologia ou Medicina, os quais deveriam ser bacharéis em Artes e terem cursado o tempo necessário para se fazerem licenciados; facultativo para os candidatos à faculdade jurídicas, aos quais “sempre se /.../ levará em conta hum ano de Artes, se o tiver cursado em Coimbra ou Évora posto que não sejam obrigados os Canonistas e legistas a ouvillo”. A transição de Artes para Medicina ou Teologia é bem o indicador do que fica dito. De facto, nos seis meses do quarto ano de Artes «se lerá so a tarde, as

⁸¹ Nos seus primórdios, a tutela do Colégio das Artes era independente da Universidade. No entanto, Braga (1895: II, p.274) clarifica:

É natural que o Doutor João da Costa [que sucedeu a André de Gouveia] conhecesse a corrente de hostilidade que se levantava contra o Collegio das Artes; pareceu-lhe que a sua absoluta independência da Universidade seria talvez a causa d'essa animadversão, e, como meio de defesa, obteve do rei a provisão de 8 de novembro de 1549, pela qual o Collegio das Artes era incorporado na Universidade.

Ainda sobre esta matéria e de acordo com Fonseca (1988: p. 236):

O ensino do curso de Artes estava confiado, desde 1555, à Companhia de Jesus, que o ministrava, juntamente com a latinidade, no Colégio das Artes; mas os exames (para bacharel e licenciado, assim como as provas intermédias denominadas «respostas magnas» e «respostas parvas») deveriam ser feitos na universidade, sendo os graus conferidos na sala grande. O registo dos graus consta dos livros de Actos e Graus juntamente com os das outras faculdades.

três horas / . . . /. E as manhãs ficarão para nellas poderem os Artistas cursar a sciencia, que quizerem. E este curso se chama o da Intrancia⁸² que sera levado em conta pella ordem que acima he declarado, no título dos ouvintes de Theologia, e Medicina». Se, no curso de Artes, o sistema adoptado era o de os alunos terem um único mestre⁸³ que os acompanhava do início à conclusão, já nas faculdades maiores as matérias a leccionar estavam divididas por diversos lentes, cada um regendo uma das várias cadeiras. Estas obedeciam a uma participação tradicional em cadeiras maiores, e menores ou catedrilhas, e designavam-se quer de acordo com a hora a que eram leccionadas (utilizando-se para o efeito a nomenclatura das horas canónicas), quer segundo o seu conteúdo, quer ainda tomando o nome do autor do texto ou dos seus comentadores.

As duas imagens que se seguem documentam a obtenção do Bacharelato por parte de Sucarelo, com aclamação *nemine discrepante*, e foram retiradas do mesmo fólio, do qual se apresenta o texto introdutório com «as datas de exames e graus dos alunos, o nome dos lentes que estiveram presentes e/ou arguiram e os padrinhos apresentantes dos alunos» (Vd. Bandeira, s.d.: p. 7) e a parte final do rol dos examinandos – na Fig. 21–, onde consta o nome do autor, bem como a assinatura do Reitor Manuel de Saldanha e outras: «Os registos estão assinados pelo padrinho e por uma das testemunhas, ou pelo Reitor, Vice-reitor, Cancelário ou Vice-cancelário que estiveram presentes, sendo redigidos pelo Secretário da Universidade» (Bandeira, s.d.: p. 8). Evitou-se, desta forma, apresentar a relação dos restantes alunos.



Fig. 20 – Arquivo da Universidade de Coimbra. In *Actos e Graus (1639-1643)*. Vol. 32; Liv. 4, f. 15v. «Aprovação dos actos em artes de 1643 / Em os 28 de fevº de 643 na sala do conselho da Unde / estando presente o Snr Mel de Saldanha Rtor da Unde [†] os ex / aminadores este ano presente dos bb em artes abaixo / assinados ali iuntos para fazerem a aprovação dos bb este / ano presente se fizeram e logo veo hum a hum com o barre / te na mão e o Snr Rtor os louvou e reprehendeu conforme / o assento tomado e se aprovaram ne maneira seguinte:».

⁸² Passamos a transcrever do trabalho de Fonseca (1988: p. 241), a nota n.º 31, que nos parece de grande importância para melhor percebermos a transição do curso de Artes para Medicina:

Estatutos, Liv. III, tit. LVIII, § 3.º. Mário Brandão (*O Colégio das Artes, I*, p. 291 e nota 1) refere, situando-a no tempo a que o seu estudo se refere, a designação de «intranses», aplicando-a aos estudantes que cursam o quarto ano de Artes. O texto dos *Estatutos* parece indicar que, no período que consideramos, se trata daqueles que, na ponta final desse curso, se encaminham já para o estudo da Teologia ou da Medicina, impressão que fica reforçada se atendermos ao n.º 59 da *Reformação* que expressamente estipula «que nas Faculdades de Theologia e Medicina não seja matriculada pessoa alguma no anno de intrancia, sem ser Bacharel em Artes, ou ter já cursado o tempo que se requiere para o dito grao de Bacharel: e nos mais annos será licenciado em Artes, ou terá cursado o tempo, que se requiere para o ditto grao de Licenciado». (*Reformação*, n.º 59, p. 310).

⁸³ Rasteiro (1999: p. 63) apresenta informações divergentes quanto ao número de docentes do curso de Artes, referindo: «O Curso de Artes requeria conhecimentos prévios de Latim, durava três anos e sete meses e era ministrado por quatro lentes conhecedores da obra de Aristóteles (384-322 a.C.) que ensinavam Dialética, Lógica Física e Matemáticas.».



Fig. 21 – Arquivo da Universidade de Coimbra. In *Actos e Graus (1639-1643)*. Vol. 32; Liv. 4, f. 15v. «João Sucarelo | do ano / de 642 nemine discrepante». Assinam: M^{el} de Saldanha Rt^{or}, João de Souza, Lourenço de Aguilár e M^{el} d' Afon^{ca} d'Azevedo.

Com o Bacharelato assegurado, estavam criadas as condições para que Sucarelo pudesse ingressar na Faculdade de Medicina, mas não sem antes ser sujeito a um processo de inquirição de pureza de sangue, com o fim de fazer prova de ser descendente de cristãos-velhos, condição a que estavam sujeitos os médicos e boticários, como já tivemos oportunidade de esclarecer. A questão da pureza de sangue era já antiga, tendo, inclusivamente, D. Sebastião tomado medidas nesse sentido, como já vimos na p. 46. Teófilo Braga (1895: II, pp. 219-220 e 492) acrescenta:

[*Os médicos*] não davam garantia de serem christãos velhos, e isso é que era a questão vital. Era preciso promover o estudo da Medicina na Universidade, porque só ahi se inquiriam costumes e crenças. Tal foi o motivo da fundação dos Partidos de Medicina na Universidade, de trinta estudantes christãos velhos, com um subsidio official. [...]

Ter limpeza de sangue era ser oriundo de pães christãos-velhos; ser de raça ou nação era ter na genealogia algum parente de origem judaica ou mauresca. Por isso no processo inquisitorial havia uma assentada sobre a genealogia, para se apurar se o preso era de raça, meio christão-novo ou quarto de christão-novo, segundo a linha dos seus ascendentes. Para os despachos officiaes era necessário um inquérito á geração do candidato; ninguém podia receber mercê de um Partido de Medicina ou de uma Collegiatura sem provar que era christão-velho; o mesmo para a provisão de uma Conezia dou-toral ou magistral nas sés do reino.

Com efeito, o nome de Sucarelo vigora numa lista de candidatos aprovados, que consta de dois fólhos inumerados de *Aprovação das Inquirições e Oposições de Médicos e Boticários (1618-1706)*.

Os fólhos de que falámos, do provimento de vinte e duas vagas para o curso de Medicina, com a data de 10 de março de 1643, são reproduzidos a seguir.

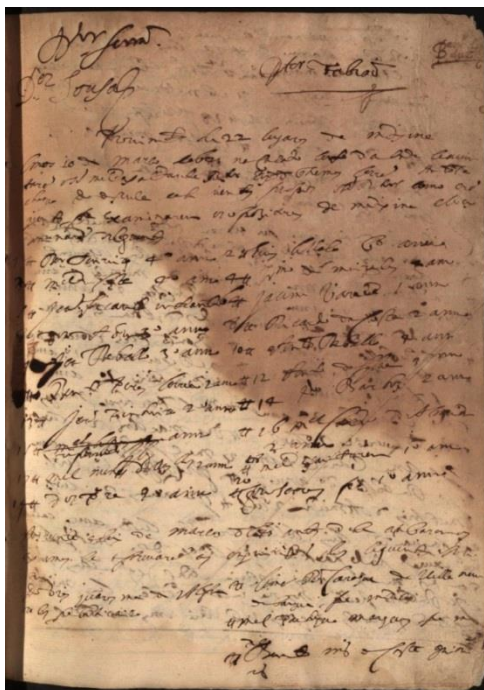


Fig. 22 – Arquivo da Universidade de Coimbra. In *Aprovação das Inquirições e Oposições de Médicos e Boticários (1618-1706)*.

«Provim^{to} de 22 lugares de Medisina / Em os 10 de março de 643 na casa do Cons^o da U^{nde} se ayun / taram o Sr M^{el} de Saldanha R^{ior} e os dd Thomas Serrão Antonio Pa / Checo D^o de Sousa e ali iuntos propos o Sr Reitor como eram / juntos p^a examinarem os opozitores de Medisina e se ex / aminaram os seguintes». Segue-se a lista dos candidatos, na qual consta o nome de João Sucarelo, que aparece em quinto lugar, seguido da designação «intrante».

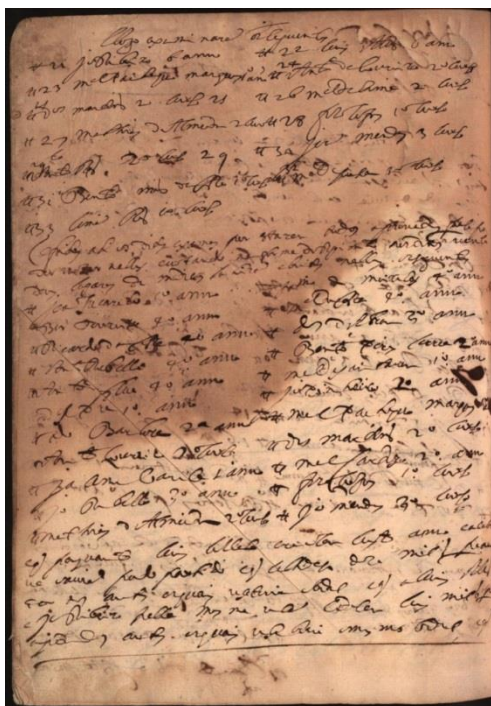


Fig. 23 – Arquivo da Universidade de Coimbra. In *Aprovação das Inquirições e Oposições de Médicos e Boticários (1618-1706)*.

«E feitos ali os ditos exames por estarem todos aprovados para se po / der votar neles e votando na forma do regimento [†] / dos lugares de medicos sahirao eleitos e neles os seguintes/». Segue-se a lista dos candidatos, aparecendo João Sucarelo em primeiro lugar.

Sobre a habilitação a partidos médicos, Rasteiro (1999: p. 72) é bastante esclarecedor⁸⁴:

A santa inquisição condicionava toda a vida universitária, desde a admissão de alunos, até à escolha de professores. O REGIMENTO DOS MÉDICOS E BOTICÁRIOS CHRISTÃOS VELHOS, posterior a 1564, anexado aos Estatutos da Universidade de 1604 e em 1653, determinava que os alunos “*que ouverem de ser admitidos ao partido de medicina (correspondente a Bolsas de Estudo actuais), não hão de ter raça de Judeu, Christão novo, nem Mouro, nem proceder de gente infame, nem ter doenças contagiosas: hão de ser de habilidade, & esperanças, & sendo possível, honrados & de boa graça, & pessoa, porém ainda que o não sejam, nem por isso se terão por inhabeis, tendo as mais qualidades.*”

O pedido de admissão seria a tendido se as informações que o o Reitor mandava colher “*com muito segredo*”, fossem favoráveis.

Com efeito, Sucarelo, após o «trâmite da inquirição» (a expressão é de Bandeira, 1997: p. 358), que terá incluído, entre outros procedimentos, a averiguação «da veracidade das informações fornecidas» e auscultação de testemunhas (vd. Bandeira, 1997: pp. 358-359), beneficiou do partido médico (da “bolsa de estudo”) referido anteriormente, como provam as figuras que se seguem, com numeração nossa, relativas ao ano letivo de 1643-1644, as únicas que encontrámos em *Arca dos Médicos e Boticários (1633-1734)*.

Apesar da deficiente percetibilidade da primeira imagem, não podíamos deixar de reproduzi-la, uma vez que faculta informações muito pertinentes sobre a situação académica do autor, nomeadamente o ano em que se encontrava (2.º Ano), a quantia de que beneficiava – cinco mil e quatrocentos reis – que terá sido o primeiro pagamento que recebeu, referente ao segundo quartel de 1643; o facto de ter apresentado fiança⁸⁵ (que não lográmos encontrar, pelo que se coloca a hipótese de não ter sido celebrado no notário da academia); e, essencialmente, o primeiro, embora muito reduzido, texto autógrafo do autor com a primeira assinatura que conseguimos encontrar.

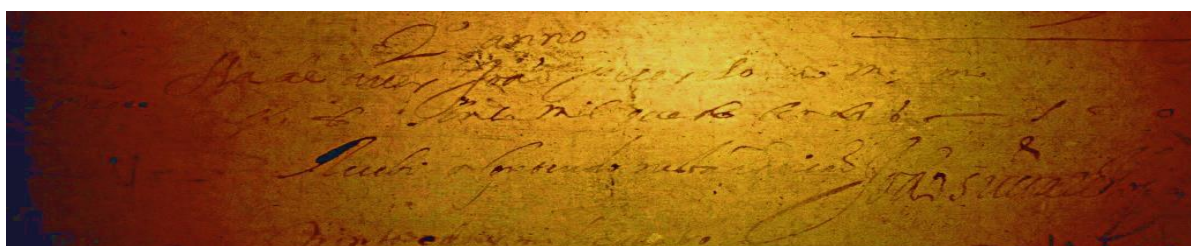


Fig. 24 – Arquivo da Universidade de Coimbra. In *Arca dos Médicos. Documentos de receita e despesa relativos a Partidos de Médicos e Boticários (1633 -1734)*, [f. 3v.].

«2.º anno / Ha de aver João Sucarelo ao mesmo / respeito de sinco mil quatro centos / 5400 / Recebi o conteudo nesta addição / João Succarello». Na margem pode ler-se «já deu fiança».

⁸⁴ Sobre a habilitação a partidos médicos e boticários cf. também Bandeira (1997).

⁸⁵ Ana Maria Leitão Bandeira, adiantou-nos que «Significa que já fizera escritura de obrigação e fiança. Esta escritura era feita perante o tabelião da Universidade ou perante um tabelião de Coimbra, destinando-se a dar garantia de que receberia o “partido médico” e que permaneceria a estudar na Universidade. Apresentava um fiador que pagaria à Universidade o montante recebido se não cumprisse a obrigação de estudar e permanecer na Universidade».

A imagem que se segue é referente ao último quartel de 1643.

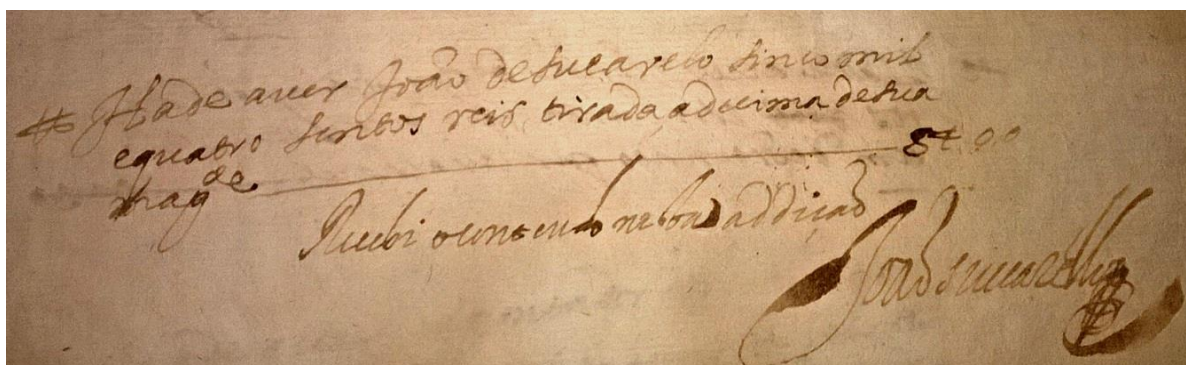


Fig. 25 – Arquivo da Universidade de Coimbra. In *Arca dos Médicos . Documentos de receita e despesa relativos a Partidos de Médicos e Boticários (1633-1734)*, [f. 18r].

«Ha de aver João de Sucarelo cinco mil / e quatro sentos reis tirada a decima de sua / Mag^{de} / 5400 / Recebi o conteudo nesta addição / João Succarello».

A figura seguinte atesta o pagamento dos quatro primeiros meses de 1644. A anotação aposta faculta-nos a informação de que Sucarelo há de ter recebido um adiantamento, o que só acontecia com a interferência de alguém importante na hierarquia da Universidade, neste caso o próprio Reitor, como se verá adiante. A antecipação do pagamento poderá denunciar uma situação de poucos recursos económicos, como já aventámos, relativamente à atribuição do partido ao autor. Lembramos que este só era concedido a quem comprovasse uma situação de carência financeira.

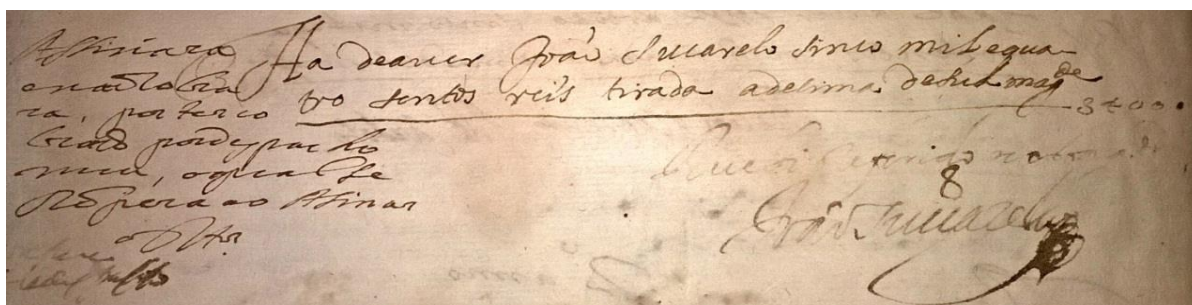


Fig. 26 – Arquivo da Universidade de Coimbra. In *Arca dos Médicos . Documentos de receita e despesa relativos a Partidos de Médicos e Boticários (1633-1734)*, f. 14v.

«Ha de aver João Sucarelo cinco mil e qua / tro sentos réis tirada a decima de sua Mag^{de} / 5400.» Na anotação da margem refere-se que «Assinara / e não cobra / ra, por ter cobrado por despacho / meu, o qual se rompera ao Asinar». Assina O Rtor. Sucarelo escreve «Recebi o referido cobrado» e assina.

A prova inequívoca do adiantamento mencionado encontra-se na imagem que se segue, que contém, escrita pelo punho do autor de forma muito legível (um dos escassos documentos autógrafos que lográmos encontrar), a informação em que tal ocorreu: no último dia de março de 1644. Procurámos apresentar estes elementos de forma consideravelmente mais visível na figura que se lhe segue, que contém dados muito interessantes sobre as circunstâncias da antecipação do pagamento: Sucarelo teria de ausentar-se com «causa justa», de acor-

do com o Reitor, que a 30 de março autorizou a remuneração auferida a 31 do mesmo mês. Desconhecemos os motivos que terão levado o autor a partir.

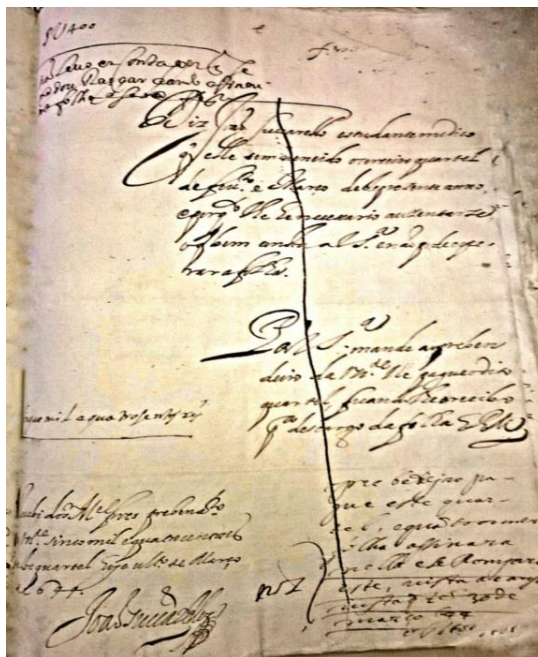


Fig. 27 – Arquivo da Universidade de Coimbra. In *Arca dos Médicos. Documentos de receita e despesa relativos a Partidos de Médicos e Boticários (1633-1734)*, f. 40r.

No canto superior esquerdo lê-se «não levo em conta porque se / mandou rasgar cando asinou / na folha e se não regista». No segundo parágrafo regista-se «Diz João Sucarelo estudante medico / q elle tem vencido o terceiro quartel / de fev^{ro} e Março e deste presente anno / e porq^{to} lhe he necessario auzentarse / o q bem consta a V. S^a e não pode espe / rar a folha.». Mais abaixo refere-se «P^a V. Sr^a mande ao preben / deiro da Un^{de} lhe pague o dito / quartel, ficando lhe o recibo / para descargo da folha ERM». O pedido anterior teve como resposta do Reitor «O prebendeiro pa / gue este quar / tel, e quando ouver / folha assinara / nela se rompera / este, vista a causa / justa que tem 30 de / março de 644 / O R^{tor}». Ao lado do terceiro parágrafo indica-se a verba de cinco mil e quatrocentos reis e no cimo do fólio encontra-se a assinatura do Froes, o prebendeiro. O risco que se observa no fólio indica que a situação ficou resolvida.

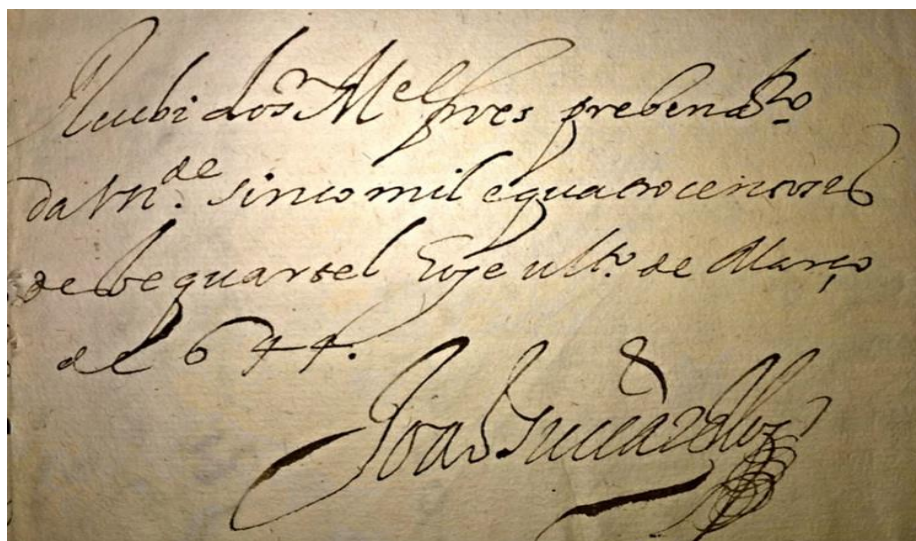


Fig. 28 – Arquivo da Universidade de Coimbra. In *Arca dos Médicos. Documentos de receita e despesa relativos a Partidos de Médicos e Boticários (1633-1734)*, f. 40r.

«Recebi do Sr. M^{el} Froes prebende^{ro} / da Un^{de} sinco mil e quatrocentos reis / deste quartel hoje ult^o de Março / de 644. / João Succarelo».

Ao que parece, Sucarelo terá sido um aluno aplicado, não só pelas frequentes menções de aprovação *nemine discrepante* que granjeia, como pelo fluído decorrer da sua vida académica, seguindo, aparentemente, sem interrupções todo o percurso até ao epílogo da Formatura. Ao Bacharelato, seguiu-se, muito naturalmente, a Licenciatura em 4 de maio de 1646, para, pouco tempo depois, a 13 de maio do mesmo ano, lograr obter o grau de Mestre em Artes. Apresentamos, de seguida, os comprovativos destas etapas determinantes na vida de Sucarelo. Não procedemos à transcrição dos textos, tal como aconteceu com os anteriores, em virtude da sua razoável legibilidade.

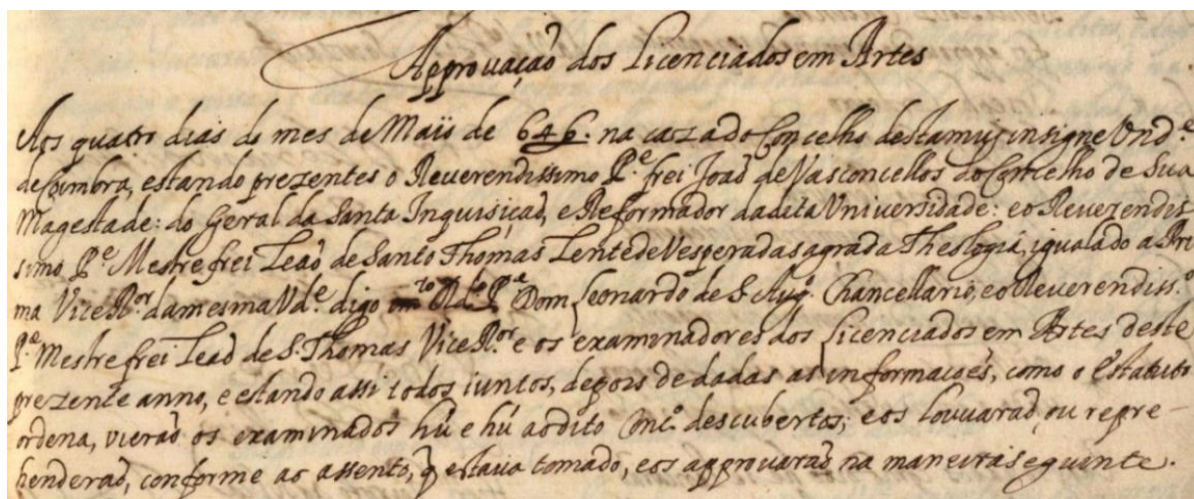


Fig. 29 – Arquivo da Universidade de Coimbra. In *Actos e Graus (1643-1649)*. Vol. 33; Liv. 3, f. 17r.



Fig. 30 – Arquivo da Universidade de Coimbra. In *Actos e Graus (1643-1649)*. Vol. 33; Liv. 3, f. 17v.

A seguir à primeira lista de alunos, pode ler-se «E aprovados como dito he se lançarão / sortes para mestres em Artes na man^a seguinte.» Após a segunda lista, regista-se «E tiradas as d^{tas} sortes assentarão elles srs/ q o grao se desse amanhã seis de Maio as oi- / to horas. Fran^{co} Barreto e Sousa secretario da U^{de} o fez.» Assinam: Sousa, o Dr. Dom Leonardo de St^o Aug^o / Prior Geral / Cancellario, Frei Leão de St^o Thomás Vice R^{tor}, Pero Peixoto, Ant^o Pinheiro, Hier^{mo} Peixoto da Sylva, João da Rocha e Leam Lopes de Moraes.

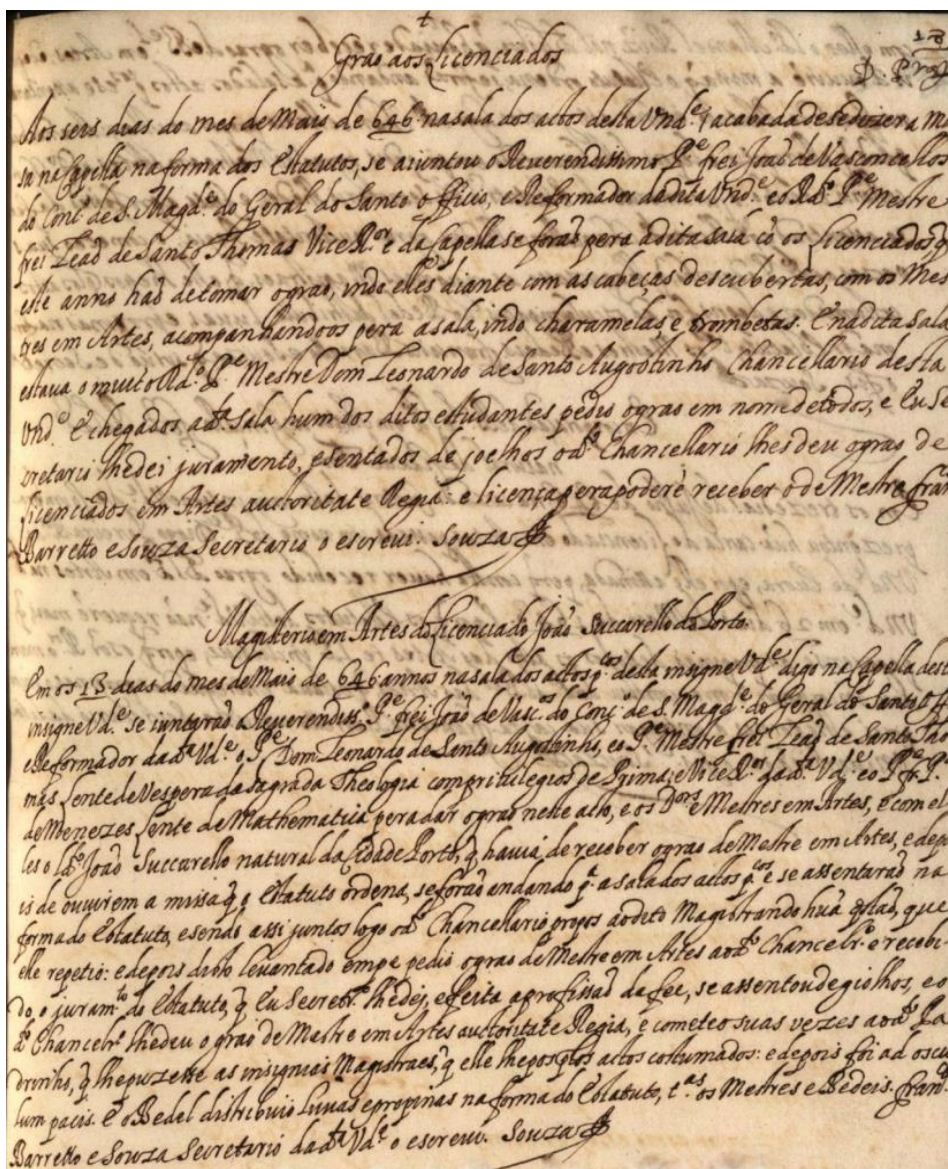


Fig. 31 – Arquivo da Universidade de Coimbra. In *Actos e Graus* (1643-1649). Vol. 33; Liv. 3, f. 18r.

O cerimonial que envolvia a obtenção dos graus, e que se encontra descrito nas imagens, encontrava-se estabelecido nos *Estatutos* da Universidade, como informa Fonseca (1988) em nota da p. 237: «Ao contrário do que se passa nas outras faculdades, os graus de bacharel e licenciado em Artes são conferidos colectivamente, numa cerimónia que se desenrola na sala grande da Universidade. Da mesma forma, a comunicação dos resultados é feita após os exames e consta de um único assento nos livros de Actos e Graus. Só o grau de magistério é conferido individualmente segundo uma ordem estabelecida por sorteio.», como se depreende das «sortes» mencionadas na Fig. 30.

Sucarelo encontrava-se plenamente dotado de todas as condições que lhe permitiriam prosseguir na conquista de habilitações para o desempenho da carreira médica. Qual seria o seu plano de estudos? Como seria, à época, a formação de um médico?

Apresentaremos muito sumariamente o currículo que terá sido por ele seguido. O percurso letivo media-se em cursos, cada um correspondente a um ano letivo⁸⁶. Em Medicina estudavam-se seis cadeiras: a de “Prima”, na qual se lia Galeno, que era lecionada ao nascer do sol, às seis da manhã; a de “Véspera”, em que se lia Hipócrates, decorria uma hora antes do pôr do sol, às cinco da tarde; a cadeira de “Terça” era ministrada às nove horas, a meio da manhã, portanto, para os horários da época, tratando-se Avicena; “Nona” ou “Noa” retomava Galeno e era dada uma hora antes de “Véspera”; depois desta última, ou à hora a que o conselho de docentes o entendesse ministrava-se “Cirurgia”; “Anatomia” dava-se perto do jantar (o almoço atual), entre as onze e as doze horas⁸⁷. Os quatro doutores lentes das cadeiras maiores (as quatro primeiras) visitavam os doentes para que os estudantes pudessem praticar, uma hora durante a manhã, depois da lição de “Terça” e meia hora à tarde, após a de “Véspera”. (*apud* Rasteiro, 1999: pp. 63 a 65)⁸⁸.

São consensuais as críticas negativas aos métodos de estudo a que os estudantes estavam sujeitos: Joaquim de Carvalho in *Organização do ensino superior: as Universidades de Coimbra e de Évora* (s. d.) refere que:

em todas as cadeiras as preleções eram diárias, durando uma hora, salvo as de Prima, hora e meia. Os proventos e obrigações dos mestres das catredilhas [*também designadas cadeiras menores*] não eram iguais aos das cadeiras maiores, mas para uns e para outros o ensino revestia o mesmo carácter livresco e a mesma orientação escolástica, isto é, a preleção obedecia sempre ao rígido esquema de formular a questão com base no texto da aula, indicar as soluções opostas e concluir pela aconselhável ou verdadeira. [...]

Em todas as faculdades universitárias foi lei a obrigatoriedade de textos, e daí a escravização do mestre ao já sabido e a impossibilidade do progresso científico; em todas se nota a regulamentação minuciosa dos deveres magistrais e a ausência de ensino prático, as quais obstaram à renovação pedagógica, e finalmente o mesmo gosto e cultivo das disputas, que trouxe consigo a esterilidade do ensino e o seu isolamento da cultura contemporânea. Pode dizer-se sem exagero que as faculdades maiores tinham carácter técnico, e quem as cursava ambicionava apenas a conquista dos graus académicos, isto é, o acesso à burocracia e ao exercício das profissões liberais. Para a grande maioria dos mestres a escolaridade foi um meio de vida, assim como para os estudantes uma quadra divertida, senão picaresca, e consequentemente as disciplinas que exigiam o exercício desinteressado da atividade intelectual nem tiveram ambiente, nem encontraram cultores. [...]

Com tais métodos de ensino e planos de estudos a originalidade tornou-se aberração e a renovação de ideias, heresia; e porque a vigência dos Estatutos filipino-joaninos se prolongou integralmente até à reforma pombalina, a vida universitária oferece o espetáculo da inércia e da carência de ideais científicos.

⁸⁶ *Apud* Fonseca (1988, p. 243).

⁸⁷ *Idem, ibidem*: pp. 241-242:

A designação das cadeiras pela hora canónica indicava a sua distribuição ao longo do dia. Permanece, contudo, como designação exclusivadas duas cadeiras mais importantes de cada faculdade, Prima e Véspera. Nas outras, era mais frequente que o nome indicasse o conteúdo das matérias lecionadas; [...].

⁸⁸ Sobre este assunto cf. *Estatutos da Universidade de Coimbra (1653)*. Por ordem da Universidade. Edição Fac-similada. Coimbra, 1987. Cerejeira (1927: pp. 35-36) e Fonseca (1997: p. 842) coincidem na organização curricular que apresentam, diferindo ligeiramente daquela que apresentámos a partir de Rasteiro.

Jaca (s.d.: p. 26) reitera a informação anterior anuindo que, após a Restauração, os alunos eram, essencialmente, meros “ouvintes”, limitando-se a acumular informação:

No que respeita à universidade de Coimbra, a instituição desviara-se do seu “trilho” normal, permitindo, e com frequência, certos abusos prejudiciais às boas normas do ensino e à actividade docente. A Universidade caiu num estado de abatimento geral que punha a descoberto uma organização puramente teórica, sem curiosidade investigadora, interessando-se, isso sim, pela representação exterior, participação frequente nas festas e cortejos universitários e citadinos e «trocando os labores da ciência pelas funções bem remuneradas da vida pública».

É neste conjunto de circunstâncias (que só tenderia a alterar-se para melhor com a reforma pombalina) que, em 27 de janeiro de 1647, tem lugar a 1.^a Tentativa de Sucarelo e em 8 de junho, a 2.^a Tentativa⁸⁹, em ambas com louvor *nemine discrepante*, como atestam os documentos que se seguem.

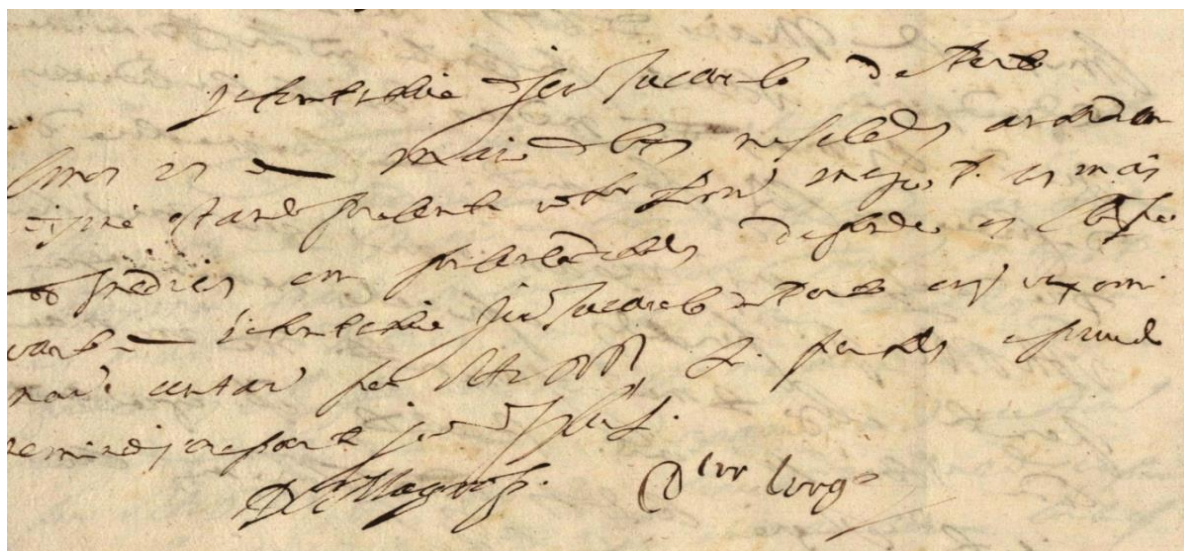


Fig. 32 – Arquivo da Universidade de Coimbra. In *Actos e Graus (1643-1649)*. Vol. 33, Liv. 4, f. 85v.
«1.^a tentativa de João Sucarelo do Porto / Em os 27 de Maio de 1647 na sala dos autos de Me /dicina estando presente o Dtor Fernão Magro P. [adrinho] e os mais / Dtors Médicos, em presença de todos defendeu as Ccls [conclusões] para / o acto de 1.^a tentativa João Sucarelo do Porto em que examinaram e votaram por AA RR foi por todos aprovado / nemine discrepante. João da Silva es.». Assinam: o Dtor Magro P. [Fernão Magro Freire⁹⁰, Padrinho] e o Dtor Jorge [Sebastião Jorge].

⁸⁹ De acordo com Joaquim de Carvalho in *Organização do ensino superior: as Universidades de Coimbra e de Évora*, (s. p.), os atos de Tentativas eram provas de aproveitamento.

⁹⁰ De acordo com Braga (1895: II, p. 807, anotação1), o Doutor Fernão Magro foi nomeado para a cadeira de Cirurgia a 12 de outubro de 1635.

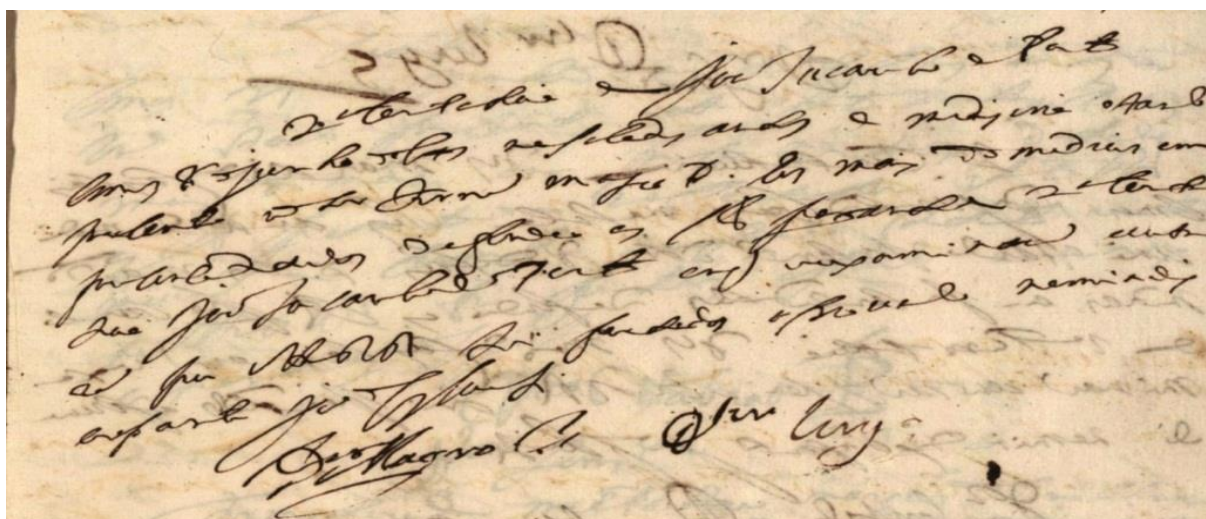


Fig. 33 – Arquivo da Universidade de Coimbra. In *Actos e Graus (1643-1649)*. Vol. 33, Liv. 4, f. 87r. «2.^a tentativa de João Sucarelo do Porto / Em os 8 de Junho de 647 na salas dos autos de Medicina estando / presente o Dtor Fernão Magro P. e os mais Drs Médicos em / presença de todos defendeu as Ccls [Conclusões] para o acto de 2.^a tenta / tiva João Sucarelo do Porto em que examinaram e vota / ram por AA RR e foi por todos aprovado nemine discrepante. João Silva S.[Secretário]». Assinam: o Dtor Magro P. [Fernão Magro Freire, Padrinho] e o Dtor Jorge [Sebastião Jorge].

Finalmente, o ato de Formatura de João Sucarelo Claramonte, com aclamação *nemine discrepante*, ocorre a 22 de junho de 1647, como se comprova:

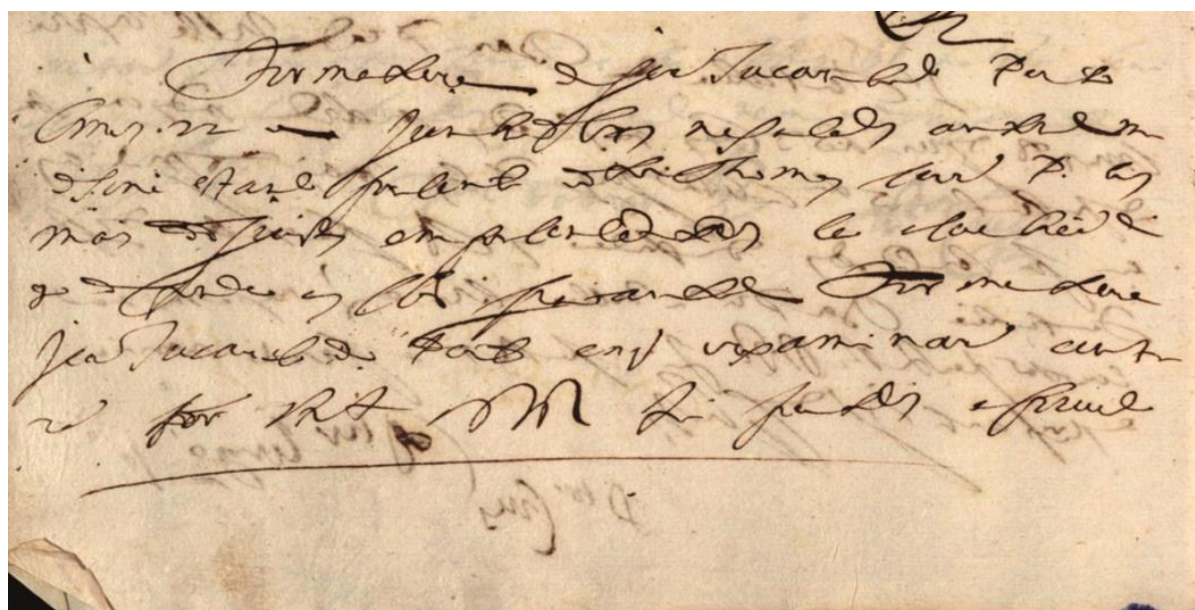


Fig. 34 – Arquivo da Universidade de Coimbra. In *Actos e Graus (1643-1649)*. Vol. 33; Liv. 4, f. 87v. «Formatura de João Sucarelo do Porto / Em 22 junho de 647 na sala dos autos de Me / dicina estando presentes o Dr. Thomas Serrão P. [Padrinho] os mais Snrs juristas em presença de todos leo a sua lição / de ponto pera o acto de formatura/ Joao Sucarelo do Porto em que examinaram e vota / ram per AA RR foi por todos aprovado».



Fig. 35 – Arquivo da Universidade de Coimbra. In *Actos e Graus (1643-1649)*. Vol. 33; Liv. 4, f. 88. «nemine discrepante, e logo eu secretario lhe/ dei o juramento da immaculada Conceição e o dito P. o grao authoritate Regia sendo ts os Ds/ Thomas Serrão e o Ds Sebastião Jorge medicos[.] João da Silva es.». Assinam: o Dtor. Serrão P. [Tomás Serrão de Brito] e o Dtor Jorge [Sebastião Jorge].

2.2. Uma presumível (e breve) carreira docente

As ligações de Sucarelo à Universidade de Coimbra não cessaram com a sua Formatura. Embora saibamos que o poeta voltou ao Porto e que em dezembro de 1647 se encontrava na *Invicta*⁹¹, conjecturamos que terão continuado, até à sua partida para o Alentejo, que deveria ter decorrido entre finais de 1650 ou nos alvares de 1651, em contexto que explanaremos no capítulo “Sucarelo e a Guerra da Restauração”, mas que, efetivamente, não aconteceu. Por esta altura, era já um reputado médico e cirurgião, como concluímos a partir do parecer do Conselho de Guerra enviado ao Rei D. João IV, para a contração de Sucarelo como cirurgião do exército do Alentejo. Neste parecer (que será transcrito integralmente no capítulo referido anteriormente), é caracterizado como «hum muito bom cirurgião e medico» e como «sojeito perito [...] não só na arte de cirurgia, mas tambem na medicina». Juntamente com a apreciação do Conselho de Guerra, com data de 2 de novembro de 1650, segue uma breve missiva do autor enviada ao Rei, na qual o próprio esclarece não só a sua situação familiar, como também profissional e afirma os seus projetos para o futuro, bem como as condições para aceitar o seu “desterro” em Elvas.

Partindo das palavras do autor, cremos que terá sido lente de uma cadeira menor, que recebia quarenta mil reis, que tinha esperança de progredir na carreira universitária e que afe-

⁹¹ Chegámos a esta conclusão a partir da leitura do romance “Que fazeis na vossa Terra” e da respetiva legenda.

ria rendimentos que provinham das suas habilitações, referindo-se certamente à prática da sua atividade médica.

Este breve escrito de Sucarelo é dos raros documentos autógrafos do autor que lográmos encontrar, pelo que, pela sua importância, será reproduzido e transcrito integralmente em “Sucarelo e a Guerra da Restauração”. Nesta fase, apresentamos apenas um excerto relevante para atestarmos as nossas asserções.

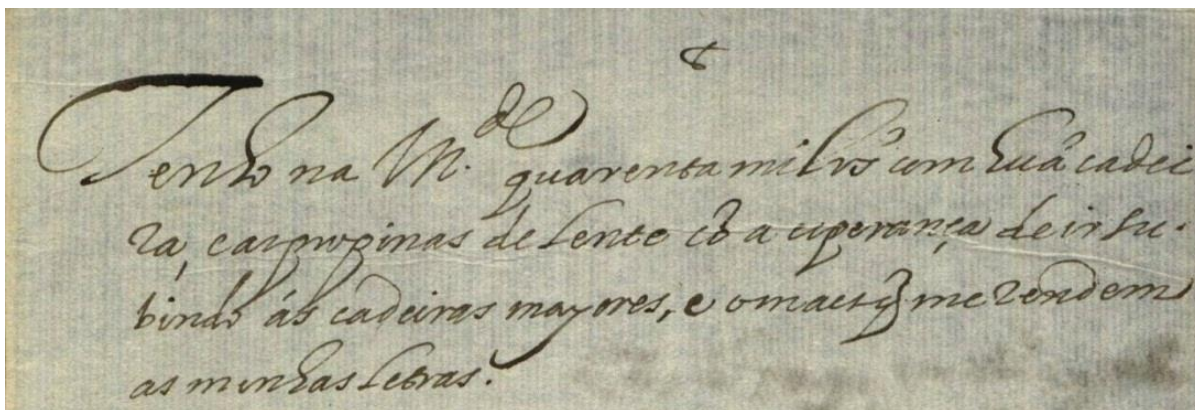


Fig. 36 – Arquivo Nacional Torre do Tombo. In *Consultas do Conselho de Guerra*. Maço 10.º, nº 174. «Tenho na Vniversidade quarenta mil réis em hũa cadeira, e as propinas de lente cõ a esperança de ir subindo ás cadeiras mayores, e o mais que me rendem as minhas letras. [...]»

Apesar dos nossos esforços, nomeadamente de pesquisas levadas a cabo no *Memoria Professorum Universitatis Conimbricensis (1290-1772)*, onde se encontram elencados todos os lentes de Coimbra do período de tempo assinalado, e nas *Folhas de Ordenados de Professores e Empregados e Tenças (1644-1650)* do AUC, não encontrámos o nome de Sucarelo nem lográmos identificar a cadeira, supostamente, lecionada por ele, pelo que estamos convictos de que o autor terá empolado a sua condição de lente. De acordo com informações prestadas por Ana Maria Leitão Bandeira, quando muito, Sucarelo poderá ter sido o que se designava em Medicina por condutário, ou seja, lecionaria uma ou várias cadeiras, mas apenas em substituições episódicas dos professores efetivos. A autora acrescenta também que a missiva lhe suscita dúvidas, uma vez que a linguagem não lhe parece ser a de uma petição oficial dirigida ao Rei, por falta do formalismo habitual nestas situações. Assim, compreende melhor a ousadia do poeta em dizer que tinha na Universidade 40 mil réis e as propinas de lente.

Efetivamente, se Sucarelo foi, pontualmente, um professor substituto, cremos que apenas o poderá ter sido numa das duas catedrilhas de Galeno do curso de Medicina. Cerejeira (1927), na sua obra *Notas Históricas sôbre os Ordenados dos Lentes da Universidade*, facultou-nos informações determinantes para podermos chegar a esta conclusão, ao apresentar

uma perspetiva diacrónica sobre o assunto. Assim, debruçando-se sobre os “Ordenados estabelecidos nos estatutos filipinos” (pp. 32-40), informa sobre os valores auferidos à época pelos lentes de todas as cadeiras de todos os cursos, os maiores e os menores. Cruzando as informações e os dados das folhas de vencimentos apresentados com a informação do autor sobre o ordenado de «quarenta mil réis» que recebia, só se vislumbram as catedrilhas de Medicina e as de Instituta, do curso de Leis. Rejeitamos estas últimas, por razões evidentes.

Em *Memoria Professorum Universitatis Conimbrigensis (1290-1772)*, Vol I, sob a direção de Manuel Augusto Rodrigues, detetam-se diferenças de ordenado relativamente aos lentes da primeira catedrilha e da segunda. No que concerne aos primeiros adianta-se o valor de 50 000 rs; quanto aos outros pode ler-se «Na segunda catedrilha de Galeno ensinavam-se os livros *De methodo medendi* (do 7.º ao 12.º) e o *De sanguinis missione* em dois anos; nos outros três, os livros *De temperamentis* a *Arte curativa ad Glauconem* e o livro *Quos et quando purgare conveniat* (salário de 40 000rs).» Este valor vai ao encontro do auferido pelo «Doutor Diogo da Cruz, lente da Cadeira de Methodo do curso de Medicina da Universidade de Coimbra», que se queixa de receber apenas «[...] 40\$ rs. o mais infimo e diminuto sellario que tem lente algum na Universidade, pois as Cathedrilhas das outras faculdades tem sessenta mil rs., e ainda as da sua mesma estão aventejadas, [...]», comparando o seu salário com o do «Doutor Fernão Magro, Lente de Cirurgia (cadeira inferior á de Methodo)», que viu o seu salário aumentado em 30\$ rs. Estas e outras questões salariais dos lentes de Coimbra são circunstanciadas por Braga (1895: II, pp. 808-809), que se debruça também sobre o aproveitamento dos dinheiros da *Arca dos Médicos*.

As ambições do autor que nos ocupa à progressão na carreira universitária confirmam-se pela sua oposição⁹² a um concurso de lente da cadeira de Cirurgia, que, de acordo com os planos de estudos do curso de Medicina apresentados por Cerejeira (1927) e Fonseca (1997), era uma das quatro cadeiras maiores. A candidatura à cadeira foi apresentada a cinco de maio de 1649, tal como atesta o registo que apresentamos de seguida. No entanto, há informações que atribuem a posse desta cadeira a outro opositor, por volta de 1650⁹³.

⁹² Fonseca (1988: p. 247), sobre o termo “opositores”, explica «[designa] qualquer indivíduo que, com as qualificações requeridas, entra em concurso seja para obter um benefício, um cargo ou uma cadeira.». Na p. 248, esclarece que a residência na Universidade era condição essencial, embora não fosse única, para se poder concorrer.

⁹³ Monteiro (1926: pp. 6-7): «De facto, em 1649 aparece João Sucarelo na Universidade de Coimbra como *opositor* a uma cadeira de Cirurgia, para a qual foi nomeado outro concorrente em 1650».

Estas informações devo-as também ao presado colega Dr. Maximino Correia, que em 28 de Julho do ano corrente me disse em carta:

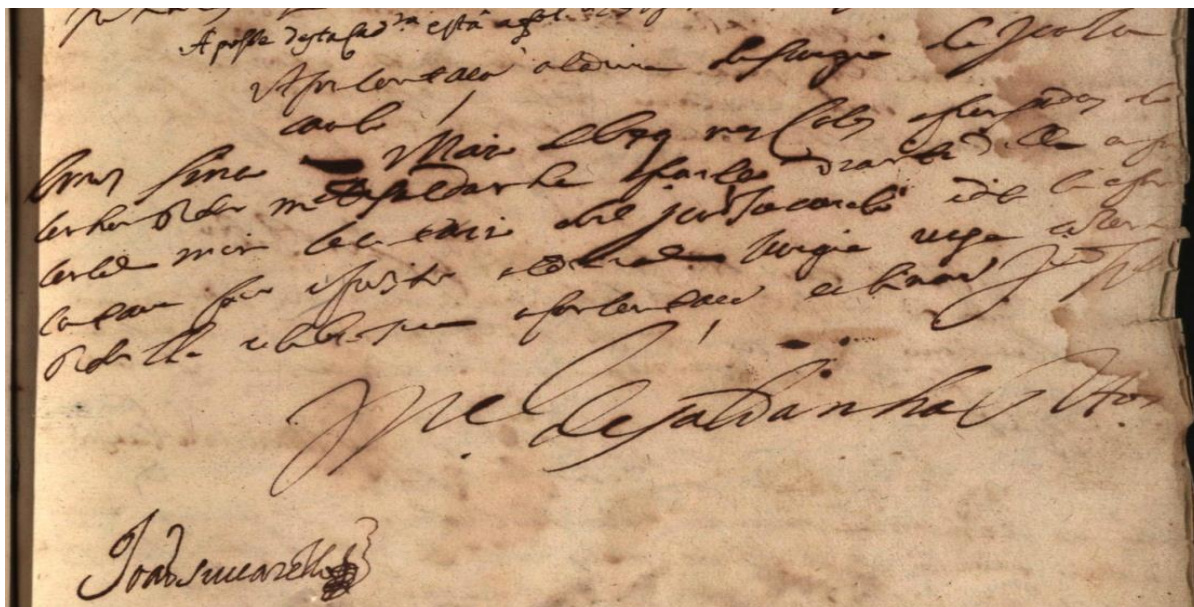


Fig. 37 – Arquivo da Universidade de Coimbra. In *Livro de Processos de Provisões das Cadeiras (1623-1679)*. Liv. 2, f. 2r.

«Apresentação a cadeira deurgia / Aos cinco de Maio de 1649 nas casas e pousadas do / Senhor Rtor Mel de Saldanha parceu d'elle em pre/ sença de mim secretário o Bel. João Sucarelo e disse se apresen / tava para opositor a cadeira deurgia vaga e o Senhor / Rtor lhe recebeu sua apresentação e asinaram[.] João da Silva». Assinam: Manuel Saldanha Rtor e Joao Sucarelo.

Malgrado ter sido preterido, acreditamos que Sucarelo não desistira de singrar na carreira universitária, tendo em conta as suas afirmações na missiva que mandou ao Rei D. João IV, em que manifesta «a esperança de ir subindo ás cadeiras mayores»⁹⁴.

O apetite pela progressão na docência universitária explica-se pelo facto de proporcionar não só um melhor salário mas também uma crescente importância académica e de catapultar a ascensão social. Sobre esta matéria, Fonseca (1988, p. 242) dilucida:

as cadeiras de cada faculdade constituem um conjunto de degraus perfeitamente ordenados, espécie de escada ascendente que, como regra geral, cada lente deverá percorrer, de forma sequencial até atingir o topo (se o conseguir alcançar). Critérios (e, simultaneamente, consequências) desse escalonamento são o prestígio, visível nas precedências em actos públicos e cerimónias, cuidadosamente regulamentadas; a diferença de salários; e a crescente parcela de poder de que o lente, na sua carreira ascendente, consegue apropriar-se.⁹⁵

«É com maior desgosto que lhe anuncio que nada mais encontro àcerca do João Sucarelo. O homem não deve ter sido lente, pelo menos de Medicina, pois no período que decorre entre 1648 a 1652 o seu nome não consta do livro de multas ou faltas, onde se encontram os nomes *de todos os lentes* para fazerem os devidos descontos e pagamentos. [...] Percorri, também, a partir de 1647, o livro de posses e vacaturas, e foi onde encontrei o nome de João Sucarelo, como opositor a uma cadeira de Cirurgia em Maio de 1649. Mas a posse desta cadeira, dada em 1650, foi atribuída a outro opositor, que não o João Sucarelo.»

⁹⁴ Francisco de Lemos (1980: pp. 142-143), Reitor e reformador da Universidade de Coimbra na época do Marquês de Pombal, critica duramente o «Direito e Costume / antigo sobre a incorporação dos Doutores / nas Faculdades /» e a facilidade do processo, bastando apenas a graduação, carecendo de qualquer «outro género de prova».

⁹⁵ Fonseca (1988: p. 242) nas notas n.º 34, 35 e 36 apresenta esclarecimentos relevantes sobre o assunto, nomeadamente no que respeita às deferências em atos oficiais, que dependiam «[...] [d]o cargo, [d]o exercício

A nossa convicção da ambição de Sucarelo de se projetar socialmente será retomada posteriormente e alicerçada com novos dados.

2.3. Testemunhos poéticos de vivências em Coimbra

São efetivamente em número considerável os poemas que atestam a passagem de Sucarelo por Coimbra, onde parece ter-se dado muito bem, embora não consigamos precisar se todos se relacionam com a sua situação de estudante. No sentido de melhor percebermos todas as referências que nos são facultadas e de nos familiarizarmos com o ambiente que lá se vivia, socorremo-nos de um soneto de Gregório de Matos⁹⁶, poeta coevo de Sucarelo, que iniciou os seus estudos em Direito Canónico na Universidade daquela cidade, em 1652⁹⁷.

Soneto

A vida do Estudante em Coimbra

Mancebo sem dinheiro, bom barrete,
Medíocre vestido, bom sapato,
Meias velhas, calção de esfola-gato,
Cabelo penteado, bom topete;

Presumir de dançar, cantar falsete,
Jogo de fidalguia bom barato,
Tirar falsídica ao moço do seu trato,
Furtar à ama a carne que promete;

A putinha aldeã achada em feira,
Eterno murmurar de alheias famas,
Soneto infame, sátira elegante;

Cartinhas de trocado para a Freira,
Comer boi, ser Quixote com as damas,
Pouco estudo: isto é ser estudante.⁹⁸

da função docente, [d]a dignidade da ciência professada [...], [d]a posição relativa dentro de cada faculdade e[d]a antiguidade.»; dos salários dos docentes, aludindo à «discrepância de remuneração dos lentes consoante a cadeira que regiam e a faculdade em cujo curriculum ela se inseria»; e à «intervenção na gestão universitária» cujos «lentes das cadeiras mais preeminentes [*eram*] chamados a pronunciar-se sobre os assuntos de maior importância. [E] ao mesmo tempo, [*agraciados*] na “aquisição de cargos ou benefícios eclesiásticos – alguns dos quais expressamente reservados para eles – fora da Universidade.”».

⁹⁶ *Apud* Topa, 1999: Vol. II, pp. 417-418.

⁹⁷ *Apud* Topa, 1999: Vol. II, badana.

⁹⁸ Relativamente ao assunto atinente à imagem pouco abonatória dos estudantes de Coimbra, Braga (1895: II, p. 482) apresenta provas do facto de as queixas se aplicarem também a alguns estudantes das Escolas Menores:

Em Sucarelo, as informações apresentam-se abundantes, quer nos paratextos dos seus antologiadores quer em informações explícitas do poeta. As delícias da vida de Coimbra, por oposição à vida na Corte, são narradas na carta com *incipit* “Si, Senhor, eu me vim dessa cidade”, escrita por Sucarelo a pedido de, supostamente, um amigo. O remetente conta como, a par de cantar, ouvir cantar, comer e descansar, disfruta de prazenteiros momentos na «grade», na companhia das «moças de folgar carapichosas», completamente disponíveis, uma vez que os estudantes se encontram em férias⁹⁹, isto «apesar do Inquisidor Andrade» (a quem aludi-

«Pareço que os estudantes vadios que andão nas Escolas menores sejam lançados dellas por provisão que sobre isto se faça, e que o Reitor da Universidade o dea á execução, ora sejam matriculados ora não, e que não gozem dos privilégios da Universidade, e que bastará serem conhecidos por vadios pêra serem lançados fora, sem outro exame de suas habilidades, por não dar occasião a se impedir o efeito da dita provisão.»

Mas, as tropelias em Coimbra não se ficavam por aqui. De acordo com os dados que pudemos obter igualmente em Braga (1895: II, p. 541-543), surgiu-nos o nome de Ruy de Albuquerque, secretário da Universidade, que, para além de supostamente se ter envolvido em subornos com os dinheiros da Arca dos Médicos, que mencionaremos adiante, também se encontra relacionado com a venda de cursos, entre outras ilegalidades.

Em todo este estendal de sobornos encontramos sempre citado o secretario da Universidade, Ruy de Albuquerque. Transcrevendo os documentos que mostram como elle roubava os estudantes nas matriculas, e vendia cursos com certidões falsas, exploraremos este veio em relação á parte administrativa da Universidade, em que figuram diferentes personagens [...]

Sebastião Antunes, bacharel formado em Medicina, disse: «que o secretario Ruy de Albuquerque estava n'esta Universidade pela maior parte d'ella infamado de vender tempo aos estudantes sem o terem, e de passar certidões a studantes que não estavam na terra para poderem provar os cursos no anno seguinte, o que elle declarante sabe, porque este anno scholastico no mez de Novembro pouco mais ou menos n'esta cidade se achou elle declarante em companhia de Salvador Alvres, mercador da cidade do Porto, amigo e hospede d'elle declarante, e estando ambos sós lhe disse o sobredito por occasião de lhe aver escripto do Porto, que fizesse com que o dito Ruy de Albuquerque lhe passasse certidão dos cursos que n'esta Universidade tinha de Cânones Manoel Alvres, seu irmão, pêra se poder ir com ella acabar seu studo a Salamanca, porquanto era fama publica que o Rector Vasco de Sousa, que Ds. tem, lh'os mandara riscar por huas cutiladas que dera em outro estudante das portas das Scholas para dentro; e elle declarante lhe respondeu, que danaria o negocio correndo por sua via, porque o secretario se não fiaria d'elle; mas que viesse a esta cidade e que por via de Jorge Fernandes Mascarenhas, mercador, amigo e visinho do dito Secretario, alcançaria a dita certidão; que lhe mandasse pela sua moça á casa do dito Jorge Fernandes duas arrobas de assucar pêra mandar ao dito Secretario, como de feito mandou, por a moça d'elle declarante por nome Margarida; e perguntando-lhe apoz isso se lhe tinha dado a dita certidão, o sobredito respondeu que já lh'a tinha dada, e que lhe chegara o que o dito Ruy de Albuquerque por ella lhe levará a vinte cruzados, e lh'a não quizera dar por menos, a qual certidão elle declarante viu, [...]»⁷.

Referiu-se anteriormente o caso de um aluno de Coimbra que, para escapar a possíveis represálias, foi terminar os seus estudos a Salamanca. Contudo, embora por motivos diferentes, a ida de alunos da universidade coimbrã para a do Tormes, não era, de todo, rara, como explica Marcos de Dios (1986: V, nº 1, p. 135):

Este traslado de estudantes de Coimbra a Salamanca es posible explicarlo por el mayor prestigio de un título por Salamanca: es muy frecuente encontrar la anotación, en los Libros de Bachilleramiento de Salamanca, «truxo sus cursos de Coynbra», a pesar de que los grados de Salamanca eran más caros que los de cualquier otra universidad peninsular.

O mesmo autor (2001: pp. 11-12) refere também que «[...] as universidades de Salamanca e Coimbra se mantiveram quase com os mesmos estatutos dos inícios do século XVII (a de Coimbra fez uma pequena reforma em 1653) e também continuaram ministrando os mesmos ensinamentos até às reformas de Rodríguez Campomanes (1771) e do Marquês de Pombal (1772) [...]», o que facilitaria extraordinariamente a intergração dos escolares portugueses na universidade do Tormes.

⁹⁹ Algumas décadas após a passagem de Sucarelo por Coimbra, Ribeiro Sanches, que frequentara a Universidade, traça um retrato pouco abonatório do estudante da academia, e do exíguo número de aulas a que assistia:

António Nunes Ribeiro Sanches, considerado, por muitos, um verdadeiro enciclopedista, médico na Corte russa e depois residente em França, frequentou a Universidade de Coimbra. Insatisfeito com «os horrores e a vida estragada» que experimentou, transferiu-se para Salamanca onde recebeu o título de Doutor em Medicina, no ano de 1724.

Da sua passagem por Coimbra, deixou, o famoso médico e pedagogo, no seu “Método para aprender a estudar a Medicina”, um depoimento, preciso e real, das anormalidades da vida funcional da Universidade: «O curso acadêmico de Coimbra, começando pelo S. Lucas, e acabando a 15 de Maio, não contém mais que cento e

remos com mais pormenor posteriormente), que terá proibido as visitas de seculares aos conventos de Coimbra. Não tivemos sucesso na confirmação deste acontecimento, contudo, estamos convencidos de que efetivamente se verificou e que deu o mote a um largo conjunto de trinta e quatro décimas de Sucarelo¹⁰⁰, intituladas “Corre por esta cidade”, carregadas de críticas ferozes contra as medidas impostas aos estudantes e invetivas contra os frades, que foram beneficiados, porque autorizados a continuar a frequentar os conventos. Aliás, a rivalidade entre estudantes e frades aparece glosada também no poema “Que discretos que são e que polidos” em que, logicamente e mais uma vez, o frade sai a perder, sendo rebaixado à mais vil criatura humana. Ainda no seguimento do assunto anterior, as décimas “Engenho agudo mostrastes” aludem à facilidade com que uma freira repartia as suas atenções por um estudante e um frade, ambos «cornudos e agradecidos». Duas freiras de Celas foram igualmente visadas: «Maria do Espírito Santo», não escapou aos opróbrios do autor por se lhe ter negado, tendo preferido um seu rival... um frade; «Sarafina», a enganada, pois era cortejada por um estudante que, em simultâneo, «namorava umas cerieiras»¹⁰¹. Lamy (1990: p. 30), partindo de um excerto do poema de Sucarelo “Sam graves os estudantes bem nascidos”¹⁰², detém-se sobre os amores entre freiras e estudantes, aludindo à Devassa à Universidade de 1619, na qual consta que «estudantes freiráticos: *tinham amizade de freiras* no Mosteiro de Santa Ana, não estudavam, desinquietavam as freiras na igreja, perturbavam os sacrifícios divinos, no pátio, nas grades e na roda, e ocasionavam brigas, de pistoletes e outras armas.».

nove dias lectivos; e por causa dos dias de festa da Igreja, dos Préstitos, e outras funções académicas, que todo o curso lectivo de sete meses se reduz a quase noventa dias lectivos, ou três meses.

Se contarmos os estudantes que voltam para suas casas tanto que se matricularam na Universidade três vezes por ano, o Curso académico para estes não foi de vinte dias lectivos...

Cada estudante era o senhor de alugar casa onde achava mais da sua conveniência, uns na cidade e arrabaldes, outros perto da Universidade: conheci muitos que se levantavam somente da cama para jantar, estando com boa saúde; outros passando o dia e noite a tocar instrumentos musicais, a jogar cartas, e fazer versos. Quase todos matriculados em Cânones, nunca estudaram nos primeiros quatro anos: o primeiro estudo era “apostilla” pela qual deviam defender conclusões no quinto ano. Não havia noite de Inverno sem “Oiteiros” (concursos poéticos de apaixonados propostos pelas freiras, junto dos conventos) mesmo diante dos Colégios de S. Pedro e S. Paulo: rondavam armados de noite, como se a Universidade estivesse sitiada pelo inimigo: muitos tinham seu cão de fila, que era a sua companhia de noite. Nas aulas nunca ouvi que tivessem Inspectores, ou Reformadores quotidianos. Os proprietários das casas não tinham obrigação de darem parte ao Conselho Académico do procedimento dos estudantes que alojavam. Semelhantes homens e estudantes deviam ser expulsos da Universidade; o Estado faz tantos gastos na sua conservação para tirar dela súbditos que o sirvam; semelhantes ânimos devem ser castigados com a ignominia que merecem...». (*apud* Jaca, s. d.).

Marcos de Dios (2001: pp. 15-16) menciona António Ribeiro Sanches depois de afirmar que Salamanca continuou a atrair extraordinariamente estudantes portugueses, mesmo após 1640, referindo-se especificamente às matrículas na Faculdade de Medicina. Os estudantes portugueses eram provenientes do sul e da linha fronteira entre Miranda do Douro e o Algarve: sobretudo judeus receosos de «deportações, expulsões, confiscação de bens...», de que já tinham uma amarga experiência de séculos. [...] Mas, em contraste com o que tinha acontecido antes de 1640, quase não se formaram em Salamanca, a partir de 1640, médicos portugueses importantes, se exceptuarmos António Ribeiro Sanches e pouco mais.».

¹⁰⁰ A sua autoria não se encontra completamente esclarecida, como explicamos na Parte II.

¹⁰¹ *Vd.* o soneto “Soror Dona Barbata, em que vos pês” e a quadra “É muito grande mofina”.

¹⁰² O poema encontra-se editado na Parte III, com o *incipit* “Que discretos que são e que polidos”.

E não se pense que eram apenas os simples estudantes que praticavam o *galanteo de monjas*¹⁰³. O mesmo autor apresenta frequentadores do Mosteiro de Santa Ana com alguma proeminência social, tais como o arcebispo da Sé de Lamego, alguns canonistas e legistas, um colegial de S. Paulo, frades do Colégio dos Militares, entre outros. A carta com *incipit* “Si, Senhor, eu me vim dessa cidade” (a que aludimos atrás) exemplifica o caso do freirático D. Vasco Lobo, que foi porcionista do Real Colégio de São Pedro, tendo renunciado à vida eclesiástica para casar com a sobrinha, curiosamente também sobrinha do destinatário da carta, D. Rodrigo de Meneses, filha de uma irmã deste, D. Francisca de Gusmão, tendo assumido os títulos, dependendo das fontes, de VIII ou IX Barão de Alvito e II ou III Conde de Oriola. Num segundo casamento, desposou uma neta do remetente da mesma carta, D. Inês Margarida de Lencastre, filha de Cristóvão de Almada¹⁰⁴. O estatuto de nobre não o livrou da traição por parte da sua freira, que a ele «o tornou Carneiro ingratamente, / com outros infinitos» e a outros «fez veados, touros e cabritos».

Os conventos, locais de recolhimento – pouco, diríamos –, pareciam, de facto, pródigos no estabelecimento de relações entre religiosas e seculares. Pontes (1953: p. 48) esclarece que «o mal vinha de longe; em 1632 corriam cópias de *Estatutos e Ordenações feitas às madres discretas e mais religiosas do Mosteiro de Santa Ana de Coimbra sobre o bom governo e trato dos amantes.*»

O tema do freiratismo, provavelmente o mais frequente na poética de Suacelo, encontra-se exposto em muitos outros poemas e será retomado e tratado oportunamente, de forma mais aprofundada.

As questões de sexo envolvendo os estudantes aparecem também mencionadas no soneto moralizante “Aqui debaixo desta pedra fria”, feito sobre a «fatal desgraça» de uma cortesã de Coimbra, cuja morte, segundo ao autor, deve ser encarada como aviso por todas as «Harpías da algibeira do estudante».

João Sucarelo, à boa maneira da época, não teve pejo em criticar, com ou sem razão, figuras proeminentes de Coimbra. Fizemos já menção ao Inquisidor Andrade, apontemos também o próprio Reitor Manuel de Saldanha, de quem voltaremos a falar com mais detalhe, cuja falta de pagamento aos «partidos dos Médicos» (como já explicámos, a atribuição de uma espécie de bolsa de estudo) é versegada nas décimas “Partidos desesperados”, nas quais

¹⁰³ A expressão é de Lamy, 1990: p. 30, nota 1.

¹⁰⁴ Cf. Sousa, 1745: Tomo XI, pp. 267-268 e Costa, 1868: Vol II, 2.^a Edição, p. 329.

se sugere também os desvios de fundos¹⁰⁵ de um tal Peres, Colegial de S. Paulo, que era «Tesoureiro da arca». De acordo com esclarecimentos de Ana Maria Leitão Bandeira, Gaspar Peres, médico, doutorado em 1635, natural de Torres Novas, foi, efetivamente, o tesoureiro da Arca dos Médicos, pelo menos até 1640 (perderam-se os registos posteriores, até 1659)¹⁰⁶. Foi lente substituto de Cirurgia e era o que se designava um «condutário com privilégios de lente», fazendo apenas algumas substituições. Ingressou como substituto em 1636 e também, de novo, em 1638, por decisão do Conselho da Universidade. Exerceu por pouco tempo, deixando de aparecer, nos registos referidos anteriormente, já em 1639. Era Colegial de São Paulo, ocupando uma beca de Medicina. No poema, a referência «foi-se da beca» pode sugerir o facto de, eventualmente, ter deixado o Colégio e a Universidade. O seu nome aparece também como Gaspar Pires de Figueiredo (Pires ou Peres eram as duas formas usadas).

No romance “Reverendo Estagirita”, as críticas *ad hominem* a Frei Jerónimo de Moura, «homem de extravagante génio» que pregou no convento de Santa Ana, em Coimbra, revestem-se de um tom de tal forma injurioso, que tiveram como consequência uma réplica feroz da autoria do ofendido, dirigida ao médico “meio mono, meio rolho”, intitulada “Ó tu, médico em ditongo”¹⁰⁷.

E os exemplos sucedem-se: no romance “Foi Sílvio para Alentejo”, escarnece dos sentimentos do «Doutor Santos de Sousa»¹⁰⁸, que, integrando o batalhão académico de partida para o Alentejo, em novembro de 1645, suspira pela dama que deixou para trás, tecendo em relação a esta ofensas tais, que originaram a réplica, à altura, “Parte o medo para Aveiro”; na décima “Aqui neste posto escuro” enxovalha-se um Bedel da Universidade, que era alcoólico e que morrera de uma queda por se encontrar embriagado; e nem as senhoras são poupadas,

¹⁰⁵ Ao que parece, os desvios de fundos destinados às bolsas de estudo para a formação de médicos e boticários eram reincidentes, tal como consta de um relatório enviado à corte de Madrid, com data de 6 de outubro de 1589. É também de salientar neste relatório a referência à forma como eram granjeadas as verbas para as referidas bolsas de estudo: «[...] á custa das rendas dos Concelhos de certas cidades, villas e lugares [...]». *Apud* Braga (1895: II, pp. 480-481 e 484). Os esquemas de peculato e suborno com o dinheiro que subsidiava os estudos dos alunos de Medicina são também referidos na Devassa de 1619 à Universidade de Coimbra. São frequentes as referências a depoimentos do Doutor Thomás Serrão de Brito, Lente de Medicina (cf. *op. cit.* pp. 532, 538 e 540), que foi também médico do Real Colégio de São Paulo, como consta da folha de pagamento de salários de 1632 (*vd.* Bandeira e Costa: 2014, p. 32) e, anos mais tarde, padrinho e testemunha na formatura de João Sucarelo, como já vimos. A pretensão do lente ao cargo de “Phisico-mor”, alegando a sua longa experiência profissional, é tratada por Braga (1895: II, pp. 800-802).

¹⁰⁶ Cf. AUC: IV-1.ª E-8-3-26.

¹⁰⁷ Voltaremos a este assunto oportunamente e noutro contexto.

¹⁰⁸ De acordo com os registos da universidade conimbricense, a sua primeira matrícula, no curso de Leis, ocorreu em 1632, tendo obtido o grau de Doutor em 1642. Encontrámos também um registo da apresentação do Doutor Santos de Sousa (cuja assinatura reproduzimos na Fig. 67) como opositor à segunda cadeira de Instituta, a 29 de maio de 1645 (cf. AUC: IV-1.ª D-2-1-42). Pela coincidência do nome e das datas, cremos que se trate da mesma pessoa visada por Sucarelo (que se encontrava também em Coimbra por esta altura). Neste sentido vão também as asserções de Cuz (1982: p. 55).

como se verifica no soneto “Aónio, que de Délia namorado”, repleto de censura e ofensas pessoais, no qual o copista esclarece que a dita «Délia» era D. Mariana de Luna (filha de um lente da Universidade) e o «Aónio», um estudante.

E de Coimbra escreve, de médico para médico, a Pantaleão da Silva¹⁰⁹ e a Coimbra, também, se refere na narrativa de uma jornada que fez a Leiria, mencionando a sua estadia em Santa Cruz e conhecidos de outros tempos.

Remetemos para o fim deste subcapítulo uma menção à «Resposta do Autor / a uma carta de Duarte Ribeiro [*de Macedo*], que estava em Coimbra com uma diligência»¹¹⁰. Parece-nos ter sido elaborada numa fase já tardia da vida de Sucarelo, em que este, consumido de saudades «dessa celebrada / alma Universidade», se queixa dos «desenganos» que foi granjeando e que contrastam com os «passados anos / e daquela florida Primavera», da qual ficou um «(vão contentamento)». A passagem por Coimbra há de ter sido, efetivamente, inolvidável.

2.4. O virar de costas à Guerra da Restauração

Alguns autores, nomeadamente Hernâni Monteiro e Frei Lucas, articulista de *O Tripeiro*, apontam uma grave mancha no currículo académico de Sucarelo. Defendem que terá fugido da guerra travada em defesa da pátria contra os castelhanos, não acompanhando «a academia de Coimbra, comandada pelo próprio Reitor, que avançou para o Alentejo onde muitos actos de bravura cometeu»¹¹¹. Sucarelo não foi poupado a duras críticas por Frei Lucas. Não podendo ser mais arrasador e ofensivo, traça um retrato do poeta nos piores termos possíveis, assumindo a sua deserção como um dado adquirido. Passamos a reproduzir as palavras do autor, cujo tom iracundo ilustra significativamente a sua opinião:

[*Era de*] incível character, tão vergonhoso agora para os honrados tripeiros, sempre lesto e prestes na defesa da Liberdade.[...]

A academia de Coimbra, então como sempre, não ficou inerte nem apática e, comandada pelo seu próprio reitor Manuel de Saldanha, de longada se foi até ao Alentejo, cometendo actos de bravura que deram brado e enchem de orgulho Portugal renascido e livre.

Alguns dos legionários, porém, acharam o sacrifício demasiado e, fugindo aos ajustes, abandonaram armas e bagagens recolhendo a penates para, em capitosas libações e chorumentas comezainas,

¹⁰⁹ *Vd.* o romance “A vós, Pantaleão da Silva”. Oportunamente referir-nos-emos novamente ao destinatário deste poema.

¹¹⁰ A legenda diz respeito ao poema de *incipit* “Coçaste-me a borbulha”.

¹¹¹ Cf. Monteiro (1926: pp. 4-5).

curtirem as fadigas da jornada e apagarem o incendio de patriotismo que, intensamente, os chamuscava.

D'êstes, Sucarello um foi, que por mór desdita sua legou á posteridade o vínico soneto que ao diante se lerá. [...]

Santo Deus, que miserável coisa! Usar da diviníssima arte para cantar a própria poltroneria! O ultimo verso da segunda quadra, esse, então, é uma pustula de baixeza e de crápula.

Para a argumentação das ideias precedentes, os articulistas fundamentam-se num soneto atribuído a Sucarelo, que, pela sua importância, passamos a transcrever:

Soneto

A Domingos de Figueiredo

Ceguei aqui às três da quarta-feira,
dia do glorioso São Martinho;
fundámos com fundage{m} a festa em vinho
e tudo ali se foi numa poeira.

«– Bota cá dessa bota outra goteira»,
disse eu com cara alegre e bom focinho;
«– Dá cá presunto de Entre-Douro-e-Minho,
brindemos aos amigos da fronteira.»

O licor como bom morreu de velho
a quem disse entornando um copo cheio
«Requiescat in pace, ó liteireiro.»

Esta é em breve a letra do Evangelho;
o mais que houver direi para o Correio.
Um abraço ao Diogo, outro ao Valeiro.

De facto, é historicamente comprovável que a academia de Coimbra participou na Guerra da Restauração com um Batalhão Académico constituído por «630 estudantes, organizados em seis capitánias» (Cruz, 1982: p. 50) sob o comando do Reitor Manuel da Saldanha¹¹², tal como se pode verificar:

Por Carta de 3, 5 e 6 de Dezembro de 1644 ordenou ElRei ao Reitor que fizesse armar os Estudantes e formasse algumas Companhias, com as quaes passasse ao Alemtéjo, porque tinha aviso que

¹¹² «Manuel de Saldanha, licenciado em Canones, e Inquisidor de Evora, natural de Lisboa, filho de João de Saldanha, Comendador de Alcains, e Salvaterra na Ordem de Christo, e de Leonor de Menezes, sendo um dos tres nomeados pela Universidade foi provido no lugar de Reitor por ElRei D. Filipe IV, de que se-lhe-passou Provisão em 8 de setembro de 1638, e tomou posse, e juramento em 2 de Fevereiro de 1639. Foi Reitor da Universidade até 1659.» In *Jornal de Coimbra*, n.º LXXVI, Parte II, 1819, pp. 130-133. *Vd.* também Monteiro (1723: pp. 407, 415 e 452); Ferreira (1724: p. 170) e Torgal (1981: Vol. 1, p. 117). As façanhas do Reitor Manuel de Saldanha (cuja assinatura reproduzimos na Fig. 47) e da Academia de Coimbra encontram-se aturadamente referidas em Almeida e Brandão (1937: pp. 37-46).

Veríssimo Serrão (1980: V, pp. 32-33 e 90) esclarece:

Para a defesa da fronteira contribuiu então o corpo de estudantes da Universidade de Coimbra, ali recrutado por ordem do monarca, e que juntou seis companhias, num total de 630 homens, sob a chefia do reitor Manuel de Saldanha. O Rei mandara-lhes defender a praça de Elvas, ordenando depois ao reitor que se lhe juntasse em Montemor-o-Novo, onde ele próprio acorrera para dirigir as operações. O perigo foi, entretanto, afastado, e no fim do ano o corpo estudantil pôde regressar a Coimbra, sem perda de frequência do ano escolar [...]. [...] destacou-se a acção diligente e patriótica do reitor Saldanha, que por diversas vezes o monarca elogiou.

o inimigo vinha sitiá-las, e tratando elle de executar ésta ordem lhe-chegou outra carta de 9 do dito mez para que suspendesse a marcha, porque se-tinha levantado o sítio, e por Carta de 11 e 19 de Janeiro agradeceu ElRei ao Reitor, e aos Lentes o ânimo, com que estavam para o servirem; e em 22 e 25 de Outubro do dito anno, tornou a escrever ao Reitor que marchasse com os Estudantes ao Alentejo, e com effeito marcharão em número de 630, o que ElRei depois lhe-agradeceu, e tambem aos Lentes, que o acompanharão [...].¹¹³

Efetivamente, se a academia partiu para o Alentejo em novembro de 1645¹¹⁴ e Sucarelo não a integrou¹¹⁵, a data referente ao dia de São Martinho – 11 de novembro – para chegada ao Porto é, supomos, bastante plausível. Para além deste dado, o verso «brindemos aos amigos da fronteira» pode sugerir que o poeta, «que fugira da metralha» (Monteiro, 1926: p. 7)¹¹⁶ sem que revele grandes problemas de consciência nem arrependimentos, de «cara alegre e bom focinho», num momento de farra, se tenha lembrado dos seus companheiros de estudos a lutar pela pátria e lhes tenha feito um brinde, mencionando particularmente dois deles, o Diogo e o Valeiro, a quem manda um abraço.

Percorremos as legendas de todas as versões do poema que encontrámos, a saber, num manuscrito principal (o 755, da BPMP) e em oito secundários (três pertencentes à BGUC, três da Biblioteca Nacional de Portugal, um da Biblioteca Pública de Évora e outro do fundo documental da Paróquia de Alvarães)¹¹⁷. São, de uma maneira geral, legendas muito breves, que em nada direcionam para a leitura feita pelos autores que denigrem Sucarelo.

Apoiando-nos, igualmente, na leitura do soneto e atentando na data nele tão assertivamente enunciada – «quarta-feira, / dia do glorioso São Martinho» (11 de novembro) – fomos pesquisar na centúria de seiscentos quais os anos em que este dia da semana e do mês coincidiram. Verificamos que essa convergência só pode ter ocorrido num ano comum «com letra dominical D», ou seja, «que tem início numa quinta-feira, termina a uma quinta-feira, tem 53 semanas»¹¹⁸. Assim, no século XVII, e relativamente ao espaço de tempo que nos interessa analisar, deparámo-nos com os anos de 1643, 1654 e 1665 (este último rejeitámo-lo de ime-

¹¹³ In *Jornal de Coimbra*, n.º LXXVI, Parte II, 1819, pp. 132-133.

¹¹⁴ Lamy (1990: p. 35) esclarece que:

A 22 de Outubro de 1645, o rei ordenou novamente ao reitor que partisse com o corpo académico para o Alentejo a combater os castelhanos. Em Novembro constituiu-se um terço de 630 estudantes, divididos em 6 companhias; e a 12 desse mês os escolares saíram de Coimbra com destino ao Alentejo, chegando a Estremoz a 19 e entrando, na noite de 26, em Elvas.

¹¹⁵ Sucarelo não terá sido o único a livrar-se dos horrores da guerra. Segundo Cruz (1982: anotação 1, p. 50), apenas cerca de dois terços dos 906 alunos da Universidade marcharam para o Alentejo, «ignorando-se os motivos porque os restantes não tomaram parte na jornada».

¹¹⁶ *Vd.* Monteiro (1926: pp. 4-5), que já em páginas anteriores afirmava: «o endiabrado Sucarelo, achando que era forte dar o corpo ao manifesto, voltou costas e recolheu a casa justamente no dia de S. Martinho, a acreditar num soneto que então escreveu».

¹¹⁷ Cf. a Parte III.

¹¹⁸ Disponível em WWW: <URL:http://pt.wikipedia.org/wiki/Anexo:Lista_de_anos_comuns_com_letra_dominical_D>. [Consult. 17 de abril 2014].

diato, pois temos conhecimento de que o autor se encontrava no Porto, como o provaremos quando for oportuno, com registos assinados pelo próprio). Restam-nos as duas hipóteses anteriores, eliminando por completo o pressuposto de poder tratar-se do ano de 1645.

Em 1643, de facto, Sucarelo era já aluno de Medicina da Universidade de Coimbra, mas, nas nossas investigações, não encontrámos qualquer notícia do envolvimento da academia na Guerra da Restauração nesse ano.

A assunção da deserção de Sucarelo enquanto estudante universitário aventada pelos autores anteriores, se baseada no soneto anterior, revela-se, assim, completamente infundada, quanto menos seja pela questão das datas.

Inclinámo-nos, conseqüentemente, com mais convicção, para a hipótese de o soneto em análise ter sido escrito em novembro de 1654, durante mais uma ausência ao serviço no Alentejo¹¹⁹, para onde terá regressado em dezembro do mesmo ano, como provaremos na p. 156 deste trabalho. Terá, eventualmente, considerado dar por terminadas as funções que se comprometera a exercer e decidiu voltar¹²⁰? A doença, como veremos, tê-lo-á forçado a abandonar os rigores do Alentejo? Ignoramos. Sabemos, isso sim, que não cumpriu os seis anos de “contrato” com que se comprometera ao assumir o cargo de cirurgião-mor do exército do Alentejo, uma vez que, em setembro de 1655, o General de Cavalaria, Francisco de Melo queixava-se da sua permanência na corte, pedindo ao rei, em 1656, que ordenasse o regresso do cirurgião.

Se partirmos da leitura do poema “Foi Sílvia para Alentejo” e a respetiva réplica “Parte o medo para Aveiro”, e tendo em conta a leitura que nos foi sugerida por Ana Maria Leitão Bandeira, da legenda do primeiro poema: “Ao Doutor Santos de Sousa, indo ao Alentejo na ocasião que lá foi a Universidade”, temos de assumir que Sucarelo não terá integrado o batalhão dos 630 estudantes que combateram na Guerra da Restauração¹²¹.

¹¹⁹ As ausências sistemáticas serão devidamente documentadas em “Sucarelo e a Guerra da Restauração”.

¹²⁰ A onde concretamente é impossível decifrar, uma vez que o deíctico de espaço utilizado pelo poeta é o advérbio «aqui», sem qualquer outra explicação. A revelarem-se verosímeis as nossas asseverações, nada prova que Sucarelo tenha vindo para o Porto. Esclareçamos que em 1650, antes da sua ida para o Alentejo, Sucarelo afirmava, em missiva enviada ao Rei, ter família (mãe, mulher e filhos) e ser lente em Coimbra. Estariam todos na cidade dos estudantes? Viveria a família no Porto? O pai, que morava em Lisboa, morreria cerca de um ano antes. Estaria a família na capital? Desconhecemos.

¹²¹ Ao longo de duas páginas, Cruz (1982: pp. 56-57) tece considerações sobre estes poemas e os seus autores insistindo quer na ideia de inimizade entre João Sucarelo e Cristóvão Alão de Moraes quer na questão da deserção do poeta. Ambas tentaremos contrariar ao longo deste trabalho. Alertamos também para duas situações: por um lado, a autora menciona erradamente o Ms. 375, quando deveria referir o Ms. 373, onde constam os poemas; por outro lado, se autoria do poema de Sucarelo é inquestionável, o mesmo não acontece com a da réplica, pois, se neste manuscrito é atribuída a Santos de Sousa, noutras versões a que tivemos acesso, e que são devidamente elencadas na nossa edição crítica dedicada à obra de Sucarelo, aparecem anónimas.

No primeiro poema, o poeta refere-se a «Sílvio»¹²², à sua ida para a guerra e à incógnita do regresso. Ainda se encontra perto de Coimbra «na volta do Rabaçal» e todo ele é já sentimentos de tristeza e «suspiros» por deixar «Francelisa». Todo o conteúdo do romance anda em torno da defesa ou ofensa das damas, a Francelisa Vilhena e a D. Mariana de Sá, havendo uma simulação de um diálogo entre o Doutor Santos de Sousa e o seu confidente e criado, o Lima.

A réplica “Parte o medo para Aveiro”, da autoria do Lima, reveste-se da maior importância para a questão em causa, uma vez constitui uma resposta à altura das ofensas que Sucarelo fez no romance anterior.

O primeiro verso, visando Sucarelo e sugerindo a sua cobardia, é, por si só, elucidativo: “Parte o medo para Aveiro”, adiantando-se a razão da suposta fuga do autor, referindo-se, de seguida, que ele é uma pessoa dispensável. Simula-se também um diálogo, desta vez entre Sucarelo e uma confidente, «companheira muito antiga / na cama, mesa e no lar», sempre referida por «velha»: ele informa que vai dirigir-se a norte por Buarcos, refere que Coimbra está sem gente (uma alusão, de certo, aos estudantes ausentes), que em Aveiro há mais segurança e pede-lhe que lhe mande notícias pelo correio.

Por sua vez, a confidente avisa-o: «você atente o que faz / não ande em bocas do mundo, / não dê mais que falar.» Será uma alusão ao facto de Sucarelo não ter acompanhado os colegas da Universidade? É uma possibilidade, embora não o possamos afirmar categoricamente¹²³.

As análises anteriores levantam uma série de questões: por que razão João Sucarelo Claramonte não terá seguido para a guerra no Alentejo, juntamente com os 630 estudantes arregimentados, quando, em outubro de 1645, D. João IV ordenou que se armasse os escolares, não admitindo «escusa de pessoa alguma com pretexto de privilégio, officio, ou qualquer outro»¹²⁴? Que «escusas» terá o poeta manifestado, para não ter seguido para a guerra? Que motivos suficientemente válidos terão sido aceites para, supostamente, ter sido dispensado?

Chamamos também à atenção para o facto de Cruz apresentar o «currículo» de João Sucarelo com muitos lapsos, não só nas datas das matrículas efetuadas como também na data de obtenção de grau de Bacharel em Artes, que ocorreu em 28 de fevereiro de 1643, como já tivemos oportunidade de revelar, e não em 8 de março de 1642, como é referido.

¹²² «Sílvio» é o nome poético atribuído ao, já mencionado por diversas vezes, Doutor Santos de Sousa, que efetivamente consta, com o n.º 54, da 3.ª Capitanía de estudantes que integraram o 1.º Batalhão Académico da Guerra da Restauração. A lista dos estudantes, incompleta, tem a data de 6 de novembro de 1645 (cf. AUC. IV-1.ª C-1-1-1). Para informações adicionais cf. Cruz (1982: pp. 55-56).

¹²³ O poema em análise, que continua num tom de despiques a propósito das damas referidas anteriormente, é alvo de considerações sobre outros aspetos, noutras partes deste trabalho.

¹²⁴ *Apud* Almeida e Brandão (1937: p. 46).

Como poderá ter continuado os seus estudos, a receber o partido médico e, sem quaisquer sobressaltos, ter terminado, em 1647, a sua licenciatura em Medicina, com uma aprovação *nemine discrepante*? Como poderia o Dr. Francisco Teixeira Bahia, insigne lente de Leis, que mereceu um elogio especial pela sua participação na guerra¹²⁵, ter assinado, nomeadamente, os registos das provas de curso de Sucarelo, dos anos de 1644-45 e 1645-46? Acrescente-se que, volvidos alguns anos, «foi nomeado cirurgião-mor do exército do Alentejo, atendendo à sua muita competência e qualidades de hábil cirurgião e médico. [...] havia de seguir para o mesmo Alentejo, como cirurgião-mor do exército. [...] Eram incompetentes todos os outros cirurgiões? E vinham busca-lo a êle, João Sucarelo, cuja fama chegara aos ouvidos do Conde de S. Lourenço, General daquele exército?»¹²⁶

Subscrevemos as questões levantadas por Hernâni Monteiro e acrescentamos: iria D. João IV privilegiar um desertor? Se fosse considerado um traidor, agraciá-lo-ia com os títulos de Cavaleiro da Ordem de Cristo e de “médico de S. Magestade” e atribuir-lhe-ia o cargo de cirurgião-mor do Alentejo, como efectivamente aconteceu¹²⁷? Às perguntas, a resposta só pode ser um “não” concludente.

Estas e outras questões e perplexidades foram colocadas ao Professor Fernando Dores Costa, docente de Sociologia Histórica do Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa, que, muito amavelmente, nos elucidou sobre a ausência, na época, de uma disciplina e regularidade militares, à semelhança do que acontece em tempos posteriores. Para além do aspeto anterior, a forma como os estudantes foram mobilizados não fazia deles soldados, pelo que os termos deserção e traição não se aplicavam a estes casos. Por último, na altura, tudo se negociava, de uma maneira mais ou menos informal, pelo que Sucarelo há de ter, muito habilmente salvaguardado a sua segurança, sem ter sido grandemente perturbado.

Como resposta às questões levantadas, só nos ocorre que a “escusa” de Sucarelo para não ir para a fronteira se pode prender com uma qualquer impossibilidade ou deformidade física do autor, que o terá afastado da luta pela pátria e que ele tão bem terá aproveitado!

Em vários poemas do próprio e em réplicas apercebemo-nos de algumas das suas características físicas. A formosura e a boa compleição física não eram suas qualidades. Houve quem lhe chamasse «pigmeu»¹²⁸ e homem «chato»¹²⁹ e carilongo», «mal barabado», «meio

¹²⁵ Idem, *ibidem*.

¹²⁶ Vd. Monteiro (1926: p. 7).

¹²⁷ A estes assuntos votaremos com mais minudência posteriormente.

¹²⁸ Cf. a réplica “Diga, assim me perdoe a Reverência”.

mono, meio rolho»¹³⁰. A obesidade seria também uma das suas particularidades: dele próprio diz que tem «roscas de manteiga»¹³¹ e que o sol lhe derrete o «toucinho»¹³² como veremos adiante. Curiosamente, na réplica “Parte o medo para Aveiro”, a que aludimos anteriormente, o autor coloca os confidentes a despedirem-se com os seguintes mimos «adeus, minhas carnes moles», «adeus, meu unto sem sal». Sendo difícil de determinar quem é um ou outro ou se ambas as referências são dirigidas a Sucarelo, nenhuma delas sugere propiamente grande elegância. No romance “Fui amar por meus pecados”, dirigindo-se a uma moça que encontrou na Fonte das Virtudes, no Porto, afirma: «— Maria, pois dos meus lombos / és a corcova maior». Será apenas uma metáfora?

Confrontámos quer o Professor Fernando Dores Costa quer a Dr.^a Ana Maria Leitão Bandeira com a possibilidade de um qualquer problema de ordem física, que implicaria que Sucarelo fosse dispensado do combate, que a consideraram bastante aceitável e com peso suficiente. Temos conhecimento do facto de, cerca de cinco anos mais tarde, o autor justificar sofrer de «achques» para se ausentar do serviço do Alentejo, enquanto Cirurgião-mor.¹³³

A não ser que o tempo nos venha a revelar outros motivos, os supostos poucos atributos físicos de Sucarelo ou problemas de saúde afiguram-se-nos, para já, e ironicamente, como a sua grande tábua de salvação.

3. João Sucarelo, poeta e médico

3.1. O vate assumido

Sucarelo, designado por um seu calígrafo, de nome desconhecido, como «famoso poeta»¹³⁴, assumiu cabalmente a sua condição de vate reconhecido, na décima “Veio à revista nossa”, em resposta a um pedido de Francisco de Sá de Meneses¹³⁵ para que fizesse a revisão de um seu poema, embora o seu despertar para a poesia tivesse sido assumido com muita modéstia, a dar crédito à legenda de Alão de Moraes (aposta à décima “Fílis um desmaio te-

¹²⁹ Na época, o sentido da palavra seria *plano*, pelo que associado à estatura física só podia ser *baixo*.

¹³⁰ Cf. a réplica “Ó tu, médico em ditongo”.

¹³¹ Cf. o romance “Sabe Deus, Senhora minha”.

¹³² Cf. o poema “Meu Gregório Martins, Deão do Porto”.

¹³³ Este assunto será retomado no capítulo “Sucarelo e a Guerra da Restauração”.

¹³⁴ *Vd.* o soneto “Que fio de ouro ou cabelo ondado”.

¹³⁵ Na p. 37 deste trabalho tecemos já considerações sobre Francisco de Sá de Meneses.

ve”): “Quando o Autor fez esta décima pediu aos circunstantes que nenhum dissesse que era sua porque foram os primeiros versos sérios que fizera”.

Sabemo-lo requisitado para fazer versos “por encomenda”, como atesta a «Carta / que fez o autor a Rui Fernandes de Almada¹³⁶, estando em Coimbra, para mandar a Dom Rodrigo de Meneses», de *incipit* “Si, Senhor, eu me vim dessa cidade” e os romances “Manda o Senhor Dom Miguel¹³⁷”, “Madrepérola algum dia”, “Faz anos Dona Maria” (a pedido do próprio Alão de Moraes, que, curiosamente também foi poeta), “Reverendo Frade Lóio” e talvez as décimas com o *incipit* “Absorto na quarta esfera”¹³⁸. Vemo-lo também assumir-se como poeta do seu tempo ao citar o verso «não vimos Rio nem bebemos água» do seu contemporâneo Diogo Camacho, o Bordalengo¹³⁹, na silva “Meu Gregório Martins, Deão do Porto”. Na sua poesia, faz várias referências a vates de nomeada, designadamente do *siglo de oro* espa-

¹³⁶ Foi um fidalgo português do século XVII, presidente do senado da Câmara de Lisboa, onde mandou abrir em 1665 uma rua que ficou conhecida até aos nossos dias como a Rua Nova do Almada. Foi partidário do Rei D. Afonso VI e, por isso, vítima de uma cilada, ao que consta pelo próprio irmão do Rei, D. Pedro II. Foi provedor da Casa da Índia, cargo em que lhe sucedeu Cristóvão de Almada, seu filho. Cf. Faria (1669: p. 94); *Grande enciclopédia portuguesa e brasileira*, II, p. 18 e *Nova enciclopédia Larousse*, I, p. 293.

O Padre António Vieira refere-se à memória de Rui Fernandes de Almada na sua carta CXCIV, datada de 25 de junho de 1683, dirigida ao filho deste, Cristóvão de Almada. Numa nota explicativa, pode ler-se «Provedor da Casa da Índia em sucessão de seu pai, Rui Fernandes de Almada, e Gentil-homem da Câmara de D. Pedro, também como êle.» *Vd.* Vieira (1928: III, p. 484).

Sobre Rui Fernandes de Almada conta-se o seguinte:

ELREI D. JOÃO 4.º, E UM PROVIDOR.

Hindo beijar a mão a ElRei D. João 4.º, Rui Fernandes de Almada, Provedor da casa da India, levava humas luvas mui bordadas; e falando-lhe com huma calçada, lhe perguntou que novas tinha do Principe seu Senhor, o qual estava em Villa-Viçosa. Respondeu-lhe ElRei, que boas; e que por sinal lhe mandára pedir humas luvas, porque fazia muito frio, mas que lhe respondêra, que nem elle nem o seu avô as trouxeram; e que se tinha frio, esfregasse huma mão pela outra. Envergonhado o Provedor escondeo a mão, que tinha a luva calçada, e se retirou o mais depressa que pôde. (In *Bibliotheca familiar e recreativa offerecida á mocidade portuguesa*, p. 12.).

¹³⁷ Poderá ser D. Miguel de Portugal, diplomata e teólogo que nasceu em Lisboa em data desconhecida e morreu, também na capital, a 3 de janeiro de 1644. Doutorado em Teologia, desempenhou o cargo de deputado do Santo Officio e foi inquisidor e cônego em Coimbra. Ficou conhecido pela sua carreira de diplomata, nomeado por D. João IV como embaixador de Roma, para onde partiu em 1641, no sentido do reconhecimento da independência de Portugal pela Santa Sé. *Vd.* Monteiro (1723: pp. 407, 416 e 494); Silva (1727: p. 123); Machado (1752: III, p. 472); Santarém (1843: Tomo IV, p. 31); Veríssimo Serrão (1980: V, p. 70); Farinha (1990: p. 331); Costa e Cunha (2010: pp. 87, 131, 147, 156, e 180) e *Dicionário de Personalidades* (2004: Volume XVIII, p. 122).

Contudo, pelas indicações extraídas dos versos de Sucarelo, «Manda o Senhor Dom Miguel, / Segundo de Portugal», estamos em crer que se trate, mais certamente, do VII Conde de Vimioso, pois é o segundo desta família com o nome Miguel, o mesmo do seu tio, bispo de Lamego, a quem nos referimos anteriormente. Cf. Sousa (1755: pp. 213-214).

¹³⁸ Sucarelo disputa a autoria deste poema com D. Tomás de Noronha.

¹³⁹ Barbosa Machado (1741: I, p. 682) esclarece: «Diogo de Sousa natural da Vila de Pereira distante duas legoas da Cidade de Coimbra para parte do Poente, descendente de família nobre, e ornado de hum sublime genio para a Poesia de cuja divina Arte deixou varias obras sendo a que vio a luz publica com o nome suposto de Diogo Camacho».

Castro (1763: Tomo Segundo, Partes III e IV, pp. 308-309) acrescenta: «Diogo de Sousa, Author da celebre *Jornada do Parnazo*, que anda no tom. 5 da Fenix renascida em nome suposto de Diogo Camacho, Poeta Bordalengo, foy natural do termo de Coimbra, e bem mostrou o genio festival com que a natureza o dotou, inclinando-o à Poezia alegre, pois naquele género he a tal obra muy galante, e de juízo.».

nhol, no verso «em Camões, Lope, Góngora ou Petrarca»¹⁴⁰ e nos versos «Assim o Fénix de Espanha, / o nosso Lope de Vega»¹⁴¹, revelando também conhecimento da literatura de Gil Vicente¹⁴² e Sá de Miranda¹⁴³.

Não raras vezes, entrou em picardias poéticas com outros autores da época, a propósito do versejar exuberante e pleno de conceitos que Sucarelo condena¹⁴⁴. Um dos fustigados foi João Rebelo Pegas¹⁴⁵, cidadão portuense aspirante a poeta¹⁴⁶, que frequentou a Universidade de Coimbra, aproximadamente na mesma época de Sucarelo. No seu registo consta uma primeira matrícula em Leis, em 1641, não havendo qualquer menção a provas de curso e atos e graus; foi testemunha numa prova de curso de um Manuel de Sousa, de Braga, a 1 de outubro de 1642. Ribeiro da Silva (1985: I, p. 168 e 239, nota 14 e II, p. 833), alude a um João Rebelo Pega, comerciante de bacalhau e um dos maiores exportadores de vinho da cidade do Porto entre 1620 e 1640. A coincidência dos nomes é evidente, pelo que consideramos que se trate da mesma pessoa. Este portuense morou na Rua de Belomonte¹⁴⁷ (ou Belmonte), onde, por ser homem de cabedais suficientes, erigiu capela, como dilucida Freitas (2006: pp. 91-92):

¹⁴⁰ Do soneto “Padre Girão, se a Vossa Reverência”.

¹⁴¹ *Vd.* o romance “Soror Úrsula, que sois”.

¹⁴² *Idem.*

¹⁴³ *Vd.* a décima “Esta avaramente dura”.

¹⁴⁴ Sobre esta matéria, Aguiar e Silva (1971: p. 110) refere: «As sementes de tais condenações [*da lírica barroca*], porém encontram-se já esparsas ao longo do século XVII e dos primeiros anos do século XVIII, quer em composições poéticas de carácter satírico, quer em obras de teor crítico pertencentes a autores que, situados num contexto estético-literário de tipo barroco e embora aderindo a valores barrocos, denunciaram alguns aspectos negativos da poesia do seu tempo.».

Também Rocha (1989: p. 143) se pronuncia sobre este assunto, afirmando «O fenómeno de rejeição duma moda literária nunca se apresenta sob a forma de um corte radical, passível de datação rigorosa. Antes da saturação, antes mesmo do alvorecer de nova doutrina, podem ser detectadas prematuras posições críticas no seio da própria escola (...).».

Um pouco posteriormente, Carvalho (2012: p. 29) alude à mal disfarçada censura que Tomé Tavares Carneiro, poeta coevo de Sucarelo, embora bem mais velho, fazia aos cultistas do seu tempo:

Tavares Carneiro [...] põe-se na fila dos que, por esses dias, distinguindo a autêntica originalidade da simples – e divulgada – mediocridade imitativa, eram contrários aos “extravagantes” poetas “cultos”, de descendência petrarquista, que, com o seu cultismo gramatical e os seus “estrafalários” conceptismos, desdenhavam, precisamente, do “natural sem arte.”.

¹⁴⁵ A este propósito, *vd.* o soneto “Esta vil poluição do entendimento”.

¹⁴⁶ A assinatura do visado é reproduzida na Fig. 50.

¹⁴⁷ «Toda a grande pedreira que se estendia da cerca os frades de S. Francisco e de S. Domingos, monte acima, até à porta do Olival, pertencia à cidade, e por ela corria, nos meados do século XV, uma calçada de S. Domingos, mais ou menos no lugar onde hoje se rasga a Rua de Belomonte.

Em 1470, a Câmara procurou urbanizar o local, aforando alguns chãos, mas pouco depois cedeu os terrenos aos dominicanos que tomaram sobre si esse cargo... e proveito.

A Rua de Belomonte aparece assim em princípios do século XVI, graças à iniciativa dos frades. As primeiras trinta varas de chão foram por eles aforadas, em 1503, ao armeiro Álvaro Gonçalves, o personagem tão conhecido de «A Última Dona de S. Nicolau», para construir cinco moradas de casas – «assim como pegava da escada que sobe para a viela da Esnoga, pela Rua de Belomonte acima, da parte da Vitória», reza a respectiva escritura.

No fim da rua, antes de chegar ao Largo de S. João Baptista, hoje de S. João Novo, havia um cruzeiro que deu o nome ao local: Padrão de Belomonte.» (Freitas, 1999: pp. 62-63; 2006: pp. 88-90).

«Ainda na mesma rua, acima do Padrão, numas outras casas, instituiu capela João Rebelo Pegas, cavalheiro seiscentista que fazia versos em extremo ridículos e tinha grandes prosápias de literato. Intitulou um dos seus livros, que cremos não chegou a ver a luz do dia, *Política Amorosa em Frase Culta*: saiu-lhe o Dr. João Sucarello Claramonte, satirizando a obrinha no soneto que começa *Esta vil poluição do entendimento* [...]. A casa deste João Rebelo Pegas pertencia, no século passado, à família Matos Corveira.» Um outro poeta visado e escarnecido foi António Barbosa Bacelar¹⁴⁸ – um homem das letras conhecido do seu tempo, que viveu entre 1610 e 1663, natural de Lisboa, estudou Direito em Coimbra, tendo-se dedicado à magistratura; entre outros cargos, foi desembargador no Porto e magistrado na Casa da Suplicação em Lisboa. O motivo dos garcejos de Sucarelo foi um soneto daquele de *incipit* “Este nasce, este morre, acolá soa”¹⁴⁹. Passamos a transcrever o soneto que deu origem ao remoque de Sucarelo, tal como se encontra publicado na *Fenix Renascida*, II, p. 84:

À variedade do mundo

Este nasce, outro morre, acolá soa
Hum ribeiro, que corre aqui suave,
Hũ rouxinol se queixa brando, e grave,
Hum Leão c'o rugido o monte atroa:

Aqui corre huma féra, acolá voa
Co graõsinho na boca ao ninho hua ave;
Hũ derruba o edificio, outro ergue a trave,
Hũ caça, outro pesca, outro enferoa:

Hũ nas armas se alista, outro as pendura,
Ao soberbo Ministro aquele adora,
Outro segue do Paço a sombra amada,

Este muda de amor, aquele atura;
Do bẽ, de que hũ se alegre, o outro chora,
Oh Mundo, ó sombra, ó zombaria, ó nada!

Mas não se fica por aqui o génio mordaz de Sucarelo. Também no soneto “Aónio, que de Délia namorado”¹⁵⁰, que tem como legenda «A um estudante que andava com D. Mariana de

¹⁴⁸ A assinatura de António Barbosa Bacelar é reproduzida na Fig. 51.

¹⁴⁹ Pontes (1953: p. 148) dilucida sobre esta matéria:

A poesia culta reluzia, brilhava e rebrilhava, recamada de lantejoulas; eram de prata os rios; eram pérolas as lágrimas; e havia ouro e diamantes em quase todos os versos. Os conceitos, realmente, tudo davam, isto é, tudo exprimiam. Burlescos, bufões, os romances e até os sonetos de Sucarelo explicar-se-ão talvez por uma espécie de reacção contra o hieratismo e a des-humanização da poesia culta.

¹⁵⁰ Sobre este soneto, Nogueira (2011: p. 276) refere: «Apesar disso, os efeitos imediatos da mordacidade são quase sempre atenuados por um humor solto e mais ou menos inventivo e por uma arte poética perfeita; como acontece neste soneto de João Sucarelo (? – ?), publicado por Vítor Manuel de Aguiar e Silva, que o apresenta dizendo que, nele, ‘compreendia-se brutalmente a essência do antipetrarquismo barroco, desde a denúncia da pureza e da formosura da amada até ao libertino conselho final.’».

Luna¹⁵¹, que fazia versos», as referências a propósito da poetisa são da maior descompostura: critica a sua tirania amorosa, a sua vida dissoluta, o aspeto artificial e os floreados dos seus versos, a que Barbosa Machado (1752: III, p. 431) alude apologeticamente, afirmando «o seu engenho alcançou grandes aplausos pela subtileza dos conceitos, cadência das vozes, e novidade das idéas».

Saliente-se também a disputa travada entre Sucarelo, com o soneto “Padre Girão, se a Vossa Reverência”, e o dito «padre Girão», que respondeu com “Diga, assim me perdoe a Reverência”. O teor de ambos os poemas prende-se com o menosprezo da arte poética de cada um, traduzido em remques de parte a parte. Frei Jerónimo de Moura (de quem, apesar das nossas tentativas não conseguimos encontrar rasto, exceto no facto de, tal como Sucarelo, ter participado nas *Memorias funebres*, obra coletiva de 1650, em homenagem a D. Maria de Ataíde e dedicada a D. Luísa Maria de Faro, Condessa de Penaguião) foi também visado em dois poemas: num, “Reverendo Estagiritá”, pela verborreia, pelos floreados linguísticos e labirínticos, pelos conceitos enigmáticos e pelos “provérbios esquisitos” que utiliza no seu sermão, enfim... pelo seu “infame estilo”, que não faz mais do que provocar “fastio” e “riso” a quem o ouve; noutro, “Ó tu, que sibilante bamboleias”, pelos conceios absurdos da sua poesia. A resposta ofensiva e demolidora seguiu na réplica “Ó tu, Médico em ditongo”.

O médico e o poeta não se dissociam. Variados autores e fontes destacam essa dupla faceta. Assim, Costa (1789: pp. 336-337) afirma: «João Sucarello Claramonte, Cavaleiro da Ordem de Christo, Medico famoso, e o maior Poeta comico do seu tempo. Floreceu no seculo passado. *Poesia Comica.*».

Na *Encyclopedia Portugueza Ilustrada*, sob a direção de Maximiano Lemos, publicada no Porto por Lemos & Co., Vol. III, p. 73, diz-se a propósito de Sucarelo: «Diz Barbosa [Machado] que nascera na cidade do Porto e fôra Cavaleiro de Christo, excelente medico e poeta distinto, especialmente no género joco-serio, tudo quanto escreveu ficou manuscrito, à excepção de um medíocre necrológio em verso.».

¹⁵¹ De acordo com a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Vol. XV, p. 614, Mariana de Luna nasceu em Coimbra, filha do lente da Universidade Pedro Barbosa de Luna. Foi a segunda mulher do ministro espanhol Diogo Soares e viveu em Madrid durante parte do período filipino. Foi poetisa e em 1641 escreveu um livro de versos em castelhano e português intitulado *Ramalhete de flores à felicidade deste Reino de Portugal, em sua milagrosa restauração por sua majestade D. Juan IV do nome e XVIII em número dos verdadeiros reis portugueses*, editado em 1642. De acordo com Barbosa Machado (1752: III, p. 775), Violante do Céu, na p. 14 da sua obra *Rimas*, dedicou-lhe um elogio métrico intitulado “Musas, que no jardim do Rey do dia”. *Vd.* também Silva (1862: pp. 144, 146 e 207). Lígia Cruz (1982: pp. 44 e 45) refere que, nos alvares da Restauração, Diogo Soares se mantivera fiel ao rei espanhol e, por esse motivo, «se refugiara em Espanha», que lhe fora «aprisionado o filho Ernesto Soares que frequentava as Escolas Menores, em Coimbra», tendo sido presas também a mulher e a filha, entretanto soltas, «mas a quem foram confiscados os bens». Desconhecemos se se trata da primeira ou da segunda mulher.

Pereira (1914: p. 260) escreve sobre Sucarelo, num jogo de palavras muito esclarecedor: «João Sucarelo Claramonte era medico e poeta satirico. Receitava “sangrias” e impiedosamente “sangrava” os seus patricios em sonetos desbocados...Trabalhava o soneto com a mesma mão firme com que manejava o bisturi».

O Sucarelo médico é ainda referido num folhetim de *O Comércio de Porto*, de 19 de agosto de 1926, nos termos que se seguem:

Em Portugal contamos numerosos os doutores amantes das camenas e conhecido é o carinho com que, não poucos por ellas téem sido acolhidos. O Porto conta nos seus médicos, nativos e adoptivos, poetas que conhecemos desde João Sucarelo Claramonte, filho d’esta cidade, médico do século XVII, poeta distincto, cujos escriptos, segundo disse o erudito, e já esquecido, Sampaio (Bruno), foram publicados em 1669 por Christovam Alão de Moraes, seu amigo; mas d’elles e de seu autor não dá notícia o *Diccionario Bibliographico Portuguez*.¹⁵²

Os motivos das composições poéticas de Sucarelo são diversos e, frequentemente, reveladores de aspetos relacionados com o seu modo de vida, denunciando-o como um homem da medicina. Assim, no romance “Manda o Senhor Dom Miguel”, escrevendo sobre o «flagelo da luxúria», afirma «Que de moças melindrosas / Vemos vir ao Hospital, / cuja saúde e beleza / parecia de pedra e cal.», versando, mais adiante, sobre as doenças sexualmente transmissíveis, particularmente a sífilis (“o mal Francês”¹⁵³); nas décimas “Partidos desesperados”, Sucarelo expôs problemas de classe que ocorriam em Coimbra, uma vez que, de acordo com a legenda do calígrafo, a avença atribuída aos *médicos de partido* não era paga pelo Reitor Manuel de Saldanha, a quem já tivemos oportunidade de nos referirmos detalhadamente.

Mencionou conflitos entre colegas de profissão na redondilha “Foi Peixoto a Guimarães”; de igual forma, aludiu nos seus poemas à prática do seu ofício, designadamente no romance “A vós, Pantaleão da Silva”¹⁵⁴, no qual não poupou o, supomos, amigo e colega de profissão (dele diz que era «médico capitular»), de sensatos conselhos médicos, baseados na «arte medicinal» de grandes nomes da medicina como Galeno, Tomás da Veiga, entre outros. A prática da sua profissão encontra-se também referenciada nas redondilhas que se apresentam em seguida, às quais Cristóvão Alão de Morais acrescentou esclarecedoras legendas.

¹⁵² Impõe-se, quanto a este folhetim, duas correções pertinentes: em primeiro lugar, as poesias de Sucarelo não foram publicadas, como aí se afirma, mas sim coligidas em manuscritos; em segundo lugar, a data atribuída aos «escriptos» referidos anteriormente não está correta. De facto, houve um lapso do autor do folhetim, Pedro Augusto Dias, uma vez que o manuscrito de Cristóvão Alão de Morais é do ano de 1667.

¹⁵³ Sobre o tratamento do “mal francês” – *morbo gallico* – na época de Sucarelo, veja-se Ricom-Ferraz, Amélia, “Dois homens, dois tempos - um objectivo comum”. In *Medicina da Beira Interior da Pré-História ao Século XX*. Cadernos de Cultura n.º 3. Castelo Branco: 1991. (1991: pp. 11-17).

¹⁵⁴ Barbosa Machado (1752: III, pp. 504-505) diz:

Pantalião da Sylva natural da Cidade do Porto escreveo com estylo sincero Relação Summaria do sentimento com que os moradores da Cidade do Porto celebrarão a nova do sacrilego desacato que se fez a Deus Sacramentado na Igreja da Freguesia de Odivelas. Lisboa por Antonio Crasbeek de mello 1671. 4.º

Refira-se, a título de curiosidade, que, na primeira quadra, Sucarelo delegou a sua visita de médico num colega, o «Matos de Matosinhos», a quem ele fez seu «Procurador»:

Redondilha

Um Prior de Moreira¹⁵⁵ mandou pedir ao Autor que lhe fosse ver uns inchacinhos que tinha, e ele lhe respondeu co'a copla seguinte

Faço meu Procurador
ao Matos de Matosinhos,
para ver os inchacinhos
que tem o padre Prior.

Epigrama

Dando uns suores o Autor ao Vedor-Geral António de Sequeira Pestana¹⁵⁶, lhe mandou umas patacas, que o autor não quis aceitar e lhe respondeu

Deus, que ao Mundo por nós veio,
este preceito nos deu:
que viva cada um c'o seu
e não c'o suor alheio.

Assim que fora, Senhor,
estranho estilo e grosseiro
comer eu este dinheiro,
custando o vosso suor.

¹⁵⁵ Freguesia do concelho da Maia, distrito do Porto. Sobre as vetustas origens de Moreira da Maia *vd.* Pinho Leal (1875: V, pp. 543-546).

¹⁵⁶ Personalidade de destaque nas guerras da Restauração foi «Antonio de Sequeira Pestana, natural da vila de Arronches, filho de Francisco Pestana.

Fidalgo Cavalleiro, por Alvará de 9 Setembro de 1649; confirmado por outro de 10 de Julho de 1652.

Livro 4 da Matricula, folhas 89 e 123 verso.

Tem a integra.» In *Diccionario Aristocratico* (...). Tomo Primeiro, 1840: p. 248.

A importância do Vedor-Geral António de Sequeira Pestana encontra-se bem documentada no *Regimento dos Hospitais Reais da Província do Alentejo, de 7 de Setembro 1658*, (*apud* Borges, 2009: pp. 145-149) a quem tinham de ser dadas contas de todas as despesas e receitas, pelas quais respondia na Corte e de quem dependia a ordem de pagamento «dos salários dos Médicos, Cirurgiões e Sangradores», entre outras responsabilidades de peso. O documento anterior reveste-se de especial relevância, na medida em que, por um lado, nos permite conhecer as obrigações de Sucarelo como cirurgião em Elvas e, por outro lado, nos possibilita uma datação do poema com o *incipit* “Deus, que ao Mundo por nós veio”, que só pode ter sido escrito após a ida de Sucarelo para o Alentejo, para ocupar o cargo de cirurgião-mor do exército, o que deve ter acontecido após 1651. Deverá ter sido, muito certamente, nestas circunstâncias que privou com o Vedor-Geral, talvez em Elvas, pois, aqui «residiu, durante boa parte da guerra, o vedor geral do exército do Alentejo. Não muito longe desta cidade existe uma localidade chamada Vedor.» In *Guerra da Restauração*. Disponível em WWW: <URL:<http://guerradarestauracao.wordpress.com/2008/09/29/o-vedor-geral-do-exercito/>>. [Consult. 29 set. 2013].

Vd. também Ericeira (1759: pp. 140, 236, 311, 376, 377 e 382), Sotto-Mayor (1868: p. 108) e Estado Maior do Exército, Arquivo Histórico Militar, *Guerra da Restauração, 1640 – 1668. 1.ª Divisão – 2.ª Secção. Inventário de Documentos*. Lisboa 2004: p. 24. Disponível em WWW: <http://www.exercito.pt/sites/AHM/Guia_de_Fundos/Documents/1-2%20Campanhas%20da%20Guerra%20da%20Restauração%20C3%A7%C3%A3o%20_1640%20-%201668.pdf>. [Consult. 28 set. 2013].

3.2. O médico / cirurgião

Sabemos que em 17 de junho de 1638, governava então Filipe III, após ter feito exame no próprio dia perante o Doutor Simão Roubão da Costa, Físico e Cirurgião-mor, e outros cirurgiões (como comprova a imagem seguinte), Sucarelo, na altura com dezanove anos, é autorizado por carta régia a exercer a «sciencia de serurgia».

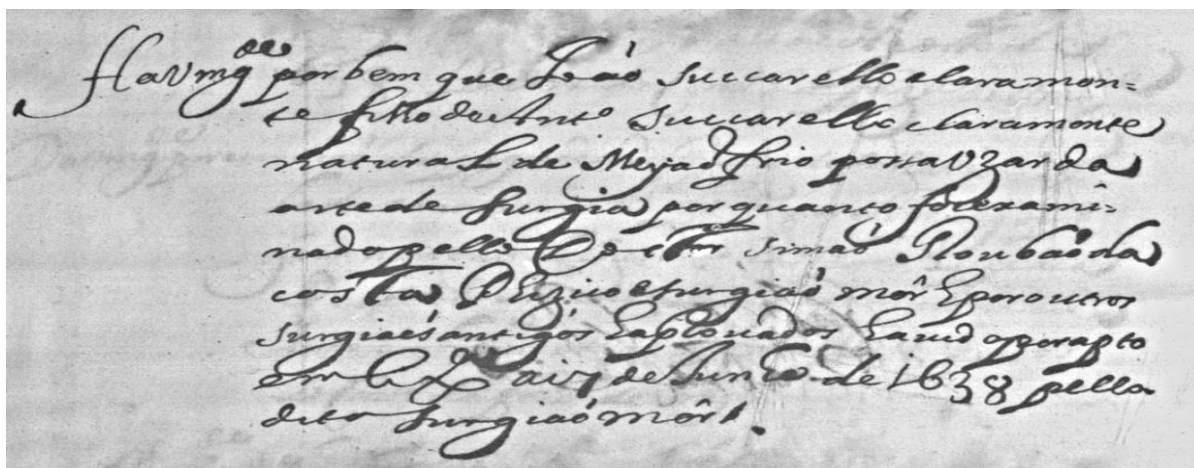


Fig. 38 – Arquivo Nacional Torre do Tombo. In *Livro 13 de Ementas da Casa Real*, f. 75r.

Na missiva do pedido de autorização previamente enviada ao rei D. Filipe III, o médico poeta afirma «ser latino», ou seja, ser proficiente em latim – tal como vimos, o exame fora realizado cerca de três anos antes, em Salamanca. Não mencionou possuir qualquer grau académico, referindo que aprendera o seu ofício com um cirurgião (muito provavelmente o pai), e que o viu praticar em vários hospitais, o que exigiu que tivesse sido avaliado por médicos da confiança do monarca, que o deram como apto para a prática da cirurgia.

Transcrevemos, de seguida, a carta régia¹⁵⁷, dada a relevância das informações que nos faculta:

Dom Phellipe etc. faço saber que João Sucarello Claramonte filho de Antonio Sucarello Claramonte natural de Mejam frio Bispado do Porto que elle me enviou a dizer que queria uzar da sciencia de serurgia por quanto a tinha aprendido com surigião aprouado e ser latino e tinha ouuido artes e uer e praticar em varios hospitaes e uendo eu seu dizer mandej ao Doutor Simão Roubão da Costa meu fisico mor e ora por meu especial mandado serue de serugião mor que elle o examinasse na forma de seu regimento o qual o examinou com Balthasar Teixeira e Pero do Couto Cerqueira serugioens de minha Casa, e por me constar seu dizer e que era apto e sufficiente para usar da dita sciencia de surugia em todos meus Regnos e senhorios de Portugal sem duvida nem embargo algum que a ello lhe seja posto e por tanto mando a todos os meus Corregedores ouuidores juízes e justiça officiaes e pessoas dos ditos meus Reynos e senhorios a que esta minha carta for mostrada e o conhecimento della com direito pertencer que por o dito João Succarello Claramonte assim uzar e praticar a dita arte de surgia o não prendão nem avexem nem conçintão serlhe feito desaguizado nem sem razão alguma an-

¹⁵⁷ Transcrita a partir de Viterbo (1950: pp. 7-8).

tes liurementemente o deixem usar do que dito he e outrosy mando a quoaquer outra pessoa que usar da dita arte de surgia sem minha licença ou do meu surgiõ mor encorrão em pena de trinta dobras de Banda conforme seu Regimento e denunciandonos o dito João Succarello que algũas pessoas uzão a dita arte de surgia sem licenças as emprazareis que em certo termo pareção perante o meu surgião mor e passado o dito termo sem mostrarem que parecerão as prendais e lhas enuiareis prezas pera delles fazer todo o comprimento de justiça na forma do seu Regimento e o dito João Succarello Claramonte jurará na minha chancelaria aos Santos evangelhos que bem e verdadeiramente uze do que dito he como cumpre ao seruiço de deus e meu e do pouo. Elrey nosso Senhor o mandou pelo Doutor Simão Roubão da Costa, fizico e sirurgião mor em seus Reynos e senhorios de Portugal. Dada nesta corte e cidade de Lixboa aos dezasseis de junho de mil seis centos trinta e oito annos Vicente de Siqueira por Manoel Mendes d'Araujo a fiz escrever e sobescreui. (Arquivo da Torre do Tombo, liv. 28.º de *Doações de D. Filipe III*, fl.190v.)¹⁵⁸

Recuando à centúria de seiscentos, procurámos encontrar ligações do poeta aos hospitais da cidade, em duas fases distintas da sua vida: enquanto jovem aprendiz e, posteriormente, no seu regresso ao Porto, possivelmente durante ou após 1659, depois do término de funções como cirurgião do exército do Alentejo, à época da Guerra da Restauração.

Concretamente, em que hospital ou hospitais poderia Sucarelo ter-se instruído na arte de Cirurgia?

Costa (1789: p. 98) refere que os Hospitais da cidade do Porto eram oito, todos tutelados pela SCMP: «o *Real*, ou chamado de *Roque Amador*, o dos *Expostos*, *Prezos*, *Entrevados*, *Entrevadas*, dos *Lazaros*, das *Lazaras*, e o das *Velhas*». Convém elucidar que o Hospital de D. Lopo foi erigido em terrenos que pertenciam ao vetusto *Roque Amador*, provavelmente, por isso, o autor preferiu a designação do mais antigo¹⁵⁹.

Percorremos o AHSCMP, concretamente, os livros de *Despesas do Hospital de D. Lopo (1584-1648)*, n.ºs 42, 43 e 44; e de *Despesa e Receita da Administração dos Legados de D. Lopo (1584-1648)*, n.ºs 45, 46, 47 e 48, em busca de qualquer indício que comprovasse a presença de João Sucarelo como aprendiz, mas não o lográmos encontrar. Deparámo-nos, isso sim, frequentemente, com as assinaturas de António Sucarelo nos registos de pagamentos de ordenado que lhe eram devidos, juntamente com os do médico e do sangrador. Curiosamente, detetámos que o médico do Hospital de D. Lopo, Feliciano Guedes Carneiro, na época do velho Sucarelo¹⁶⁰, ainda exercia a sua atividade nos anos sessenta de seiscentos, por altura em

¹⁵⁸ Permitimo-nos corrigir a indicação de Sousa Viterbo, uma vez que o documento ocupa o f. 190v e uma pequena parte do f. 191r, bem como a data que apresenta, que é um lapso de transcrição, pois em vez de «dezasseis» deveria ser «dezassete», tal como consta na fig. 68 do Anexo e o autor indicou na p. 7.

¹⁵⁹ Sobre os hospitais do Porto, particularmente as origens do Hospital de D. Lopo, cf. Maria Fernanda de Brito (1981: p. 23 *et passim*), no seu trabalho intitulado *Os Padrões de D. Lopo*. Aqui se refere que a construção deste hospital ainda ocupou parte dos terrenos do Hospital de Roque Amador. Cf. também Ribeiro da Silva (2002: p. 29 *et passim*).

¹⁶⁰ Tivemos acesso aos registos de pagamento do ordenado de ambos, que se encontram contíguos, relativos ao ano de 1642. O correspondente ao médico Feliciano Guedes Carneiro encontra-se no f. 40v do livro de *Despesa e Receita da Administração dos Legados de D. Lopo*, n.º 48.

que o filho Sucarelo prestava também serviços médicos a expensas da Santa Casa, mas apenas de apoio aos presos da Relação, como constataremos mais adiante.

As nossas pesquisas incidiram também nos livros *Despesas do Hospital de D. Lopo (1650-1733)*, n.^{os} 2, 5, e 8 e *Despesa do Hospital Geral (1648-1732)*, n.^{os} 1, 3, 4, 6, 7 e 9, com particular atenção após a data de 1659, após a qual se conjetura um eventual regresso do autor ao Porto, podendo, então, prestar serviços nos hospitais da cidade. Invariavelmente, pelo menos desde 1650, a equipa do Hospital de D. Lopo era composta pelo cirurgião Manuel Pereira, pelo médico Feliciano Guedes Carneiro e pelos sangradores André Soares Robles¹⁶¹ (este, pela coincidência do nome, muito possivelmente, filho de Francisco Soares Robles, que terá trabalhado com António Sucarelo¹⁶²) e António Costa, que passou a ser substituído por João Tavares, a partir de 1654/55.

Quanto ao vazio com que nos deparámos relativamente ao Sucarelo filho, várias hipóteses se colocam: por um lado, a sua passagem pelos «varios hospitaes» poderá ter sido facilitada pelo facto de o pai ser cirurgião a soldo da Santa Casa da Misericórdia, mas sem qualquer direito a salário, daí a inexistência de qualquer registo; por outro lado, a documentação a que tivemos acesso, correspondente às épocas que nos importam, pertence apenas ao Hospital de D. Lopo, também designado Hospital Geral, desconhecendo-se o paradeiro dos registos dos outros hospitais, se é que alguma vez existiram. Não obstante as circunstâncias referidas anteriormente, no decorrer das nossas pesquisas, encontrámos alguns (poucos¹⁶³, lamentavelmente, quanto a nós) tardios testemunhos do exercício da sua profissão de médico. No *Livro de Mantimento de Presos*, n.^o 4 do AHSCMP, entre janeiro de 1664 e dezembro de 1666 constam nove registos de prestação de serviços de exames efetuados por Sucarelo na companhia de outros (um dos quais o cirurgião Manuel Pereira, do quadro de pessoal do Hospital de D. Lopo) a presos que, pela sua indigência, se encontravam amparados pela Misericórdia, que lhes concedia alguns cuidados de saúde¹⁶⁴. José Pedro Paiva (2004: p. 168), no seu trabalho intitulado *O episcopado e a «assistência» em Portugal na Época Moderna*

¹⁶¹ Vd. *Despesas do Hospital de D. Lopo*, livros n.^{os} 2, 5 e 8.

¹⁶² Vd. livro de *Despesa e Receita da Administração dos Legados de D. Lopo*, n.^o 48, fl. 27v, do ano de 1643.

¹⁶³ Quanto à escassez de testemunhos, permitimo-nos questionar: seria Sucarelo um avençado da Câmara, um precursor do delegado de saúde? Seria um “facultativo” (médico) particular? Em ambas as circunstâncias, chamado apenas para suprir a impossibilidade do médico da Misericórdia para realizar exames médicos aos presos? Apesar dos nossos esforços não lográmos chegar às respostas desejáveis.

Para um conhecimento mais aprofundado sobre os “médicos de partido” vd. Coelho (2012) in *Os “Partidos Médicos” e os cuidados de saúde prestados aos doentes pobres nos municípios portugueses*.

¹⁶⁴ Sobre esta matéria, vd também Misericórdia do Porto. Departamento de Actividades Culturais. Arquivo Histórico. *Presos da cadeia da relação – inventário*. Disponível em WWW: <URL:http://www.scmp.pt/files/1/documentos/20111004104846156224.pdf>.

(*séculos XVII-XVIII*) refere «Ivo Carneiro de Sousa, embora não propondo uma leitura tão radical, assinalou que as Misericórdias vieram a ter um ‘papel central’ na história da assistência e da caridade em Portugal, [...]». Essa visão teve-a o Rei D. Manuel I, quando ordenou que se fundasse «*huma Confraria pera se as obras de Misericordia averem de cumprir, e especialmente acerqua dos presos pobres e desamparados que nom tem quem lhes requeira seus feitos nem socorrer as suas necessidades.*», (apud Mendes, 1988: p.25), à semelhança da que já existia em Lisboa. O Rei Venturoso impunha: «*A Confraria tenha cuidado da limpeza da cadeia (por sermos certos que da sujidade dela se cause a doença) e que lh’o não seja dificultado*»¹⁶⁵. Maria Fernanda de Brito (1981: p. 24) informa que a Misericórdia do Porto foi criada por Carta Régia de 14 de março de 1499, poucos meses depois da de Lisboa, mas já em 1789, Costa, na sua obra intitulada *Descrição Topografica, e Historica da Cidade do Porto*, p. 98, mencionava a propósito da SCMP: «*Socorre todos os presos pobres, que entraõ para as Cadeas da Relação.*».

Que assistência era, então, proporcionada aos reclusos? Mendes (1988: p. 26 *et passim*), num artigo que integra o Boletim n.º 2 da SCMP esclarece:

A incumbência da administração dos serviços prisionais na parte correspondente a esta Instituição [SCMP], ficava a cargo de dois Irmãos, designados de Mordomos dos Presos, sendo um de condição nobre e o outro, oficial. As obrigações que sobre eles impendiam eram absorventes pelos que só eram admitidos para o exercício destes cargos pessoas com algum desafogo económico-financeiro.

Vejamos algumas das principais:

- Efectuar a triagem dos reclusos pobres [...];
- Diligenciar junto da(s) parte(s) acusatória(s) no sentido de obter perdão;
- Reunir-se aos domingos com os solicitadores e o Escrivão da Mesa a fim de se inteirarem do andamento do processo de cada detido;
- Prover de pão e de mantimentos os presos do Rol aos domingos e às quartas-feiras de cada semana;
- Diligenciar no sentido de que fossem socorridos espiritualmente, logo que recolhessem à enfermaria da Cadeia;
- Vigiar para que os médicos e os enfermeiros os visitassem amiúde procurando inteirar-se de que nada lhes faltasse de essencial, como medicamentos, roupas, etc.;
- E por último, prestar especial cuidado com os degredados pela tomada de providências de modo que seguissem rapidamente para os seus destinos, sem que nada de essencial lhes faltasse.

[...]

A coadjuvar a acção do(s) médico(s), confeccionar e prover à administração dos medicamentos e demais cuidados de enfermagem, havia no quadro de funcionários alguns cirurgiões e sangradores, em número variável de acordo com as diferentes épocas, e ainda um Juiz da Cadeia.

Ribeiro da Silva (2002: p.40) corrobora as afirmações anteriores:

Para além das atividades do solicitador que devia cuidar com diligência dos presos do rol da Casa, havia distribuição de alimentos duas vezes por semana de pão e uma posta de carne.

Mordomos dos presos – eram dois – teriam cuidado de prover os presos das cadeias, seja sãos ou enfermos. Indagariam se estavam bem assistidos de médico e cirurgião. Não podiam ser admitidos

¹⁶⁵ Apud Mendes, 1988: p. 28.

ao rol dos presos por dívidas, fianças degredos não cumpridos nem sem terem folha corrida passados 30 dias de sua prisão, nem os que se não queriam livrar pelo procurador e solicitador da Casa.

Isabel dos Guimarães Sá (2002: pp. 323-324) acrescenta sobre a assistência aos reclusos: «[...] as misericórdias escolhiam os encarcerados a admitir ao ‘rol dos presos’ certificando-se a sua pobreza e o seu ‘direito’ a serem ajudados [...]. [...] ofereciam-lhes comida, vestuário e botica [...] e assistiam-nos até [...] ao local de execução quando sentenciados à morte [...], tratando do seu enterro».

Maria Marta Lobo de Araújo (2005: p. 133) dilucida também sobre o tema em questão:

Nem todos os que caíam nas malhas da lei eram pobres, mas as cadeias eram geradoras de pobreza, na medida em que as carceragens eram pagas pelos detidos e a justiça era muito lenta. Assim, mesmo aqueles que tinham algumas possibilidades viam-nas diminuir progressivamente, acabando na miséria. Sem terem de que se valer, estes e os restantes necessitados dirigiam-se às Misericórdias para serem providos. Era freqüente os bispos mandarem também esmolas aos presos, ajudando-os com regularidade. As petições enviadas às Misericórdias eram analisadas em Mesa, e no caso de serem aceites, seus autores passavam a integrar o rol de providos destas confrarias. O mais freqüente era que comesçassem por ser alimentados, colmatando-se a necessidade mais urgente. Estas confrarias distribuíam comida aos encarcerados às quartas e aos domingos, em quantidade considerada suficiente para os restantes dias. Podiam ainda acrescentar uma esmola em numerário. Só mais tarde assumiam a condução do processo jurídico. Esta estratégia visava aliviar as Misericórdias dos maiores gastos, os efectuados nos tribunais. Existiam, no entanto, presos que recebiam as duas formas de assistência em simultâneo. [...]

As Misericórdias gozavam da prerrogativa de entrar nas cadeias, procediam à sua limpeza e prestavam assistência aos presos. Em caso de doença estes eram hospitalizados ou tratados na cadeia com a assistência dos técnicos de saúde da Misericórdia. Recebiam roupa e calçado em caso de necessidade e quando transitavam para outra cadeia eram normalmente vestidos e calçados. Recebiam ainda acompanhamento Espiritual [...].

Quanto à prestação de serviços de João Sucarelo na SCMP, em 1664, encontrámos três registos: dois correspondentes a janeiro e um a agosto. Datam de 1665, um total de cinco registos: dois em janeiro, um em fevereiro, um abril e um em setembro. Em 1666, apenas lográmos encontrar um registo, referente ao mês de dezembro.

Pelas consultas aos presos, auferiam dezoito vinténs, ou seja, 360 reis¹⁶⁶, o que não deveria ser uma verba muito gratificante, uma vez que era dividida, em partes iguais, pelos dois intervenientes no exame. Sobre o valor do dinheiro à época, Paiva (2004: p. 183) dilucida, a propósito de esmolas atribuídas por D. João Mendes de Távora, bispo de Coimbra:

Pode perguntar-se se a esmola dada era vantajada ou moderada. Não era um valor elevado como se pode apurar por comparação com alguns preços correntes em Coimbra, no ano de 1656, a partir de um livro de despesas da cozinha do Colégio de S. Pedro. De acordo com o referido documento, um pão custaria 8 réis, uma galinha 100, um pombo 50, um frango 25, uma abóbora 12, um ovo 4, um coelho 70 e um quartilho de vinho 8. Ou seja, com os usuais vinte réis da esmola comprava-se um pão, um quartilho de vinho e um ovo.

¹⁶⁶ Paiva (2004: p. 182) esclarece «vinte réis (1 vintém)».

Por analogia com as contas de José Pedro Paiva, uma vez que se referem a apenas alguns anos antes na realidade de Coimbra, que não devia ser muito diferente da do Porto, com 180 reis – o valor de uma consulta – os médicos, poderiam abastecer-se para pouco mais de uma refeição que incluísse carne, pão e vinho.

Tal como acontecera cerca de três décadas antes¹⁶⁷, com o pai, Sucarelo é, então, “contratado” para, pontualmente, consultar presos por motivos de doença ou por ferimentos de origens diversas. Mendes (1988: p. 29 *et passim*) contextualiza:

A Santa Casa não detinha a administração da Cadeia da Relação e por isso mesmo apenas coadjuvava, complementarmente, na resolução de algumas deficiências. Só a enfermaria ficava sob a sua responsabilidade directa.

Os vários edifícios prisionais do Porto, em tempos passados [...] não tinham quaisquer condições de habitabilidade. [Existia um] ambiente propício ao aparecimento de doenças gravíssimas mormente em presos de longa data e de saúde debilitada. Porém, não constituía factor único no desencadear da doença e da morte. Associavam-se, cumulativamente, a falta de condições primárias de higiene, a alimentação deficientíssima e os maus tratos infligidos pelos carcereiros. [...]

[Havia também] os que recebiam curativos dos ferimentos originados em rixas ou por automutilamento, ou ainda em consequência dos maus tratos dos que eram postos a tormentos pelos carcosos.

Na secção Anexo, facultamos esses registos, que confirmam com precisão as palavras do autor citado previamente, sobretudo no que concerne às feridas tratadas pelo médico e pelo cirurgião, originadas, nomeadamente, por rixas entre presos. Consideramos que são testemunhos valiosos, não só pelo facto de constituírem raras provas de vivências do autor, mas também pelas interessantes informações sociais e epocais que transmitem.

4. Relações interpessoais

4.1. Relacionamento com individualidades da época e cidadãos comuns

O autor referiu-se frequentemente a individualidades da sua época¹⁶⁸. Na redondilha “Fervem os Pontificais”, alude a Nicolau Monteiro, Prior de Cedofeita, que nasceu em 1585 e morreu a 20 de dezembro de 1672, e foi uma personalidade insigne da cidade do Porto,

¹⁶⁷ Nos livros n.ºs 28, 29 e 34 de *Despesas da Cadeia*, do AHSCMP, encontramos um total de onze registos de pagamentos da instituição ao cirurgião António Sucarelo e ao médico Jerónimo Rebello que, em conjunto, examinavam presos do rol da Santa Casa. Esses registos datam de fevereiro, maio, agosto e novembro de 1634; de maio de 1635 e de julho de 1642.

¹⁶⁸ A este respeito, leia-se o interessante trabalho de Freitas (1952: pp. 3-12), em que procura identificar muitos dos nomes referidos nos poemas de Sucarelo e do qual nos socorremos. Do mesmo autor, utilizámos também *O Convento Novo de Santa Maria da Consolação*, vol. XVI dos *Documentos e Memórias para a História do Pôrto*.

«Mestre dos príncipes filhos d'el rei D. João IV»¹⁶⁹. Agostinho Rebelo da Costa (1789: p. 86), depois de tecer rasgados elogios a esta personalidade portuense, informa que «O seu Retrato he exposto ao público todos os annos no dia dous de Julho pelos Irmãos da Santa Caza da Misericórdia á qual deixou um copioso Legado para a Convalescença dos doentes.».

Nicolau Monteiro esteve por vários anos ligado à instituição referida anteriormente, na qual ocupou funções de Provedor em 1636, 1643 e 1664, de acordo com informações de Freitas e Mendes (1990: p. 52). É precisamente a partir de uma ata de 28 de junho de 1637 (do *Livro 2 de Lembranças, n.º 4, f. 588v*), que reproduzimos a sua assinatura (Fig. 48) no Anexo deste trabalho.

Também se referiu à «Condessa de Vilanova», dedicando-lhe um soneto por altura da sua morte, dando a entender aspetos do seu comportamento dissoluto e afirmando «com desejos e fome nos deixou, / e ela se meteu farta na cova.». Poderá tratar-se de D. Branca de Vilhena da Silveira que, por desvios conjugais, foi obrigada a recolher-se a um convento, vindo a falecer no dia 30 de abril de 1649 (cf. Sousa: 1745, IX, pp. 476); D. Guiomar de Castro, envenenada pelo marido supostamente também por ter sido infiel ou D. Mariana de Lencastre, terceira mulher do 3.º conde de Vila Nova de Portimão, envolvida simultaneamente com D. João IV e o célebre D. Francisco Manuel de Melo¹⁷⁰. Opinião bem mais abonatória teve

¹⁶⁹ Cf. Silva (1842: VI, p. 289). Sobre esta personalidade *vd.* também Costa (1789: pp. 84 e 345), que o identifica como confessor da Rainha D. Luísa de Gusmão, embaixador de D. João IV à Santa Sé e bispo do Porto, Guarda e Portalegre; Veríssimo Serrão (1980: V, p. 70); Torgal (1981: I, pp. 153-154, 268 e 350) e Ribeiro da Silva (1985: I, p. 269).

¹⁷⁰ Mesquita (1993: p. 175) relata o episódio que envolve este triângulo amoroso:

Dom Francisco Manuel de Melo, ilustre prosador, poeta, dramaturgo, historiador, político, diplomata, militar e polígrafo português, nasceu em Lisboa a 23 de novembro de 1608, e morreu na mesma cidade em 13 de outubro de 1667.

Depois de haver prestado grandes serviços à nação e ter sido confidente e amigo do duque de Bragança, mais tarde D. João IV, foi por este cruel e ignobilmente perseguido à conta de umas espadeiradas que lhe aplicou o poeta, num duelo que travaram, no pátio do palácio da Condessa de Vila-Nova, amante de ambos. Na Torre Velha doze anos esteve preso D. Francisco Manuel, sem embargo de nada se provar contra ele, num processo de crime de morte, que lhe era totalmente estranho, e no qual se viu envolvido. Segundo se infere de certos fatos, durante o duelo em que o intelectual se empenhara com o monarca, só este reconheceu aquele na penumbra do pátio que serviu de teatro à peleja. D. Francisco teve conhecimento de quem era o seu antagonista somente depois de ter padecido dois ou três anos de cárcere.

Edgar Prestage (1914, pp. 196 *et passim*) transcreve um relato pormenorizado desta história, citando Camilo Castelo Branco, e, nas suas notas, fornece informações que nos permitem estabelecer uma outra data aproximada da redação do soneto, que será posterior a 11 de abril de 1662, uma vez que, segundo Prestage, D. Mariana sobreviveu ao seu primeiro marido, que morrera nesse dia. Curiosamente, numa «*Advertencia anonyma* que costuma andar no fim das copias manuscriptas do *Segundo Memorial [de D. Francisco Manuel de Mello]* datadas do século XVIII», referida por Prestage (p. 195), a imagem que é dada de D. Mariana, «(senhora de muito bem fazer a quem lh'o pedia)», é a mesma, pouco abonatória, que é sugerida por Sucarelo: «porque a muitos deu gosto cá na vida».

Sobre a protagonista da história, Sousa (1745: XI, p. 335) esclarece «D. Marianna de Lencastre casou com D. Gregorio Thaumaturgo de Castelobranco, III Conde de Villa Nova, de quem foy terceira mulher; e por sua morte casou segunda vez com seu primo com irmão Luiz da Sylva Tello, II Conde de Aveiras, Senhor de Vagos, Regedor das Justiças, de quem foy segunda mulher; e de nenhum destes matrimonios teve sucessão.».

D. Tomás de Noronha que, numa redondilha com a legenda «À sepultura da Condessa de Vilanova», afirma «Quem soube mais que Merlim / jaz debaixo desta pedra; / quebrou por ser vaso bom / que vaso mau nunca quebra.» (*apud* Alves: 1997, p. 100).

No poema com autoria não completamente determinada “Que ides forro e a partir”¹⁷¹ foram preciosas as informações do copista ao identificar os intervenientes de uma situação caricata em que se viram envolvidos dois membros das famílias mais poderosas e prestigiadas do Porto de seiscentos: os Sás e os Sousas, de quem, supostamente, Sucarelo afirma «Vós os dous de basto tendes», que disputavam D. Joana de Sarmento, freira em Lorvão. Por lapso, terão sido trocadas as cartas dirigidas a cada um deles. Um dos intervenientes foi D. Manuel de Sá¹⁷², a quem o poeta se refere como «o irmão do *Camareiro*» e «o irmão do Conde», por ser irmão de João Rodrigues de Sá e Meneses, camareiro-mor de D. João IV, alcaide-mor da cidade do Porto e 3.º Conde de Penaguião¹⁷³, e D. Luís de Sousa¹⁷⁴, irmão de Henrique de Sousa Tavares, Governador da Relação do Porto, 3.º Conde de Miranda do Corvo e 1.º Marquês de Arronches¹⁷⁵, a quem aludiremos seguidamente de forma mais pormeno-

¹⁷¹ No manuscrito 30767 da série *Additional* da British Library, coligido por António Correia Viana, a autoria deste poema é atribuída a Sucarelo, contudo, a maioria das fontes inclinam-se para Tomé Peixoto de Sá, poeta seu contemporâneo, cónego das Sés de Lamego e Coimbra e lente também em Coimbra. Cf. *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Vol. XXVI, s.d., p. 454.

¹⁷² Sousa (1747: XII, Parte I, p. 26), na genealogia dos Sás e Meneses, dilucida: «(...) foy Porcionista do Collegio de S. Pedro de Coimbra, em que entrou a 19 de Dezembro de 1649, passou a Collegial eleito a 7 de Fevereiro de 1656, Doutor em Canones. Morreo naquela Universidade moço.».

¹⁷³ (1619-1658). Da «casa dos Alcaide-Mores da Cidade [*do Porto*], [*dos*] poderosos Sás de Meneses, Condes de Penaguião» (cf. Basto, 1941: p. 90), casou com Luíza Maria de Faro, filha do 5.º Conde de Atouguia. Foi um dos quarenta aclamadores e homem de confiança de D. João IV e, por isso, seu camareiro-mor. Acompanhou o Rei nos últimos dias e a ele coube-lhe o privilégio de lhe fechar os olhos, na hora da morte, e preparar o corpo para ser sepultado. Foi enviado numa missão diplomática a Inglaterra, combateu na guerra da Restauração, durante o cerco a Badajoz e na retirada para Elvas. Morreu nesta cidade, a 22 de novembro, vítima «de peste contraída na guerra, após a expugnação do forte de S. Gabriel (terras de Badajoz)» tendo o seu corpo sido trasladado posteriormente para o Porto, para o Convento de S. Francisco, «com pompa e honras militares» (cf. Passos, 1942: p. 182).

Nas pp. 193-195 da *Enciclopédia Histórica de Portugal*, publicada, sob a direcção de Duarte de Almeida, em 1938, pela Editora João Romano Torres, aponta-se o dia 4 de novembro como data de nascimento, mas 31 de dezembro para o seu falecimento. Confirma-se, no entanto, o motivo da morte do Conde D. João:

Atacado pela peste que então dizimava o exército português, o conde de Penaguião retirou-se para o convento de S. Francisco, fora das muralhas da cidade e ali faleceu contando apenas 39 anos de idade.

Mendes de Haro [*general castelhano*] portou-se como verdadeiro fidalgo, enviando no dia seguinte o cadáver para a cidade, com toda a pompa e honras devidas, sendo ali sepultado, mas mais tarde trasladado para o convento de S. Francisco, no Pôrto, onde tinha o seu jazigo.

Sobre o Conde D. João Rodrigues de Sá e Meneses *vd.* Costa e Cunha (2010: 7 *et passim*) e também *Dicionário de Personalidades*. (2004: XVIII, pp. 79-80).

¹⁷⁴ Sousa (1747: XII, Parte I, p. 534), na genealogia dos Sousas, esclarece: «Cardeal da Santa Igreja de Roma, Arcebispo e Capelão mor».

¹⁷⁵ Costa (1789: pp. 331e 332) dilucida sobre esta personalidade: «I. Marquez de Arronches, III. Conde de Miranda, VII Governador e Alcaide Mor desta Cidade do Porto. N. a 17 de janeiro de mil seiscentos e vinte e seis. Aos 12 annos de idade assentou Praça de Soldado, e aos 16 acompanhou Filipe IV na jornada de Aragão. Foi Gentil Homem da Camara do Principe D. Theodosio; duas vezes Embaixador Extraordinario a Hollanda e ás Cortes de Madrid, e Londres; Conselheiro de Estado d’ ElRei D. Pedro II. [...]». *Vd.* também Costa (1947:

rizada e de quem reproduzimos a assinatura na Fig. 49, adaptada do f. 297r do *Livro 3 de Lembranças*, n.º 5, (do AHSCMP), que contém uma ata de 18 de dezembro de 1658, altura em que Sousa Tavares era Provedor daquela instituição. Freitas e Mendes (1990: p. 49) informam que também ocupou este cargo tão distinto em 1663.

As poderosas famílias portuenses Sá e Sousa¹⁷⁶, que possuíam para além dos títulos de, respetivamente, Conde de Penaguião e Conde de Miranda do Corvo, muitos outros, estabeleceram entre si laços familiares. Como exemplo, refira-se que os contendores de quem nos ocupámos anteriormente eram primos, uma vez que a mãe de Henrique de Sousa Tavares e Luís de Sousa, Leonor de Mendonça, casada com Diogo Lopes de Sousa, 2.º Conde de Miranda¹⁷⁷, era tia de João Rodrigues de Sá e Meneses e Manuel de Sá, irmã do pai destes, Francisco de Sá e Meneses, 2.º conde de Penaguião¹⁷⁸. Ribeiro da Silva (1985: I, p. 309) confirma a situação, afirmando «Por volta de 1629 estas duas casas achavam-se unidas por laços familiares pois os Condes de Penaguião e de Miranda do Corvo aparecem referidos como cunhados.».

Foi em louvor de Henrique de Sousa Tavares, a quem já nos referimos, que Sucarelo fez o soneto “Neste insigne aparato que à vaidade” – um dos raros do poeta em tom panegírico – a propósito de um jantar dado pelo conde de Miranda, talvez nos anos de vigência como Provedor, «aos pobres do Hospital», nas palavras do copista, que preferiu referi-lo como «Marquês de Arronches». Só podia estar a referir-se a Henrique de Sousa Tavares, uma vez que, dos seus oito filhos, nenhum lhe herdou o título, tendo sido atribuído, posteriormente, a uma sua neta – D. Mariana Luíza Francisca de Sousa Tavares Mascarenhas e Silva.

IX, pp. 528-529) e a rocambolesca biografia de Henrique de Sousa Tavares na *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Vol. III, s.d., p. 379.

¹⁷⁶ Sobre a nobreza do Porto, esclarece a obra *História do Porto*, sob a direção de Luís de A. de Oliveira Ramos, pp. 317-319:

A primeira questão a pôr é a seguinte: se a nobreza do Reino não poderia ter casa no Porto nem residir dentro da cidade por tempo superior a três dias e se tal privilégio foi mantido até ao reinado de D. Manuel I, de que nobreza portuense da época moderna se poderá falar?

É preciso esclarecer que aquele privilégio aparentemente segregacionista não era aplicado a todos os nobres de forma indiscriminada nem existia apenas no Porto. [...]

O que se pretendia era evitar que os grandes senhores, laicos ou eclesiásticos, se viessem instalar dentro de muros, impondo a sua lei que era naturalmente a da força e a da exceção. No fundo, trata-se de um privilégio destinado a defender a população urbana das prepotências e impunidades dos grandes privilegiados, [...].

Mas no Porto moderno viveram famílias nobres ainda que não muito numerosas nem provavelmente de cepa fidalga antiquíssima. [...]

A nobreza titulada resumia-se a poucas famílias. Destacaremos os Sás, que foram condes de Penaguião por concessão de Filipe II, tornando-se mais tarde marqueses de Fontes e de Abrantes. Tinham casa na Rua Chã e durante séculos detiveram a posse do cargo de alcaide-mor e capitão-mor da cidade. A segunda família era a dos Sosas, que Filipe II fez condes de Miranda do Corvo. Durante algumas gerações foram governadores da Relação e Casa do Porto. O 3.º conde foi feito 1.º marquês de Arronches por D. João IV. Possuíam o seu paço no alto da cidade e lá funcionou provisoriamente o tribunal antes de se mudar para a sua sede própria na Cordoaria.

¹⁷⁷ Sobre os Sosas *vd.* também Gayo (1941: p. 132).

¹⁷⁸ Sobre os Sás e Meneses *vd.* Gayo (1940: XXVI, pp. 118-119).

Também menciona na sua poesia Francisco de Carvalho¹⁷⁹, talvez o mesmo Francisco de Carvalho, Doutor em Direito pela Universidade de Coimbra, que nasceu em Lisboa em data desconhecida e morreu na mesma cidade em 1659. Foi fidalgo-cavaleiro da casa real, conselheiro e procurador da Real Fazenda, Chanceler da Casa da Suplicação, Desembargador do Paço e petição e Chanceler-mor do Reino e Senhorios, no tempo de D. João IV. Encontrámos também notícia de um Francisco de Carvalho, mordomo do Hospital de D. Lopo¹⁸⁰. Temos conhecimento de que ocupou este cargo pelo menos nos anos de 1636 e 1643. Seria um mordomo de condição social superior, uma vez que, em 1643, ocupou o cargo dois meses consecutivos, em julho e em agosto. Será o mesmo Padre Francisco de Carvalho mencionado num registo do AHMP, no *Cofre dos Bens do Concelho*. Livro 8.º, f. 21r, mestre da capela da Sé do Porto? Não o pudemos confirmar.

Visado foi também o Prior do Mosteiro de Moreira e, entre muitas outras figuras, o Dr. Manuel de Seabra e Sousa, Arcediago da Régua e Provisor do Bispado do Porto¹⁸¹. Por altura do desaparecimento deste último – 28 de julho de 1664 (Freitas, 1952: p. 11) – que «morreu de melancolia», de acordo com o antologizador Alão de Morais, fez a redondilha que se segue:

Redondilha

Gastou todo o bom humor,
deixou o ruim para o fim;
porque se não fora assim,
não morrera o Provisor.

O poeta correspondeu-se com algumas dessas personalidades, nomeadamente Gregório Martins Ferreira¹⁸². A título de exemplo, transcrevemos alguns versos da silva “Meu Gregório Martins, Deão do Porto”, cuja réplica se encontra na nossa edição crítica da obra de Sucarelo, em que, encontrando-se ausente do Porto, em Elvas, como esclarece o compilador na legenda que apresenta, escreve ao seu destinatário em busca de consolo e notícias:

¹⁷⁹ Vd. *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, VI, p. 74. Diz um seu biógrafo que «morreu pobre porque administrou a justiça com verdade e inteireza» (Freitas, 1952: p. 5). A sua assinatura consta na Fig. 52.

¹⁸⁰ Vd *Receita e Despesa da Administração dos Legados de D. Lopo*, n.º 47. Ano de 1643: f. 1r. Fig. 95 do Anexo.

¹⁸¹ Em Costa (1789: p. 344) pode ler-se «*Sacerdote*, e baptizado a 30. de Outubro de mil seiscentos e seis. M. a 28 de Julho de mil seiscentos e sessenta e quatro. Foi Doutor na Jurisprudencia Canonica, Arcediago da Regoa, Provisor, e Governador do Bispado do Porto, que servio com acerto e desinteresse. *Poesia*.».

¹⁸² Gregório Martins Ferreira (de quem reproduzimos a assinatura na Fig. 54) foi Deão da Sé do Porto e exerceu o cargo até março de 1654, altura em «que foi por sentença privado do benefício» (Freitas, 1952: p. 3). Era dado a fazer poesia e apresenta-se mesmo, muito humildemente, como poeta numa carta, em algumas décimas e numa silva, cuja cópia se encontra no Códice 8611, ff. 26r-32r, da Biblioteca Nacional de Portugal, que têm como destinatário D. Rodrigo de Meneses (a quem aludiremos em breve). Os textos, com algumas alusões licenciosas de que ele se desculpa, datam de 6 de novembro de 1652 e ocupam-se da possível relação que se perspetiva com uma freira – Caterina –, do Convento de Monchique do Porto, que é referida quer no poema de Sucarelo quer na réplica da autoria do Deão da Sé.

Carta a Gregório Martins Ferreira, Deão que foi do Porto, estando o Autor em Elvas

Meu Gregório Martins, Deão do Porto,
meu único conforto
da ausência e do desterro em que me vejo
feito Abegão nos campos do Alentejo;
se é que vos mereço,
pelas muitas saudades que padeço,
alguma piedade
sede remédio à minha saudade;
tomai na mão a pena,
invocai a suavíssima Camena,
pintando sempre fresco,
e com estilo lírico ou burlesco;
suspendendo do Douro as doces águas,
contai-me vossa vida e vossas mágoas,
[...]

Das personalidades mais mencionadas na obra poética atribuída a Sucarelo, Duarte Ribeiro de Macedo, desembargador da Relação e Casa da Suplicação do Porto e ainda Desembargador dos Agravos da mesma cidade, diplomata e também poeta de alguma fama¹⁸³ (cuja assinatura reproduzimos na Fig. 55), é, sem dúvida, aquela que se destaca pela quantidade e qualidade das menções, o que nos permite pressupor a existência de grande proximidade entre ambos.

É o próprio Duarte Ribeiro de Macedo quem dá conta dessa grande amizade numa silva com a legenda “Ao Doutor João de Sucarelo”¹⁸⁴, na qual tece os maiores elogios ao amigo, hiperbolizando a sua fama e desejando-lhe saúde; explica a dor e as lágrimas da partida, o que motivou a ausência da tradicional despedida, inspirando-se nos versos de Camões no episódio “Despedidas em Belém”; informa sobre o local onde vai ficar instalado; comenta a atribulada situação em que se encontra a capital, com o Tejo blindado de «fragatas»; refere uma visita ao Bacelar, certamente o poeta Barbosa Bacelar, a quem enaltece, apelidando-o de «Cisne do Tejo, Fenix da Poezia»; e alude a uma futura viagem de Sucarelo «Para entre Douro e, Minho». Passamos a transcrever o poema, pela sua importância e pelos esclarecimentos que proporciona.

Ao Doutor João de Sucarelo

Sylva

A Vós, senhor João de Sucarelo,
Que deste ao mais remoto paralelo

¹⁸³ A este nível, o essencial do seu trabalho está reunido nos dois tomos de *Obras do Doutor Duarte Ribeiro de Macedo (...)*, Lisboa, Officina de Antonio Rodrigues Galhardo, 1767.

¹⁸⁴ *Vd. ob. cit.*, II, livro II, pp. 306-307.

Sabeis chegar co'a fama,
Vos dezeja saúde quem vos ama:
Quem auzente de vós tem conhecido
Quanto sabe sentirse o bem perdido.
Dessa terra me vim sem despedirme,
Mas não obrava o gosto de partirme,
Amigo, esse descuido,
Que foi intento tudo,
Que posto he de amor uzança boa,
A quem se aparta, ou fica, mais magôa;
E como era forçosa esta partida,
Temi deixar nas maons da despedida
Da vida todo o alento,
Que he mui custozo hum vosso apartamento.
O dia em que parti com tantas agoas
O Ceo acompanhava minhas magoas:
Que entre o muito chorar, e o chorar muito,
Passava este Ribeiro nunca enxuto;
Em pessoa com tudo, e sem pessoa
Cheguei à grão Lisboa,
Em Enxobregas fico,
E a saudade de cá vos sacrificio;
Olhai o que deveis a esta vontade,
Que passa com saudades saudade.
Se quereis vos dê novas desta Corte,
Não há nova de porte,
Digo, que o porte valha desta carta;
Mas porque em fim não parta
Sem esta obrigação, que he já forçosa;
Aqui se ordena Armada poderosa,
Porque oprimido de fragatas vejo
O cristal puro do sagrado Tejo,
E pelas ruas também anda armada
A fermosura, ou grave, ou engraçada.
O Bacelar vou ver deste retiro,
Seus versos ouço, sua voz admiro,
Prezidente de toda a Academia,
Cisne do Tejo, Fenix da Poezia.
Em quanto não fizeres o caminho
Para entre Douro, e Minho,
Posto que estais sem mim, vivei comigo,
E o Ceo vos guarde amigo:
Deste lugar, adonde
No mar o Tejo seu cristal esconde.

A proximidade entre ambos é também testemunhada na décima da autoria de Ribeiro de Macedo “Daqui, Senhor Regedor”¹⁸⁵, em que se percebe estar o autor em companhia de Sucarelo, numa visita a D. Rodrigo de Meneses¹⁸⁶.

¹⁸⁵Vd. *ob. cit.*, II, livro II, p. 323.

¹⁸⁶ Filho do 2.º conde de Cantanhede, D. Pedro de Meneses (Costa e Cunha: 2010, p. 115), terá vivido entre 1610 e 1675. Figura importante da Restauração, foi Regedor da Justiça e Casa da Suplicação (em 2 de maio de 1654 já o era) e Deputado da Junta dos Três Estados, Governador da Relação do Porto de 1650 a 1654, entre outros cargos. Casou com D. Guiomar de Meneses, por volta de 1640. Foi muito próximo do infante, futuro Rei D. Pedro II, e um homem de letras do seu tempo, correspondendo-se assiduamente com o P.º António Vieira. Vd. Ericeira (1698: II, pp. 484, 745, 821, 843); Alegrete (1727: p. 292); *Cartas do P. Antonio Vieyra da Companhia de Jesu* (1735: I, pp. 128-308) e (1735: II, p. 46 *et passim*); Sousa (1738: V, p. 289); Monteiro (1746:

Ao atentarmos no conteúdo de cinco poemas atribuídos a Sucarelo e que se relacionam com o diplomata, facilmente detetamos uma grande cumplicidade entre ambos. Assim, e apoiando-nos na legenda do copista, o teor da décima que transcrevemos seguidamente prende-se com pormenores da vida íntima do Dr. Duarte Ribeiro de Macedo:

A Duarte Ribeiro, mandando-lhe perguntar como passara a noite em Coimbra com uma moça a que chamavam Cunhada

Veio Elisa muito guapa
ao retrete onde eu me dispo;
dormiu em cama de Bispo,
com cobertores de Papa;
está feita uma gualdrapa
de dormida e desvelada,
nos colchões agasalhada,
entre cortinas de seda;
enfim Elisa é moeda,
porque é batida e cunhada.

O romance “Juiz que na sala livre” contextualiza a presença do amigo do nosso poeta em Elvas. Neste poema, Sucarelo refere a sua estadia num «ditoso alvergue», perto do «Escorregadio» (rua de Elvas, que ainda existe) e dá conta pormenorizadamente da sua rotina diária num dia de verão, com alguns detalhes que, a nosso ver, só se revelam numa relação de grande familiaridade. A silva “Coçaste-me a borbulha” é uma carta de resposta a outra que mandou a Sucarelo o Dr. Duarte Ribeiro de Macedo, estando em Coimbra. Nessa mesma resposta, o nosso autor, entre outros aspetos, recorda com saudade os tempos passados nessa cidade. Mas, a correspondência entre ambos não se fica por aqui. Estando o autor em Lisboa, descreve e critica a vida licenciosa da capital ao seu amigo, que se encontrava em Coimbra, na silva com o elucidativo *incipit* “Meu Duarte Ribeiro” e um segundo verso que adianta traços físicos do seu interlocutor – «meu Bacharel barbinhas de sedeiro», não menos importante para atestar da amizade entre ambos, terminando afavelmente o poeta com as palavras «vosso João Sucarelo Claramonte», não sem antes aludir desbragadamente à vida sexual do amigo em Coimbra, nos versos «fornicando de graça / as duas Margaridas da Couraça¹⁸⁷».

O poema de tom escatológico, e respetiva legenda, que seguidamente reproduzimos, não podiam ser mais esclarecedores da relação muito próxima entre Sucarelo e Duarte Ribeiro de

pp. 189-228); Silva (1856: pp. 7 e 43); *Revista Trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*. Tomo VI. Rio de Janeiro: Typographia de João Ignacio da Silva, 1844, p. 241; Costa (1947: IX, p. 528) e Costa e Cunha (2010: pp. 7, 43 e 115).

¹⁸⁷ A Rua da Couraça de Lisboa situa-se em Coimbra e desemboca na Universidade. Também a ela se referiu José Saramago em *Viagem a Portugal*. Lisboa: Caminho, 1997, p. 137: «(...) a Couraça de Lisboa, íngreme calçada por onde têm rolado muitas ilusões perdidas de bacharelato e licenciatura.» e, no século XIX, Eça de Queirós: *vd. A Ilustre Casa de Ramires*. Porto: Livraria Lello & Irmão, 1936, pp. 11 e 26.

Macedo, dando conta dos dois companheiros numa situação muito particular, que quase dispensa explicações:

Estando uma noite fazendo câmara¹⁸⁸ o Autor em companhia do Doutor Duarte Ribeiro de Macedo, Desembargador do Porto, deu o dito Duarte Ribeiro um traque grande, dizendo um verso:

Desabafa, coração;

E logo o Autor, que era pouco afecto a Miguel de Tavares¹⁸⁹, criado do Conde de Miranda¹⁹⁰, que era Tesoureiro das despesas, respondeu continuando a redondilha:

e quando desabafares
lança um grande cagalhão
para Miguel de Tavares.

São também bastante consistentes as referências a uma relação de amizade com D. Rodrigo de Meneses, a quem já fizemos menção. As décimas “Daqui, Senhor Regedor” e “Aqui, Senhor Regedor”, respetivamente da autoria do diplomata a quem nos referimos anteriormente e do poeta de quem nos ocupamos, e consequentes réplicas do Regedor da Justiça, apresentadas na obra atribuída a Duarte Ribeiro de Macedo¹⁹¹, à qual já aludimos, são disso prova irrefutável.

A grande estima entre Sucarelo e Rodrigo de Meneses encontra-se ainda demonstrada na carta em quintilhas “Se com saudade partistes”, da qual consideramos pertinente transcrever a primeira estrofe, por ser reveladora da relação muito próxima de ambos:

Carta

A Dom Rodrigo de Meneses

Se com saudades partistes,
se triste vos ausentastes
do sol que chorando vistes;
a mim também me deixastes
lágrimas nos olhos tristes.
[...]

¹⁸⁸ Defecando.

¹⁸⁹ Temos notícia de um Miguel de Tavares Leitão, Mordomo do Hospital de D. Lopo, que consta de um registo do mês de novembro de 1666, relativo ao pagamento de despesas por ele feitas no mês de outubro, para assistência aos enfermos (Vd. *Despesas do Hospital de D. Lopo*. Livro n.º 8, f. 9v). O mesmo Miguel de Tavares Leitão assina como escrivão da Câmara um documento, que data de 26 de março de 1659 (Vd. AHMP. *Cofre dos Bens do Concelho*. Livro 8.º, f. 151r). Será a mesma pessoa? Não o pudemos confirmar.

¹⁹⁰ Talvez seja Diogo Lopes de Sousa, 2.º Conde de Miranda do Corvo ou, mais certamente, o seu filho, Henrique de Sousa Tavares, 1.º Marquês de Arronches e 3.º Conde de Miranda do Corvo, a quem já aludimos.

¹⁹¹ As décimas de que se fala foram elaboradas numa altura em que os dois amigos procuravam encontrar-se com o Regedor, mas não o lograram, uma vez que ele, a fazer fé nas informações da legenda, andava «no cortejo da Senhora [D. Guiomar de Meneses] com quem havia de casar». As décimas dos primeiros, originaram como resposta de D. Rodrigo dois poemas em décimas também, a saber: “De uma em outra esperança” e “Amor que por glória tem”. Vd. na Edição crítica da obra de Sucarelo as réplicas II e III.

O poema é também elucidativo do conhecimento da atribulada e devassada, porque conhecida «na praça», vida amorosa de D. Rodrigo por parte do poeta, vida essa que se encontraria em risco, visto que estavam postos «em perigo / empenhos de tanto Amor», dado o facto de aquele ter tido necessidade de se ausentar, pelo que brinca Sucarelo: «Ó Rodrigo, ó Rodrigo, / quanto vos fora melhor / não serdes governador». A crer na legenda de uma das versões do poema, a que consta do Ms. 30767 da BL, D. Rodrigo de Meneses ter-se-á ausentado para o Porto, para assumir o cargo de Governador. De acordo com Costa (1947: IX, p. 528), tal terá ocorrido entre 23 de julho de 1650 e 2 de maio de 1654, altura em que passou a desempenhar a função de Regedor da Casa da Suplicação.

A grande proximidade entre João Sucarelo, D. Rodrigo de Meneses e Rui Fernandes de Almada (a quem já aludimos com mais detalhe) encontra-se também documentada na silva, cujo teor íntimo não oferece dúvidas, “Si, Senhor, eu me vim dessa cidade”, “que fez o autor a Rui Fernandes de Almada, estando em Coimbra, para mandar a D. Rodrigo de Meneses”, de acordo com a legenda de Alão de Morais. Contextualizemos: Rui Fernandes de Almada, de Lisboa, desloca-se até Coimbra, levando saudades da capital. Estas dissipam-se ao comparar os estilos de vida de ambas as cidades: a vida desenfadada da corte, com apelos «de toda a sorte», em contraste com o sossego da cidade dos estudantes, onde, no entanto, não deixa de gozar placidamente todos os prazeres a que tem direito. Em Coimbra priva com João Sucarelo, a quem pede que lhe escreva uma carta para mandar a Rodrigo de Meneses. As informações que pretende transmitir, são metamorfoseadas pelo poeta no texto lírico. Afirma, então, abertamente «canto, ouço cantar, como e descanso», passa «na grade, a tarde inteira», sente-se um «Rei pequeno». Lastima a vida afadigada de D. Rodrigo, «na *visitação*¹⁹² sempre medido», «amante incorregível e obstinado», já com fama de «amancebado», por quem teme que possa acabar com o «cabedal gastado». Esta carta termina com a referência cronológica «segunda-feira, dezasseis de Maio», que, acabámos por concluir, corresponde ao ano de 1644.

Importa fazer uma breve divagação para que tenhamos oportunidade de nos explicarmos: na centúria de seiscentos, apenas os anos de 1616, 1644 e 1672 tiveram o dia dezasseis de maio correspondente a uma segunda-feira. Dos três anos referidos, somente o de 1644¹⁹³ nos interessa, uma vez que em 1616 Sucarelo ainda não tinha nascido e em 1672 já tinha morrido, como comprovaremos com o registo de óbito que apresentaremos oportunamente. Acrescen-

¹⁹² Atentemos na dupla conotação da palavra, que era um nome próprio muito comum da época e que também se referia, como ainda hoje, ao ato de visitar.

¹⁹³ *Vd.* «1644 (MDCXLIV, na numeração romana) foi um ano bissexto, de 366 dias, do Calendário Gregoriano, as suas letras dominicais foram C e B, teve 52 semanas, início a uma sexta-feira e terminou a um sábado». Disponível em WWW: <URL: [http:// pt.wikipedia.org/wiki/1644](http://pt.wikipedia.org/wiki/1644)>. [Consult. 17 de abril 2014].

temos mais dois dados, no sentido de confirmarmos as asserções anteriores: por um lado, em 1644, ia Sucarelo no seu terceiro ano de estudante da Universidade de Coimbra, por outro lado, no poema alude-se ao «Inquisidor Andrade» – Cristóvão de Andrade Freire, que seria Inquisidor de Coimbra à data assinalada.

Ainda no que toca às amizades de Sucarelo, não poderíamos deixar de mencionar Cristóvão Alão de Moraes, contemporâneo e o principal antologista conhecido dos poemas do autor em estudo, que se apresenta como seu amigo, no título que deu à compilação: «Obras / Poeticas / Do / Doutor / João Sucarello Claramõte / Cavalleiro do ha- / bito de Christo / E Medico Portuense / Que / Ajuntou com grande trabalho / Christovão Alão de Moraes / Seu grande Amigo / Anno MDCLXVII»¹⁹⁴. Será conveniente referir que, apesar do título anterior, não encontramos na obra poética de Sucarelo qualquer referência a Alão de Moraes. Existe uma única alusão a um «Cristóvão», companheiro de Sucarelo na farra e namoros na grade, na silva “Si, Senhor, eu me vim dessa cidade” (à qual já aludimos mais detalhadamente), mas não nos é possível concluir se o dito «Cristóvão» é o conhecido genealogista. Há, no entanto, um dado que nos parece importante: a legenda do romance “Faz anos Dona Maria,”, que consta deste Ms. 755, em que é o próprio Alão de Moraes que afirma ter pedido a Sucarelo a elaboração do poema¹⁹⁵. Também na legenda da quintilha “Besbelho comum de três”¹⁹⁶, o antologista refere que o poema foi elaborado na sua presença: «Que fez à minha vista o Autor» e informa também que o poeta não acabou os poemas “Saloia dos olhos verdes” e “Ó muito nobre e sempre leal cidade”. Se atentarmos nas legendas apostas aos poemas do Manuscrito 755, facilmente deduzimos que muitas delas se revelam de um pormenor só possível num relacionamento com grande familiaridade.

De facto, ao poeta não deviam faltar amizades e proximidade com pessoas influentes do seu tempo, o que leva Pontes (1953: p. 147) a afirmar: «Cirurgião-mor dos exércitos do Alentejo, Sucarelo, que chegou a receber o hábito de Cristo, era, na vida social, um homem carregado de responsabilidades.».

Na sua poesia, repleta de patronímicos, Sucarelo e os seus calígrafos aludem, de facto, a uma galeria de contemporâneos, contudo, de alguns sabe-se muito pouco e de outros não conseguimos encontrar qualquer informação¹⁹⁷: Martim Pascoal; Grácia da Costa; D. Serafi-

¹⁹⁴ Trata-se do já por diversas vezes mencionado Ms. 755 da BPMP.

¹⁹⁵ A legenda referida é «Romance Aos anos de D. Maria dos Mártires, havendo-lho eu pedido».

¹⁹⁶ Reproduzimos o poema na p. 120.

¹⁹⁷ A este propósito refere Viterbo (1950: p. 19): «Acresce ainda a circunstância de que há nelas frequentes alusões a indivíduos, que nos são hoje completamente desconhecidos, o que as torna por isso mais obscuras e

na; Domingos Vieira, filho do alfaiate a quem chamavam “O Orelha”; Martim Peixoto; António Meireles; o cônego João Dias¹⁹⁸; Madalena Pinheira¹⁹⁹; Dr. Luís Gomes de Loureiro²⁰⁰; D. Maria dos Reis²⁰¹; Carola Toureiro²⁰²; Pero Paulo de Sousa, Corregedor da Comarca do Porto²⁰³, de quem expõe a vida em praça pública, revelando que andava amancebado com Eva da Cruz; João Fernandes²⁰⁴; Diogo Brandão, o Besbelho²⁰⁵; Manuel de Sousa, a quem

menos compreensíveis.». Com o nosso trabalho, a grande maioria dos «indivíduos» referidos anteriormente deixará de ser desconhecida.

¹⁹⁸ De acordo com Freitas (1952: p. 10), seria «João Dias Ferreira [que] tomou posse do seu canonicato em 24 de Dezembro de 1647». Em meados deste mesmo ano, no dia 10 de julho, celebrara um casamento na paróquia da Vitória, no Porto, devido à ausência, por licença, do pároco responsável (ADP. *Registos de casamentos 1646-01-01/1705-11-22*. PT/ADPRT/PRQ/15/002/0003. Disponível em WWW: <URL:http://pesquisa.adporto.pt/viewer?id=491184>. [Consul. 21 abr. 2016]. Sabemos que foi capelão da SCMP, a partir de um registo de outubro de 1642. Cf. AHSCM, *Despesa Geral*, n.º 2, fl. 378v, de onde extraímos a sua assinatura (Fig. 53).

¹⁹⁹ O copista do Ms. 755 da BPMP esclarece: «Era uma criada das Freiras de Celas».

²⁰⁰ Presumimos tratar-se de um Conservador da Universidade de Coimbra, referido em documentos desta Universidade, com data respetivamente de 12 de outubro de 1640 e 28 de março de 1650. Vd. Almeida (1972: III, pp. 100 e 200).

²⁰¹ Sabe-se que foi casada com Domingos Antunes Portugal, a quem aludimos nas páginas seguintes.

²⁰² Em Duro, António Rodovalho, *Historia do toureio em Portugal*. Lisboa: Antiga Casa Bertrand, 1907, p. 134, encontramos uma referência a um famoso forçado de profissão de nome Miguel Carola, sem, no entanto, termos conseguido apurar a época em que viveu. Decidimos registar a ocorrência, em virtude de o apelido Carola ser pouco frequente e poder, eventualmente, tratar-se da mesma pessoa.

Estamos em crer que o dito Carola referido por Sucarelo seria da região de Lisboa, o que concluímos a partir do verso «cantou-lhe de Alvalade um Roixinhol». «*rouxinol de Alvalade*» é uma expressão proverbial antiga cuja utilização se justifica pelo facto de Alvalade fazer parte, na altura, dos arrabaldes de Lisboa.

No entanto, o toureiro podia também ser do Porto, uma vez que se, atualmente, a tourada é uma *tradição repudiada* (a expressão é de Real *et al.*: 2002), na Invicta, na época de Sucarelo, eram frequentes as «corridas de touros, para as quais era preciso as tapagens do curro na Rua Nova e pagar as garrochas ao ferreiro.», dilucida Ribeiro da Silva (1985: II, pp. 1021-1022). Em Resende (2002: p. 15) pode ler-se «São várias as séries documentais do Arquivo Municipal com assentos de despesas relativas a festas e, especificamente, a corrida de touros na nossa cidade [Porto]. Até meados do século XVIII, o local escolhido para a realização destes espetáculos foi a Rua Nova, talvez pela sua modernidade, formosura e “largueza”. [...] Havia ainda outras despesas, como as “garrochas”, pagas a Maria Ferreira em 30 de Agosto de 1635».

Sobre as touradas no Porto, vd. também Pimentel (1894: pp. 91-92).

²⁰³ Silva (1856: p. 176) dá conta de um assento assinado a 6 de novembro de 1649 por vários «Desembarçadores dos Aggravos», incluindo Pero Paulo de Sousa. Ribeiro da Silva (1985: I, pp. 444, 450 e 533) alude ao Corregedor Pero Paulo de Sousa, numa eleição, com data de 1639, de um Procurador da Cidade, por ele presidida; define também com precisão o espaço de tempo em que ocupou o cargo: «Também o Corregedor Pêro Paulo de Sousa se mantém na Corregedoria do Porto para além dos 3 anos: de 1631 a 1639.»; dá conta de uma resolução do Corregedor, com data de 1636. Sobre esta matéria, veja-se também do mesmo autor e na mesma obra, pp. 709, 867, 1019, 1104, 1115 e 1261, onde se alude a esta personalidade portuense no âmbito do desempenho das suas funções, nomeadamente entre o ano de 1634 e 1636. No AHMP, no *Cofre dos Bens do Concelho*, Livro 8.º, são frequentes os registos onde consta o nome de Pero Paulo de Sousa, referentes a pagamento diversos de ordenados e aposentadorias.

²⁰⁴ Será o mesmo João Fernandes, carpinteiro-caixeiro de quem fala Ribeiro da Silva (1985: II, pp. 710 e 910), aferidor de medidas e pesos, que arrendou esse serviço à Câmara do Porto durante anos a fio e ficou de quarentena depois de se ter ausentado do Porto, para receber umas rendas devidas à Misericórdia do Porto? A documentação pesquisada não nos permitiu ir mais longe; no entanto, como o nome e as datas são coincidentes, adiantámos a hipótese de poder tratar-se da mesma pessoa.

²⁰⁵ Ribeiro da Silva (1985: I, p. 482) alude a um proprietário de uma quinta «em Coreixas, julgado de Penafiel» de nome «Diogo Brandão, o Contador», numa época contemporânea a Sucarelo. Tratar-se-á da mesma pessoa? Ignoramos.

chamavam “O Galhardo”²⁰⁶; o Doutor Manuel Maio de Macedo²⁰⁷; Francisco Aranha²⁰⁸; Paio Ferreira Pinto, o «Cabeça de Vaca»²⁰⁹; António Velho Gondim, «Cónigo» de Braga²¹⁰; «Gervásio do Sal»²¹¹, / Um Bacharel importuno», Francisco Ferreira de Valdevezo²¹², Gil Vaz²¹³, o

²⁰⁶ No *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*, Volume XVII, de 1954, pp. 273-274, encontramos alusões ao Capitão de Infantaria e cidadão do Porto Manuel de Sousa Galhardo, morador na Rua Nova, e seus irmãos, um dos quais o Doutor Santos de Sousa, referido por diversas vezes ao longo deste trabalho, por motivo de uma escritura de partilhas, com data de 28 de julho de 1646. Pensámos tratar-se da mesma pessoa referida na obra de Sucarelo, pela coincidência das datas e dos nomes. No *Boletim Cultural* todos os irmãos são apresentados com os apelidos «Sousa Galhardo», embora estejamos convencidos de que este último não seria sobrenome, mas sim alcunha, se atentarmos ao aposto da legenda e ao facto de o Doutor Santos de Sousa, nos diversos registos que dele encontramos, nunca ser referido por «Galhardo».

²⁰⁷ Segundo os registos de matrículas e exames do AUC (Disponível em WWW:<URL:http://pesquisa.auc.uc.pt/details?id=181558&ht=Manuel%20Maio%20de%20Macedo>. [Consult. 01 de set. 2015].), era natural de Vila do Conde, filho de Belchior Fernandes.

Em Costa (1789: p. 343) podemos ler: «*Secular*, e versadíssimo nas letras Humanas. Floreceo no seculo passado. *Medicina*.»

De Ribeiro da Silva (1985: II, pp. 725-726) reproduzimos: «[em] 1639 [o] Doutor Manuel Maio de Macedo, [foi] eleito por unanimidade no Senado, na presença dos Procuradores do Povo, o qual não tomou posse sem se comprometer a tratar gratuitamente os oficiais da Câmara.» Este médico terá sido colega de António Sucarelo, uma vez que foi médico da Misericórdia. Ocupou o cargo de mordomo do Hospital de D. Lopo, como comprova um registo com data de fevereiro de 1666. *Vd. Despesa do Hospital Geral (1648-1732)*, n.º 6, fl. 63v. Vigora também na lista de almotacés da cidade do Porto, de maio a julho de 1640 (Ribeiro da Silva, 1985: II, p. 1256) e foi «físico da Câmara», como consta de um registo do *Cofre dos Bens do Concelho*, Livro 8.º, f. 19r, que se encontra no AHMP. Sobre Manuel Maio de Macedo ver também Dinis (2008: p. 192).

²⁰⁸ No decorrer das nossas pesquisas, encontramos o nome Francisco Aranha referente a um padre mártir na Índia Oriental, que não nos parece ser a mesma pessoa referida por Sucarelo. *Vd. Sousa (1744: IV, pp. 159 e 161)*. No entanto, o patronímico Aranha era muito vulgar na época de Sucarelo, nomeadamente em indivíduos ligados à vereação da cidade do Porto, como se pode constatar em Ribeiro da Silva (1985: p. 281 *et passim*), pelo que será de ter em conta que Francisco Aranha efetivamente existiu.

²⁰⁹ Pesquisas levadas a cabo no AUC (Disponível em WWW: <URL: http://pesquisa.auc.uc.pt/details?id=130937&ht=Paio%20Ferreira%20Pinto>. [Consult. 30 de set. 2015].), permitiram-nos saber que Paio Ferreira Pinto era natural do Porto, filho de Gonçalo Ferreira. Regista matrículas em Cânones, de 1640 a 1649. Obteve grau de Bacharel em 1648 e formou-se em 1649. O seu nome consta do maço 4, n.º 17, dos processos de habilitação para servir os Lugares de Letras, com data de 1650, que se encontra na Torre do Tombo. Cf. Amaral e Correia de Matos (2006: pp. 135 e 266). Consta também como Licenciado numa ata que regista a sua eleição para o desempenho de tarefas na Santa Casa da Misericórdia do Porto (cf. Fig. 96). A sua assinatura está reproduzida na Fig. 56.

²¹⁰ É possível que se trate do mesmo António Velho Gondim, que participou na armada de restauração da Baía em 1624, composta por numerosos navios, entre os quais três vindos de Viana do Castelo «dos mais nobres lugares de Portugal, (...) compostos por pessoas muy principais (...)», de acordo com informações obtidas na *Revista trimensal do Instituto Historico e Geographico e Ethnographico Brasileiro, XXII*. Rio de Janeiro: Typ. Imparcial, de J. M. N. Garcia, 1859, p. 384. A família Gondim, apesar de ter adquirido notoriedade social ao longo dos tempos, teria origens modestas, como esclarece Cruz (1982: pp. 54 e 55).

²¹¹ Em *A Cidade de Évora*, Boletim da Comissão Municipal de Turismo, n.ºs 58-59. Évora: Câmara Municipal, 1975, p. 342, encontramos a seguinte referência:

«3076 – Alvará d’El-Rey nomeando para Provedor desta Comarca ao Bacharel, Gervásio do Sal d’Almeida, que foi Corregedor d’Elvas.
Lisboa de 29 de outubro de 1656
Livro 5.º de Registo fl. 315 vº»

O mesmo Gervásio do Sal d’Almeida é referido em Belém (1753: p. 204). No AHSCMP, no livro de *Despesa do Hospital Geral (1648-1732)*, n.º 6, fl. 43v, alude-se a Gervásio do Sal de Almeida, mordomo do hospital de D. Lopo, num registo com data de 1 de dezembro de 1659. Trata-se, certamente, da mesma pessoa citada por Sucarelo, dada a originalidade do nome e a sua contemporaneidade com o poeta. Também no AHMP, no *Cofre dos Bens do Concelho*, Livro 8.º, é referido, em vários registos de pagamento de ordenado, o nome de Gervásio do Sal de Almeida, no desempenho das funções de juiz de fora da cidade do Porto.

²¹² Em Ericeira (1759: Tomo IV, p. 406), encontramos uma referência a Francisco Ferreira de Val de Vezo, que, no reinado de D. Pedro II, ano de 1666, governava a nau S. Gonçalo e ia exercer o cargo de Vedor Geral da

Padre Nuno Vicente, vigário de Macau²¹⁴, entre outros, que vamos mencionando quando se revela oportuno.

4.2. A Misericórdia do Porto – uma presença indireta na poesia de Sucarelo

Começamos por fazer uma pequena correção ao título anterior, esclarecendo que a instituição é brevemente referida por Alão de Morais, na legenda que colocou na redondilha com *incipit* “Fervem os Pontificais”. Diz então o antologador «[...] e fazendo depois outro o dito Abade na Mi^a pregou o Prior de Cedofeita Nicolau Monteiro».

Ao longo desta dissertação, são abundantes as referências a indivíduos mencionados por Sucarelo ou pelos seus antologadores que, acabámos por descobrir, estiveram ligados à SC MP. Uma vez que são em número considerável e vão sendo todos devidamente assinalados, abstemo-nos de os elencar, nesta fase do trabalho.

A ambição de projeção social poderá estar subjacente ao “apetite” por pertencer à confraria²¹⁵, tal como Isabel dos Guimarães Sá (1997: p. 73) dá a entender:

um dos principais factores do sucesso das Misericórdias consistiu na autonomia própria de cada Misericórdia: não estavam debaixo da autoridade de nenhuma outra (nem da de Lisboa, cujas regras tinham um valor exemplificativo), podiam seguir as suas próprias normas, desde que inspiradas no

Fazenda do Estado da Índia, levando a notícia da posse do reino por D. Pedro, e da paz com Castela, o que encheu de contentamento os Governadores e todos os portugueses que habitavam na Índia. Pela coincidência do nome e da data, pensamos tratar-se da mesma pessoa.

²¹³ Trata-se, muito possivelmente, de Gil Vaz Lobo Freire, filho de Gomes Freire de Andrade e de D. Luísa de Moura. Participou com o seu pai no 1.º de Dezembro de 1640, tendo sido um dos nobres insurretos que obrigou a Duquesa de Mântua a abdicar do cargo de Vice-Rainha de Portugal. Foi uma personalidade do período da Guerra da Restauração conhecida pela sua coragem no campo de batalha, mas também pela seu carácter violento e por crimes cometidos, dos quais terá ficado impune devido à sua posição social e influência na Corte.

²¹⁴ Em Morais, A. Faria de, *Subsídios para a História de Timor*. Bastorá: Tipografia Rangel, 1934, pp. 34-35, numa análise da presença das ordens religiosas nos domínios portugueses no Oriente por volta de 1750, o autor apresenta o nome de um conjunto de frades, entre os quais o de Frei Nuno Vicente. Se pela data não será a mesma pessoa a quem se referiu Sucarelo, o nome e a localização não deixam de ser uma coincidência curiosa. Ter-se-á Morais equivocado quanto à data?

²¹⁵ Ribeiro da Silva (1993: p. 84) refere que pertencer à confraria «cimentava o prestígio» social. O mesmo autor referira em trabalho anterior (1985: I, p. 337): «torna-se evidente que a promoção social era conscientemente desejada e procurada embora nem sempre conseguida. Testemunhos desse afã assumido sem subterfúgios conservam-se nos livros da Misericórdia em cuja Irmandade, como sabemos, os irmãos se repartiam em partes iguais por 2 escalões: os nobres e os plebeus.

Ora aconteceu frequentemente que os candidatos rejeitavam a admissão anteriormente requerida, por não serem arrumados no grupo superior a que se julgavam com direito ou uma vez empossados, se recusavam a realizar tarefas que reputavam incompatíveis, com a honra que, no próprio entender, haviam atingido.».

compromisso²¹⁶ de Lisboa. A autoridade máxima de cada Misericórdia, o provedor, não prestava contas a nenhuma instância que não ao rei através dos provedores das comarcas.

[...] as Misericórdias transformaram-se num elemento fundamental do poder local [...].

A única entidade a que as Misericórdias prestavam contas era ao rei e essa prerrogativa conferia-lhes uma grande autonomia no quadro da vida política local.

Quem podia, então, fazer parte deste *lobby*? Isabel dos Guimarães Sá (1997: p. 95) e Ribeiro da Silva (2002: pp. 34 e 35) diferem ligeiramente nas informações que facultam, mas oferecem um contributo essencial no desenhar do perfil dos indivíduos retratados na poesia de Sucarelo.

Isabel dos Guimarães Sá afirma, então:

A idade mínima para entrar na confraria eram os 25 anos, idade prevista na lei para o fim do poder do *pater familias* e portanto para a obtenção da maioridade, o que circunscreve a pertença à confraria aos adultos do sexo masculino. [...]

Os compromissos estipulavam uma série de condições de admissão que faziam com que os irmãos tivessem de possuir tempo livre para se dedicarem aos afazeres próprios da confraria. O caso dos artesãos é bem significativo: deviam possuir oficina própria e portanto deter a categoria de mestre. Estava assim excluída a grande massa dos iletrados e assalariados, o que à partida afastava os indivíduos mais pobres e menos influentes.

Ribeiro da Silva, baseado no compromisso da Misericórdia do Porto aprovado em 1594, esclarece:

em 1594 o número máximo [*de irmãos*] havia sido fixado em 150, entre nobres e mesterais, obedecendo o recrutamento a alguns requisitos: deviam gozar todos de boa fama e boa conduta, ser tementes a Deus, ainda que solteiros mas de 40 anos para cima e viverem em casa própria, cristãos velhos, deviam saber ler e escrever, e os mecânicos haveriam de ter tenda sua.

Compreendemos, por conseguinte, a importância social que se adquiria por se pertencer à Misericórdia. Consequentemente, não nos surpreendemos ao encontrar nesta organização elitista figuras de proa do Porto de seiscentos (a quem, nos momentos oportunos, nos referimos mais detalhadamente), como Henrique de Sousa Tavares, Conde de Miranda; Nicolau Monteiro, Prior de Cedofeita; um parente deste último, João do Amaral de Albuquerque, que seguiu a carreira das armas e era filho de António do Amaral Albuquerque, que foi fidalgo e vereador na Câmara do Porto; o Desembargador da Relação do Porto e Corregedor da mesma cidade, Cristóvão Alão de Morais, principal copista de Sucarelo, também reputado genealogista e escritor; o vereador do Porto e Fidalgo e Cavaleiro da Casa Real, António Carneiro de Vasconcelos; o filho do Senhor dos Coutos de Freiriz e Penagate, Nuno Barreto Fuseiro; Álvaro de Abranches da Câmara, Comendador de S. João da Castanheira, na Ordem de Cristo e

²¹⁶ Idem (2002: p. 34) dilucida «A estrutura organizativa da Misericórdia do Porto obedecia ao prescrito na lei de bases que era o Compromisso», um conjunto de regras que definia a organização e funcionamento da confraria. No Anexo apresentamos uma imagem (Fig. 106) do Compromisso da Misericórdia do Porto, de 1646, que faz parte do acervo da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra.

senhor do morgado de Abranches, um dos aclamadores do Rei D. João IV, elemento do seu Conselho de Estado e Guerra, Governador das armas da província da Beira e das de Entre Douro, Minho e cidade do Porto; todos, ao longo dos anos, com funções de liderança, entre tantos outros outros irmãos / mordomos com quem nos fomos deparando.

A partir de Freitas e Mendes (1990: p. 49 *et passim*) e dos muitos documentos que consultámos no AHSCMP, identificámos alguns Provedores, personalidades referidas ou por Sucarelo ou pelos seus copistas: Álvaro de Abranches da Câmara, em 1655 e 1656; António do Amaral de Albuquerque, em 1638; Henrique de Sousa Tavares, em 1658 e 1663; Nicolau Monteiro em 1636, 1643 e 1664 e Nuno Barreto Fuseiro, em 1666 e 1667. Sabemos também que António do Amaral de Albuquerque, em 1643; António Carneiro de Vasconcelos, em 1650, 1653, 1656, 1663 e 1665; Cristóvão Alão de Morais, em 1668 e Nicolau Monteiro, em 1642, desempenharam funções de escrivães, reincidindo, por vezes, nos cargos ao longo dos anos, pois as funções de Provedor e Escrivão «não recaía[m] senão em pessoas de qualidade.», de acordo com Ribeiro da Silva (1993: p. 84)²¹⁷.

No sentido de melhor percebermos as funções dos anteriores, socorremo-nos das palavras de Ribeiro da Silva (2002: pp. 36-37):

A direcção da Confraria pertencia a um irmão a que se chamava Provedor cujo perfil devia exibir os seguintes contornos:

Pessoa nobre e fidalga, de autoridade, virtuosa e de boa fama, humilde e paciente. Olhando para a lista dos Provedores da Misericórdia do Porto, nada podemos saber sobre os predicados morais, mas podemos garantir que eram todos da elite social da cidade. O que nos permitirá afirmar que a elite portuense prezava muito a qualidade de irmão da Misericórdia. E o peso social da instituição demonstra-se no facto de o Provedor se ter transformado em parceiro indispensável, ao lado do Governador da Relação, do Bispo da Diocese e da Câmara, quando se tratava de buscar a solução para problemas prementes de carência da sociedade portuense.

A segunda figura era a do Escrivão, recrutado em meio social semelhante ao do Provedor. Aliás, substituiu este nas suas ausências. [...]

Para além destes dois, eram eleitos mais 11 irmãos que constituiriam a Mesa administrativa que ajudava o provedor na governança.[...]

As eleições realizavam-se anualmente em dia fixo [...] de Nossa senhora das Misericórdias, dia 2 de Julho.

Refira-se, a título de curiosidade, que a existência de 13 elementos na Mesa pretendia representar simbolicamente «o número de presenças na Última Ceia de Cristo, [...] que os membros da Mesa deviam imitar» (cf. Isabel dos Guimarães Sá: 1997: p. 103).

Podemos adiantar também que nos poemas de Sucarelo e/ou nas suas legendas se referem muitos outros nomes, os quais conseguimos, de igual forma, ligar à Santa Casa, desem-

²¹⁷ As assinaturas de Álvaro de Abranches da Câmara, António do Amaral de Albuquerque, António Carneiro de Vasconcelos e Nuno Barreto Fuseiro encontram-se reproduzidas respetivamente nas Figs. 59, 62, 63 e 65.

penhando as funções de Mordomos. A título de exemplo, refiram-se apenas alguns: António Carneiro de Vasconcelos e João do Amaral de Albuquerque, como Mordomos dos Presos; António Carneiro de Vasconcelos, Francisco de Carvalho (*vd.* Fig. 95), Gervásio do Sal, Manuel Maio de Macedo e Miguel de Tavares, como Mordomos do Hospital de D. Lopo e como capelães da Casa, João Dias Ferreira e Paio Ferreira Pinto. Estes desempenhariam cargos de assessoria, na forma como dilucida Ribeiro da Silva (2002: pp. 37-38):

- Uma vez empossado, o Provedor repartiria pelos irmãos os diferentes cargos auxiliares, a saber:
- O tesoureiro que haveria de ser um irmão nobre de total confiança para ser depositário das esmolas e rendas que fossem entregues à Casa.
 - O arrecadador das rendas dos hospitais e das coisas que se deixarem à Misericórdia e solicitar as dívidas dela.
 - O mordomo da bolsa.
 - Dois mordomos da cadeia, um nobre e um mecânico, servindo respectivamente dois meses e um mês.
 - Quatro mordomos (2 nobres e 2 mecânicos) para visitar os pobres envergonhados da cidade e dois (um nobre e um oficial) para Vila Nova de Gaia.
 - Dois mordomos para os hospitais dos doentes (um nobre e um oficial).
 - Dois informadores dos doentes pobres que se haviam de curar nos hospitais.
 - Dois mordomos para a Igreja e para a Casa.

Isabel dos Guimarães Sá (1997: pp. 96 e 100) esclarece ainda, no que concerne à hierarquia das Misericórdias, que havia uma distinção bem delimitada entre «irmãos nobres (de 1.^a qualidade ou maiores) e os irmãos de 2.^a qualidade ou menores (mestres, artesãos e mercadores)», com superioridade dos primeiros, a quem os segundos auxiliavam, cumprindo as suas diretrizes e ocupando-se «de executar as tarefas consideradas menos dignas dos irmãos nobres, tais como limpar as cadeias ou abastecer os hospitais»²¹⁸.

Como já vimos, fazer parte de uma instituição tão poderosa conferia relevo social e importância. Permitiria, porventura, o estabelecimento de uma teia de ligações frutuosas e benéficas a outros níveis, que não meramente à prática da caridade, daí aceitarmos, sem grandes surpresas, que em 1646 existissem 250 irmãos na Misericórdia do Porto (Isabel dos Guimarães Sá, 1997: p. 99).

A imagem que se segue reproduz as assinaturas de uma ata da reunião da Mesa da Misericórdia do Porto, em 28 de outubro de 1669. Nela podemos encontrar os nomes de, pelo menos, três individualidades que direta ou indiretamente se relacionam com a poesia de Sucarelo: António Carneiro de Vasconcelos, Cristóvão Alão de Morais e Nuno Barreto Fuseiro.

²¹⁸ Para esclarecimentos adicionais, nomeadamente sobre a importância dos diferentes cargos da hierarquia das Misericórdias, cf. Isabel dos Guimarães Sá (1997: p. 103).

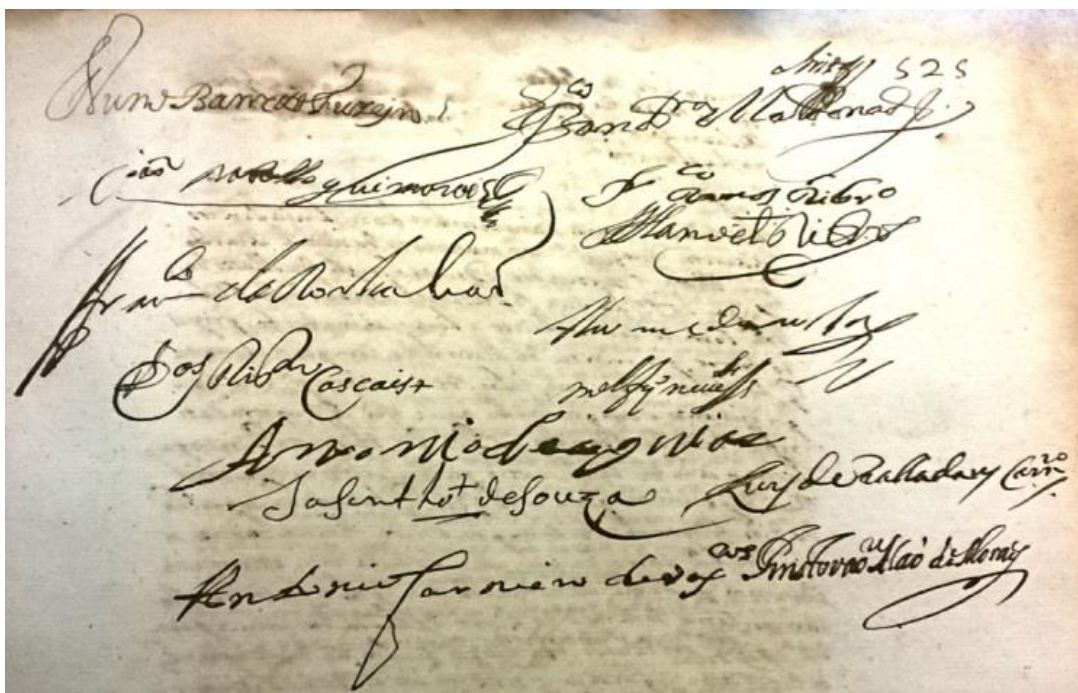


Fig. 39 – In Livro 3 de Lembranças. Livro n.º 5, f. 525r.

5. O exercício da sátira

5.1. «Definindo os disparates do Porto»²¹⁹

Documentadas nos poemas de Sucarelo, encontram-se também viscerais inimizades, o que não será difícil de aceitar se lhe atribuirmos eventualmente uma personalidade irascível, muito observadora e crítica, propensa ao escárnio e à ofensa. A veia satírica de Sucarelo revela-se a propósito das mais diversas situações. A título de exemplo, refira-se que, por altura do segundo casamento de Domingos Antunes Portugal, Desembargador do Porto, autor do «famoso tratado De Donationibus [...] com uma viúva muito rica» (Freitas, 1952: p. 11), fez o poeta a redondilha que seguidamente transcrevemos:

Redondilha

Vendo aqueles três Alarves
a Viúva estremeceu.
E Portugal respondeu:
«Estes são os meus Algarves».

²¹⁹ É a legenda atribuída pelo copista do Ms. 755, Alão de Morais, ao soneto “As valentias de Gaspar de Anaia”.

A viúva terá ficado sobressaltada com os filhos já homens do seu pretendente, Domingos Antunes Portugal, natural de Penamacor e estudante em Salamanca entre 1621 e 1626²²⁰. Entre outros cargos foi Conservador da Universidade de Coimbra, Desembargador da Relação do Porto e Casa da Suplicação, de que tomou posse a 3 de novembro de 1661 e dos Agravos a 24 de maio de 1664. Morreu em Lisboa, a 1 de fevereiro de 1677. Casou-se em primeiras núpcias com Isabel Taborda de Negreiros, com quem teve os seus «Algarves» (na ótica de Sucarelo «Alarves»), que tanto assustaram a sua segunda mulher, um dos quais Salvador Taborda Portugal²²¹, um proeminente magistrado da época, que «foi eleito Enviado Extraordinario á Côrte de Paris, em cujo ministerio sucedeu a Duarte Ribeiro de Macedo»²²².

A resposta pronta, a versatilidade e o verso fácil a propósito das mais diversas situações²²³ são também características de Sucarelo, como documentam os poemas que se seguem, sendo essas características realçadas pelo seu copista:

Outro:

Indo o Autor a ver uma freira com quem falava em um rocim, a toda a pressa lhe disse um Amigo que o encontrou aqueles dois versos de Francisco de Sá de Miranda:

Como corre e como atura
quem vai após do seu gosto.

E ele respondeu com muita presteza:

Mas mais corre quem vai posto

²²⁰ A informação foi-nos gentilmente facultada por Ángel Marcos de Dios.

²²¹ Ángel Marcos de Dios (1987: VII, n.º 3, pp. 323 e 335) menciona Domingos Antunes Portugal e Salvador Taborda Portugal, a propósito dos seus estudos em Salamanca.

²²² *Vd. Barbosa Machado (1741: I, pp. 706- 707); Machado (1752: III, p. 651), Sousa (1827: II, p. 46) e Andrade (1945: pp. 45-46). João Antunes Taborda Portugal, um outro filho de Domingos Antunes Portugal, «foi embaixador ao Gran-Mogol, e governador da Índia.» (Vd. Baena, 1872: p. 92.). Em *The Portuguese Manuscripts Collection of the Library of Congress. A Guide*. Compiled by Christopher C. Lund and Mary Ellis Kahler. Edited by Mary Ellis Kahler. Washington: Library of Congress, 1980 p. 137, (Disponível em WWW: <URL: <http://www.memory.loc.gov/ser-vice/gdc/scd0001/2013/20130918004po/20130918004po.pdf>>. [Consult. 11 de set. 2012].) encontramos uma referência a Francisco Antunes de Portugal, autor de "Descurso. Em q se mostra pro^o razões claras, e evidentes quem hé o Rey Encuberto. Que hade Restaurar HYERVZALEM do poder dos Infiéis... Acabado em 3 de Mayo, 1685. Em Lixboa." e em Andrade (1945: p. 46) refere-se: «Em 1699 morava Francisco Jorge Antunes Portugal [...]». Dada a semelhança dos apelidos, será este o terceiro filho de Domingos Antunes Portugal? A documentação encontrada não nos permitiu ter certezas.*

²²³ A título de exemplo, lembramos a quadra que já transcrevemos, feita em conjunto com Duarte Ribeiro de Macedo

Quintilha.

Que fez à minha vista o Autor a Diogo Brandão, que chamavam o Besbelho [e] era muito remelado.

Besbelho comum de três,
se o há no Mundo eras tu,
pois a fortuna te fez
os dous olhos com que vês
dous olhos ambos do cu.

num bom rocim de andadura.

Outro:

Quarteto

Feito de repente a uma freira de Celas chamada Sarafina, a quem galanteava um estudante que namorava umas cerieiras

É muito grande mofina,
é muito grande mazela,
que arda em cera amarela
quem não arde em Serafina.

É com muita acutilância que João Sucarelo se refere às gentes da cidade Invicta, “Definindo os [seus] disparates” e ocupando-se delas numa crítica corrosiva²²⁴. O soneto “As valentias de Gaspar de Anaia”²²⁵, atesta perfeitamente as nossas palavras e, para que melhor o possamos entender, propomos um conhecimento prévio das personalidades portuenses nele visadas. Assim, relativamente à primeira, Freitas (em “O Convento Novo de Santa Maria da Consolação”, Vol. XVI dos *Documentos e Memórias para a História do Pôrto*) esclarece:

Dizem alguns documentos do Cartório do Convento [*Novo de Santa Maria da Consolação*] que o 3.º Administrador da capela-mor de S. Eloi foi Gaspar de Anhaia de Meneses, Vereador no Pôrto, manco, e *homẽ de muita graça, esperto e estadista* e também muito valente porque o Dr. João Sucarelo Claramonte lhe atribui essa notável qualidade, como uma das glórias do Pôrto seiscentista [...]. Era Gaspar de Anhaia próximo parente da instituidora [*D. Catarina Carneiro*], porque seu pai Jorge Carneiro de Anhaia, Vereador em 1619, [*a ele se refere também Ribeiro da Silva (1985: p. 481)*], era primo co-irmão dela, ambos netos de Tristão Rodrigues, Alcaide da Cidade e de Catarina Carneira, sua mulher.

Estamos em crer que a interpretação de Freitas quanto ao facto de Sucarelo falar de Anaia «como uma das glórias do Pôrto seiscentista» não será a mais correta, em virtude da evidente ironia do primeiro verso do poema e da clareza de sentido do verso “Bem caro te custou Gaspar de Anaia” da réplica ao soneto dos «disparates do Porto», de que nos ocuparemos mais adiante, que alude a eventuais represálias por parte do visado. Esta leitura fá-la também Cruz (1944: pp. 27-28).

Camilo Castelo Branco diz que no seu tempo «não havia no Porto quem usasse o apelido [*Anaia*], mas que a família que o teve vivia honradamente no meado do século [*anterior*] e se obscureceu no Alémtejo e Minho, por onde se ramificára.».

²²⁴ A crítica à cidade do Porto e às suas gentes não é uma originalidade de Sucarelo. Alguns anos antes, Tomé Tavares Carneiro, poeta portuense, curiosamente, também coligido por Alão de Moraes, já o havia feito no mesmo tom corrosivo. Tal como Sucarelo, também Tomé Tavares «sem poupar amigos e parentes, nobres e clérigos, freiras e freiráticos, defeitos físicos e falsas prosápias, modas poéticas, etc., se riu muito dos seus contemporâneos, especialmente dos do Porto, donde era natural, [...]». A imensa semelhança de estilos encontra-se referida por Carvalho (2012: pp. 10-11).

²²⁵ Pereira (1914: pp. 260-261) lamenta: «A sua própria terra não lhe mereceu nem simpatias nem carinhos como o demonstra o seguinte soneto que amanhou em hora decerto muito enfadada».

O mesmo Gaspar de Anaia é referido no romance “Que fazeis na vossa terra”, no qual se afirma que o prenderam «Por se querer reformar / [...] / Sem ordem do general». Freitas (1952: p. 10) adianta uma data à volta de 24 de dezembro de 1647 para a elaboração deste poema, uma vez que foi nesse dia que João Dias Ferreira (a quem já aludimos), referido num dos versos, tomou posse do seu canonicato.

Só a título de curiosidade, sobre o pai de Gaspar de Anaia, esclareçamos que Carvalho (2012: pp. 26- 27) identifica «[...]Jorge Carneiro de Anaya, vereador da Câmara do Porto, primo direiro [*do poeta Tomé*] Tavares Carneiro [...]» como um freirático. Menciona o «paratexto do colecionador» deste último, Cristóvão Alão de Morais, no Ms. 736, em cuja folha de rosto pode ler-se “OBRAS / BURLESCAS DO / Famoso / Thome Tavares Abbade de Rio-tinto / junto a Barcellos e natural da / Cidade do Porto / Que ajuntou na dita Cidade / Christovão Alão de Morais / No / ANNO / De / MDCLIII”, que refere ser Jorge Carneiro «Pai de Gaspar de Anhaia.», no poema que passamos a transcrever, *apud* Dinis (2008: p. 217):

Amor falso lisonjeiro,
digo das Freiras não mais;
jantam com Jorge Carneiro,
ceiam com Paulo Novais.

Quanto aos segundo e terceiro visados, socorremos-nos também das informações de Freitas (1947: p. 113) que explica: «o Sarinho do mero e mixto império era António Sarinho, escrivão do crime da côrte e Relação do Porto, um cidadão honrado e muito respeitado no seu tempo, ou menos provàvelmente, seu filho João Sarinho da Costa, mariola-mor da alfândega.» Acrescentamos que António Sarinho, cuja assinatura reproduzimos na Fig. 57, esteve longos anos ligado à SCMP, tendo sido, nomeadamente, Mordomo dos Presos. João Nunes Barreto «seria porventura, [...] filho dos senhores de Freiriz e Penagate [*em Vila Verde*], casado em Alentejo com uma rica herdeira, D. Maria de Sande, sobrinha do bispo D. fr. João de Valadares.». Os Nunes Barreto eram pessoas ilustres da cidade do Porto, vereadores e detentores de terras²²⁶. Reproduzimos de *Despesas da Cadeia*, n.º 28, f. 31v, uma assinatura (Fig. 58) de um João Nunes, ligado à SCMP, que supomos seja a mesma pessoa referida por Suca-relo.

Relativamente ao quarto visado, valem-nos novamente dos estudos de Freitas (1947: p. 113), que esclarece: «O Picão de Miragaia, que tinha filhas tão notáveis, era por certo Antó-

²²⁶ *Vd.* Costa (1789: p. 335 et passim) e Ribeiro da Silva (1985: I, pp. 482-483). Sobre Freiriz e Penagate cf. Pinho Leal (1875: III, p. 229).

nio Peres Picão, piloto das naus da Índia, casado com Maria de Carvalho Carneira, ou seu filho o capitão Roque Peres Picão que teve pelo menos uma filha do seu casamento em Miragaia a 14/2/1663 com D. Isabel Freire, irmã do Deão João Freire Antão, e foi ela a riquíssima herdeira D. Micaela Antónia Freire, mulher do fidalgo António de Távora Noronha Leme e Cernache.» Cruz (1944: p. 27) elucida também: «E tinham fama na terra, pela sua beleza tão invejada, as filhas dum capitão de navios chamado Picão, de Miragaia.». Ribeiro da Silva (1985: I, p. 348), mencionando este cidadão do Porto a propósito do trabalho escravo, refere:

Em que é que trabalhavam os escravos?

Certamente no serviço doméstico; muitos, porém, encarregar-se-iam das tarefas mais pesadas que os donos tivessem para realizar. Por exemplo, em 1635, António Peres Picão, de Miragaia, trazia vários negros e negras a trabalhar no cano que havia de conduzir água da Fonte das Virtudes para o seu quintal.

O soneto em questão, que a seguir reproduzimos, é talvez o poema mais emblemático de Sucarelo, tendo o seu conteúdo ofensivo originado um coro de protestos com comentários em tom de reprovação e declarado desdém.

Definindo os disparates do Porto

As valentias de Gaspar de Anaia,
o mero-misto império do Sarinho,
a calva de João Nunes frita em vinho,
as folhas do Picão de Miragaia;

mercancia de esterco, âmbar da Maia,
bem comprado por lenha ou por toucinho,
geral remédio d'Entre-Douro-e-Minho,
achado antes nas casas que na praia;

baeta calva, imensa gravidade
dos Infanções mantidos com farelo,
da manta rota a célebre irmandade;

este é o Porto, acabo de dizer-lo;
ó muito nobre e sempre Leal cidade,
quem me te vira posta de bacelo.

Ao longo dos tempos, autores como Sampaio Bruno, em *Portuenses Ilustres*²²⁷, e Frei Lucas, colaborador de *O Tripeiro*, a quem já aludimos anteriormente, fustigaram Sucarelo com reparos e censuras. Este último será, porventura, aquele que teceu a Sucarelo a crítica mais nervosa e inflamada, num artigo de 15 de julho de 1926, que intitula “Um Portuense no Seculo XVII”. Traçou-lhe, inclusivamente, o retrato psicológico: «Inimigo ou simples desagradável ao seu genio azedo e vinagrento, certo era ser zargunchado pela sua lira verrinosa,

²²⁷ *Vd. Sampaio Bruno (1907: pp. 262-263).*

mais dissecante que o escapello do seu officio.» Atribuiu-lhe um «genio maldizente», chama-lhe «desbocado», «filho ingrato» da «cidade-patria», «motejador acerbo das suas usanças patriarchaes e dos seus habitantes simplórios e pacatos». Na realidade, Sucarelo, refere-se à cidade que o acolheu com bastante desprendimento, distanciamento e até menosprezo.

Na realidade, no decorrer das nossas pesquisas, não encontramos provas que nos levassem a concluir que Sucarelo fosse cidadão do Porto, com tudo o que o título envolvia e proporcionava. Segundo Ribeiro da Silva (1985: I, pp. 319-325), um cidadão do Porto tinha prerrogativas em caso de prisão. Ficaria «'sobre suas menagens', isto é, na sua própria casa e não na cadeia pública», o que não aconteceu com o poeta quando supostamente foi preso²²⁸. A qualidade de cidadão do Porto obtinha-se em primeiro lugar pelo nascimento, mas Sucarelo não era portuense, como já provámos. Levantámos também hipóteses sobre uma ascendência estrangeira do autor, motivada pelo seu nome e pelo epíteto «brichote» com que o brindou um seu anónimo contemporâneo, como aludiremos em breve. Não tendo genealogia à qual apelar, entrava em linha de conta a meritocracia, cabendo ao Rei atribuir a cidadania portuense aos interessados, perante provas inequívocas. Ora, se havia críticos do Porto, Sucarelo seria um excelente representante, pela contundência das suas palavras. A ocupação de determinados cargos poderia, igualmente, levar à obtenção da benesse, mas o exercício da medicina não era contemplado. Por último, também por *enxerto matrimonial*²²⁹ se podia ser cidadão do Porto, o que nos foi impossível de comprovar, apesar de sabermos que Sucarelo teve mulher e filhos, como adiante demonstraremos.

O facto de o autor ter nascido em Mesão Frio explica o comportamento do poeta relativamente à cidade Invicta, bem como as palavras de Gregório Martins Ferreira sobre o Porto e as suas gentes, na silva dirigida a Sucarelo “Olá, Senhora Musa!”: «Não tem esta Província coisa boa»; «esse povo gentio»; «Deus vos guarde e livre desta terra / que sempre foi desterro em paz e em guerra.».

O soneto “As valentias de Gaspar de Anaia” originou uma réplica arrasadora com o *incipit* “Bem caro te custou, Gaspar de Anaia”, por parte de um autor desconhecido, em defesa não só da cidade do Porto, como daqueles a quem o poeta ataca. A resposta esteve à altura do soneto de Sucarelo e, com as mesmas rimas e no mesmo registo de linguagem, o autor de quem nos ocupamos encontrou uma pena rival à sua altura, que lhe remeteu duros vitupérios, proporcionando eventuais pistas relativas ao comportamento báquico do poeta e às suas ori-

²²⁸ Relativamente a este assunto, pronunciar-nos-emos mais adiante.

²²⁹ A expressão é de Ribeiro da Silva (1985: I, p. 479).

gens modestas e pouco polidas. Salientamos no soneto réplica um elemento que consideramos particularmente importante – o epíteto «Brichote»²³⁰, que designava depreciativamente os estrangeiros, uma vez que vai ao encontro da nossa opinião inicial, que partilhamos com outros autores, de que Sucarelo teria uma proveniência estrangeira, como provámos, italiana.

Passamos a transcrever a réplica, dada a sua importância:

Em resposta do que vai [a] f. 30. Pelos mesmos consoantes

Bem caro te custou Gaspar de Anaia²³¹,
e te pode custar inda o Sarinho,
poeta Bacanal, farto de vinho,
que és desonra do Porto e Miragaia.

Vilão inda mais sujo que os da Maia,
criado com boroa e com toucinho;
quem te mete a falar no Douro e Minho,
sendo filho das ervas e da praia?

Como hás tu de entender da gravidade
dos Infanções, Brichote de farelo,
se não logras dos nobres a Irmandade?

Oh, quão Bêbado! Acabo de dizê-lo,
pois só para beber toda a Cidade,
a desejava posta de bacelo.

Ao longo dos tempos, vários autores têm insistido na atribuição da autoria da réplica “Bem caro te custou Gaspar de Anaia” a Cristóvão Alão de Morais, sendo talvez por essa razão que presumiram entre os dois escritores grandes inimizadas e rivalidades poéticas. Frei Lucas, rejubilando, considerou-a uma «Bellissima lição e justa represalia de tão viperina e ultrajante lingua!». Concluiu implacavelmente o seu artigo, afirmando: «rasoira diabólica, o seu estro não ilustrou nem dignificou a terra querida que dos tripeiros é berço.»²³²

²³⁰ O termo, que poderá ter origem em “british”, devia ser corrente entre os poetas do Barroco, uma vez que foi também usado por Gregório de Matos no verso “Simples aceitas do sagaz brichote” no soneto com o *incipit* “Triste Baía! oh quão dissemelhante”. *Vd.* Topa (1999: II, pp. 319-320). Mais tardiamente, o termo foi também usado por Corvo, João de Andrade, em *Um Anno na Corte*. Tomo I. Porto: Viuva Moré, 1863, p. 91, mas no género feminino, mantendo, igualmente, o mesmo carácter pejorativo e de zombaria, assinalado por Bluteau e Moraes da Silva. Aquele define claramente: «Aos estrangeiros costumam os Portugueses dar este nome por desprezo.» (1728: II, p. 191).

²³¹ Pereira (1914: p. 262) faz a seguinte apreciação da réplica: «Pelo primeiro verso parece deduzir-se que o Anhaia, mais assomado do que o Nunes careca ou o Picão de Miragaia, lhe aplicou o devido corretivo. E é natural que assim tivesse acontecido, porque o obsceno aleivar não repetiu a facecia ultrajante.»

²³² A propósito de outros autores que se detiveram em comentários sobre o dito soneto, destacamos: Pereira (1914: pp. 261-262); Freire (d.l. 1925: pp. 36-38); Cruz (1944: XV, pp. 27-28) e Freitas (1947: XVI, pp. 112-113 e 1952: p. 9). Defendem estes também que a réplica é de Cristóvão Alão de Morais.

Camilo Castelo Branco, nas *Noites de Insónia* (1874: I, pp. 32-35), atribui igualmente o poema “Bem caro te custou Gaspar de Anaia” a Alão de Morais. Diz que o soneto é bom e justifica: «Desculpa-se ao poeta fidalgo a arrogância com que desdenha o plebeísmo do Assucarello, apellido que nenhum linhagista condecora, dado que este medico já então tivesse o habito de cavaleiro da ordem de Christo.»

De todos aqueles que se debruçaram sobre os poemas em destaque, é Freitas (1952: p. 9) que, embora concordando com essa mesma autoria, faz uma leitura num sentido completamente oposto e sai em defesa de Sucarelo, referindo: «O Dr. Cristóvão Alão de Morais, não escandalizado como se tem suposto, mas entrando na brincadeira, fingindo-se irado, saiu com a resposta [...] Alão de Morais “grande amigo do Autor”, ajudava-o na troça aos ridículos portuenses...».

Não conseguimos identificar o motivo de tal atribuição de autoria. Não encontramos nos manuscritos a que tivemos acesso qualquer indicação nesse sentido. Mesmo aceitando a sátira como uma característica habitual no Barroco, não cremos que quem se apresentasse como amigo, como é o caso de Alão de Morais, se referisse ao outro em termos tão duros, humilhantes e desprimorosos. Possivelmente, o que motivou essa atribuição, errada, a nosso ver, poderá ter sido uma interpretação abusiva do pronome pessoal «se», na legenda «Resposta que se lhe fez. Pelos mesmos consoantes» do calígrafo do Ms. 30767 da BL, António Correia Viana, uma compilação que data de 1782, mais tardia cerca de cento e quinze anos face à de Alão de Morais. Essa legenda difere consideravelmente da do Ms. 755 da Biblioteca Pública Municipal do Porto: «Em resposta do que vai [a] f. 30. Pelos mesmos consoantes», esta sim escrita pela pena de Alão de Morais, que em nada nos direciona no sentido de se tratar de uma réplica da sua própria autoria.

5.2. Uma poesia de *maldizer*

Globalmente, Sucarelo tem sido acusado de mediocridade pessoal e qualificado como obsceno e desnaturado, pelas alusões ofensivas que fez à cidade que o acolheu, alusões essas que podem ser encontradas também num outro soneto intitulado “Ó muito nobre e sempre leal cidade”²³³, o qual não pode ser considerado menos crítico, mordaz ou ofensivo do que o dos «disparates do Porto». O poema é acompanhado pela seguinte legenda: «Governando o Porto D. Álvaro de Abranches²³⁴». Fazendo fé nesta informação, o poema terá sido escrito

²³³ Sampaio Bruno (1907: p. 261) chamou-lhes «descaradíssimas quadras».

²³⁴ Figura proeminente da época, ligada, como já referimos, à SCMP. Foi Comendador de S. João da Castanheira, na Ordem de Cristo, e senhor do morgado de Abranches. Destacou-se como um dos aclamadores do Rei D. João IV e do seu Conselho de Estado e Guerra, e, entre outros cargos importantes ocupados fora de Portugal, foi Governador das armas da província da Beira e das de Entre Douro, Minho e cidade do Porto entre 15 de novembro de 1654 e 16 de agosto de 1657. Casou pela primeira vez com D. Maria de Lencastre, de quem teve 7 filhos, e em segundas núpcias com D. Inês de Ávila, sua prima, filha de D. Pedro de Menezes, II conde

entre 15 de novembro de 1654 e 16 de agosto de 1657, período de tempo em que aquele desempenhou o cargo, embora, de acordo com Costa (1947: IX, p. 529), não tenha chegado «a completar o triénio.», embora como veremos, temos conhecimento da continuação do cumprimento de algumas funções, nomeadamente relacionadas com Sucarelo, em setembro e janeiro e fevereiro de 1658.

A obra poética de Sucarelo, com contornos de uma poesia de *maldizer*, está repleta de referências menos elogiosas, eufemisticamente falando, a toda uma plêiade de personalidades, mas também de anónimos. A este propósito, Sampaio Bruno (1907: p. 262) alude à «má idéa dos costumes da terra e da epocha [que] se inferirá das composições attinentes ás freiras de Monchique, aos desembargadores da relação²³⁵ e a negociantes, fidalgos e mesteiraes». Pereira (1914: p. 260) acrescenta: «As freiras, os desembargadores, os negociantes, os fidalgos e os janotas foram as vítimas do seu constante mau humor. Era um azedo. Por vezes correram graves riscos as suas costelas de cavaleiro professo da Ordem de Cristo. Mas o homem era avisado e conseguia escapar ao marmeleiro vingador.». Percorrendo a obra de Sucarelo, ficamos, de facto, com a ideia de que manteve uma série de inimizades. Não é por isso de estranhar que o médico poeta fosse perseguido e ameaçado, tal como é atestado pelo seu compilador na quadra que transcrevemos a seguir:

Mandando pedir a Nuno Barreto²³⁶ um frasco de vinho, em tempo que andava Manuel Pinto
Leão²³⁷ ameaçando ao Autor

de Cantanhede, de quem não teve filhos. Morreu em abril de 1660. *Vd.* Sousa (1742: pp. 361, 391, 503; 1745: pp. 270-272 e 1755: pp. 447, 476, 604); Costa (1929: vol. I, p. 727 e 1947: vol. IX, p. 529) e Costa e Cunha (2010: p. 283).

²³⁵ A sociedade portuense revelava-se algo desconfiada relativamente à idoneidade deste grupo profissional, como explica Ribeiro da Silva (1993: p. 99), remontando à Cortes de 1641: «o concelho do Porto permitte-se apresentar sugestões que deixam no ar alguma suspeição sobre a idoneidade dos Desembargadores.», apesar de a «24 de Dezembro de 1612 o Rei, em nome da isenção da justiça e do respeito devido aos magistrados, [tenha mandado publicar] um alvará pelo qual proibia que os Desembargadores visitassem qualquer pessoa da cidade mesmo da melhor extracção; apenas se poderiam visitar uns aos outros.» (Idem: 1985: I, p. 305).

²³⁶ Talvez se trate da mesma pessoa sobre quem já nos debruçámos e a quem Barbosa Machado se refere (1752: III, p. 429):

Nuno Barreto Fuseiro, natural da cidade do Porto, e filho de Joaõ Nunes Barreto Senhor dos Coutos de Freiriz e Penagate, e D. Anna de Sande Fuseiro, herdeira do Morgado dos Fuzeiros. Desde os primeiros annos até aos últimos cultivou as Sciencias amenas, e severas cõ tanta applicação que chegou a praticar com felicidade os preceitos da Poetica, e Historia. Foi casado com D. Maria Pimenta da Sylva, herdeira de D. Diogo Pimenta da qual, como não tivesse filhos dedicou com piedosa profusão tudo quanto possuía á fundação do Convento das Religiosas da Ordem de Immaculada Conceição do lugar de Carnide, distante uma legoa de Lisboa, onde piamente faleceu a 26 de Dezembro de 1702. Jaz sepultado no mesmo Convento pra o qual se recolheu sua Consorte.

Compoz

Vida de S. João Evangelista [...].

Vida de S. Tereza de JEUS Gloriosa Vigem, e Madre, Fundadora e Reformadora de Carmelitas Descalças, e Descalços [...].

Pratica entre Heraclito, e Democrito [...]. Entre outras obras.

Sampaio Bruno (1908: pp. 158-162) dedica também algumas páginas a este autor, no Tomo II de *Portuenses Illustrés*. *Vd.* também Costa (1789, p. 345) e Passos (1942: p.185).

Mandai vinho tinto
para me alentar,
que anda Manuel Pinto
para me matar.

O Manuel Pinto Leão de quem se fala na redondilha anterior, teria eventualmente razões para ameaçar Sucarelo, uma vez que foi uma vítima da pena mordaz do poeta no romance “Senhor soldado da armada”, no qual o autor põe em causa a virilidade do primeiro, afirmando que foi ultrapassado nas artes do amor por «um frade Bernardo, / com mais potência». No entanto, estas ameaças vertidas na redondilha devem ser encaradas sob o ponto de vista satírico e não levadas à letra, até porque Sucarelo convida o dito Manuel Pinto para o visitar, no poema referido anteriormente.

No soneto “Ó muito nobre e sempre leal cidade”, João Rodrigues de Araújo, Vigário-Geral do Porto (em 1662), Cónego da Sé (desde 1633) e Abade de Lordelo, a quem chamavam *o galego*, e Martinho de Matos, escrivão da Câmara Eclesiástica, que morreu em 1689, foram dois alvos privilegiados da crítica corrosiva de Sucarelo²³⁸, que os acusa de roubo e desvios. Sucarelo já se tinha referido ao primeiro, também de forma pouco abonatória, na silva “Meu Gregório Martins, Deão do Porto”, na qual alude com desprimor ao Dr. Amaro Meireles Freire, Tesoureiro desde 1635.

O soneto que se segue atesta a crítica demolidora de Sucarelo a Domingos Roiz de Macedo²³⁹, Corregedor do Crime do Porto, «que prendeu ao Autor», diz-nos o seu calígrafo, pelo que aquele não se poupa em insultos desbragados, referindo-se ao Corregedor de forma vilipendiosa e brindando-o com todo o tipo de pragas:

²³⁷ Será possivelmente Manuel Pinto de Leão, de S. Pedro de Ferreiros no município de Cinfães, de quem temos notícia em Rezende e Rezende (1988: p. 124), filho de Afonso de Leão e de Maria Roiz de Figueiredo. Porventura será o membro da SCMP que assina uma ata do *Livro 3 de Lembranças*. Livro n.º 5, fl. 259r, com data de 23 de abril de 1656. Encontrámos também referência a um Manuel Pinto, médico, no AHMP, no *Cofre dos Bens do Concelho*. Livro 8.º, f. 29v). Poderá tratar-se da mesma pessoa, tendo em conta a coincidência do nome a data do registo. A sua assinatura encontra-se reproduzida na Fig. 66.

²³⁸ A este propósito diz Pereira (1914: p. 260):

O vigário geral João Rodrigues de Araujo, depois abade de Lordelo, e o escrivão da Camara eclesiástica Martinho de Matos, foram por ele [*Sucarelo*] flagelados em quadras tam libertinas que não podem ser reproduzidas...

Também Frei Lucas refere em *O Tripeiro* de 15 de Julho de 1926:

Vejam lá o desbocado do medico-poeta, depois de saberem que o *galego* aguilhoado era o abade João Rodrigues de Araujo, então vigário geral do Porto, e Martinho o escrivão da sua ecclesiastica Camara.

²³⁹ Uma “Consulta da camara a el-rei em 3 d’abril de 1631” dá conta de um Licenciado de nome Domingos Roiz de Macedo, que estando em «Alcacere», recebeu ordens para ir a Moura e Serpa fazer diligências em nome de D. Filipe III. Esclareça-se que, na época, «Roiz» apresentava-se como a forma truncada de «Rodrigues». Na Universidade de Coimbra, encontrámos um registo de matrícula em Cânones referente a Domingos Rodrigues de Macedo, natural de Unhós, filho de Belchior Rodrigues, cuja primeira inscrição ocorreu em 1602 e o ato de formatura em 1611. Supomos tratar-se da mesma pessoa, de quem apresentamos a assinatura na Fig. 60. *Vd. Oliveira* (1887: p. 427).

A Domingos Roiz de Macedo, Corregedor do Crime do Porto, que prendeu ao Autor

Lobo cerval, fantasma pecadora,
alimária cristã, selvage humana,
que eras com vara pescador de cana
quando devias ser burro de nora.

Leve-te Belzebu, vai-te em má hora,
levanta desta vez fato e cabana
e não pares senão na Taprobana,
ou no meio da Líbia abrasadora.

Queime-te um raio, parta-te um corisco,
na cama estejas tu, feças na rua,
sepultura te dêem montes de cisco.

E toda aquela cousa que for tua
contigo corra sempre o mesmo risco,
ó alimária cristã, ó besta crua.

A prisão de Sucarelo, da qual também dá conta o antologiadador no soneto “Depois que à sombra estou, Monsiur Francisco”, afigura-se-nos um dado biográfico importante, embora não tenhamos conseguido encontrar qualquer documento oficial que a comprovasse. O seu copista, no romance “Tem-me Sua Senhoria”, contextualiza e explica as circunstâncias que o levaram à cadeia – «uma dívida de cem mil réis». O próprio autor, relatando a sua condição de prisioneiro nas quadras que transcrevemos abaixo, brinca com a situação, no jogo de palavras patente nos versos: «Que um rei só não me prendeu, / Cem mil sim, que eu bem o sei.».

Estando o Autor preso, por ordem que diziam ser de El-Rei, por causa de uma dívida de cem mil réis que devia

Tem-me sua Senhoria
metido em ferros de El-Rei,
e por dizer o que corre,
o que corre é que me têm.

Quem diz que El-Rei o mandou,
não sabe donde isto vem,
que um rei só não me prendeu,
cem mil sim, que eu bem o sei.

Quem mandou, tirou mandado
com que me mandou prender;
já de contado se sabe
quando foi, como e por quem.
[...]

Numa poesia de cariz satírico tão acentuado, afigura-se-nos muito natural a caricatura de certos tipos sociais, traduzida, nomeadamente, em preconceitos homofóbicos (como hoje os designaríamos), que se encontram presentes em mais do que um poema. Assim, nas décimas de *incipit* “Senhor, quem paga o que deve”, aborda a homossexualidade de um capitão do

exército, o mesmo acontecendo no soneto “Aqui se esconde o corpo bem logrado”, relativamente a Lourenço Batista, sacristão das Freiras de S. Bento, escarnecendo dele e afirmando «antes enchia o olho de contino / a todo o companheiro de seu fado»²⁴⁰. Abertamente e sem rodeios, critica o comportamento homossexual numa décima intitulada “Como Autor libelo dá”, à qual o copista acrescentou de forma muito direta a seguinte legenda «Contra os Sodomitas». No romance “Queixa-se o mar de Sodoma”²⁴¹, fala dos «Ninfos cheirosos» e metaforicamente de práticas sexuais que considera ser contranatura: «A Natureza se queixa / de que um fidalgo marau / deixe peitos de perdizes / por rabos de bacalhau.».

Também no soneto “Ó muito nobre e sempre leal cidade” alude ao «muito fanchono» (homossexual) que existia na cidade do Porto e menciona depreciativamente certos tipos sociais da mesma cidade, indicando, entre outros, o «Judeu». Aliás, esta não é a única referência antissemita na poética de Sucarelo, estando o motivo também presente na décima “Se Amor é fogo fatal” e no romance “Não corrais, bela Maricas”, curiosamente com referência nas lendas do copista às mesmas personagens: ela, Maria da Ressurreição, freira de Monchique; ele, Lopo Moreno, Judeu. No elenco dos estudantes portugueses que estudaram em Salamanca entre 1580 e 1640 disponibilizado por Marcos de Dios (1987: XIX, n.ºs 1 e 2, p. 104), encontramos Lopo Moreno Dias, de seu nome completo, matriculado, numa série de cursos: Artes, Cânones, Leis e Medicina, entre 1637-1640. Segundo aquele autor, «Murrió antes de 1673 en la isla Terceira (*Proceso da Inquisição de Coimbra*, n.º 2486).», o que vem assegurar o facto de Lopo Moreno ser «da nação», confirmando as palavras de Sucarelo. De acordo com os *Registros de exámenes de estudiantes para ingresar en Facultad Mayor (1631-1649)*, Livro n.º 551, f. 169r, num registo de outubro de 1637²⁴², refere-se que o visado era natural de Viana, tinha vinte e dois anos (era mais velho quatro anos do que Sucarelo) e era «alto de cuerpo», entre outras características físicas que se descrevem. Apresentaria certamente uma compleição física mais robusta do que o autor, o que poderá ter motivado a preferência da pretendida de Sucarelo e o despeito deste²⁴³.

²⁴⁰ Sampaio Bruno (1907: p. 262) refere-se nos seguintes modos a propósito deste soneto: «[...] é também inverosímil de desfazatez [...]».

²⁴¹ A autoria deste poema é disputada com D. Tomás de Noronha, pelo que deve ser tido em conta com as devidas reservas.

²⁴² Disponível em WWW: <URL: <http://ausa.usal.es/imagen.php?serie=registrosexamenes&libros=AUSA%2C551&verPagina=338#estados>>. [Consult. 24 de março 2015].

²⁴³ Lopo Moreno cruzou-se com Sucarelo na frequência do Curso de Medicina em Coimbra, que se comprova facilmente pelos registos de matrículas que lográmos encontrar, referentes aos anos letivos de 1640-41 (cf. *Livros de Matrículas (1635-1641)*. Vol. 8; Liv. 6; f. 62r) e 1641-42 (cf. *Livros de Matrículas (1641-1646)*. Vol. 9; Liv. 1; f. 64r). A proveniência – Viana – confirma-se e acrescenta-se a filiação «P de M^{el} Dias». A sua formatura ocorreu em 1642.

As palavras ofensivas contra Lopo Moreno são uma constante, especialmente no segundo poema, não lhe faltando epítetos em metáfora como «grande perro», «bode», «cão» e «podengo». No romance “Senhor soldado da armada” aproveita, mais uma vez, para se manifestar depreciativamente contra os judeus nos versos: «Ana, com fome canina / dada a perros, corre agora / c’um Judeu por mercancia, / fazendo o que fazem todas.».

O exercício da sátira teve consequências e Sucarelo foi também brindado com respostas à altura da sua maledicência, como já vimos com a réplica “Bem caro te custou Gaspar de Anaia”, que não foi a única.

Numa vida que supomos terá sido pouco monótona e com algumas vicissitudes, Sucarelo terá granjeado muitas animosidades, colhendo, por vezes, respostas viperinas às suas tiradas insultuosas, como aconteceu com Frei Jerónimo de Moura²⁴⁴, no romance com o *incipit* sugestivamente depreciativo “Ó tu, médico em ditongo”, réplica ao romance “Reverendo Estagirita²⁴⁵”, feito a propósito de um sermão proferido por aquele, no ano de 1645. O frade responde a Sucarelo caracterizando-o na base do insulto, denegrindo-o por completo e atacando-o nas suas capacidades para exercer medicina, aludindo à sua vida desregrada e de estroinice, chamando-lhe “meio mono, meio rolho”, “Vilão tosco”, “valdovinos” e “burro”, entre outros mimos (cf. a Parte III). Menosprezando o aspeto físico do nosso autor, apresentava-o com a descrição “homem chato e carilongo”, aludindo, eventualmente, à sua baixa estatura e cara comprida. Salientemos que, já no soneto réplica “Diga, assim me perdoe a Reverência”, Sucarelo é apelidado de “Pigmeu”, destacando-se a sua “vida, língua, nariz e conciência”, pelos piores motivos.

Uma vez mais, a veia difamatória de Sucarelo pode ser confirmada pelo romance “Foi Sílvio para Alentejo”. Pondo em causa a valentia do visado no poema, o Dr. Santos de Sousa, e aproveitando a sua incorporação no contingente de estudantes que rumam ao Alentejo, segundo referências explícitas do antologador, cenário privilegiado da guerra da Restauração, reproduz, nas suas costas, uma suposta conversa que este terá tido com um seu criado, o Li-

²⁴⁴ Tal como Sucarelo, também Frei Jerónimo de Moura participou nas *Memorias funebres, sentidas pelos engenhos portugueses*, aquando da morte (em 1649) de D. Maria de Athayde (Vd. Sampaio Bruno, 1907: p. 263), dama da Rainha D. Luísa de Gusmão, filha de Luís de Ataíde, 5.º Conde de Atouguia, e de D. Filipa de Vilhena. Foi irmã de D. Jerónimo de Ataíde e D. Francisco Coutinho, armados cavaleiros pela própria mãe, nas vésperas da Restauração de 1640. Vd. Agrela (s.d.: pp. 14-15); Vieira (1993: V, p. 1211); Veríssimo Serrão (1980: V, p. 17) e Morais (1761: p. 211), que descreve a dita dama como «mui fermosa, e discreta», a propósito do soneto “Venceo a morte (o Fabio) a fermosura” que lhe foi feito por António Barbosa Bacelar nas suas exéquias.

²⁴⁵ Neste romance, Sucarelo achincalha as capacidades de oratória de Frei Jerónimo de Moura a propósito do sermão por este pregado no Convento de Santa Ana, em Coimbra.

Embora a autoria deste poema seja disputada com Jerónimo Baía, estamos em crer que a atribuição do mesmo a Sucarelo está bem consolidada.

ma, sobre as respetivas freiras, na qual o amo exaltou as qualidades de Francelisa Vilhena, de quem se apartou cheio de saudades, enquanto o criado nutria preferência pela «Abadessa / da Viela do Ferraz²⁴⁶». O poeta não teve pejo em caluniar Francelisa, revelando despudoradamente: «em quem todos vão parar». Em vários momentos deste trabalho, tivemos oportunidade de nos referirmos ao Doutor Santos de Sousa, muito certamente aquele a quem se dirigem os insultos deste poema, mencionado numa escritura de partilhas no ano de 1646, que, estando ausente em Coimbra, foi representado pelo irmão mais velho:

Santos de Sousa Galhardo, Ouvidor Geral do Reino de Angola, Senhor da Quinta da Galharda, e cidadão do Porto sendo já viúvo de Catarina Fernandes Murroa, morreu, com testamento de 24 de Abril de 1646, na Rua Nova, e foi sepultado em S. Francisco.

Em 28 de Julho do mesmo ano, os filhos que ficaram desse casal, as saber, o Capitão Manuel de Sousa Galhardo, Jacinto de Sousa Galhardo e mulher D. Isabel Golias, o Doutor Santos de Sousa Galhardo e o Licenciado Inácio de Sousa Galhardo – estes dois últimos ausentes em Coimbra onde estudaram e por isso representados pelo irmão primogénito –, fizeram escritura de partilhas na nota do tabelião João Ferreira de Azevedo, da maneira seguinte:

[...]

- ao Doutor Santos de Sousa, passaram a pertencer duas moradas de casas na praça da Ribeira e os lugares de vender sal e botica²⁴⁷

O romance anteriormente referido valeu uma «Resposta do Lima (...)»²⁴⁸ em defesa do amo, também em forma de romance, no qual as admoestações feitas a Sucarelo são bem elucidativas. Afirma que as facécias e «presunção voraz» deste não têm fundamento; acusa-o de ser desleal, uma vez que Sílvio o considerava amigo; de falar pelas costas e alerta-o: «Não despreze estes avisos», pois a sua maledicência, «o desacertar de língua», poderá dar maus resultados, aconselhando-o a fugir «para as partes remotas / do grão-Cairo ou grã-Pará.»

Será que as palavras arrasadoras de Frei Jerónimo de Moura, que descompõe Sucarelo e lhe traça um perfil de boémio, acusando-o de ser estroina e de levar uma vida desregrada

²⁴⁶ A Viela do Ferraz ainda existe atualmente, embora com o nome alterado para Travessa do Ferraz, de acordo com informação obtida no sítio da Câmara Municipal do Porto. Disponível em WWW: <URL: <http://www.cm-porto.pt/gen.pl?sid=cmp.sections/570&letra=F&fokey=cmp.toponimia/889>>. [Consult. 28 ago. 2012]. Passamos a transcrever:

O «censual da Mitra do Porto», mandado fazer em 1540 pelo bispo D. Fr. Baltasar Limpo, refere a artéria que depois tomou o nome de viela, agora Travessa do Ferraz, dizem que do chantre da Sé, Afonso Ferraz. O proprietário das casas que esquinavam então da Rua das Flores para esta serventia era Gaspar Ferraz, da mesma família do chantre, e que bem poderia ter dado o nome à rua... (Toponímia Portuense de Andrea da Cunha e Freitas).

A data da alteração do nome é de 8 de outubro de 1953. Esta vetusta artéria da cidade do Porto é mencionada abundantemente na mais diversa bibliografia, dedicada essencialmente ao estudo das comunidades judaicas da cidade do Porto, nomeadamente no que respeita à sua localização. *Vd.* também Pereira (1914: p. 100); Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto (1969: XXXII, p. 837), numa citação de A. de Magalhães Basto; Tavares (1982: I, p. 65); Ribeiro da Silva (1985: I, p. 103); Mea (2002: p. 415) e Moncívio (2006-07: p. 338).

²⁴⁷ Cf. *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*. Vol. XVII. 1954, pp. 273-274.

²⁴⁸ *Vd.* a réplica “Parte o medo para Aveiro”.

fazem sentido, tendo em conta, até o motivo – as dívidas²⁴⁹ – que o levou à prisão? As conjecturas ficarão ao cuidado de cada um, uma vez que certezas absolutas não as pudemos apurar.

5.3. O fenómeno do freiratismo

De forma muito sucinta, contextualizemos o fenómeno na época contemporânea a Sucarelo: Oliveira Ramos (1995: pp. 312-316) traça o panorama das muitas ordens religiosas instaladas no Porto de seiscentos, apesar da rejeição geral da população para o aumento do número de conventos e mosteiros, devido a já existirem em excesso e ao facto de constituírem um «sorvedouro de despesas». Os números impressionam: «A ratio de frades/freiras ou clérigos em relação à população devia ser de 1 para 30.» De 1623 até 1688 houve um aumento de 20% na população dos conventos femininos e no mesmo período aumentou 14% o número de frades. Sobre este assunto, Ribeiro da Silva (1985: pp. 270-271) aludindo ao clero regular da cidade do Porto, chama a atenção para o exagero do número de frades e freiras e Paiva (2008: s.p.), referindo-se ao freiratismo entre os universitários de Coimbra, e transcrevendo parte de um poema atribuído a Sucarelo, refere:

Foram ainda recorrentes na poesia do tempo a temática amorosa e a sátira do quotidiano, no qual ocupou lugar de relevo o tema dos freiráticos, isto é, dos homens que mantinham contactos e amores com as freiras nas grades (quando não no interior) dos conventos.

Esta forma de galanteio assumiu tamanhas proporções na segunda metade de Seiscentos, que há notícias de conventos onde se mandaram reforçar as grades das celas e, na Universidade de Coimbra, a justiça académica impôs multas pecuniárias aos estudantes freiráticos. Medida que não deve ter sido suficiente, pois um alvará régio de 4 de Maio de 1633 estipulava mesmo a expulsão da universidade dos estudantes reincidentes naquela prática. No início de um poema de João Sucarelo, no qual compara os freiráticos estudantes aos monges, fica bem vincado o tom sarcástico que era colocado nestas composições:

"São os estudantes graves e polidos
Para tratar com freiras os escolhidos;
Os frades porqueirões e malcriados
São em todos seus gostos desgraçados,
Logo ir querem ao cabo
E fedem ao bodum como o Diabo.
Que coisa tão alegre e tão galante
É ver chegar à grade um estudante,
Que conceitos, que graça e que aviso!
É cada qualquer deles um Narciso.
Ó bem aventurada
A freira de estudantes namorada. (...)"

²⁴⁹ Já tivemos oportunidade de aludirmos, por diversas vezes, a uma possível situação de parcos recursos económicos do autor.

Tendo em conta o contexto exposto anteriormente²⁵⁰, não será de estranhar que entre os tipos sociais mais flagelados por Sucarelo tenham sido os frades e freiras²⁵¹. Deles falaria com muita propriedade, uma vez que passaria muito do seu tempo em conquista “na grade” dos conventos. A sua poesia é muito pródiga em relatos de amores, desamores e traições, envolvendo especialmente diversas freiras, designadamente as do Convento de Monchique, no Porto, a quem Sucarelo dedicou composições poéticas de calibre erótico e obsceno. São consideráveis as que são referidas por ele ou pelo seu copista, nas legendas: Maria da Ressurreição, freira em Monchique; Maria dos Mártires; Maria do Espírito Santo, freira em Celas; D. Brázia de Sá, freira em S. Bento; entre outras. Não conseguimos identificar a maior parte, visto que muitas adotavam nomes religiosos na entrada para o convento²⁵². No entanto, estamos em crer que D. Leonor de Magalhães, a Baida, freira de S. Bento do Porto, referida no romance “Madrepérola algum dia”, será aquela a quem se refere Barbosa Machado, na sua *Bibliotheca Lusitana* (1752: III, p. 12):

Sor. Leonor de Magalhaens naceo em a Provincia de Entre Douro, e Minho, de geração nobre, que a fez mais qualificada quando recebeo o habito monasticho do Patriarcha S. Bento em o Real Convento da Ave Maria da Cidade do Porto onde foy observantíssima de taõ sagrado instituto. A grande Tença que possuía deixou em legado perpetuo para a despeza da cera que havia arder no Sepulchro do Triduo da Semana Santa. Iguamente cumulada de virtudes, que cheya de anos que excediaõ de noventa falleceo piamente a 22. de Dezembro de 1688. Escreveo com exacção, e verdade.²⁵³

A tratar-se da mesma pessoa, o tom encomiástico de Barbosa Machado não se coaduna com o teor dos versos do romance referido, em que Sucarelo, a pedido de um admirador ultrajado, Paio Ferreira Pinto, o Cabeça de Vaca, a quem já aludimos, tece críticas ferozes num estilo de linguagem que já lhe conhecemos à dita D. Leonor, salientando o seu comportamen-

²⁵⁰ Sobre o fenómeno do freiratismo, *vd.* também Sena-Lino (2012: pp. 88-101).

²⁵¹ Mais uma vez, Sucarelo reflete na sua poesia uma das correntes temáticas mais versejadas do seu tempo – o freiratismo. Sobre este mesmo tema, Carvalho (2012: p. 25), baseando-se na obra de Tomé Tavares Carneiro, refere:

Como muitos outros poeta satíricos e moralistas em prosa dos fins do século XVI e de todo o século XVII – da *Fastigimia* (1605) de Pinheiro da Veiga a D. Francisco Manuel de Melo, passando pelo médico dos exércitos reais e temível poeta do Porto, João Sucarelo Claramonte – as freiras (os seus amores, a sua afeição a conservas, doces, galas, dinheiro, etc.) mereceram uma atenção constante de Tomé Tavares Carneiro. E o resultado expressa-se em uma série de poesias que, visando, como o fazem poetas seus contemporâneos e o farão muitos outros posteriores, casos concretos de escaldantes atropelos à vida religiosa, podiam servir a mais uma reflexão sobre o estado decadente da vida conventual ao longo do século XVII.

²⁵² É de realçar que algumas freiras são tratadas por «Donas». Será meramente um tratamento respeitoso ou indicador de uma origem social mais elevada que as distinga das outras porventura mais humildes? Talvez possamos fazer uma leitura neste último sentido, tendo em conta as palavras de Ribeiro da Silva (1985: I, p. 472): «E conhecemos o pendor do Mosteiro de Monchique para, embora pobre, receber mulheres de qualidade, como refere o Cardeal Arquiduque ao Rei, em 1586. Entre as professas, contava-se a abadessa que era irmã de D. Diogo de Sousa e 6 irmãs de João Gomes da Silva e ‘outras muitas mulheres príncipaes deste Reino’. Em 1613, uma procuração do Convento ao Lic.do Nicolau Ferreira era subscrita por 4 freiras que usavam o título de ‘Dona’.».

²⁵³ Em Dinis (2008: p. 225) encontramos informações adicionais sobre D. Leonor de Magalhães e a família sanguínea de onde provinha.

to licencioso e a sua traição com João do Amaral de Albuquerque, cuja assinatura apresentamos na Fig. 61, a quem Alão de Moraes ridiculariza, na legenda que apôs ao poema “Madrepérola algum dia” dizendo «que se caiava e punha posturas no rosto por ser mui negro de cara»²⁵⁴. Segundo Moncívio (2006-2007: p. 327), João do Amaral de Albuquerque seguira a carreira das armas e era filho de António do Amaral de Albuquerque, que foi fidalgo e vereador na Câmara do Porto, e de D. Maria Pereira Leite, parente de D. Nicolau Monteiro, Prior de Cedofeita, a quem já nos referimos, moradores na Rua das Flores, no Porto.²⁵⁵

De facto, o médico poeta testemunha, através da sua poesia, um dado histórico incontornável: a vida mundana e dissoluta dos conventos²⁵⁶, na época de seiscentos²⁵⁷. À época, o fenómeno era de tal forma corrente que é possível encontrar, inclusivamente em processos inquisitoriais, testemunhos de freiras que afirmam, sem reservas, o seu relacionamento com seculares. Como exemplo do que acabámos de afirmar, podemos mencionar o processo do Santo Ofício contra o «Dr. Francisco Vaz de Gouveia, lente de Decreto e substituto de Véspera de Cânones da Universidade de Coimbra» (cf. Braga: 1895, II, p. 704), preso pela Inquisição desta cidade «em 27 de fevereiro, de 1626.» (Braga: 1895, II, p. 642). Testemunham,

²⁵⁴ De acordo com Carvalho (2012: pp. 31-32), estes «tiques elegantes», como lhe chama, são recorrentes no século XVII, como é o caso do uso de óculos, que já se podiam «encontrar, desde os fins do século XV».

²⁵⁵ *Vd.* também Ribeiro da Silva (1985: II, p. 739).

²⁵⁶ Ribeiro da Silva (1993: p. 107) refere que nas Cortes de 1619, a cidade do Porto apresentara um capítulo reclamando «contra a falta de sossego dos mosteiros femininos».

²⁵⁷ Em Braga (1895: II, pp. 550-551), podemos ler sobre a matéria:

Não transcrevemos da Devassa de 1619 as paginas realistas descrevendo as torpezas da pederastia entre os estudantes, que era o vicio preponderante em uma classe quasi identificada á clericatura; dominava também entre os estudantes a paixão pelas freiras, contra a qual apparecem na legislação portugueza frequentes disposições. O vicio dos *freiráticos* acha-se minuciosamente descripto n' esse vergonhoso inquérito.

O Doutor João de Carvalho, lente de Véspera na faculdade de Leis, de idade de quarenta e seis annos, chamado em 14 de agosto de 1619, disse: «que n'esta Universidade avia mui grande scandalo de alguns studantes que continuavam no mosteiro de Santa Anna com amidades de freiras, assi por perderem seu studo e desinquietarem as freiras, como por serem occasião de brigas, como de feito ouve este anno de pestoletes e outras armas, pelo tempo de entrudo, pouco mais ou menos, a que elle declarante se não achou; somente sabe que os studantes de que principalmente ha este escândalo, são Jacintho da Fonseca, canonista, irmão de José da Fonseca, e hum seu primo que chamam Gaspar da Fonseca, e Manoel Falcão, de Portalegre, legista, e Francisco Tavares, legista; e que também os sobreditos são infamadosde trazerem pestoletes e outras armas; e que também continua na mesma forma no mesmo mosteiro de Santa Anna Christovão Teixeira, filho de André de Mattos, que foi conservador d'esta Universidade, e tanto que disse que ficou estas ferias n'esta cidade por amor de huma freira do dito Mosteiro; o que se sabe por ser publico e notório n'esta Universidade.»

Nas pp. 81 e 82 deste trabalho, citamos Lamy (1990: pp. 30-31) que, aludindo à Devassa de 1619, adianta, igualmente, nomes de freiráticos bem conhecidos da sociedade coimbrã da época.

Quase um século depois, Charles Frédéric de Merueilleux, médico naturalista da corte de D. João V, referindo-se aos conventos, afirma «que noutros tempos haviam sido casas bastante livres para a galanteria» *Vd.* Silva, Maria Beatriz Nizza da, *D. João V*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2006, p. 32.

Carvalho (1926: p. 104) refere ironicamente sobre esta matéria:

Namorava-se então à vontade e era praxe cada um ter namoradas nos conventos.

Ninguém faltava à praxe; o exemplo vinha do alto, os estudantes imitavam os graves professores que frequentavam também as grades a galantear.

E não eram dos menos assíduos nem dos mais tímidos os graves professores.

então, as beatas senhoras, à laia de vingança e movidas por *nobres sentimentos* (Braga: 1895, II, p. 630):

«Maria Henriques, professa do Mosteiro de Celas, he inimiga do dito Francisco Vaz, porque *correndo com ella com amizade que costuma correr entre freiras e seculares, a deixou e tomou nova amizade em Santa Anna*, de que ella se sentiu com grandes extremos, queixando-se no dito tempo e depois até ao presente do dito Francisco Vaz, dizendo *que o avia servido nas occasiões de suas cadeiras como hua escrava*, e ficando pela dita razão com ódio e má vontade contra o dito Francisco-Vaz, o que foi notório no dito Mosteiro...

«Vittoria da Cruz, freira de Santa Anna de Coimbra, tem notória causa de inimidade com o dito Francisco Vaz, porque *correndo com ella com aquella conversação que costumão ter as freiras* vieram a quebrar e não falar-se, e *ella tomou nova amizade com outrem*, ficando com ódio descoberto contra o dito Francisco Vaz, e dizendo que o fazia por lhe dar pezar ...»

Henrique Lopes de Mendonça²⁵⁸ (1910: II, p. 15), partindo de investigações levadas a cabo num códice do século XVII que faz parte da *Coleção Pombalina*, existente na Biblioteca Nacional de Portugal, alude a esta matéria, de forma muito esclarecedora:

Existem na collecção Pombalina, da Bibliotheca Nacional de Lisboa, além de grande numero de codices que interessam sobremaneira á historia politica do paiz, outros que teem particular importancia para os que quizerem estudar a nossa litteratura nos seculos XVII e XVIII. Recopilações de versos, trechos de prosa, cartas particulares, etc, estes documentos são também de alto valor para a reconstituição do viver social durante esse periodo. Numerosos apontamentos tenho n'elles colhido, por exemplo, com relação á vida freiratica, cujos pormenores escandalosos escapam muito naturalmente á investigação dos historiadores e são cuidadosamente expurgados das chronicas religiosas. Apenas de onde em onde alguns romancistas, na primeira plana dos quaes avulta Camillo Castello Branco, teem aberto, á força de talento e de laboriosas pesquisas, algumas pequenas frestas para dentro d'esses obscuros formigueiros conventuaes, em que a bandeira da devoção cobria completamente o contrabando da libertinagem;

Pontes (1953: pp. 46-50) debruça-se sobre a temática do freiratismo, a propósito do romance de António da Fonseca Soares, contemporâneo de João Sucarelo, posteriormente Frei António das Chagas, intitulado “A uma freira que o mandou ir à roda na quaresma”. Considera-o «elucidativo do estado dos conventos naquele tempo. Pululavam a cada esquina os freiráticos; nos conventos a vida era escandalosamente mundana: transformavam-se os oratórios em centros de reuniões frívolas, e a roda era local apetezido dos amantes requintados.» Apresenta o testemunho de Soror Ana Maria do Amor Divino, que alude aos escândalos do Convento de Jesus de Setúbal: desde o pretexto da doçaria para se manter relações comerciais com o exterior, ao vestuário das freiras, às liberdades que gozavam, «mais liberdade que lá fora», certamente. Adianta as circunstâncias em que as religiosas de Braga se puseram «em

²⁵⁸ Insigne militar, professor, conferencista, historiador e cronista (1856-1931), autor de *A Portuguesa*, o hino nacional português.

pé de guerra» para se defenderem da excomunhão a que estariam sujeitas, devido a «casos escandalosos»²⁵⁹.

Sucarelo, como bom freirático que dá a entender que era, participa ativamente, na vida social dos conventos ou faz esforços para que isso aconteça, embora nem sempre obtendo o sucesso desejado e vendo-se ultrapassado pelos frades, como o comprova o poema seguinte:

Soneto que mandou às Freiras de Monchique, vindo de Coimbra a ãa sua festa

Guardadoras do gado deste outeiro,
oh, nunca fôreis, não, tão guardadoras,
as que ajuntando estais todas as horas,
mais do que entesourou Pero Pinheiro.

Parte-se à vossa festa um Cavaleiro,
tingindo em sangue as rodas das esporas,
cuida que há de comer: não faz demoras
nem quer provar dos mexilões de Aveiro.

Fazeis sarapatel, juntais panelas,
há festifolgas, todo o Frade come,
ele fica em jejum vendo as estrelas.

Já vos conhecem, já vos sabem o nome,
sois igualmente míseras e belas,
pois que matais de Amor e mais de fome.

O imenso desdém, talvez ódio, pelo “Frade”, porque concorrente e rival na arte da conquista dos favores femininos, perpassa toda a poética de Sucarelo²⁶⁰, muitas vezes traduzido em palavras rudes, indecorosas, arrasadoras. Um poema paradigmático do que acabámos de afirmar é o soneto “Oh, que valentemente as gotas dás” em que o poeta no verso «Mas ele não to fez como eu to fiz» compara desempenhos sexuais, afirmando, logicamente, a superioridade do seu. O soneto “Soror Dona Barbata, em que vos pês”, no qual o autor se afirma preterido por um frade com «carinha de rapaz», atesta também essa crispação. Os «Frades, porcalhões e malcriados», que «fedem a bedum como o diabo» rivalizam igualmente com os

²⁵⁹ Não obstante o fenómeno do freiratismo se encontrar profusamente documentado nas mais diversas fontes e estudos e ter originado a tomada de mediadas eclesiásticas e régias, muitas vezes bem rigorosas, para a sua extinção, Carvalho (2012: p. 25) defende que, relativamente a esta matéria, haja uma tendência para a generalização. Afirma, então:

Convém, no entanto, lembrar que a visão degradante que muitas vezes se transmite desse grupo social religioso é quase sempre feita sobre casos concretos que por muitíssimos, variados e autênticos que fossem – e eram-no –, traduziam apenas uma parte da realidade global da vida conventual desse século [XVII]. Sem qualquer intenção revisionista, convém, porém, lembrar tudo quanto as intensificadas e controladas reformas da vida conventual, em marcha especialmente desde os fins de Quinhentos também sob a égide da aplicação de Trento, procuram impor e difundir, muitas vezes violentamente, modelos de comportamentos regulares, quer dizer, de acordo com as regras professadas e, algumas vezes, até com a versão observante das mesmas regras entendida como mais próxima do ideal fundador. Cremos que é tão metodologicamente incorrecto generalizar sobre casos concretos, mesmo se abundantes, como o é estabelecer uma visão global da vida conventual a partir unicamente das suas exaltantes crónicas.

²⁶⁰ *Vd. também as décimas “Engenho agudo mostrastes” e “Corre por esta cidade”.*

estudantes e dessa rivalidade surge a silva “Que discretos que são e que polidos”, uma “Sátira” de comparação entre uns e outros, repleta de desprezo e ferocidade atroz contra os clérigos, os «lobos carneiros».

As freiras foram inequivocamente o objeto privilegiado da maledicência e do vilipêndio de Sucarelo. A sua poesia regista situações de conflito amoroso, como aconteceu com uma dita Maria da Ressurreição²⁶¹ (a quem dedicou três, eventualmente quatro poemas) e a quem, alegadamente, o seu padre «confessor» lhe disse que «quisesse / como a próxima e não mais». Mas o desejo carnal, potenciado pelos «ovos moles» que a freira lhe terá mandado, fez com que ele quisesse quebrar a promessa da confissão, o que motivara ter «ao confessor / mais fraquezas que contar.» No entanto, a sua Maria da Ressurreição derrete-se de amor por Lopo Judeu, o que não tem «Nenhum modo de desculpa». O poeta, enciumado, viu na vingança pela «navalha cortadora» a única forma de aplacar a dor que sentia, não só pelo desprezo a que foi votado, como também pela forma despidorada como o seu rival divulgou a relação que mantinha com a freira. O poeta terminou muito caridosamente a sua composição, desejando que ela se emendasse (e, adiantamos nós, fizesse melhor escolha – ele próprio). A “Senhora Amaríles” (nome tão vulgar na lírica barroca), a quem dedicou outro romance, de acordo com a respetiva legenda, foi também freira de Monchique. Tratar-se-á da Maria da Ressurreição dos poemas anteriores? Os queixumes são os mesmos: a rejeição consubstanciada na falta de resposta a «dous», (poemas, supomos) que ele lhe escreveu, o que fez com que ele fosse «um homem / mais que todos infeliz». Também neste texto se denota a mesma tensão do desejo carnal, afirmando o poeta «e se houver de ser na grade / faremos nosso alfenim» e, pedindo, «Consumemos matrimónio», numa clara alusão à consumação do ato sexual.

Sucarelo não se coíbiu, portanto, de aludir à sua apetência sexual por freiras. Uma «freirinha / de quinze até vinte Abris, / franguinha do galinheiro,»²⁶² foi bastante do seu agrado e motivou uma pormenorizada descrição física que passou pelos olhos, nariz, boca, fala, pescoço, «pernil», mãos e dedos. Noutro poema²⁶³, aludiu a um galanteio seu um tanto inconveniente que, terá ofendido «Mariana», pelo que se viu na obrigação de se desculpar, pois defendeu «Não há de ser Amor, se em Amor começa, / violência ou quebradeiro de cabeça».

²⁶¹ A crer na legenda do copista, Maria da Ressurreição seria freira no Convento de Monchique, no Porto. *Vd.* a décima “Se Amor é fogo fatal” e os romances “Sabereis, mana Maria”, “Não corrais, bela Maricas” e, eventualmente, “Deixai, Senhora Amaríles”.

²⁶² *Vd.* o romance “Reverendo Frade Lóio”.

²⁶³ *Vd.* a silva “Isto sim, boto a Cristo”.

As freiras, para quem corria a toda a pressa²⁶⁴, terão sido a origem de muitas agruras. Uma delas, talvez de Celas²⁶⁵, melindrou-o, ao ponto de «roer todas as unhas» da sua «pobre mão direita», por lhe mandar uma «palma seca», pedindo-lhe ele que não o desconsiderasse dessa maneira, pois autocaracterizou-se em tom jocoso, valorizando as suas carnes em abundância, sinónimo de formosura, ao longo dos tempos:

[...]
Eu sou um moço mui fresco,
tenho bastantes bochechas,
e val mais um palmo meu
que cinco de qualquer freira.

Se me víreis em camisa
das ancas até à cabeça,
víreis nua a fermosura,
com mil roscas de manteiga.

Também a freira a quem chama Luísa da Vesitação²⁶⁶, e apelida de «traidora», lhe causa desgosto, bem como aquela a quem ele se referiu com o vocativo «Minha Anarda»²⁶⁷, que preferiu os versos de «um ruim Poeta» aos seus, como esclarece o compilador na legenda. De «Caterina»²⁶⁸, talvez à laia de vingança por ela se revelar ingrata e esquiva ao amor, depois de lhe tecer os maiores elogios aos seus dotes físicos, remata pela voz de «Fábio»: «– Oh, sendo muchacha gentil, que tal serias, / se sendo tão formosa não cagaras!».

Os supostos problemas resultantes do relacionamento com religiosas encontram-se difundidos noutras composições, como é o caso da silva “Si, Senhor eu me vim dessa cidade”, na qual Sucarelo descreve as façanhas «na grade», do destinatário da carta, «apesar do Inquisidor Andrade²⁶⁹», que supomos se tenha manifestado contra tais encontros.

²⁶⁴ *Vd.* a quadra que se segue, da qual já nos socorremos para exemplificar uma outra situação:

Indo o Autor a ver uma freira com quem falava em um rocim, a toda a pressa lhe disse um Amigo que o encontrou aqueles dois versos de Francisco de Sá de Miranda:

Como corre e como atura
quem vai após do seu gosto.

E ele respondeu com muita presteza:

Mas mais corre quem vai posto
num bom rocim de andadura.

²⁶⁵ *Vd.* o romance “Sabe Deus, Senhora minha”.

²⁶⁶ *Vd.* a décima “Pois que vos fostes, traidora,”.

²⁶⁷ *Vd.* o romance “Minha Anarda, cuja voz”.

²⁶⁸ Talvez mais uma freira de Monchique. *Vd.* o soneto “Rubi, concha de perlas peregrina”.

²⁶⁹ Supomos tratar-se de Cristóvão de Andrade Freire, originário de Bragança, que foi deputado do tribunal da Inquisição de Évora, tendo tomado posse neste cargo a 22 de julho de 1623 (cf. Monteiro, 1723: p. 415) e transitou a 22 de outubro de 1633 para o tribunal de Coimbra (ressalvamos que esta informação não assenta numa base documental irrefutável). Dois anos depois, em 27 de agosto de 1635, foi promovido à categoria de

Segundo Pontes (1953: pp. 49-50):

Já em 1648 el-Rei D. João IV ordenara ao desembargo do paço providenciasse a fim de impedir que os homens conversassem com as senhoras durante o serviço divino. [...] Donde se vem a concluir que, de facto, as igrejas não eram lugares de decoro e recolhimento.

Os romances e outros papéis de versos fazem-se eco dos desmandos e excessos. Eram tão escandalosas as licenças tomadas pelas freiras no trato com os amantes, que as autoridades, civil e eclesiástica, mandaram reformar as grades dos conventos. Sentiram-se lesadas ambas as partes: freiras e freiráticos. E uma literatura anti-reformista floresceu em romances e outavas, a protestar contra as decisões impostas aos mosteiros.

Na anotação n.º 23 da p. 50, a autora refere ainda que a multa aplicada aos freiráticos era «de 80.000 réis e a pena de prisão durava dois meses. Os estudantes de Coimbra, condenados por freiráticos, eram riscados da Universidade por um ano.».

Temos dúvidas quanto à aplicação das penas tão rigorosas referidas anteriormente, tendo em conta que, em vários poemas, Sutarelo partilha pormenores consideravelmente esclarecedores da relaxada disciplina dos conventos, o que não será de estranhar, uma vez que se achavam repletos de mulheres que, por falta de casamento condigno, encontravam ali o refúgio para a sua vida.

Pontes (1953: p. 48) contextualiza o fenómeno:

A falta de recursos obrigava a ter relações com o século; e esta comunicação, procurada por necessidade, tornou-se escandalosamente pouco recatada e por ela começaram os abusos e os excessos. O problema dos dotes, da sustentação das Religiosas e manutenção dos conventos tornou-se agudo por aqueles anos²⁷⁰.

O tesouro real estava esgotado; as doações eram cada vez mais raras e as freiras procuravam acudir ao descalabro económico com os expedientes que levaram à relaxação da regra monástica.

A este propósito, Ramos (1995: p. 315) acrescenta que «os mosteiros femininos, para além de albergarem educandas e de instruírem muitas raparigas, ofereciam solução de vida socialmente respeitável àquelas a quem o casamento não convinha ou não se proporcionava.» Nesta matéria, o soneto que se segue dispensa comentários.

Inquisidor do mesmo tribunal. Depois de aposentado em Coimbra, foi nomeado membro do Conselho Geral da Inquisição e do Conselho Ultramarino. *Vd.* Monteiro (1723: pp. 415, 455 e 481) e Farinha (1990: p. 325).

Na *Pedatura Lusitana* (1947: V, I, p. 418), Alão de Moraes refere que é filho de Agostinho de Andrade Freire e de Maria Freixinha, Inquisidor de Coimbra (o mesmo se confirma em Gayo, 1938: I, pp 152-153), presidente da mesma Inquisição e Deputado do Conselho Ultramarino (tendo tomado posse a 3 de outubro de 1656, de acordo com uma relação transcrita do Livro dos Autos de Posse dos Presidentes, Conselheiros e Mais Ministros do Conselho Ultramarino).

Almeida (1970: p. 211) dá conta de um documento assinado por Cristóvão de Andrade Freire, na sua qualidade de inquisidor de Coimbra, em 14 de dezembro de 1636, o mesmo se passando com Pereira (s.d.: p. 235) em *A propósito da restauração do Tribunal do Santo Ofício em 1681*, com o Regimento da Inquisição, datado de 1 de dezembro de 1640, assinado pelos três inquisidores de Coimbra, nomeadamente Cristóvão de Andrade Freire.

²⁷⁰ «Soror Ana Maria do Amor Divino assinala como anos de decadência da observância os que vão de 1644, mais ou menos, a 1690, aproximadamente.» *Apud* Pontes (1953: p. 48).

A um amante de D. Maria de Meneses, Freira em S. Bento do Porto

Quando a Menezes te falar na grade,
manda-lhe descobrir pescoço e teta,
desataca o calção, despe a roupeta
e vai-lhe apresentando a humanidade.

Pede-lhe a mão com toda a liberdade,
fala-lhe em requeijão, nata e punheta,
em despejar alforges de lã preta,
que ela o fará com toda a majestade.

Se acaso te disser que é vilania
de gosto infame este grosseiro logro,
idolatra o desdém, finca os geolhos

e dize-lhe: «– Eu estou, Mana Maria,
como vilão em casa de seu sogro;
dá-me essa mão, por vida desses olhos.»

Apenas em duas composições poéticas²⁷¹ encontrámos alusões seguramente mais favoráveis a religiosas. No primeiro caso trata-se também de uma freira de Monchique, convento generoso para questões amorosas, que embora não fosse «muito sabichona» foi bastante elogiada por Sucarelo, como se pode verificar:

Eu tenho Freira em Monchique
por ter em que me ocupar,
mulher de grandes primores,
muito honrada e figadal.

Não é muito sabichona,
que digamos, porém faz
ricas ameixas de calda,
fermoso manjar real.

A moça zomba zombando,
bota patacas ao mar
e faz vanglória de ser
grandiosa e liberal.

No segundo caso, D. Brázia, freira em S. Bento do Porto, afigurou-se como confidente do poeta. Escreve-lhe em 1658, altura em acompanhava o exército português em Badajoz, a crer nas legendas dos copistas.

Não nos admira a indignação do autor quando se proibiu, supostamente em Coimbra, de falar com freiras²⁷², privilégio apenas reservado aos frades²⁷³, o que originou duros reparos

²⁷¹ *Vd.* os romances “Que fazeis na vossa Terra” e “D. Brázia, dos meus olhos”.

²⁷² Não nos foi possível determinar quais as circunstâncias em que a medida terá sido tomada, se ocorreu apenas para este ou aquele convento e se aconteceu unicamente em Coimbra. A decisão oficial de se moralizar os conventos ocorreu, cerca de um século depois, no reinado de D. João V, quando este, o mais freirático de

num conjunto considerável de décimas, das quais, a título de exemplo, retiramos apenas alguns versos elucidativos: «as freiras na grade / só tratam frades amantes»; «já lhe nascem pela grade / mais ervas do que nas hortas»; «achareis as praças mortas»; «Pôs-se-lhe uma excomunhão / que a nenhum secular falem»; «já não vem ao pensamento / bilhete para um convento», o «Convento / fechado com um castelo».

6. A poesia como reflexo de vivências

A poética de Sucarelo é fecunda em informações de variado tipo. Os versos do médico poeta documentam circunstâncias, atitudes, hábitos e rotinas que vão desde a alimentação (o beber vinho, o comer chouriço, presunto, sarapatel, ovos moles e fritadas de ovos, pão-de-ló, arroz doce, os reputados mexilhões da ria de Aveiro e «queijo frescal»), até às diversões (ir às romarias, às touradas, andar de barco, cavalgar, cantar e ouvir cantar, tanger viola e ir a festas), passando pelo descanso e pelo dormir a sesta, que nos facultam um conhecimento mais aprofundado do autor e da sua época. Encontramos, igualmente, referências a aspetos muito comezinhos da sua vida do dia a dia, como atestam as redondilhas seguintes:

No sítio de Elvas, mandando o Assucarelo pedir um pão para ceiar a pessoa com quem jantava todos os dias

Copla

Mande-me Vo' Senhoria,
Senhor Conde Dom João²⁷⁴,
pera ceiar o meu pão,
pois é pão de cada dia.

todos os reis, ironicamente, pelo decreto de 16 de março de 1725, «obrigou os freiráticos a assinarem um termo de não mais frequentarem esses lugares». (Vd. Silva, 2006: p. 32)

²⁷³ Vd. as décimas “Corre por esta cidade”.

²⁷⁴ Curiosamente, podem apontar-se três nomes de figuras proeminentes da Guerra da Aclamação e das batalhas na fronteira do Alentejo a quem Sucarelo poderá estar a referir-se: D. João Rodrigues de Sá e Meneses, 3.º Conde de Penaguião, a quem já nos referimos no presente trabalho; D. João Mascarenhas (cunhado do anterior), 2.º Conde da Torre e 1.º Marquês de Fronteira, ou ainda D. João da Costa, 1.º Conde de Soure (com assinatura reproduzida na Fig. 64). Os três são por diversas vezes referidos num documento manuscrito anónimo, intitulado *Notícia Desenvolvida da Batalha das Linhas de Elvas*, cujo original se encontra na Torre do Tombo (*Miscelâneas Manuscritas 1109*, fl. 298), com transcrição foi feita por Almeida Fernandes em 1901 (Arquivo Histórico Militar, PT/AHM/DIV/1/02/2/02), com indicação on-line: Disponível em WWW: <URL: <http://arqhist.exercito.pt/details?id=99217>>. [Consult. 04 de out. 2013].

Vindo o Autor das Caldas, mandou um moço buscar carneiro ao açougue a 25 réis o arrátel²⁷⁵, sendo que o preço passado era a 20 réis e nesse tempo era Vereador mais velho António Carneiro de Vasconcelos²⁷⁶

Carneiro de Vasconcelos
a vinte cinco; arre lá;
acabado o Porto está
pelos Santos amarelos.

A redondilha anterior e a respetiva legenda fornecem, indiretamente, dados preciosos nomeadamente quanto a uma possível datação, tendo em conta o preço do arrátel do carneiro (a redondilha é posterior a 1638, uma vez que, por informação recolhidas em Ribeiro da Silva, 1985: II, pp. 820 e 835, o preço do arrátel do carneiro rondava nesse ano os 17 reis, sendo um pouco mais barato do que o bacalhau) e o estatuto social acima da média de Sucarelo. Ainda sobre a carne de carneiro, Ribeiro da Silva (1985: II, p. 817) explica: «A carne de carneiro reservava-se para as dietas e para as famílias do topo social. Os marchantes comprometiam-se a fornecê-la ao Hospital para doentes convalescentes bem como aos nobres e Ministros da Relação do Porto. Também os mosteiros e conventos dela podiam ser abastecidos. Mas vendê-la ao povo estava expressamente vedado.»

Sendo um filho adotivo do Porto seiscentista, cidade que retrata e à qual alude frequentemente na sua poesia, Sucarelo aí passou, seguramente, grande parte da sua vida.

Como testemunho da sua fixação no Porto, são várias as referências a locais desta cidade e arredores, quer em informações veiculadas nas legendas pelo seu mais fidedigno antologista, Cristóvão Alão de Moraes, quer em alusões explícitas de Sucarelo. Neste sentido, apurámos que locais como São João da Foz do Douro, Miragaia, Moreira da Maia, Maia²⁷⁷, Matosinhos e Leça eram familiares ao autor. Encontramos, igualmente, referências a locais um

²⁷⁵ O arrátel era uma antiga unidade de medida, que correspondia a 459 gramas.

²⁷⁶ Efetivamente, António Carneiro de Vasconcelos foi vereador no Porto na altura da aclamação do Rei D. João IV, como consta de uma ata com data de 8 de dezembro de 1640, na qual o seu nome aparece referido. *Vd. Guimarães* (1941: pp. 5-8). Cruz (1942: p. 103) acrescenta dados importantes sobre o dito vereador:

Quanto à *guarda e defesa das portas da cidade*, assentaram os da Câmara que de tal serviço fôssem incumbidos os cidadãos e nobreza, todos distribuídos pelas diferentes entradas da cêrca fernandina. Ficavam estas directamente a cargo dos indivíduos a seguir mencionados, que distribuíam os cidadãos por turnos, para efeito do *apresto da defesa*:

Porta de Cima-de-Vila – Pantaleão Alvo Godinho.

Porta da Rua de Carros – António Carneiro de Vasconcelos.

Porta do Olival – Bento de Aguiar.

Porta Nova de Miragaia – João Alves de Azevedo.

Porta da Ribeira – Paulo Correia.

Foram ainda registados no assento desta vereação os nomes dos fidalgos e cidadãos distribuídos por todas as portas da cidade, – documento precioso para o estudo das famílias principais do burgo seiscentista.

A ascendência fidalga de António Carneiro de Vasconcelos encontra-se documentada em Affonso e Valdez (1934: p. 596) no *Livro de Oiro da Nobreza*. Aqui se refere que era Fidalgo Cavaleiro da Casa Real, filho de Miguel de Couros Carneiro de Vasconcelos e de Catarina Barreto, casado com D. Maria da Costa Falcão. Estas informações são confirmadas por Gayo (1990: Vol. X, Tomos XXVIII e XXIX, p. 82).

²⁷⁷ Sobre as vetustas origens da Maia *vd. Pinho Leal* (1875: V, pp. 34-37).

pouco mais distantes, como Arrifana, Baltar, Benviver²⁷⁸, Braga, Caldas²⁷⁹, Guimarães, Penafiel. Grijó, e ao seu secular mosteiro agostiniano, na freguesia homónima, concelho de Vila Nova de Gaia.

Detenhamo-nos, no entanto, em pontos específicos da cidade do Porto. Não nos será difícil imaginar o nosso poeta a calcorrear a Rua Chã²⁸⁰, a Rua da Reboleira²⁸¹, das mais antigas da cidade, já presente no Porto medievo e ainda existente, a Rua Nova²⁸² e a Viela do Ferraz²⁸³, todas em plena zona histórica da Invicta, sendo das artérias onde se concentrava o grosso da população da cidade²⁸⁴. Ao percorrermos os poemas de Sucarelo e respetivas lendas, confrontámo-nos com inúmeras referências diretas ou indiretas a conventos portugueses: o Convento de Santa Clara, o Convento de Monchique e o Convento de S. Bento²⁸⁵, lo-

²⁷⁸ No sítio do ADP (disponível em WWW: <URL: <http://pesquisa.adporto.pt/cravfrontoffice/?ID=517898>> [Consult. 02 de set. 2012]), pode ler-se: «Os tabeliães do 11.º ofício exerceram a sua actividade no concelho de Benviver, antigo concelho da província do Douro, que foi unido ao de Soalhães por decreto de 31 de Março de 1852. Pela extinção deste concelho em 31 de Dezembro de 1853, Benviver passou a fazer parte do de Marco de Canaveses. Benviver é, hoje, nome de vários lugares, como de um pertencente à freguesia de São Tomé de Covelas, concelho de Baião.» Em Ribeiro da Silva (1985: I, p. 323) encontramos uma breve referência a este concelho.

²⁷⁹ Estamos em crer que se refere às Caldas da Rainha, que já em setecentos eram simplesmente conhecidas como “Caldas” (cf. Ribeiro da Silva, 1985: II, p. 1097 e Silva, 2006: pp. 135-138), o mesmo acontecendo atualmente, uma vez que, dada a sua importância, não necessitavam de ser particularizadas.

Gaspar Leitão da Fonseca, Bacharel formado em Cânones pela Universidade de Coimbra, nascido em Tomar a 13 de janeiro de 1680, vivendo ainda em 1759 (cf. Silva, 1859: pp. 130-131), foi autor de um manuscrito que se encontra na Biblioteca Nacional de Portugal no qual dá notícia da viagem de D. João V a Tomar, em abril de 1714. Refere, então: «(...) El Rey D. João o Quinto (...) depois de ter sahido da sua corte e descansado na Castanheira com a suave Muzica das religiosas do seu convento e dahi honrar com piedosa assistência o saudável sitio das Caldas, caridosa edificação da rainha D. Leonor, (...)». Reproduzido a partir de *Claro, Escuro*. Revista de Estudos Barrocos. Lisboa. 2 & 3 (1989), p. 62.

Apesar das nossas convicções, convém salientar que Tomé Tavares Carneiro, nas oitavas «À jornada que fez [...] p’lo Douro acima com ùs Amigos» se refere às «desejadas Caldas», situadas no «lugar do Sobretâmega, concelho de Marco de Canaveses», que o dececionam pelas «pobres casas, vis, terreiras» e pela estadia menos prazenteira, «passando as horas tristes e mesquinhas». Cf. Dinis (2008: pp. 235, 242-243).

²⁸⁰ «O beneditino Pereira de Novais, o curioso cronista da cidade no século de seiscentos, explica-nos ‘tem nome de Rua Chã, isto é, plana, grande e espaçosa... rua plana, que dizemos Chã, por ser plano o seu pavimento’. [...] Não evidentemente para os nossos conceitos de urbanismo.» (Freitas, 1999: pp. 101-102).

²⁸¹ É uma rua na Ribeira, no Porto. «O topónimo deve ser bastante antigo, pelo menos datando dos séculos XIII-XIV, quando se começou a urbanizar para poente do Rio da Vila.» (Freitas, 1999: p. 295).

²⁸² A rua já é mencionada num documento de 1301. A sua designação mudou para Rua Escura, que mantém atualmente, em virtude da abertura da Rua Nova, por ordem de D. João I, depois chamada Rua Formosa, posteriormente Rua Nova dos Ingleses, e hoje Rua do Infante D. Henrique. *Vd.* Cunha e Pinto (1742, pp. 149, 155 e 318); Gama (1864: p. 205); Cruz (1944: pp. 27-28); Freitas (1999: p. 136) e sítios da Câmara Municipal do Porto: Disponível em WWW: <URL:<http://www.cm-porto.pt/gen.pl?sid=cmp.sections/570&letra=E&fokey=cmp.toponimia/841>>; WWW:<<http://www.cm-porto.pt/gen.pl?sid=cmp.sections/570&letra=N&fokey=cmp.toponimia/1401>>. [Consult. 28 ago. 2012].

²⁸³ *Vd.* a nota da p. 132.

²⁸⁴ *Vd.* Ribeiro da Silva (1985: I, pp. 117-118).

²⁸⁵ O Convento de Santa Clara, referido indiretamente no verso «as Madres do Codeçal» do romance “Que fazeis na vossa Terra”, situava-se junto à muralha fernandina e às Escadas do Codeçal, ainda hoje existentes, que ligam a zona da Batalha à Ribeira do Porto. Sobre esta matéria *vd.* Alves, Natália Marinho Ferreira, “Subsídios para o estudo artístico do convento de Santa Clara do Porto nos princípios do século XVIII”. In *Revista da Faculdade de Letras: História*. Porto: 1985, pp. 274-295.

cais óbvios de recolhimento, mas mais vocacionados, na época, para festas e encontros amorosos nas grades, muito pouco platónicos e pudicos, como já tivemos oportunidade de o demonstrar.

Locais de encontro eram também as fontes, havendo na poética de Sucarelo, particularmente na carta “Meu Gregório Martins, Deão do Porto”, menções à «Fonte dos Framengos», que, de acordo com Ribeiro da Silva (1985: I, p. 93), já existia em 1628 e ficava «do outro lado do Rio», em Vila Nova de Gaia. O nome deriva da comunidade flamenga radicada na cidade, «aqui ocupando posições notáveis no comércio, nomeadamente de cereais, apetrechos para a construção naval, armas e munições, etc.». Situava-se «próximo dos muros ou da outra banda do rio, em Vila Nova [...]. A afluência de embarcações flamengas é tão abundante que em 1618 os intérpretes ou “lingoas” dos flamengos (e alemães) eram o dobro dos de outras nações. É elucidativo que a um dos chafarizes implantados em Vila Nova se tenha chamado “fonte dos framengos”.»²⁸⁶. Também no romance “Fui amar por meus pecados” se refere a Fonte das Virtudes²⁸⁷, que terá sido concebida por Pantaleão de Seabra e Sousa, fidalgo da Casa Real e Regedor da Cidade, construída em 1619 e designada também como Fonte do Rio Frio.

Os seus poemas revestem-se de potencial importância testemunhal, uma vez que é a partir das informações por eles veiculadas que conseguimos apurar que Sucarelo, para a época, era um homem que se deslocava bastante de cidade em cidade: ora se encontra em Braga²⁸⁸, ora está em Coimbra²⁸⁹, ora permanece em Elvas ou Badajoz, no longo período da Guerra da Restauração. De Leiria escreve o romance “Os olhos com pranto amargo”, que se revela um longo e extraordinário roteiro de viagem, narrado em primeira pessoa sob a forma de carta dirigida ao Doutor Manuel Maio de Macedo, de uma viagem²⁹⁰ feita pelo poeta na compa-

O Convento da Madre de Deus de Monchique, de freiras franciscanas, estava situado em Miragaia. Foi fundado por Pedro da Cunha Coutinho e sua mulher, D. Beatriz de Vilhena. Alusões a este convento podem ser encontradas na carta “Meu Gregório Martins, Deão do Porto” e no romance “Que fazeis na vossa Terra”.

O Mosteiro de São Bento da Avé Maria foi mandado fundar por D. Manuel, em 1518. Foi demolido no final do século XIX e ficava no espaço hoje ocupado pela estação ferroviária de S. Bento. Podemos encontrar referências a este convento no soneto “Aqui se esconde o corpo bem logrado” e no romance “Senhor soldado da armada”.

²⁸⁶ Cf. Ribeiro da Silva, 1985: I e II, pp. 132, 350-351 e 1058.

²⁸⁷ Vd. Costa, 1947: IX, p. 490.

²⁸⁸ Vd. a legenda do romance “Reverendo Frade Lóio”.

²⁸⁹ Vd. as décimas “Partidos desesperados” e “Corre por esta cidade”; a quadra “É muito grande mofina” e os romances “A vós, Pantaleão da Silva” e “Reverendo Estagirita”.

²⁹⁰ Carvalho (2012: p. 33) dá conta do relato de Tomé Tavares Carneiro de uma viagem ao Douro, uns anos antes, também em forma de carta. Sendo Alão de Morais o copista simultaneamente do poeta anterior e de Sucarelo, utiliza em ambos os manuscritos que coligiu, respetivamente os 736 e 755 da BPMP, o termo «jornada» na legenda dos poemas «Considerando fomos nas malhadas» (do primeiro) e «Os olhos com pranto amargo» (do autor que nos ocupa). São relatos muito concretos, que os afastam «de outras viagens poéticas satíricas

nhia de D. Álvaro de Abranches. Neste poema, seguramente anterior a 17 ou 18 de abril de 1660²⁹¹, Sucarelo faculta-nos abundantes pormenores da jornada, nomeadamente a mágoa da partida, as más condições atmosféricas e o facto de o seu «macho» se achar em condições deploráveis. As diferentes etapas do percurso, das quais damos conta em traços largos, foram também assinaladas. A primeira paragem, com pernoita e «fidalga hospedagem», ocorreu no mosteiro agostiniano de Grijó, a que há pouco nos referimos. Seguidamente, os dois companheiros param em «Fermelainha» (que supomos se trate de um lugar do distrito de Aveiro, de quem foi senhor o 1.º Marquês de Angeja, D. Pedro António de Noronha de Albuquerque e Sousa (1661–1731), vice-rei da Índia entre 1692 e 1699 e, de 1713 a 1718, vice-rei de «todas as capitanias da América».²⁹²), encontrando-se o autor «ensopado» como se «fora / fatia de pão de ló» pela imensa chuva que caiu «impiamente» das «cisternas do Céu», sendo acolhido em «casa de um lavrador». Prosseguiram até à «Esgueira» e queixa-se o poeta: «o meu macho me pôs / manquejando de uma perna, / feito em cinza e feito em pó». Passaram também por Cantanhede e, chegando a Coimbra, foram albergados no mosteiro de «Santa Cruz», onde confraternizaram com um amigo, um tal Luís Teixeira, Desembargador, que talvez seja o mesmo de que nos dá conta um documento jurídico com data de 5 de julho de 1663 (vd. Almeida, 1869: p. 179). O fim de uma etapa da atribulada viagem avizinhava-se (embora o poeta sugira que iria haver mais para contar, pelo que a viagem continuaria): Leiria estava, «finalmente» à vista e havia, então, matéria para escrever o «Romance» a «dezassete de Setembro», muito possivelmente de 1657, altura em que poderá ter ido na companhia do Governador do Porto fazer prova dos motivos que o afastavam do cumprimento do serviço no Alentejo, compreendendo-se o estado de espírito do poeta: « Os olhos com pranto amargo, / cheio o coração de dor, / desfeito o alento em suspiros, / triste o peito e rouca a voz».

Também da capital Sucarelo respira os ares azafamados, palco na altura, tal como agora, de relevantes factos históricos e de acontecimentos determinantes para a vida do país. A sua permanência em Lisboa encontra-se particularmente bem documentada nas décimas “Senhor, quem paga o que deve”, que envia ao amigo Domingos de Figueiredo²⁹³. De acordo com a legenda acoplada por Cristóvão Alão de Moraes e as informações veiculadas pelo autor, o

de carácter alegórico do século XVII, como é o caso da *Jornada que Diogo Camacho fez às cortes do Parnaso em que Apollo o laureou.*».

²⁹¹ Data da morte de D. Álvaro de Abranches, «herói do 1.º de Dezembro», a 17 de abril para Costa e Cunha (2010: pp. 140 e 283) e 18 de abril para Sousa (1755: p. 604). De acordo com Costa (1929: I, p. 727), Abranches encontra-se sepultado em Almada, na Igreja da Misericórdia.

²⁹² Vd. Sousa (1742: pp. 71-72).

²⁹³ A quem, em 1654, supomos, por altura do S. Martinho, escreve o soneto “Cheguei aqui às três da quarta-feira”, sobre o qual já nos debruçámos detalhadamente.

momento histórico subjacente ao poema é particularmente sensível para a nação, pois inferimos que se prenda com o primeiro bloqueio do Tejo pelos ingleses, em 1650. O poema terá sido escrito, então, entre março e 4 de novembro desse ano, quando a costa foi dada como livre. A composição poética é clara nas informações relativas ao momento de guerra iminente entre portugueses e ingleses, até pelas onomatopeias sugestivas do rufar dos tambores «tão parão-tão / trus, trus, tarara, tarara». No verso «senhoreia o Parlamento», Sucarelo refere-se com certeza à Armada do Parlamento, comandada pelo almirante Blake, estacionada ameaçadoramente na barra do Tejo²⁹⁴, os «hereges», nas palavras do poeta.

Encontrando-se na capital, não deixa de aludir, na silva “Meu Duarte Ribeiro”, ao seu ambiente debochado, falando de uma corte em que facilmente se enganam «maridos tontos» com «artificiosa virgindade», sendo «pontos d’honra» os «remendos da desonra». Mas o ambiente dissoluto é generalizado: à pergunta do autor sobre o preço da «carne humana», «uma moça» responde com um atrevimento que o fez zangar, ao ponto de querer «cruzar-lhe a cara», rejubilando pelo amigo que, em Coimbra, está «fornicando de graça». O poeta queixa-se ainda nesta silva: «vou tendo muito santa paciência / pondo embargos à morte, / que já me traz de espreita nesta corte». Aludiria a qualquer ameaça ou à doença que o consumia e o terá impedido de cumprir o serviço que se comprometera no Alentejo na década de 50, como veremos? Foi-nos impossível esclarecer.

No romance “Senhor soldado da armada”, refere que do palácio sabe «cousas prodigiosas», aludindo às intrigas palacianas, às «candeas às avessas» frequentes entre aqueles que rodeavam o Rei. Mas o assunto principal prende-se com as conquistas freiráticas, tão comuns na capital como no Porto e em Coimbra.

²⁹⁴ In Costa e Cunha (2010: pp. 235 e 238) pode ler-se:

No decurso de uma guerra civil que se incendiara até 1646, as forças parlamentares executaram em 1649 Carlos I em Londres, o que trouxe a Lisboa para pedir o apoio a D. João IV, o sobrinho do rei, o príncipe Rupert. Este acontecimento teve repercussões variadas na corte portuguesa e nas relações diplomáticas entre Portugal e a Inglaterra. A inevitável e óbvia resposta inglesa colocou no Tejo uma poderosa armada sob o comando de Blake, que causou sérios danos à escolta da Companhia Geral e aos navios da frota do Rio de Janeiro, saqueando o açúcar de vários navios. [...]. A conturbada situação política que entregou o poder a Oliver Cromwell extravasava para a cena internacional. Por isso, neste ano de 1650, Lisboa converteu-se num dos palcos do conflito. Perante a poderosa armada enviada pelos parlamentares e estacionada na barra do Tejo, instalou-se na corte o receio das consequências da protecção aos príncipes Rupert e Maurice.

Combateram a frota de Blake alguns barcos da Armada da Companhia Geral do Comércio do Estado do Brasil, nomeadamente o galeão S. João, cujo capitão era Antão Temudo, Cavaleiro do Hábito de Santiago, vencido pelo inglês entre 23 e 24 de setembro de 1650, a quem Sucarelo se refere no romance “Manda o Senhor Dom Miguel”. Neste mesmo romance, Sucarelo refere-se também a Vitório Zagalo, capitão do galeão S. Pedro e Cavaleiro do Hábito de Cristo, pertencente à mesma armada. *Vd.* Esparteiro (1976: pp. 5-6), Monteiro (2003) e Melo (2007).

Antão Temudo ou António Temudo terá sido amigo do poeta António da Fonseca Soares, posteriormente, Frei António das Chagas, que a ele se dirigiu num romance intitulado “mil vezes Temudo amigo” (*apud* Pontes, 1953: p. 45, nota 36).

Na carta em quintilhas “Se com saudades partistes” reitera-se o assunto que acabámos de referir e sobre o qual já nos debruçámos pormenorizadamente.

Às vivências do autor a que aludimos, e que se encontram amplamente vertidas na sua poesia, teremos necessariamente de acrescentar a sua passagem pela Guerra da Restauração, que, pela sua importância e pelos contornos que teve, justifica bem o seu tratamento num capítulo à parte – aquele que se segue.

7. Sucarelo e a Guerra da Restauração

Se, como parece, em 1645 Sucarelo não acompanhou o batalhão académico que seguiu para o Alentejo sob o comando do Reitor Manuel de Saldanha, a sua participação na Guerra da Restauração parecia inevitável cinco anos depois, embora nesta data como Cirurgião-mor do reino. Para uma melhor compreensão da atribuição desta patente ao autor, convém contextualizarmos as circunstâncias em que tal acontece.

Relembremos que o momento histórico que se vivia em Portugal era de grande conturbação. A nação encontrava-se num período em que a independência estava ainda pouco consolidada, uma vez que D. João IV fora aclamado Rei de Portugal havia pouco tempo, a 15 de dezembro de 1640. A conjuntura política nacional era periclitante e as contendas com Espanha sucediam-se, especialmente nas zonas fronteiriças.

A 8 de dezembro de 1647, Martim António Afonso de Melo, o Conde de S. Lourenço, Governador de Armas do Alentejo²⁹⁵, em pleno palco de guerra, queixava-se sobre a precária assistência aos seus soldados, em missiva que envia ao rei:

[...] estão feridos em Castelo de Vide quantidade de soldados que todos vieram despidos e por falta de cirurgião morreram alguns, seja V. M. servido de mandar um que seja homem de conta dos muitos que há em Lisboa, porque é grande lástima que morrão os homens depois de escaparem das mãos do inimigo, por não haver quem os saiba curar, pois cada dia temos encontros [...]²⁹⁶

²⁹⁵ Martim António Afonso de Melo (†1671) foi filho de Luís de Melo da Silva e de D. Filipa de Faro, foi 4.º Conde de S. Lourenço. Após a aclamação de D. João IV foi nomeado governador de Cascais e serviu na Guerra da Restauração, no comando do exército do Alentejo. As intrigas da corte levaram à sua demissão, sendo reintegrado novamente em 1647, durante três anos. Foi encarcerado por se julgar ter estado implicado no Jogo da Pela (1655). Voltando ao comando do exército do Alentejo, após a morte de D. João IV, a sua ineficácia militar nomeadamente nas conquistas de Badajoz e outras praças, levaram a que fosse substituído por Joannes Mendes de Vasconcelos, em 1658. *Vd.* Costa e Cunha (2010, pp. 285-286) e *Dicionário de Personalidades* (2004: XVII, pp. 85-86).

²⁹⁶ *Apud* Reis: 2006, p. 4.

A carta anterior foi apreciada no Conselho de Guerra de 18 de dezembro de 1647²⁹⁷, que lhe conferiu parecer favorável, no sentido de que o rei autorizasse:

[...] buscar-se um dos melhores cirurgiões que houver, como Francisco Guilherme, António Sucarello ou outro semelhante, concertando com ele o soldo com que se acomodará a ir servir como Cirurgião-Mor no Exército do Alentejo com obrigação de ensinar os cirurgiões dos Terços que por não serem mais que praticantes, precisam ainda de muita prática e mais ciência e doutrina, para que veja o que se passa no Alentejo e que não é razão por 200 ou 300 mil réis que vá ganhar um cirurgião-mor com insuficiência, partes e qualidades e que por falta disto se aventure a vida dos vassallos de V. M. que estão defendendo o Reyno.²⁹⁸

O cirurgião «António Sucarello» a quem se alude é, sem dúvida, o pai de João Sucarelo. Também ele terá sido um profissional famoso da sua época, exercendo a sua profissão, à data, na cidade de Lisboa, tendo falecido a 9 de setembro de 1649, como já tivemos oportunidade de esclarecer²⁹⁹.

No entanto, as pretensões do General apresentadas anteriormente foram negadas em despacho de 31 de janeiro de 1648, com a seguinte redação: «quando o cabedal era pouco como então, era muito o gasto com o cirurgião-mor, pelo que deviam as Companhias dos Terços providenciar para que os seus cirurgiões fossem bons»³⁰⁰.

Porém, não se resignando, o Conselho de Guerra insistiu, emitindo a 4 de fevereiro de 1648 um novo parecer e sobre este despacho que, entre outros aspetos, referia:

Os cirurgiões dos Terços são uns barbeiros romancistas com pouca ou nenhuma experiência, que importa pouco a diligência para que sejam de suficiência e partes que convém porque não se dá a cada um mais que 5.000 réis por mês e quem tem préstimo se não arrisca às balas por tão pouco. Se é grande o soldo do Cirurgião-Mor importa menos do que V. M. perde nos serviços dos soldados de qualidade que sendo feridos não têm quem os cure e os que isto vêem pensam que o mesmo lhes pode suceder por isso insistem pela ida do Cirurgião-Mor perito e experimentado que evite estes danos e ensine os cirurgiões dos Terços.³⁰¹

E a questão da nomeação de um cirurgião-mor tardava em resolver-se, uma vez que

Em Junho de 1648, o Governador das Armas escrevia ao Rei, dizendo: “Com grande sentimento torno uma e muitas vezes mais representar a V. M. que tendo pedido um serurgião de préstimo para este Exército e que não tão sómente se me não tem mandado, mas nem ainda se me respondeu e que agora se diga que por falta dele poderá morrer um fidalgo de tanto valor e partes como D. João de Menezes, Governador de Olivença e que com tam bom ânimo veio servir a V. M. e tem tantas valias estes homens que se saiem com o que querem sendo que era justo e razão que os milhares de Lisboa estivessem neste Exército pois dele depende a conservação do Reino de V. M. e em Lisboa se não

²⁹⁷ Idem, *ibidem*.

²⁹⁸ Idem, *ibidem*.

²⁹⁹ No *Index das Notas de Vários Tabeliões de Lisboa Entre os Anos de 1580 e 1747*. Tomo III. Lisboa: 1944, p. 262, refere-se sobre o Sucarelo pai «Juro q da Ant^o Sucarello Claramonte ao Conv.^{to} do S.^{dor} das escolas geraes fl... 26 de Mayo 1648».

³⁰⁰ *Apud* Reis: 2006, p. 4.

³⁰¹ Idem, *ibidem*.

ocupão mais que em curar causas indignas de se escreverem a V. M. cuja Real Pessoa D. G. (Deo Gracias) como todos os seus vassallos havemos muito”.³⁰²

A 15 de outubro de 1650, o Conde de S. Lourenço envia novamente ao Rei um pedido para a integração de Sucarelo como cirurgião do exército do Alentejo, desta feita o filho, uma vez que o pai morrera cerca de um ano antes.

Sñor

Cada dia experimentamos mais a necessidade que este exército tem de hum bom serugião pois as ocasiões são muitas, e o sentimento geral, de que por falta delle se ariscão a perder a uida os que seruimos a V. Magestade nestas fronteiras por que quando se manda buscar a Lisboa de ordinário, ou chega tarde ou não he já neçessario.

Tenho por noticia que hum muito bom serugião, e medico, como he o Suquerêlo quer uir para assistir neste exercito, fazendolhe V. Magestade a mercê que pede nesta memoria que me mandou, e no que toca ao soldo, he couza ordinária, por que aquy se da o mesmo a hum serugião que aquy assiste que nehũa couza sabe de surgia, o mais assy do habito, como da tença, seja V. Magestade seruido queremos fazer a todos merçe de o contentar, honrandoo com esta merçe, pois fica toda a uida obrigado a seruir, e nos com grande interesse de continuarmos o mesmo; guarde Deos a Real pessoa de V. Magestade como todos os seus Vassallos hauemos mister, Elvas 15 de Outubro de 1650. – *O Conde de S. Lourenço*.³⁰³

Com o pedido anterior segue, então, uma «memória» na qual Sucarelo explica ao Rei D. João IV a sua situação e as suas pretensões, afirmando que é lente na Universidade de Coimbra, com ambições superiores na sua carreira académica, embora como já foi referido, não tenhamos logrado confirmar estas circunstâncias do poeta. Terá sido um golpe audacioso por parte de Sucarelo dar-se como lente da Universidade para conseguir do monarca melhores condições? Apesar da desfaçatez que já apontámos ao poeta, não cremos que a este nível ele fosse tão longe. No entanto, não nos foi possível encontrar até à data elementos para o comprovar. A partir da sua missiva, vemos que as suas exigências são consideráveis, o que se aceita, uma vez que teria de trocar uma vida eventualmente cómoda e segura pelo desconforto do hospital militar. Dado que tinha a seu cargo mãe (que entretanto ficara viúva), mulher e filhos, pretendia que lhe fosse pago o mesmo valor que auferia na Universidade. Mas por que razão iria Sucarelo para o miolo do conflito³⁰⁴, exatamente pelo mesmo salário? A resposta afigura-se-nos muito simples: seria esse o preço a pagar para obter os tão ambicionados títulos «de Cirurgião mor do exercito e de Medico de S. Magestade» e de Cavaleiro da Ordem de Cristo, como pretende. Parece-nos uma hipótese bastante aceitável, até porque três anos antes concluíra a sua licenciatura na Universidade de Coimbra, o que mais facilmente o catapultava

³⁰² Idem, *ibidem*, p. 5.

³⁰³ *Apud* Viterbo (1950: p 13). Cf. Figs. 70 e 71.

³⁰⁴ Ferreira (2012: p. 37) esclarece: «A situação em Elvas sempre foi muito difícil, quer pelos poucos meios (materiais e humanos) quer pelos muitos doentes e feridos que aí acorriam, o que inevitavelmente provocou um grande número de mortes por dia, chegando a contar-se trezentos óbitos diários, fazendo-se os funerais longe da vista dos castelhanos, levando o Conde de Ericeira (20 p. 165) a dizer ‘sobrarem mortos faltar terra’.»

para o reconhecimento social pretendido³⁰⁵. Os requisitos para Sucarelo se mover de armas e bagagens para Elvas incluíam também bens materiais: casa e palha e cevada para um cavalo, o que indicia, quiçá, um estatuto social em ascensão, uma vez que já lhe conhecemos um «rocim» e um «macho». Tratando-se do homem sem rodeios que já demonstrámos ser, desarma fantasticamente o monarca afirmando: «Veja V. M. no que deixo se tenho razão para o que peço.». Seguem-se as imagens dos poucos documentos autógrafos do poeta, que lográmos descobrir.

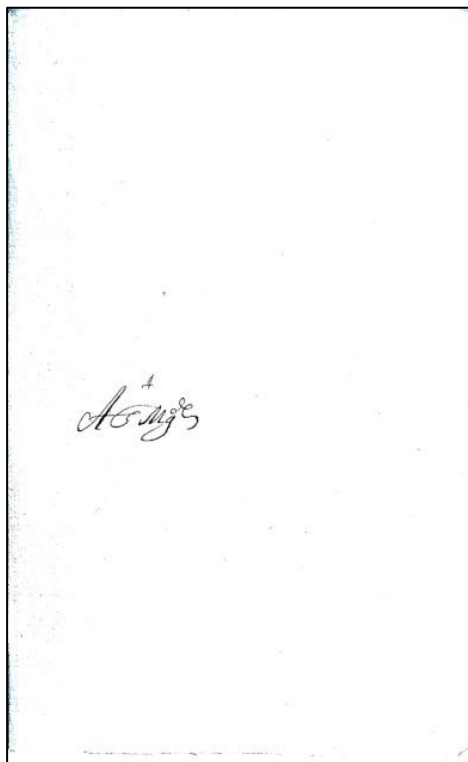


Fig. 40 – Arquivo Nacional Torre do Tombo. In *Consultas do Conselho de Guerra*. Maço n.º 10, Documento n.º 174. Folha de rosto da «Memória» de João Sucarelo, incluída na carta do Conde de S. Lourenço.

³⁰⁵ Por todo o Reino, ter-se-ão repetido casos análogos, nomeadamente em Coimbra onde, segundo o Prof. António de Oliveira, “pelas vias do estudo, das armas e da riqueza, alguns conseguiram subir acima do estrato em que haviam nascido.” Sobre esta matéria, Carl Hanson in *A economia e sociedade no Portugal barroco (1668-1703)*. Lisboa: D. Quixote, 1986, dilucida:

Muitos daqueles que aspiravam ao estatuto de nobreza para as suas famílias, procuravam que os seus filhos fossem admitidos como estudantes nas Universidades de Direito ou Medicina, pois os indivíduos que obtivessem uma educação universitária como advogados ou médicos e tivessem depois entrado na burocracia, estavam bem posicionados para continuarem no seu progresso social. Como funcionários da coroa ou das burocracias municipais, especialmente da de Lisboa, tais indivíduos tinham possibilidade de ombrear com a nobreza e talvez encontrar um patrão ou um padrinho que lhes ajudasse a franquear as portas que doutro modo não se abririam apenas ao talento ou ambição.

Os mais afortunados (ou provavelmente, os seus descendentes) penetravam nos escalões mais baixos da nobreza, recebendo os direitos e privilégios de *fidalguidia* ou, pelo menos, os de *cavaleiros*.

Já anteriormente, Ribeiro da Silva (1985: p. 266) esclarecera:

Veremos que na sociedade portuense mecanismos de ascensão, aqui e além, foram accionados com êxito. Ilustrará a afirmação o exemplo seguinte: em 1635, o Juiz de Fora recusava-se a aceitar como almotacé o Doutor Feliciano Guedes Carneiro, médico, por não ser filho nem neto de cidadãos nem casado com filha ou neta de igual raiz. Os Vereadores contrapuseram que o eleito era «Doutor pessoa constetuida em nobreza por suas letras». A tese dos Vereadores foi a que venceu: as letras reconhecidamente conferiam nobreza.

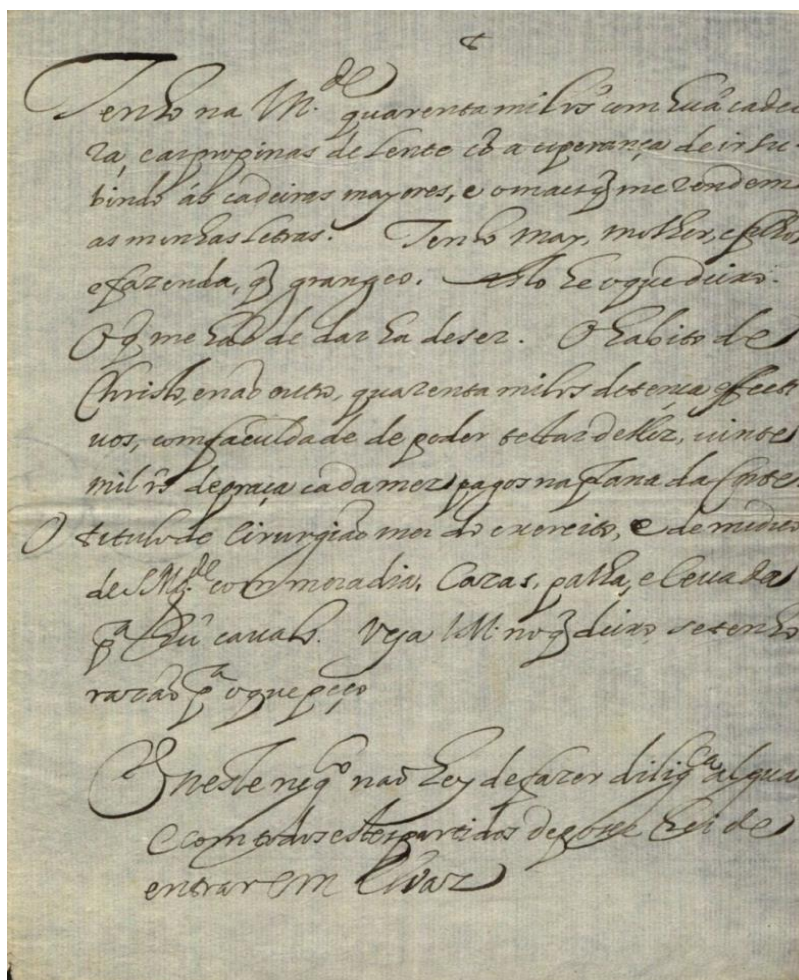


Fig. 41 – «Memória» de João Sucarelo, incluída na carta do Conde de S. Lourenço.

«Tenho na Vniversidade quarenta mil réis em hũa cadeira, e as propinas de lente cõ a esperança de ir subindo ás cadeiras mayores, e o mais que me rendem as minhas letras. Tenho may, molher e filhos e fazenda que grangeo isto he o que deixo. O que me hão de dar ha de ser. O habito de Christo, e não outro, quarenta mil réis de tença effectivos, com facultade de poder testar delles, uinte mil réis de praça cada mez pagos na plana da corte. O titulo de Cirurgião mor do exercito, e de medico de S. Magestade com moradia, cazas, palha e ceuada para hũ caualo. Veja V. M. noque deixo se tenho razão para o que peço. E neste negocio não hey de fazer diligencia algua e com todos estes partidos de pose hei de entrar em Elvas.» (Arquivo da Torre do Tombo, Consultas do Conselho de Guerra, Mac. 10.º, n.º 174)³⁰⁶

Em 2 de novembro de 1650, o Conselho de Guerra apoiou a pretensão do Conde de S. Lourenço, enviando o seu parecer juntamente com a carta de Martim António Afonso de Melo e a «memória» de Sucarelo:

Sñor

Na carta inclusa representa o Conde de S. Lourenço a V. Magestade a necessidade que ha no exercito do Alentejo de hum bom cirurgião, pois as ocasiões são muitas, e o sentimento geral de que por falta delle se arriscão a perder a vida os que servem a V. Magestade naquellas fronteiras, porque quando se manda buscar a esta cidade, de ordinario ou chega tarde ou não he ia necessario. E que tem por noticia que hum muito bom cirurgião e medico como he o Sucarelo quer ir assistir naquele exercito fazendo-lhe V. Magestade mercê do habito de Christo; de quarenta mil réis de tença effectivos com facultade de poder testar deles; vinte mil réis de praça cada mez pago na plana da corte; do titulo de cirurgião mor do exercito e de medico de S. Magestade com moradia, casa, palha e ceuada para hum caualo, como pede na sua memoria inclusa, apontando nella as comodidades que deixa indo

³⁰⁶ Reproduzida a partir de Viterbo (1950: p. 14).

seruir de Cirurgião mor a Alentejo que são quarenta mil réis que tem na Vniuersidade com hũa cadeira, as propinas de lente e a esperança de ir subindo as cadeiras maiores e o mais que lhe rendem as suas letras; e diz o Conde que no que toca ao soldo he cousa ordinária, e que no mais assi do habito como da tença deue V. Magestade ser seruido querelhe fazer a elle Conde e a todos os daquele exercito merce de contentar a este homem para que se disponha a ir seruir de Cirurgião mor honrando com as mercês que pede, pois fica toda a uida obrigado a seruir.

Muitas vezes se tem representado a V. Magestade a urgente necessidade que há de que no exercito de Alentejo assista um dos melhores Cirurgiões do Reino para curar os enfermos e feridos, e ensinar outros; e por incultas de Francisco Nunes nomeou V. Magestade hum de Santarem que he o que agora assiste em Alentejo com titulo e soldo de Cirurgião mor do exercito; e visto dizer o Conde de S. Lorenzo que não val nada e que o Sucarello não só na arte de Cirurgia, mas tambem na medicina he sojeito perito: Parece ao Conselho que V. Magestade mande despedir o de Santarem e nomear para Cirurgião mor do exercito ao Sucarello com o soldo que goza e agora serue, e porque para o obrigar a que aceite e sera justo compensarlhe na forma que for possível as conueniencias que deixa e são as que se referem no papel incluso na carta do Conde Governador das Armas. Parece também ao Conselho que V. Magestade lhe deue mandar de titulo o seu medico e o habito de Christo com quarenta mil réis effectivos de tença, com faculdade de poder testar deles morrendo na guerra, ou seruido nella seis anos. Lisboa 2 de novembro de 1650 (*com a rubrica do Conde do Prado, faltando a rubrica de Joane Mandes de Vasconcellos que nella votou*).³⁰⁷

Perante elogios tão rasgados à competência e perícia de Sucarelo «na arte de Cirurgia, mas também na medicina», a 7 de novembro redigiu-se a resolução de El-Rei, assentindo no pedido:

Como parece, e os quarenta mil réis serão em capellas ou renda de confiscados, e com certidão de como tem assistido recorra á Secretaria das Mercês para se lhe passar Portaria. Lisboa 7 de novembro de 1650. – *Com a rubrica d'el Rei*.³⁰⁸

De acordo com informações que recolhemos em Gião (1942: p. 9), o cirurgião-mor Diogo Pinheiro é despedido em carta datada de 28 de novembro, na qual já se adianta o nome de Sucarelo como seu sucessor.³⁰⁹ Dois meses após ter enviado a carta, Sucarelo vê as suas aspirações efetivamente satisfeitas: «Em 18 de dezembro de 1650 teve carta de patente de cirurgião-mor do exército do Alentejo»³¹⁰. Na carta de nomeação régia já é reconhecido como licenciado:

O Ld.º João Sucarelo

Dom João etc. faço saber aos que esta minha carta patente virem que por convir a meu serviço prover-se o cargo de cirurgião mor do exercito de Alentejo em quem concorram as partes que se requerem para o exercito deste cargo e por ser informado, que estas concorrem no licenciado João Succarello, e que nesta occupação me seruira com todo o cuidado com que o deue fazer, por todos estes respeitos Hey por bem e me praz de lhe fazer merce do ditto cargo de cirurgião mor do exercito de Alentejo, para que o sirua assim e da maneira que o seruirão, seus antecessores, e com elle haja de soldo por mês oito mil reis pagos na confirmidade de minha ordens Pello que mando ao Governador das armas da Prouincia e exercito do Alentejo e ao mestre de campo geral delle o tenhão, e conheção por tal cirurgião mor e lhe deixem exercer este cargo, fazendolhe guardar as prerrogativas delle e ao veedor e contador geral do mesmo exercito lhe assentem, e fação assentar o suditto soldo nos liuros de seus officios para delle hauer pagamento na forma asima declarada e aos cirurgiões dos terços e barbeiros das companhias delles, esteyão obrigados e do dito cargo hey por metido de posse por esta

³⁰⁷ Transcrita a partir de Viterbo (1950: pp. 11-13). A missiva é apresentada nas Figs. 72, 73 e 74.

³⁰⁸ Idem, *ibidem*, p. 13. Cf. Fig. 73.

³⁰⁹ Cf. Figs. 75 e 76.

³¹⁰ *Apud* Gião (1942: p. 10).

carta ao ditto João Succarello jurando elle na forma costumada que cumprira em tudo as obrigações do mesmo cargo, Por firmeza do que lhe mandey dar esta carta por mim assinada e sellada com o sello grande de minhas armas. Dada na cidade de Lixboa aos dezoito dias do mez de Dezembro de 650, e eu Antonio Pereira a fiz escrever. Rey. : (Secretaria do *Conselho de Guerra*, n.º 15, fl. 53v.)³¹¹

Em portaria de 20 de dezembro de 1650, Sucarelo é agraciado com o título de médico do Rei e informado das diligências que terá de cumprir para receber o título de Cavaleiro da Ordem de Cristo, ficando, em contrapartida, obrigado a servir o Rei durante seis anos nas fronteiras do Alentejo:

Por resolução de S Mg^{de} de 7 de nov^{bro} de 650
Em cons.^{ta} do Cons.~ de guerra de 2 do mesmo mez

El Rey nosso Senhor tendo respeito á sufficiencia de João Succarello e a boa uontade com que se dispõem a seruir na prouincia de Alentejo de sirurgião mor do exercito della, de mais do soldo que hade hauer por outra uia na forma que o sirurgião mor seu antecessor gosaua; Há por bem de lhe fazer mercê do titulo de seu medico e de quarenta mil réis de renda affectiva em capellas ou bens de confiscados, para ter os mesmos quarenta mil réis com o habito de Christo que lhe tem mandado lançar, com facultade de poder testar delles morrendo na guerra ou seruindo nella seis annos; e pêra comprimento da condição com que se lhe deu o despacho referido de seruir seis annos nas fronteiras de Alentejo asinou termo que fora na Secretaria das mercês por autoridade de justiça. Lisboa em 20 de Dezembro de 650. El Rey nosso Senhor Há por bem de mandar lançar o habito de Christo a João Succarello que hora uay por sirurgião do exercito da prouincia de Alentejo pera o ter com quarenta mil réis de rendas effectivos em capellas ou bens de confiscados de que se lhe tem feito mercê de promeça, e manda que pera hauer de receber o habito se lhe fação as prouanças e habilitações de sua pessoa na forma dos estatutos e definições da Ordem, e pera o comprimento da condição com que se lhe deu o despacho referido de seruir seis annos nas fronteiras de Alentejo asinou termo que fica na Secretaria das merces feito por authoridade da justiça. Lisboa 20 de Dezembro de 650. (Arquivo da Torre do Tombo, liv. 2.º de *Portarias*, fl. 319)³¹²

Em carta datada de 24 de junho de 1651, o rei cumpre o que prometera e João Sucarelo Claramonte é condecorado com o tão desejado título de Cavaleiro da Ordem de Cristo³¹³:

Dom João por grasa de Deus Rey de Portugal e dos Algarves daquẽ dalem mar em Africa Senhor de Guiné e da conquista nauegação comersio da Ethiopia Arabia Persia da India etc. Como gouernador e perpetuo administrador que sou do mestrado caualaria e ordẽ de Nosso Senhor Jesu Christo, faço saber a uos reuerendo dom prior do conuento de Thomar da mesma Ordem ou a quẽ ou sso cargo seruir que João Sucarelo me pedio por mercê que por quanto elle desejava e tinha deuasão de seruir a nosso Senhor he a mim na mesma ordẽ ouuesse por bem de o reseber e mandar prouer do habito della e antes de lhe fazer mercê e o reseber a ordẽ habilitou sua pesoa de ante do presidente e deputados do despacho da mesa da consiensa e ordens e juis dellas e por que me constou pella habilitação que se lhe fes segundo forma das definições e estatutos da dita ordẽ o dito João Sucarelo ter as partes e qualidades necessarias conforme a ellas para ser prouido do habito da mesma ordẽ e por esperar que nella poderá faser muitos seruicos a nosso Senhor he a mim Hey por bẽ me pras de o reseber a

³¹¹ *Apud* Viterbo (1950: p. 9). Cf. Fig. 77.

³¹² *Idem, ibidem*, p.11. Cf. Fig. 78.

³¹³ Em 2008, Nuno Gonçalo Pereira Borrego publicou *Habilitações nas Ordens Militares. Séculos XVII a XIX*, um conjunto de 3 volumes em que recenseou todos os habilitados, cujos processos se encontram na Torre do Tombo. O nome de João Sucarelo não consta do rol, facto que pode ser explicado pelas informações da Nota Prévia: «Com este volume dou início à publicação, em sumário, das informações genealógicas constantes das chamadas habilitações às Ordens Militares – Cristo, Avis e Santiago – existentes no Arquivo Nacional / Torre do Tombo, restos de um *corpus* muito maior que se perdeu no incêndio que se seguiu ao terramoto de 1755 e a incúrias de natureza vária, antigas e modernas.».

ordẽ e por esta uos mando dou poder a comisão para que lhe lanseis o habito dos nouisos della nese conuento segundo forma das definições e estatutos da dita ordẽ e o fareis assentar no liuro da matricula dos caualeiros nouisos della cõ declarasão do dia mes e anno e lhe pasareis sertidão na forma costumada e esta carta mandareis goardar marqua que está deputada para goardar das cartas dos habitos que os mestres governadores da ordẽ mãdão lansar nesse cõuento e esta se cõprira sendo passado pela chancelaria da ordẽ João Carvalho de Sousa a fes em Lixboa aos uinte quatro de junho de seis sentos sincoenta hũ annos. – Francisco Pereira de Castro a fiz escrever. ElRey. (*Chancelaria da Ordem de Cristo*, liv. 31.º, fl.213)³¹⁴

É um dado incontornável que o autor não terá cumprido no Alentejo os seis anos de *degrede voluntário* exigidos pelo rei. As «grandes esperanças na nomeação de Sucarello»³¹⁵ resultaram num logro, uma vez que ele

Fôsse por doença como alegou, ou por desinteresse, [...] não correspondeu à confiança que nêle depositaram.

Em 16 de Dezembro de 1651 escreve-se-lhe dizendo: que, quando se julgava tinha passado a exercer o posto, se averiguou fõra para o Pôrto; Sua Majestade mandava-o sem dilação marchar para Elvas, advertindo-o que estas demoras influiriam na mercê feita.³¹⁶

Acreditamos que o sério aviso terá sido tido em conta por parte do autor. Embora não tenhamos encontrado documentação oficial que o comprovasse, cremos que em 1652 Sucarelo estaria no Alentejo, tendo em conta as informações transmitidas pelo romance “Juiz que na sala livre”, que não dão lugar a grandes dúvidas. Atente-se nas referências espaciais quer da legenda («A Duarte Ribeiro de Macedo, sendo Juiz-de-fora de Elvas, que morava sobre a cadeia da cidade») quer do texto (a Rua do Escorregadio, que o copista faz questão de esclarecer em nota «É uma rua de Elvas», faz parte do percurso do poeta quando se dirige ao seu «ditoso alvergue»). Atente-se também nas indicações temporais inequívocas quer na alusão ao facto de o magistrado se encontrar em serviço em Elvas há dois anos, constituindo um facto incontornável que Ribeiro de Macedo passou a ocupar o cargo de juiz-de-fora de Elvas em 1650, quer no descrever do quotidiano de um dia de verão. Atente-se, por ultimo, na precisão do deítico pessoal «nós»: o pronome coloca o magistrado e o poeta na mesma cidade e ao mesmo tempo.

Em 1653 era também muito possível que Sucarelo estivesse no Alentejo, se aceitarmos como fidedigmas as informações que nos são transmitidas, embora de forma indireta, pelos poemas “Meu Gregório Martins, Deão do Porto” e “Olá, Senhora Musa!”, réplica do anterior. De acordo com a legenda, Sucarelo encontra-se em Elvas. Na carta (onde deixa transparecer muita amargura, desespero, até) alude ao “desterro” em que se encontra, menciona as saudades que sente da sua freira de Monchique – a Caterina – e dos momentos de convívio com o

³¹⁴ Viterbo (1950: pp.14-15). Cf. Figs. 79 e 80.

³¹⁵ Gião (1942: p. 10).

³¹⁶ Idem, *ibidem*.

amigo. Mas, sobretudo, queixa-se do calor extremo, da guerra, da ausência de vida espiritual e da alimentação (da má qualidade do peixe e do vinho adulterado). Em resposta, Gregório Martins Ferreira, apresentando também um rol de queixas, alude ao luto e às lágrimas pela “morte / do Príncipe”, que, com grande certeza, podemos afirmar ser D. Teodósio, falecido a 13 de maio de 1653, o que nos permite afirmar que os poemas terão sido escritos na primavera deste ano.

Estamos convictos de que, por razões que desconhecemos, em novembro de 1654, o poeta não se encontraria a cumprir o serviço a que era obrigado, tendo em conta o soneto “Cheguei aqui às três da quarta-feira”, que já foi alvo de aturada reflexão. Contudo, cerca de um mês depois, Gião (1942: p. 10) localiza o poeta no Alentejo, uma vez que, segundo o autor, a 10 de dezembro, Sucarelo assina um documento dando o aval «à competência de um cirurgião nomeado para um terço», tendo em conta a «faculdade de poder testar» que tinha exigido na sua missiva ao Rei³¹⁷. Apesar das tentativas que fizemos, não lográmos encontrar o referido documento, lamentando o facto de as indicações bibliográficas de Gião não o contemplarem.

Contudo, as ausências sistemáticas de Sucarelo, mesmo que justificadas por se encontrar na corte em «Requerimentos», e o incumprimento das suas obrigações faziam-se notar, como dá conta Francisco de Melo, General da Cavalaria³¹⁸, na carta que transcrevemos a seguir, datada de 29 de setembro de 1655, enviada de Elvas ao Rei, na qual, embora se queixe, não deixa de tecer rasgados elogios ao cirurgião, baseados no seu empenho, na forma cuidadosa como trata os feridos e nos ensinamentos que transmite, à sua própria custa.

sobre o Doutor João Sucarello

Snõr

O Surgião mor deste ex.^{to} João de sucarello serue nelle com tanta utilidade ao seruiço de Vmg.^{de} que a sua auzença lhe he muito danoza pella falta que faz nos Hospitais. Achasse nessa Corte em Requerimentos, seus mereçim^{tos}, e empenhos mereçem que a grandeza de Vmg.^{de} lhe mande deferir em forma que uenha acrescentado continuar sua obrigação de que summam.^{te} se neçesita, o que me pareço preçizo fazer prezente a Vmg.^{de} pois a falta que aqui há de surgioës suffiçientes, he muito notoria a conseruação do ex.^{to} o que tudo se suprira com a prezença do sorgião mor que acode aos feridos com cuidado, e despendio da sua fazenda ensinando aos demais con continuas experiências,

³¹⁷ Reis (2006: p. 5) dilucida: «Parecia que a nomeação dos cirurgiões-mores ficava inteiramente ao arbítrio dos Mestres de Campo, mas o facto é que durante a Guerra da Restauração muitas nomeações são feitas depois da pretensão ter informação favorável do cirurgião-mor do Exército ou do Físico-Mor, quando aquele não estava presente.».

³¹⁸ Talvez um dos conjurados na aclamação de D. João IV, posteriormente monteiro-mor do reino. *Vd.* Costa e Cunha (2010: pp. 25, 28, 284).

Vmg.^{de} ordenara o que for seruido. Deõs guarde a muito Alta e poderosa pessoa de Vmg.^{de} como seus Vassallos hauemos mister. Eluas 29 de 7^{bro} de 1655. fran^{co} de mello.³¹⁹

Novamente, a 31 de maio de 1656, Francisco de Melo reitera as queixas anteriores, pedindo ao monarca que ordenasse o regresso do cirurgiãõ:

sobre a falta que o D^{or} joaõ sucarelo faz aos soldados deste ex.^{to}

Snõr

A mayor parte dos soldados feridos deste ex.^{to} perecem, e morrem a falta de surgiaõ, e mouido de tamanho dezemparo, e perda reprezentey a Vmg.^{de} por carta de 29 de setembro do ano pasado a grande falta que fazia neste ex.^{to} o sugiaõ mor delle, assy para acudir ao Hospital como aos mais soldados emfermos, Vmg.^{de} deue ser seruido hauendo Respeito a esta taõ e urgente (*sic*) neçessidade mandarlhe ordenar se Recolha a esta praça com summa breuidade Deos guarde a m^{to} Alta e poderosa pessoa de Vmg.^{de} como seus Vassallos hauemos mister Eluas 31 de mayo de 1656 fran^{co} de mello.³²⁰

Em 7 de junho de 1656, uma outra carta com o mesmo remetente, o mesmo destinatário e sobre o mesmo assunto segue de Elvas para Lisboa. Passamos a transcrevê-la:

sobre o D^{or} joão sucarello

Snõr

Por carta de 29 de setembro do anno passado Reprẽzentey a Vmg.^{de} como o surgiaõ mor deste ex.^{to} joaõ de sucarello, Seruia nelle com tanta utilidade ao seruiço de Vmg.^{de}, que sua auzença lhe hera muito danoza, pella falta que fazia nos Hospitais. Achasse nessa Corte em Requerime.^{tos}, seus mereçim.^{tos} e empenhos meresem que a grandeza de Vmg.^{de} lhe mande deferir em forma, que uenha acrescentado, continuar sua obrigação, de que summamente neçessitaõ a mayor parte dos soldados feridos deste ex.^{to} e emfermos dos Hospitais que perecem, e morrem ha falta de surgiaõ, e mouido de tamanho dezemparo, e perda me pareceo tornar a fazer Esta lenbrança a Vmg.^{de} para que Vmg.^{de} se sirua de a mandar Remedear como for seruido. Deõs guarde a m^{to} Alta, e poderosa pessoa de Vmg.^{de} como seus Vasallos hauemos mister Eluas a 7 de junho de 1656 fran^{co} de mello.³²¹

Gião (1942: p. 11) informa que «O poder central não descurava o assunto.», dando conta de correspondência trocada entre a Regente D. Luísa de Gusmão, o Conde de Miranda, Governador da Relação do Porto,³²² e o secretário do Conselho de Guerra, no sentido de se apurar a veracidade da causa que Sucarelo imputava para as suas ausências: os «achques» que o consumiam,³²³ «não se sentindo merecedor de mercê alguma», como transcreve o investigador. Não tivemos sucesso nas pesquisas que desenvolvemos, com o objetivo de encontrar o documento de onde foram retiradas tais afirmações, lamentando, mais uma vez, que o autor

³¹⁹ *Apud* Almeida e Pegado (1940: p. 127). Cf. Fig. 81.

³²⁰ *Idem, ibidem*, p. 151. Cf. Fig. 82.

³²¹ *Idem, ibidem*, pp. 153-154. Cf. Figs. 83 e 84.

³²² As cartas datam de 10 de setembro de 1657 (cf. Fig. 85); 14 de janeiro de 1658 e 16 de fevereiro de 1658 (cf. Fig. 86).

³²³ Desconhecemos de que doença sofria Sucarelo; Bluteau define «achque» como «Mal, que sobrevem depois de huma doença grave».

que as deu a conhecer não tivesse facultado a fonte a que recorreu. A Regente, exige, inclusive, que ele faça prova no exército dos problemas de saúde incapacitantes que tem, apesar de, em sua substituição, haver sido já nomeado Pedro Alves de Moraes como Cirurgião-mor, em 21 de outubro de 1657³²⁴.

Tudo leva a crer que as ordens de D. Luísa de Gusmão foram cumpridas, pois, se não nos foi possível datar com precisão alguns poemas de Sucarelo que aludem à sua passagem pelo Alentejo, outros há cujas legendas inequívocas do seu copista nos convencem que efetivamente isso aconteceu, como veremos mais adiante.

Se já tivemos oportunidade de nos debruçarmos sobre as mais diversas vivências do autor vertidas na sua poesia, afigurou-se-nos por demais importante aludirmos pormenorizadamente, neste ponto do nosso trabalho, às referências atinentes à passagem de Sucarelo pelo palco de guerra, no Alentejo, consideráveis em número e pormenor, a que já formos aludindo.

Na quadra “Mande-me Vo’ Senhoria” revela ter como companheiro de refeição o «Conde Dom João» (muito possivelmente uma das três personalidades cujo nome adiantámos quando transcrevemos a redondilha na qual ele é mencionado³²⁵), a quem manda pedir um pão, o que lhe valeu a réplica “Antes que pão, muito açoute”, em que o conde se queixa das ausências do amigo ao serão. O tom prazenteio do romance “Juiz que na sala livre”, escrito ao que parece em Elvas (possivelmente em 1652), contrasta com o queixume amargo na silva “Meu Gregório Martins, Deão do Porto”. No primeiro poema, embora incomodado pela canícula, dá conta do fluir agradável do quotidiano: no sótão do seu «alvergue», vestido com roupa fresca e confortável, depois da refeição do «jantar», dorme uma sesta breve, seguida de um pouco de estudo. Assim se mantém durante a tarde, fugindo ao calor tórrido, não descuidando cerca de duas horas de «fornicação mental» diária, pois, lamenta-se, «Não sei que coisa é mulher». No segundo poema, o tom é bem diferente: encontra-se em «desterro», «feito Abegão nos campos do Alentejo»; quer saber novidades até de indivíduos que detesta («o Vigairo-Geral e o Tesoureiro»); sente saudades da vida divertida e agitada do Porto e em particular da «Caterina» (freira em Monchique, possivelmente a «presumida Caterina dos sarafins» do soneto “Rubi, concha de perlas peregrina”); compara o clima fresco do Norte com a «zona tórrida» em que se encontra e que lhe «derrete» o «toucinho» (será uma sua

³²⁴ Gião (1942: p. 12).

³²⁵ Cf. p. 142.

característica física? já antes aludira às «bochechas» e «roscas de manteiga»); queixa-se da alimentação e do vinho adulterado.

Este poema vale-lhe uma réplica³²⁶ do Deão do Porto, que «refresque ao Doutor João Sucarelo,», confirmando a presença deste em Elvas, no meio de «heroicos portugueses», «nos campos do Alentejo». Tal como lhe pediu Sucarelo, Gregório Martins desabafa e dá-lhe notícias, dizendo-lhe que não se tem divertido, que vê o rio apenas «das janelas do Paço» e que o poeta nada perde por não estar no Porto, «que sempre foi desterro em paz e em guerra».

Os dois poemas que mencionaremos de seguida constam do Manuscrito 755 da BPMP, o principal documento que reúne grande parte da poética de Sucarelo e atestam a presença do autor no Alentejo em 1658. O seu calígrafo foi o genealogista Cristóvão Alão de Moraes, como já demonstrámos, seu grande amigo também, que acreditamos ter sido conhecedor da vida do poeta e que nos merece toda a confiança, pelo que nos valem das informações das legendas que adicionou aos poemas. Acrescentou que a décima de *incipit* “Tremendo esteve de nós” foi feita «Ao malogrado sítio de Badajoz». O poema, redigido na primeira pessoa do plural, alude a um importante episódio da Guerra da Aclamação: o cerco de Badajoz por parte dos portugueses, que durou cerca de quatro meses (de junho a outubro de 1658), conduzido por Joanes Mendes de Vasconcelos³²⁷, o mesmo que fazia parte do Conselho de Guerra que a 2 de novembro de 1650 votou a ida de Sucarelo para o exército do Alentejo. Esta investida, que se seguiu a duas tentativas frustradas conduzidas no ano anterior pelo Conde de S. Lourenço, seria mal sucedida (não propriamente pelos motivos apontados no texto de Sucarelo, mas devido a uma epidemia³²⁸). As contendas com Espanha estariam, então, muito longe de se resolver e Badajoz parecia uma causa perdida:

Ao malogrado sítio de Badajoz

Tremendo esteve de nós
quando nos viu na campanha
atemorizada Espanha
sem prevenção Badajoz;
bastavam dous meses sós
para a sua perdição
e perdeu-se esta fação,
porque achando-o neste estado
o quisemos atacado
e não com as calças na mão.

³²⁶ *Vd.* a réplica “Olá, Senhora Musa!”.

³²⁷ *Vd.* Ribeiro, 2004: V, pp. 83-84.

³²⁸ Macedo (1767: I, p. 3) confirma: «Seguiu-se no ano de 1658, em que o exercito Portuguez se poz sobre Badajoz em Junho, e porfiou nos combates daquella praça nos mezes de Julho, Agosto, e Setembro, contra a vigorosa força do Estio, que padecendo hum contagio mortal, que custou a perda inestimável de mais de dez mil soldados.».

O romance “D. Brázia dos meus olhos” remete também para o tempo histórico da guerra da Restauração, igualmente por altura do cerco de Badajoz e posterior retirada do exército português para Elvas. Encontramos informações muito precisas nas legendas apostas nos três manuscritos principais da obra de Sucarelo (para além do já mencionado Ms. 755, no Ms. 30767 da coleção *Additional* da BL e no Ms. 544 da BGUC), que dão o autor em pleno cerco, no momento de elaboração do poema. A título de exemplo transcrevemos a legenda do Ms. 755 da BPMP: «Feito na ocasião em que o nosso Exército sitiou a Badajoz no ano de 1658.».

Possivelmente, a fonte de que os calígrafos dispuseram terá sido a mesma, uma vez que parece ter havido a reiteração de informação, quanto a nós, errónea. Somos da opinião de que o poema, em relação ao espaço de tempo que durou o cerco, terá sido escrito *a posteriori*, tendo em conta factos facilmente documentáveis que nele são referidos. Senão vejamos: o poeta fala de Badajoz utilizando formas verbais no pretérito perfeito, que sugerem factos completamente epilogados; o cerco de Badajoz iniciou-se em junho de 1658 e prolongou-se por quatro meses, em pleno verão. Quanto a este aspeto, o poeta é esclarecedor: «Calor para pelejar / não faltou todo este tempo, que o sol teve esse cuidado / em julho, agosto e setembro.» Depreendemos, portanto, que o romance terá sido escrito no outono ou inverno desse ano, uma vez que tomamos como referência o «agora» da enunciação, pois faz um relato das condições deploráveis em que se encontravam os «pobretes dos soldados» portugueses, que depois de suportarem o calor tórrido do verão, «Agora de febre e frio / estão chorando e tremendo», doentes, estão, «uns de sangue, outros de medo», numa alusão muito precisa à epidemia que grassou em Elvas³²⁹, estando desta feita os portugueses cercados pelos castelhanos (que lá chegaram a 22 de outubro) e a aguardarem por socorro, tal com diz Sucarelo: «Se o socorro chegar, / que se espera por momentos, / ou nós voltaremos todos / ou todos nos perderemos.». O exército de socorro, comandado pelo III Conde de Cantanhede³³⁰ (com 8000

³²⁹ «A 22 de Outubro, os espanhóis estavam em frente a Elvas. Comandava a praça Sancho Manuel. Na cidade declarara-se uma epidemia. Dos 11 000 homens da guarnição apenas um escasso milhar poderia pegar em armas.» (Ribeiro, 2004: V, p. 84). Veríssimo Serrão (1980: V, p. 44) refere:

A guerra voltou a atear-se nos meados de 1658. A coroa fez um grande esforço financeiro para reparar as fortalezas e os castelos da raia que se tinham desmantelado. Por meio de agentes, os castelhanos pretenderam ocupar Vila Viçosa, o que levou a rainha a pôr de sobreaviso D. Sancho Manuel, governador da praça de Elvas e um dos grandes generais da Restauração. Foi sobre esta praça que veio a concentrar-se a ofensiva de D. Luís de Haro, que dispunha de 20 000 homens e muita artilharia, enquanto a guarnição contava metade dos efectivos. As colinas de S. Francisco e da Graça caíram em poder do inimigo, fazendo perigar a sorte de Elvas. Nos três meses que durou o cerco, precisamente de Outubro a Dezembro, aquele pôde ir refrescando as suas tropas, ao passo que os defensores tinham de sofrer um fogo de artilharia que os obrigava a uma vigilância heroica. A peste veio agravar mais a situação, chegando a fazer 300 mortos por dia. Por meio de surtidas a cavalo, procurou-se entreter o inimigo, enquanto não chegavam reforços do conde de Cantanhede.

³³⁰ D. António Luís de Meneses, irmão de D. Rodrigo de Meneses, «(que após a vitória das Linhas de Elvas recebeu o título de 1.º Marquês de Marialva)». (Ribeiro, 2004: V, p. 90).

infantes e 3000 cavaleiros³³¹), chegou às linhas de Elvas a 13 de Janeiro (1659), libertando os portugueses do jugo castelhano, como dilucida Veríssimo Serrão (1980: V, pp. 44-45)³³²:

O exército de socorro reuniu-se em Estremoz, sob o comando de D. António Luís de Meneses, conde Cantanhede, que também se cobriu de prestígio nas campanhas da Restauração [...].

A batalha deu-se nos campos de Elvas em 14 de Janeiro de 1659 e ficou a constituir a primeira grande vitória da Restauração. A palavra do conde de Cantanhede empolgou os militares, não podendo o exército de D. Luís de Haro opor-se à fúria dos soldados portugueses, tanto em pleno campo como na defesa dos baluartes que guarneciam a cidade.

8. Auto e heterocaracterizações

Ser-nos-á possível, nesta fase do nosso trabalho, fazermos uma resenha das características físicas e psicológicas que conjecturamos de João Sucarelo Claramonte, quer veiculadas pelo próprio quer pelas palavras de outrém.

Os olhos pequenos e vivos, o sinal sobre a sobrancelha direita, o nariz proeminente, a cara morena, longa e pouco barbada, as unhas roídas de moço fresco, baixo e roliço aliam-se a um génio mordaz, satírico e maldizente, apreciador da vida e do vinho, fogoso e irascível, a tender para o violento, com ascendência italiana e origem modesta, mas com pretensões de promoção social, tendo conseguido atingir a fama de médico conceituado, obter o cargo de cirurgião-mor do exército do Alentejo e os títulos de médico do Rei e de Cavaleiro da Ordem de Cristo.

O autorretrato de um conquistador, o perfil de galanteador que presumimos relativamente a Sucarelo encontra-se abundantemente fundamentado.

A poesia de Sucarelo, se a aceitarmos como potencialmente autobiográfica, aponta para as suas acentuadas qualidades de *bon vivant*, de indivíduo de natureza inconstante, como parece reconhecer no romance “Sabereis, mana Maria”: «que eu protesto hoje uma cousa / e faço outra amanhã».

De autoanálise e de cariz mais sério, quase em tom de despedida, é o soneto “Sou vivo sepulcro de esperanças”, no qual se percebe a desilusão e o abatimento provocados pela frustração amorosa, bem como o desalento de se saber estimado apenas pelo facto de ser considerado «fábula do mundo e passatempo».

³³¹ Duarte (2006: s.p.).

³³² *Vd. também* Ribeiro, 2004: V, p. 84.

O gosto de Sucarelo pelo *belo sexo* seria bastante abrangente, não se ficando apenas pelas inflamadas religiosas. Embora em menor número, também detetámos na poética de Sucarelo um grande apreço pelas mulheres do povo, «pela gentileza e terno de seu trato», por «ser sempre barato» e lhe permitir andar «quieto, farto, limpo, repousado»³³³, entre outras razões, todas elas de carácter muito prático.

No romance “Saloia dos olhos verdes”, admite que sofre dos males de amor, na medida em que a dita deixa a cidade, «indo-se para a quinta», como adianta o compilador e para o «Termo» (com o sentido de «arrabaldes»), nas palavras do poeta, sem que ele a tenha conseguido seduzir. O termo «Saloia», designando uma aldeã das imediações, do «Termo» de Lisboa, é um elemento de referência importante, uma vez que nos remete para o eventual espaço da enunciação e para a proveniência social da sua interlocutora, que se dedica aos afazeres do campo. A ela, tanto se revela elevada e platonicamente «rendido e morto» de «Amor», como, descendo às necessidades imediatas do corpo, lhe oferece a sua «pá do forno».

Num encontro na Fonte das Virtudes³³⁴, «a velhaca da Corcôs», adivinhando-lhe a pobreza, não cedeu aos seus avanços «porque a Puta era cadima / nas mecânicas de amor.» De nada lhe valeram as promessas de «uma peça de valor»; o muito que conseguiu foi atrevidamente descoser-lhe «três passamanes do cós», depois de lhe tentar «dar um beliscão», afirmando que vai morrendo de amor. No romance “Atrevido pensamento”, o nosso desafortado autor assumiu-se muito pedagogicamente um defensor da ousadia:

[...]
Quem não despreza os temores,
atropelando os perigos,
não merece as esperanças
nem os maiores alvíos.

O poeta, que não demonstrou qualquer pudor em revelar as suas conquistas³³⁵, revelou também gostos exóticos³³⁶, preferindo uns olhos pretos, pelos quais a sua «alma anda perdida» e que por serem «matadores» ultrapassam «os azuis e mais os verdes»³³⁷.

As pretensas desventuras amorosas são assinaladas com bastante expressão num romance³³⁸ que fez a um amigo ausente e que o aprecia pelos seus «disbarates»³³⁹, que ele assume.

³³³ A este respeito *vd.* o soneto “Não há amor igual ao da fragona”. A autoria deste poema é disputada com D. Tomás de Noronha.

³³⁴ *Vd.* o romance “Fui amar por meus pecados”.

³³⁵ *Vd.* a décima “Cuidará Você, Senhor”.

³³⁶ *Vd.* o soneto “Amor me tem por vós negro ferrado”.

³³⁷ *Vd.* o romance “Olhos pretos matadores”.

³³⁸ *Vd.* o romance “Pois que dos meus disbarates”.

³³⁹ O mesmo que *disparates*.

Confessa-se preterido por um alfaiate da Reboleira, a acreditar na legenda do copista do manuscrito da biblioteca de Londres.

Apaixonado por «Zabelinha», a partir do momento em que a viu «na fonte», conseguiu dela um «par de favores», mas ela logo o trocou por um «Moço» «magano e feio» e «fraca rês». Encolerizado, o poeta *foi-se a ele*, mas explica «susti-me outra vez». Pediu satisfações a «Zabelinha», uns «quatro mil porquês», tendo ficado «desavindos» e o poeta cheio de «mata-duras» «dentro d'alma».

No meio de tantos supostos arrufos³⁴⁰, sofrimento e traições, no soneto “Quando a fermosa mão Fílis movia”, Sucarelo remata a sua visão desalentada do amor: «achar junto à beleza a falsidade».

Nunca deixando de ter em mente o caráter fictivo dos textos, atentemos na definição do «amor, pelo Sucarelo, famoso poeta», bem ao estilo grotesco do barroco, no soneto “Que fio de ouro ou cabelo ondado”, que transcrevemos:

Soneto ao amor

Que fio de ouro, que cabelo ondado
piolhos não criou, lêmeas não teve[?]
Que raio de olhos blasonar se atreve
que não foi de romelas maltratado[?]

Que boca se acha ou que nariz prezado
aonde monco ou escarro nunca esteve[?]
De que mão de cristal ou branca neve
não se viu seu besbelho visitado[?]

Que papo de mais bela galhardia,
que um dedo está do cu só devidido,
não mija e regra tem todos os meses[?]

Pois se amor tudo é merda e porcaria
e por este monturo andais perdido,
cago no amor e em vós trezentas vezes.

9. Epílogo

Relativamente a dados biográficos de João Sucarelo Claramonte, depois do período da sua presença no Alentejo, apenas conseguimos apurar os registos de prestação de serviços médicos na SCMP, de janeiro de 1664 a dezembro de 1666 (*vd.* Figs. 97 a 105), a que já nos

³⁴⁰ A este propósito *vd.* o romance “Não gosto, não, vida minha”, que disputa a autoria com António da Fonseca Soares.

referimos detalhadamente. Data também de 1664 – de 28 de julho, mais propriamente – uma quadra que o poeta faz à morte de D. Manuel de Sousa Seabra, Arcediago da Régua e Provisor do Porto.

O autor morreu no dia 3 de setembro de 1668. Foi sepultado na paróquia da Vitória, como atesta o seu registo de óbito que apresentamos de seguida, e no qual se pode ler: «O D^{or} João de Sucarello faleceu aos três dias do mês de 7^{bro} do anno de 668 fez testam^{to} sua m^{er} sua herdr^a foi sepultado na Vitoria»³⁴¹.

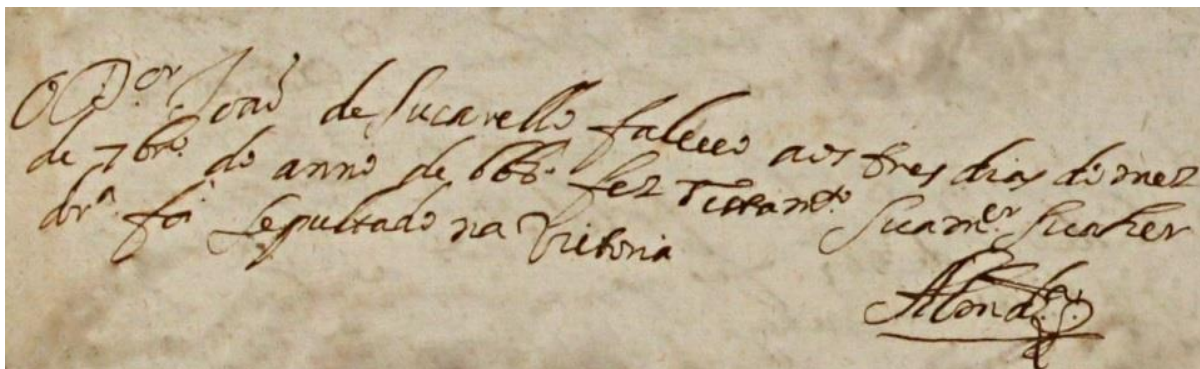


Fig. 42 – Arquivo Distrital do Porto: PRQ/PPRT15 Paróquia de Vitória 1583-11-23/1911-03-31. 003 Registos de óbitos 1583-11-23/1911-03-30. In 0003 Registos de óbitos 1646-01-08/1706-06-05. F. 405v.

A antologia de Alão de Moraes, de 1667, constituirá, em nossa opinião, como que uma homenagem numa fase derradeira da vida do autor, pela referência que o antologador faz na folha de rosto ao esforço que desenvolveu para conseguir os poemas do amigo, o que viabilizou, desta forma, a sua compilação para a posteridade. Curiosamente, a este respeito, Viterbo (1959: p. 19), após tecer considerações menos abonatórias sobre as «poesias» de Sucarello, afirma: «Cristóvão Alão de Moraes não merece de certo o aplauso da posteridade pelo trabalho que se deu, coligindo-as.». Pontes (1953: p. 147), seis anos antes, defendia também: «É, no entanto, um poeta quase inédito e nada ganharia a Poesia com a impressão dos seus versos.». Discordamos de ambos, como fomos dizendo atrás.

³⁴¹ Na *Pedatura Lusitana* (1945: III, II, p. 330), Alão de Moraes informa que a viúva de Sucarello casou com António Ribeiro dos Santos, um advogado do Porto, de quem teve uma filha, Francisca Teresa da Silva. Esta informação foi-nos gentilmente facultada pelo Engenheiro Carlos da Fonte.

CONCLUSÃO

Creemos que lográmos comprovar a nossa ideia inicial, que apontava para a possibilidade e para o interesse de uma leitura historicó-biográfica da obra de João Sucarelo. De facto, percorrendo os seus poemas, seria impossível não valorizar a profusão de patronímicos, topónimos e outras referências suscetíveis de comprovação documental. Com um trabalho intenso, foi-nos possível identificar de modo preciso muitas das pessoas por detrás dos nomes, assim como lugares e ruas, circunstâncias e acontecimentos históricos. Tentámos, sempre que possível, seguir as muitas pistas que, direta ou indiretamente, os poemas nos facultaram, com o objetivo de situarmos cabalmente o poeta e o homem no seu tempo. Tivemos o cuidado de, recorrendo às fontes mais diversas e apresentando um total de cento e seis imagens, contextualizarmos e confirmarmos o mais e melhor que nos foi possível as conclusões a que chegámos, as afirmações que fizemos e as hipóteses que levantámos, conscientes que estávamos de termos optado por uma abordagem, por norma, pouco apreciada.

Almejamos, através do nosso trabalho, que João Sucarelo Claramonte passe a ser devidamente apreciado e que lhe seja reconhecido um merecido destaque no panorama literário barroco português. Apesar de as grandes antologias do século XVIII não o terem valorizado o suficiente para legarem os seus poemas à posteridade com versões impressas³⁴² e de terem sido publicados em vida apenas dois dos seus noventa e sete poemas (disputa mais oito poemas com outros autores), são razões de peso que nos levam a afirmar que Sucarelo é um poeta a ter em conta.

Em primeiro lugar, esclareça-se que o seu valor foi reconhecido por alguns dos seus contemporâneos. Os dois poemas a que nos referimos anteriormente, a saber a décima “Esta

³⁴² Nos vários tomos de *A Fenix renascida*, apenas surge um poema do cânone de Sucarelo – a décima “Aqui neste posto escuro” –, que é apresentada como sendo anónima, e o romance “Por entre um bosque de Ninfas”, com autoria atribuída a Duarte Ribeiro de Macedo, mas do qual arrolámos mais três versões, duas das quais o dão como sendo de Sucarelo. É também do autor que nos ocupa a décima “Aqui, Senhor Regedor”, publicada nas *Obras do Doutor Duarte Ribeiro de Macedo*. Nos dois tomos de *Postilhão de Apolo...* (1761 e 1762, respetivamente) editado por Joseph Maregelo de Osan, um anagrama José Ângelo de Morais, não consta qualquer poema de Sucarelo.

avaramente dura” e o soneto “Lágrimas brandamente derramadas”, foram publicados nas *Memorias funebres*, uma antologia de 1650, em homenagem a D. Maria de Ataíde, por altura da sua morte³⁴³. A obra, para além de incluir uma oração fúnebre do Padre António Vieira, conta com numerosas composições poéticas de personalidades de destaque na época, como o Conde de Castelo Melhor e o Conde da Ericeira e de poetas que dispensam apresentação como Soror Violante do Céu, António Barbosa Bacelar, D. Francisco Manuel de Melo e Duarte Ribeiro de Macedo. João Sucarelo foi colocado entre pares, em nada diminuído relativamente aos anteriores. Terá até granjeado alguma fama (como vimos, pelos melhores e piores motivos) tendo em conta as afirmações daquele, numa silva que dedicou ao nosso autor (e que já transcrevemos integralmente), na qual se pode ler: «A Vós, senhor João de Sucarelo, / Que deste ao mais remoto paralelo / Sabeis chegar co’a fama». Também «famoso poeta» foi o epíteto que lhe atribuiu o copista, cujo nome desconhecemos, do Ms. 1203 da BPMP, na legenda ao poema “Que fio de ouro, que cabelo ondado”. Relembramos que na parte do nosso trabalho que intitulámos “O Vate assumido”, tecemos já considerações sobre as qualidades poéticas de Sucarelo, insistindo, mais uma vez, no facto de ele se ter assumido muito conscienciosamente como um paladino de uma certa contracorrente, que rejeitou a poesia barroca que se afirmava pela exuberância vocabular, pela ostentação estilística e pelo rebuscado dos conceitos³⁴⁴, parodiando de forma feroz mas engenhosa os excessos poéticos dos seus contemporâneos³⁴⁵ e revelando-se um representante da sua faceta mais vulgar e obscena, repelta de humor e sarcasmo, mais popular, mais real, enfim... mais humana.

A importância de Sucarelo como poeta é também revelada, quanto menos seja, pelos dados irrefutáveis da variedade e grande número de fontes testemunhais que conseguimos reconstituir, onde constam, entre outros poemas anónimos ou dos mais diversos autores, textos do cânone de Sucarelo ou, com maior ou menor certeza, a ele imputados. Inventariámos, então, cento e sessenta e dois manuscritos secundários, pertencentes a quinze Bibliotecas, cinco das quais estrangeiras, e arrolámos também um total de vinte e dois testemunhos impressos (entre antigos e modernos).

³⁴³ Sampaio Bruno (1907: p. 263) afirma sobre a participação de Sucarelo nas *Memorias funebres*: «Ninguém diria que verzejador tam desabrido se apurasse na compostura que exige a situação deplorativa perante o feretro de D. Maria de Athayde; alli não quedara elle, se permanecendo “medico famoso”, o “maior poeta comico do seu tempo”...»

³⁴⁴ Ares Montes (1956: p. 44) adianta uma explicação: «hay en Portugal una prevención extraña para toda la producción seiscentista que trascienda a Góngora, explicable, en gran parte, por el estigma de haberse producido bajo los Felipes y por influjo de un poeta español». O autor, nas páginas seguintes, alude de forma muito resumida às manifestações anti-gongóricas portuguesas ao longo dos tempos.

³⁴⁵ Sobre este assunto, leia-se Aguiar e Silva (1971: pp. 135-136) na abordagem que faz a dois poemas de Sucarelo, a saber “Esta vil poluição do entendimento” e “Ó tu, que sibilante bamboleias”.

Cientes certamente da importância do nosso autor, estavam os calígrafos que lhe dedicaram antologias manuscritas exclusivas: o seu coevo Alão de Morais, em 1667 (o Ms. 755 da BPMP, com setenta e dois poemas) e António Correia Viana, em 1782 (o Ms. 30767 da coleção Additional da British Library, com sessenta poemas). Embora sem a exclusividade dos anteriores, um autor anónimo de uma miscelânea manuscrita de data que se desconhece (o Ms. 544 da BGUC) dedicou a Sucarelo uma secção autónoma com dezassete poemas. Os manuscritos anteriores são, pela sua importância, designados por nós como principais³⁴⁶.

Os textos do poeta perpetuados pelos numerosos copistas que deles se ocuparam – esclareça-se que analisámos quinhentas e vinte e três versões – constituem testemunhos valiosos dos seus relacionamentos com pessoas dos vários quadrantes sociais, provas do seu percurso de vida, da sua realidade e do facto de ter sido personagem de algum relevo num momento histórico nacional determinante – a Guerra da Restauração – embora em circunstâncias um pouco picarescas, como outras na sua vida. Globalmente, através da sua poesia, o autor retrata o século XVII do ponto de vista da crónica de costumes (tantas vezes acutilante e burlesca) e dos seus fenómenos sociais e históricos.

De entre a grande diversidade de temáticas que detetámos na poesia de Sucarelo, várias são transversais à poética barroca mais popular, em cuja linha se insere. Já nos fomos debruçando sobre algumas, nomeadamente no que respeita ao fenómeno do freiratismo, amplamente retratado por Sucarelo tantas vezes com pormenores impudentes, relativamente ao qual demos particular atenção. Do sofrimento de amor provocado pela freira pouco atenciosa, amiga de dinheiro e traidora, com dois e três amantes, frades ou judeus, estes dos tipos sociais mais verberados pelo poeta, até à descrição despudorada dos jogos sexuais praticados na grade dos conventos, os testemunhos refletem um *modus vivendi* perfeitamente instituído na sociedade seiscentista.

Fomos fazendo menção também à temática do quotidiano e às situações banais e até caricatas refletidas na sua poesia: o amigo que não logrou encontrar; o homem que sendo espancado, não se emendou; o desmaio de uma dama; o desmancho de um braço de uma freira; uma sangria a uma dama; a descrição da rotina diária ou de uma viagem; a circunstância em que um rato subiu pelas pernas de uma dama; as cenas de pancadaria motivadas pelo excesso de vinho ou o preço excessivo do arrátel do carneiro. A descrição satírica do defeito físico, a autocaracterização caricatural da obesidade, o queixume pela vida de penúria e pelas dívidas

³⁴⁶ A distinção entre manuscritos principais e manuscritos secundários e entre impressos antigos e impressos modernos é devidamente esclarecida na Parte II.

que o levaram à cadeia e o vocabulário escatológico relacionado com as circunstâncias em que defeca na companhia de um amigo, enquadram-se perfeitamente na corrente barroca em que o poeta se inclui.

Numa abordagem muito despoetizada do amor, Sucarelo encara a mulher como um ser em nada idealizado e muito afastado dos estereótipos do passado, mesmo no que concerne ao seu aspeto físico: no romance “Olhos pretos matadores” elogia o exotismo de uns olhos pretos, que suplanta até “os azuis e mais os verdes”, até porque se metem «pelas braguilhas». Agora, ao inverso, a mulher é toda ela carnalidade e não raras vezes denuncia a sua ausência de qualidades, a sua tirania, falsidade e infidelidade, a facilidade com que se deita com uns e outros a troco de «ũa moeda de cruzado» e, interesseira, lhe solicita dinheiro e ofertas, sendo ele um poeta pobre, que de imediato a satisfaz, dando «por letra», aquilo que ela pede também «por letra», entenda-se por carta.

Casos há em que o poeta, com o objetivo nítido de rebaixar a mulher à mera condição humana, alia a sua descrição física, apoiada no recurso à metáfora da pedra preciosa, ao facto de ela, como qualquer mortal, estar sujeita às funções biológicas mais básicas³⁴⁷. Estas são descritas com acutilante realismo e pormenor sórdido no soneto “Que fio de ouro, que cabelo ondado”, no qual a mulher perde o estatuto de criatura inatingível de outras correntes literárias e desce à condição real de carne e osso, em que o cabelo comparado a «fio de ouro» já teve «piolhos» e «lêndas» e em que a «mão de cristal ou branca neve» é usada nas funções mais prosaicas. Sucarelo reaparte as suas atenções tanto pela dama com estatuto social de proeminência, como pela mulher do povo, pela «fragona», pela «salóia», pela rapariga que encontra na fonte.

As mulheres que frequentam a Corte não têm um tratamento muito mais favorecido, uma vez que delas o poeta afirma que enganam «maridos tontos», aproveitando para denunciar a «arteficiosa virgindade» e a aparência adulterada pelo excesso de maquilhagem («almagre e gesso»). Ainda na capital, o avultado «preço da carne» humana faz exasperar o poeta.

Tendo como mote a morte desta ou daquela mulher, a temática é aproveitada pedagogicamente, suscitando reflexões em torno das misérias da vida e da efemeridade da existência humana: ora alude a Grácia da Costa, cortesã, que deixou dinheiro para que se lhe rezasse pela alma; ora dá como exemplo a morte de Serafina às «harpías» que, como ela, sugavam o dinheiro dos estudantes, para que se desenganem e corrijam; ora refere a «Senhora Vilanova» que levou uma vida dedicada aos prazeres mundanos e portanto «se meteu farta na cova».

³⁴⁷ Veja-se o soneto “Rubi, concha de perlas peregrina”.

Como se depreende do sentido da décima “Esta avaramente dura”, a morte é responsável pela transfiguração da formosura, embora a inevitabilidade da metamorfose faça parte da condição humana, como dá conta no soneto “Sou vivo sepulcro de esperanças”, carregado de angústia em que reflete sobre a sua vida num tom confessional, quase de despedida. A morte sem pompa do Carola Toureiro, do Bedel da Universidade de Coimbra e de Lourenço Batista, sacristão homossexual, atesta que o homem está condenado ao fim inglório, à vida reduzida ao nada.

Os temas que elencámos anteriormente, perfeitamente enquadrados na «poesia barroca ‘vulgar’» como lhe chamou Aguiar e Silva (1971, p. 498), e outros encontram-se vertidos num total de cento e cinco textos (relembramos que oito apresentam autoria dubitada) e dez réplicas a poemas seus. As formas poemáticas privilegiadas por Sucarelo, também à boa maneira da «poesia barroca ‘vulgar’», são essencialmente de cunho tradicional, contando-se vinte e duas décimas, dez redondilhas, trinta e um romances³⁴⁸ e sete silvas, embora os sonetos sejam também em número significativo (trinta e um). Para além destas formas poemáticas, recenseámos, igualmente, um dístico, dois poemas em quintilhas heptassilábicas e um terceto.

O vocabulário singelo, coloquial e familiar que caracteriza grande parte da poética de João Sucarelo só de forma muito aparente parece transmitir conteúdos de simples entendimento. Encontra-se muitas vezes mesclado com espanholismos, termos de certos jogos de cartas, termos jurídicos, locuções latinas, metáforas, jogos de palavras, vocábulos com duplos sentidos, neologismos e com expressões cujo significado se foi perdendo ao longo dos tempos.

Apesar dos espanholismos referidos anteriormente, recenseámos apenas três poemas redigidos em espanhol (dois dos quais nos suscintaram reservas quanto à sua inclusão no cânone autoral),³⁴⁹ o que se afasta das tendências da época, como explica Ares Montes (1956: pp. 119 e 216):

Desde la segunda mitad del siglo XV, el castellano comenzó a ser cultivado en los medios literarios portugueses, alcanzando en el XVII una intensidad y extensión casi absorbentes. [...]

He aquí una razón poderosísima que llevaba, en parte, a tantos portugueses a preferir el castellano a su lengua nacional: escribir en portugués era echar lo escrito al olvido, escribir en castellano era ser leído en España, en Europa entera, hasta en las lejanas Indias Occidentales. Un doble interés social y económico, aparte del estético, que de ningún modo podemos menospreciar, movía a aquellos hombres a utilizar el castellano en perjuicio del portugués;

³⁴⁸ Ares Montes (1956: p. 187) afirma «En el siglo XVII no hay poeta que no escriba sus romances; se encuentran en todos los autores, con variedad de temas y matices. Traspuesta la mitad del siglo, el tema burlesco predomina sobre el serio».

³⁴⁹ Cf. Parte II, Poemas de autoria duvidosa.

A preferência de Sucarelo pelo português como língua poética da sua obra explica-se facilmente: pela linha mais popular do Barroco em que se insere³⁵⁰; pelo facto de ter circulado maioritariamente manuscrita, o que nos leva a crer que o poeta não procuraria a sua rentabilização e, por outro lado, permitimo-nos especular, porque conotaria o castelhano com a produção poética de influência gongórica, que ele tão prontamente condenou.

As referências nos seus versos às mais diversas áreas do saber sugerem que era um homem de grande cultura, que ao convocar conhecimentos de história, de literatura, de mitologia, de medicina, de astronomia, de música... complexifica extraordinariamente a sua interpretação, um constrangimento que nos propusemos debelar, através da profusa anotação que fizemos na edição crítica dos seus poemas.

Em suma, estamos convictos de termos fornecido elementos que mostram a qualidade e o interesse da obra deste médico poeta, contrariando assim as restrições que ao longo do tempo lhe têm sido feitas por autores tão diversos como Camilo Castelo Branco (1874: II, p. 32), Sampaio Bruno (1907: pp. 263-264)³⁵¹, Hernâni Monteiro (1926: pp. 3-7)³⁵², Sousa Viterbo (1950: pp. 15-19) ou Maria de Lourdes Belchior Pontes (1953: pp. 147, 158, e 404). Esta última inclui o nosso autor no conjunto «dos poetas romancistas de seiscentos que, como praga, invadiram o parnaso do seu tempo», acrescentando:

Mas os seus papéis de versos, em estilo joco-serio, praguentos e desbragados, contam histórias obscenas, casos de pecado nefando, anedotas de freiráticos, riem de uma «dama que se enamorou de um mulato» etc. Nenhuma metáfora, nenhum encarecimento a encobrir o assunto do romance obsceno no tema e nas palavras. O cómico é grosseiro, sem finura nem ironia. Parodia sonetos de Camões como aquele “Alma minha gentil que te partiste”, e não há composição em voga, camoniana ou outra, que a sua musa não parafraseie com galhofas. É difícil citar, na íntegra, qualquer romance de Sucarelo em que o palavrão ou a insinuação grosseira não apareçam.

Mas Sucarelo teve também os seus defensores. Dotado de uma extraordinária visão precursora, Henrique Lopes de Mendonça (1910: II, pp. 15-16), a quem já tivemos oportunidade

³⁵⁰ Ares Montes (1956: p. 132) refere:

en el siglo XVII puede admitirse también sin grandes reparos que cierta poesia castellana de carácter popular no encontraría mala acogida entre el pueblo. Es posible que en su boca sonaram las canciones españolas que soldados y campesinos traían a su tierra, de vuelta de otras regiones de la península; [...]

Pero hay outro argumento que me parece decisivo para demostrar que la españolización, llamémosle así, no se limitaba a la vida cortesana: aludo al teatro, que, como en España, era un espectáculo eminentemente popular.

Adiantamos também que outros autores da mesma linha de Sucarelo apresentam alguma produção poética em castelhano, como é o caso de António Serrão de Castro (Cf. *Academia do Singulares...* Lisboa: Officina Monoel Lopes Ferreyra. Tomo I, 1692: p. 162 e Tomo II, 1698: p. 11 *et passim*) e Gregório de Matos (Cf. Topa, 1999, II, p. 193 *et passim*).

³⁵¹ A contradição do autor é evidente, uma vez que, afirmando que a poesia de Sucarelo não condiz com a sua «moral», não deixa de falar dele no seu trabalho intitulado *Portuenses Ilustres*.

³⁵² No final do seu trabalho, Hernâni Monteiro, em duas linhas singelas, condescende em atribuir a Sucarelo algumas virtudes, afirmando: «Mas o que deixo dito já basta para mostrar que João Sucarelo não foi apenas um poeta obsceno, título por que, em geral, os autores o conhecem.».

de aludir, encontra na poesia de Sucarelo, e de outros autores do seu tempo com características semelhantes, qualidades e mérito suficientes para que as suas obras fossem dadas a conhecer a um público mais abrangente. Diz então:

Trata-se de um dos codices apontados, no qual se incluem, n'uma copia assaz descuidada e grosseira do século XVII, muitas poesias de auctores do tempo. Essas poesias eram todas ellas ineditas, na occasião em que o copista as reuniu, como se deprehe de da nota collocada á margem de uma das paginas onde se acha uma poesia inutilisada com traços : «isto esta emprego por isso riscou.» E creio que a maior parte de taes peças litterarias inedita permaneceu. Algumas apenas me recordeo de ter visto nas recopilaciones feitas posteriormente, como a *Phenix Renascida*, o *Anatomico Jocosos*, e talvez na *Academia dos Singulares*. Entre os auctores apontados figura principalmente D. Thomaz de Noronha, cujo espirito caustico se expande em um sem numero do versos adubados muita vez com a pimentinha pornographica. Esta mesma liberdade de Musa os torna, quanto a mim, devéras preciosos para o estudo dos costumes da epocha, e por esse motivo, quando o seu merito litterario os não recommen-dasse, não se me afiguraria descabida a sua impressão.

Um outro poeta, para mim desconhecido, alimenta profusamente a collecção. É um Sucarelo, cujo nome completo apparece a subscrever uma canção, orthographado por esta forma: João de Çucarelo Claramonte. Não encontro noticia d'este poeta, que aliás parece apreciado pelos seus contemporaneos, no Diccionario de Innocencio. O nome tem um pronunciado perfume italiano ou hespanhol; mas o que é certo é que, embora a collecção contenha muitas poesias castelhanas, de Gongora, de Quevedo e outros, este Sucarelo verseja em portuguez, e não verseja mal.

Eugénio de Andrea da Cunha e Freitas (1952: pp. 3-12) prefere destacar o facto de o poeta ter posto «em verso os vícios e o ridículo de muitos dos seus contemporâneos.» e a sua capacidade de caricaturar pessoas, situações e acontecimentos, atribuindo-lhe um valor incontestável «como excelente poeta e crítico de costumes». Também Aguiar e Silva (1971: p. 1 *et passim*) sublinha a enorme importância de «autores [*como Sucarelo*] e obras soterrados por séculos de incompreensão e desprezo», no sentido de poderem provocar «uma profunda remodelação dos esquemas historiográficos até então aplicados». Um pouco mais recentemente, Luís Fardilha (1982: pp. 7-14), destaca positivamente a veia satírica do poeta de quem nos ocupamos, a sua crítica corrosiva e sagaz a pessoas, grupos sociais e instituições, particularmente religiosas e judiciais, numa poesia que testemunha a vida do Porto seiscentista, em numerosos aspetos. Das obras do poeta dos «disparates do Porto», como apelida Sucarelo, releva o «[*seu*] papel de autênticas crónicas da vida quotidiana.», assinalando-o como um «Actor permanente da cena quotidiana portuense».

As características altamente satíricas e obscenas de grande parte da sua poesia, porque incompreendidas e descontextualizadas, chocaram as consciências atávicas do passado e levaram à desvalorização e ao repúdio do autor e da sua obra. Esperemos que o nosso trabalho, que apresentará seguidamente um inventário testemunhal dos poemas atribuídos ao poeta e a sua edição crítica com uma anotação pormenorizada dos mesmos, represente um primeiro passo na correção definitiva dessa injustiça. O repto que agora lançamos, prende-se com o aprofundamento do conhecimento do autor, desejando que esta primeira parte tenha sido sufi-

Maria do Céu Pereira Duarte

cientemente esclarecedora e motivadora e que tenha despertado curiosidade para as leituras subsequentes.

CRONOLOGIA

1619 – batismo, a 13 de janeiro, na paróquia de São Nicolau, em Mesão Frio (Vila Real).

1620 – nascimento do irmão, Jerónimo, batizado a 20 de janeiro.

1621 – nascimento da irmã, Lourença, batizada a 15 de abril.

1625 – António Sucarelo Claramonte, pai do poeta, é padrinho num batismo realizado na freguesia da Vitória, no Porto. É crível que o filho João, então com 6 anos, e restante família vivessem também no Porto.

1628 – António Sucarelo Claramonte, assume, a 5 de novembro, o cargo de cirurgião no Hospital de D. Lopo, no Porto, ocupando-o até 1647, altura em que vai para Lisboa.

1635 – primeira inscrição de João Sucarelo na Universidade de Salamanca a 21 de setembro. Matrícula no 1.º Ano do Curso de Artes, em 22 de outubro, renovada a 12 de novembro.

1638 – a 17 de junho é examinado em Lisboa pelo Físico e Cirurgião-mor do reino e a 17 de junho, com 19 anos, Sucarelo é nomeado cirurgião por autorização régia.

1639 – início dos estudos em Coimbra com a frequência do Colégio das Artes (Escolas Menores).

1640 – composição de uma décima dirigida a D. Rodrigo de Meneses.

1642 – ausência ao exame de aprovação dos Bacharéis em Artes, em 8 de março. Matrícula a 25 de outubro no 1.º Ano de Medicina.

1643 – obtenção do grau de Bacharel em Artes em 28 de fevereiro.

O nome de Sucarelo consta de uma lista, com data de 10 de março, relativa ao provimento de vinte e duas vagas para a frequência do curso de Medicina. Até fins de maio fez a prova de curso correspondente à primeira matrícula. Matriculou-se a 26 de outubro no 2.º Ano de Medicina. Beneficiou do «partido médico».

1644 – a 31 de março, por autorização do Reitor dada no dia anterior, recebe um adiantamento no pagamento do «partido médico» referente ao primeiro quartel do ano. Até

fins de junho fez prova de curso correspondente ao 2.º Ano. Em 30 de outubro, matricula-se no 3.º Ano de Medicina. No livro de registos de esmolos da Confraria da Nossa da Luz, correspondente ao ano letivo de 1644-45, encontra-se o nome de João Sucarelo, na secção dedicada aos médicos.

1645 – até fins de junho fez prova de curso relativa ao 3.º Ano. Composição do poema “Reverendo Estagirita”. Matrícula no 4.º Ano de Medicina em 19 de outubro.

Sucarelo não terá integrado o batalhão académico que entre 22 e 25 de outubro partiu para o Alentejo para participar na Guerra da Restauração.

1646 – licenciatura em Artes a 4 de maio e obtenção do grau de Mestre no mesmo curso a 13 de maio. Até fins de maio fez prova de curso relativa à frequência do 4.º Ano do curso de Medicina. Matrícula a 20 de novembro no último ano de Medicina.

1647 – Realização da primeira tentativa (prova de aproveitamento) do curso de Medicina a 27 de janeiro. A segunda tentativa ocorre a 8 de junho. Obtenção do grau de Licenciado a 22 de junho. Até fins de junho fez prova de curso relativa à frequência do 5.º Ano do curso de Medicina.

Em 18 de dezembro o Conselho de Guerra manifesta-se a favor da contratação de António Sucarelo para cirurgião-mor do exército.

No romance “Que fazeis na vossa terra” Sucarelo alude a João Dias Ferreira, que tomou posse do seu canonicato a 24 de dezembro, encontrando-se o autor no Porto, de acordo com a legenda de Alão de Morais.

1648 – terá sido lente substituto de uma cadeira menor na Universidade de Coimbra.

1649 – em maio, com 30 anos, João Sucarelo é opositor a uma cadeira de cirurgia em Coimbra, mas tudo leva a crer que tenha sido preterido a favor de outro candidato. Poderá ter continuado como lente substituto.

Em 9 de setembro morre António Sucarelo, em Lisboa.

1650 – Aos 31 anos, participa nas *Memorias funebres* de D. Maria de Ataíde, impressas nesse mesmo ano. Encontra-se em Lisboa, onde assiste ao primeiro bloqueio do Tejo pelos ingleses, ocorrido entre março e 4 de novembro.

A 15 de outubro, o Conde de S. Lourenço escreve a D. João IV pedindo a nomeação de João Sucarelo como cirurgião-mor do exército do Alentejo. Junto segue uma “Memória” do autor dirigida ao Rei, onde apresenta as condições para aceitar o cargo. Em 2 de novembro o Conselho de Guerra apoia a pretensão do Conde de S. Lourenço, numa carta que envia a D. João IV. Em 7 de novembro redige-se a resolução do Rei, aprovando o

pedido. A 28 de novembro, na carta de demissão do cirurgião-mor Diogo Pinheiro é mencionado o nome de João Sucarelo para seu substituto. Em 18 de dezembro é passada a Sucarelo a carta patente de cirurgião-mor. Em 20 de dezembro o poeta é agraciado com o título de médico do Rei.

1651 – a 24 de junho, com 32 anos, Sucarelo é nomeado Cavaleiro da Ordem de Cristo. Em dezembro encontrava-se no Porto.

1652 – É possível que se encontre no Alentejo, tendo em conta as informações indiretas transmitidas pelo poema “Juiz que na sala livre”.

1653 – É possível que se encontre no Alentejo, tendo em conta as informações indiretas transmitidas pelo poema “Meu Gregório Martins, Deão do Porto” e a respetiva réplica “Olá, Senhora Musa!”.

1654 – a 11 de novembro, talvez não se encontre a cumprir a sua missão no Alentejo, de acordo com a análise do poema “Cheguei aqui às três da quarta-feira”. No entanto, a 10 de dezembro assina lá um documento em que atesta a competência de um cirurgião.

1655 – numa carta de 29 de setembro, D. Francisco de Melo refere que Sucarelo se encontra na corte, em «Requerimentos».

1656 – a 31 de maio, Sucarelo ainda não estava de volta ao Alentejo, pois, D. Francisco de Melo, em carta escrita a partir de Elvas, pede ao Rei o seu regresso ao exército. A 7 de junho ainda se encontrava em Lisboa. Contava com 37 anos.

1657 – em setembro possivelmente estaria no Porto e poderá ter viajado na companhia de D. Álvaro de Abranches.

1658 – em janeiro e fevereiro possivelmente estaria no Porto. No período entre o verão e o inverno supõe-se que se encontrasse novamente a desempenhar funções no Alentejo.

1664 – em janeiro, encontra-se no Porto e assina dois registos em como recebeu pagamento por serviços médicos prestados aos presos amparados pela SCMP. Por volta de 28 de julho, com 45 anos, faz uma redondilha à morte de D. Manuel de Sousa Seabra, Arce-diago da Régua e Provisor do Porto.

1665 – em janeiro, fevereiro, abril e setembro assina registos semelhantes aos referidos anteriormente, de atos médicos prestados ao serviço da Misericórdia do Porto.

1666 – em dezembro assina um registo de pretação de serviços semelhante aos anteriores.

1667 – a obra de Sucarelo é coligida por Cristóvão Alão de Morais.

1668 – a 3 de setembro, aos 49 anos, Sucarelo morre e é sepultado na paróquia de S. Bento da Vitória, no Porto.

II. *RECENSIO*: INVENTÁRIO TESTEMUNHAL

DOS POEMAS ATRIBUÍDOS A

JOÃO SUCARELO CLARAMONTE

INTRODUÇÃO

Dado que João Sucarelo Claramonte publicou em vida apenas dois poemas, pareceu-nos óbvio que o recenseamento dos testemunhos da sua obra deveria começar pelos manuscritos. E cedo nos apercebemos da necessidade de considerar neles duas categorias: a dos manuscritos principais e a dos secundários. Naquela incluímos os códices integralmente dedicados à recolha da obra de Sucarelo e ainda uma miscelânea que lhe consagra uma secção autónoma e quantitativamente significativa. Na segunda categoria, considerámos as miscelâneas e os documentos soltos em que se encontram, geralmente em número muito reduzido, textos atribuídos – neste tipo de fontes testemunhais ou noutros – ao poeta. Embora se desconheçam as condições em que os documentos pertencentes ao primeiro grupo foram elaborados (e se desconheça até, num dos casos, a data exata da cópia), a sua superioridade sobre os outros é inegável: o número de poemas que transmitem, a qualidade das lições, o cuidado posto na arrumação dos textos, as informações que veiculam nas legendas, mostram com clareza que se trata de manuscritos mais credíveis, possivelmente porque mais próximos – direta ou indiretamente – do original perdido.

Identificámos três manuscritos principais, dois deles agora dados a conhecer pela primeira vez, no âmbito de estudos integralmente dedicados à obra de João Sucarelo.

Na relação descritiva que apresentaremos de seguida, eles virão arrumados na divisão correspondente à biblioteca a que pertencem (e no respetivo fundo ou coleção), as quais se sucederão por ordem alfabética. Cada documento é objeto de uma curta introdução, em que surgem condensadas todas as informações mais imediatas que conseguimos reunir: o título e a data (caso sejam conhecidos), determinadas particularidades (como as da paginação), observações sobre repetição de poemas ou variantes, bem como a existência de réplicas. Reconhecemos o interesse que poderia ter uma verdadeira descrição codicológica, mas infelizmente não temos a preparação que nos permita fazê-la. Apesar disso, estamos convictos de que as informações que ela poderia trazer não condicionariam o trabalho de apuramento crítico dos poemas. Esta introdução termina com a contabilização dos textos reunidos no códice, separada por formas poemáticas.

Num segundo momento, apresentaremos um índice alfabético, em que os textos virão repartidos pelas formas poemáticas. Em cada uma das divisões, os poemas continuarão a ser citados a partir do seu primeiro verso, que foi agora objeto de uma atualização ortográfica.

No segundo capítulo da *recensio*, abordamos aquilo que considerámos como manuscritos secundários, isto é, as miscelâneas e os documentos soltos em que se encontram poemas atribuídos a João Sucarelo. Usámos o adjetivo *secundários* para distingui-los dos códices integralmente dedicados à recolha da obra do poeta e das miscelâneas que lhe consagram uma secção autónoma significativa, dado que a sua importância – tanto quantitativa quanto qualitativa – é bem inferior à daqueles manuscritos. Apesar disso, a informação fornecida pelos manuscritos secundários é de grande interesse, sobretudo para a resolução dos problemas de autoria que rodeiam alguns textos atribuídos a Sucarelo, mas também para o apuramento crítico dos poemas.

A importância deste tipo de inventário fica bem demonstrada com a simples consideração dos resultados quantitativos que alcançámos: identificámos um total de 162 manuscritos secundários, pertencentes a 15 bibliotecas, cinco das quais fora de Portugal.

Na relação que surgirá mais à frente, os documentos virão arrumados na divisão da biblioteca a que pertencem (e no respetivo fundo ou coleção). As bibliotecas suceder-se-ão por ordem alfabética, ao passo que os manuscritos serão dispostos de acordo com a sua numeração. A apresentação de cada documento é geralmente muito sumária, limitando-se ao registo do título e da data de elaboração – caso existam – e à anotação do total de textos transmitidos. Seguir-se-á a relação sequencial dos poemas, feita a partir do primeiro verso e com a ortografia original. Nos casos em que o manuscrito não estava paginado, procedemos à contagem das folhas, o que nos permitiu fornecer a informação sobre a sua localização precisa, que virá colocada entre parênteses retos. À frente de cada composição arrolada virá ainda a respetiva indicação de autoria (a sua ausência significa que o texto é dado como sendo de João Sucarelo). Por fim, surgirá a informação sobre a forma do poema.

O terceiro capítulo da *recensio* é reservado, por um lado, à apresentação dos dados relativos aos testemunhos impressos antigos, que transmitem uma versão que reproduz um manuscrito que não foi possível identificar ou o original do texto, e, por outro lado, a testemunhos impressos modernos, que compreendem outras edições dos poemas, na sua maioria bastante recentes¹. No seu conjunto, identificámos um total de vinte e dois documentos deste tipo, em que se encontram poemas atribuídos – neste tipo de fontes testemunhais ou noutros – a João Sucarelo. Embora modestos do ponto de vista quantitativo, os dados trazidos por estes

¹ Não serão contempladas as meras reproduções que constituem versões *descriptae*.

documentos são importantes, tanto para o apuramento textual dos poemas quanto para o equacionar do problema de autoria que se coloca face a alguns deles.

A disposição dos testemunhos é feita de acordo com a data da publicação. Como transmitem um escasso número de poemas, o seu tratamento é muito sumário. Limitámo-nos a fornecer a indicação bibliográfica completa e a indicar o total de textos que cada um publica, vindo logo depois a relação sequencial das composições, feita a partir do primeiro verso. Entre parênteses, virão indicadas as páginas em que os textos ocorrem. Nos casos em que a atribuição de autoria não corresponda a João Sucarelo, virá mais à frente – também entre parênteses – a indicação respetiva ou a informação de que se trata de uma composição anónima. Por último, surgirá a indicação relativa à forma do poema.

Concluído o levantamento dos quatro tipos de testemunhos que considerámos, apresentaremos um inventário global dos poemas atribuídos a João Sucarelo e dos respetivos testemunhos, em que virão reunidas de forma esquemática todas as informações relativas à *recensio*.

O inventário está dividido em quatro categorias principais: 1. Poemas de João Sucarelo Claramonte; 2. Poemas de autoria duvidosa; 3. Poemas excluídos; 4. Réplicas a poemas de João Sucarelo Claramonte. A primeira destas divisões comporta oito grupos, dispostos por ordem alfabética, correspondentes às formas poemáticas que lográmos identificar: dísticos; poemas em décimas heptassilábicas; poemas em quintilhas heptassilábicas; poemas em rondilhas; romances; silvas; sonetos; tercetos. Em cada um dos grupos, os poemas são citados a partir do seu primeiro verso, que virá em redondo quando se tratar de um texto já impresso e a negro no caso de se tratar de um texto inédito. Dentro de cada categoria, os poemas surgirão alinhados por ordem alfabética. Abaixo do verso inicial de cada um, será apresentada a relação dos testemunhos que o veiculam, separados nas quatro categorias que considerámos e que aparecerão na seguinte ordem: manuscritos principais; manuscritos secundários; impressos antigos e impressos modernos. A citação de todos eles será feita de um modo económico: basicamente há uma sigla que identifica o testemunho ou a biblioteca em que ele se encontra (e, se for caso disso, a secção ou a coleção a que pertence), seguindo-se a indicação do número do documento (no caso dos manuscritos), do volume e da página(s) ou fólio(s) correspondentes.

Os testemunhos inventariados para cada poema virão dispostos por ordem alfabética, dentro de cada um dos quatro tipos considerados. Quanto às atribuições, sempre que um testemunho aponte um autor que não João Sucarelo, virá anotado entre parênteses o nome proposto ou a indicação de que se trata de um poema anónimo. Em termos de ordenamento, a listagem dos testemunhos de cada poema abrirá com aqueles que indiquem Sucarelo como

autor, seguindo-se os que apontam um autor diferente (apresentados por número de atribuições) e, no final, os que não indicam qualquer autoria.

Nos poemas de autoria duvidosa e nos excluídos, apresentados por ordem alfabética da forma poemática e do primeiro verso, após a discriminação das diferentes versões que conseguimos arrolar, acrescentaremos um pequeno comentário no qual clarificamos o que nos levou a uma ou a outra classificação. Será uma redação sucinta, tendo em conta que alguns destes poemas foram já objeto de aturadas reflexões em torno da questão da sua autoria, por parte das fontes que apresentamos. As réplicas serão apresentadas tendo em conta os critérios apontados anteriormente.

Para terminar esta apresentação, resta fazer um balanço dos resultados evidenciados pelo inventário. Arrolámos um total de 105 poemas que considerámos – com variado grau de certeza – como sendo de João Sucarelo Claramonte, 87 dos quais são inéditos. O conjunto apresenta a seguinte distribuição:

- dísticos – 1 (inédito);
- poemas em décimas heptassilábicas – 22 (18 inéditos);
- poemas em quintilhas heptassilábicas – 2 (inéditos);
- poemas em redondilhas – 10 (inéditos);
- romances – 31 (28 inéditos);
- silvas – 7 (5 inéditas);
- sonetos – 31 (22 inéditos);
- tercetos – 1 (inédito).

Excluámos dezoito poemas do cânone da obra do poeta e identificámos dez réplicas – sete delas inéditas – a poemas de Sucarelo: duas décimas; uma glosa; uma redondilha (inédita); três romances (todos inéditos); uma silva (inédita) e dois sonetos (ambos inéditos).

A. MANUSCRITOS

1. Manuscritos principais

1.1. Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

- Ms. 544

Embora se trate de uma miscelânea, decidimos incluir este documento entre os testemunhos manuscritos principais, dado que há nele uma secção autónoma consagrada a João Sucarelo. Ocupando as pp. 97-134, apresenta o seguinte título: “Versos Varios / Do / Doutor João Sucarelo”.

A miscelânea reúne um total de 17 poemas do autor, distribuídos do seguinte modo: poemas em décimas heptassilábicas – 2; poemas em redondilhas – 1; romances – 8; silvas – 1; sonetos – 5.

Relação dos poemas

1. Pela ordem em que surgem no manuscrito e sem atualização ortográfica

Fui amar por meus pecados (pp. 99-100) – Romance

D. Brazia dos meus olhos (pp. 101-104) – Romance

Reverendo Estagerista (pp. 105-108) – Romance

Reverendo frade Loyo (pp. 108-111) – Romance

Não corrais bella Maricas (pp. 111-113) – Romance

Foi Silvio para a fronteira (pp. 114-117) – Romance

Deixai Snar Amariles (pp. 117-119) – Romance

Pois que dos meus disbarates (pp. 119-122) – Romance

Rubi, concha de perlas perigrina (p. 123) – Soneto

Quando a Menezes te falar na grade (p. 124) – Soneto

Aqui debaixo desta pedra fria (p. 125) – Soneto

Padre Girão se a vossa reverência (pp. 125-126) – Soneto

As valentias de Gaspar de Anhaya (p. 126) – Soneto

Meu Duarte Ribeiro (pp. 127-129) – Silva

Snor quem paga o que deve (pp. 131-133) – Décimas

Veyo a revista nossa (p. 133) – Décima

He muito grande mofina (p. 134) – Redondilha

2. Relação dos poemas, separados por espécies, apresentada alfabeticamente e com atualização ortográfica

I. Poemas em décimas heptassilábicas

Senhor, quem paga o que deve (pp. 131-133)

Veio à revista nossa (p. 133)

II. Poemas em redondilhas

É muito grande mofina (p. 134)

III. Romances

Deixai, Senhora Amaríles (pp. 117-119)

Dona Brázia dos meus olhos (pp. 101-104)

Foi Sílvio para a fronteira (pp. 114-117)

Fui amar por meus pecados (pp. 99-100)

Não corrais, bela Maricas (pp. 111-113)

Pois que dos meus disbarates (pp. 119-122)

Reverendo Estagirista (pp. 105-108)

Reverendo Frade Loio (pp. 108-111)

IV. Silvas

Meu Duarte Ribeiro (pp. 127-129)

VI. Sonetos

Aqui, debaixo desta pedra fria (p. 125)

As valentias de Gaspar de Anaia (p. 126)

Padre Girão, se a Vossa Reverência (pp. 125-126)

Quando a Menezes te falar na grade (p. 124)

Rubi, concha de perlas perigrina (p. 123)

1.2. Biblioteca Pública Municipal do Porto

– Fundo Geral

- Ms. 755

O códice apresenta o seguinte título: “Obras / Poeticas / Do / Doutor / João Sucarello Claramõte / Cavalleiro do ha- / bito de Christo / E Medico Portuense / Que / Ajuntou com grande trabalho / Christovão Alão de Moraes / Seu grande Amigo / Anno MDCLXVII”.

A numeração dos fólhos passa de 34 para 41; são visíveis os sinais de que as folhas em causa foram arrancadas. A partir do f. 70v, as folhas não estão numeradas. Os 19 fólhos que se seguem ao 74 estão em branco; no final do códice, no f. 94r, vem um último poema.

O soneto *Bem caro te custou Gaspar de Anhaya* ([f. 94r]) é apresentado como réplica anónima ao poema de Sucarelo que começa por *As valentias de Gaspar de Anhaya* (ff. 30r-30v).

O manuscrito inclui um total de 72 poemas, assim distribuídos: dísticos – 1; poemas em décimas – 13; poemas em quintilhas – 2; poemas em redondilhas – 9; romances – 21; silvas – 5; sonetos – 20; tercetos – 1.

Relação dos poemas

1. Pela ordem em que surgem no manuscrito e sem atualização ortográfica

- Meu Gregorio Martins Deão do Porto* (ff. 1r-3r) – Silva
Se Amor he fogo fatal (ff. 3r-3v) – Décima
Senhor Antonio de Abreu (ff. 3v-4r) – Décima
Veyo Elysa muita guapa (f. 4r) – Décima
Faz anos Dona Maria (ff. 4r-5v) – Romance
Besbelho comũ de tres (ff. 5v-6r) – Quintilha
Guardadoras do gado deste outeiro (ff. 6r-6v) – Soneto
Quis fazer o Carola seu papel (f. 6v) – Soneto
O que valentemente as gotas dás (f. 7r) – Soneto
Aqui se esconde o corpo bem logrado (f. 7v) – Soneto
Lobo cerval, fantasma peccadora (f. 8r) – Soneto
Juiz, que na sala livre (ff. 8v-10r) – Romance
Saloya dos olhos verdes (ff. 10r-11r) – Romance
Perdeose Menga por Brás (ff. 11r-12v) – Romance
Soror Dona Barbata, em q. vos pez (ff. 12v-13r) – Soneto
Tremendo esteve de nós (f. 13r) – Décima
Sabereis mana Maria (ff. 13r-14v) – Romance
Por toda a cruz christãmente (ff. 14v-15r) – Décimas
Não corrais bella Maricas (ff. 15r-17r) – Romance
Si Senhor. Eu me vim dessa cidade (ff. 17r-20r) – Silva
Reverendo frade Loyo (ff. 20r-22v) – Romance
A voz Pantaleão da Sylva (ff. 22v-24r) – Romance
Ceguei aqui às tres da quarta feira (ff. 24r-24v) – Soneto
Senhor quem paga o q. deve (ff. 24v-26r) – Décimas
Foy Sylvio para Alentejo (f. 26r-29r) – Romance
Dizeisme S.^{or} Dom Pedro (ff. 29r-30r) – Romance

As valentias de Gaspar de Anhaya (ff. 30r-30v) – Soneto
Esta vil poluição do Entendimento (ff. 30v-31r) – Soneto
Aqui debaixo desta pedra fria (ff. 31r-31v) – Soneto
Padre Girão, se a vossa Reverencia (ff. 31v-32r) – Soneto
Senhor soldado da armada (ff. 32r-34r) – Romance
Partidos desesperados (ff. 34r-34v) – Décimas
Manda o Senhor Dõ Miguel (ff. 41r-43r) – Romance
Acolá, e acolá, e acolá sôa (ff. 43r-43v) – Soneto
Rubi, concha de perlas peregrina (ff. 43v-44r) – Soneto
Deos q. ao Mundo por nos veyo (f. 44r) – Redondilhas
Reverendo Estagirita (ff. 44r-46r) – Romance
Foy Peixoto, a Guimaraes (ff. 46r-46v) – Redondilha
Carneiro de Vasconcellos (f. 46v) – Redondilha
Mandai vinho tinto (f. 46v) – Redondilha
Aqui de costas jaz Grácia da Costa (f. 47r) – Soneto
E quando desabafares (f. 47v) – Terceto
Coçasteme a Borbulha (ff. 47v-49r) – Silva
Os olhos com pranto amargo (ff. 49r-51v) – Romance
Veyo á revista nossa (ff. 51v-52r) – Décima
Vendo aquelles tres Allarves (f. 52r-52v) – Redondilha
Meu Duarte Ribeiro (ff. 52v-54v) – Silva
Aonio q. de Delia namorado (ff. 54v-55r) – Soneto
Se com saudades partistes (ff. 55r-56r) – Quintilhas
Isto sim boto á Christo (ff. 56r-57r) – Silva
Cuidará Você Senhor (ff. 57r-57v) – Décima
Deixai Senhora Amariles (ff. 57v-59r) – Romance
Sabe Deos, Senhora minha (ff. 59r-60r) – Romance
Quando a Menezes te fallar na grade (ff. 60r-60v) – Soneto
Mas mais corre quẽ vai posto (ff. 60v-61r) – Dístico
Dona Brazia dos meus olhos (ff. 61r-63v) – Romance
Ó mui nobre e sempre leal cidade (ff. 63v-64r) (inc.) – Soneto
He muito grande mofina (ff. 64r-64v) – Redondilha
Fui amar por meus pecados (ff. 64v-65v) – Romance
Aqui neste posto escuro (ff. 65v-66r) – Décima
Madreperola algum dia (ff. 66r-67v) – Romance
Quando a fermosa mão Filis movia (ff. 67v-68r) – Soneto
Filis hũ desmaio teve (ff. 68r-68v) – Décima
Depois q. a sombra estou, Monsiur Francisco (ff. 68v-69r) – Soneto
Não gosto não, vida minha (ff. 69r-70v) – Romance
Como Autor libello dá (f. 70v) – Décima
Gastou todo o bom humor ([f. 71r]) – Redondilha
Que fazeis na vossa Terra ([ff. 71r-73r]) – Romance

Deste Rato a sorte envejo ([ff. 73r-74r]) – Décimas
Fervem os Pontificais ([f. 74r]) – Redondilha
Faço meu Procurador ([ff. 74r-74v]) – Redondilha
Bem caro te custou Gaspar de Anhaya ([f. 94r]) (an.) – Soneto

2. Relação dos poemas, separados por espécies, apresentada alfabeticamente e com atualização ortográfica

I. Dísticos

Mas mais corre quem vai posto (ff. 60v-61r)

II. Poemas em décimas heptassilábicas

Aqui neste posto escuro (ff. 65v-66r)
Como Autor libelo dá (f. 70v)
Cuidará Você, Senhor (ff. 57r-57v)
Deste Rato a sorte envejo ([ff. 73r-74r])
Fílis um desmaio teve (ff. 68r-68v)
Partidos desesperados (ff. 34r-34v)
Por toda a cruz cristamente (ff. 14v-15r)
Se Amor é fogo fatal (ff. 3r-3v)
Senhor António de Abreu (ff. 3v-4r)
Senhor, quem paga o que deve (ff. 24v-26r)
Tremendo esteve de nós (f. 13r)
Veio à revista nossa (ff. 51v-52r)
Veio Elisa muita guapa (f. 4r)

III. Poemas em quintilhas

Besbelho comum de três (ff. 5v-6r)
Se com saudades partistes (ff. 55r-56r)

IV. Poemas em redondilhas

Carneiro de Vasconcelos (f. 46v)
Deus, que ao Mundo por nós veio (f. 44r)
É muito grande mofina (ff. 64r-64v)
Faço meu Procurador ([ff. 74r-74v])
Fervem os Pontificais ([f. 74r])
Foi Peixoto a Guimarães (ff. 46r-46v)
Gastou todo o bom humor ([f. 71r])
Mandai vinho tinto (f. 46v)
Vendo aqueles três Alarves (ff. 52r-52v)

V. Romances

A vós, Pantaleão da Silva (ff. 22v-24r)
Deixai, Senhora Amaríles (ff. 57v-59r)
Dizeis-me, Senhor Dom Pedro (ff. 29r-30r)
Dona Brázia dos meus olhos (ff. 61r-63v)
Faz anos Dona Maria (ff. 4r-5v)
Foi Sílvio para Alentejo (ff. 26r-29r)
Fui amar por meus pecados (ff. 64v-65v)
Juiz que na sala livre (ff. 8v-10r)
Madrepérola algum dia (ff. 66r-67v)
Manda o Senhor Dom Miguel (ff. 41r-43r)
Não corrais, bela Maricas (ff. 15r-17r)
Não gosto, não, vida minha (ff. 69r-70v)
Os olhos com pranto amargo (ff. 49r-51v)
Perdeu-se Menga por Brás (ff. 11r-12v)
Que fazeis na vossa Terra ([ff. 71r-73r])
Reverendo Estagirita (ff. 44r-46r)
Reverendo frade Lóio (ff. 20r-22v)
Sabe Deus, Senhora minha (ff. 59r-60r)
Sabereis, mana Maria (ff. 13r-14v)
Saloia dos olhos verdes (ff. 10r-11r)
Senhor soldado da armada (ff. 32r-34r)

VI. Silvas

Coçaste-me a Borbulha (ff. 47v-49r)
Isto sim, boto a Cristo (ff. 56r-57r)
Meu Duarte Ribeiro (ff. 52v-54v)
Meu Gregório Martins, Deão do Porto (ff. 1r-3r)
Si, Senhor. Eu me vim dessa cidade (ff. 17r-20r)

VII. Sonetos

Acolá e acolá e acolá soa (ff. 43r-43v)
Aónio que de Délia namorado (ff. 54v-55r)
Aqui de costas jaz Gracia da Costa (f. 47r)
Aqui se esconde o corpo bem logrado (f. 7v)
Aqui, debaixo desta pedra fria (ff. 31r-31v)
As valentias de Gaspar de Anhaia (ff. 30r-30v)
Bem caro te custou, Gaspar de Anhaia ([f. 94r]) (an.)
Cheguei aqui às três da quarta-feira (ff. 24r-24v)
Depois que à sombra estou, Monsiur Francisco (ff. 68v-69r)
Esta vil poluição do Entendimento (ff. 30v-31r)
Guardadoras do gado deste outeiro (ff. 6r-6v)

Lobo cerval, fantasma pecadora (ff. 8r)
Ó mui nobre e sempre leal cidade (ff. 63v-64r) (inc.)
Oh, que valentemente as gotas dás (f. 7r)
Padre Girão, se a vossa Reverência (ff. 31v-32r)
Quando a fermosa mão Fílis movia (ff. 67v-68r)
Quando a Menezes te falar na grade (ff. 60r-60v)
Quis fazer o Carola seu papel (f. 6v)
Rubi, concha de perlas peregrina (ff. 43v-44r)
Soror Dona Barbata, em que vos pês (ff. 12v-13r)

VIII. Tercetos

E quando desabafares (f. 47v)

1.3. British Library

– Additional

▪ Ms. 30767

O manuscrito tem o seguinte título: “Poezias / do Doutor / João de Assucarelo / Claramente. / Adquiridas de varios manuscriptos, / e pella ordem em q. vão neste volume, / juntas, e escritas / por / Antonio Correya Vianna. / Lisboa = 1782 =”.

O soneto *Bem cáro te custou Gaspar de Anaya* (p. 10) é uma réplica anónima ao anterior, *As valentias de Gaspar de Anaya*.

A miscelânea inclui um total de 60 poemas atribuídos a Sucarelo, assim distribuídos: poemas em décimas – 12; poemas em quintilhas – 1; poemas em redondilhas – 1; romances – 25; silvas – 4; sonetos – 17.

Relação dos poemas

1. Pela ordem em que surgem no manuscrito e sem atualização ortográfica

Quando a formosa mão Filis movia (p. 1) – Soneto
Aonio, que de Celio [sic] namorado (p. 2) – Soneto
Goardadoras do gado deste Outeiro (p. 3) – Soneto
Faleceu a Senhora Villanova (p. 4) – Soneto
Acolá, acolá; acolá sôa (p. 5) – Soneto
Essa vil pululão [sic] do entendimento (p. 6) – Soneto
Lobo cerval, Fantasma peccadora (p. 7) – Soneto
Aquí se esconde o corpo bem logrado (p. 8) – Soneto

As valentias de Gaspar de Anaya (p. 9) – Soneto
Bem caro te custou Gaspar de Anaya (p. 10) (an.) – Soneto
Robim, concha de perlas perigrina (p. 11) – Soneto
Padre Girão: se a vossa Reverencia (p. 12) – Soneto
Amor, me tem por vóz negro ferrado (p. 13) – Soneto
Depois q. á sombra estou Mousieur Fr.^{co} (p. 14) – Soneto
Vóz Senhora Maria; em que vos pêz (p. 15) – Soneto
Senhor Beatriz: foy o demonio (p. 16) – Soneto
Aquî de costa jáz Grácia da Costa (p. 17) – Soneto
Aquî, debaixo desta pedra fria (p. 18) – Soneto
Meu Duarte Ribeiro (pp. 21-25) – Silva
Sim Senhor: Eu me vim dessa Cidade (pp. 26-33) – Silva
Meu Gregorio Martins, Deão do Porto (pp. 34-40) – Silva
Isto sim! Voto a Christo! (pp. 41-43) – Silva
Absorto na quarta esfera (pp. 45-49) – Décimas
Eylo vay dezenfreado (pp. 50-58) – Décimas
Senhor: quem paga o q. deve (pp. 59-63) – Décimas
Seis orfas, e muito honradas (pp. 64-68) – Décimas
Por vida de El Rey Dom Sancho (pp. 69-72) – Décimas
Engenho agudo mostrastes (pp. 73-75) – Décimas
Por toda a Cruz cristamente (pp. 76-77) – Décimas
Senhora: tudo me dais (p. 78) – Décima
Pois que vos fostes, traidora (p. 79) – Décima
Silva: aqui para entre nós (p. 80) – Décima
Aquî neste posto escuro (p. 81) – Décima
Vinha Lizis muito goapa (p. 82) – Décima
Deos, que ao Mundo por nós veyo (p. 83) – Redondilhas
Se com saudades partistes (pp. 85-90) – Quintilhas
Foi Sylvio para AlemTejo (pp. 91-96) – Romance
Dizeis-me, Senhor Dom Pedro (pp. 97-99) – Romance
A vóz Pantaleão da Sylva (pp. 100-103) – Romance
Cá para os Passos de El Rey (pp. 104-106) – Romance
Donna Brazia dos meus olhos (pp. 107-113) – Romance
Deixai, Senhora Amarilis (pp. 114-117) – Romance
Fui amar, por meus peccados (pp. 118-121) – Romance
Que hides forro, e apartir (pp. 122-124) – Romance
Faz Annos Dona Maria (pp. 125-128) – Romance
Juiz que na sala livre (pp. 129-132) – Romance
Minha Anarda; cuja voz (pp. 133-144) – Romance
Não corrais, bella Maricas (pp. 145-149) – Romance
Olhos pretos matadores (pp. 150-152) – Romance
Perdeu-se Menga por Braz (pp. 153-155) – Romance

Pois que dos meus disparates (pp. 156-160) – Romance
Reverendo Frade Loyo (pp. 161-166) – Romance
Reverendo Estagerista (pp. 167-171) – Romance
Sorôr Ursula; que sois (pp. 172-176) – Romance
Sabereis, mana Maria (pp. 177-179) – Romance
Sabe Deos, Senhora minha (pp. 180-183) – Romance
Tem-me Sua Senhoria (pp. 184-187) – Romance
Saloya dos olhos verdes (pp. 188-190) – Romance
Atrevido pensamento (pp. 191-192) – Romance
Queixa-se o Mar de Sodoma (pp. 193-195) – Romance
Manda o Senhor Dom Miguel (pp. 196-200) – Romance

2. Relação dos poemas, separados por espécies, apresentada alfabeticamente e com atualização ortográfica

I. Poemas em décimas heptassilábicas

Absorto na quarta esfera (pp. 45-49)
Aqui, neste posto escuro (p. 81)
Ei-lo, vai desenfreado (pp. 50-58)
Engenho agudo mostrastes (pp. 73-75)
Pois que vos fostes, traidora (p. 79)
Por toda a Cruz cristamente (pp. 76-77)
Por vida de El-rei Dom Sancho (pp. 69-72)
Seis órfãs e muito honradas (pp. 64-68)
Senhor, quem paga o que deve (pp. 59-63)
Senhora, tudo me dais (p. 78)
Silva, aqui para entre nós (p. 80)
Vinha Lísis muito guapa (p. 82)

II. Poemas em quintilhas

Se com saudades partistes (pp. 85-90)

III. Poemas em redondilhas

Deus, que ao Mundo por nós veio (p. 83)

IV. Romances

A vós, Pantaleão da Silva (pp. 100-103)
Atrevido pensamento (pp. 191-192)
Cá para os Paços de El-rei (pp. 104-106)
Deixai, Senhora Amarilis (pp. 114-117)

Dizeis-me, Senhor Dom Pedro (pp. 97-99)
Dona Brásia dos meus olhos (pp. 107-113)
Faz anos Dona Maria (pp. 125-128)
Foi Sílvio para Alentejo (p. 91-96)
Fui amar, por meus pecados (pp. 118-121)
Juiz que na sala livre (pp. 129-132)
Manda o Senhor Dom Miguel (pp. 196-200)
Minha Anarda, cuja voz (pp. 133-144)
Não corrais, bela Maricas (pp. 145-149)
Olhos pretos matadores (pp. 150-152)
Perdeu-se Menga por Brás (pp. 153-155)
Pois que dos meus disparates (pp. 156-160)
Que ides forro e a partir (pp. 122-124)
Queixa-se o Mar de Sodoma (pp. 193-195)
Reverendo Estagerista (pp. 167-171)
Reverendo Frade Lóio (pp. 161-166)
Sabe Deus, Senhora minha (pp. 180-183)
Sabereis, mana Maria (pp. 177-179)
Saloia dos olhos verdes (pp. 188-190)
Soror Úrsula, que sois (pp. 172-176)
Tem-me Sua Senhoria (pp. 184-187)

V. Silvas

Isto sim! Voto a Cristo! (pp. 41-43)
Meu Duarte Ribeiro (pp. 21-25)
Meu Gregório Martins, Deão do Porto (pp. 34-40)
Sim, Senhor; eu me vim dessa Cidade (pp. 26-33)

VI. Sonetos

Acolá, acolá; acolá soa (p. 5)
Amor me tem por vós negro ferrado (p. 13)
Aónio, que de Célia namorado (p. 2)
Aqui de costa jaz Grácia da Costa (p. 17)
Aqui, debaixo desta pedra fria (p. 18)
Aqui se esconde o corpo bem logrado (p. 8)
As valentias de Gaspar de Anaia (p. 9)
Bem caro te custou Gaspar de Anaia (p. 10) (an.)
Depois que à sombra estou, Mousieur Francisco (p. 14)
Essa vil poluição do entendimento (p. 6)
Faleceu a Senhora Vilanova (p. 4)
Guardadoras do gado deste Outeiro (p. 3)
Lobo cervical, Fantasma pecadora (p. 7)

Padre Girão, se a Vossa Reverencia (p. 12)
Quando a formosa mão Fílis movia (p. 1)
Rubim, concha de perlas perigrina (p. 11)
Senhor Beatriz, foi o demónio (p. 16)
Vós, Senhora Maria, em que vos pês (p. 15)

2. Manuscritos secundários

2.1. Academia das Ciências de Lisboa

– Série Azul

- Ms. 581

Número de poemas: 3.

Un soneto me mandó hazer Violante (f. 2r) (D. Tomás de Noronha) – Soneto
Soror D. Barbata em q. vos pez (f. 7v) – Soneto
Basta Crespal q. todo o mundo accuza (f. 51r) (an.) – Soneto

- Ms. 693

Os poemas *O tu medico em ditongo* e *Parte o medo p.^a Aveiro* são réplicas aos textos, respetivamente, *Reverendo estagerita* e *Foi Silvio p.^a Alentejo*. O romance *Contra vosso esquesimento* constitui uma réplica, desconhecendo-se o texto original de Sucarelo.

Número de poemas: 37.

Quando a fermosa mão Filis movia (f. 44v) – Soneto
Reverendo estagerita (ff. 83r-84r) – Romance
O tu medico em ditongo (ff. 84r-84v) (Frei Jerónimo de Moura) – Romance – Réplica
Aqui neste posto escuro (f. 96r) – Décima
Basta Crespal que todo o mundo acuza (f. 141r) (A. Barbosa Bacelar) – Soneto
Cagando estava, a dama mais fremozza (f. 141v) (an.) – Soneto
Senhora Beatris foi o demonio (f. 142r) (an.) – Soneto
Soror Dona barbata em que vos pez (f. 145v) – Soneto
Lobo cerval fantasma peçadora (f. 146r) – Soneto
Guardadoras do gado deste outeiro (f. 146v) – Soneto
Rubi concha de perlas peregrina (f. 149v) – Soneto
Faleçeo a senhora Villa nova (f. 150r) – Soneto

Padre Girão se a vossa reverência (f. 152v) – Soneto
Aonio que de Celia namorado (f. 153v) – Soneto
Cheguei aqui as três de quarta feira (f. 154r) (an.) – Soneto
Amor me tem por vos negro ferrado (f. 156r) (an.) – Soneto
Aqui debaxo desta pedra fria (f. 158r) – Soneto
Meu Duarte ribeiro (ff. 167r-168v) – Silva
Reduzistes minina en tanto excesso (ff. 168v-170v)
Si senhor eu me vim dessa cidade (ff. 175r-177r) – Silva
Corre por esta cidade (ff. 211v-216r) (Fr. Gabriel, frade Jerónimo) – Décimas
São brandos os beirões, são bem nascidos (ff. 223r-225r) (Dr. Manuel de Almeida) – Silva
Contra vosso esquesimento (ff. 226v-227r) (an.) – Romance
Sabe Deos senhora minha (ff. 227r-227v) – Romance
Queixasse o mar de Sodoma (ff. 229v-230r) (an.) – Romance
Deixai senhora Amariles (ff. 232v-233r) – Romance
Pois que dos meus disparates (ff. 233r-234r) – Romance
Foi Silvio p.^a Alentejo (ff. 234r-235r) – Romance
Parte o medo p.^a Aveiro (ff. 235r-236r) (an.) – Romance - Réplica
Dizemme q. estais doente (f. 245v) (Dr. Peixoto) – Décima
Cá para os passos del Rey (f. 250r) (Peixoto) – Romance
Não corrais bella maricas (ff. 250r-250v) – Romance
Se com saudades partistes (ff. 261r-262r) – Quintilhas
Isto sim boto a Christo (f. 262r) – Silva
Senhor quẽ paga o q. deve (ff. 262v-263r) – Décimas
Reverendo frade Loyo (ff. 263r-264r) - Romance
Fui amar por meus peccados (ff. 265v-266r) – Romance

2.2. Arquivo Distrital de Braga

- Ms. 5

Título: “Romances, / que compòs / Frey Antonio das Chagas, / antes de ser religioso.”.

Número de poemas: 1.

Não gosto não, vida minha (pp. 149-152) (A. Fonseca Soares) – Romance

- Ms. 100

Título: “Sylua Noticioza / Seria e jocoseria / que o trabalho de hum Annonimo / Aqui unio e tresladou, para honesto / divertimento do honesto leytor. / VNICO VOLVME. / Conthem em si o que denóta o Index / que no fim se achará / Pode fazer eleyção das que forem /

De seu mayor agrado / Coimbra / No mêz de Setembro do presente / Anno de / M.DCC.XLVIII.”.

Número de poemas: 2.

Bueno, malus, mala, malum te levaste (f. 28v) (D. Tomás de Noronha) – Soneto
Dizem que estais doente (f. 30r) (an.) – Décima

▪ Ms. 130

Número de poemas: 7.

No eres nieue, q. fueras derretida (f. 45r) (an.) – Soneto
Cagando estaua a Dama mais fermoza (ff. 46v-47r) (an.) – Soneto
Buen malus mala malum te llevaste (ff. 47r-47v) (an.) – Soneto
Aqui debaixo desta pedra fria (f. 47v) (an.) – Soneto
Senhora Breatriz foi o Demonio (f. 121v) (an.) – Soneto
Se asim fermosa Helena como ês Sol (f. 128v) (D. Tomás de Noronha) – Soneto
Dizemme q. estais doente (ff. 155r-155v) (an.) – Décima

▪ Ms. 154

Número de poemas: 1.

S.^{or} An.^{to} de Abreu (f. 103r) (an.) – Décima

▪ Ms. 367

O primeiro soneto surge duas vezes (ff. 118v e 200r-200v).

Número de poemas: 2.

Cagando estava a dama mais fermoza (f. 118v) (A. Barbosa Bacelar) – Soneto
Cagando estava a dama mais fermoza (ff. 200r-200v) (A. Barbosa Bacelar) – Soneto
Aqui se esconde o corpo mal logrado (ff. 201v-202r) – Soneto

▪ Ms. 373

Número de poemas: 21.

Isto sim boto a Xp^o (ff. 63v-64r) – Silva
Se amor he fogo fatal (f. 72v) – Décima

Senhor Antonio de Abreu (f. 72v) – Décima
Que fio de ouro da cabessa ondeado (f. 73r) (an.) – Soneto
Cagando estava a Dama mais fermoza (ff. 73r-73v) (an.) – Soneto
Em muzico duelo contendião (f. 73v) (A. Barbosa Bacelar) – Soneto
Homen que de Celia namorado (f. 93v) – Soneto
Rubi concha de perlas peregrina (ff. 115v-116r) – Soneto
Quando a menezes te falar na grade (f. 116v) – Soneto
As valentias de Gaspar danhaya (ff. 116v-117r) – Soneto
Não ha amor igoal ao da fragona (f. 119r) – Soneto
Senhora Breatis foi o demonio (f. 122r) (D. Tomás de Noronha) – Soneto
Se asi como es, fermoza elena, Sol (f. 122v) (D. Tomás de Noronha) – Soneto
Bastal cristal, q. todo o mundo acuza (ff. 123v-124r) (A. Barbosa Bacelar) – Soneto
Meu Duarte Ribeiro (ff. 149r-150r) – Silva
Si Snr eu me vim dessa cid.^e (ff. 150v-152r) – Silva
Reverendo estagerista (ff. 188v-189v) (Jerónimo Baía) – Romance
Fui amar por meus pecados (ff. 203v-204r) (D. Tomás de Noronha) – Romance
Snr q.^m paga o q. deve (f. 211r) – Décimas
Se com saudades partistes (f. 211v) – Quintilhas
Corre por esta cidade (ff. 288v-291v) (an.) – Décimas

▪ Ms. 573

Na folha de rosto, vem o seguinte título: “RAMILHETE / Poetico / Feito de Varias flores do monte Parnazo colhidas / nos jardins de Apollo com algumas elegantes prozas jun / tas pera alivio de Tristes e paçatempo de curiozos / ESCRITO / POR / ANTONIO LVIS / ALVRES DE CARV.^o / NO AN. DE MDCC / XXXIII.”

Número de poemas: 5.

Senhora Beatris foi o demonio (f. 192r) (an.) – Soneto
Aqui debaixo desta pedra fria (f. 196r) (an.) – Soneto
São brandos os beiroens e bem nasidos (ff. 220r-222r) (an.) – Silva
Aqui neste posto escuro (f. 222v) (an.) – Décima
Un soneto me manda hazer Violante (ff. 236r-236v) (D. Tomás de Noronha) – Soneto

▪ Ms. 596

Título: “Fasciculo Literal / ornado / Com vistozas flores / colhidas / Em vividarios discretos: / E / offerecido / A hum particular / Amigo / Do coadunante / Anonomatto. / Porto, e Braga / Anno Domini / M.DCC.XXXXI”.

Número de poemas: 2.

Aqui debaixo desta pedra fria (p. 92) (an.) – Soneto

Buen malus, mala, malum te llevaste (p. 100) (an.) – Soneto

2.3. Arquivo Nacional Torre do Tombo

– Arquivo da Casa de Fronteira

- Ms. 22

Número de poemas: 1.

Queixasse o mar de Sodoma (ff. 118v-119r) (an.) – Romance

- Ms. 33

Número de poemas: 2.

Basta Crisfal q. todo o mundo accusa (f. 135v) (an.) – Soneto

Acola, acola, e acolà soa (f. 146v) (an.) – Soneto

- Ms. 45 – Volume III

Trata-se do terceiro tomo de um códice que reúne poesia de Gregório de Matos. Na folha de rosto vem o seguinte título: “As Obras Poeticas / Do / D.^{or} Gregorio de Mattos Guerra / Divididas em 4 Tomos / Em que se contem as Obras Sacras, Jocoserias, e / Satiricas, que a brevidade não permittio se- / parar / Tomo 3.^o / Bahia anno de 1775”.

Número de poemas: 1.

Eilo vay desenfreado (ff. 263v-266v) (Gregório de Matos) – Décimas

– Manuscritos da Livraria

- Ms. 241

Título: “Floresta / Poetica / De / Vistasas, e odori / feras flores (...) / Anno 1713”.

Número de poemas: 3.

Fui amar por meus pecados (f. 58r) – Romance

Senhora Beatris foi o Demonio (f. 87v) (D. Tomás de Noronha) – Soneto

Dizemme q. estais doēte (f. 92v) (an.) – Décima

- Ms. 840

Número total de poemas: 1.

Cagando estava a Dama mais fermosa (p.148) (D. Tomás de Noronha) – Soneto

- Ms. 1080

Número de poemas: 5.

Por mostrar milagroza a Devindade (f. 163r) – Soneto

Guardadoras do gado deste outeiro (f. 163r) – Soneto

Padre Girão se a vossa R.^a (f. 163v) – Soneto

Cobre esta pedra o corpo bem logrado (ff. 163v-164r) – Soneto

Aónio que de Célia namorado (f. 164r) – Soneto

- Ms. 1659

Número de poemas: 4.

Rubi conxa de perlas peregrina (f. 51v) – Soneto

Vn Soneto me manda haser Violante (f. 106r) (an.) – Soneto

Basta Crespal, q. todo o mundo acusa (f. 145r) (an.) – Soneto

Aqui debaixo desta pedra fria (f. 233r) (an.) – Soneto

- Ms. 1782

Número de poemas: 1.

Hum soneto me mandou haser uiolante (ff. 192r-192v) (Lope de Veja) – Soneto

- Ms. 1804

Número de poemas: 7.

Rubi, concha de perlas peregrina (p. 184) – Soneto

Padre Girão, se a vossa reverencia (p. 186) – Soneto
Senhora Beatris, foi o Demonio (p. 187) – Soneto
Vn Sonetoi me mandou haser Uiolante (p. 188) – Soneto
Soror Dona Barbata em que uos pês (p. 189) – Soneto
Lobo cerval, fantasma peçadora (p. 190) – Soneto
Faleçeu a Senhora Villa nova (p. 207) (an.) – Soneto

▪ Ms. 1818

Número de poemas: 6.

Senhora Beatris foi o Demonio (pp. 96-97) (D. Tomás de Noronha) – Soneto
Basta crisphal q. todo o mundo acuza (p. 106) (an.) – Soneto
Cagando estaua a Dama mais fermoza (pp. 106-107) (an.) – Soneto
São graves os estudantes e bem nascidos (pp. 123-126) (an.) – Silva
Se assi fermoza Elena como es sol (pp. 157-158) (an.) – Soneto
Aqui debaixo desta pedra fria (pp. 349-350) (A. Barbosa Bacelar) – Soneto

▪ Ms. 1868

Número de poemas: 1.

Rubi, concha de perlas peregrina ([f. 120v]) – Soneto

▪ Ms. 2160

Número de poemas: 1.

Entre as partes do todo a melhor parte ([f. 150r]) – Soneto

▪ Ms. 2227

Número de poemas: 3.

Burro serval fantasma peçadora (f. 160r) – Soneto
Aqui debaixo desta pedra fria (ff. 189r-189v) (an.) – Soneto
Rubi concha de perlas peregrina (f. 190r) (D. Tomás de Noronha) – Soneto

2.4. Biblioteca Celso Cunha (Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro)

- Códice Asensio-Cunha – Vol. I

Trata-se de um manuscrito em quatro volumes que reúne poesia de Gregório de Matos. Tendo pertencido a Eugenio Asensio e a Celso Cunha, é hoje conhecido como “Códice Asensio-Cunha”. A folha de rosto deste primeiro volume apresenta o seguinte título: “Mattos / da Bahia / 1.º Tomo / Que contem a vida do D.^{or} / Gregorio de Mattos Guerra, / Poezias Sacras, e obsequiosas / a Principes, Prelados, Persona- / gens, e outros de distinção, / com a mescla / de algumas satyras / aos mesmos”.

Número de poemas: 2.

Entre as partes do todo a melhor parte (p. 85) (Gregório de Matos) – Soneto
Lobo cerval, phantasma peccadora (p. 315) (Gregório de Matos) – Soneto

- Códice Asensio-Cunha – Vol. II

Título: “Mattos / da Bahia / 2.º Tomo / Que contem varias poezias / â clericos, Frades, e Freyras / e algumas obras / discretas, / e tristes”.

Número de poemas: 2.

Senhora Marianna; em que vos pez (p. 187) (Gregório de Matos) – Soneto
Eylo vay desenfreyado (pp. 208-214) (Gregório de Matos) – Décimas

2.5. Biblioteca da Ajuda

- Ms. 46-VIII-44

Número de poemas: 1.

Rubim concha de perlas perigrina (f. 50r) – Soneto

- Ms. 49-III-49

Neste manuscrito, o romance *Não corrais, bela Maricas* está incompleto, começando pelo verso *Ah maldicoens; ah fortuna* (ff. 464r-464v).

Número de poemas: 27.

Eilo vay desenfreado (ff. 47v-48v) (an.) – Décimas
Graves, os estudantes bẽ nascidos (ff. 56v-57r) (an.) – Silva
Olhos pretos matadores (ff. 453r-453v) (an.) – Romance
Dona Brazia dos meus olhos! (ff. 454r-455v) – Romance
Rubi concha de perlas perigrina (f. 459r) – Soneto
O que valentemente as gotas das (ff. 459r- 459v) – Soneto
Aqui se esconde o corpo bem logrado (ff. 459v-460r) – Soneto
P.º Giram, se a vossa Reverencia (ff. 460r-460v) – Soneto
Quis fazer o Carola seu papel (ff. 460v-461r) – Soneto
Lobo serval fantasma pecadora (f. 461r) – Soneto
Soror Dona barbata em q. vos pes (f. 461v) – Soneto
Esta vil polusam do entendimento (ff. 461v-462r) - Soneto
Fas an.º D. Maria (ff. 462r-462v) - Romance
Juis q. na sala livre (ff. 463r-464r) – Romance
Não corrais, bela Maricas, (ff. 464r-464v) (inc.) – Romance
Reverendo frade Loio (ff. 464v-466r) – Romance
A vos Pantalian da Silva (ff.466v-467r) – Romance
Foi Silvio p.º Alentejo (ff.467r-467v) – Romance
Dizeime S.º D. Pedro (f. 468r) – Romance
Por toda a Crux cristamm.º (f. 468v) – Décima
Se amor he fogo fatal (f. 468v) – Décima
Senhor An.º de Abreu (f. 469r) – Décima
Veio Beliza mui guapa (f. 469r) – Décima
Ca p.º os passos del Rey (f. 469v) – Romance
Sim senhor eu me vim dessa Cidade (ff. 469v-471v) – Silva
Meu Gregorio Martins Deam do Porto (ff. 472r-473v) – Silva
Que discretos sam e que polidos (ff.474r-476r) - Silva

▪ Ms. 49-III-50

Título: “Parnaso Poetico / Muza / Intertenida / De / Manoel Luís / Ribeiro. / Anno 1685”.

O romance *O tu Medico em ditongo* constitui uma réplica ao poema anterior: *Reverendo estagerista*.

Número de poemas: 11.

Madre perola algum dia (pp.83-85) – Romance
Sabe Deos Senhora minha (pp.85-86) – Romance
Foy Silvio p.º a fronteira (pp. 86-89) – Romance
Não corrais bella Maricas (pp. 154-156) – Romance
Olhos pretos matadores (pp. 296-297) (an.) – Romance
Absorto na quarta Esfera (pp. 396-398) (D. Tomás de Noronha) – Décimas

Corre por esta Cidade (pp. 446-457) (an.) – Décimas
Dizem que estais doente (pp. 505-506) (an.) – Décima
Reverendo frade Loyo (pp. 566-567) – Romance
Reverendo estagerista (pp. 567-568) – Romance
O tu Medico em ditongo (pp. 568-569) (an.) – Romance – Réplica

▪ Ms. 49-III-52

O poema *Assim diga me perde a Reverencia* apresenta-se como uma réplica ao soneto anterior: *Padre Girão se vossa Reverencia*.

Número de poemas: 8.

Basta Crispal q. todo o Mundo accusa (f. 63v) (A. Barbosa Bacelar) – Soneto
Acolá acolá acolá soa (f. 64v) (Jacinto Freire de Andrade) – Soneto
Se assim formosa Helena como es Sol (f. 68r) (D. Tomás de Noronha) – Soneto
Senhora Beatris foy o Demonio (f. 82r) (D. Tomás de Noronha) – Soneto
Oh tu q. sibilante bamboleas (f. 95r) – Soneto
Esta vil polução do entendimento (f. 95v) – Soneto
Padre Girão se vossa Reverencia (f. 97r) – Soneto
Assim diga me perde a Reverencia (f. 97v) (Padre Girão) – Soneto – Réplica

▪ Ms. 49-III-54

Número de poemas: 1.

Cagando estava a Dama mais fermoza (p. 91d) (an.) – Soneto

▪ Ms. 49-III-71

Título: “Poezias / do / célebre Poeta / D. Thomaz de Noronha / Extrahidas / de varios Manuscritos, onde pello / decurso do tempo foram encontradas; / e a mayor parte dellas, conferidas por / outras copias; e ultimam.^{te} organizadas / na ordem em que vão neste volume, / e escritas por / Antonio Correya Vianna / = Lisboa = / = 1780 =“.

Número de poemas: 6.

Se assim, Formoza, aquella q. he hũ Sol (p. 5) (D. Tomás de Noronha) – Soneto
Basta Cristel, q. todo o Mundo acuza (p. 28) (D. Tomás de Noronha) – Soneto
Amor me tem por vóz negro ferrado (p. 35) (D. Tomás de Noronha) – Soneto
Un soneto me manda hazer Violante (p. 36) (D. Tomás de Noronha) – Soneto

Cagando estava a Dama mais formosa (p. 38) (D. Tomás de Noronha) – Soneto
Senhor Antonio de Abreu (p. 259) (D. Tomás de Noronha) – Décima

- Ms. 49-III-72

Número de poemas: 1.

Basta Crespal, que todo o Mundo acuzar (p. 16) (A. Barbosa Bacelar) – Soneto

- Ms. 51-II-4

Número de poemas: 4.

Fui amar por meus pecados (f. 39v) – Romance

Tem me Sua Senhoria (ff. 39v-40r) – Romance

Deixai Senhora amariles (f. 40r) (an.) – Romance

Sabe Deos Senhora minha (ff. 40r-40v) (an.) – Romance

- Ms. 51-II-24

Número de poemas: 2.

Se assi, fermoza Elena, como es Sol (f. 178r) (an.) – Soneto

Senhora Mariana em q. vos pez (f. 180r) (an.) – Soneto

- Ms. 52-IX-1

Número de poemas: 1.

Absorto na quarta Esphera (ff. 342r-342v) (an.) – Décimas

2.6. Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

- Ms. 303

Número de poemas: 1.

Sou vivo sepulchro de Esperanças (f. 14r) – Soneto

▪ Ms. 318

Número de poemas: 1.

Bien malus mala malum te levaste (f. 73r) (D. Tomás de Noronha) – Soneto

▪ Ms. 321

Número de poemas: 5.

Se assim fermoza Helena como es sol (f. 23v) (D. Tomás de Noronha) – Soneto

Senhora Beatris foi o demonio (f. 33r) (António Rebelo de Brito) – Soneto

Un soneto me mando pedir Violante (f. 33v) (an.) – Soneto

Cagando estava a Dama mais fermoza (f. 89v) (an.) – Soneto

Rubim concha de perollas peregrina (f. 90v) – Soneto

▪ Ms. 324

Número de poemas: 2.

São os estudantes graves e polidos (ff. 186v-188r) (an.) – Silva

Basta Crisfal q. todo o mundo accuza (f. 198v) (an.) – Soneto

▪ Ms. 338

A indicação de autoria do primeiro poema arrolado é um acrescento, feito por outra mão.

O poema em décimas *Corre por esta cidade* surge por duas vezes (ff. 326v-329r e 405v-406r). Trata-se de dois poemas diferentes que apresentam o mesmo *incipit*.

O romance *Parte o medo p.^a Aveiro* (ff. 420v-421v) é uma réplica ao romance anterior de Sucarelo.

Número de poemas: 20.

São graves os Estudantes, e bem nascidos (ff. 310r-310v) – Silva

Cagando estava a Dama mais formoza (f. 325r) (an.) – Soneto

Guardadoras do gado deste outeyro (f. 325v) (A. Barbosa Bacelar) – Soneto

Corre por esta Cidade (ff. 326v-329r) (an.) – Décimas

Cheguei aqui às tres de quarta feira (f. 330r) – Soneto

Quis fazer o Carola o seo papel (f. 330r) – Soneto

Aqui se esconde o corpo bem logrado (ff. 330r-330v) – Soneto

Rubi, concha de perlas peregrina (f. 330v) – Soneto

Basta, Crisfal, q. todo o mundo acuzar (f. 330v) – Soneto
Acolá, acolá, e acolá soa (f. 330v) (Jacinto Freire de Andrade) – Soneto
Corre por esta cidade (ff. 405v-406r) (an.) – Décimas
Dona Brasia dos meus olhos (ff. 407v-408r) – Romance
Olhos pretos matadores (f. 408r) – Romance
Não corrais, bella Maricas (ff. 409v-410r) – Romance
Senhor Antonio de Abreu (f. 414v) (D. Tomás de Noronha) – Décima
Foi Sylvio p.^a o Alentejo (ff. 418r-418v) – Romance
Parte o medo p.^a Aveiro (ff. 420v-421v) (an.) – Romance - Réplica
Amor me tem por uos negro, e ferrado (f. 423r) (A. Barbosa Bacelar) – Soneto
Ò m.^{to} nobre, e sempre leal cid.^e (f. 430v) – Soneto
As valentias de Gaspar de Anhaya (f. 430v) – Soneto

▪ Ms. 353

Número de poemas: 1.

Saloya dos olhos verdes (pp. 158-159) (an.) – Romance

▪ Ms. 358

A miscelânea está datada de 1716.

Número de poemas: 1.

Besbelho comum de tres (p. 312) – Quintilha

▪ Ms. 359

O antepenúltimo texto constitui uma réplica, atribuída ao visado na sátira original, à silva *Meo Greg.^{ro} martins Deão do Porto* (ff. 161r-162r).

Número de poemas: 10.

Senhora Breatis foi o Demonio (ff. 55r-55v) (an.) – Soneto
Se assim fermoza Helena como es Sol (f. 57r) (an.) – Soneto
Buen malus mala malum te llevaste (f. 58v) (an.) – Soneto
Basta, chrisfal, q. todo o mundo acuzar (f. 69v) (an.) – Soneto
Senhora Mariana em q. vos pez (ff. 131v-132r) (D. Tomás de Noronha) – Soneto
Aqui debaixo desta pedra fria (ff. 132r-132v) (D. Tomás de Noronha) – Soneto
Meo Greg.^{ro} martins Deão do Porto (ff. 161r-162r) – Silva
Olaa Senhora Muza? (ff. 162r-163v) (Gregório Martins Ferrão) – Silva

Acolá, acolá, e acolá soa (ff. 270r-270v) (D. Tomás de Noronha) – Soneto
Padre Girão, se a vossa Reverencia (f. 270v) (an.) – Soneto

▪ Ms. 362

O romance *Ó tu Medico em ditongo* (ff.423r-424v) é uma réplica ao romance anterior *Reverendo estagirista* (ff. 422v-423r) atribuído a Sucarelo.

Número de poemas: 7.

Absorto na quarta esphera (ff. 211v-212r) (an.) – Décimas
Se assi fermoza Helena como es Sol (ff. 220v-221r) (D. Tomás de Noronha) – Soneto
Senhora Beatris, foi o Demonio (f. 221r) (D. Tomás de Noronha) – Soneto
Reverendo estagirista (ff. 422v-423r) – Romance
Ó tu Medico em ditongo (ff. 423r-424v) (Frei Jerónimo de Moura) – Romance – Réplica
Senhor quem paga o que deve (ff. 448r-449r) – Décimas
São brandos os Beirões, sam bem naçidos (ff. 458r-459v) (an.) – Silva

▪ Ms. 363

Número de poemas: 2.

Amor me tem por uos negro ferrado (f. 59v) (D. Tomás de Noronha) – Soneto
Cagando estaua, a Dama mais fermoza (f. 61v) (D. Tomás de Noronha) – Soneto

▪ Ms. 364

Número de poemas: 1.

Se assi fermoza Elena, como es sol (p. 42) (D. Tomás de Noronha) – Soneto

▪ Ms. 373

A miscelânea está datada de 1716.

O romance *Foi Silvio p.^a o Alentejo* (pp. 361-368) atribuído a Sucarelo é seguido pela respetiva réplica *Parte o medo p.^a Aveiro* (pp. 368-377).

Número de poemas: 6.

Por entre hūs bosques de Nymphas (pp. 303-308) – Romance
Reverendo frade Loio (pp. 352-357) – Romance
A vos Pantaleão da Silva (pp. 357-361) – Romance

Foi Silvio p.^a o Alentejo (pp. 361-368) – Romance

Parte o medo p.^a Aveiro (pp. 368-377 (Santos de Sousa) – Romance – Réplica

Olhos pretos matadores (pp. 377-379) – Romance

- Ms. 374

Número de poemas: 1.

Deixai S.^{ra} Amarilis (pp. 387-391) – Romance

- Ms. 382

Número de poemas: 1.

Reverendo frade Loyo (ff. 12v-13r) – Romance

- Ms. 383

Número de poemas: 2.

Bien malus, mala, malum te llevaste (f. 83v) (an.) – Soneto

Quando a fermosa mão Filis movia (f. 145r) (A. Barbosa Bacelar) – Soneto

- Ms. 384

Título: “Diversos / e / humanos versos / de / Fonseca / Tomo 1”.

Número de poemas: 1.

Não gosto, não, vida minha (ff. 124r-125r) (A. Fonseca Soares) – Romance

- Ms. 388

Número de poemas: 3.

São brandos os Beiroens, e bem nascidos (ff. 42v-44v) (an.) – Silva

No eres nieve, pues fueras derretida (f. 253v) (an.) – Soneto

Cagando estava a Dama mais fermoza (f. 277v) (an.) – Soneto

- Ms. 389

Número de poemas: 2.

Reverendo estadegista (ff. 21r-22v) (an.) – Romance

Madre perola algũ dia (ff. 170r-171r) (D. Tomás de Noronha) – Romance

▪ Ms. 390

Número de poemas: 8.

Senhora Brites foy o Demonio (ff. 59v-60r) (António Rebelo de Brito) – Soneto

Se assi fermoza Helena como es sol (ff. 60r-60v) (D. Tomás de Noronha) – Soneto

Temendo estava de nos (f. 251r) – Décima

Cagando estava a dama mais fermoza (ff. 290v-291r) (an.) – Soneto

P.^e Girão se a vossa reverencia (f. 295r) – Soneto

Basta Crisfal, q. todo o mundo accuza (ff. 295v-296r) (A. Barbosa Bacelar) – Soneto

São graves estudantes bem nascidos (ff. 298r-299r) (an.) – Silva

Aqui debaxo desta pedra fria (f. 300r) (D. Tomás de Noronha) – Soneto

▪ Ms. 391

Número de poemas: 9.

Senhor António de Abreu (ff. 18v-19r) (an.) – Décima

Un soneto me manda hazer Violante (f. 29v) (an.) – Soneto

Por toda a crus christamente (ff. 169r-169v) – Décimas

Bien malus mala malum te llevaste (ff. 229v-230r) – Soneto

As valentias de Gaspar de Anhaya (ff. 230r-230v) – Soneto

Padre Girão, se a vossa reverencia (ff. 251r-251v) – Soneto

Lobo cerval, fantasma peccadora (ff. 251v-252r) – Soneto

Vos Senhora Maria, em que vos pez (f. 252r) – Soneto

Neste insigne aparato que à vaidade (f. 252v) – Soneto

▪ Ms. 392

O soneto *Bien malus mala malum, te levaste* surge duas vezes (ff. 113r e 259r-259v).

Número de poemas: 10.

Que fio de ouro de cabelo ondado (f. 93r) (an.) – Soneto

Bien malus mala malum, te levaste (f. 113r) (an.) – Soneto

Se assim fermoza Helena como o Sol (f. 124r) (an.) – Soneto

Padre Girão, se a vossa reverencia (f. 140v) (D. Tomás de Noronha) – Soneto

Buen mallus, a, m te lebasto (ff. 259r-259v) (an.) – Soneto

Cagando estava a dama mais fermoza (ff. 272v-273r) (D. Tomás de Noronha) – Soneto
Aqui debaixo desta pedra fria (f. 275v) (D. Tomás de Noronha) – Soneto
Senhora Mariana em q. vos pes (f. 276r) (D. Tomás de Noronha) – Soneto
Senhora Beatriz foi o demonio (ff. 276v-277r) (D. Tomás de Noronha) – Soneto
Dizem q. estais doente (f. 287r) (D. Tomás de Noronha) – Décima

▪ Ms. 393

Número de poemas: 1.

Bien malus mala malum te llevaste (f. 83v) (an.) – Soneto

▪ Ms. 395

O romance *Olhos pretos matadores* vem repetido (ff. 87v-88r e 113r-113v).

Número de poemas: 6.

Fuy amar por meus pecados (ff. 4v-5v) (an.) – Romance
Olhos pretos matadores (ff. 87v-88r) – Romance
Robim, conchas de perlas perigrina (f. 88v) (an.) – Soneto
São brandos os beirões e bem nascidos (ff. 109r-110v) (A.Barbosa Bacelar) – Silva
Olhos pretos matadores (ff. 113r-113v) (an.) – Romance
Se assim formosa Helena como es sol (ff. 162r-162v) (an.) – Romance
Bien malus, mala, malum te levaste (f. 253v) (an.) – Soneto

▪ Ms. 396

Número de poemas: 1.

Meu Senhor Corregedor (ff. 139r-141r) – Romance

▪ Ms. 405

Número de poemas: 7.

Quando a menezes te falar na grade (f. 10r) – Soneto
Não corrais bella Maricas (ff. 27r-27v) – Romance
Dona Brizia dos meus olhos (ff. 35r-35v) – Romance
Senhor quem paga o q. deve (ff. 35v-36r) – Décimas
Ca p.^a os passos del Rey (ff. 36r-36v) (Peixoto) – Romance

Atrevido pensam.^{to} (f. 48v) (an.) – Romance
Reverendo estagirista (ff. 48v-49v) – Romance

▪ Ms. 510

Número de poemas: 2.

Vos Senhora Maricas em q. vos pes (f. 171v) (an.) – Soneto
São brandos os beiroes e bem nascidos (ff. 171v-172r) (an.) – Silva

▪ Ms. 516

Número de poemas: 3.

Cagando estaua a Dama mais fermoza (f. 107r) (an.) – Soneto
Un soneto me manda hazer Violante (f. 110r) (an.) – Soneto
Lobo serval, fantasma peccadora (f. 140v) (A. Barbosa Bacelar) – Soneto

▪ Ms. 526

A miscelânea está datada de 1716.

O último texto constitui uma réplica anónima ao soneto de Sucarelo *Padre Girião se a vossa Reverência* (ff. 206r-206v).

Número de textos: 17.

Rubi, concha de perlas perigrina (f. 53v) (Troilo de Vasconcelos) – Soneto
Se asim fermoza Hellena como es Sol (ff. 59r-59v) (Vasconcelos) – Soneto
Aqui debaxo desta pedra fria (ff. 72v-73r) (an.) – Soneto
Por mostrar millagroza a Divin.^{de} (ff. 113v-113v) (an.) – Soneto
S.^{ra} Beatris foi o Demonio (ff. 174r-174v) (D. Tomás de Noronha) – Soneto
S.^{ra} Marianna em q. vos pes (ff. 179v-180r) (an.) – Soneto
Malus, mala, malum declaraste (f. 191v) (an.) – Soneto
Un Soneto me mandou hazer Violante (ff. 203r-203v) (an.) – Soneto
Cagando estava a Dama mais fermoza (fl. 205r) (an.) – Soneto
Padre Girião se a vossa Reverência (ff. 206r-206v) – Soneto
Aqui cheguei as tres da quarta feira (f. 206v) – Soneto
Basta Crisphal q. todo o Mundo acuzo (f. 207r) (an.) – Soneto
Não há amor q. igualle ao da Fragona (ff. 218v-219r) (an.) – Soneto
Aqui se esconde o corpo bem logrado (f. 248v) – Soneto
Burro cerval fantasma peccadora (ff. 248v-249r) – Soneto

As vallentias de Gaspar de Anhaia (ff. 249r-249v) – Soneto

Diga asim me perdoe a Reverencia (ff. 249v-250r) (an.) – Soneto – Réplica

- Ms. 544

Número de poemas: 3.

Câ pera os passos del Rey (pp. 241-242) (Tomé Peixoto de Sá) – Romance

Que hides forro a partir (pp. 245-247) (Tomé Peixoto de Sá) – Romance

- Ms. 555

Número de poemas: 2.

Madre Perola algum dia (p. 126) (an.) – Romance

Se assim Feroza Elena como o sol (p. 161) (an.) – Soneto

- Ms. 1023

O segundo texto constitui uma réplica, atribuída ao visado na sátira original, ao anterior.

Número de poemas: 2.

Meu Gregorio Martins Deão do Porto (ff. 31r-32r) – Silva

Ola Snra Musa (ff. 32r-33v) (Gregório Martins Ferreira) – Silva

- Ms. 1069

O poema está incompleto.

Número de poemas: 1.

São brandos os Beirois e bem nascidos (ff. 20v-22r) (inc.) – Silva

- Ms. 1080

Título: “Flores de Poesia de diversos Autores.”.

Número de poemas: 1.

Heilo vai desemfreado (ff. 137v-140r) (Marçal Casado) – Décimas

▪ Ms. 1134

O primeiro e o terceiro textos estão relacionados com o episódio que serve de base à décima de João Sucarelo *Aqui S.^r Regedor*. A indicação de autoria relativa ao soneto *Bien malus, mala, malum te llevaste* (f. 186r) está feita com tinta diferente, sendo possivelmente posterior.

Número de poemas: 6.

Daqui Senhor Regedor (ff. 70v-71r) (Duarte Ribeiro de Macedo) – Décima

Aqui S.^r Regedor (ff. 71r-71v) – Décima

De hũa em outra esper.^{ca} (f. 71v) (D. Rodrigo de Meneses) – Décima

Bien malus, mala, malum te llevaste (f. 186r) (Félix Barreiros) – Soneto

Snra Beatris foi o demonio (f. 186v) (an.) – Soneto

Os Estudantes são meigos, bem nacidos (ff. 360r-362v) (an.) – Silva

▪ Ms. 1553

Número de poemas: 1.

Senhor Antonio d' Abreu (f. 168v) – Décima

▪ Ms. 1636

Número de poemas: 8.

Cagando estaua a Dama mais fermoza (p. 83) (D. Tomás de Noronha) – Soneto

O q. valentem.^{te} as gotas dâs (p. 84) – Soneto

Rubî, concha de perlas peregrina (p. 89) – Soneto

Aonio, q. de Celia namorado (p. 90) – Soneto

Quando Maria te falar na grade (p. 91) – Soneto

Sapateiro moncozo o mēbro estava (p. 92) – Soneto

Aquî cheguei às trez da quarta feira (p. 93) – Soneto

Se assim, fermoza Elena, como es sol (p. 94) (D. Tomás de Noronha) – Soneto

▪ Ms. 2829

Número de poemas: 3.

Bien, malus, mala, malum te llevaste (ff. 15v-16r) (an.) – Soneto

Horas breves de meu contentamento (ff. 24v-25r) – Soneto

Un soneto me manda hazer Violante (ff. 43v-44r) (an.) – Soneto

- Ms. 2998

O manuscrito apresenta o seguinte título: “Romances Portugueses / de Antonio d’ Afonseca, q. / depois se chamou Fr. An / tonio das Chagas”.

Número de poemas: 1.

Saloya dos olhos verdes (ff. 134r-134v) (A. Fonseca Soares) – Romance

- Ms. 3029

Número de poemas: 2.

Un soneto me m.^{da} hazer Violante (f. 161v) (an.) – Soneto

Senhora Beatris he o Demonio (ff. 193v-194r) (an.) – Soneto

- Ms. 3246

Número de poemas: 1.

Senhora Dona Madalena he o demonio (f. 152r) (D. Francisco Rolim) — Soneto

2.7. Biblioteca Histórica do Ministério das Relações Exteriores do Rio de Janeiro (Biblioteca do Itamarati)

- Ms. L.15-2 – Volume I

Trata-se de um códice em quatro volumes que reúne poesia de Gregório de Matos. A folha de rosto deste primeiro volume apresenta o seguinte título: “Obras / Sacras, e Moraes / do Doutor / Gregorio de Mattos Guerra / Natural q. foy da cidade da Bahia / de Todos os Sanctos capital dos Estados / do Brazil. / Tomo 1.^o / das suas composições Metricas / Em q. no princípio se inclûe a sua vida / escrita por hũ Am.^{te} da sua memoria: / E depois apurada melhor por outro / curiozo Engenho”.

Número de poemas: 1.

Entre as partes do todo, a melhor parte (p. 17) (Gregório de Matos) – Soneto

▪ Ms. L.15-2 – Volume II

Título: “Obras / profanas / do Doutor / Gregorio de Mattos Guerra / Natural q. foy da cidade da Bahia de Todos / os Sanctos, capital dos Estados da / America Portugueza. / Tomo 2.º / das suas composições metricas / Escriptas, e destribuhidas aqui pella / ordem, e divizão dos Metros”.

Número de poemas: 1.

Rubim, concha de perlas perigrina (p. 67) (Gregório de Matos) – Soneto

▪ Ms. L.15-2 – Volume III

Título: “Obras / profanas / do Doutor / Gregorio de Mattos Guerra / natural q. foi da cidade da Bahia / de Todos os Sanctos, capital dos Es- / tados da America Portugueza / Tomo =3.º / das suas composições metricas / copiadas, e destribuidas aquî pella / devizam dos metros”.

Número de poemas: 1.

Não corrais bella Maricas (pp. 368-372) (Gregório de Matos) – Romance

2.8. Biblioteca de Menéndez Pelayo

▪ Ms. 268

Número de poemas: 1.

Bien malus, mala, malum te llevaste (p. 154) (an.) – Soneto

2.9. Biblioteca Municipal de Coimbra

▪ Ms. B 52/3

Título: “Alvergue / das / Muzas / he de / An.¹⁰ da Sylua / anno de 1690”.

Número de poemas: 10.

Reduzistes menina em tanto excesso (pp. 119-122) – Silva

Meu Duarte Rybeyro (pp. 122-124) – Silva

Olhos pretos matadores (p. 188) – Romance

Reverendo estagerista (pp. 191-193) – Romance

Pois q. dos meos disbarates (pp. 193-194) – Romance
Sabe D.^s S.^a minha (pp. 200-201) – Romance
Madre perola algũ dia (pp. 201-202) – Romance
Não corrais bella Maricas (pp. 202-203) – Romance
Fui amar por meos peccados (pp. 203-204) – Romance
Dizemme q. estais doente (p. 216) (Dr. Peixoto) – Décima

2.10. Biblioteca Nacional de Portugal

– Arquivo Tarouca

- Ms. 287L

Número de poemas: 1.

Venceo a morte, oh Fabio, a fermozura (f. 48v) – Soneto

– Códices

- Cod. 589

Número de poemas: 1.

Buen malus, a, um te llebaste (p. 14) (D. Tomás de Noronha) – Soneto

- Cod. 1650

Título: “Flores do Parnazo / semeadas / Por muy diversos Autores, / regadas / com as ourinas de Apollo; / Em os Campos de Minerva, / e nas palestras de Flora. / Tudo feito / Com as licencas de Apollo / ás instancias de Cupido / com os aplauzos de Venus / Nas faldas do Monte Pindo / Impresso / Na ofecina do Pegazo, / á custa / De João Cardozo da Costa / com privilegio / De toda a galantaria / Anno curiozo de 1729”. Acima do título vem a indicação “Tomo Primeiro [esta palavra está riscada] aliás 5.º”.

Número de poemas: 4.

Senhora Dona Barbata, em que vos pés (p. 132) (A. Barbosa Bacelar) – Soneto

Bien malus mala malum me llamaste (pp. 343-344) (an.) – Soneto

Padre girão, se vossa reverencia (p. 349; riscado) (an.) – Soneto

São brandos os Beyroens, e bem nascidos (pp. 449-453) (an.) – Silva

- Cod. 3070

Número de textos: 1.

Ca para os Paços del Rey (ff. 253r-253v) (Peixoto) – Romance

- Cod. 3106

Número de poemas: 8.

Snra Britis foi o demonio (f. 49v) (D. Tomás de Noronha) – Soneto

Snra Mariana em q. vos pes (f. 59v) (D. Tomás de Noronha) – Soneto

Aqui debaixo desta pedra fria (ff. 59v-60r) (D. Tomás de Noronha) – Soneto

Se assim fermosa aquella q. he sol (ff. 61r-61v) (D. Tomás de Noronha) – Soneto

Buen malus mala malum te llebaste (f. 65v) (an.) (inc.) – Soneto

Basta Crisfal q. todo o mundo acusa (ff. 65v-66r) (an.) – Soneto

Un soneto me mando haser Violante (f. 125v) (an.) – Soneto

Horas breves de meu contentam.^{to} (ff. 125v-126r) (Infante D. Luís) – Soneto

- Cod. 3581

Título: “Sonetos / A varios assumptos / escriptos / No anno de 1740”.

Número de poemas: 6.

Lobo sensual fantasma peccadora (f. 21r) (an.) – Soneto

Ruby, concha de perollas peringrinas (f. 32r) (an.) – Soneto

Amor por vos me tem negro ferrado (f. 81v) (an.) – Soneto

Cagando estaua a Dama mais fermoza (f. 82r) (an.) – Soneto

Se assim fermoza Dama, como és Sol (f. 91v) (an.) – Soneto

Aqui debaixo desta pedra fria (f. 106v) (an.) – Soneto

- Cod. 3582

Título: “Obras / Curiozas / de Varios Autores / Colegidas por certo / Curiozo / Parte 1 / Anno de 1728”.

Número de poemas: 1.

Buen malus mala malum te llevaste (ff. 175v-176r) (an.) – Soneto

▪ Cod. 4259

Número de poemas: 8.

Horas breves do meu contentamento (p. 33) (Infante D. Luís) - Soneto
Un soneto me mando hazer Violante (p. 86) (an.) – Soneto
Se assi fermoza Elena como es Sol (p. 88) (D. Tomás de Noronha) – Soneto
Perdeuse menga por Braz (pp. 132-133) – Romance
Sabereis mana Maricas (pp. 133-135) – Romance
Dizeisme Snor. Dom Pedro (pp. 135-136) – Romance
Dizemme que andais doente (pp. 163-164) – Décima
Em muzico duello contendião (p. 176) (A. Barbosa Bacelar) – Soneto

▪ Cod. 4332

Número de poemas: 5.

Basta cristal, que todo o Mundo acusa (f. 19r) (an.) – Soneto
Se assim fermosa Elena, como es sol (f. 39r) (an.) – Soneto
Un Soneto me mandou hazer Violnte (f. 55v) (an.) – Soneto
No eres nieve que fueras derretida (f. 98r) (an.) – Soneto
Senhora Breatis foi o Demonio (f. 137v) (an.) – Soneto

▪ Cod. 6204

A paginação do poema *Brandos os Estudantes bem nascidos* está errada, repetindo-se a p. 294.

Número de poemas: 7.

Brandos os Estudantes bem nascidos (pp. 291-[295]) – (an.) – Silva
Un soneto me manda hazer Violante (p. 355) (an.) – Soneto
Senhora Beatriz, foi o Demonio (p. 660) (an.) – Soneto
Aqui debaixo desta pedra fria (p. 680) (an.) – Soneto
Madre Dona Barbata em que vos péz (p. 681) (an.) – Soneto
Aonio, que de Celia namorado (p. 811) (an.) – Soneto
Bien malus mala malum te llevaste (p. 816) (an.) – Soneto

▪ Cod. 6269

As décimas *Corre por esta Cidade* surgem por duas vezes (ff. 210v-213v e ff. 213v-214r). Trata-se de dois poemas diferentes que apresentam o mesmo *incipit*.

Número de poemas: 32.

- Que ides forro a partir* (f. 41v) (an.) – Romance
Senhora Beatris, foi o Demonio (f. 84r) (an.) – Soneto
Soror Dona Barbata em que vos pés (f. 86v) (A. Barbosa Bacelar) – Soneto
Guardadoras do gado deste outeiro (f. 87v) (A. Barbosa Bacelar) – Soneto
Se asim fermoza Elena como es sol (ff. 89v-90r) (an.) – Soneto
Cheguei aqui as tres da quarta feira (ff. 91r-91v) – Soneto
Aqui debaixo desta pedra fria (f. 91v) – Soneto
Quis fazer o Carola o seu papel (f. 92r) – Soneto
Lobo serval, fantasma pecadora (ff. 92r-92v) – Soneto
Aqui se esconde o corpo bem logrado (f. 93v) – Soneto
Padre girão, se a Vosa Reverencia (ff. 93v-94r) – Soneto
Rubi concha de perlas peregrina (f. 94r) – Soneto
Esta vil polução do intendimento (f. 94v) – Soneto
Que fio de ouro, que cabelo ondado (f. 99v) (an.) – Soneto
Basta, Cristal, que todo o mundo acuza (ff. 100r-100v) (an.) – Soneto
Acolá, acolá, e acolá soa (f. 108v) (Jacinto Freire de Andrade) – Soneto
Meu Gregorio martins Deam do Porto (ff. 154r-154v) – Silva
Q. discretos q. sam, e q. polidos (ff. 154v-155r) – Silva
Sim Senhor, eu me vim dessa Cidade (ff. 155r-156r) – Silva
Absorto na quarta esphera (f. 198v) (inc.) (an.) – Décimas
Senhor Antonio de Abreu (f. 205r) (D. Tomás de Noronha) – Décima
Dizemme q. andais doente (f. 206v) (an.) – Décima
Corre por esta Cidade (ff. 210v-213v) (an.) – Décimas
Corre por esta Cidade (ff. 213v-214r) (an.) – Décimas
Reverendo estagerista (ff. 246v-247r) – Romance
Dona Brazia dos meus olhos (ff. 259r-260r) – Romance
Olhos pretos matadores (f. 262v) – Romance
Não corraes, bela Maricas (ff. 269r-269v) – Romance
Qua para os passos del Rey (f. 270v) (an.) – Romance
Avos Pantaliam da Silva (f. 293r) (an.) – Romance
Foi Sylvio para Alenteio (ff. 296v-297r) (an.) – Romance
Madre perola, algũ dia (ff. 298r-298v) (an.) – Romance

▪ Cod. 8575

O romance *Oh tu Medico em ditongo* (ff. 136r-137r) é a réplica de Frei Jerónimo de Moura ao poema anterior.

Número de poemas: 5.

Foy Silvio para o Alentejo (ff. 58r-59r) – Romance

Perdeuse Menga por Bras (ff. 88r-88v) – Romance

Reverendo Estagerista (ff. 135v-136r) – Romance

Oh tu Medico em ditongo (ff. 136r-137r) (Frei Jerónimo de Moura) – Romance

Madre perola algum dia (f. 188v) – Romance

▪ Cod. 8581

Número de poemas: 1.

Sobindo a tam alta esfera (f. 33v) (D. Tomás de Noronha) – Décimas

▪ Cod. 8594

Número de poemas: 1.

Sobindo a tão alta Esphera (ff. 23r-23v) (D. Tomás de Noronha) – Décimas

▪ Cod. 8599

Número de poemas: 1.

Se assim fermoza Elena como hês Sol (p. 433) (an.) – Soneto

▪ Cod. 8600

Título: “Devertimento honesto / Para ociozos / E emtretenimento Coriozo / Para emtendidos / Na varied.^e de alguas obras em pro- / za e versso, ao devino e humano, q. / fizerão varios emgenhos com / forme as ocazioens, q. tive= / rão e assumptos q. se oferecerão / recopiladas / Neste Livro pello P.^e Fr. M.^{el} Prega- / dor dos relig.^o de São Francisco / da Prov.^a dos Algarves / 2 Tomo / P.^a as oras de riciação das cazas de fo- / go em as noites de Inverno e das / tardes de campo e passeio / da ribeira / Anno Dni. 1706”.

Número de poemas: 1.

Senhora Beatris foi o demonio (p. 440) (D. Tomás de Noronha) – Soneto

- Cod. 8611

Número de poemas: 1.

Pois q. de meus desbarates (ff. 233r-234v) – Romance

- Cod. 8625

Número de poemas: 1.

Lobo cerval fantasma peccadora (p. 15) (an.) – Soneto

- Cod. 8632

Número de poemas: 2.

Reverendo frade Loio (pp. 254-257) – Romance

Quero te contar Geraldo (pp. 284-289) – Romance

- Cod. 10894

Título: “Universidade / De / Eloquentia / Dividida em sinco Aulas, / q. comprehendem Obras / principalm.^{te} de Talentos Por- / tugueses. / Recopiladas de varios manuscriptos / por João Pereyra da Costa em Lx.^a / anno de 1703.”

A indicação de autoria do primeiro poema arrolado é um acrescento, feito por outra mão.

Número de poemas: 8.

Un soneto me mandó hazer Violante (p. 308) (Lope de Vega, acresc.) – Soneto

Aquolá, aquolá, aquolá soa (p. 311) (Jacinto Freire) – Soneto

Buen malus mala malum te llevaste (p. 316) (an.) – Soneto

Em hum musico duelo contendião (pp. 347-348) (A. Barbosa Bacelar) – Soneto

Senhora Mariana, em q. vos pez (pp. 356-357) (D. Tomás de Noronha) – Soneto

Basta, crisfal, que todo o mundo acusa (pp. 360-361) (A. Barbosa Bacelar) – Soneto

Se assim fermoza Helena como es sol (p. 429) (an.) – Soneto

Dona Barbata Snr, em q. vos pez (pp. 490-491) – Soneto

▪ Cod. 12932

Número de poemas: 1.

Sam os Estudantes bons e bem nascidos (ff. 100r-101v) (an.) – Silva

▪ Cod. 13098

Número de poemas: 6.

Acolá, acolá e acolá sóa (p. 207) (an.) – Soneto

Cheguei aqui às três da quarta feira (p. 230) (an.) – Soneto

Se assim, fermoza Helena, como es sol (p. 253) (an.) – Soneto

Soror Dona Barbora, em que nos pez (p. 255) (an.) – Soneto

Em musico duelo contendiaõ (p. 272) (an.) – Soneto

Senhora Beatriz, foi o Demonio (p. 375) (D. Tomás de Noronha) – Soneto

▪ Cod. 13217

As décimas *Engenho agudo mostrastes* (ff. 254v-255r) encontram-se repetidas nos ff. 261r-261v. A autoria das primeiras é atribuída a Sucarelo, enquanto que as segundas são dadas como anónimas.

O romance *Parte o medo p.^a Aveiro* (ff. 268v-269v) apresenta-se como uma réplica ao texto anterior *Foi silvio pera Alentejo* (ff. 267v-268v), sendo este atribuído a João Sucarelo. No anterior, no final da legenda, vem uma inscrição cujo sentido não conseguimos apurar: *A Baros*. Tratar-se-á de uma indicação de autoria?

O soneto *Aqui debaixo desta Pedra fria* ocorre duas vezes (ff. 267v e 278v).

Número de poemas: 20.

Senhora Briatris foi o demonio (f. 48r) (António Rebelo de Brito) – Soneto

Quam malus, mala, malum, te llamaste (f. 77r) (an.) – Soneto

Amigo quem Paga o q. deve (ff. 95 r-95v) - Décimas

Por entre hus bosques de ninphas (ff. 234r-234v) – Romance

Engenho agudo mostrastes (ff. 254v-255r) – Décimas

Seis horfas, e munto honradas (ff. 255r-255v) – Décimas

Por vida del Rey dom Sancho (f. 255v) (an.) – Décimas

Senhora tudo me dais (ff. 255v-256r) (an.) – Décima

Engenho agudo mostrastes (ff. 261r-261v) (an.) – Décimas

Minha Anarda Cuja vos (ff. 265v-267r) – Romance

Aqui debaixo desta Pedra fia [sic] (f. 267v) (an.) – Soneto
Foi silvio pera Alentejo (ff. 267v-268v) – Romance
Parte o medo p.^a Aveiro (ff. 268v-269v) (an.) – Romance – Réplica
Aqui debaixo desta Pedra fria (f. 278v) (D. Tomás de Noronha) – Soneto
Rubi concha de perlas peregrina (ff. 291v-292r) (Fernão Correia de Lacerda) – Soneto
Absorto na quarta espehera (ff. 307r-308r) (an.) – Décimas
Eylo vay desemfriado (ff. 308r-309r) – Décimas
Depois que Auzente paso mi trabalho (f. 309v) – Soneto
Pois q. vos fostes traidora (f. 309v) (an.) – Décima
Como estais aqui linda prenda mia (f. 310r) – Soneto
Padre Girão se a vosa Reverencia (ff. 328r-328v) – Soneto
Dizemme q. estais doente (f. 383r) (Baía) – Décima

▪ Cod. 13218

Número de poemas: 6.

Manda o Senhor Dom Miguel (ff. 19v-21v) – Romance
Perdeose Menga por Braz (ff. 21v-22v) (an.) – Romance
Dizeisme, Senhor Dom Pedro (ff. 22v-23v) (an.) – Romance
Saloya dos olhos verdes (ff. 23v-24v) (an.) – Romance
Sabereis, mana Maria (ff. 24v-25v) – Romance
Faz anos Donna Maria (ff. 25v-27r) (an.) – Romance

▪ Cod. 13221

Título: “Colleçam / Poetica / de / varis obras / De Engenhos portuguezes. / Lisboa / An-
no de =1757=”.

Número de poemas: 4.

Soror Dona barbata, em que vos pez (p. 70) – Soneto
Cheguei aqui a trez em quarta feira (p. 71) (an.) – Soneto
As valentias de Gaspar de Anhaya (p. 72) (an.) – Soneto
Aqui se esconde o corpo bem logrado (p. 73) (an.) – Soneto

▪ Cod. 13371

Número de poemas: 4.

Bueno, malus, mala, malum te llevaste (f. 30v) (D. Tomás de Noronha) – Soneto

Aqui se esconde o corpo mal logrado (f. 91v) – Soneto

Cagando estava a Dama mais fermosa (f. 94v) (A. Barbosa Bacelar) – Soneto

Senhor quem paga o que debe (ff. 123v-124v) – Décimas

– **Pombalina**

- Ms. 131

Número de poemas: 1.

Dizemme que andais doente (p. 85) (D. Tomás de Noronha) – Décima

- Ms. 132

Número de poemas: 1.

Dizemme que andais doente (f. 99v) (an.) – Décima

- Ms. 133

A silva *São brandos os beirões e bem nasidos* (ff.115v-116r) continua nos ff. 158v e160r; os ff 159r e 159v não existem.

Número de poemas: 23.

Senhora mariana, em que vos pes (f. 21v) – Soneto

Aqui chegei as tres de Coarta feira (f. 25v) – Soneto

Lobo serval, fantasma pecadora (f. 29v) – Soneto

As valentias de gaspar de anhaia (f. 31v) – Soneto

Aqui deBaxo desta pedra fria (f. 35r) – Soneto

Não há amor que i goale ao da fragona (f. 37v) (D. Tomás de Noronha) – Soneto

Senhora beatrix foi o demonio (f. 38v) (D. Tomás de Noronha) – Soneto

Amor me tem por vós, negro ferrado (f. 47v) – Soneto

Aonio, que de Selia namorado (f. 67v) – Soneto

Quando menezes te falar na grade (f. 87v) (D. Tomás de Noronha) – Soneto

Rubi concha de perlas peregrina (f. 89v) (D. Tomás de Noronha) – Soneto

No eres nieve, que fueras derretida (f. 90v) – Soneto

Dizemme que estais doente (f. 105v) – Décima

Senhor, quem paga o que deve (ff. 107v-109r) – Décimas

São brandos os beirões e bem nasidos (ff.115v-116r; cont. ff. 158v e 160r) (an.) – Silva

meu duarte Ribeiro (ff. 126r-126v) – Silva

Sabe deos Snr.^a minha (ff. 130r-130v) – Romance
Olhos pretos matadores (ff. 134v-135r) – Romance
Isto sim boto a cristo (ff. 150v-151r) – Silva
pois que de meus disbarates (ff. 151v-153r) – Romance
Se cõ saudades partistes (ff. 154v-158v) – Quintilhas
Margarida mais fermoza (ff. 241r-242v) – Romance
Fui amar por meus pecados (ff. 242v-243v) – Romance

2.11. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

- Cofre 50.1.11

O códice reúne poesia de Gregório de Matos.

Número de poemas: 1.

Entre as partes do todo, a melhor parte (p. 65) (Gregório de Matos) – Soneto

- Cofre 50.2.1

O manuscrito recolhe poesia atribuída a Gregório de Matos.

Número de poemas: 3.

Rubí, concha de perlas peregrina (p. 69) (Gregório de Matos) – Soneto

Lobo cerval, phantasma peccadora (p. 75) (Gregório de Matos) – Soneto

Senhora Beatriz, foi o demonio (p. 76) (Gregório de Matos) – Soneto

- Cofre 50.2.1A

Título: “Doutor / Gregorão / de / Mattos Guerra”.

Número de poemas: 3.

Senhora Marianna, em que vos pez (pp. 46-47) (Gregório de Matos) – Soneto

Eylo vay desemfriado (pp. 57-63) (Gregório de Matos) – Décimas

Lobo cerval, Fantasma peccadora (pp. 292-293) (Gregório de Matos) – Soneto

- Cofre 50.2.2

O códice reúne poemas de Gregório de Matos.

Número de poemas: 1.

Dizemme Senhor Dom Pedro (pp. 389-391) (Gregório de Matos) – Romance

- Cofre 50.2.3

Este manuscrito recolhe composições de Gregório de Matos.

Número de poemas: 5.

Lobo serval, fantasma peccadora (pp. 265-267) (Gregório de Matos) – Soneto

Padre Girão, se a vossa reverencia (pp. 289-290) (Gregório de Matos) – Soneto

Se assim fermoza dama como es sol (pp. 294-295) (Gregório de Matos) – Soneto

Rubi, concha, de perolas peregrina (pp. 295-296) (Gregório de Matos) – Soneto

Bien malus mala malum te llevaste (pp. 329-330) (Gregório de Matos) – Soneto

- Ms. I – 13, 3, 20

Número de poemas: 2.

Padre Girão se Vossa Reverença (p. 67) (an.) – Soneto

Rubi, concha de perlas peregrina (p. 100) – Soneto

2.12. Biblioteca Pública de Évora

– Fundo Manizola

- Ms. 173

Número de poemas: 7.

Horas breves do meu Contentamento (f. 48v) – Soneto

Senhora Mariana, em que vos pes (ff. 90v-91r) (D. Tomás de Noronha) – Soneto

Senhora Beatris foi o demonio (f. 91v) (an.) – Soneto

Madre Perolla algum dia (ff. 94v-95r) (an.) – Romance

Manda o Sr. D. Miguel (ff. 159v-160r) – Romance

Bien malus mala malum te llevaste (ff. 295r-295v) (an.) – Soneto

Cagando estaua a Dama mais fermoza (f. 296r) (an.) – Soneto

- Ms. 303

O códice reúne poesia de Gregório de Matos.

Número de poemas: 1.

Lobo cerval, phantasma pecadora (f. 191v) (Gregório de Matos) – Soneto

- Ms. 304(a)

Número de poemas: 8.

Cagando estaua a dama mais fermoza (f. 387v) – Soneto

Concha de ricas perlas peregrina (ff. 387v-388r) – Soneto

Se asy, fermoza Helena, como es sol (f. 389r) (Pena Correia) – Soneto

Senhora Beatriz foi o Demonio (f. 389v) (an.) – Soneto

Aqui de baixo desta pedra fria (f. 394r) – Soneto

Por mostrar milagroza a Devindade (ff. 395v-396r) – Soneto

Em muzico duelo contendião (f. 396r) (A. Barbosa Bacelar) – Soneto

Bien malus, mala, malum te llamaste (f. 396v) (an.) – Soneto

- Ms. 587

Título: “Obras Sacras / do / Dr. Gregorio de Mattos Guerra / precedidas / da sua vida e morte / por / Manoel Pereira Rebello”.

Número de poemas: 1.

Entre as partes do todo, a melhor parte (p. 63) (Gregório de Matos) – Soneto

– **Fundo Rivara**

- Ms. Armário I, 29

Os poemas arrolados vêm na segunda série da miscelânea (pp. 1-270). Para evitar confusões na identificação das páginas, optámos por indicar a parte do códice (“II”) antes do número da página.

Número de poemas: 14.

Soror D. Barbata, em q. vos pez (II, p. 3) (an.) – Soneto

Cheguey aqui as tres da quarta fr.^a (II, p. 4) (an.) – Soneto

São brandos os Beyroes, e bem nascidos (II, pp. 125-128) (an.) – Silva

Por esta cruz christã.^{te} (II, p. 154) (an.) – Décimas
Se amor he fogo fatal (II, p. 155) (an.) – Décima
Dizeisme Snr. D. Pedro (II, pp. 155-156) (an.) – Romance
A vos Pantaleão da Silva (II, pp. 156-157) (an.) – Romance
Saloya dos olhos verdes (II, pp. 157-158) (an.) – Romance
Sabereis Mana Maria (II, p. 158) (an.) – Romance
Faz annos D. Maria (II, p. 159) (an.) – Romance
Veyo Eliza muyto guapa (II, p. 160) (an.) – Décima
Foy Silvio p.^a Alentejo (II, pp. 160-162) (an.) – Romance
Queyxase o mar de Sodoma (II, pp. 169-170) (an.) – Romance
Não corrais, bella Maricas (II, pp. 171-172) – Romance

▪ Ms. CV / 2-6

O códice apresenta três séries de paginação. O soneto inventariado surge na última dessas séries. Para facilitar a identificação das páginas, optámos por indicar a parte do códice (“I” ou “III”) em que vêm os poemas.

Número de poemas: 2.

Cagando estava a Dama mais fer.^{za} (I, f. 114r) (an.) – Soneto
Bien malus, mala, malum me lamaste (III, f. 55v) (an.) – Soneto

▪ Ms. CXII / 1-2d

Número de poemas: 1.

Bom malus, mala, malum me levaste (f. 53v) (an.) – Soneto

▪ Ms. CXII / 1-10

Número de poemas: 2.

Cagando estava a Dama mais formosa (f. 148v) – Soneto
Em hum muzico duelo contendião (f. 176v) – Soneto

▪ Ms. CXIV / 1-13d

Número de poemas: 1.

Se assi formosa Helena como es Sol ([f. 70r]) (D. Tomás de Noronha) – Soneto

- Ms. CXIV / 1-14d

Número de poemas: 3.

Aqui debaixo desta pedra fria (ff. 199r-199v) (D. Tomás de Noronha) – Soneto
Senhor Antonio de Abreu (f. 200r) (D. Tomás de Noronha) – Décima
Queixaço o Mar de Sodoma (ff. 203r-203v) (D. Tomás de Noronha) – Romance

- Ms. CXIV / 1-32d

Número de poemas: 2.

Aqui debaixo desta pedra fria (s/p) (an.) – Soneto
Senhora Beatris foi o dominio [sic] (s/p) (D. Tomás de Noronha) – Soneto

- Ms. CXXX / 1-17

Número de poemas: 2.

Heilo vai dezfreado (ff. 79r-80r) (Marçal Casado) – Décimas
S.º Antonio de Abreu (f. 142v) (an.) – Décima

2.13. Biblioteca Pública Municipal do Porto

– Fundo Azevedo

- Ms. 21

Número de poemas: 2.

Quando a fermoza mão filis movia (ff. 115r-115v) – Soneto
Meu Senhor corregedor (ff. 265v-267r) (A. Fonseca Soares) – Romance

- Ms. 22 – Volume II

Título: “Poesias / de / Gregorio de Mattos Guerra / Tomo 2.º”.

Número de poemas: 1.

Ei-lo vai dezfreado (pp. 153-157) (Gregório de Matos) – Décimas

▪ Ms. 41

Número de poemas: 2.

Meu Senhor Corregedor (ff. 169v-171r) (an.) – Romance

Dizem-me que andaes doente (f. 316v) (an.) – Décima

– **Fundo Geral**

▪ Ms. 127

O romance *O tu medico em ditongo* (ff. 199r-199v) é uma réplica ao anterior, *Reverendo Estagerista* (ff. 198r-198v).

Número de poemas: 8.

Em hum muzico duelo contendião (ff. 46r-46v) (an.) – Soneto

Dizem me q. estais doente (f. 125r) (an.) – Décima

Termendo esteue de nos (f. 178v) (an.) – Décima

Elle vay dezenfriado (ff. 187r-188r) (Marçal Casado Jácome) – Décimas

Reverendo Estagerita (ff.198r-198v) (an.) – Romance

O tu medico em ditongo (ff. 199r-199v) (an.) – Romance

Reverendo frade Loyo (ff. 199v-200r) – Romance

Corre por esta cidade (ff. 204v-208r) – Décimas

▪ Ms. 394

O segundo poema, que se apresenta habitualmente sob a forma de décima, tem apenas os primeiros quatro versos na versão deste manuscrito.

Número de poemas: 2.

Disemme q. estais doente [f. 110v] (an.) – Décima

Sr. Fran.^{co} de Abreu [f. 119r] (an.) (inc.) – Décima

▪ Ms. 679

Título: “Obras / Poeticas Do / Doutor / Antonio Barbosa Bacelar Desembargador / da Casa da Supplicação Juiz da Capella del Rei / D. A.^o 6.^o e Dez.^{or} dos Agravos da junta dos / contos do Reino, e Fiscal da dos tres estados / nomiado Prior da Magadalena da Cidade de / Lisboa donde era natural. / Tresladas / Por industria de Christovão Alão de Moraes / sendo corregedor das Commarcas de / Coimbra / No Anno / De / MDCLXXX”.

Número de poemas: 1.

Basta Crisfal, q. todo o mundo accuza ([ff. 70r-70v]) (A. Barbosa Bacelar) – Soneto

- Ms. 705

Número de poemas: 3.

Se assim fermosa Elena como es sol (f. 25r) – Soneto

Disem q. estais doente (f. 43r) (an.) – Décima

Absorto na quarta esfera (ff. 149v-150v) (D. Tomás de Noronha) – Décimas

- Ms. 751

Número de poemas: 1.

Cà p.^a os paços del Rey ([f. 52r]) (an.) – Romance

- Ms. 950

Número de poemas: 1.

Horas breves do meu contentamento ([ff. 171r-171v]) (Infante D. Luis) – Soneto

- Ms. 1045

Número de poemas: 6.

Buen, mallus, malla, mallum te levaste (f. 10r) (an.) – Soneto

Dizemme q. estais doente (ff. 22v-23r) (an.) – Décima

Horas breves de meu contentam.^{to} ([ff. 24r-24v]) (an.) – Soneto

Aqui debaixo desta pedra fria (f. 57r) (an.) – Soneto

Não corrais bella mariqua (ff. 66v-67v) – Romance

Heilo vai de sem friado (ff. 89r-91r) (an.) – Décimas

- Ms. 1121

Número de poemas: 5.

Se asim fermoza Elena como es Sol ([f. 12r]) (Fernão Correia de Lacerda) – Soneto

Aqui debaixo desta pedra fria ([ff. 43v-44r]) (D. Tomás de Noronha) – Soneto
Senhora Mariana em que vos pes ([f. 44v]) (D. Tomás de Noronha) – Soneto
Senhora Beatriz, foi o Demonio ([ff. 45r-45v]) (D. Tomás de Noronha) – Soneto
Cagando estava a Dama mais fermoza (ff. 59r-59v) (D. Tomás de Noronha) – Soneto

▪ Ms. 1157

Título: “Varios Romanc. / de / Fr. Ant.^o das Ch. / e / Algũas obras curiozas”.

O primeiro poema é objeto de glosa anónima *Esperar Esperança he morte amarga* (ff. 67r-69v).

Número de poemas: 3.

Horas breves de meu contentamento (f. 67r) (an.) – Soneto
Esperar Esperança he morte amarga (ff. 67r-69v) (an.) – Oitavas
Reverendo Estagerista (ff. 190v-192r) – Romance

▪ Ms. 1186

Título: “Obras / do mais / gloriozo alumno de Apolo, / do mais / discreto amante das Muzas, / do mais / dignissimo corifeo das Graças / Antonio da Fonseca Soares. / Tomo II”.

Número de poemas: 1.

Não gosto não, vida minha (pp. 359-361) (A. Fonseca Soares) – Romance

▪ Ms. 1194

Número de poemas: 2.

Dizer malus, mala, malum te llevaste ([f. 18v]) (an.) – Soneto
Dizemme q. estais doente ([f. 119v]) (an.) – Décima

▪ Ms. 1203

Número de poemas: 6.

Que fio de ouro ou cabelo ondado (p. 138) – Soneto
Cagando estava a dama mays fermoza (pp. 138-139) (D. Tomás de Noronha) – Soneto

Senhor An.^{to} de Abreu (p. 143) (D. Tomás de Noronha) – Décima

Burro serval, phantasma peccadora (p. 222) (D. João de Carvalho) – Soneto

Quando a Mezes [sic] te falar na grade (p. 223) (D. João de Carvalho) – Soneto

Se assim Leonor tão bella como o sol (p. 224) (an.) – Soneto

▪ Ms. 1249

Número de poemas: 1.

Meu senhor Corregedor (pp.84-86) (A. Fonseca Soares) – Romance

▪ Ms. 1383

Título: “Obras Varias / de / Fr. Antonio das / Chagas / Antes, e depois de / Relegioso”.

Número de poemas: 1.

Não gosto não vida minha (pp. 85-86) (A. Fonseca Soares) – Romance

▪ Ms. 1388

Título: “Obras. / De Gregorio de Mattos, e Guerra / Natural / da Cidade do Salvador, Bahia / de todos os Santos. / Feitas a varias pessoas no anno de / 1690. / E novamente copiadadas, neste volume no de / 1748”.

Número de poemas: 5.

Padre Girão, se vossa Reverencia (ff. 17v-18r) (Gregório de Matos) – Soneto

Se assim fermoza dama, como és sol (ff. 19v-20r) (Gregório de Matos) – Soneto

Robi, conxa de perolas perigrina (f. 20r) (Gregório de Matos) – Soneto

Lobo serval, fantasma peccadora (ff. 21v-22r) (Gregório de Matos) – Soneto

Bien malus mala malum te llevaste (f. 27r) (Gregório de Matos) – Soneto

▪ Ms. 1396

O romance de Jerónimo Baía *Oh tû medico em ditongo* (ff. 256v-258r) constitui a resposta ao anterior, *Reverendo Estagerista* (ff. 255r-256v), que anda habitualmente atribuído a João Sucarelo.

Número de poemas: 4.

Aqui de baixo desta pedra fria (f. 75r) (an.) – Soneto
Fuy amar por meus pecados (ff. 79v-80v) – Romance
Reverendo Estagerista (ff. 255r-256v) (an.) – Romance
Oh tû medico em ditongo (ff. 256v-258r) (Jerónimo Baía) – Romance

▪ Ms. 1397

Número de poemas: 4.

Rubi, concha de perlas peregrina (f. 258r) – Soneto
Cagando estava a dama mais fermoza (f. 269r) (an.) – Soneto
Aqui debaixo desta pedra fria (f. 272v) (an.) – Soneto
Basta Crespal, q. todo o mundo acuza (f. 277v) (A. Barbosa Bacelar) – Soneto

▪ Ms. 1400

Título: “Romances portuguezes / De Fr. Antonio das Chagas / que contem este livro cento, / e trinta, e sete”.

Número de poemas: 3.

Não gosto não vida minha (ff. 66v-68v) (A. Fonseca Soares) – Romance
Meu Senhor Corregedor (ff. 94r-96r) (A. Fonseca Soares) – Romance
Dona Brazia dos meus olhos (ff. 197r-199r) (A. Fonseca Soares) – Romance

▪ Ms. 1402

Título: “Romances portuguezes / De Fr / Antonio das Chagas”.

Número de poemas: 1.

Saloya dos olhos verdes (ff. 51v-52r) (A. Fonseca Soares) – Romance

▪ Ms. 1410

Número de poemas: 1.

Jâ que de meus disparates (ff. 209r-210r) (an.) – Romance

▪ Ms. 1420

Número de poemas: 3.

Em muzico desvelo contendião (ff. 9v-10r) (A. Barbosa Bacelar) – Soneto

Quando a Menezes te falar na grade (f. 11v) – Soneto

Horas breves de meu contentamento (f. 159r) (an.) – Soneto

▪ Ms. 1535

Número de poemas: 2.

Qua p.^a os Passos del Rey (ff. 5v-6r) (an.) – Romance

Dizemme q. estais doente (f. 32v) (an.) – Décima

▪ Ms. 1854

Número de poemas: 8.

Aqui debaixo desta pedra fria (f. 101v) (an.) – Soneto

Fui amar por meus peccados (ff. 227r-228r) (an.) – Romance

Tem-me Sua Senhoria (ff. 228v-229v) (an.) – Romance

Reverendo Padre Frei Louio (ff. 229v-231v) (an.) – Romance

Deixai Senhora Amariles (ff. 231v-233r) (an.) – Romance

Não corrais bella Maricas (ff. 233r-234v) (an.) – Romance

Foi Silvio p.^a o Alentejo (ff. 235r-237r) (an.) – Romance

Horas breves de meu contentam.^{to} (ff. 283v-284r) (an.) – Soneto

▪ Ms. 1948

Número de poemas: 1.

Cagando estava a Dama mais formoza (p. 155) (an.) — Soneto

– **Espólio de Alberto de Serpa**

▪ Ms. 747

O último poema é uma réplica à redondilha *Mandeme vossa senhoria* (f. 266v).

Número de poemas: 4.

Aqui de baixo desta pedra fria (ff. 24v-25r) – Soneto

Si Senhor, eu me vim dessa Cidade (ff. 149r-151r) – Silva

Mandeme vossa senhoria (ff. 266v) – Redondilha

Antes q. pão, muito asoute (ff. 266v-267r) (an.) – Redondilha

2.14. Library of Congress

– Portuguese Manuscripts

- Ms. 9

Número de poemas: 5.

Esta vil polucao do entendimento ([f. 121v]) – Soneto

Se assim fermoza Helena como es sol ([f. 157r]) (D. Tomás de Noronha) – Soneto

Rubi em concha de perlas peregrina ([f. 189r]) (D. Tomás de Noronha) – Soneto

Padre Girão, se a vossa reverencia ([f. 196r]) (D. Tomás de Noronha) – Soneto

Guardadoras do Gado deste Outeiro ([f. 204v]) – Soneto

- Ms. 87

Número de poemas: 6.

Biem malus lä liim te llevaste (f. 106r) (an.) – Soneto

Aqui debaixo desta pedra fria (ff. 134r-134v) (an.) – Soneto

Padre Girão se á vossa reverencia (f. 134v) (an.) – Soneto

Burro cerval fantasma peccadora (f. 135r) (an.) – Soneto

Eylo vai desenfreado (ff. 162v-163v) (an.) – Décimas

S.^r An.^{to} de Abreu (f. 170v) (an.) – Décima

- Ms. 141

Número de poemas: 1.

Aqui debaixo desta pedra fria (f. 91v) – Soneto

- Ms. 252

Número de poemas: 1.

Se assim fermoza Elena como ès Sol (p. 468) (an.) – Soneto

2.15. Paróquia de Alvarães (Viana do Castelo)

- Ms. I

Na folha de rosto, pode ler-se a seguinte inscrição: “Epillego de uarias / obras / a uarios assumptos por diferentes / Autores. / Tresladado pello p.^e João Ferreira e Faria / natural do Couto de Capareiros do Arce- / bispado de Braga, estando escravo em aci- / dade de Argel. anno de 1676.”.

O soneto *Diga, assim me perde a reuerença* (ff. 93r-93v) é uma réplica anónima ao anterior.

Número de poemas: 17.

Dona Blazia dos meos olhos (ff. 39r-40r) (an.) – Romance
Reverendo estagerita (ff. 69r-69v) (an.) – Romance
São brandos os beirois são bem nascidos (ff. 72r-74r) (an.) – Silva
Senhora Beatris, foy o demonio (f. 85v) (an.) – Soneto
Cagando estaua a dama mais fermoza (ff. 87r-87v) (an.) – Soneto
Padre Girão, se á vossa reuerença (f. 93r) – Soneto
Diga, assim me perde a reuerença (ff. 93r-93v) (an.) – Soneto
Não corrais bella Amarilis (ff. 98r-98v) (an.) – Romance
Aqui de baixo desta pedra fria (f. 183r) (an.) – Soneto
Soror Dona Barbata em q. vos pés (f. 198r) (an.) – Soneto
Aonio, q. de Celia namorado (ff. 198r-198v) (an.) – Soneto
Gardadouras do gado deste outeiro (f. 198v) (an.) – Soneto
Sapateiro moncozo o membro estaua (ff. 199r-199v) (an.) – Soneto
Aqui cheguei as tres da quarta feira (f. 199v) (an.) – Soneto
Aqui de costas jas graça da Costa (ff. 199v-200r) (an.) – Soneto
Oh q. ualentemente as gotas das (f. 200r) (an.) – Soneto
Por toda a cruz christamm.^{te} (f. 200v) (an.) – Soneto

▪ Ms. V

Na folha de rosto, vem esta inscrição: “Epillego de uarias obras / a diferentes assumptos, por diuersos / autores, escripto pello p.^e João Ferreira / e Faria rector da igr.^a de S. Miguel de / Alvaraes termo de Barcellos do Arce- / bispado de Braga. / anno de 1704.”.

Número de poemas: 6.

Burro serual, fantasma peccadora (f. 51v) – Soneto
Jas nesta pedra o corpo bem logrado (f. 262r) (an.) – Soneto
Isto sim boto a Christo (ff. 262v-263r) – Silva
Esta avaramente dura (f. 263r) – Décima
Se com saudades partistes (ff. 265v-266r) – Quintilhas
Que ides forro appartir (ff. 268v-269r) (Peixoto) – Romance

▪ Ms. VIII

Pode ler-se na folha de rosto: “Compendio de uarias obras a diferentes assumptos, / por diuersos autores, escripto pello p.^e João Fr.^a / e Faria reitor da igr.^a de S. Miguel de Alvaraes / termo da uilla de Barcellos Arçebp.^{do} de Braga. / anno de 1705.”.

Segundo a declaração do compilador, o primeiro poema está incompleto.

Número de poemas: 2.

[*Reverendo Frade Loio*] (ff. 230r-230v) (inc.) – Romance

Meu S.^{or} Corregedor (ff. 253v-254r) (an.) – Romance

B. IMPRESSOS

1. Impressos antigos

▪ *Rimas varias: flores do Lima. Composta por Diogo Bernardes.* Lisboa: Impresso por Manoel de Lyra, D.M.XCVII [sic]. (Edição utilizada: Reprodução fac-similada da edição de 1597. Nota introdutória de Aíbal Pinto de Castro. Lisboa: IN-CM, 1985.).

Número de poemas: 1.

Horas breues de meu contentamento (f. 46v) (Diogo Bernardes) – Soneto

▪ Lope de Vega Carpio – *La niña de Plata.* In *Comedias.* Novena parte. Madrid: Viuda de Alonso Martin Balboa, 1617.

Número de poemas: 1.

Un soneto me manda hazer Violante (f. 124r) (Lope de Vega) – Soneto

▪ *Memorias funebres. Sentidas pellos ingenhos portugueses, na morte da Senhora Dona Maria de Attayde. Offerecidas a Senhora Dona Luiza Maria de Faro Condessa de Penaguian.* Lisboa: Officina Craesbeckiana, 1650.

Número de poemas: 3.

Venceo a morte (o Fabio) a fermosura (f. 21v) (A. Barbosa Bacelar) – Soneto

Esta auaramente dura (f. 66v) – Décima

Lagrimas brandamente derramadas (f. 75v) – Soneto

▪ *A fenix renascida, ou obras poeticas dos melhores engenhos portuguezes. Dedicadas ao Excellentissimo Senhor D. Joseph de Portugal, Conde de Vimioso, &c. primogenito do Excellent. Senhor D. Francisco de Portugal, Marquez de Valença. II. Tomo. Publica-o Mathias Pereira da Sylva.* Lisboa: Officina dos herd. de Antonio Pedrozo Galram, MDCCXLVI.

Número de poemas: 2.

Em hum musico duelo contendião (p. 103) (A. Barbosa Bacelar) – Soneto

Por entre hum bosque de Ninfas (pp. 174-178) (Duarte Ribeiro de Macedo) – Romance

▪ *A Feniz Renascida, ou Obras poeticas dos melhores engenhos portuguezes. Dedicadas ao Excellentissimo Senhor D. Joam de Almeyda, e Portugal Conde de Assumar, dos Conselhos de Estado, & Guerra, &c. III. Tomo. Segunda vez impresso e acrescentado por Mathias Pereira da Sylva.* Lisboa: Officina dos herdeiros de Antonio Pedrozo Galram, MDCCXLVI.

Número de poemas: 2.

Aqui neste posto escuro (p. 86) (an.) – Décima

Horas breves do meu contentamento (p. 252) (Infante D. Luís) – Soneto

▪ *A Fenis renascida, ou obras poeticas dos melhores engenhos portuguezes, dedicadas ao Excellentissimo Senhor Dom Joam Mascarenhas Conde de Santa Cruz, &c. Primogenito do Excellentissimo Senhor Marquez Mordomo-mór. Publica-o Mathias Pereira da Sylva.* IV. Tomo. E de novo accrescenta-o com varias obras de alguns authores. Lisboa: Officina de Miguel Rodrigues, Impressor do Emin. Senh. Card. Patr. MDCCXLVI.

Número de poemas: 2.

Dizem-me que estais doente (p. 55) (Jerónimo Baía) – Décima

Venceo a morte, ó Fabio, a formosura (p. 307) (António Barbosa Bacelar) – Soneto

▪ *A Fenis renascida, ou obras poeticas dos melhores engenhos portuguezes, dedicadas ao Excellentissimo Senhor D. Francisco Xavier de Menezes Conde da Ericeira do Conselho de Sua Magestade, &c. Publica-o Mathias Pereira da Sylva.* V. Tomo. E de novo accrescenta-o com varias obras de alguns authores. Lisboa: Officina de Miguel Rodrigues, Impressor do Emin. Senh. Card. Patr. MDCCXLVI.

O soneto que se apresenta é seguido de uma glosa, também anónima, começada pelo verso *Esperei, e esperança he morte amarga* (pp. 273-277).

Número de poemas: 2.

Horas breves de meu contentamento (p. 272) (an.) – Soneto

Esperei, e esperança he morte amarga (pp. 273-277) – Oitavas

▪ *Obras do Doutor Duarte Ribeiro de Macedo, Cavaleiro da Ordem de Christo, do Conselho de Sua Magestade, e do de sua Real Fazenda, Enviado que foi ás Cortes de Pariz, de Madrid, e de Torim*. Tomo II. Lisboa: Officina de Antonio Rodrigues Galhardo, MDCCLXVII.

O segundo, o quarto e o quinto textos estão relacionados com o episódio que serve de base à décima de Sucarelo “Aqui, Senhor Regedor” (p. 324).

Número de poemas: 6.

Reduzistes menina em tanto excesso (pp. 304-306) (Duarte Ribeiro de Macedo) – Romance

Por entre hum bosque de Ninfas (pp. 311-314) (Duarte Ribeiro de Macedo) – Romance

Daqui, Senhor Regedor (p. 323) (Duarte Ribeiro de Macedo) – Décima

Aqui, Senhor Regedor (p. 324) – Décima

De hum a em outra esperança (p. 324) (D. Rodrigo de Meneses) – Décima

Amor que por gloria tem (pp. 325-327) (D. Rodrigo de Meneses) – Glosa

2. Impressos modernos

▪ Mendes dos Remédios – *Poesias Ineditas de D. Thomás de Noronha poeta satyrico do sec. XVII*. Coimbra: França Amado – Editor, 1899.

Número de poemas: 3.

Se assim, formosa Helena, como és sol (p. 2) (D. Tomás de Noronha) – Soneto

Padre Girão, se a vossa reverencia (p. 7) (D. Tomás de Noronha) – Soneto

Senhor António de Abreu (p. 12) (D. Tomás de Noronha) – Décima

▪ Afrânio Peixoto – *Obras de Gregorio de Mattos – I – Sacra*. Rio de Janeiro: Officina Industrial Graphica, 1929.

Número de poemas: 1.

Entre as partes do todo, a melhor parte (p. 110) (Gregório de Matos) – Soneto

▪ Afrânio Peixoto – *Obras de Gregorio de Mattos – III – Graciosa*. Rio de Janeiro: Officina Industrial Graphica, 1930.

Número de poemas: 1.

Não corrais, bela Maricas (pp. 139-142) (Gregório de Matos) – Romance

▪ Afrânio Peixoto – *Obras de Gregorio de Mattos – IV – Satirica*. Vol. I. Rio de Janeiro: Officina Industrial Graphica, 1930.

Número de poemas: 1.

Lobo cerval, fantasma pecadora (p. 67) (Gregório de Matos) – Soneto

▪ Afrânio Peixoto – *Obras de Gregorio de Mattos – IV – Satirica*. Vol. II. Rio de Janeiro: Officina Industrial Graphica, 1930.

Número de poemas: 1.

Senhor Antonio de Abreu (p. 208) (Gregório de Matos) – Décima

▪ Afrânio Peixoto – *Obras de Gregorio de Mattos – VI – Última*. Rio de Janeiro: Officina Industrial Graphica, 1933.

Número de poemas: 2.

Se assim, fermosa Dama, como és sol (p. 104) (Gregório de Matos) – Soneto

Bien malus mala malum te llevaste (p. 109) (Gregório de Matos) – Soneto

▪ James Amado – *Gregório de Matos – Obra Poética*. Preparação e notas de Emanuel Araújo; 2 vols. Rio de Janeiro: Record, 1990.

Número de poemas: 6.

Entre as partes do todo a melhor parte (I, p. 67) (Gregório de Matos) – Soneto

Lobo cerval, fantasma pecadora (I, pp. 320-321) (Gregório de Matos) – Soneto

Senhora Mariana, em que vos pes (I, pp. 657-658) (Gregório de Matos) – Soneto

Senhora Beatriz: foi o demônio (II, pp. 713-714) (Gregório de Matos) – Soneto

Rubi, concha de perlas peregrina (II, pp. 880-881) (Gregório de Matos) – Soneto

Ei-lo vai desenfreado (II, pp. 894-897) (Gregório de Matos) – Décima

▪ Adelino Duarte Neves – *Poemas de D. Tomás de Noronha – Edição do Manuscrito 49-III-71 da Biblioteca da Ajuda de Lisboa*. Dissertação de mestrado em Literatura Portuguesa; Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1992.

Número de poemas: 6.

Se assim, Formosa, aquela que é um sol (pp. 8-11) (D. Tomás de Noronha) – Soneto
Basta Cristel, que todo o mundo acusa (pp. 67-68) (D. Tomás de Noronha) – Soneto
Amor me tem por vós negro ferrado (pp. 86-87) (D. Tomás de Noronha) – Soneto
Un soneto me manda hacer Violante (pp. 88-90) (D. Tomás de Noronha) – Soneto
Cagando estava a dama mais formosa (pp. 92-96) (D. Tomás de Noronha) – Soneto
Senhor António de Abreu (pp. 364-365) (D. Tomás de Noronha) – Décima

▪ Maria do Céu Brás da Fonseca – *Uma leitura de Camões por António Barbosa Bacelar: Edição de Sonetos*. Dissertação de mestrado em Literatura Portuguesa. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1992.

Número de poemas: 4.

Basta Crespal, que todo o mundo acusa (p. 158) (Barbosa Bacelar) – Soneto
Quando a fermosa mão Fílis movia (p. 212) (Barbosa Bacelar) – Soneto
Sóror Dona Bárbara, em que vos pês (p. 227) (Barbosa Bacelar) – Soneto
Guardadoras do gado deste outeiro (p. 238) (Barbosa Bacelar) – Soneto²

▪ Teresa Paula L. Alves – *Novas Poesias Inéditas de D. Tomás de Noronha*. Apresentação crítica, selecção, fixação do texto, notas, normas de transcrição e glossário de Teresa Paula L. Alves. Braga: Edições APPACDM Distrital de Braga, 1997.

Número de poemas: 4.

Fui amar por meus pecados (pp. 120-121) (D. Tomás de Noronha) – Romance
Não há amor igual ao da fregona (p. 174) (D. Tomás de Noronha) – Soneto
Quando a Menezes te falar na grade (p. 179) (D. Tomás de Noronha) – Soneto
Senhora Beatriz foi o demónio (p. 180) (D. Tomás de Noronha) – Soneto

² A editora, referindo-se ao Ms. 755 da BPMP, certamente por lapso dá o texto como anónimo, mas a autoria de João Sucarelo é inequívoca.

▪ Francisco Topa – *Edição crítica da obra poética de Gregório de Matos*. Vol. II: Edição dos sonetos. Porto: Edição do Autor, 1999.

Número de poemas: 1

Entre as partes do todo, a melhor parte (pp. 45-46) (Gregório de Matos) – Soneto

▪ Francisco Topa – *Edição crítica da obra poética de Gregório de Matos*. Vol. II: Edição dos sonetos. Anexo – Sonetos excluídos. Porto: Edição do Autor, 1999.

Número de poemas: 8.

Lobo cerval, fantasma pecadora (pp. 46-48) – Soneto

Padre Girão, se a Vossa Reverência (pp. 49-51) – Soneto

Rubi, concha de perlas peregrina (pp. 52-53) – Soneto

Se assim, fermosa Helena, como és sol (pp. 81-83) (D. Tomás de Noronha) – Soneto

Senhora Beatriz foi o demónio (pp. 84-86) (D. Tomás de Noronha) – Soneto

Senhora Mariana, em que vos pês (pp. 87-88) (D. Tomás de Noronha) – Soneto

Bien malus, mala, malum te llevaste (pp. 103-107) (Dr. Félix Barreiros) – Soneto

Soror Dona Barbata, em que vos pês (pp. 163-164) – Soneto

▪ Mafalda Ferin Cunha – *Obras poéticas de António Barbosa Bacelar*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.

Número de poemas: 6

Basta Crisfal, que todo o mundo acusa (pp. 527-528) (A. Barbosa Bacelar) – Soneto

Em um músico duelo contendiam (p. 567) (A. Barbosa Bacelar) – Soneto

Venceu a morte, ó Fábio, a fermosura (p. 662) (A. Barbosa Bacelar) – Soneto

São brandos os beirões e bem nascidos (pp. 728-731) (A. Barbosa Bacelar) – Silva

Guardadoras do gado deste outeiro (p. 743) (A. Barbosa Bacelar) – Soneto

Quando a fermosa mão Fílis movia (p. 753) (A. Barbosa Bacelar) – Soneto

▪ Anabela Leal de Barros – *A poesia de Tomás de Noronha segundo a tradição manuscrita*. Tese de doutoramento em Linguística, Especialidade de Linguística Portuguesa. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2008.

Número de poemas: 2.

Senhora Beatriz foi o demónio (pp. 144-149) (D. Tomás de Noronha) – Soneto

Absorto na quarta Esfera (pp. 687-692) (D. Tomás de Noronha) – Décimas

C. INVENTÁRIO GLOBAL DOS POEMAS

E SEUS TESTEMUNHOS

1. POEMAS DE JOÃO SUCARELO CLARAMONTE

1.1. DÍSTICOS

Mas mais corre quem vai posto

Manuscrito principal

P, ff. 60v-61r

1.2. POEMAS EM DÉCIMAS HEPTASSILÁBICAS

Aqui neste posto escuro

Manuscritos principais

L, p. 81

P, ff. 65v-66r

Manuscritos secundários

ACL A 693, f. 96r

ADB 573, f. 222v (an.)

Impresso antigo

Fénix, III, p. 86 (an.)

Aqui, Senhor Regedor

Manuscrito secundário

BGUC 1134, ff. 71r-71v

Impresso antigo

Obras de D. R. Macedo, II, p. 324

Como Autor libelo dá

Manuscrito principal

P, f. 70v

Cuidará Você, Senhor

Manuscrito principal

P, ff. 57r-57v

Deste rato a sorte envejo

Manuscrito principal

P, [ff. 73r-74r]

Engenho agudo mostrastes

Manuscrito principal

L, pp. 73-75

Manuscrito secundário

BNP 13217, ff. 254v-255r

BNP 13217, ff. 261r-261v (an.)

Esta avaramente dura³

Manuscrito secundário

PA, V, f. 263r

Impresso antigo

Memórias fúnebres, f. 66v

Fílís um desmaio teve⁴

Manuscrito principal

P, ff. 68r-68v

Partidos desesperados

Manuscrito principal

P, ff. 34r-34v

Pois que vos fostes, traidora

Manuscrito principal

L, p. 79

Manuscrito secundário

BNP 13217, f. 309v (an.)

Por toda a cruz cristãmente⁵

Manuscritos principais

L, pp. 76-77

P, ff. 14v-15r

Manuscritos secundários

BA 49-III-49, f. 468v

BGUC 391, ff. 169r-169v

BPE R Arm. I, 29, II, pp. 154 (an.)

PA, I, f. 200v (an.)

³ Viterbo transcreveu este poema em 1908, no *Archivo Historico Portuguez*. (Vol. 6, pp. 194-195) e posteriormente em 1950 (p. 16).

⁴ Viterbo transcreveu este poema em 1908, no *Archivo Historico Portuguez*. (Vol. 6, p. 196) e posteriormente em 1950 (pp. 18-19).

⁵ Este poema foi parcialmente transcrito e objeto de uma breve reflexão por parte de Freitas (1952: p. 8) e também por Fardilha (1982: p. 10).

Por vida de El-Rei Dom Sancho

Manuscrito principal
L, pp. 69-72
Manuscrito secundário
BNP 13217, f. 255v) (an.)

Se Amor é fogo fatal⁶

Manuscrito principal
P, ff. 3r-3v
Manuscritos secundários
ADB 373, f. 72v
BA 49-III-49, f. 468v
BPE R Arm. I, 29, II, pp. 155 (an.)

Seis Órfãs, e muito honradas

Manuscrito principal
L, pp. 64-68
Manuscrito secundário
BNP 13217, ff. 255r-255v

Senhor António de Abreu⁷

Manuscrito principal
P, ff. 3v-4r
Manuscritos secundários
ADB 373, f. 72v
BA 49-III-49, f. 469r
BGUC 1553, f. 168v
BA 49-III-71, p. 259 (D. Tomás de Noronha)
BGUC 338, f. 414v (D. Tomás de Noronha)
BNP 6269, ff. 205r (D. Tomás de Noronha)
BPE R CXIV/1-14d, f. 200r (D. Tomás de Noronha)
BPMP 1203, p. 143 (D. Tomás de Noronha)
ADB 154, f. 103r (an.)
BGUC 391, ff. 18v-19r (an.)
BPE R CXXX/1-17, f. 142v (an.)
BPMP 394, [f. 119r] (an.) (inc.)
LC Pt 87, f. 170v (an.)
Impressos modernos

⁶ Viterbo transcreveu este poema em 1908, no *Arquivo Historico Portuguez*. (Vol. 6, p. 196) e posteriormente em 1950 (p. 18). Este poema foi também transcrito e objeto de uma breve reflexão por parte de Freitas (1952: p. 6) e, mais tarde, por Fardilha (1982: p. 8).

⁷ Gregório de Matos é autor de um poema composto por quatro décimas com *incipit* semelhante (vd. PEIXOTO, Afrânio (ed.), *Obras de Gregorio de Mattos: IV: satírica*. Vol. II. Rio de Janeiro: Officina Industrial Graphica, 1930, pp. 58-59).

ADN, pp. 364-365 (D. Tomás de Noronha)

AP, IV-2, p. 208 (Gregório de Matos)

MR, p. 12 (D. Tomás de Noronha)

Senhor, quem paga o que deve⁸

Manuscritos principais

C, pp. 131-133

L, pp. 59-63

P, ff. 24v-26r

Manuscritos secundários

ACL A 693, ff. 262v-263r

ADB 373, f. 211r

BGUC 362, ff. 448r-449r

BGUC 405, ff. 35v-36r

BNP 13217, ff. 95r-95v

BNP 13371, ff. 123v-124v

BNP Pb 133, ff. 107v-109r

Senhora, tudo me dais

Manuscrito principal

L, p. 78

Manuscrito secundário

BNP 13217, ff. 255v-256r

Silva, aqui para entre nós

Manuscrito principal

L, p. 80

Tremendo esteve de nós

Manuscrito principal

P, f. 13r

Manuscritos secundários

BGUC 390, f. 251r

BPMP 127, f. 178v (an.)

Veio à revista nossa

Manuscritos principais

C, p. 133

P, ff. 51v-52r

⁸ Este poema foi parcialmente transcrito e objeto de uma breve reflexão por parte de Monteiro (1926: p. 5).

Veio Elisa muita guapa

Manuscritos principais

L, p. 82

P, f. 4r

Manuscritos secundários

BA 49-III-49, f. 469r

BPE R Arm. I, 29, II, p. 160 (an.)

1.3. POEMAS EM QUINTILHAS HEPTASSILÁBICAS

Besbelho comum de três⁹

Manuscrito principal

P, ff. 5v-6r

Manuscrito secundário

BGUC 358, p. 312

Se com saudades partistes

Manuscritos principais

L, pp. 85-90

P, ff. 55r-56r

Manuscritos secundários

ACL A 693, ff. 261r-262r

ADB 373, f. 211v

BNP Pb 133, ff. 154v-155v

PA, V, ff. 265v-266r

1.4. POEMAS EM REDONDILHAS¹⁰

Carneiro de Vasconcelos

Manuscrito principal

P, f. 46v

Deus, que ao Mundo por nós veio

Manuscritos principais

L, p. 83

P, f. 44r

⁹ Este poema foi transcrito e objeto de uma breve reflexão por parte de Monteiro (1926: p. 4).

¹⁰ As redondilhas n^{os} 26, 29, 31, 32, 33 e 35 foram transcritas e objeto de reflexão por parte de Freitas (1952: pp. 10-11).

É muito grande mofina

Manuscritos principais

C, p. 134

P, f. 64r-64v

Faço meu Procurador

Manuscrito principal

P, [ff. 74r-74v]

Fervem os Pontificais

Manuscrito principal

P, [f. 74r]

Foi Peixoto a Guimarães

Manuscrito principal

P, ff. 46r-46v

Gastou todo o bom humor

Manuscrito principal

P, [f. 71r]

Mandai vinho tinto

Manuscrito principal

P, f. 46v

Mande-me Vo' Senhoria

Manuscrito secundário

BPMP S 747, f. 266v

***Vendo aqueles três Alarves*¹¹**

Manuscrito principal

P, ff. 52r-52v

1.5. ROMANCES

A vós, Pantaleão da Silva

Manuscritos principais

L, pp. 100-103

P, ff. 22v-24r

¹¹ O poema foi transcrito e abordado por Bruno (1907: p. 261) e por Frei Lucas num artigo publicado em *O Tripeiro*, de 15 de julho de 1926.

Manuscritos secundários

BA 49-III-49, ff. 466v-467r

BGUC 373, pp. 357-361

BNP 6269, f. 293r (an.)

BPE R Arm. I, 29, II, pp. 156-157 (an.)

Atrevido pensamento

Manuscrito principal

L, pp. 191-192

Manuscrito secundário

BGUC 405, f. 48v (an.)

Deixai, Senhora Amaríles¹²

Manuscritos principais

C, pp. 117-119

L, pp. 114-117

P, ff. 57v-59r

Manuscritos secundários

ACL A 693, ff. 232v-233r

BGUC 374, pp. 387-391

BA 51-II-4, f. 40r (an.)

BPMP 1854, ff. 231v-233r (an.)

Dizeis-me, Senhor Dom Pedro

Manuscritos principais

L, pp. 97-99

P, ff. 29r-30r

Manuscritos secundários

BA 49-III-49, f. 468r

BNP 4259, pp. 135-136

BNRJ 50.2.2, pp. 389-391 (Gregório de Matos)

BNP 13218, ff. 22v-23v (an.)

BPE R Arm. I, 29, II, pp. 155-156 (an.)

Dona Brázia dos meus olhos¹³

Manuscritos principais

C, pp. 101-104

L, pp. 107-113

P, ff. 61r-63v

¹² Este poema foi parcialmente transcrito e objeto de uma breve reflexão por parte de Freitas (1952: p. 6).

¹³ Este poema foi parcialmente transcrito e objeto de uma breve reflexão por parte de Aguiar e Silva (1971: p. 486).

Manuscritos secundários

BA 49-III-49, (ff. 454r-455v)
BGUC 338, ff. 407v-408r
BGUC 405, ff. 35r-35v
BNP 6269, ff. 259r-260r
BPMP 1400, ff. 197r-199r (A. Fonseca Soares)
PA, I, ff. 39r-40r (an.)

*Faz anos Dona Maria*¹⁴

Manuscritos principais

L, pp. 125-128
P, ff. 4r-5v

Manuscritos secundários

BA 49-III-49, ff. 462r-462v
BNP 13218, ff. 25v-27r (an.)
BPE R Arm. I, 29, II, p. 159 (an.)

Foi Sílvia para Alentejo

Manuscritos principais

C, pp. 114-117
L, pp. 91-96
P, ff. 26r-29r

Manuscritos secundários

ACL A 693, ff. 234r-235r
BA 49-III-49, ff. 467r-467v
BA 49-III-50, pp. 86-89
BGUC 338, ff. 418r-418v
BGUC 373, pp. 361-368
BNP 8575, ff. 58r-59r
BNP 13217, ff. 267v-268v
BNP 6269, ff. 296v-297r (an.)
BPMP 1854, ff. 235r-237r (an.)
BPE R Arm. I, 29, II, pp. 160-162 (an.)

Fui amar por meus pecados

Manuscritos principais

C, pp. 99-100
L, pp. 118-121
P, ff. 64v-65v

¹⁴ Este poema foi parcialmente transcrito e objeto de uma breve reflexão por parte de Monteiro (1926: p. 4).

Manuscritos secundários

ACL A 693, ff. 265v-266r

BA 51-II-4, f. 39v

BMC B 52/3, pp. 203-204

BNP Pb 133, ff. 242v-243v

BPMP 1396, ff. 79v-80v

TT Lv 241, f. 58r

ADB 373, ff. 203v-204r (D. Tomás de Noronha)

BGUC 395, ff. 4v-5v (an.)

BPMP 1854, ff. 227r-228r (an.)

Impresso moderno

TA, pp. 120-121 (D. Tomás de Noronha)

Juiz que na sala livre¹⁵

Manuscritos principais

L, pp. 129-132

P, ff. 8v-10r

Manuscrito secundário

BA 49-III-49, ff. 463r-464r

Madrepérola, algum dia

Manuscrito principal

P, ff. 66r-67v

Manuscritos secundários

BA 49-III-50, pp. 83-85

BMC B 52/3, pp. 201-202

BNP 8575, f. 188v

BGUC 389, 300-301 (ff. 170r-171r) (D. Tomás de Noronha)

BGUC 555, p. 126 (an.)

BNP 6269, ff. 298r-298v (an.)

BPE M 173, ff. 94v-95r (an.)

Manda o Senhor Dom Miguel

Manuscritos principais

L, pp. 196-200

P, ff. 41r-43r

Manuscritos secundários

BNP 13218, ff. 19v-21v

BPE M 173, ff. 159v-160r

¹⁵ Fardilha (1982: p. 11) transcreveu a primeira quadra deste poema.

Margarida, mais fermosa

Manuscrito secundário

BNP Pb 133, ff. 241r-242v

Minha Anarda, cuja voz

Manuscrito principal

L, pp. 133-144

Manuscrito secundário

BNP 13217, ff. 265v-267r

*Não corrais, bela Maricas*¹⁶

Manuscritos principais

C, pp. 111-113

L, pp. 145-149

P, ff. 15r-17r

Manuscritos secundários

ACL A 693, ff. 250r-250v

BA 49-III-49, ff. 464r-464v (inc.)

BA 49-III-50, pp. 154-156

BGUC 338, ff. 409v-410r

BGUC 405, ff. 27r-27v

BMC B 52/3, pp. 202-203

BNP 6269, ff. 269r-269v

BPMP 1045, ff. 66v-67v

BI L.15-2, III, pp. 368-372 (Gregório de Matos)

BPE R Arm. I, 29, II, pp. 171-172 (an.)

BPMP 1854, ff. 233r-234v (an.)

PA, I, ff. 98r-98v (an.)

Impresso moderno

AP, III, pp. 139-142 (Gregório de Matos)

Olhos pretos matadores

Manuscrito principal

L, pp. 150-152

Manuscritos secundários

BGUC 338, f. 408r

BGUC 373, pp. 377-379

BGUC 395, ff. 87v-88r

BMC B 52/3, pp. 188

BNP 6269, f. 262v

BNP Pb 133, ff. 134v-135r

¹⁶ Há um poema com um *incipit* semelhante, mas em décimas, que é transmitido por BPMP 705, ff. 43r-43v (an.), BPMP 1535, f. 32v (an.) e PA, VIII, f. 238r (Tomé Peixoto).

BA 49-III-49, ff. 453r-453v (an.)

BA 49-III-50, pp. 296-297 (an.)

BGUC 395, ff. 113r-113v (an.)

Os olhos com pranto amargo

Manuscrito principal

P, ff. 49r-51v

Perdeu-se Menga por Brás

Manuscritos principais

L, pp. 153-155

P, ff. 11r-12v

Manuscritos secundários

BNP 4259, pp. 132-133

BNP 8575, ff. 88r-88v

BNP 13218, ff. 21v-22v (an.)

Pois que dos meus disbarates

Manuscritos principais

C, pp. 119-122

L, pp. 156-160

Manuscritos secundários

ACL A 693, ff. 233r-234r

BMC B 52/3, pp. 193-194

BNP 8611, ff. 233r-234v

BNP Pb 133, ff. 151v-153r

BPMP 1410, ff. 209r-210r (an.)

***Que fazeis na vossa Terra*¹⁷**

Manuscrito principal

P, [ff. 71r-73r]

Quero-te contar, Geraldo

Manuscrito secundário

BNP 8632, pp. 284-289

Reverendo Estagirita

Manuscritos principais

C, pp. 105-108

L, pp. 167-171

P, ff. 44r-46r

¹⁷ Este poema foi parcialmente transcrito por Fardilha (1982: pp. 11-13) e já o tinha sido também por Freitas (1952: pp. 9-10).

Manuscritos secundários

ACL A 693, ff. 83r-84r
BA 49-III-50, pp. 567-568
BGUC 362, ff. 422v-423r
BGUC 405, ff. 48v-49v
BMC B 52/3, pp. 191-193
BNP 6269, ff. 246v-247r
BNP 8575, ff. 135v-136r
BPMP 1157, ff. 190v-192r
ADB 373, ff. 188v-189v (Jerónimo Baía)
BGUC 389, ff. 21r-22v (an.)
BPMP 127, ff. 198r-198v (an.)
BPMP 1396, ff. 255r-256v (an.)
PA, I, ff. 69r-69vr (an.)

Reverendo Frade Loio¹⁸

Manuscritos principais

C, pp. 108-111
L, pp. 161-166
P, ff. 20r-22v

Manuscritos secundários

ACL A 693, ff. 263r-264r
BA 49-III-49, ff. 464v-466r
BA 49-III-50, pp. 566-567
BGUC 373, pp. 352-357
BGUC 382, ff. 12v-13r
BNP 8632, pp. 254-257
BPMP 127, ff. 199v-200r
PA, VIII, ff. 230r-230v (inc.)
BPMP 1854, ff. 229v-231v (an.)

Sabe Deus, Senhora minha

Manuscritos principais

L, pp. 180-183
P, ff. 59r-60r

Manuscritos secundários

ACL A 693, ff. 227r-227v
BA 49-III-50, pp. 85-86
BMC B 52/3, pp. 200-201
BNP Pb 133, ff. 130r-130v
BA 51-II-4, ff. 40r-40v (an.)

¹⁸ Há um poema com *incipit* igual, que é transmitido por BGUC 544, pp. 247-250 (Tomé Peixoto de Sá).

Sabereis, mana Maria¹⁹

Manuscritos principais

L, pp. 177-179

P, ff. 13r-14v

Manuscritos secundários

BNP 4259, pp. 133-135

BNP 13218, ff. 24v-25v

BPE R Arm. I, 29, II, p. 158 (an.)

Saloia dos olhos verdes

Manuscritos principais

L, pp. 188-190

P, ff. 10r-11r

Manuscritos secundários

BGUC 2998, ff. 134r-134v (A. Fonseca Soares)

BPMP 1402, ff. 51v-52r (A. Fonseca Soares)

BGUC 353, pp. 158-159 (an.)

BNP 13218, ff. 23v-24v (an.)

BPE R Arm. I, 29, II, pp. 157-158 (an.)

Senhor soldado da armada

Manuscrito principal

P, ff. 32r-34r

Soror Úrsula, que sois

Manuscrito principal

L, pp. 172-176

Tem-me Sua Senhoria

Manuscrito principal

L, pp. 184-187

Manuscritos secundários

BA 51-II-4, ff. 39v-40r

BPMP 1854, ff. 228v-229v (an.)

1.6. SILVAS

Coçastes-me a Borbulha

Manuscrito principal

P, ff. 47v-49r

¹⁹ Este poema foi parcialmente transcrito e objeto de uma breve reflexão por Freitas (1952: p. 6).

Isto sim, boto a Cristo

Manuscritos principais

L, pp. 41-43

P, ff. 56r-57r

Manuscritos secundários

ADB 373, ff. 63v-64r

ACL A 693, f. 262r

BNP Pb 133, ff. 150v-151r

PA, V, ff. 262v-263r

Meu Duarte Ribeiro²⁰

Manuscritos principais

C, pp. 127-129

L, pp. 21-25

P, ff. 52v-54v

Manuscritos secundários

ACL A 693, ff. 167r-168v

ADB 373, ff. 149r-150r

BMC B 52/3, pp. 122-124

BNP Pb 133, ff. 126r-126v

Meu Gregório Martins, Deão do Porto²¹

Manuscritos principais

L, pp. 34-40

P, ff. 1r-3r

Manuscritos secundários

BA 49-III-49, ff. 472r-473v

BGUC 359, ff. 161r-162r

BGUC 1023, ff. 31r-32r

BNP 6269, ff. 154r-154v

Que discretos que são e que polidos²²

Manuscritos secundários

BA 49-III-49, ff. 474r-476r

BGUC 338, ff. 310r-310v

BGUC 1069, ff. 20v-22r

BNP 6269, f. 154v-155r

²⁰ Este poema foi parcialmente transcrito e objeto de uma breve reflexão por parte de Bruno (1907: p. 260) e Aguiar e Silva (1971: p. 453).

²¹ Este poema foi parcialmente transcrito por Fardilha (1982: p. 13) e já o tinha sido também em 1952 por Freitas (pp. 4-5).

²² Versões deste poema foram integral ou parcialmente transcritas e abordadas por Carvalho (1926: pp. 105-107); Monteiro (1926: p. 3); Aguiar e Silva (1971: pp. 446-448) e Lamy (1990: p. 30).

ACL A 693, f. 223r-225r (Dr. Manuel de Almeida)
BGUC 395, ff. 109r-110v (A. Barbosa Bacelar)
ADB 573, ff. 220r-222r (an.)
BA 49-III-49, ff. 56v-57r (an.)
BGUC 324, ff. 186v-188r (an.)
BGUC 362, ff. 458r-459v (an.)
BGUC 388, ff. 42v-44v (an.)
BGUC 390, ff. 298r-299r (an.)
BGUC 510, ff. 171v-172r (an.)
BGUC 1134, ff. 360r-362v (an.)
BNP 1650, pp. 449-453 (an.)
BNP 6204, pp. 291-[295] (an.)
BNP 12932, ff. 100r-101v (an.)
BNP Pb, ff. 115v-116r, 158v-160r (an.)
BPE R Arm. I, 29, II, pp. 125-128 (an.)
PA, I, ff. 72r-74r (an.)
TT Lv 1818, pp. 123-126 (an.)
Impresso moderno
MFC, pp. 728-731 (António Barbosa Bacelar)

*Si, Senhor, eu me vim dessa cidade*²³

Manuscritos principais

L, pp. 26-33

P, ff. 17r-20r

Manuscritos secundários

ACL A 693, ff. 175r-177r

ADB 373, ff. 150v-152r

BA 49-III-49, ff. 469v-471v

BNP 6269, ff. 155r-156r

BPMP S 747, ff. 149r-151r

1.7. SONETOS

Acolá e acolá e acolá soa

Manuscritos principais

L, p. 5

P, ff. 43r-43v

Manuscritos secundários

BA 49-III-52, 64v (Jacinto Freire de Andrade)

BGUC 338, ff. 330v (Jacinto Freire de Andrade)

²³ Este poema foi parcialmente transcrito e objeto de uma breve reflexão por parte de Monteiro (1926: pp. 3-4).

BNP 6269, f. 108v (Jacinto Freire de Andrade)
BNP 10894, p. 311 (Jacinto Freire)
BGUC 359, ff. 270r-270v (D. Tomás de Noronha)
BNP 13098, 207 (an.)
TT F 33, f. 146v (an.)

*Aónio, que de Délia namorado*²⁴

Manuscritos principais

L, p. 2

P, ff. 54v-55r

Manuscritos secundários

ACL A 693, f. 153v

ADB 373, f. 93v

BGUC 1636, p. 90

BNP Pb, 133, f. 67v

TT Lv 1080, f. 164r

BNP 6204, p. 811 (an.)

PA, I, ff. 198r-198v (an.)

Aqui de costas jaz Grácia da Costa

Manuscritos principais

L, p. 17

P, f. 47r

Manuscrito secundário

PA, I, f. 199v-200r (an.)

Aqui debaixo desta pedra fria

Manuscritos principais

C, p. 125

L, p. 18

P, ff. 31r-31v

Manuscritos secundários

ACL A 693, f. 158r

BNP 6269, f. 91v

BNP Pb 133, f. 35r

BPE M 304a, f. 394r

BPMP S 747, ff. 24v-25r

LC Pt 141, f. 91v

BGUC 359, ff. 132r-132v (D. Tomás de Noronha)

BGUC 390, f. 300r (D. Tomás de Noronha)

BGUC 392, f. 275v (D. Tomás de Noronha)

²⁴ Este poema foi transcrito e objeto de uma breve reflexão por parte de Aguiar e Silva (1971: p. 423).

BNP 3106, ff. 59v-60r (D. Tomás de Noronha)
BNP 13217, f. 278v (D. Tomás de Noronha)
BPE R CXIV/1-14d, ff. 199r-199v (D. Tomás de Noronha)
BPMP 1121, [ff. 43v-44r] (D. Tomás de Noronha)
TT Lv 1818, pp. 349-350 (A. Barbosa Bacelar)
ADB 130, f. 47v (an.)
ADB 573, f. 196r (an.)
ADB 596, p. 92 (an.)
BGUC 526, ff. 72v-73r (an.)
BNP 3581, f. 106v (an.)
BNP 6204, p. 680 (an.)
BNP 13217, f. 267v (an.)
BPE CXIV/1-32d, s/p (an.)
BPMP 1045 f. 57r (an.)
BPMP 1396, f. 75r (an.)
BPMP 1397, f. 272v (an.)
BPMP 1854, f. 101v (an.)
LC Pt 87, ff. 134r-134v (an.)
PA, I, ff. 183r (an.)
TT Lv 1659, f. 233r (an.)
TT Lv 2227, ff. 189r-189v (an.)

Aqui se esconde o corpo bem logrado

Manuscritos principais

L, p. 8

P, f. 7v

Manuscritos secundários

ADB 367, ff. 201v-202r

BA 49-III-49, ff. 459v-460r

BGUC 338, ff. 330r-330v

BGUC 526, f. 248v

BNP 6269, f. 93v

BNP 13371, f. 91v

TT Lv 1080, ff. 163v-164r

BNP 13221, p. 73 (an.)

PA, V, f. 262r (an.)

***As valentias de Gaspar de Anaia*²⁵**

Manuscritos principais

C, p. 126

L, p. 9

P, f. 30r-30v

Manuscritos secundários

ADB 373, ff. 116v-117r

BGUC 338, f. 430v

²⁵ Este poema foi transcrito e objeto de uma breve reflexão por parte de Bruno (1907: p. 262); Pereira (1914: p. 261); Freire (d. l. 1925: p. 15); Frei Lucas (em *O Tripeiro*, edição de 15 de julho de 1926); Cruz (1944: p. 27); Freitas (1947: pp. 111-112 e 1952: p. 8); Aguiar e Silva (1971: p. 456) e Fardilha (1982: p. 14).

BGUC 391, ff. 230r-230v

BGUC 526, ff.247r-249v

BNP Pb 133, f. 31v

BNP 13221, p. 72 (an.)

Cheguei aqui às três da quarta-feira²⁶

Manuscrito principal

P, ff. 24r-24v

Manuscritos secundários

BGUC 338, f. 330r

BGUC 526, f. 206v

BGUC 1636, p. 93

BNP 6269, ff. 91r-91v

BNP Pb 133, f. 25v

ACL A 693, f. 154r (an.)

BNP 13098, p. 230 (an.)

BNP 13221, p. 71 (an.)

BPE R Arm. I, 29, II, p. 4 (an.)

PA, I, f. 199v (an.)

Depois que à sombra estou, Monsiur Francisco

Manuscritos principais

L, p. 14

P, ff. 68v-69r

Esta vil poluição do entendimento²⁷

Manuscritos principais

L, p. 6

P, ff. 30v-31r

Manuscritos secundários

BA 49-III-49, ff. 461v-462r

BA 49-III-52, f. 95v

BNP 6269, f. 94v

LC Pt 9, [f. 121v]

Faleceu a Senhora Vilanova

Manuscrito principal

L, p. 4

²⁶ O soneto foi transcrito e abordado por Frei Lucas (em *O Tripeiro*, edição de 15 de julho de 1926) e Cruz (1982: pp. 56-57).

²⁷ Este poema foi parcialmente transcrito e objeto de uma breve reflexão por parte de Aguiar e Silva (1971: p.135) e já o tinha sido também transcrito na íntegra por Freitas (1952: p. 8).

Manuscritos secundários

ACL A 693, f. 150r

TT Lv 1804, p. 201 (an.)

*Guardadoras do gado deste outeiro*²⁸

Manuscritos principais

L, p. 3

P, ff. 6r-6v

Manuscritos secundários

ACL A 693, f. 146v

LC Pt 9, [f. 204v]

TT Lv 1080, f. 163r-163v

BGUC 338, f. 325v (António Barbosa Bacelar)

BNP 6269, f. 87v (António Barbosa Bacelar)

PA, I, ff. 198v (an.)

Impressos modernos

MCF, p. 238 (António Barbosa Bacelar)²⁹

MFC, p. 743 (António Barbosa Bacelar)

*Lágrimas brandamente derramadas*³⁰

Impresso antigo

Memórias fúnebres, f. 75v

*Lobo cerval, fantasma pecadora*³¹

Manuscritos principais

L, p. 7

P, f. 8r

Manuscritos secundários

ACL A 693, f. 146r

BA 49-III-49, f. 461r

BGUC 391, ff. 251v-252r

BGUC 526, ff. 248v-249r

BNP Pb 133, f. 29v

BNP 6269, ff. 92r-92v

PA, V, f. 51v

TT Lv 1804, p. 190

²⁸ Viterbo transcreveu este poema em 1908, no *Archivo Historico Portuguez*. (Vol. 6, p. 195) e posteriormente em 1950 (pp. 17-18). Este poema foi também transcrito e objeto de uma breve reflexão por Freitas (1952: p. 6) e, mais tarde, por Fardilha (1982: p. 9).

²⁹ Confrontar nota à p. 247.

³⁰ Viterbo transcreveu este poema em 1908, no *Archivo Historico Portuguez*. (Vol. 6, p. 195) e posteriormente em 1950 (pp. 16-17).

³¹ Este poema foi parcialmente transcrito e objeto de uma breve reflexão por parte de Monteiro (1926: p. 5) e por Fardilha (1982: pp. 10-11), que o transcreveu integralmente.

TT Lv 2227, f. 160r
BCC AC, I, p. 315 (Gregório de Matos)
BNRJ 50.2.1, p. 75 (Gregório de Matos)
BNRJ 50.2.1A, pp. 292-293 (Gregório de Matos)
BNRJ 50.2.3, pp. 265-267 (Gregório de Matos)
BPE M 303, f. 191v (Gregório de Matos)
BPMP 1388, ff. 21v-22r (Gregório de Matos)
BGUC 516, f. 140v (A. Barbosa Bacelar)
BPMP 1203, p. 222 (D. João de Carvalho)
BNP 3581, f. 21r (an.)
BNP 8625, p. 15 (an.)
LC Pt 87, f. 135r (an.)
Impressos modernos
AP, IV-1, p. 67 (Gregório de Matos)
FT, II-Anexo, pp. 46-48
JA, I, pp. 320-321 (Gregório de Matos)

Neste insigne aparato que à vaidade

Manuscrito secundário
BGUC 391, f. 252v

No eres nieve que fueras derretida

Manuscritos secundários
BNP Pb 133, f. 90v
ADB 130, f. 45r (an.)
BGUC 388, f. 253v (an.)
BNP 4332, f. 98r (an.)

Ó muito nobre e sempre leal cidade³²

Manuscrito principal
P, ff. 63v-64r (inc.)
Manuscrito secundário
BGUC 338, f. 430v

Ó tu, que sibilante bamboleias³³

Manuscritos secundários
BA 49-III-52, f. 95r

³² Este poema foi parcialmente transcrito e objeto de uma breve reflexão por parte de Bruno (1907: p. 261) e por Frei Lucas, num artigo publicado em *O Tripeiro*, de 15 de julho de 1926. Foi também parcialmente transcrito por Freitas (1952: p. 4).

³³ Este poema foi transcrito e objeto de uma breve reflexão por parte de Aguiar e Silva (1971: pp. 136-137).

Oh, que valentemente as gotas dás

Manuscrito principal

P, f. 7r

Manuscritos secundários

BA 49-III-49, ff. 459r-459v

BGUC 1636, p. 84

PA, I, f. 200r (an.)

Padre Girão, se a Vossa Reverência³⁴

Manuscritos principais

C, pp. 125-126

L, p. 12

P, ff. 31v-32r

Manuscritos secundários

ACL A 693, f. 152v

BA, 49-III-49, ff. 460r-460v

BA 49-III-52, f. 97r

BGUC 390, f. 295r

BGUC 391, ff. 251r-251v

BGUC 526, ff. 206r-206v

BNP 6269, ff. 93v-94r

BNP 13217, ff. 328r-328v

PA, I, f. 93r

TT Lv 1080, f. 164v

TT Lv 1804, p. 186

BNRJ 50.2.3, pp. 289-290 (Gregório de Matos)

BPMP 1388, ff. 17v-18r (Gregório de Matos)

BGUC 392, f. 140v (D. Tomás de Noronha)

LC Pt 9, [f. 196r] (D. Tomás de Noronha)

BGUC 359, f. 270v (an.)

BNP 1650, p. 349 (riscado) (an.)

BNRJ I-13, 3, 20, p. 67 (an.)

LC Pt 87, f. 134v (an.)

Impressos modernos

FT, II-Anexo, pp. 49-51

MR, p. 7 (D. Tomás de Noronha)

Por mostrar milagrosa a Divindade

Manuscritos secundários

BPE M 304(a), ff. 395v-396r

³⁴ Há dois poemas com *incipit* semelhante, atribuídos a Gregório de Matos, que foram editados por Topa (1999: II, pp. 367-368 e 371-372).

TT Lv 1080, f. 163r
BGUC 526, ff. 113r-113v (an.)

Quando a fermosa mão Fílis movia

Manuscritos principais

L, p. 1

P, ff. 67v-68r

Manuscritos secundários

ACL A 693, f. 44v

BPMP FA 21, ff. 115r-115v

BGUC 383, f. 145r (A. Barbosa Bacelar)

Impressos modernos

MCF, p. 212 (A. Barbosa Bacelar)

MFC, p. 753 (A. Barbosa Bacelar)

Quando a Meneses te falar na grade

Manuscritos principais

C, p. 124

P, ff. 60r-60v

Manuscritos secundários

ADB 373, f. 116v

BGUC 405, f. 10r

BGUC 1636, p. 91

BPMP 1420, f. 11v

BNP Pb 133, f. 87v (D. Tomás de Noronha)

BPMP 1203, p. 223 (D. João de Carvalho)

Impresso moderno

TA, p. 179 (D. Tomás de Noronha)

Que fio de ouro, que cabelo ondado

Manuscritos secundários

BPMP 1203, p. 138

ADB 373, ff. 73r (an.)

BGUC 392, f. 93r (an.)

BNP 6269, f. 99v (an.)

Quis fazer o Carola seu papel

Manuscrito principal

P, f. 6v

Manuscritos secundários

BA 49-III-49, ff. 460v-461r

BGUC 338, f. 330r

BNP 6269, f. 92r

*Rubi, concha de perlas peregrina*³⁵

Manuscritos principais

C, p. 123

L, p. 11

P, ff. 43v-44r

Manuscritos secundários

ACL A 693, f. 149v

ADB 373, ff. 115v-116r

BA 46-VIII-44, f. 50

BA 49-III-49, f. 459r

BGUC 321, f. 90v

BGUC 338, f. 330v

BGUC 1636, p. 89

BNP 6269, f. 94r

BNRJ I-13, 3, 20, p. 100

BPE M 304(a), ff. 387v-388r

BPMP 1397, f. 258r

TT Lv 1659, f. 51v

TT Lv 1804, p. 184

TT Lv 1868, [f. 120v]

BI L.15-2, II, p. 67 (Gregório de Matos)

BNRJ 50.2.1, p. 69 (Gregório de Matos)

BNRJ 50.2.3, pp. 295-296 (Gregório de Matos)

BPMP 1388, f. 20r (Gregório de Matos)

BNP Pb 133, f. 89v (D. Tomás de Noronha)

LC Pt 9, [f. 189r] (D. Tomás de Noronha)

TT Lv 2227, f. 190r (D. Tomás de Noronha)

BNP 13217, ff. 291v-292r (Fernão Correia de Lacerda)

BGUC 526, f. 53v (Troilo de Vasconcelos)

BGUC 395, f. 88v (an.)

BNP 3581, f. 32r (an.)

Impressos modernos

FT, II-Anexo, pp. 52-53

JA, II, pp. 880-881 (Gregório de Matos)

Sapateiro moncoso o membro estava

Manuscritos secundários

BGUC 1636, p. 92

PA, I, ff. 199r-199v (an.)

³⁵ Este poema foi transcrito e objeto de uma breve reflexão por parte de Freitas (1952: p. 5).

*Soror Dona Barbata, em que vos pês*³⁶

Manuscrito principal

P, ff. 12v-13r

Manuscritos secundários

ACL A 581, f. 7v

ACL A 693, f. 145v

BA 49-III-49, f. 461v

BNP 10894, pp. 490-491

BNP 13221, p. 70

TT Lv 1804, p. 189

BNP 1650, p. 132 (A. Barbosa Bacelar)

BNP 6269, f. 86v (A. Barbosa Bacelar)

BNP 6204, p. 681 (an.)

BNP 13098, p. 255 (an.)

BPE R Arm. I, 29, II, p. 3 (an.)

PA, I, ff. 198r (an.)

Impressos modernos

FT, II-Anexo, pp. 163-164

MCF, p. 227 (A. Barbosa Bacelar)

Sou vivo sepulcro de esperanças

Manuscrito secundário

BGUC 303, f. 14r

1.8. TERCETOS

E quando desabafares

Manuscrito principal

P, f. 47v

2. POEMAS DE AUTORIA DUVIDOSA

*Corre por esta cidade*³⁷

Manuscritos secundários

BPMP 127, ff. 204v-208r

ACL A 693, ff. 211v-216r (Fr. Gabriel, frade Jerónimo)

ADB 373, ff. 288v-291v (an.)

BA 49-III-50, pp. 446-457 (an.)

³⁶ Este soneto foi transcrito por Fardilha (1982: pp. 8-9).

³⁷ Há um poema com *incipit* igual, que é transmitido por BGUC 338, ff. 405v-406r (an.) e por BNP 6269, ff. 213v-214r (an.).

BGUC 338, ff. 326v-329r (an.)

BNP 6269, ff. 210v-213v (an.)

A autoria do poema é disputada por Sucarelo e por outro poeta (em manuscritos secundários). Nestas condições não é possível fazer-se uma opção por um ou outro autor, até porque o texto aparece anónimo em quatro fontes testemunhais.

Romance *Não gosto, não, vida minha*

Manuscrito principal

P, ff. 69r-70v

Manuscritos secundários

ADB 5, pp. 149-152 (A. Fonseca Soares)

BGUC 384, ff. 124r-125r (A. Fonseca Soares)

BPMP 1186, pp. 359-361 (A. Fonseca Soares)

BPMP 1383, pp. 85-86 (A. Fonseca Soares)

BPMP 1400, ff. 66v-67v (A. Fonseca Soares)

O romance é transmitido por seis testemunhos: um manuscrito principal, que o atribui a Sucarelo, e cinco manuscritos secundários, que o dão como sendo de António da Fonseca Soares, que à partida deveria ser considerado como autor mais provável. Atendendo contudo ao facto de o manuscrito principal ser **P** – cuja data e cujo compilador o tornam particularmente credível –, cremos que o texto deve ser considerado de autoria duvidosa.

Romance *Por entre um bosque de Ninfas*

Manuscritos secundários

BGUC 373, pp. 303-308

BNP 13217, ff. 234r-234v

Impressos antigos

Fénix, II, pp. 174-178 (Duarte Ribeiro de Macedo)

Obras de D. R. Macedo, II, pp. 311-314 (Duarte Ribeiro de Macedo)

Neste caso, dois manuscritos secundários atribuem a autoria a Sucarelo, um dos quais, o da BGUC, que data de 1716, muito anterior, portanto, à edição do Tomo II da *Fénix Renascida* (1746) e às edições póstumas das Obras de D. R. Macedo (1747 e 1767). Nestas condições, cremos que a autoria não se encontra plenamente esclarecida.

Romance *Queixa-se o mar de Sodoma*

Manuscrito principal

L, pp. 193-195

Manuscritos secundários

BPE R CXIV/1-14d, ff. 203r-203v (D. Tomás de Noronha)

ACL A 693, ff. 229v-230r (an.)
BPE R Arm. I, 29, pp. 169-170 (an.)
TT F 22, ff. 118v-119r (an.)

A autoria do poema é disputada por Sucarelo (num manuscrito principal) e por D. Tomás de Noronha (num manuscrito secundário). Nestas condições não é possível fazer-se uma opção por um ou outro autor, até porque o texto aparece anónimo em três fontes testemunhais.

Silva *Reduzistes, menina, em tanto excesso*³⁸
Manuscritos secundários
BMC B 52/3, pp. 119-122
ACL A 693, ff. 168v-170v (Dr. Duarte Ribeiro)
Impresso antigo
Obras de D. R. Macedo, II, pp. 304-306 (Duarte Ribeiro de Macedo)

Embora um testemunho secundário e um testemunho impresso atribuam o poema a Duarte Ribeiro de Macedo, não será de descuidar a importância do manuscrito que atribui a autoria a Sucarelo, em virtude de este datar de 1690, portanto relativamente próximo ao poeta.

Soneto *Como estáis aquí, linda prenda mía*
Manuscrito secundário
BNP 13217, f. 310r

Soneto *Depois que Ausente paso mi trabajo*
Manuscrito secundário
BNP 13217, f. 309v

Relativamente aos dois sonetos anteriores, apesar de haver apenas uma fonte testemunhal que se pronuncia a favor de Sucarelo, a verdade é que o estilo dos sonetos se afasta da linha mais comum na poética do autor, suscitando reservas quanto à sua inclusão no cânone autoral.

Soneto *Não há amor que iguale ao da fragona*³⁹
Manuscritos secundários
ADB 373, f. 119r
BNP Pb 133, f. 37v (D. Tomás de Noronha)
BGUC 526, ff. 218v-219r (an.)

³⁸ O poema foi parcialmente transcrito e objeto de reflexão por parte de Pontes (1953: p. 148).

³⁹ Este poema foi parcialmente transcrito e objeto de uma breve reflexão por parte de Aguiar e Silva (1971: pp. 431-423).

Impresso moderno
TA, p. 174 (D. Tomás de Noronha)

A questão autoral em torno dos do soneto anterior manter-se-á por resolver, visto que, a partir dos testemunhos recenseados, não é possível atribuir em definitivo a autoria nem a João Sucarelo nem a D. Tomás de Noronha.

3. POEMAS EXCLUÍDOS

Décimas *Absorto na quarta esfera*
Manuscrito principal
L, pp. 45-49
Manuscritos secundários
BA 49-III-50, pp. 396-398 (D. Tomás de Noronha)
BNP 8581, f. 33v (D. Tomás de Noronha)
BNP 8594, ff. 23r-23v (D. Tomás de Noronha)
BPMP 705, ff. 149v-150v (D. Tomás de Noronha)
BA 52-IX-1, ff. 342r-342v (an.)
BGUC 362, ff. 211v-212r (an.)
BNP 6269, f. 198v (inc.) (an.)
BNP 13217, ff. 307r-308r (an.)
Impresso moderno
ALB, pp. 687-692 (D. Tomás de Noronha)⁴⁰

Dos dez testemunhos apresentados, apenas um atribui o texto a Sucarelo. Embora seja um manuscrito principal, é uma fonte que apresenta frequentemente erros de autoria, pelo que não deverá sobrepor-se aos quatro testemunhos que apontam D. Tomás de Noronha como o autor mais provável, não obstante o poema apareça anónimo em quatro manuscritos.

Décima *Dizem-me que estais doente*
Manuscritos secundários
BNP Pb 133, f. 105v
BGUC 392, f. 287r (D. Tomás de Noronha)
BNP Pb 131, 85 (D. Tomás de Noronha)
ACL A 693, f. 245v (Tomé Peixoto de Sá)

⁴⁰ ALB (2008), a partir do testemunho de BA 49-III-50, editou também *Certo frade franciscano* (pp. 645-664) e *Em muitas partes se viu* (pp. 665-686), que completam um tríptico, juntamente com *Absorto na quarta esfera*.

BMC B 52/3, pp. 216 (Dr. Peixoto)
BNP 13217, f. 383r (Baía)
ADB 100, f. 30r (an.)
ADB 130, ff. 155r-155v (an.)
BA 49-III-50, pp. 505-506 (an.)
BNP 4259, pp. 163-164 (an.)
BNP 6269, f. 206v (an.)
BNP Pb 132, f. 99v (an.)
BPMP FA 41, f. 316v (an.)
BPMP 127, f. 125r (an.)
BPMP 394, [f. 110v] (an.)
BPMP 705, f. 43r (an.)
BPMP 1045, ff. 22v-23r (an.)
BPMP 1194, [f. 119v] (an.)
BPMP 1535, f. 32v (an.)
TT Lv 241, f. 92v (an.)
Impresso antigo
Fénix, IV, p. 55 (Jerónimo Baía)

O poema é veiculado por um total de 21 testemunhos: 20 manuscritos secundários e um impresso. Apenas um manuscrito secundário atribui o texto a Sucarelo, que reparte as hipóteses de autoria com D. Tomás de Noronha, em dois manuscritos; com Tomé Peixoto de Sá, noutros dois manuscritos e com Jerónimo Baía numa fonte manuscrita e noutra impressa. Nestas condições, pensamos que o poema não pode ser considerado de João Sucarelo Claramente.

Décimas *Ei-lo, vai desenfreado*

Manuscrito principal

L, pp. 50-58

Manuscritos secundários

BNP 13217, ff. 308r-309r

BCC AC, II, pp. 208-214 (Gregório de Matos)

BNRJ 50.2.1A, pp. 57-63 (Gregório de Matos)

BPMP FA 22, II, pp. 153-157 (Gregório de Matos)

TT F 45, ff. 263v-266v (Gregório de Matos)

BGUC 1080, ff. 137v-140r (Marçal Casado)

BPE R CXXX/1-17, ff. 79r-80r (Marçal Casado)

BPMP 127, ff. 187r-188r (Marçal Casado Jácome)

BA 49-III-49, ff. 47v-48v (an.)

BPMP 1045, ff. 89r-91r (an.)

LC Pt 87, ff. 162v-163v (an.)
Impresso moderno
JA, II, pp. 894-897 (Gregório de Matos)

O poema é veiculado por um total de 14 testemunhos: um manuscrito principal, doze manuscritos secundários e um impresso. Apenas o primeiro – que é o mais tardio dos manuscritos principais – e um dos segundos atribuem o texto a Sucarelo; quatro dos manuscritos secundários e o impresso (que parte de um deles) apontam para Gregório de Matos; três manuscritos secundários indicam Marçal Casado como autor; os restantes apresentam o texto sem indicação de autoria. Nestas condições, pensamos que o poema não pode ser considerado de João Sucarelo Claramonte.

Romance *Cá para os Paços de El-Rei*

Manuscrito principal
L, pp. 104-106
Manuscritos secundários
BA 49-III-49, f. 469v
ACL A 693, ff. 250r (Peixoto)
BGUC 405, ff. 36r-36v (Peixoto)
BGUC 544, pp. 241-242 (Tomé Peixoto de Sá)
BNP 3070, ff. 253r-253v (Peixoto)
BNP 6269, ff. 270v (an.)
BPMP 751, [f. 52r] (an.)
BPMP 1535, ff. 5v-6r (an.)

O poema é veiculado por um total de nove testemunhos: um manuscrito principal e oito manuscritos secundários. Apenas o primeiro e um dos secundários atribuem o texto a Sucarelo. Nestas condições, pensamos que o poema não pode ser considerado de João Sucarelo Claramonte, sendo Tomé Peixoto de Sá o autor mais provável, tendo em conta as quatro atribuições de autoria que lhe são dirigidas.

Romance *Meu Senhor Corregedor*

Manuscritos secundários
BGUC 396, ff. 139r-141r
BPMP FA 21, ff. 265v-267r (A. Fonseca Soares)
BPMP 1249, pp. 84-86 (A. Fonseca Soares)
BPMP 1400, ff. 94r-96r (A. Fonseca Soares)
BPMP FA 41, ff. 169v-171r (an.)
PA, VIII, ff. 253v-254r (an.)

O texto é transmitido por seis manuscritos secundários, havendo apenas um que o atribui a Sucarelo. Dos restantes, dois apresentam-no como anónimo, ao passo que os outros três o dão como sendo de António Fonseca Soares, que deve assim ser considerado como o autor mais provável.

Romance *Que ides forro e a partir*

Manuscrito principal

L, pp. 122-124

Manuscritos secundários

BGUC 544, pp. 245-247 (Tomé Peixoto de Sá)

BNP 6269, f. 41v (an.)

PA, V, ff. 268v-269r (Peixoto)

Apenas o manuscrito principal é favorável a Sucarelo e essa fonte comete com frequência erros de atribuição. Não estão reunidas portanto as condições para incluir o poema no cânone da obra de Sucarelo, até porque, se num manuscrito secundário o texto aparece anónimo, noutros dois é atribuído a Tomé Peixoto de Sá, que deverá ser o autor mais provável.

Soneto *Amor me tem por vós negro ferrado*⁴¹

Manuscrito principal

L, p. 13

Manuscritos secundários

BNP Pb 133, f. 47v

BA 49-III-71, p. 35 (D. Tomás de Noronha)

BGUC 363, f. 59v (D. Tomás de Noronha)

BGUC 338, f. 423r (A. Barbosa Bacelar)

ACL A 693, f. 156r (an.)

BNP 3581, f. 81v (an.)

Impresso moderno

ADN, pp. 86-87 (D. Tomás de Noronha)

O poema é veiculado por um total de set testemunhos: um manuscrito principal e seis manuscritos secundários. Apenas o primeiro e um dos secundários atribuem o texto a Sucarelo. Nestas condições, pensamos que o poema não pode ser considerado de João Sucarelo Claramonte, até porque o calígrafo do manuscrito principal – António Correia Viana – atribuiu o poema quer a João Sucarelo Claramonte quer a D. Tomás de Noronha (BA 49-III-71, p. 35), cerca de dois anos antes (1780), que deverá ser o autor mais provável, como defende ALB (2008, p. 543).

⁴¹ Este poema foi transcrito e objeto de uma breve reflexão por parte de Aguiar e Silva (1971: p. 423).

Soneto *Basta, Crisfal, que todo o mundo acusa*⁴²

Manuscritos secundários

- BGUC 338, ff. 330v
ACL A 693, f. 141r (A. Barbosa Bacelar)
ADB 373, ff. 123v-124r (A. Barbosa Bacelar)
BA 49-III-52, 63v (A. Barbosa Bacelar)
BA 49-III-72, 16 (A. Barbosa Bacelar)
BGUC 390, ff. 295v-296r (A. Barbosa Bacelar)
BPMP 679, [ff. 70r-70v] (A. Barbosa Bacelar)
BPMP 1397, ff. 277v (A. Barbosa Bacelar)
BNP 10894, pp. 360-361 (A. Barbosa Bacelar)
BA 49-III-71, p. 28 (D. Tomás de Noronha)
ACL A 581, f. 51r (an.)
BGUC 324, f. 198v (an.)
BGUC 359, f. 69v (an.)
BGUC 526, f. 207r (an.)
BNP 3106, ff. 65v-66r (an.)
BNP 4332, f. 55v (an.)
BNP 6269, ff. 100r-100v (an.)
TT F 33, f. 135v (an.)
TT Lv 1659, f. 145r (an.)
TT Lv 1818, p. 106 (an.)
- Impressos modernos
- ADN, pp. 67-68 (D. Tomás de Noronha)
MCF, p. 158 (A. Barbosa Bacelar)
MFC, pp. 527-528 (A. Barbosa Bacelar)

O soneto é veiculado por vinte manuscritos secundários, havendo apenas um que o atribui a Sucarelo. Dos restantes, dez são anónimos, um atribui a autoria a D. Tomás de Noronha e oito pronunciam-se por António Barbosa Bacelar, que deve pois ser considerado como o autor mais provável, apontando também nesse sentido a edição de Mafalda Ferin Cunha.

Soneto *Bien malus, mala, malum te llevaste*

Manuscritos secundários

- BGUC 391, ff. 229v-230r
ADB 100, f. 28v (D. Tomás de Noronha)
BGUC 318, f. 73r (D. Tomás de Noronha)
BNP 589, 14 (D. Tomás de Noronha)
BNP 13371, f. 30v (D. Tomás de Noronha)

⁴² O soneto foi transcrito por Barros (2008: p. 352).

BNRJ 50.2.3, pp. 329-330 (Gregório de Matos)
BPMP 1388, f. 27r (Gregório de Matos)
BGUC 1134, f. 186r (Félix Barreiros)⁴³
ADB 130, ff. 47r-47v (an.)
ADB 596, p. 100 (an.)
BGUC 359, f. 58v (an.)
BGUC 383, f. 83v (an.)
BGUC 392, f. 113r (an.)
BGUC 392, ff. 259r-259v (an.)
BGUC 393, f. 83v (an.)
BGUC 395, f. 253v (an.)
BGUC 526, f.191v (an.)
BGUC 2829, ff. 15v-16r (an.)
BMPel 268, p. 154 (an.)
BNP 1650, pp. 343-344 (an.)
BNP 3106, f. 65v (an.) (inc.)
BNP 3582, ff. 175v-176r (an.)
BNP 6204, p. 816 (an.)
BNP 10894, p. 316 (an.)
BNP 13217, f. 77r (an.)
BPE M 173, ff. 295r-295v (an.)
BPE M 304(a), f. 396v (an.)
BPE R CV/2-6, III, f. 55v (an.)
BPE R CXII/1-2d, f. 53v (an.)
BPMP 1045, f. 10r (an.)
BPMP 1194, [f. 18v] (an.)
LC Pt 87, f. 106r (an.)
Impressos modernos
AP, VI, p. 109 (Gregório de Matos)
FT, II-Anexo, pp. 103-107 (Félix Barreiros)

Do largo conjunto de testemunhos que transmitem o poema, apenas um manuscrito secundário aponta Sucarelo como autor, o que é obviamente insuficiente para incluir o soneto sequer no grupo dos textos duvidosos do poeta. O grande número de testemunhos anónimos (vinte e quatro) e a diversidade de hipóteses de autorias do texto inviabilizam a possibilidade de o atribuir a um poeta em concreto.

⁴³ O poema foi acrescentado posteriormente.

Soneto *Cagando estava a dama mais formosa*⁴⁴

Manuscritos secundários

BPE M 304a, f. 387v

BPE R CXII/1-10, f. 148v

BA 49-III-71, 38 (D. Tomás de Noronha)

BGUC 363, f. 61v (D. Tomás de Noronha)

BGUC 392, ff. 272v-273r (D. Tomás de Noronha)

BGUC 1636, p. 83 (D. Tomás de Noronha)

BPMP 1121, [ff. 59r-59v] (D. Tomás de Noronha)

BPMP 1203, pp. 138-139 (D. Tomás de Noronha)

TT Lv 840, 148 (D. Tomás de Noronha)

ADB 367, f. 118v (A. Barbosa Bacelar)

ADB 367, ff. 200r-200v (A. Barbosa Bacelar)

BNP 13371, f. 94v (A. Barbosa Bacelar)

ACL A 693, f. 141v (an.)

ADB 130, ff. 46v-47r (an.)

ADB 373, ff. 73r-73v (an.)

BA 49-III-54, 91d (an.)

BGUC 321, f. 89v (an.)

BGUC 338, f. 325r (an.)

BGUC 388, f. 277v (an.)

BGUC 390, ff. 290v-291r (an.)

BGUC 516, f. 107r (an.)

BGUC 526, fl. 205r (an.)

BNP 3581, f. 82r (an.)

BPE M 173, f. 296r (an.)

BPE R CV/2-6, I, f. 114r (an.)

BPMP 1397, f. 269r (an.)

BPMP 1948, p. 155 (an.)

PA, I, ff. 87r-87v (an.)

TT Lv 1818, pp. 106-107 (an.)

Impresso moderno

AND, pp. 92-96 (D. Tomás de Noronha)

O poema, profusamente copiado, é transmitido por vinte e nove manuscritos secundários, que maioritariamente não apresentam autoria. Sete testemunhos inclinam-se a favor de D. Tomás de Noronha; três referem Barbosa Bacelar como possível autor e apenas dois atribuem a autoria a Sucarelo, o que é claramente insuficiente, para o incluir no cânone do poeta.

⁴⁴ O soneto foi transcrito por Barros (2008: p. 133).

Soneto *Em músico duelo contendiam*

Manuscritos secundários

BPE R CXII/1-10, f. 176v

ADB 373, f. 73v (A. Barbosa Bacelar)

BPE M 304(a), f. 396r (A. Barbosa Bacelar)

BNP 4259, p. 176 (A. Barbosa Bacelar)

BNP 10894, pp. 347-348 (A. Barbosa Bacelar)

BPMP 1420, ff. 9v-10r (A. Barbosa Bacelar)

BNP 13098, p. 272 (an.)

BPMP 127, f. 46r-46v (an.)

Impresso antigo

Fénix, II, p. 130 (A. Barbosa Bacelar)

Impresso moderno

MFC, p. 567 (A. Barbosa Bacelar)

Dos dez testemunhos do poema apontados, apenas um manuscrito secundário apresenta Sucarelo como autor, sendo mais provável que a autoria pertença a António Barbosa Bacelar, que conta com cinco atribuições em cinco versões manuscritas, reforçadas por uma impressa e uma edição mais recente.

Soneto *Entre as partes do todo, a melhor parte*

Manuscritos secundários

TT Lv 2160, [f. 150r]

BCC AC, I, p. 85 (Gregório de Matos)

BI L.15-2, I, p. 17 (Gregório de Matos)

BNRJ 50.1.11, p. 65 (Gregório de Matos)

BPE FM, 587, p. 63 (Gregório de Matos)

Impressos modernos

AP, I, p. 110 (Gregório de Matos)

FT, II, pp. 45-46 (Gregório de Matos)

JA, I, p. 67 (Gregório de Matos)

O soneto é apresentado em cinco versões manuscritas, das quais apenas uma atribui a autoria a João Sucarelo; as restantes, assim como os impressos modernos indicados, atribuem a autoria a Gregório de Matos, que deve ser o autor mais provável.

Soneto *Horas breves de meu contentamento*

Manuscritos secundários

BGUC 2829, ff. 24v-25r

BPE M 173, f. 48v

BNP 3106, ff. 125v-126r (Infante D. Luís)

BNP 4259, p. 33 (Infante D. Luís)
BPMP 950, [ff. 171r-171v] (Infante D. Luís)
BPMP 1045, [ff. 24r-24v] (an.)
BPMP 1157, [f. 67r] (an.)
BPMP 1420, f. 159r (an.)
BPMP 1854, ff. 283v-284r (an.)
Impressos antigos
Fénix, III, p. 252 (Infante D. Luís)
Fénix, V, p. 272 (an.)
Rimas Varias, f. 46v (Diogo Bernardes)

O poema, amplamente copiado, é transmitido por nove manuscritos secundários e três impressos. Cinco testemunhos não apresentam autoria; quatro inclinam-se a favor do Infante D. Luís; um refere Diogo Bernardes como possível autor e dois atribuem a autoria a Sucarelo, o que é claramente insuficiente, para o incluir o texto no cânone do poeta.

O soneto é objeto de glosa anónima *Esperar Esperança he morte amarga* no Ms. 1157 da BPMP, ff. 67r-69v e *Esperai, e esperança he morte amarga* em Fénix, V, pp. 273-277.

Soneto *Se assim, fermosa Helena, como és sol*

Manuscritos secundários

BPMP 705, f. 25r
ADB 130, f. 128v (D. Tomás de Noronha)
ADB 373, f. 122v (D. Tomás de Noronha)
BA 49-III-52, f. 68r (D. Tomás de Noronha)
BA 49-III-71, p. 5 (D. Tomás de Noronha)
BGUC 321, f. 23v (D. Tomás de Noronha)
BGUC 362, ff. 220v-221r (D. Tomás de Noronha)
BGUC 364, p. 42 (D. Tomás de Noronha)
BGUC 390, ff. 60r-60v (D. Tomás de Noronha)
BGUC 1636, p. 94 (D. Tomás de Noronha)
BNP 3106, ff. 61r-61v (D. Tomás de Noronha)
BNP 4259, p. 88 (D. Tomás de Noronha)
BPE R CXIV/1-13d, [f. 70r] (D. Tomás de Noronha)
LC Pt 9, [f. 157r] (D. Tomás de Noronha)
BNRJ 50.2.3, pp. 294-295 (Gregório de Matos)
BPMP 1388, ff. 19v-20r (Gregório de Matos)
BPMP 1121, [f. 12r] (Fernão Correia de Lacerda)
BPE M 304(a), f. 389r (Pena Correia)
BGUC 526, ff. 59r-59v (Vasconcelos)
BA 51-II-24, f. 178r (an.)
BGUC 359, f. 57r (an.)

BGUC 392, f. 124r (an.)
BGUC 395, ff. 162r-162v (an.)
BGUC 555, p. 161 (an.)
BNP 3581, f. 91v (an.)
BNP 4332, f. 39r (an.)
BNP 6269, f. 89v-90r (an.)
BNP 8599, p. 433 (an.)
BNP 10894, p. 429 (an.)
BNP 13098, 253 (an.)
BPMP 1203, p. 224 (an.)
LC Pt 252, p. 468 (an.)
TT Lv 1818, pp. 157-158 (an.)
Impressos modernos
ADN, pp. 8-11 (D. Tomás de Noronha)
AP, VI, p. 104 (Gregório de Matos)
FT, II-Anexo, pp. 81-83 (D. Tomás de Noronha)
MR, p. 2 (D. Tomás de Noronha)

Do largo conjunto de testemunhos apresentados, apenas uma versão atribui a autoria a Sucarelo, o que é obviamente insuficiente para incluir o soneto sequer no grupo dos textos duvidosos do autor. Treze versões manuscritas e três edições do texto atribuem-no a D. Tomás de Noronha, que se afigura o autor mais provável.

Soneto *Senhora Beatriz, foi o demónio*

Manuscrito principal

L, p. 16

Manuscritos secundários

TT Lv 1804, p. 187

ADB 373, f. 122r (D. Tomás de Noronha)

BA 49-III-52, f. 82r (D. Tomás de Noronha)

BGUC 362, f. 221r (D. Tomás de Noronha)

BGUC 392, ff. 276v-277r (D. Tomás de Noronha)

BGUC 526, ff. 174r-174v (D. Tomás de Noronha)

BNP 3106, f. 49v (D. Tomás de Noronha)

BNP 8600, p. 440 (D. Tomás de Noronha)

BNP 13098, p. 375 (D. Tomás de Noronha)

BNP Pb 133, f. 38v (D. Tomás de Noronha)

BPE CXIV/1-32d, s/p (D. Tomás de Noronha)

BPMP 1121, [ff. 45r-45v] (D. Tomás de Noronha)

TT Lv 241, f. 87v (D. Tomás de Noronha)

TT Lv 1818, pp. 96-97 (D. Tomás de Noronha)

BGUC 321, f. 33r (António Rebelo de Brito)

BGUC 390, ff. 59v-60r (António Rebelo de Brito)
BNP 13217, f. 48r (António Rebelo de Brito)
BGUC 3246, f. 152r (D. Francisco Rolim)
BNRJ 50.2.1, p. 76 (Gregório de Matos)
ACL A 693, f. 142r (an.)
ADB 130, f. 121v (an.)
ADB 573, f. 192r (an.)
BGUC 359, ff. 55r-55v (an.)
BGUC 1134, f. 186v (an.)
BGUC 3029, ff. 193v-194r (an.)
BNP 4332, f. 137v (an.)
BNP 6204, p. 660 (an.)
BNP 6269, f. 84r (an.)
BPE M 173, f. 91v (an.)
BPE M 304(a), f. 389v (an.)
PA, I, ff. 85v (an.)
Impressos modernos
ALB, pp. 145-149 (D. Tomás de Noronha)
FT, II-Anexo, pp. 84-86 (D. Tomás de Noronha)
JA, II, pp. 713-714 (Gregório de Matos)
TA, p. 180 (D. Tomás de Noronha)

Do largo conjunto de testemunhos que transmitem o soneto, apenas dois se pronunciam a favor de João Sucarelo. Apesar de um deles ser um manuscrito principal – aliás tardio –, cremos que não estão reunidas as condições para que o texto possa ser incluído sequer no grupo dos poemas duvidosos do autor. Treze manuscritos secundários e duas edições do poema apontam D. Tomás de Noronha como o autor mais provável.

Soneto *Senhora Mariana, em que vos pês*

Manuscrito principal

L, p. 15

Manuscritos secundários

BGUC 391, f. 252r

BGUC 359, ff. 131v-132r (D. Tomás de Noronha)

BGUC 392, f. 276r (D. Tomás de Noronha)

BNP 3106, f. 59v (D. Tomás de Noronha)

BNP 10894, pp. 356-357 (D. Tomás de Noronha)

BPE M 173, ff. 90v-91r (D. Tomás de Noronha)

BPMP 1121, [f. 44v] (D. Tomás de Noronha)

BCC AC, II, p. 187 (Gregório de Matos)

BNRJ 50.2.1A, pp. 46-47 (Gregório de Matos)

BA 51-II-24, f. 180r (an.)
BGUC 510, f. 171v (an.)
BGUC 526, ff. 179v-180r (an.)
BNP Pb 133. f. 21v (an.)
Impressos modernos
FT, II-Anexo, pp. 87-88 (D. Tomás de Noronha)
JA, I, pp. 657-658 (Gregório de Matos)

Das dezasseis versões que apresentamos, apenas duas – a de um manuscrito principal e a de um secundário – indicam João Sucarelo como autor, o que é insuficiente para incluir o soneto sequer no grupo dos textos duvidosos. Seis manuscritos secundários e uma outra edição do poema atribuem a autoria a D. Tomás de Noronha, que nos parece o autor mais plausível.

Soneto *Un soneto me manda hacer Violante*

Manuscritos secundários

TT Lv 1804, p. 188
ACL A 581, f. 2r (D. Tomás de Noronha)
ADB 573, ff. 236r-236v (D. Tomás de Noronha)
BA 49-III-71, p. 36 (D. Tomás de Noronha)
BNP 10894, p. 308 (Lope de Vega, acresc.)
TT Lv 1782, ff. 192r-192v (Lope de Vega)
BGUC 321, f. 33v (an.)
BGUC 391, f. 29v (an.)
BGUC 516, f. 110r (an.)
BGUC 526, ff. 203r-203v (an.)
BGUC 2829, ff. 43v-44r (an.)
BGUC 3029, f. 161v (an.)
BNP 3106, f. 125v (an.)
BNP 4259, p. 86 (an.)
BNP 4332, f. 55v (an.)
BNP 6204, p. 355 (an.)
TT Lv 1659, f. 106r (an.)
Impresso antigo
LV (1617), IX, f. 124r (Lope de Vega)
Impresso moderno
ADN, p. 88-90 (D. Tomás de Noronha)

O soneto aparece maioritariamente anónimo nos manuscritos portugueses, embora três (e uma outra edição) o atribuam a D. Tomás de Noronha, apenas um a João Sucarelo e dois a

Lope de Vega, que parece ser o autor mais provável, até porque o texto aparece publicado num testemunho impresso, que data de 1617, atribuído ao autor castelhano.

Soneto *Venceu a morte, ó Fábio, a fermosura*⁴⁵

Manuscrito secundário

BNP AT 287L, f. 48v

Impresso antigo

Memórias fúnebres, f. 21v (António Barbosa Bacelar)

Fénix IV, p. 307 (António Barbosa Bacelar)

Impresso moderno

MFC, p. 662 (António Barbosa Bacelar)

Embora o soneto anterior apresente um testemunho onde é atribuído a João Sucarelo, a autoria de António Barbosa Bacelar é inequívoca, como consta nas *Memorias funebres*, antologia publicada em 1650, em homenagem e memória de Dona Maria de Ataíde.

4. RÉPLICAS A POEMAS DE JOÃO SUCARELO

Décima *Daqui, Senhor Regedor*

Manuscrito secundário

BGUC 1134, ff. 70v-71r (Duarte Ribeiro de Macedo)

Impresso antigo

Obras de D. R. Macedo, II, p. 323 (Duarte Ribeiro de Macedo)

Décima *De ãa em outra esperança*

Manuscrito secundário

BGUC 1134, f. 71v (D. Rodrigo de Meneses)

Impresso antigo

Obras de D. R. Macedo, II, p. 324 (D. Rodrigo de Meneses)

Glosa *Amor que por glória tem*

Impresso antigo

Obras de D. R. Macedo, II, pp. 325-327 (D. Rodrigo de Meneses)

Redondilha *Antes que pão, muito açoute*

Manuscrito secundário

BPMP S 747, ff. 266v-267r (an.)

⁴⁵ O soneto foi transcrito por Pedro Jozé Suppico de Moraes em *Collecção Moral de Apothegmas...*, (1761, p. 211-212).

Romance *Contra vosso esquecimento*

Manuscrito secundário

ACL A 693, ff. 226v-227r (an.)

Romance *Ó tu, médico em ditongo*

Manuscritos secundários

ACL A 693, ff. 84r-84v (Frei Jerónimo de Moura)

BGUC 362, ff. 423r-424v (Frei Jerónimo de Moura)

BNP 8575, ff. 136r-137r (Frei Jerónimo de Moura)

BPMP 1396, ff. 256v-258r (Jerónimo Baía)

BA 49-III-50, pp. 568-569 (an.)

BPMP 127, ff. 199r-199v (an.)

Romance *Parte o medo para Aveiro*⁴⁶

Manuscritos secundários

BGUC 373, pp. 368-377 (Santos de Sousa)

ACL A 693, ff. 235r-236r (an.)

BGUC 338, ff. 420v-421v (an.)

BNP 13217, ff. 268v-269v (an.)

Silva *Olá, Senhora Musa!*

Manuscritos secundários

BGUC 359, ff. 162r-163v (Gregório Martins Ferrão)

BGUC 1023, ff. 32r-33v (Gregório Martins Ferrão)

Soneto *Bem caro te custou Gaspar de Anaia*⁴⁷

Manuscritos principais

P, [f. 94r]

L, p. 10 (an.)

Soneto *Diga, assim me perde a Reverência*

Manuscritos secundários

BA 49-III-52, f. 97v (Padre Girão)

BGUC 526, ff. 249v-250r (an.)

PA, I, ff. 93r-93v (an.)

⁴⁶ Este poema foi parcialmente transcrito e objeto de uma breve reflexão por parte de Cruz (1982: p. 57).

⁴⁷ Este soneto foi transcrito por Pereira (1914: p. 262); Freire (d. l. 1925: p. 37); Frei Lucas (em *O Tripeiro*, edição de 15 de julho de 1926); Cruz (1944: p. 28) e Freitas (1947: p. 112 e 1952: p. 9).

IV. BIBLIOGRAFIA

A. BIBLIOGRAFIA ATIVA

1. Fontes biográficas: Arquivos

1.1. Arquivo da Universidade de Coimbra

Actos e Graus (1639-1643). Vol. 32. AUC-IV-1.^a D-1-1-32.
Actos e Graus (1643-1649). Vol. 33. AUC-IV-1.^a D-1-1-33.
Aprovação das Inquirições e Oposições de Médicos e Boticários (1618-1706). AUC-IV-1.^a D-2-1-54.
Arca dos Médicos. Documentos de receita e despesa relativa aos partidos de médicos e boticários. (1606-1669). AUC-IV-1.^a E-8-3-26.
Arca dos Médicos. Documentos de receita e despesa relativa aos partidos de médicos e boticários. (1633-1734). AUC-IV-1.^a E-8-3-28.
Capela da Universidade. Confraria de Nossa Senhora da Luz (1636-1659). Esmolas, Inventários, receita e Despesa, Relações de Doutores, estudantes e oficiais. AUC-IV-1.^a E-3-4-4.
Folhas de Ordenados de Professores e Empregados e Tenças (1644-1650). AUC-IV-1.^a E-11-5-3.
Livro de Processos de Provisões das Cadeiras (1623-1679). AUC-IV-1.^a D-2-1-42.
Matrículas (1635-1641). Vol. 8; Liv. 6. AUC-IV-1.^a D-1-3-16.
Matrículas (1641-1646). Vol. 9; Liv.^s 2, 3, 4, 5. AUC-IV-1.^a D-1-3-17.
Matrículas (1646-1652). Vol. 10; Liv.1. AUC-IV-1.^a D-1-3-18.
Provas de Curso (1642-1645). Vol. 25. AUC-IV-1.^a D-1-5-9.
Provas de Curso (1645-1648). Vol. 26. AUC-IV-1.^a D-1-5-10.
Restauração. 1.º Batalhão Académico (1645). AUC-IV-1.^a E-1-1-1.

1.2. Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia do Porto

Despesa da Cadeia (1601-1662). Livros n.^{os} 28, 29, 34, 35, 37, 39. B. Bco.1.
Despesa do Hospital de D. Lopo (1584-1648). Livros n.^{os} 42, 43, 44. B. Bco.3.
Despesa do Hospital de D. Lopo (1650-1733). Livros n.^{os} 2, 5, 8. B. Bco.4.
Despesa do Hospital Geral (1648-1732). Livros n.^{os} 1, 3, 4, 6, 7, 9. B. Bco.4.
Despesa e Receita da Administração dos Legados de D. Lopo. Livros n.^{os} 45, 46, 47, 48. B. Bco.3.
Despesa Geral (1641-1698). Livro n.º 2. L. Bco.2.
Livramento de Presos. Livro n.º 3. B. Bco.2.
Livro de Governo da Misericórdia, n.º 2. H. Bco.6.
Livro 2 de Lembranças, n.º 4. D. Bco.8.
Livro 3 de Lembranças, n.º 5. D. Bco.8.
Mantimento de Presos (1663-1769). Livro n.º 4. B. Bco.2.

1.3. Arquivo Nacional Torre do Tombo

Chancelaria da Ordem de Cristo. Livro 31.º.
Chancelaria, Livro n.º 28 de Doações de Filipe III.
Consultas do Conselho de Guerra. Maço n.º 10, Documento 174.
Livro 11 de Ementas da Casa Real.
Livro 13 de Ementas da Casa Real.
Secretaria do Conselho de Guerra. Livro n.º 15, fl. 53v.

2. Fontes bibliográficas

2.1. Manuscritas

2.1.1. Manuscritos principais

Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra
544
Biblioteca Pública Municipal do Porto
– Fundo Geral
755

British Library
– Additional:
30767

2.1.2. Manuscritos secundários

Academia das Ciências de Lisboa
– Série Azul
581; 693

Arquivo Distrital de Braga
5; 100; 130; 154; 367; 373; 573; 596

Arquivo Nacional Torre do Tombo
– Arquivo da Casa de Fronteira
22; 33; 45 – Volume III

– Manuscritos da Livraria
241; 840; 1080; 1659; 1782; 1804; 1818; 1868; 2160; 2227

Biblioteca Celso Cunha (Faculdade de Letras da Univ. Federal do Rio de Janeiro)
Códice Asensio-Cunha – Vol. I; Códice Asensio-Cunha – Vol. II

Biblioteca da Ajuda
46-VIII-44; 49-III-49; 49-III-50; 49-III-52; 49-III-54; 49-III-71; 49-III-72; 51-II-4;
51-II-24; 52-IX-1

Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra
303; 318; 321; 324; 338; 353; 358; 359; 362; 363; 364; 373; 374; 382; 383; 384;
388; 389; 390; 391; 392; 393; 395; 396; 405; 510; 516; 526; 544; 555; 1023; 1069;
1080; 1134; 1553; 1636; 2829; 2998; 3029; 3246

Biblioteca Histórica do Ministério das Relações Exteriores do Rio de Janeiro
(Biblioteca do Itamarati)
L.15-2 – Volume I; L.15-2 – Volume II; L.15-2 – Volume III

Biblioteca de Menéndez Pelayo
268

Biblioteca Municipal de Coimbra
B 52/3

Biblioteca Nacional de Lisboa

– Arquivo Tarouca

287L

– Códices

589; 1650; 3070; 3106; 3581; 3582; 4259; 4332; 6204; 6269; 8575; 8581; 8594; 8599; 8600; 8611; 8625; 8632; 10894; 12932; 13098; 13217; 13218; 13221; 13371

– Pombalina

131; 132; 133

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

Cofre 50.1.11; Cofre 50.2.1; Cofre 50.2.1.^a; Cofre 50.2.2; Cofre 50.2.3; Ms. I – 13, 3, 20

Biblioteca Pública de Évora

– Fundo Manizola

173; 303; 304(a); 587

– Fundo Rivara

Armário I, 29; CV / 2-6; CXII / 1-2d; CXII / 1-10; CXIV / 1-13d; XIV / 1-14d; CXIV / 1-32d; CXXX / 1-17

Biblioteca Pública Municipal do Porto

– Fundo Azevedo

21; 22 – Volume II; 41

– Fundo Geral

127; 394; 679; 705; 751; 950; 1045; 1121; 1157; 1186; 1194; 1203; 1249; 1383; 1388; 1396; 1397; 1400; 1402; 1410; 1420; 1535; 1854; 1948

– Espólio de Alberto de Serpa

747

Library of Congress

– Portuguese Manuscripts

9; 87; 141; 252

Paróquia de Alvarães

I; V; VIII

2.2. Impressas

2.2.1. Impressos antigos

BERNARDES, Diogo, *Rimas varias flores do Lima. Composta por Diogo Bernardes*. Lisboa: Impresso por Manoel de Lyra, 1597. (Edição utilizada: Reprodução fac-similada da edição de 1597. Nota introdutória de Aníbal Pinto de Castro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985).

LOPE DE VEGA CARPIO, Félix, “La niña de Plata”. In *Comedias*. Novena parte. Madrid: Viuda de Alonso Martin Balboa, 1617.

MACEDO, Duarte Ribeiro de, *Obras do Doutor Duarte Ribeiro de Macedo, Cavalleiro da Ordem de Christo, do Conselho de Sua Majestade, e do de sua Real Fazenda, Enviado que foi ás Cortes de Pariz, de Madrid, e de Torim*. Tomo II. Lisboa, Officina de Antonio Rodrigues Galhardo, 1767.

MEMORIAS Funebres. Sentidas pellos ingenhos Portuguezes, na morte da senhora Dona Maria de Attayde. Offerecidas a Senhora Dona Luiza Maria de Faro Condessa de Penaguiam. Lisboa, Officina Craesbekiana, 1650.

SILVA, Matias Pereira da (ed.), *A fenix renascida, ou obras poeticas dos melhores engenhos portuguezes.* 5 vols. Lisboa: Officina dos herd. de Antonio Pedrozo Galram / Officina de Miguel Rodrigues, Impressor do Emin. Senh. Card. Patr., 1746.

2.2.2. Impressos modernos

ALVES, Teresa Paula L., *Novas poesias inéditas de D. Tomás de Noronha.* Apresentação crítica, selecção, fixação do texto, notas, normas de transcrição e glossário de Teresa Paula L. Alves. Braga: Edições APPACDM Distrital de Braga, 1997.

AMADO, James (ed.), *Gregório de Matos: obra poética.* Preparação e notas de Emanuel Araújo. 2 vols., Rio de Janeiro: Record, 1990.

BARROS, Anabela Leal de, *A poesia de Tomás de Noronha segundo a tradição manuscrita.* Tese de Doutoramento em Linguística, Especialidade de Linguística Portuguesa. Lisboa: faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2008.

CUNHA, Mafalda Ferin (ed.), *Obras poéticas de António Barbosa Bacelar.* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.

FONSECA, Maria do Céu Brás da, *Uma leitura de Camões por António Barbosa Bacelar: Edição de Sonetos.* Dissertação de mestrado em Literatura Portuguesa. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1992.

NEVES, Adelino Duarte, *Poemas de D. Tomás de Noronha: edição do manuscrito 49-III-71 da Biblioteca da Ajuda de Lisboa.* Dissertação de mestrado em Literatura Portuguesa. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1992.

PEIXOTO, Afrânio (ed.), *Obras de Gregorio de Mattos: 6 vols.* Rio de Janeiro: Officina Industrial Graphica, 1929-1933.

REMÉDIOS, Mendes dos (ed.), *Poesias ineditas de D. Thomás de Noronha poeta satyrico do sec. XVII.* Coimbra: França Amado – Editor, 1899.

TOPA, Francisco, *Edição crítica da obra poética de Gregório de Matos.* 4 tomos. Porto: Edição do Autor, 1999.

B. BIBLIOGRAFIA GERAL

1. Algumas referências sobre João Sucarelo Claramonte

ALMEIDA, M. Lopes de; PEGADO, César, *Livro 2.º do Registo das Cartas dos Governadores das Armas (1653-1657).* Coimbra: Biblioteca da Universidade, 1940.

ARCHIVO historico portuguez. Vol. VI. Lisboa: Of. Tip.- Calçada 7, 1908.

CARVALHO, Augusto da Silva, *Dicionário dos médicos e cirurgiões portugueses ou que estiveram em Portugal, manuscrito dactilografado em 12 volumes*. Academia das Ciências de Lisboa, s.d.¹

CARVALHO, Teixeira de, *Bric-à-Brac*. Prefácio de Gustavo de Matos Sequeira. Porto: Liv. Fernando Machado, 1926.

CASTELO BRANCO, Camilo, *Noites de Insónia*. Vols. I e II. Porto: Liv. Ernesto Chardron, 1874.

CASTELO BRANCO, Camilo, “Dous poetas inéditos do Porto”. In *Obras Completas*. Direcção de Justino Mendes de Almeida. Vol. XIV. Porto: Lello & Irmão – Editores, 1991 [“Noites de Insónia”, n.º 1, Janeiro de 1874].

CATÁLOGO e sumário dos documentos de carácter militar existentes nos mss. da Biblioteca da Universidade. In *Boletim do Arquivo Histórico Militar*. Vol. 6.º. Vila Nova de Famalicão: Minerva, 1936.

COSTA, Agostinho Rebello da, *Descrição topográfica e histórica da cidade do Porto. Que contém a sua origem, situação, e antiguidades: a magnificencia dos seus templos, mosteiros, hospitaes, ruas, praças, edificios, e fontes...* Porto: Oficina de Antonio Alvarez Ribeiro, 1789.

DIAS, Pedro Augusto, “O medico doutor José Bento Lopes: poeta gereziano”. In *Arquivos de História da Medicina Portuguesa*. Porto: Lemos & Companhia, IX (1919).

FARDILHA, Luís Sá, “João Sucarello poeta dos disparates do Porto”. In Sep. da *Revista de História*. Vol. III Porto: Centro de História da Universidade do Porto, 1982.

FREIRE (Mario), João Paulo, *Poetas portuenses*. Pôrto: Companhia Portuguesa Editora, [d.l. 1925].

FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha, *O Porto na obra poética do Dr. João Sucarello Claramonte*. Porto: Imprensa Moderna Limitada, 1952.

GIÃO, (Coronel Médico de Reserva) Manuel Rosado, “Notas sobre o Serviço de Saúde Militar na Guerra da Restauração. Cirurgiões-Móres e Físicos-Móres do Exército”. Separata do *Boletim de Serviço de Saúde Militar*. Lisboa: Liga dos Combatentes da Grande Guerra, 1942.

GUIMARÃES, Delfim, *Arquivo literário*. Lisboa: Livraria Editora Guimarães. XI (jul.-dez. 1925).

O INSTITUTO: Revista Científica e Literária. Coimbra: Instituto de Coimbra. 81 (1931).

MARCOS DE DIOS, Ángel, “Castilian and Portuguese in the sixteenth century”. In *A Comparative History of Literatures in the Iberian Peninsula*. Amesterdão / Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 2010. Vol. I. pp. 413-428. Disponível em WWW: <URL:http://books.google.pt/books?id=9NB0cialptcC&pg=PA417&lpg=PA417&dq=Sucarelo&source=bl&ots=4YAd9wOgam&sig=oq04oHmY69TdpZ4FNcOH9BLKdDo&hl = pt-PT&sa=X&ei=3zotUKDUOou4hAe99YBY&redir_esc=y#v=onepage&q=Sucarelo&f=false>.[Consult. 16 de ago. 2012].

MENDONÇA, Henrique Lopes de, *Boletim da segunda classe: Actas, comunicações e pareceres; 1902-1909*. Volume II. Lisboa: Por ordem e na Typographia da Academia, 1910.

MONTEIRO, Hernâni, “O Doutor João Sucarello Claramonte (médico-poeta do século XVII)”. Sep. do *Portugal Médico*, 8. Porto: Tip. a vapor da “Enciclopédia Portuguesa”, L^a, 1926.

MONTEIRO, Hernâni, *Origens da cirurgia portuense*. Porto: Araújo & Sobrinho, 1926.

¹ No Reservado 49-2/8 encontra-se apenas uma pequena nota do autor colada no verso do f. 142.

MONTEIRO, Hernâni, *Relações médicas entre Porto e Lisboa. Duas cidades ao serviço de Portugal. Subsídios para o estudo das relações de Lisboa e Porto durante oito séculos*. Porto. Edição do Município, 1947. Vol. I.

PEREIRA, Firmino, *O Porto d'outros tempos: notas historicas, memorias, recordações*. Porto: Livr. Chardron, 1914.

REIS, (Coronel Médico) Carlos Vieira, *História da Medicina Militar Portuguesa*. Vol. 2. Lisboa: Estado Maior do exército, 2004.

SAMPAIO BRUNO, José Pereira de, *Portuenses Illustres*. Tomos I e III. Porto: Livraria Magalhães & Moniz, 1907 e 1908.

O TRIPEIRO. Porto: A. Sardinha, 1926.

VITERBO, Sousa, “Três médicos poetas”. Sep. de *Arquivo Histórico Português*. Lisboa: Of. Tip.-Calçada 7, 1950.

2. O Porto de seiscentos

BOLETIM cultural da Câmara Municipal do Porto. Vol. XXXII. Porto: Tipografia Leitão, 1969.

BRITO, Maria Fernanda de, “Os padrões de D. Lopo”. Actas do Colóquio “O Porto na Era Moderna”. In *Revista de História*. Porto: Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de História da Universidade do Porto. Vol. IV, 1981. Disponível em WWW:<URL:http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id04id1230id2232&sum=sim>. [Consult. 16 de abr. 2014].

CATÁLOGO de Livros Raros e Esgotados Sobre as Cidades do Porto e Gaia. Porto: Livraria Manuel Ferreira, Ld^a., 2014.

CUNHA, Rodrigo da; PINTO, Antonio Cerqueira, *Catalogo dos Bispos do Porto. Composto pelo Illustrissimo D. Rodrigo da Cunha: nesta segunda impressam adicionado; e com suplementos de varias memorias ecclesiasticas*. Porto: Officina Portotypa, Episcopal, 1742.

CRUZ, António, “O Porto seiscentista: subsídios para a sua história”. Vol. X. In *Documentos e Memórias para a História do Pôrto*. Porto: Câmara Municipal do Porto, Gabinete de História da Cidade, 1943.

CRUZ, António, “Imagens e costumes do Porto de outras eras. Achegas para um roteiro do velho burgo portugalense”. Vol. XV. In *Documentos e Memórias para a História do Pôrto*. Porto: Câmara Municipal do Porto, Gabinete de História da Cidade, 1944.

FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha, “O Convento Novo de Santa Maria da Consolação”. Vol. XVI. In *Documentos e memórias para a história do Pôrto*. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1947.

FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha, *Toponímia portuense*. Matosinhos: Contemporânea Editora, D.L., 1999.

FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha, *Notícias do velho Porto*. Porto: Campo das Letras, 2006.

GAMA, Arnaldo, *A última dona de S. Nicolau. (Episodio da historia do Porto no seculo XV)*. Porto: Typ. do Commercio, 1864.

GUIMARÃES, Fernando, “O Pôrto na Restauração. (Subsídios para a sua história)”. Vol. VIII. In *Documentos e memórias para a História do Pôrto*. Porto: Câmara Municipal. Gab. de História da Cidade, 1941.

MONCÓVIO, Susana Maria Simões, “Congregação de Nossa Senhora da Conceição de Oliveira do Douro: alguns aspectos da fundação e arquitectura de um instituto sob Regra da Ordem Terceira de S. Francisco, na transição do século XVII-XVIII”. In *Revista da Faculdade de Letras: Ciências e Técnicas do Património*. Porto. 2006-2007.

PIMENTEL, Alberto, *O Porto na Berlinda. Memórias d’uma Família Portuense*. Porto: Livraria Internacional de Ernesto Chardron. Casa Editora M. Luga, Successor, 1894.

PINHO LEAL, Augusto Soares d’ Azevedo Barbosa de, *Portugal Antigo e Moderno. Diccionario Geographico, Estatistico, Chorographico, heraldico, Archeologico, Historico, Biographico, Etymologico de Todas as Cidades, Villas e Freguesias de Portugal e Grande Número de Aldeias*. Vol. 5. Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, 1875. Disponível em WWW: <URL: <http://ia600307.us.archive.org/20/items/portugalantigo02ferrgoog/portugalantigo02ferrgoog.pdf> >. [Consult. 04 de out. 2013].

RAMOS, Luís A. de Oliveira (Dir.), *História do Porto*. Porto: Porto Editora, 1995.

REAL, Manuel Luís, *et alii, No tempo das touradas – De esplêndida corrida a tradição repudiada*. Porto: Câmara Municipal do Porto, 2002.

RESENDE, Maria Teresa, “Touradas no Porto: Encantos e Desencantos com Ares do Norte”. In REAL, Manuel Luís, *et alii, No tempo das touradas – De esplêndida corrida a tradição repudiada*. Porto: Câmara Municipal do Porto, 2002.

RIBEIRO DA SILVA, Francisco, *O Porto e o seu termo (1580-1640). Os homens, as instituições e o poder*. 2 vols. Porto: Câmara Municipal, Arquivo Histórico, 1985.

RIBEIRO DA SILVA, Francisco, “O ensino público em Portugal no século XVII : avanços e recuos”. Sep de: *1.º Encontro de História da Educação em Portugal – Comunicações*. Lisboa, 1988.

RIBEIRO DA SILVA, Francisco, “O Porto nas Cortes do século XVII ou os Concelhos e o Poder Central em tempos de Absolutismo”. In *Revista da Faculdade de Letras. História*. II série, vol. X. Porto, 1993.

3. Obras para a contextualização da época de João Sucarelo Claramonte

3.1. A conjuntura histórica

ALVES, José Lopes, “Guerra da Restauração da Independência (1640-1668) – Intervenção do Marechal Schomberg”. In *Revista Militar*. N.º 2530, Novembro de 2012, p. 3. Disponível em WWW: <URL: www.revistamilitar.pt/art_texto_pdf.php?art_id=768 >. [Consult. 30 jun. 2015].

CARVALHO, Augusto da Silva, *A Medicina portuguesa no século XVII*. Sep. de Memórias da Academia das Ciências de Lisboa. Tomo III. Lisboa: 1941.

COSTA, Leonor Freire; CUNHA, Mafalda Soares da, *D. João IV*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2010.

CRUZ, António, “A campanha de 1657 na fronteira do Minho”. In *Trabalhos da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Vol. VI. Lisboa: A.A.P., 1942.

DUARTE, António Paulo David Silva, *Para uma tipologia da guerra no século XVII – A Batalha das Linhas de Elvas*. 2006. Disponível em WWW: <URL: http://www.revistamilitar.pt/artigo.php?art_id=70>. [Consult. 02 de jan. 2014].

ESPARTEIRO, (Comandante) António Marques, *Catálogo dos navios brigantinos (1640-1910)*. Lisboa: Publicação do Centro de Estudos da Marinha, 1976.

FERREIRA, Jorge Eurico Gonçalves de Sousa, *A missão e a acção dos enfermeiros militares portugueses (Da Guerra da Restauração à Grande Guerra)*. Tese apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau de doutor em Enfermagem. Instituto de Ciências da Saúde. Novembro, 2012. Disponível em WWW:<URL:<http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/12371/1/Tese.pdf>>. [Consult. 10 de jan. 2016].

LEMOS, Maximiano, *História da Medicina em Portugal. Doutrinas e Instituições*, 2.^a ed., Lisboa, D. Quixote. 1991.

MELO, D. Francisco Manuel de Mello, *Relação dos sucessos da Armada*. Coimbra: Centro de Estudos de Linguística Geral e Aplicada da FLUC, 2007.

MONTEIRO, Paulo, *India route: a perda do galeão S. Pantaleão (1651)*. Nautical Archaeology Program, Texas A & M University, 2003. Disponível em WWW: <URL:<http://nautarch.tamu.edu/shiplab/>>. [Consult. 24 de abr. 2012].

ORDENAÇÃOES, e leys do Reyno de Portugal, confirmadas, e estabelecidas pelo senhor Rey D. João IV. Novamente impressas, e acrescentadas com tres Collecções; a primeira, de Lays Extravagantes; a segunda, de Decretos, e Cartas; e a terceira, de Assentos da Casa da Supplicação, e Relação do Porto, por mandado do muito alto e poderoso Rey D. João V, Nosso Senhor. Livro V. Lisboa: no Mosteiro de S. Vicente de Fóra, Camara Real de Sua Magestade, 1747.

REIS, (Coronel Médico) Carlos Vieira, “Brevíssima história do Serviço de Saúde do Exército”. Vols. 1 e 2. In *História da Medicina Militar Portuguesa*. 2006.

RIBEIRO, Ângelo, “A Restauração da independência – O início da Dinastia de Bragança”. In SARAIVA, José Hermano *et alli* (Coord.), *História de Portugal*. Volume V. Matosinhos: QuidNovi, 2004.

VERÍSSIMO SERRÃO, Joaquim, *História de Portugal: A Restauração e a Monarquia Absoluta (1640-1750)*. Vol. 5: 2.^a ed., revista. Lisboa: Editorial Verbo, 1980.

VITERBO, Sousa, *Notícia sobre alguns médicos portugueses ou que exerceram a sua profissão em Portugal*. 5.^a série. Porto: Tipografia a Vapor da Enciclopédia Portuguesa, 1915.

3.2. A conjuntura social

3.2.1. A Universidade de Coimbra

BANDEIRA, Ana Maria Leitão, *Percurso académico na Universidade de Coimbra, nos séculos XVI a XX (orientações para pesquisa)*. Arquivo da Universidade de Coimbra Disponível em WWW: <URL:http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CB4QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.uc.pt%2Fauc%2Forientacoes%2FUC_GuiaPercursoAcademio.pdf&ei=G7KIU6X7FqGe0QXoioDIAQ&usg=AFQjCNGPbfU79ZPk88M6jUKxrAsfMt40FQ&bvm=bv.69411363,d.bGQ>. [Consult. 21 de jun. 2014].

BANDEIRA, Ana Maria Leitão, “Catálogo dos Processos de Habilitação a Partidos Médicos e Boticários (1658-1771)”. In *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*. Vol. XV e XVI. Coimbra, 1997.

BANDEIRA, Ana Maria Leitão; COSTA, Anabela Rodrigues Oliveira, “O Real Colégio de São Paulo: acervo documental de um colégio universitário de Coimbra (1559-1834)”. In *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*. XXVII (2014). Disponível em WWW:<URL: <http://iduc.uc.pt/index.php/boletimauc/article/view/1784>>. [Consult. 03 de mar. 2015].

BRAGA, Teófilo, *História da Universidade de Coimbra nas Suas Relações Com a Instrução Pública Portuguesa*. Tomo II (1555 a 1700). Lisboa: Por Ordem e na Tipographia da Academia Real das Sciencias, 1895.

CARVALHO, Joaquim de, *Organização do ensino superior: as Universidades de Coimbra e de Évora*. Disponível em WWW:<URL:<http://www.joaquimdecarvalho.org/artigos/artigo/52-Instituicoes-de-cultura-seculo-XVI>>. [Consult. 20 de jun. 2014].

CEREJEIRA, M. Goçaves, *Notas Históricas sôbre os Ordenados dos Lentes da Universidade*. Coimbra: Coimbra Editora, 1927.

COELHO, José Abílio, *Os “Partidos Médicos” e os cuidados de saúde prestados aos doentes pobres nos municípios portugueses*. Disponível em WWW:<URL: <http://quiosquedaruadafeira.blogspot.pt/2012/12/os-partidos-medicos-e-os-cuidados-de.html>>. [Consult. 18 de abr. 2014].

CRUZ, Lúcia, *Alguns contributos para a história da Restauração em Coimbra, no reinado de D. João IV*. Coimbra: Coimbra Editora, 1982.

ESTATUTOS da Universidade de Coimbra (1653). Por Ordem da Universidade. Edição fac-similada. Coimbra, 1987.

FONSECA, Fernando Taveira da, “Uma Relação do estado da Universidade de Coimbra em 1691”. In *Revista Portuguesa de História*. 24 (1988) 227-271 FLUC. Instituto de História Económica e Social. Disponível em WWW: <URL:<http://hdl.handle.net/10316/12698>>. [Consult. 20 de jun. 2014].

FONSECA, Fernando Taveira da, “Medicina”. In *História da Universidade em Portugal*. I Vol., Tomo II (1537-1771). Coimbra e Lisboa: Universidade de Coimbra e Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.

JACA, Carlos, “Da decadência da Universidade de Coimbra até ao consulado pombalino”. In *Linhas Gerais sobre a História da Universidade Conimbricense. Das suas origens à Reforma Universitária Pombalina de 1772*. 5.^a Parte. Disponível em WWW:<URL:http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CB4QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.esas.pt%2Fjaca%2Fdocs%2FFPARTE%2520V%2520PAG.pdf&ei=y3alU-ftDZGd0wWB4oGoB_w&usg=AFQjCNF_2uXdfUIT_3IpNLmKOXdJSLTPtw>. [Consult. 20 de jun. 2014].

LAMY, Alberto Sousa, *A Academia de Coimbra (1537-1990)*. Lisboa: Editora Rei dos Livros, 1990.

LEMOS, Francisco de, *Relação Geral do Estado da Universidade (1777)*. Por Ordem da Universidade. Coimbra: Atlântida Editora, 1980.

RASTEIRO, Alfredo, *O Ensino Médico em Coimbra: 1131-2000*. Coimbra: Minerva, 1999.

RODRIGUES, Manuel Augusto *et alli*, *Memoria Professorum Universitatis Conimbricensis (1290-1772)*. Vol. I. Coimbra: Arquivo da Universidade de Coimbra, 2003.

3.2.2. A Universidade de Salamanca

ESPERABÉ Y ARTEAGA Enrique, *Historia pragmática e interna de la Universidad de Salamanca*. 2 vols. Salamanca: Imprenta y Librería de Núñez Izquierdo, 1914-1917.

CRUZ, Águeda M. Rodríguez, *Historia de la Universidad de Salamanca*. Salamanca: Fundacion ramon Areces. Congregacion de Santo Domingo, 1990.

3.2.3. O papel das Misericórdias na assistência social

ARAÚJO, Maria Marta Lobo de, “Nas Franjas da Sociedade: os Esmolados das Misericórdias do Alto Minho (Séculos XVII e XVIII)”. In *Diálogos: Revista do Departamento de Historia e do Programa de Pós-Graduação em História*. Vol. 9, núm. 2. Universidade Estadual de Maringá. Maringá, Brasil, 2005. Disponível em WWW: <URL: <http://www.redalyc.org/pdf/3055/305526442009.pdf>>. [Consult. 08 de abr. 2014].

MENDES, António Lopes, “Misericórdia do Porto: a assistência aos presos através dos séculos”. In *Boletim da Santa Casa da Misericórdia do Porto*. N.º 2. Porto, 1988.

RIBEIRO DA SILVA, Francisco, “A Misericórdia do Porto na Centúria de Quinhentos”. In *A Santa Casa da Misericórdia do Porto e o Voluntariado em Saúde*. Porto: Santa Casa da Misericórdia do Porto, 2002.

PAIVA, José Pedro, “O episcopado e a «assistência» em Portugal na Época Moderna (séculos XVI-XVII)”. In *Actas do Congresso Igreja, Caridade e Assistência na Península Ibérica (Sécs. XVI-XVII)*. Ed. ABREU, Laurinda. Lisboa: Edições Colibri e CIDEHUS/UE – Centro Interdisciplinar de História, Cultura e Sociedade da Universidade de Évora, 2004.

SÁ, Isabel dos Guimarães, *Quando o rico se faz pobre: Misericórdias, Caridade e Poder no Império Português, 1500-1800*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1997.

SÁ, Isabel dos Guimarães, “Estatuto Social e Discriminação: formas de Selecção de Agentes e Receptores de Caridade nas Misericórdias Portuguesas ao Longo do Antigo Regime”. In *Actas do Colóquio Internacional Saúde e Discriminação Social*. 2002. Disponível em WWW: <URL: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/3848>>. [Consult. 8 de abril 2014].

3.2.4. Inquisição e cristãos-novos

MEA, Elvira Cunha de Azevedo, “A inquisição do Porto”. In *Revista da Faculdade de Letras: História*. Porto, 1979.

MEA, Elvira Cunha de Azevedo, “Os portuenses perante o Santo Ofício: século XVI”. In *Actas do I Congresso da Diocese do Porto Tempos e Lugares de Memória*. Vol. II. Porto / Arouca: Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão; Universidade Católica – Centro Regional do Porto; Faculdade de Letras da Universidade do Porto – Departamento de Ciências e Técnicas do Património, 2002.

MEA, Elvira Cunha de Azevedo, “A rotura das comunidades cristãs-novas do litoral, século XVII”. In *O litoral em perspectiva histórica (sécs. XVI a XVII)*. Porto: Instituto de História Moderna, 2002.

OLIVEIRA, António de, “O motim dos estudantes de Coimbra contra os cristãos-novos em 1630”. *Separata de Biblos*. Vol. 57, 1981.

TAVARES, Maria José Pimenta Ferro, *Os judeus em Portugal no século XV*. Vol. I. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1982.

4. Personalidades relacionadas com a vida e obra de João Sucarelo Claramonte

AFFONSO, Domingos de Araújo; VALDEZ, Ruy Dique Travassos, *Livro de oiro da Nobreza*. Braga: Tipografia da Pax, 1934. Tomo III.

AGRELA, Carlos de, *Famílias da Madeira e Porto Santo*. Disponível em WWW: <URL: http://www.concelhodecamaradeobos.com/Documentos/familias_porto_santo_madeira_camara_lobos.pdf>. [Consult. 26 abr. 2012].

ALMEIDA, Cândido Mendes de, “Assentos das Casas da Supplicação e do Porto”. In *Auxiliar jurídico servindo de appendice a decima quarta edição do Código Philippino ou Ordenações do Reino de Portugal recopilados por mandado de El-Rey D. Philippe I. A primeira publicada no Brazil. Obra útil aos que se dedicão ao estudo do Direito e da Jurisprudência pátria*. Rio de Janeiro: Typographia do Instituto Philomathico, 1869. Lisboa: Edição “fac-simile” da Fundação Calouste Gulbenkian.

ALMEIDA, M. Lopes de, *Artes e ofícios em documentos da Universidade*. Vol. I. Século XVII. Coimbra: Atlântida, 1970 e Vol. III. 1630-1650. Coimbra: Coimbra Editora, 1972.

ALMEIDA, M. Lopes; BRANDÃO, Mário, *A Universidade de Coimbra: esbôço de sua historia*. Coimbra: Por Ordem da Universidade, 1937.

AMARAL, Luís; CORREIA de MATOS, Lourenço, *Leitura de bacharéis: índices dos processos*. Lisboa: Edições Guarda-Mor, 2006.

ANDRADE, Manuel Vaz Ferreira, *A freguesia de S. Cristóvão*. Vol. II. Lisboa: Câmara Municipal, 1945.

ASSUMPCÃO, Tomás Lino de, *As ultimas freiras*. Porto: Lopes & Ca, 1894.

BAENA, (Visconde de) Sanches de, *Archivo Heraldico-Genealogico*. Lisboa: Typ. Universal, 1872.

BASTO, Artur Magalhães, “D. Sebastião César de Meneses, Bispo-eleito do Pôrto (1642-1649)”. In *Trabalhos da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Vol. V. Lisboa: A.A.P., 1941.

BELÉM, Jerónimo de, *Chronica serafica da Santa Provincia dos Algarves, da Regular Observancia, de nosso seráfico Padre S. Francisco, Em que se trata das Fundações de dez Conventos de Frades e três de Freiras*. Segunda Parte. Lisboa: Mosteiro de S. Vicente de Fora, Câmara Real de Sua Magestade Fidelissima, 1753.

BIBLIOTHECA familiar e recreativa oferecida á mocidade portuguesa. Volume 2.º. Lisboa: Imprensa Nevesiana, Segunda série, 1844.

BOLETIM cultural da Câmara Municipal do Porto. Vol. XVII. Porto: Câmara Municipal, 1954.

BORGES, Augusto Moutinho, *Reais Hospitais Militares em Portugal (1640-18)*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.

BORREGO, Nuno Gonçalo Pereira, *Habilitações nas Ordens Militares. Séculos XVII a XIX*. Lisboa: Guarda-Mor, D. L. 2008.

CASTRO, Padre João Bautista de, *Mappa de Portugal Antigo, e Moderno*. Tomo Segundo, partes III e IV. Lisboa: Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1763.

COSTA, Américo, *Diccionario Chorographico de Portugal Continental e Insular: hydrographico, historico, orographico, biographico, archeologico, heraldico [e] etymologico*. Pref. José Joaquim Nunes. Porto: Civilização, 1929 e 1947. Vols. I e IX.

COSTA, António Carvalho da, *Corografia Portugueza, EDescripçam Topografica do famoso Reyno de Portugal, Com As Noticias Das Fundaçõens Das Cidades, Villas, & Lugares, que contém; Varoens illustres, Genealogias das Familias nobres, fundaçõens de Conventos, Catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens*. Tomo I. Lisboa: Officina de Valentim da Costa Deslandes, Impressor de Sua Magestade & á sua custa impresso, 1706. / Tomo II, 2.^a Edição.. Braga: Typographia de Domingos Gonçalves Gouvea, 1868.

DICCIONARIO aristocratico contendo os alvarás dos foros de fidalgos da Casa Real que se achão registados nos livros das mercês hoje pertencentes ao Archivo da Torre do Tombo desde os mais antigos que nelle há até aos actuaes. Tomo Primeiro. Lisboa: Imprensa Nacional, 1840.

DICIONÁRIO de Personalidades. In SARAIVA, José Hermano (Coord.) *et alli, História de Portugal*. Matosinhos: QuidNovi, 2004. Vols. XVII, XVIII.

ERICEIRA, (D. Luís de Menezes) Conde da, *Historia de Portugal Restaurado*. Tomo II. Lisboa: Officina de Miguel Deslandes, Impressor de Sua Magestade, 1698.

ERICEIRA, (D. Luís de Menezes) Conde da, *Historia de Portugal Restaurado. Em que se dá noticia das mais gloriosas acções assim politicas, como militares, que obráraõ os Portuguezes na restauração de Portugal, desde o anno de 1662, até ao anno de 1668*. Tomo IV, Parte Segunda. Lisboa: Offic. De Ignacio Nogueira Xisto, 1759.

FARIA, Ana Maria Homem Leal de, *Duarte Ribeiro de Macedo. Um Diplomata Moderno (1618-1680)*. Lisboa: Biblioteca Diplomática do Ministério dos Negócios Estrangeiros, 2005.

FARIA, Leandro Dorea Caceres e, *Catastrophe de Portugal na deposição d'El Rei D. Affonso o Sexto, sub-rogação de Principe D. Pedro o Único, justificada nas calamidades publicas, escrita para justificação dos Portugueses*. Lisboa: Miguel Manescal, 1669.

FARINHA, Maria do Carmo Jasmins Dias, *Os arquivos da Inquisição*. Série IDD's. Lisboa: Arquivo Nacional Torre do Tombo, Serviço de Publicações e Divulgação, 1990.

FERREIRA, Francisco Leitão, "Catalogo chronologico-critico dos Bispos de Coimbra". In ALEGRETE, Manoel Telles da Silva, Marquês de, *Collecçam dos documentos e memorias da Academia Real da Historia Portugueza Que neste ano de 1724 se compuseraõ, e se imprimiraõ por ordem dos seus Censores*. Lisboa: Officina Pascoal da Sylva, 1724.

FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha; MENDES, António Lopes, *Provedores e Escrivães da Santa Casa da Misericórdia do Porto*. Porto, 1990.

GAYO, Felgueiras, *Nobiliário das famílias de Portugal*. Tomos I e XXVI. Braga: Oficinas Gráficas da "Pax", 1938 / 1940.

GAYO, Felgueiras, *Nobiliário das famílias de Portugal. Título de Souzas*. Braga: Oficinas Gráficas da "Pax", 1941.

GAYO, Felgueiras, *Nobiliário das famílias de Portugal*. Tomos XXVII e XXIX. Braga: Ed. Carvalho de Basto, 1990.

LIVRO dos autos de posse dos Presidentes, Conselheiros e Mais Ministros do Conselho Ultramarino. [Disponível em WWW: <URL: http://actd.iict.pt/eserv/actd:CUF007/Lista_CU_Conselheiros.pdf>. Consult. 13 de mai. 2012].

MACHADO, Diogo Barbosa, *Bibliotheca lusitana, historica, critica, e cronologica. Na qual se comprehende a noticia dos authores portuguezes, e das obras, que compuzeraõ desde o tempo da promulgação da Ley da Graça até o tempo presente por Diogo Barbosa Machado Ulyssiponense Abbade Reservatorio da Parochial Igreja de Santo Adrião de Sever, e Academico do Numero da Academia Real*. Tomos I, II, III, IV. Lisboa: Officina António Isidoro da Fonseca, 1740 / Officina de Ignacio Rodrigues, 1747 / Officina de Ignacio Rodrigues, 1752 / Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1759.²

MONTEIRO, Fernando Manuel Moreira de Sá, “Sás, subsídios para uma genealogia”. In *Boletim de Trabalhos Históricos*. Disponível em WWW: <URL: http://www.csarmento.uminho.pt/docs/amap/bth/bth1980_04.pdf>. [Consult. 08 de abr. 2012].

MONTEIRO, Pedro, “Noticia geral das Santas Inquisiçoes”. In ALEGRETE, Manoel Telles da Silva, Marquês de, *Collecçam dos documentos e memorias da Academia Real da Historia Portugueza, Que neste ano de 1723 se compuseraõ, e se imprimiraõ por ordem dos seus Censores*. Lisboa: Officina Pascoal da Sylva, 1723.

MORAIS, Cristóvão Alão de, *Pedatura lusitana: nobiliário de familias de Portugal*. Edição de Alexandre António Pereira de Miranda Vasconcellos *et alli*, Porto: Livr. Fernando Machado, 1943-1948.

MORAIS, Pedro José Suppico de, *Collecção moral de apothegmas, ou ditos agudos, e sentenciosos, Novamente Impressa, correctæ e illustrada*. Parte II. Coimbra: Officina de Francisco de Oliveyra, Impressor do Santo Offício, 1761.

OLIVEIRA, Eduardo Freire de, *Elementos para a historia do municipio de Lisboa*. Tomo III, 1ª Parte. Lisboa: Tipographia Universal, 1887.

PASSOS, Carlos de, “Os brios portuenses em 1580 e 1640”. In *Trabalhos da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Vol. VI. Lisboa: A.A.P., 1942.

PEREIRA, Isaiás da Rosa, *A propósito da restauração do Tribunal do Santo Officio em 1681*. Disponível em WWW:<URL:http://repositorio.uac.pt/bitsteam/10400.3/516/1/IsaiasRosaPereira_p225-245.pdf>.[Consult. 13 de mai. 2012].

PRESTAGE, Edgar, *D. Francisco Manuel de Mello*. Esboço Biographico. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1914.

REZENDE, José Cabral Pinto de; REZENDE, Miguel Pinto de, *Famílias nobres nos concelhos de Cinfães, Ferreiros e Tendais nos sécs. XVI, XVII e XVIII*. Porto: Edições Carvalhos de Basto, 1988.

SANTARÉM, Visconde de, *Quadro elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal: com as diversas potencias do mundo, desde o principio da monarchia portugueza até aos nossos dias*. Tomo IV. Parte 1.ª. Paris: J. P. Aillaud, 1843.

SILVA, Aires da, “Collegiaes do Collegio Real de S. Paulo, do anno de 1653 até o de 1600”. In ALEGRETE, Manoel Telles da Silva, Marquês de – *Collecçam dos documentos e memorias da Academia Real da Historia Portugueza Que neste ano de 1727 se compuseraõ, e se imprimiraõ por*

² Esta obra apresenta-se numa edição mais moderna, publicada em Coimbra por Atlântida Editora, 1965-1967.

ordem dos seus Censores. Lisboa: Officina Joseph Antonio da Sylva, Impressor da Academia Real, 1727.

SILVA, Inocêncio Francisco da, *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Tomos III e VI. Lisboa: Imprensa Nacional, 1859 e 1862.

SILVA, José Justino de Andrade, *Collecção chronologica da legislação portugueza compilada e anotada*. 1648-1656 e 1657-1674, 2.^a Série. Lisboa: Imprensa de F. X. de Souza, 1856.

SOTTO-MAYOR, Miguel Carlos de, *As victorias dos portuguezes em defeza da sua independencia: escripto anti-ibérico*. Porto: Typ. da Livraria Nacional, 1868.

SOUSA, António Caetano de, *Agiologio lusitano, dos santos, e varões illustres em virtude do Reino de Portugal e suas conquistas consagrado á immaculada Conceição da Virgem Maria Senhora nossa, Padroeira do Reino*. Tomo IV. Lisboa: Regia Officina Sylviana, e da Academia Real, 1744.

SOUSA, António Caetano de, *Historia genealogica da Casa Real portugueza, desde a sua origem até o presente com as famílias illustres, que precedem dos Reys, e dos sereníssimos Duques de Bragança. Justificada com instrumentos e escritores de inviolável fé, e oferecida a ElRey D. João V, Nosso Senhor*. Tomos V; XI; XII, Parte I. Lisboa: Officina Sylviana, e da Academia Real, 1738, 1745, 1747.

SOUSA, António Caetano de, *Memorias histtoricas e geneologicas dos grandes de Portugal , que contém a origem e Antiguidade de suas Familias: os Estados, e os Nomes dos que actualmente vivem, suas Arvores de Costado, as alianças das Casas, e os Escudos de Armas, que lhes competem, até o anno de 1754*. Lisboa, Reggia Officina Sylviana e da Academia Real, 1755.

SOUSA, Joaquim José Caetano Pereira e, *Esboço de hum diccionario juridico, theoretico, e practico, remissivo ás leis compiladas, e extravagantes*. Tomo II. Lisboa: Typographia Rollandiana, 1827.

TORGAL, Luís Reis, *Ideologia política e teoria do Estado da Restauração*. Volume I. Coimbra: Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, 1981.

VIEIRA, P.^o António, *Cartas do P. Antonio Vieyra da Companhia de Jesu*. Tomos I e II. Lisboa: Officina da Congregação do Oratório, 1735.

VIEIRA, P.^o António, *Cartas do Padre António Vieira*. Tomo III. Coordenadas e Anotadas por J. Lúcio de Azevedo. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1928.

VIEIRA, P.^o António, *Obras completas do Padre António Vieira*. Porto: Lello & Irmão, 1993.

VITERBO, Sousa, “A Livraria de Musica de D. João IV e o Seu Index, Noticia Historica e Documental”. In *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*. Tomo IX, Parte I. Lisboa: Academia Real das Sciencias. Nova Serie, 2.^a Classe, Sciencias Moraes e Politicas, e Bellas Lettras, 1902.

5. Estudos

5.1. Estético-literários

AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de, *Maneirismo e Barroco na Poesia Lírica Portuguesa*. Dissertação de Doutoramento em Filologia Românica, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Coimbra: Centro de Estudos Românicos, 1971.

AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de, *Teoria da Literatura*. 6.^a Edição, Vol. I. Coimbra: Livraria Almedina, 1984.

ALÍN, José María; María Begoña Barrio, *El Cancionero Teatral de Lope de Vega*. London: Tamesis, 1997, pp. 170-171. Disponível em WWW: <URL:https://books.google.pt/books?id=EwYSxzV1F3EC&pg=PA170&dq=Lope+de+Vega+menga+e+bras&hl=pt-&sa=X&ved=0CCYQ6AEwAWoVCMiov_9tbmDxwIVQTsUCh2gRwzi#v=onepage&q=Lope%20de%20Vega%20menga%20e%20bras&f=false>. [Consult. 30 jun. 2015].

ANTONUCCI, Fausta, “La matéria caballeresca en el primer Lope de Vega”. In *La Comedia de Caballerías. Actas de las XXVIII Jornadas de Teatro Clásico de Almagro*. Almagro: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha, 2006. Disponível em WWW:<URL:https://books.google.pt/books?id=lgoV5hiTYzMC&pg=PA59&dq=La+materia+caballer%C3%ADa+en+el+primer+Lope+de+Vega&hl=pt-PT&sa=X&ved=0CB4Q6AEwAGoVChMInqKWq7O DxxwIVSewUCh0UXwDe#v=onepage&q=La%20materia%20caballer%C3%ADa%20en%20el%20primer%20Lope%20de%20Vega&f=false>. [Consult. 30 jun. 2015].

ARES MONTES, José, *Góngora y la Poesia Portuguesa del Siglo XVII*. Madrid: Editorial Gredos, 1956.

BRAGA, Teófilo, *Historia da poesia popular portuguesa*. Porto: Typographia Lusitana, 1867.

BRAGA, Teófilo, “Bernardim Ribeiro e os Bucolistas”. In *Historia da Poesia Portuguesa (Eschola Hispano-italica)*. Seculo XVI. Porto: Imprensa Portuguesa – Editora, 1872.

BRAGA, Teófilo, *História da Literatura Portuguesa (Recapitulação). Os Seiscentistas*. 3.^a Edição. Vol. III. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

BURGOS, D. Augusto de, ed., “Biografía de Autores Dramáticos Españoles. Cuarto Artículo. El Dr. Juan Pérez de Montalván”. In *Revista Barcelonesa: Periódico propagador de toda classe de conocimientos útiles*. Tomo I. Barcelona: Establecimiento Tipografico de D. Juan Oliveres, Impresor de S. M., 1847. Disponível em WWW:<URL:https://books.google.pt/books?Id=JSMCAAAAYAAJ&pg=PA198&dq=Que+%C3%A9s+bueno+estragnar+la+bizarria+por+redimir+la+deshonra.&hl=pt-PT&sa=X&ei=bRpoVc-hOYP8UofJgOAH&ved=0CCoQ6AewAg#v=onepage&q=Que%20%C3%A9s%20bueno%20estragnar%20la%20bizarria%20por%20redimir%20la%20deshonra.&f=false>. [Consult. 29 maio 2015].

CARVALHO, José Adriano de Freitas, *Tomé Tavares Carneiro. Outavas à Jornada pelo Douro acima com uns amigos*. Porto: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória» / Edições Afrontamento, 2012.

CARVALHO, Maria do Socorro Fernandes de, “Notas sobre antologias individuais publicadas em Portugal no século XVII: por que, como e quem publica poesia lírica”. In *Nonada. Letras em Revista*. Vol. 2, n.º 21. Porto Alegre: Editora UniRitter, 2013. Disponível em WWW:<URL:http://seer.uniritter.edu.br/index.php/nonada/article/view/788/515>. [Consult. 19 de agost. 2015].

CERVANTES de SAVEDRA, Miguel, *Historia de D. Quixote de La Mancha*. Edição Enriquecida Com Gravuras. Lisboa: Typographia Universal, 1853.

CLARO, ESCURO. *Revista de Estudos Barrocos*. Lisboa: Quimera, 2-3 (1989).

DINIS, Cidália, *Obras burlescas de Tomé Tavares*. Estudo e Edição Crítica. Munique: Martin Maidenbauer, 2008.

HATHERLY, Ana, “Um obséquio alegórico à munificência de D. João V”. In *Claro e Escuro. Revista de Estudos Barrocos*. Lisboa: Quimera, 2-3 (1989), p. 149.

LOBATO, María-Luisa, ed., *Calderón. Teatro Comico Breve*. Kassel: Grafisch Werkstatt, 1989, pp. 171-178. Disponível em WWW:<URL:https://books.google.pt/books?id=o3T1VMLCC9cC&pg=PA175&dq=sabe+Dios+si+volver%C3%A1&hl=pt-T&sa=X&ved=0CDwQ6AEwBGoVChMIiKL8j8GDxwIVBb0UCh07lwOF#v=onepage&q=sabe%20Dios%20si%20volver%C3%A1&f=false>. [Consult. 30 jun. 2015].

MESQUITA, Ary, *O livro de ouro da poesia universal: 30 séculos de poesia do século IX a.C. até ao século XX*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1993.

NOGUEIRA, Carlos, “A sátira de Gregório de Matos”. In *Revista Línguas e Letras*. ISSN: 1517-7238. Vol. 12, n.º 23. 2.º Sem, 2011. Disponível em WWW: <URL: http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/viewArticle/5085>. [Consult. 16 de jan. 2014].

NORONHA, José, *Para uma leitura da poesia Barroca*. Lisboa: Editorial Presença, 1999.

PAIVA, José Pedro, *Portugal e o mundo no tempo do Padre António Vieira*. Conferência proferida na Ericeira, a convite do Instituto de Cultura Europeia e Atlântica (ICEA) e da Associação Portuguesa da História (APH), no dia 1 de Março de 2008, e realizada na Casa da Cultura Jaime Lobo e Silva. Ericeira: 2008.

PEREIRA, Elsa, *Opúsculo para Jorge da Câmara*. Munique: Martin Maidenbauer, 2007.

PIRES, Lucília Gonçalves; CARVALHO, José Adriano de, *História Crítica da Literatura Portuguesa. Maneirismo e Barroco*. Vol. III. Direção de Carlos Reis. Lisboa / São Paulo: Editorial Verbo, 2001.

PONTES, Maria de Lurdes Belchior, *Frei António das Chagas. Um homem e um estilo do século XVII*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1953.

ROCHA, Andréa, “A poesia barroca no tempo de D. João V. Declínio ou persistência?”. In *Claro e Escuro. Revista de Estudos Barrocos*. Lisboa: Quimera, 2-3 (1989), p. 143.

SARAIVA, António José; LOPES, Óscar, *História da literatura portuguesa*. Porto: Porto Editora, 1978.

SENA-LINO, Pedro António Freire Santos de, *Estratégias por correspondência. Uma leitura da obra de Feliciano de Milão*. Tese de doutoramento no Ramo de Estudos de Literatura e Cultura de Expressão Portuguesa. Lisboa: Faculdade de Letras. Departamento de Línguas Românicas, 2012. Disponível em WWW:<URL:http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/8010/1/ulsd064968_td_tese.pdf >. [Consult. 16 de jan. 2014].

5.2. Sobre Crítica textual

ARELLANO, Ignacio; CAÑEDO, Jesús, *Crítica textual y anotación filológica en obras del Siglo de Oro* (Actas del Seminario Internacional para la Edición y Anotación de Textos del Siglo de Oro – Pamplona, Universidad de Navarra, Abril de 1990). Madrid: Castalia, 1991.

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de, *Iniciação em Crítica Textual*. Rio de Janeiro: Presença / São Paulo: EDUSP, 1987.

CASTRO, Ivo; RAMOS, Maria Ana, *Estratégia e Tática da Transcrição*. Paris: Foundation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, 1986. (Separata de *Critique Textuelle Portugaise – Actes du Colloque – Paris, 20-24 octobre 1981*, pp. 99-119).

CAMBRAIA, César Nardelli, *Introdução à Crítica Textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

RUIZ, Elisa, *Manual de codicología*. Salamanca: Fundación German Sanchez Ruiperez, 1988.

SPAGGIARI, Barbara; PERUGI, Maurizio, *Fundamentos da Crítica Textual: história, metodologia, exercícios*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

6. Dicionários

ALONSO HERNÁNDEZ, José Luis, *Léxico del marginalismo del siglo de oro*. Salamanca: Universidad de Salamanca, 1977.

BLUTEAU, Raphael, *Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiastico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero... autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos ; e offerecido a el rey de Portugal, D. Joao. Pelo padre D. Raphael Bluteau ...* 10 vols. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu / Officina de Pascoal da Sylva 1712-1721.

BLUTEAU, Raphael, *Supplemento ao Vocabulario Portuguez, e Latino, Que Acabou de Sahir á Luz, Anno de 1721...* Partes I e II. Na Officina de Joseph Antonio da Sylva. Lisboa: Impressor da Academia Real, 1727 / Na Patriarcal Officina da Musica, 1728.

CONSTÂNCIO, Francisco Solano, *Novo Diccionario Critico e Etymologico da Lingua Portuguesa*. Paris: Officina Typographica de Casimir, 1836.

COROMINAS, Joan; PASCUAL, José A., *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*. 5 vols. 1.^a Ed., 3.^a Reimp. Madrid: Gredos, 1991.

COUTO, Antonio Maria do, *Diccionario da maior parte dos termos homónymos, e equívocos da lingua portuguesa augmentado com huma grande cópia de vocábulos técnicos, e sua etymología; e enriquecido com muitos adágios da língua, e trêchos de história, crítica, e antiguidades*. Lisboa: Typographia de Antonio Joze da Rocha, 1842.

FIGUEIREDO, Cândido de, *Novo dictionário da língua portuguesa*. 2 vols. Lisboa: A. M. Teixeira / Porto: Typ. da Emp. Litt. e Typ, 1913.

HOUAISS, António; *et alli*, *Diccionario Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Editora Objetiva, 2001.

MACHADO, José Pedro, *Diccionario etimológico da língua portuguesa: com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados*. 5 vols. Lisboa: Livros Horizonte, 1977.

SILVA, António de Moraes, *Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva*. 2 tomos. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789.

SILVA, António de Moraes, *Diccionario da lingua portugueza: recopilado dos vocabularios impressos ate agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado*. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813.

VIEIRA, Domingos, *Grande Diccionario Portuguez ou Thesouro da Lingua Portugueza*. 5 vols. Porto: Editores Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Moraes / Rio de Janeiro: A. A. Da Cruz Coutinho / Pará: Antonio Rodrigues Quelhas, 1871.

III. EDIÇÃO CRÍTICA DA POESIA DE

JOÃO SUCARELO CLARAMONTE

A. NORMAS DE TRANSCRIÇÃO DOS POEMAS

E CRITÉRIOS DA EDIÇÃO

1. Opções de base

Dada a inexistência de um *codex optimus* que reúna a extensa obra de João de Sucarelo – que publicou apenas dois poemas em vida –, a edição dos textos que lhe são atribuídos revelou-se bastante complexa. Esclareça-se que considerámos três manuscritos principais, todos apógrafos, a saber: o Ms. 544 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (cuja data se desconhece); o Ms. 30767 da British Library, de Londres (de 1782) e o Ms. 755 da Biblioteca Pública Municipal do Porto (que data de 1667). Note-se ainda que nenhum deles reúne a totalidade da obra do poeta.

Foi possível, no entanto, estabelecer uma hierarquia que nos facilitou a escolha do exemplar que serviu de base à colação: o Ms. 755 da BPMP. A opção decorre do facto de ter sido copiado ainda em vida do autor e por um seu amigo, de ser o mais antigo e, consequentemente, de nos parecer apresentar versões mais idóneas que as restantes que encontrámos, tendo até em conta as interferências do copista do Ms. de Londres, António Correia Viana, que se traduziram, nomeadamente, numa certa tendência para a substituição de termos considerados menos próprios.

Os textos que apresentamos em edição crítica, muitos dados a conhecer pela primeira vez, resultam de um estudo caso a caso e aprofundado das diferentes tradições que pudemos identificar. Procurámos que as nossas interferências fossem muito pontuais e específicas e tivemos o cuidado de as assinalarmos e de as fundamentarmos devidamente.

Nesta conformidade, tivemos a intenção de apresentarmos uma edição crítica que tendencialmente se aproxime, de forma despretensiosa, da previsível vontade de João Sucarelo Claramonte, um autor multifacetado e de grande interesse.

2. Normas de transcrição dos textos

Tendo em conta que os textos que são objeto de estudo do nosso trabalho provêm da segunda metade do século XVII, a sua fixação levantou problemas de vária ordem, sobretudo a

nível da ortografia, pouco constante. No sentido de interferirmos o menos possível no texto que apresentamos, procedemos apenas a atualizações de aspetos linguísticos que nos pareceram pacíficos, evitando correr o risco de corrompê-los com elementos desnecessários que poderiam desvirtuar o seu sentido e procurando que o resultado final se parecesse o mais possível com aquela que terá sido a sua forma inicial.

Eis o conjunto de normas de transcrição que seguimos:

2.1. Poemas em português

I. Vogais

1. Alterámos de acordo com a ortografia atual a representação da vogal oral fechada posterior em posição átona, substituindo *golosa* e *Ressorreição* por *gulosa* e *Ressurreição*, e substituindo *costuma* e *compridos*, em lugar de *custuma* e *cumpridos*.

2. Atualizámos a grafia alternante das vogais nasais: seguidas de *m* ou *n* antes de consoante, de *m* em final de palavra, com til antes de vogal *e*, em palavras como *lã*, *cortesã* ou *chã*, em final de vocábulo. Mantivemos a oscilação *assi* / *assim*, *si* / *sim*, respeitando a forma arcaica ou popular, que pode também ser determinada por questões rimáticas. Por último, contraímos as vogais duplas que ocorrem em palavras como *cristã* e *manhã*, grafadas em alguns testemunhos como *cristãa* e *manhãa*, devido à síncope do *n* intervocálico.

3. Uma vez que as formas femininas do artigo e do pronome indefinidos se apresentam nos testemunhos manuscritos com a forma dupla – (*h*)*ũa*, *algũa* / *uma*, *alguma* –, optámos por uniformizar a sua apresentação através da primeira opção, uma vez que a grafia moderna só se generalizou no século XVIII, embora saibamos que o desenvolvimento da consoante bilabial em causa já ocorresse nos finais do século XVI.

4. A norma atual ditou a apresentação dos ditongos nasais: vogal seguida de *e* (*e*, mais raramente, de *i* ou de *o*) com til sobre a primeira, ou vogal seguida de *m* ou *n*. Assim, *bastavão* ou *razoens* passaram a *bastavam* e *razões*.

5. As semivogais *i* e *u* também foram alvo de atualização, uma vez que o hiato já estaria resolvido desde, pelo menos, o início do século XVI. Apresentar-se-ão como indicam os exemplos:

– *maos* > *maus* e *paos* > *paus*;

– *candea* > *candeia*, *centopea* > *centopeia* e nas formas de 2.^a pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos da 1.^a conjugação, como em *gosaes* > *gozais*;

– *correo* > *correio* e *cheo* > *cheio*;

– *Deozas* > *Deusas* e nas formas de 3.^a pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo dos verbos da 2.^a conjugação, como em *morreo* > *morreu*;

– nas formas de 3.^a pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nos verbos da 3.^a conjugação, como em *mentio* > *mentiu* e *vio* > *viu*.

– *reinoes* > *reinóis*;

6. Nos ditongos orais crescentes representámos a semivogal através de *u*, como em *agoado* > *aguado*, à exceção dos casos em que a grafia atual conservou o *o*, como acontece em *mágoas*.

7. Mantivemos certas grafias duplas arcaizantes, algumas das quais se foram mantendo ao longo do tempo: a oscilação entre *e* e *a*, como em *jentar* / *jantar*; entre *e* e *i*, como em *desculpa* / *disculpa*; entre *e* e *o*, como em *fermosura* / *formosura*; entre *i* e *e*, como em *milhor* / *melhor*; entre *ou* e *oi*, como em *dous* / *dois* ou *cousa* / *coisa*.

8. Procedemos à substituição do *y* por *i*, em palavras como *maneyra*, *muyto* ou *rayo* e por *e* em formas com ditongo nasal, como *mãiy*.

II. Consoantes

9. Regularizámos o emprego do *h* sem valor fonético, de acordo com a norma atual. Acrescentámo-lo em casos como *harpías*, *Helena* e *hoje* e nas formas do verbo *haver*; suprimimo-lo em situações em que apresenta valor etimológico, como por exemplo *deshonra*; em posição intervocálica, como em *cahindo* e em palavras como *Thesoureiro*. Todas as formas do verbo *ser* grafadas com *h* inicial foram atualizadas.

10. Simplificámos a ortografia das consoantes dobradas que não têm efeitos na pronúncia, excetuando *r* e *s* em posição intervocálica e com valor, respetivamente, de vibrante múltipla e sibilante surda. Assim apresentámos, por exemplo, *Abbadeça* > *Abadessa*; *pecado* > *pecado*; *officio* > *ofício*; *falla* > *fala*; *anniversarios* > *aniversários*; *Mattosinhos* > *Matosinhos*.

11. Simplificámos de acordo com a norma moderna grupos em posição medial como *-cç-* (*acção* > *ação*); *-ct-* (*victima* > *vítima*); *-gd-* (*Magdalena* > *Madalena*); *-gn-* (*signais* > *sinais*); *-mn-* (*condemna-se* > *condena-se*); *-pt-* (*assumpto* > *assunto*). Mantivemo-los em todos os casos previstos no uso atual, respeitando contudo, as oscilações do *-sc-*, do tipo *nace* / *nasce*.

12. A oclusiva velar *c* passou a ser grafada segundo o uso moderno. Assim, *christal*, *christão*, *coal* ou *nunqua* passaram a *cristal*, *cristão*, *qual* e *nunca*.

13. Regularizámos também a representação das fricativas. Assim:

– a fricativa labiodental surda virá transcrita como *f*, o que implica a substituição do dígrafo helenizante *ph* em palavras como *esferas* e *linfáticas*;

– as normas atuais ditaram a apresentação das fricativas alveolares, que serão apresentadas como em *Leça* em vez de *Lessa*, *sossego* por *socego* ou *desejo* em lugar de *dezejo*;

– a fricativa palatal surda será representada como *ch*, *s*, *x* ou *z*, segundo o uso moderno, pelo que *caprixo* ou *gaznastes* passarão a *capricho* e *gasnates*;

– a fricativa palatal sonora virá transcrita como *g* ou *j*, de acordo com as normas atuais. Assim, *Magestade*, *sugeita* e *tregeito* passarão a *Majestade*, *sujeita* e *trejeito*. Do mesmo modo, substituiremos o *i / y* e *hi* em palavras como *cuya* > *cuja*, *seia* > *seja*; *iuiço* > *juízo* ou *Hieronimo* > *Jerónimo*.

14. Conservámos certas ocorrências metatáticas como *indelugência* e *Vigairo* que parecem corresponder a formas arcaicas ou populares de grafia dupla.

15. Aceitámos também a grafia *Fenis* como variante de *Fenix* pelo facto de corresponder a uma eventual realização alternante e formas arcaicas ou populares como *ajuntasse*, *cás* (*ca-sa*), *mor*, *Vossência*, *despois*, *disbarates* (*disparates*), *frautinha*, *mexilão*, *page* e *sancristão*.

16. Mantivemos o encontro consonantal etimológico *sp*, como em *Spírito* e *Sparta*, por apresentar repercussões a nível métrico.

III. Aspetos morfológicos

17. De acordo com o uso moderno, unimos e separámos as palavras, escrevendo, por exemplo, *entretanto*, *depressa* e *convosco* em lugar *entre tanto*, *de pressa* e *con vosco*. Foram separados das formas verbais os pronomes pessoais em posição enclítica e mesoclítica.

18. Desenvolvemos abreviaturas como *q.* (*que*) *A.* (*Autor*), *C^{or}* (*Corregedor*), *D^{or}* (*Doutor*) e *P^o* (*Pero*).

19. Procedemos à distinção das interjeições *ó* e *oh*, assinalando a primeira uma invocação e a segunda sentimentos e emoções.

20. Os processos de redução ou ampliação silábica, frequentemente ao serviço do jogo sinalefa / dialefa, como as formas de 3.^a pessoa do plural do presente do indicativo do verbo *ver* (*vêm*) e palavras como *inda*, *mui* e *val*, foram por nós respeitadas.

IV. Diacríticos

21. Atualizámos a acentuação, respeitando, no entanto, variantes prosódicas criadas com efeitos específicos, como *epitetos*.

22. O trema foi utilizado para indicar determinados casos em que a métrica impunha a diérese, em palavras em que habitualmente se encontra um ditongo, como *saudosas*.

23. Eliminámos o apóstrofo em ocorrências do tipo de *n'outro*, mas mantivemo-lo em certos casos de elisão como em *co'as*.

24. Regularizámos a utilização do hífen, designadamente para separar os pronomes enclíticos e mesoclíticos e ainda em compostos morfossintáticos do tipo de *cristão-novo*.

25. As palavras sublinhadas foram escritas em itálico.

V. Maiúsculas e pontuação

26. Não procedemos a alterações significativas no que concerne ao uso da maiúscula, tendo em conta que, não raras vezes, tem subjacente um valor expressivo, pelo que optámos por conservá-la mesmo nos casos que se afastam do uso atual, como em *Abegão*, *Missa* ou *Verão*. No entanto, grafámos com maiúscula os nomes próprios que se nos afiguraram inequívocos, adiantando como exemplos *Ganimedes* e *Pórcia*.

27. Tendo em conta o reflexo direto que a pontuação produz no sentido do texto, foi nossa opção evitar proceder a alterações que pudessem comprometer o seu conteúdo, tendo as mudanças que achámos por bem fazer (quer de eliminação quer de acrescentamento) respeitado as normas em vigor. Assinalámos devidamente as situações que envolvem o entendimento do texto.

2.2. Poemas em espanhol

Uma vez que certos critérios elencados para os poemas em português se mantêm nos poemas em espanhol, não voltaremos a repeti-los. Passamos a discriminar aqueles que apresentam especificidades, nomeadamente os que ostentam de forma clara interferências do português.

I. Consoantes

1. Corrigimos a utilização do *h* de acordo com as regras do espanhol, em palavras como, por exemplo, *aveis* > *haveis*;

2. Corrigimos os lusismos com *em* para *en* (preposição);

3. Grafámos a oclusiva velar surda de acordo com as normas do espanhol, como em *cuando* em substituição de *quando*;

4. Emendámos também a grafia das fricativas:

– transcrevemos a fricativa interdental surda como *z* antes de *a*, *o* e *u*, e como *c* antes de *e* e de *i*, em palavras como *pax* > *paz* e *vezes* > *veces*;

– a fricativa alveolar surda será apresentada com *s*, o que levou a que *escassa* passasse a *escasa*;

– a fricativa velar surda foi transcrita como *j* ou *g*, de acordo com as regras do espanhol, passando *y* para *j* em palavras como *agazayo* > *agazajo*.

II. Aspetos morfológicos

5. Corrigimos um caso em que se recorria ao morfema de pretérito imperfeito do português em lugar do correspondente ao pretérito mais-que-perfeito do espanhol (*bastava* > *bastara*).

3. Apresentação do texto crítico e do aparato

As 105 composições que decidimos considerar no cânone de Sucarelo surgirão repartidas por seis divisões, numa ordem decrescente de certeza quanto à autoria, pelo que a encabeçar essa divisão aparecem dois poemas publicados ainda em vida do autor, em 1650, e que foram integrados numa obra coletiva dedicada a D. Luísa Maria de Faro, Condessa de Penaguião, que colige poemas cuja temática anda em torno da morte de D. Maria de Ataíde, filha dos 1.^{os} Condes da Castanheira.

Por nos oferecer maior fiabilidade, quer na questão da autoria quer na apresentação do texto crítico, segue-se um poema impresso postumamente, incluído nas *Obras do Doutor Duarte Ribeiro de Macedo* (...), publicadas em 1743 e posteriormente em 1767, que faz parte de um conjunto de quatro, sendo que o autor da réplica I é o próprio Duarte Ribeiro de Macedo e o autor das duas réplicas restantes é D. Rodrigo de Meneses.

Pelas razões que já mencionámos, tendo em conta a sua antiguidade, o seu copista e o seu maior grau de fiabilidade, optámos por apresentar numa terceira divisão os poemas transmitidos pelo menos pelo Ms. 755 da Biblioteca Pública Municipal do Porto, a que se seguem os poemas transmitidos pelo menos pelo Ms. 30767 da coleção Additional da British Library, totalmente dedicado a composições poéticas de João Sucarelo. O número de poemas que estes dois manuscritos transmitem, a qualidade das suas versões e as informações que as suas legendas nos facultam tornam-nos consideravelmente mais credíveis e, por isso, se encontram arrumados antes dos poemas soltos que são transmitidos apenas por manuscritos secundários, seguidos daqueles cuja autoria é duvidosa, porque disputada por outros poetas.

As dez réplicas a poemas de Sucarelo virão apresentadas imediatamente a seguir ao poema a que correspondem. A ordenação dos textos acompanha a dos manuscritos que os transmitem.

Sempre que se justifique, a edição de cada poema será precedida de uma curta introdução, na qual se adiantarão questões relacionadas com a autoria ou com a opção pela versão base. Esta introdução será apresentadas com letra em corpo menor.

Imediatamente a seguir, virá a edição propriamente dita, que constará de quatro partes:

1. Um número de ordem árabe (para os poemas de Sucarelo) ou romano (para as réplicas de outros autores), que servirá para a identificação do texto.

2. O conjunto dos testemunhos que transmitem o poema será apresentado em corpo menor e dividido de acordo com os quatro tipos que considerámos: manuscritos principais, manuscritos secundários, impressos antigos e impressos modernos. Dado que há quase sempre divergências significativas entre os testemunhos, estes serão identificados por letras maiúsculas em corpo grosso. A grande quantidade de poemas e de versões tornou inviável manter uniforme a mesma letra desde o início, pelo que esta atribuição será feita poema a poema. Nos casos em que o número de versões ultrapassar as letras do alfabeto, estas serão retomadas desde o início e duplicadas. No entanto, ressalve-se que os manuscritos principais serão do início ao fim designados sempre pela mesma letra, a saber: **C** (Ms. 544 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra); **L** (Ms. 30767 da British Library, de Londres) e **P** (Ms. 755 da Biblioteca Pública Municipal do Porto).

3. Apresentaremos a seguir, em corpo maior, o texto crítico do poema com os versos numerados à esquerda de 5 em 5 e acompanhado pela legenda e notas se as houver. As emendas que efetuarmos serão apresentadas no próprio texto e usaremos chavetas para as supressões e os colchetes para os acrescentos. As leituras que nos suscitaram dúvidas de transcrição surgirão entre barras oblíquas, precedidas de asterisco. O que for ilegível será assinalado com uma cruz (†).

4. O aparato crítico será apresentado no final do poema, separado por uma linha e em corpo de letra menor. Este pode apresentar cinco partes, vindo cada uma delas separada da seguinte por um espaço de intervalo. Terá a seguinte configuração:

a) O aparato das variantes, de tipo negativo, ou seja, comportando apenas as lições divergentes, que serão apresentadas tendo em conta as mesmas regras utilizadas para a transcrição do texto crítico, sendo apenas registadas as que forem significativas. Versões muito diferentes de um poema serão apresentadas após a versão editada, em rodapé e em corpo menor.

A palavra *Legenda* seguida de ponto final dará início ao aparato das variantes, a que se seguirá, na linha imediatamente abaixo, o número do verso seguido também de ponto final com o lema isolado por um meio colchete, vindo imediatamente depois a variante e a letra que a identifica. Se um lema tiver duas ou mais variantes, estas serão consecutivamente apresentadas, com dois espaços entre elas e sem qualquer sinal de pontuação. Se num mesmo verso existirem variantes para mais do que um lema, a passagem de um ao outro será assinalada por intermédio de dois traços horizontais (||), colocados depois da última letra da variante do lema anterior. No caso de haver todo um verso ou legenda da versão divergente muito diferente do texto crítico, serão apresentados na linha inferior àquela em que vierem outras versões confrontadas com lemas. Os nossos comentários – sobre a falta de um verso num testemunho ou o facto de uma determinada palavra estar riscada ou sublinhada – virão em itálico.

b) A justificação das emendas que tivemos necessidade de efetuar.

c) O vocabulário e as notas que julgámos úteis para a compreensão do texto e eventuais observações sobre irregularidades a nível da gramática, da métrica ou da acentuação dos versos.

d) Um breve apontamento sobre a arte poética do texto.

Como conclusão, resta-nos acrescentar que o aparato que apresentamos pretende facultar uma leitura acessível dos poemas editados, procurando esclarecer aspetos culturais, epocais, mitológicos, históricos, entre outros, bem como identificar locais, datas e patronímicos tão abundantes na poética de Sucarelo, sem condicionar o leitor à nossa interpretação dos textos.

A. POEMAS PUBLICADOS EM VIDA DO AUTOR

1.

Impresso antigo: **Memórias fúnebres**, f. 66v

Manuscrito secundário: PA, V, f. 263r = A

Versão de **Memórias fúnebres**

Epitáfio

Esta avaramente dura
pedra, a tanto logro indigna,
é de Amarílis divina
ou enigma ou sepultura;
5 discrção e fermosura
de nós não louvada assaz
aqui se oculta, aqui jaz;
porque entre os fatais enganosa,
morte, que não conta os anos,¹
10 vem e leva o que lhe apraz.

¹De Francisco de Sá de Miranda na carta de seu irmão.

Variantes

Legenda. Décima / Epitáfio à morte da Senhora Dona Maria de Ataíde / do Sucarelo **A**

9. **A** não apresenta a nota.

Notas

Legenda. Este e o poema seguintes surgem integrados numa obra coletiva de 1650, dominada pela morte de D. Maria de Ataíde e dedicada a D. Luísa Maria de Faro, Condessa de Penaguião. Quanto à primeira destas personalidades, supomos que se trata da filha dos 1.^{os} Condes da Castanheira, casada com o 3.^o Conde da Vidigueira, D. Vasco Luís da Gama, que morreu na batalha de Alcácer Quibir. Depois de viúva, a Condessa recolheu ao Convento da Castanheira, em Vila Franca de Xira, onde morreu. Relativamente à Condessa de Penaguião, era filha dos 5.^{os} Condes de Atouguia, tendo nascido por volta de

1620 e falecido em 1708. Casou com o seu primo João Rodrigues de Sá e Meneses, 3.º Conde de Penaguião, nascido em 1619 e falecido em Elvas, em 1658.

Nota ¹ – Trata-se da carta “A seu Irmão Mem de Sá”, iniciada pelo verso «Em quanto de ùa esperança». Na estrofe 9, vv. 201-205, lê-se: «Em quanto um buscar seus danos, / e outro já té os olhos jaz, / por muitas sortes d’enganos, / morte, que não conta os anos, / vem e leva o que lhe apraz.»¹.

Arte poética

O poema é constituído por versos de redondilha maior, agrupados numa décima espinela, que recorre ao esquema ABBAACDDC.

¹ MIRANDA, Francisco de Sá de, *Obras completas*. Vol. II. Texto fixado, notas e prefácio de Rodrigues Lapa. 3.ª ed., revista. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1977, p. 73.

2.

Impresso antigo: **Memórias fúnebres**, f. 75v

Soneto

Lágrimas brandamente derramadas,
suspiros tristes, ânsias amorosas,
da inclemência dos fados tão queixosas
quanto de sentimento acompanhadas;

5 saí continuamente magoadas,
correi perpetuamente saüdosas,
e no coro das almas venturosas
sede bem vistas, como bem choradas.

Alívio para o mal que se padece,
10 granjeio para o bem que não se alcança
sereis em quem suspira e não merece.

Porém agora isentas da esperança
sois vítima somente que se oferece
por Amarílís, que nos Céus descansa.

Nota

6. A métrica impõe a diérese na última palavra.

Arte poética

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA / ABBA / CDC / DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 14, podendo o v. 8 ser lido também dessa maneira.

B. POEMAS IMPRESSOS POSTUMAMENTE

I.

Impresso antigo: **Obras de D. R. Macedo**, II, p. 323 (Duarte Ribeiro de Macedo)

Manuscrito secundário: BGUC 1134, ff. 70v-71r (Duarte Ribeiro de Macedo) = A

Versão de **Obras de D. R. Macedo**

Vindo os Doutores Duarte Ribeiro de Macedo e João de Sucarelo buscar ao Senhor D. Rodrigo de Meneses, Regedor da Justiça e Casa da Suplicação, e não o achando por andar no cortejo da Senhora com quem havia de casar, lhe deixou cada um sua décima.

DUARTE RIBEIRO

Daqui, Senhor Regedor,
depois de largo esperar,
o tugúrio vão buscar
um Bacharel e um Doutor;
5 levam suspeitas que amor
sabiamente vos detém,
que tarde o gosto convém!
Porque em prémio da esperança,
logreis após da tardança
10 eternidades de um bem.

Notas

Legenda. Duarte Ribeiro de Macedo – seguramente Duarte Ribeiro de Macedo (1618-1680), que, para além de outros cargos, foi senador da Relação e da Casa da Suplicação do Porto e ainda Desembargador dos Agravos da mesma cidade. Distinguindo-se como senador e diplomata, foi também poeta de alguma fama. A este nível, o essencial do seu trabalho está reunido nos dois tomos de *Obras do Doutor Duarte Ribeiro de Macedo (...)*, Lisboa, Officina de Antonio Isidoro da Fonseca, 1743 e *ibid.*, Officina de Antonio Rodrigues Galhardo, 1767.

D. Rodrigo de Meneses – filho do 2.º Conde de Cantanhede, D. Pedro de Meneses, terá vivido entre 1610 e 1675. Figura importante da Restauração, foi Regedor da Justiça e Casa da Suplicação e Deputado da Junta dos Três Estados. Casou com D. Guiomar de Meneses por volta de 1640, o que significa que o poema deve ser pouco anterior a essa data.

Arte poética

O poema é constituído por versos de redondilha maior, agrupados numa décima espinela, que recorre ao esquema ABBAACDDC.

Impresso antigo: **Obras de D. R. Macedo**, II, p. 324

Manuscrito secundário: BGUC 1134, ff. 71r-71v = A

Versão de **Obras de D. R. Macedo**

DOUTOR JOÃO DE SUCARELO

Aqui, Senhor Regedor,
veio esta noite a buscar-vos
quem desejara obrigar-vos
com grandes mostras de amor,
5 o Bacharel e o Doutor;
um valido, outro criado,
foram-se porque ocupado
dizem que tratando estais,
não razão dos Tribunais,
10 mas altas razões de Estado.

Nota

10. razão de Estado – motivo político; no contexto, com o sentido de motivos muito superiores, relacionados com as circunstâncias descritas na legenda da réplica anterior.

Arte poética

O poema é constituído por versos de redondilha maior, agrupados numa décima espinela, que recorre ao esquema ABBAACDDC.

II.

Impresso antigo: **Obras de D. R. Macedo**, II, p. 324 (D. Rodrigo de Meneses)

Manuscrito secundário: BGUC 1134, f. 71v (D. Rodrigo de Meneses) = A

Versão de **Obras de D. R. Macedo**

Em resposta lhe mandou o dito Regedor uma torta de presente com a décima seguinte, que por pertencer à matéria se ajunta neste lugar

DÉCIMA

De ãa em outra esperança
passo as noites, passo os dias,
ocupado em fantasias
de ãa futura bonança;
5 anima-me a confiança,
esperando a desejada
hora bem-aventurada
de um futuro bem somente,
que o presente não é nada
10 e nada vai no presente.

Nota

Legenda. torta – admitindo que o significado seja um pouco diferente do atual, veja-se a definição de Bluteau: «Massa bem sovada, & quasi na fôrma da dos pasteis communs, em que se mete, & se coze carne, ou peyxe, ou leyte, ou fruta, &c.».

Arte poética

A décima é constituída por versos de redondilha maior. O esquema rimático é ABBAACCD.

III.

Impresso antigo: **Obras de D. R. Macedo**, II, pp. 325-327 (D. Rodrigo de Meneses)

RESPOSTA COM GLOSA.

Amor que por glória tem
ser de penas liberal,
a ventura me detém,
por dar a preço do mal
5 a posse feliz do bem;
e porque desesperado
não sinta o mal da tardança[,]
com fina razão de Estado{, }
vai-me entretendo o cuidado
10 *de ãa em outra esperança.*

Na dor que o peito sustenta[,]
no estranho de meus pesares[,]
minha sorte representa
vela que cortando os mares
15 achou no peito a tormenta;
de amor sinto as tiranias,
mas alívio ao mal me dão
prometidas alegrias,
em cuja contemplação
20 *passo as noites, passo os dias.*

Quem sabe amar e esperar
sofra penas e rigores,
faça gala de penar
e em meu peito e minhas dores
25 aprenda a esperar e amar;
que entre rigor e porfias,
de ãa tardança os enganos
as horas converte em dias,
e os dias conto por anos
30 *ocupado em fantasias.*

Mas a causa superior
de meu sentimento é tal

que como efeitos do amor
faço estimação do mal
35 e sacrifício da dor;
de meu peito a segurança
penas e males despreza,
pois contra o mal da tardança
acho alívios na certeza
40 *de ãa futura bonança.*

Não sabe o que amor ordena,
pouco sem cuidado estima
quem a esperança condena;
é alma que o mundo anima,
45 remédio que esforça a pena;
é nas tormentas bonança,
alívio no sentimento,
e nas asas da esperança
atreve-se o pensamento,
50 *anima-se a confiança.*

Da esperança afirma alguém
que não é nem bem nem mal;
mas este que espero tem
de bem privilégio tal
55 que até na esperança é bem;
e a fantasia ocupada
na contemplação ditosa
de hora tão solicitada
faz que não sinto a penosa,
60 *esperando a desejada.*

Hora aonde está cifrado
todo o bem que amor procura
e em quem rendido e prostrado
há de pôr sobre a ventura
65 troféus de amor, meu cuidado;
e posto que dilatada
pareça que os bens me negue,
de minhas ânsias buscada,
há de ser, sempre que chegue,
70 *hora bem-aventurada.*

É tal em meu coração
de meu cuidado a excelência
que otram mais em conclusão
os bens da imaginação
75 do que os males na experiência;
e assim sofrendo a tardança,
meu peito as penas não sente,
livro os males na esperança
de um futuro bem somente.

80 Padece em mar inconstante
das ondas a variedade
o mísero naufragante,
e em vendo o porto diante
se esqueceu da tempestade;
85 desta sorte independente
dos males, nos bens seguro,
tanto a causa reverente
me suspende no futuro
que nada vai no presente.

90 Quem dirá que entre o rigor
executado no peito[,]
por maravilha de amor
ũa glória no conceito
desterra do peito a dor[?]
95 Mal e bem meu peito sente
na esperança dilatada,
um futuro, outro presente:
o futuro é bem somente
e o presente não é nada.

Notas

50. O verso correspondente da décima era *Anima-me...*

71–79. Falta um verso à estrofe, provavelmente depois do v. 77.

89 e 99. Atendendo à décima que está a ser glosada, a ordem dos versos está trocada. Além disso, há ligeiras variantes, dado que os versos originais eram *E nada...* e *Que o presente...*

Arte poética

Com a particularidade apontada, a glosa é constituída por dez décimas, sendo os versos de redondilha maior. Domina o esquema rimático ABABACDCDC. Contudo, nas estrofes 8 e 9, o esquema da primeira quintilha é ABAAB, ao passo que, na primeira e na última estâncias, o esquema da segunda quintilha é CDCCD.

C. POEMAS TRANSMITIDOS PELO MENOS PELO MS. P

4.

Manuscritos principais: **P**, ff. 1r-3r / **L**, pp. 34-40

Manuscritos secundários: BA 49-III-49, ff. 472r-473v = **A** / BGUC 359, ff. 161r-162r = **B** / BGUC 1023, ff. 31r-32r = **D** / BNP 6269, ff. 154r-154v = **E**

Versão de **P**

Carta

A Gregório Martins Ferreira, Deão que foi do Porto, estando o Autor em Elvas.

Meu Gregório Martins, Deão do Porto,
meu único conforto
da ausência e do desterro em que me vejo
feito Abegão nos campos do Alentejo:

5 se é que vos mereço,
pelas muitas saudades que padeço,
algũa piedade,
sede remédio à minha saüdade;
tomai na mão a pena,
10 invocai a suavíssima Camena,
pintando sempre fresco
e com estilo lírico ou burlesco;
suspendendo do Douro as doces águas,
contai-me vossa vida e vossas mágoas.

15 Venha embora a terreiro
o Vigairo-Geral e o Tesoureiro,
e façam seu papel ao desalinho,
um de Galego e outro de Ratinho,
que eu não me escandelizo
20 de murmurar com graça e com juízo.

Oh! Quem me dera agora
metido em um barquinho,
fazer convosco um ledo bota-fora;
e posto em frio o vinho,
25 brindarmos muito sengos
à saúde da Fonte dos Framengos.

Logo pela bolina,
à vista da fermosa Caterina
(para que por lograr nada nos fique)
30 dar fundo junto à cerca de Monchique,
e acerca daquela
primeira luz, madrugada estrela,
dizer de cá do rio
muita loucura, muito desvario,
35 posto que o que se diz e o que se escreve
àquelas mãos de neve
e aos olhos que de tudo são senhores,
nunca será lisonja e sempre amores,
que é maior que a lisonja e que a loucura
40 de Caterina a rara fermosura.
Ditoso vós que estais alegremente
farto, fresco e contente,
rindo-vos do Verão tanto à vontade,
regalando com ela a humanidade.
45 E eu cá na zona tórrida abrasado
passo de sorte que estou já passado.
Do meu Deão me valho,
que é bem fresco Francisco de Carvalho,
porque enfim, para alívio dos calores
50 com que o sol me derrete este toucinho,
é um Carvalho de Entre-Douro-e-Minho.
Pobres dos pecadores
que passamos a vida em tão má terra,
aonde o Sol é peste e fome a guerra,
55 sem haver, meu Gregório,
em tão nefandas calmas
ou Missa ou conta benta que estas almas
tire de tão penoso purgatório.
Aqui o peixe fresco mais gabado
60 de Setúbal nos chega embalsamado,
e nós, sem nos livrarmos de tal erro,
damos-lhe seu enterro
nas miseráveis panças;

comem só peixe fresco as esperanças.
65 Aos quartilhos, por bom e alto preço,
nos vende Borba o Vinho, digo o gesso;
mas lança-lhe primeiro
também seu real d'água o Taverneiro,
e quem quiser beber boa goteira
70 há de ir lá ver a Deus à Videgueira.
Se em Elvas estivera
o nosso Bordalengo, não dissera
com tão galante mágoa
«não vimos Rio nem bebemos água»,
75 antes muito deveras magoado
bebera água avinhada ou vinho aguado.

Variantes

Legenda. A Gregório Martins, Deão da Catedral do Porto, em ocasião em que o Autor estava em Elvas, lhe escreveu a seguinte / Silva **L** Carta que o Sucarelo escreveu a Gregório Martins, Deão do Porto **A** Silva / De João Sucarelo a Gregório Martins Ferreira, Deão do Porto **B** Do Doutor João Sucarelo. A Gregório Martins Ferreira, Deão do Porto **D** Carta que o Sucarelo escreveu, estando no Alentejo, a Gregório Martins, Deão do Porto **E**

3. da ausência em que me vejo **A E**

4. Abegão] Abeião **A** ganhão **B D** || do] de **B D**

5. que vos] que eu vos **L**

8. sede] se é **A**

Post 8. *Em L há intervalo interestrófico.*

11. pintando] portai-vos **L**

Em P, este verso surge de novo escrito na margem direita da folha.

12. lírico] ou lírico **B D**

14. vossa] a vossa **B D E** || e vossas] e as vossas **D**

Post 14. *Em L e B há intervalo interestrófico.*

16. Vigairo-Geral] Vigário-Geral **L A B E**

18. e outro] outro **L A E**

20. de] do **B D**

Post 20. *Em L há intervalo interestrófico.*

22. em um] num **B D**

23. um ledo] ãa **E**

25. brindarmos] brindaremos **A**

26. da] na **B D**

27. pela] p'la **D**

28. fermosa] framosa **E**

29. por] para **A E**

Em L, A, B e E não aparece entre parênteses.

31. acerca] acerca ali **L**

34. muito] e muito **B D**

37. e aos] aos **B D**

39. a lisonja] lisonja **E** || e que a] e a **B** e que **A E**

Post 40. *Em L e B há intervalo interestrófico.*

43. Verão] vram [sic] **A**

45. E eu] Eu **A B D E** || abrasado] abrasada **A**

46. passado] passada **A**

Post 46. *Em L e B há intervalo interestrófico.*

51. é] acho **L** || Carvalho] Cavalo **A**

54. aonde] adonde **L B D** || peste e fome a guerra] fome, peste e guerra **L** peste, fome, guerra **B** peste, fome e guerra **A E**

56. nefandas] profundas **L**

57. ou Missa, ou conta] Missas, ou contas **L**

58. tire] tirem **L**

Post 58. *Em L há intervalo interestrófico.*

59. fresco mais gabado] fresco **L** fresco mui gabado **A**

61. livrarmos] levarmos **B D** || de tal] do tal **E**

62. seu] o seu **B D**

64. comem] e comem **E**

Post 64. *Em L e B há intervalo interestrófico.*

65. bom e] bons e **A** bem **B D**

66. nos vende borra e vinho digo gesso **A** nos vendem borra e vinho, digo gesso **E**

69. boa] borna **A**

70. lá ver a Deus] ver o Deus Baco **L**

Falta este verso em A e E.

Post 70. *Em L há intervalo interestrófico.*

71. estivera] estivera, **E**

72. o nosso] o moço **A**

Em L Bordalengo aparece sublinhado.

74. não] nem **B** || nem] não **L**

Em L o verso está sublinhado; em A, B, D e E não está entre aspas nem sublinhado.

Notas

Legenda. Gregório Martins Ferreira – deão da Sé do Porto que exerceu o cargo até março de 1654 (Freitas: 1952, p. 3).

4. Abegão – feitor, capataz de quinta ou herdade.

8. A métrica impõe a leitura da última palavra com diérese.

10. Camena – musa. As Camenas eram ninfas romanas das fontes. Tendo o dom profético e presidindo aos cantos, foram assimiladas às Musas gregas.

16. Vigairo-Geral – João Rodrigues de Araújo, o galego, foi Vigário-Geral do Porto (era-o em 1662), cónego da Sé (desde 1633) e depois Abade de Lordelo (Freitas: 1952, p. 4).

Tesoureiro – talvez o Dr. Amaro de Meireles Freire, que exercia o cargo desde 1635 (Freitas: 1952, p. 4).

18. Galego e Ratinho – o galego é o criado rude, tradicionalmente oriundo da Galiza, ao passo que o ratinho é o beirão que vai procurar trabalho nos campos do Alentejo e de parte da Estremadura, sobretudo na época da colheita de trigo. Ambas as figuras foram usadas como tipos nos autos de Gil Vicente e de outros dramaturgos quinhentistas, comparecendo também em várias modalidades do teatro popular.

23. bota-fora – saída de um navio do porto, festejada por amigos do capitão ou dos passageiros, que vão de terra a bordo até certa distância.

25. sengo – que tem bom senso, atilado, prudente.

30. Monchique – referência ao Convento da Madre de Deus de Monchique, de freiras franciscanas, situado em Miragaia, fundado por Pedro da Cunha Coutinho e sua mulher, D. Beatriz de Vilhena.

44. humanidade – atente-se na conotação sexual da palavra.

48. Francisco de Carvalho – talvez o Desembargador do Paço e Chanceler-mor do Reino no tempo de D. João IV (Freitas: 1952, p. 5).

52. conta benta – provavelmente a conta do terço ou rosário.

66. gesso – é sabido que pode ter uma utilização legítima em enologia, como agente clarificante, dado que apresenta propriedades de aglomeração de partículas suspensas no vinho, promovendo assim a sua decantação. Girão², referindo-se ao modo de fazer o vinho em Vila Viçosa, escreve precisamente que «Quando o vinho tolda, deitão-lhe gesso». Contudo, no poema, a expressão tem valor irónico, referindo-se a uma prática comum de adulteração do vinho, fortemente criticada na sátira barroca.

68. real d'água – imposto de consumo primitivamente lançado sobre o vinho e depois alargado a outros produtos alimentares, consistindo num real por cada canada, arrátel ou outra unidade. A designação deriva do objetivo do tributo, que se destinava a angariar meios para o abastecimento de água às populações. No contexto, a expressão tem valor irónico: refere-se ao vinho adulterado pela muita água que lhe adicionou o taberneiro.

72. Bordalengo – Diogo de Sousa Camacho, poeta coimbrão do século XVII, autor do poema satírico “Jornada que Diogo Camacho fez ás Cortes do Parnaso, em que Apolo o laureou.”, publicado no volume V da *Fenix Renascida* (1746, pp. 1-38). *Bordalengo* é o título que, no texto, o Sol atribui ao sujeito; significa ignaro, inculto, sem engenho.

74. Com uma ligeira alteração, trata-se do v. 216 do poema de Diogo Camacho. O terceto de que faz parte refere-se à partida de Évora, onde o sujeito tinha estado com um companheiro de viagem: «Partimonos daqui com grande magoa, / Porque os dias que nella descansamos / Nem vimos rio, nem bebemos agoa.» (Fénix: 1746, V, p. 9).

Arte poética

A silva é composta por versos decassílabos que alternam de forma irregular com o seu quebrado. A acentuação deste último é variável, dominando embora o modelo 3-6, ao passo que o decassílabo é predominantemente heroico. São contudo sáficos os vv. 32, 46, 51 e 74, podendo também ser lido desse modo o v. 33, ao passo que nos vv. 14 e 54 ocorre o pentâmetro iâmbico. A rima é variável: sendo maioritariamente emparelhada, apresenta-se também sob a forma cruzada ou interpolada.

² GIRÃO, António Lobo de Barbosa Ferreira Teixeira, *Tratado theorico e pratico da agricultura das vinhas, da extracção do mosto, bondade, e conservação dos vinhos, e da destilação das agoas ardentes*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1822, cap. XX, p. 161.

IV.

Manuscritos secundários: **BGUC 359**, ff. 162r-163v (Gregório Martins Ferrão) = **A** / **BGUC 1023**, ff. 32r-33v (Gregório Martins Ferrão) = **B**

Versão de **A**

Resposta do mesmo Deão do Porto Gregório Martins Ferreira, de que são as poesias que se segue

Olá, Senhora Musa!
Sele Você o Pégaso e p{e}la posta
a Elvas vá levar esta resposta
e de água ãa infusa
5 da fonte de Monchique cristalina,
que nevada das mãos de Caterina,
por fria e por doce é caramelo[;]
refresque ao Doutor João Sucarelo,
que me pede sedento,
10 mais que o rico avarento,
quando Lázaro estou em tantas mágoas,
lhe dispense ãa gota destas águas
pera a língua eloquente
do Cisne[,] que cantando a morte sente[,]
15 do Fénis[,] que abrasado em própria chama
as asas vivifica pera a fama
levar por toda a parte
em seu nome e memória
enveja a Apolo e competência a Marte[.]
20 Bem será que logrado meu desejo
nas pirâmides altas de ãa história,
entre aqueles heroicos Portugueses
que recolhem nos campos de Alentejo
humedecido em sangue o polvo honrado
25 da rama bem ganhada duas vezes
do sagrado loureiro[,]
poeta e cavaleiro
outro século o vejo laureado.
Porém, enquanto não chega este dia,
30 ãa ajuda lhe demos de água fria[,]
um pano de água[,] um fresco lavatório

que o possa aliviar no Purgatório
donde está[,] com esperança e fé inteira
de cedo ir ver a Deus à Vedigueira[,]
35 que Baco assiste ali em forma branca
tão puramente como em Peramanca,
de cujo néctar val mais um quartilho
que as fontes todas de Entre-Douro-e-Minho[,]
que é também Líbia ardente
40 quando o suão na Golegã se sente.
Não tem esta Província coisa boa[,]
Deus me torne às abas de Lisboa[;]
de Alenquer à Ribeira ele me leve[,]
lá morto me será a terra leve.
45 E se por desventura
me enterrarem no Porto,
este Epitáfio deixo à sepultura:
[“]Aqui Gregório jaz duas vezes morto,
porque não achou gente em sua vida
50 pera a passar alegre e entretenida[.”]
Despois que me deixou o Deão de Elvas,
não gozei mais de Gaia as frescas selvas,
não me embarquei no Douro,
porque entendi que me curtia o couro
55 este povo gentio
vendo-me de almofadas e alcatifa[;]
vivo agora à patifa,
das janelas do Paço vejo o Rio,
que sobre areias de ouro
60 de chamelote de águas veste luto
e em lágrimas ao mar paga tributo,
com sentimento natural da morte
do Príncipe[,] que agora habita a Corte
celestial e eu este deserto,
65 só por não ver tanto capuz aberto
que {a}inda mais que o Correio me molesta[.]
E por isso não sou mais largo nesta[;]
Deus vos guarde e livre desta terra,
que sempre foi desterro em paz e em guerra.

Variantes

Legenda. Resposta do Deão do Porto Gregório Martins Ferreira e de que são todas as poesias e obras que se seguem **B**

2. pla] pela **A**

8. refresque] e refresque **B**

19. Apolo e competência] Apolo, competência **B**

37. quartilho] quartinho **B**

66. {a}inda] ainda **A B**

68. desta] dessa **B**

Justificação de emendas

2. Sem esta emenda, o v. fica com 11 sílabas. Acolhemos assim a lição de **B**.

66. A aférese é imposta pela métrica.

Notas

1. Musa – filhas de Mnemósine de Zeus, as Musas eram ninfas relacionadas com rios e fontes, sendo-lhes atribuídas virtudes proféticas, assim como a capacidade de inspiração.

2. Pégaso – cavalo alado que terá brotado do pescoço da Górgona ou da terra fecundada pelo sangue do monstro, decapitado por Perseu. posta – o serviço público de correio.

5. Monchique – sítio de Miragaia, no Porto, onde havia um convento de freiras franciscanas.

7. caramelo – a palavra é usada na aceção dupla de água gelada e de calda de açúcar queimado usada na confeção de doces.

9–12. Alusão à parábola do rico avarento e de Lázaro (Lc 16: 19-31).

11. Este verso tem 11 sílabas.

15. Fénis (ou *Fénix*) – ave fabulosa com forma de águia, originária da Etiópia e relacionada no Egito com o culto do Sol. Segundo a lenda, era animal único da sua espécie e, quando sentia que ia morrer, fabricava um ninho com plantas aromáticas, ao qual lançava fogo depois de nele se deitar. Surgia de novo das suas cinzas.

19. Apolo – deus da mitologia greco-romana. Identificado com o Sol, era – entre outras atribuições – o deus da música, da poesia e da arte, presidindo ao coro das nove Musas.

Marte – deus romano da guerra.

22 e ss. – a Guerra da Restauração decorreu entre 1648 e 1668 e teve de facto o Alentejo como principal cenário.

30. ajuda – injeção de água ou líquido medicamentoso no reto; clister.

31. pano de água – pancada de água, aguaceiro.

33. A métrica torna a ectilipse obrigatória.

35. Baco – deus romano do vinho.

36. Peramanca – antigo e famoso vinho alentejano, originariamente produzido nos vinhedos de Peramanca pelos frades do Convento de Nossa Senhora do Espinheiro, próximo de Évora.

40. suão – vento quente de sul e/ou de sudeste.

43. Ribeira de Alenquer – nasce na serra de Montejunto e desagua no Tejo, em Vila Nova da Rainha.

43–44. Note-se a rima entre homónimos: *leve* (forma verbal) e *leve* (adjetivo).

50. entretenida – castelhanismo; participio passado de *entretener*; entretida, divertida.

57. patifa – feminino de *patife*, aqui provavelmente na seguinte aceção, registada por Morais: «moço de ceira, ribeirinho, que andava na ribeira levando os géneros à casa dos compradores, por aluguel».

60–64. Seguramente, uma alusão à morte do primogénito do Rei de Portugal, D. João IV, o Príncipe D. Teodósio, em 15 de maio de 1653³. chamelote (ou *chamalote*) – tecido de lã ou pelo de camelo.

Arte poética

A silva é composta por versos decassílabos que alternam de forma irregular com o seu quebrado. A acentuação deste último é variável, dominando embora o modelo 3-6, ao passo que o decassílabo é predominantemente heróico. São contudo sáficos os vv. 19, 29, 40, 54, 62 e 65, ao passo que nos vv. 35 e 38 ocorre o pentâmetro iâmbico. A rima é variável: sendo maioritariamente emparelhada, apresenta-se também sob a forma cruzada ou interpolada.

³ BOUÇA, Anabela Vilela, “Lágrimas por um Príncipe”. In *Via Spiritus: Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*. Vol 2, 1995, p. 246.

5.

Manuscrito principal: **P**, ff. 3r-3v

Manuscritos secundários: ADB 373, f. 72v = **A** / BA 49-III-49, f. 468v = **B** / BPE R Arm. I, 29, II, pp. 155 (an.) = **D**

Versão de **P**

Décima

A Maria da Ressurreição, freira de Monchique, falando a Lopo Moreno, Judeu

Se Amor é fogo fatal,
não sei quem vos persuade
que haja de arder por vontade
quem lhe tem ódio mortal;
5 não gasta amor figadal
nem verdadeira afeição
quem é por toda a rezão
tão incrédulo Tomé
que entre outros erros da fé
10 não crê na *Ressurreição*.

Variantes

Legenda. Décima / A Maria da Surreição, Freira de Monchique, falando com Lopo Moreno, Judeu / Sucarelo **A** Décimas / A Maria da Ressurreição, falando com Lopo Moreno, Judeu **B** A Dona Maria da Ressurreição, falando com um Judeu / Décima **D**

5. figadal] fidagal **A**

8. tão] não **A B**

10. Ressurreição] Surreição **A**

Em A, B e D, a última palavra não está sublinhada.

Notas

Legenda. Monchique – ver nota ao poema 4.

Lopo Moreno – certamente Lopo Moreno Dias, de origem judaica, natural de Viana do Castelo, coevo de Sucarelo e, tal como este, estudante em Salamanca e, posteriormente, em Coimbra.

8. Tomé – um dos doze apóstolos de Jesus, conhecido pelas dúvidas que manifestou quanto à ressurreição do Messias (Jo, 20: 25).

Arte poética

O poema é constituído por versos de redondilha maior, agrupados numa décima espinela, que apresenta o esquema rimático ABBAACDDC.

6.

Esta décima é veiculada por um total de 17 testemunhos: um manuscrito principal, 13 manuscritos secundários e três impressos modernos. Apenas o primeiro e três dos segundos atribuem o texto a Sucarelo; cinco dos manuscritos secundários e dois impressos modernos apontam para D. Tomás de Noronha; outro indica Gregório de Matos como autor; os restantes apresentam o texto sem indicação de autoria. Apesar desta divergência, cremos que o poema deve ser considerado de João Sucarelo Claramonte, atendendo sobretudo à autoridade do Ms. **P**, que lhe advém da data e do compilador.

Manuscrito principal: **P**, ff. 3v-4r

Manuscritos secundários: ADB 154, f. 103r (an.) = **A** / ADB 373, f. 72v = **B** / BA 49-III-49, f. 469r = **D** / BA 49-III-71, p. 259 (D. Tomás de Noronha) = **E** / BGUC 338, ff. 414v (D. Tomás de Noronha) = **F** / BGUC, 391, ff. 18v-19r (an.) = **G** / BGUC 1553, f. 168v = **H** / BNP, 6269, ff. 205r (D. Tomás de Noronha) = **I** / BPE R CXIV/1-14d, f. 200r (D. Tomás de Noronha) = **J** / BPE R CXXX/1-17, f. 142v (an.) = **K** / BPMP 394, [f. 119r] (an.) (inc.) = **M** / BPMP 1203, p. 143 (D. Tomás de Noronha) = **N** / LC Pt 87, ff. 170v (an.) = **O**

Impressos modernos: ADN, pp. 364-365 (D. Tomás de Noronha) = **Q** / AP, IV-2, p. 208 (Gregório de Matos) = **R** / MR, p. 12 (D. Tomás de Noronha) = **S**

Versão de **P**

Outra

A um escrivão mulato que fazia pouco caso de ãas pancadas que lhe deram

Senhor António de Abreu,
admirado o Mundo está
do pouco que se vos dá,
do muito que se vos deu;
5 tal não presumira eu
do vosso talhe e feição,
porém nesta ocasião
mostrar ao mundo prometo
que homem sois de couro preto[;]
10 de colhão preto[,] isso não.

Variantes

Legenda. Décima / A um que fazia pouco caso de ãas pancadas que lhe deram, e era moreno **A** Do mesmo Autor a um escrivão mulato, que fazia pouco caso de ãas pancadas **B** Décimas / De um escrivão mulato, que fazia pouco caso de ãas pancadas que lhe deram **D** A um escrivão mulato, fazendo pouco caso de ãas pancadas que lhe deram **E Q** A um Escrivão a quem espancou um fidalgo, por citar suas irmãs donzelas / Décima de D. Tomás **F** A um mulato que não fazia caso de ãas pancadas que lhe deram / Décima **G** Do mesmo Autor / A um escrivão mulato, que fazia pouco caso de ãas pancadas que lhe deram. Décima **H** Do mesmo a um escrivão, por fazer certa deligência a ãas fidalgas donzelas que tinham um irmão, o qual lhe deu ãas pancadas **I** A um Escrivão Mulato, que fez pouco ou nenhum caso de ãas pancadas que lhe deram com um pau / do mesmo Autor / Décima **J** A um Escrivão Mulato, a quem deram ãas pancadas **K** A Francisco de Abreu, que dando-se-lhe muita pancada e falando-se-lhe nela, respondia que disso se lhe dava pouco **M** Décima / A um mulato que lhe deram muita pancada / Por D. Tomás **N** Décima a um Escrivão mulato em que se deu **O** A um Escrivão, mulato, a quem deram ãas porradas **R** A um mulato que não fazia caso dũas pancadas, que lhe deram **S**

1. António] Francisco **M**

2. admirado o Mundo] o Mundo admirado **E Q** o mundo espantado **F I J** o mundo pasmado **M**

4. do muito] e do muito **K**

5.-10. *Faltam estes versos em M.*

5. tal não] não tal **B H** || presumira] presumia **B D E H J N O Q** presumirei **F I**

6. do vosso] de vosso **F G I N S** desse **E Q** || feição] ocupação **E Q**

7. nesta] nessa **G S**

8-9. Em **D** os vv. 8 e 9 aparecem por ordem inversa.

9. homem sois] sereis **F I** homem foi **G S**

10. de colhão preto] mas de colhão, **A** de coisa preta, **E Q** de cachaço preto **O** de c... preto **R S**

mas de colhão preto não **F I**

Em **E** coisa *está sublinhada.*

Nota

Legenda. Outra – entenda-se: décima.

Arte poética

O poema é constituído por versos de redondilha maior, agrupados numa décima espinela, que recorre ao esquema ABBAACCDDC.

Manuscritos principais: **L**, p. 82 / **P**, f. 4r

Manuscritos secundários: BA 49-III-49, f. 469r = **A** / BPE R Arm. I, 29, II, p. 160 (an.) = **B**

Versão de **P**

Outra

A Duarte Ribeiro, mandando-lhe perguntar como passara a noite em Coimbra com ãa moça a que chamavam Cunhada

Veio Elisa muita guapa
ao retrete onde eu me dispo;
dormiu em cama de Bispo,
com cobertores de Papa;
5 está feita ãa gualdrapa
de dormida e desvelada,
nos colchões agasalhada,
entre cortinas de seda;
enfim Elisa é moeda,
10 porque é batida e cunhada.

Variantes

Legenda. A Duarte Ribeiro de Macedo, a respeito de ãa Mulher que ia a casa de um Eclesiástico / Décima **L** Décimas a Duarte Ribeiro, mandando-lhe perguntar, sendo estudante de Coimbra, como passara a noite com ãa moça a quem chamavam Cunhada **A** A Duarte Ribeiro, mandando perguntar ao Autor como tinha passado a noite com ãa moça que chamavam a Cunhada / Décima **B**

1. Veio Elisa] Vinha Lísis **L** Veio Beliza **A** || muita] muito **L B** mui **A**
2. com seu capote de chispo, **L**
3. dormiu] dormir **L**
6. de batida e de surrada, **L**
7. colchões] lençóis **L**
9. enfim Elisa] enfim (Duarte) **L** enfim Beliza **A**
10. batida e depois cunhada. **L**

Notas

Legenda. Outra – entenda-se: décima.

Duarte Ribeiro – seguramente Duarte Ribeiro de Macedo. Cf. nota à réplica I.

2. retrete – aposento mais íntimo e recolhido de uma casa.

5. gualdrapa – manta que se estende na garupa das montadas, por baixo da sela.

Arte poética

O poema é constituído por versos de redondilha maior, agrupados numa décima espinela, que recorre ao esquema ABBAACDDC.

Manuscritos principais: **L**, pp. 125-128 / **P**, ff. 4r-5v

Manuscritos secundários: BA 49-III-49, ff. 462r-462v = **A** / BNP 13218, ff. 25v-27r (an.) = **B** / BPE R Arm. I, 29, II, p. 159 (an.) = **D**

Versão de **P**

Romance

Aos anos de D. Maria dos Mártires, havendo-lho eu pedido

Faz anos Dona Maria,
quantos são, eu não o sei;
pelos Mártires os conta,
bem d'anos devem de ser.

5 O que eu sei que é ela um sol,
este é o seu parecer,
e o meu que fará bons anos
quem faz os dias também.

Mas os anos que ela faz
10 ninguém os pode fazer,
que as outras tem os que fazem,
ela os que faz não os tem.

É privilégio do Sol
todos os dias nacer;
15 se ela nace cada dia,
que anos pode a moça ter?

Nos seus anos há planetas
tão vários como ela é;
talvez reina Vénus neles
20 e Capricórnio talvez.

Mas se das telhas abaixo
faz anos como mulher,
eu farei dez mil apostas
que são pouco mais de dez.

25 Porque ela está nos seus treze
tão bela como infiel,
nas mininices que faz,
mentindo os anos que fez.

Anos tem ela de ingrata,
30 de inconstante e de cruel,
onde a fereza é capricho,
onde é melindre o desdém.

No juízo dos seus anos
bem se pode prometer
35 perdições, que ela costuma
pagar mal o querer bem.

Glória dos Mártires fora
se ela por prémio da fé
quando faz anos fizera
40 aniversários também;

onde os seus anos lograram
todos os Mártires que,
por ter do martírio a palma,
sempre vão e apenas vem.

45 Mas ela dá dos seus anos
a quem lhe quer bem mau mês,
que traz a alma ensinada
a matar e aborrecer.

Variantes

Legenda. Ao cumprimento de Anos de Dona Maria dos Mártires / Romance **L** Romances do Sucarelo feitos a vários assuntos. Aos anos de Dona Maria dos Mártires / Romance **A** Aos anos de Dona Maria dos Mártires, Freira de Celas / Romance **B** Aos anos de Dona Maria dos Mártires / Romance **D**

2. quantos são] quantos faz **B D** || o sei] sei **B**

3. mas se os conta pelos Mártires **L** se os conta pelos mártires **A**

Em L Mártires está sublinhado.

4. devem de ser] deve ter **A** devem ser **D**

oh, que imensos devem ser! **L**

5. que é ela] é que ela é **L** que ela é **B**

6. é o] o **L**

11. os] o **A**

12. ela] e ela **L A B** || não os tem] não tem **L A D**

17. Nos] Dos **D**

21. das] de **L**

32. é melindre o] o melindre é **L A**

33. dos] de **L**

36. o querer] e querer **A**

37. *Em L Mártires está sublinhado.*

38. da] de **A**

39. quando] se quando **A**

43. do martírio] de martírio **D**

44. apenas] penas **A**

46. mau mês] num mês **B D**

48. aborrecer] a aborrecer **L** querer bem **A**

Arte poética

O romance é formado por quadras heptassilábicas, com rima toante nos versos pares que se mantém constante ao longo do poema.

9.

Manuscrito principal: **P**, ff. 5v-6r

Manuscrito secundário: BGUC 358, p. 312 = **A**

Versão de **P**

Quintilha

Que fez à minha vista o Autor a Diogo Brandão, que chamavam o Besbelho [e] era muito remelado

Besbelho comum de três,
se o há no Mundo eras tu,
pois a fortuna te fez
os dous olhos com que vês
5 dous olhos ambos do cu.

Variantes

Legenda. Quintilha do Doutor Sucarelo a Diogo Brandão, por alcunha o Besbelho, e tinha muita borbulha e ramela ao redor dos olhos **A**

2. eras] eres **A**

Nota

1. besbelho – ânus.

Arte poética

Trata-se de uma quintilha, em versos de redondilha maior, com esquema rimático do tipo ABAAB.

O soneto é transmitido por dez testemunhos: dois principais e seis secundários são manuscritos e dois são impressos modernos . O facto de dois destes últimos atribuírem o texto a António Barbosa Bacelar não põe em causa a autoria de Sucarelo, tanto mais que o manuscrito **P** apresenta, pela data e pelo compilador, uma particular autoridade nesta matéria. Mafalda Ferin Cunha, trabalhando com cinco dos testemunhos, editou este soneto no âmbito do trabalho que dedicou a Bacelar, apresentando-o no apêndice dos poemas de autoria não completamente segura (Cunha, 2007, p. 743).

Manuscritos principais: **L**, p. 3 / **P**, ff. 6r-6v

Manuscritos secundários: ACL A 693, f. 146v = **A** / BGUC 338, f. 325v (A. Barbosa Bacelar) = **B** / BNP 6269, f. 87v (Bacelar) = **D** / LC Pt 9, [f. 204v] = **E** / PA, I, ff. 198v (an.) = **F** / TT Lv 1080, ff. 163r-163v = **G**

Impressos modernos: MCF, p. 238 (António Barbosa Bacelar) = **H** / MFC, p. 743 (António Barbosa Bacelar) = **I**

Versão de **P**

Soneto

que mandou às Freiras de Monchique, vindo de Coimbra a ãa sua festa

Guardadoras do gado deste outeiro,
oh, nunca fôreis, não, tão guardadoras,
as que ajuntando estais todas as horas,
mais do que entesourou Pero Pinheiro!

5 Parte-se à vossa festa um Cavaleiro,
tingindo em sangue as rodas das esporas,
cuida que há de comer; não faz demoras
nem quer provar dos mexilões de Aveiro.

10 Fazeis sarapatel, juntais panelas,
há festifolgas, todo o frade come,
ele fica em jejum vendo as estrelas.

Já vos conhece{m}, já vos sabe{m} o nome,
sois igualmente míseras e belas,
pois que matais de Amor e mais de fome.

Variantes

Legenda. Às Freiras do Convento de Monchique do Porto, na Festa que faziam todos os anos, mas com pouco suco / Soneto
L Soneto / Às freiras de Monchique do Porto **A** Às freiras de Monchique em ùa festa / Soneto / Bacelar **B** Às freiras de Monchique em ùas festas / Bacelar **D** Às Freiras de Lorvão / Soneto **E** Soneto / A certas moças que faziam ùa festa todos os anos **F** Soneto do mesmo, indo a Simide a ùa festa, não achando que comer **G** Soneto que mandou às freiras de Monchique vindo de Coimbra a ùa festa **H** Às freiras de Monchique em ùas festas **I**

2. não] vós **L A E F**

Em L e A o verso aparece entre parênteses.

3. as que ajuntando] as quais, roubando **L** vós que juntando **B D H I** as que roubando **A E F** /*das/ que guardando **G**

4. entesourou] ajuntou **B D H I** || Pero] Pedro **E**

6. as rodas] a roda **E**

7. que há de comer] de se fátar **L A E F G**

8. dos] dous **B D I** || mexilões] mixilhões **L A F G** mexilhões **B D H I**

9. juntais] juntas **L** e untais **H**

Vossos sarapateis, vossas panelas **E**

10. há] em **E** a **B D H I** na **G** || festifolgas] festigoldas **B** festifolga **G** || o frade] frade **A**

11. ele] porém **L** e ele **E**

12. conhecem] conhece **L A E F G** || sabem] sabe **L A E F G**

14. pois que] porque **L B E F G** pois **A**

Justificação de emendas

12. O sujeito é «um cavaleiro», referido no v. 5. O plural compromete a métrica (a menos que se faça a leitura com ectilipse), pelo que acolhemos a lição de **L, A, E, F e G**.

Notas

Legenda. Monchique – ver nota ao poema 4.

8. mexilão – variante arcaica de *mexilhão*. Os de Aveiro eram um produto tradicional que chegou a ser objeto de exportação.

5. Cavaleiro – é possível que o poema seja posterior a 24 de junho de 1651, data em que João Sucarelo Claramonte é condecorado com título de Cavaleiro da Ordem de Cristo.

10. festifolga – não encontramos registo desta palavra.

Arte poética

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA / ABBA / CDC / DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 8, podendo os v. 10, 12 e 14 ser lidos também dessa maneira.

Manuscrito principal: **P**, f. 6v

Manuscritos secundários: BA 49-III-49, ff. 460v-461r = **A** / BGUC 338, f. 330r = **B** / BNP 6269, f. 92r = **D**

Versão de **P**

Soneto

Ao Carola Toureiro; consoantes forçados

Quis fazer o Carola seu papel,
mais bêbado na praça que um funil,
contra um Tourinho fusco, que o pernil
lhe foi tangendo mais que um Azamel.

5 Aposentou-o como Furriel
e deu-lhe por mortalha o seu mandil;
foi sua morte soada e tão gentil
que soou mais que um leve cascavel.

10 Embalsamado foi entre cerol,
sem levar nenhum homem dos do azul,
sem pompa e sem candeia e sem farol.

Serviu-lhe um campo infausto de baul,
cantou-lhe de Alvalade um Roixinhol
e sua morte chegou até Chaul.

Variantes

Legenda. Soneto do mesmo Autor: de consoantes forçadas a um toureiro que chamavam o Carola **A** Soneto; do mesmo / A um toureiro chamado o Carola **B** Do mesmo, a um Toureiro chamado Carola **D**

1. seu] o seu **B D**

3. o] um **A B D**

5. Aposentou-o] Aposentono [sic] **A**

8. soou] sou **A**

10. do] de **A B D**

11. e sem candeia] sem candeia **A B D**

13. Rouxinhol] Roixinol **A B D**

14. e] a **A** || chegou até] se ouviu lá por **A B D**

Notas

Legenda. consoantes forçados – rimas difíceis, pouco vulgares.

4. azamel – variante de *azemel*, condutor de azémolas (bestas de carga), almocreve.

5. Furriel é um dos postos inferiores do exército. É possível que haja um jogo de palavras com furriel-mor, que era o aposentador-mor do exército, ao qual, segundo Bluteau, «(...) toca executar por menor a distribuição dos alojamentos feita pelo Mestre de Campo general (...)».

6. mandil – pano grosseiro usado para esfregar as cavalgaduras depois de escovadas.

8. cascavel – segundo Morais, guizo ou casquinha de metal redonda, com uma bolinha solta dentro que a faz soar.

9. cerol – pode designar uma pasta compósita (cera, sebo e pez) usada por sapateiros para encerar linhas, mas pode equivaler também a ceroto (ou cerato), que é um medicamento à base de cera e óleo.

10–11. Os funerais de irmãos de uma Misericórdia eram acompanhados por funcionários vestidos de gabão azul e por outros que transportavam tocheiros. Uma cerimónia fúnebre sem estes elementos indicava a condição inferior do morto.

12. baul – o mesmo que *baú*.

13. *rouxinol de Alvalade* é uma expressão proverbial antiga, usada por outros poetas, certamente justificada pelas características naturais de um espaço que, apesar de situado às portas de Lisboa, só tardiamente foi urbanizado.

14. Chaul – cidade e fortaleza a Norte de Dabul, na Índia, sob domínio português desde o início do século XVI até 1729.

A métrica impõe a leitura em sinalefa de *sua*.

Arte poética

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA / ABBA / CDC / DCD. Note-se que estamos perante um soneto em agudos, variando as terminações rimáticas apenas na vogal. Todos os versos são decassílabos heroicos.

Manuscrito principal: **P**, f. 7r

Manuscritos secundários: BA 49-III-49, ff. 459r-459v = **A** / BGUC 1636, p. 84 = **B** / PA, I, f. 200r (an.) = **D**

Versão de **P**

Soneto

De consoantes forçados e monossílabos

Oh, que valentemente as gotas dás
e que bem dispostaça puta és!
O valhaco do frade que to fez
devia dar-te um reverendo zás.

5 Pior fora fazer-to por detrás,
 fornicando à gatesca em que te pés,
 porque um frade se o vaso acha c'o mês,
 pelo ás de ouros seu negócio faz.

 Dirás que é fraca a carne como um tris,
10 e porque estavas tu e o frade sós,
 por isso se atreveu a dar-te um truz.

 Mas ele não to fez como eu to fiz,
 que estes frades, aqui para entre nós,
 quando mangam, pespegam como uns mus.

Variantes

Legenda. Do mesmo Autor / Soneto **A** Do Sucarelo, a uma Dama dormida de um frade **B** Soneto / A ãa dama que tratava com um frade **D**

7. frade] frade destes **D** || acha c'o] acha **D**

que se acaso um frade te achou c'o mês **A** porque se um frade destes acha o mês **B**

8. ouros] copas **B D**

10. e o] c' o **B**

14. quando mangam,] como emangam **A** tem mangaz, **B** tem mangaz e **D** || uns] um **D**

Notas

Legenda. consoantes forçados – ver nota ao poema 11.

1. dar as gotas – não encontramos a expressão dicionarizada e o seu sentido não é inteiramente claro.

6. à gatesca – segundo Morais, à moda dos gatos.

pés – forma abreviada de *pese*.

7–8. Entenda-se: se a mulher está menstruada, o frade opta pelo sexo anal.

7. vaso – o órgão sexual feminino.

mês – menstruação.

8. ás de copas (**B e D**) – o traseiro, segundo Morais.

14. mangar – troçar, enganar.

mangaz (**B e D**) – palavra formada a partir de *mango* (o pau superior do mangual que bate os cereais na debulha) e usado para designar um objeto de grande tamanho, apresenta no texto um evidente sentido sexual.

Arte poética

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA / ABBA / CDC / DCD. Note-se que estamos perante um soneto em agudos, variando as terminações rimáticas apenas na vogal. Domina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 4, 8 e 10.

Manuscritos principais: **L**, p. 8 / **P**, f. 7v

Manuscritos secundários: ADB 367, ff. 201v-202r = **A** / BA 49-III-49, ff. 459v-460r = **B** / BGUC 338, ff. 330r-330v = **D** / BGUC 526, f. 248v = **E** / BNP 6269, f. 93v = **F** / BNP 13221, p. 73 (an.) = **G** / BNP 13371, f. 91v = **H** / PA, V, f. 262r (an.) = **I** / TT Lv 1080, ff. 163v-164r = **J**

Versão de **P**

Soneto

À morte de Lourenço Batista, Sacristão das freiras de S. Bento, do Porto

Aqui se esconde o corpo bem logrado
de Lourenço, um presbítero que, indigno,
c'o leite que mamou viveu mofino,
c'o que deu a mamar morreu mamado.

5 De aromas quasi andava embalsamado,
não por ódio do sexo masculino,
antes enchia o olho de contino
a todo o companheiro de seu fado.

10 Foi Sacristão das Bentas da cidade
e houvera de acabar no Santo Offício,
se não fora ãa aguda enfermidade;

que dava de imitar mui grande indício
a morte de seu Santo noutra idade,
com vinte e tantos anos de exercício.

Variantes

Legenda. À final conclusão de Lourenço Batista, Sacristão das Freiras de São Bento do Porto, que muito se apurava / Soneto **L** Do Sucarelo, feito a um Sacristão das Freiras de São Bento do Porto, que morreu esfalfado de † / Soneto **A** À morte de Lourenço Batista, sacristão das freiras de São Bento do Porto / do mesmo Autor / Soneto **B** À morte de Lourenço Batista,

Sacristão das Freiras de São Bento do Porto / Soneto de Sucarelo **D** Soneto do Doutor João de Sucarelo à morte de Lourenço Batista, Sacristão das Freiras Bentas do Porto, satirizando, e se vê mostra[do] que era cristão-novo **E** Do Sucarelo à morte de Lourenço Batista, Sacristão das Freiras de São Bento do Porto **F** À morte de Lourenço Batista, Sacristão das Freiras de São Bento / Soneto **G** Soneto do Sucarelo feito a um Sacristão das freiras de São Bento do Porto, que morreu esfalfado de puto **H** Soneto / À sepultura de um clérigo de má fama **I** Soneto do mesmo, morrendo um Capelão das Freiras bentas do Porto, de quem † um fulano leite se presumia mal **J**

1. Aqui se esconde] Jaz nesta pedra **I** Cobre esta pedra **J** || bem] mal **A H**
2. um presbítero que] um presbítero **A B I** presbítero **D F** um Presbíter{i}o que **G**
Lourenço *encontra-se sublinhado em L*
3. c'o leite] com leite **F** || viveu] morreu **I**
4. morreu] viveu **B D**
5. quasi andava] andou sempre **A H** || embalsamado] embelanzado **B**
6. ódio] asco **I** || do] de **F** || sexo] sexto **B D** || masculino] femenino **L**
7. antes] mas antes **A H** || o olho] os olhos **I** || contino] contínuo **D**
8. todo o companheiro] muitos companheiros **I** || de] do **L B D F**
9. Sacristão] Sacristão **L** Capelão **I J** || Bentas] Freiras **G**
10. e houvera] houvera **I** e havia **J**
11. donde a muitos fazia a caridade **I** se o não acabara a enfermidade **J**
12. que] e **L** || dava de] devia de **B F** devia **D** || mui grande] um grande **A B F G H** há grande **D** mui claro **I**
13. a morte de seu Santo] a morte do seu Santo **L G J** ao Santo de seu nome **A** ao Santo do seu nome **H** || noutra] em outra **A I**
Santo *está sublinhado em L*
14. exercício] serviço **D F**

Notas

Legenda. Sacristão – variante arcaica de *sacristão*.

freiras de S. Bento, do Porto – referência ao Mosteiro de São Bento da Avé Maria, mandado fundar por D. Manuel, em 1518. Demolido no final do século XIX, ficava no espaço hoje ocupado pela estação ferroviária de S. Bento.

2. presbítero – supomos que a palavra é aqui usada no sentido etimológico de *ancião* e não com o valor de *sacerdote, clérigo*.

5. embalsamado – impregnado, encharcado de bálsamos.

5–8. Satiriza-se o comportamento efeminado do visado e a prática da homossexualidade.

7. de contino – locução adverbial antiga com o significado de continuamente.

10. A homossexualidade, ou sodomia, era um dos delitos mais perseguidos pela Inquisição, que aplicava aos seus praticantes a pena capital.

12–13. São Lourenço, um diácono de origem espanhola, foi martirizado em Roma a 10 de agosto de 258: colocado em cima de uma grelha, foi queimado vivo.

Arte poética

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA / ABBA / CDC / DCD. Todos os versos são decassílabos heroicos.

2–3. Note-se a rima *indigno / mofino*.

O soneto foi já editado por Topa (1999: II-Anexo, pp. 46-48), cujo modelo de edição é por nós seguido. A edição que apresentamos de seguida leva apenas em conta os testemunhos dos manuscritos principais e aqueles que, entretanto, acrescentamos.

Somando os testemunhos já conhecidos com os agora revelados, verifica-se que o soneto é transmitido por vinte e cinco testemunhos: doze, que o atribuem a Sucarelo (dois dos quais manuscritos principais); oito, que se pronunciam por Gregório de Matos; um por D. João de Carvalho e outro por A. Barbosa Bacelar, enquanto três apresentam o texto como anónimo. Apesar desta divergência, cremos que não se justifica pôr em causa a autoria de Sucarelo: a tradição manuscrita é-lhe claramente favorável; o Ms. **P** tem – pelas razões já apontadas – uma autoridade considerável.

Manuscritos principais: **L**, p. 7 / **P**, f. 8r

Manuscritos secundários: BPMP 1203, p. 222 (D. João de Carvalho) = **A** / PA, V, f. 51v = **B** / TT Lv 2227, f. 160r = **D**

Versão de **P**

Soneto

A Domingos Roiz de Macedo, Corregedor do Crime do Porto, que prendeu ao Autor

Lobo cerval, fantasma pecadora,
alimária cristã, selvage humana,
que eras com vara pescador de cana
quando devias ser burro de nora.

5 Leve-te Belzebu, vai-te em má hora,
levanta desta vez fato e cabana
e não pares senão na Taprobana
ou no meio da Líbia abrasadora.

10 Queime-te um raio, parta-te um corisco,
na cama estejas tu, feças na rua,
sepultura te dem montes de cisco.

E toda aquela cousa que for tua
contigo corra sempre o mesmo risco,
ó alimária cristã, ó besta crua.

Variantes

Legenda. A um certo Corregedor do Porto / Soneto **L** De D. João de Carvalho, a um Corregedor do Crime do Porto pelo haver preso; chamava-se o Corregedor Domingos Rodrigues de Macedo / Soneto **A** Soneto / De João Sucarelo feito a um Corregedor do Crime no Porto, que era homem desabrido e parecia sátiro **B** A um certo julgador / Soneto **D**

1. Lobo] Burro **A B D**
3. que eras] que eres **B**
4. quando devias] e que houveras de **L** || burro] pescador **A**
5. Belzebu] Barzabu **A B D**
7. na Taprobana] na Tramporbana **A** na Tapobrana **B** a Taporbana **D**
8. da] de **D**
9. Queime-te] Fenda-te **L** Parta-te **B D** || parta-te] queime-te **B D**
10. na cama] em casa **L**
11. dem montes] dê monte **L**
13. contigo corra sempre] corra também contigo **L**
14. ó alimária cristã] ó Animal, ó fera **L** ó alimária, ó animal **A** ó alimária fatal **B D**

Notas

2. fantasma – à época, o substantivo era predominantemente usado como feminino.
3. vara – símbolo dos juízes e magistrados.
6. fato – os bens móveis, como roupas e outros.
7. Taprobana – ilha do oceano Índico que foi considerada durante muitos séculos, como pertencendo a um outro mundo. Em *Os Lusíadas*, o topónimo designa um lugar extremo da terra, não se sabendo ao certo se o poeta queria referir-se a Ceilão ou a Samatra.
10. feças – esta suposta forma verbal surge grafada de três maneiras diferentes: com ç, ss e z. Supomos que se trate de uma variante de *faças*, com o sentido de “defecar”.

Arte poética

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA / ABBA / CDC / DCD.

Domina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 3, ao passo que no v. 13 é usado o pentâmetro iâmbico.

Manuscritos principais: **L**, pp. 129-132 / **P**, ff. 8v-10r

Manuscrito secundário: BA 49-III-49, ff. 463r-464r = **A**

Versão de **P**

Romance

A Duarte Ribeiro de Macedo, sendo Juiz-de-fora de Elvas, que morava sobre a cadeia da cidade

Juiz que na sala livre
preso há dous anos estais,
respirando ares corruptos
nũa masmorra infernal;

5 agora que o sol dourado
dando ao cão celeste está,
fazendo em nós pontaria
toda perpendicular;

10 agora que entre os planetas,
sobre os globos de cristal,
aceso o Sírio do Céu
queima a Terra, abrasa o mar;

15 agora que presidente
se quer Apolo mostrar
da Mesa grande dos astros,
feito Inquisidor-geral;

20 agora que abafa o Mundo,
dir-vos-ei o que cá vai
e ficareis admirado
de ouvir o que vai por cá.

Para o meu ditoso alvergue,
às dez horas da manhã,
vou pelo Escorregadio¹,
deixando-me escorregar.

25 Fresco em bombachas no sótão
me ponho logo a jentar,
desenfastiando a olha,
chouriço e queijo frescal.

Apenas tenho acabado
30 de comer e de brindar,
quando já sobre as Moscóvias
esta humanidade jaz.

Durmo e ronco alegremente
ũa hora ou pouco mais,
35 levanto-me, lavo a cara,
ponho-me um pouco a estudar.

Enquanto o sol entre as nuves,
que lhe servem de avantal,
fazendo está mal-assadas,
40 em casa me deixo estar.

Não sei que cousa é mulher,
mas tenho, por me alegrar,
duas hora cada dia
de fornicção mental.

45 Assi do verão me rio,
porque impossível será,
se me não enterrar vivo,
deixarem de me enterrar.

¹ É uma rua de Elvas.

Variantes

Legenda. Ao Doutor Duarte Ribeiro, sendo Juiz-de-fora em Elvas, aonde morava por cima da cadeia da dita Cidade, dando-lhe o Autor parte de como passava o tempo / Romance **L** Romance a Duarte Ribeiro, sendo Juiz-de-fora em Elvas, morava sobre a cadeia da cidade **A**

4. nũa] de ãa **L**

5. dourado] durado **A**

8. perpendicular] porpendicular **A**

17. abafa] abrasa **L A**

20. por cá] cá **A**

23. **L e A não apresentam a nota.**

40. em casa me deixo] me deixo em casa **A**

41. mulher] melhor **A**

47. enterrar] enterar **A**

48. deixarem] que deixem **L**

Notas

Legenda. Duarte Ribeiro – *vd.* nota à réplica I. O magistrado passou a ocupar o cargo de juiz-de-fora de Elvas em 1650.

5–8. Entenda-se: ao meio-dia.

6. cão celeste – o mesmo que Cão Maior, constelação do hemisfério austral onde está Sírio.

11. Sírio – a estrela mais brilhante e a maior da constelação do Cão Maior, também designada por Canícula.

14. Apolo – *vd.* nota à réplica IV.

25. bombachas – segundo Bluteau, «Calçoens de seda, que ou se traziam com tufos, ou garambazes; erão muito largos, & se atavão pellos joelhos.»

26. jentar – nesta altura, é a refeição que se toma ao meio-dia.

27. olha – na definição de Bluteau, «A carne, & a hortaliça cozida na panela, que se manda à mesa sobre sopas.»

28. queijo frescal – queijo fresco.

31. Moscóvia – o mesmo que couro da Rússia, um tipo de couro acetinado. De acordo com Moraes, é de cor roxa ou castanha, servindo para cobrir arcas, cadeiras, etc.

39. mal-assada – fritada de ovos.

Arte poética

O romance é formado por quadras heptassilábicas, com rima toante nos versos pares que se mantém constante ao longo do poema.

16.

O romance é transmitido por sete testemunhos manuscritos: dois principais e cinco secundários. O facto de dois destes últimos atribuírem o texto a António da Fonseca Soares e de os outros dois o darem como anónimo não nos parece que invalide a indicação dos manuscritos principais, em que se inclui **P**.

Manuscritos principais: **L**, pp. 188-190 / **P**, ff. 10r-11r

Manuscritos secundários: BGUC 353, pp. 158-159 (an.) = **A** / BGUC 2998, ff. 134r-134v (A. Fonseca Soares) = **B** / BNP 13218, ff. 23v-24v (an.) = **D** / BPE R Arm. I, 29, II, pp. 157-158 (an.) = **E** / BPMP 1402, ff. 51v-52r (A. Fonseca Soares) = **F**

Versão de **P**

Romance

A ùa Senhora que naceu no Termo, indo-se para a quinta; não o acabou o Autor

Saloia dos olhos verdes
que para o Termo te vás,
sem que possa o meu bom termo
reduzir-te a cortesã;

5 por que foges da cidade?
 Ouve, espera e logo irás,
 que pela alma que me levas,
 a vida te quero dar.

 Se Amor que em teus olhos mora
10 ao campo me quer levar
 para render-me ou matar-me,
 rendido e morto estou já.

 E se dos meus rendimentos
 queres sair a triunfar,
15 os rendidos no triunfo
 vão diante e não detrás.

Leva-me também contigo,
que minha desgraça é tal
que nunca te alcançarei,
20 posto que vamos a par.

Pegarei pelo cabresto
desse rústico animal,
sem que a jornada te custe
um “xô” nem um “arre lá”.

25 Se tens por segar o trigo,
pouco serviço te faz
quem cegou pelos teus olhos,
se pelo teu pão segar.

Se amassas para vender,
30 contigo quero amassar,
e se não tens pá do forno,
da minha te servirás.

Se fizeres nata doce,
manteiga ou queijo frescal,
35 o leite que tu quiseres
eu só to quero ordenhar.

Se venderes frutas novas,
eu te encherei o cabaz,
mais de reinóis de natura
40 do que de ameixas de cal.

Variantes

Legenda. A ãa formosa Moça, indo-se para ãa Quinta aonde assistia / Romance **L** A ãa Senhora que nasceu no termo de Lisboa, saindo para a sua quinta / Romance **A** Romance / 86 **B** A ãa Saloia que ia para a Aldeia / Romance **D E** Romance / A ãa dama que ia para ãa quinta **F**

6. e logo] logo **A F**

10. me] te **A**

11. ou] e **B E F**

-
12. estou já] estou cá **E**
13. dos] do **B**
14. queres] ques **B F**
15. no triunfo] nos triunfam **A** dos triunfos **B F**
16. diante] adiante **E** || e não] não **D F** || detrás] atrás **L A D E**
17. também contigo] contigo também **B**
21. Pegarei] Pegarás **B**
24. “xô” e “arre lá” *estão sublinhados em L.*
25. se tens por] se vás a **L**
26. em mim ajuda acharás **L**
27. quem cegou pelos] pois quem cegou por **L**
28. segar] cegar **F**
pelo teu pão cegar. **L**

Post 28. *Em F o romance termina aqui, havendo a indicação de que está incompleto.*

30–32, 33, 35–36 e 38–39. *Estes versos estão riscados em A, em consequência do que parece ser um ato de censura.*

29–41. *As três últimas quadras não constam de B.*

35. quiseres] fizeres **L**

36. eu só to quero] quero-to eu **L**

Ao lado da última quadra de L encontra-se a seguinte nota do copista: dizia a cópia donde se trasladou que não acabara o Autor este Romance.

Notas

Legenda. e 2. Termo – os arrabaldes de uma vila ou cidade.

13. rendimento – rendição; o ato ou efeito de dar-se por vencido.

15. triunfo – cerimónia honorífica da antiga Roma, concedida aos generais que obtinham vitórias importantes.

34. queijo frescal – ver nota ao poema anterior.

39. ameixa reinol – tipo de ameixa preta, assim chamado por ser do reino; o mesmo que ameixa carnecoita. Note-se que, em calão, a ameixa designa o órgão sexual feminino.

40. ameixa de cal (ou de Cal) – espécie de ameixa pequena, comprida, preta, maculada de azul.

Arte poética

O romance é formado por quadras heptassilábicas, com rima toante nos versos pares que se mantém constante ao longo do poema.

Manuscritos principais: **L**, pp. 153-155 / **P**, ff. 11r-12v

Manuscritos secundários: BNP 4259, pp. 132-133 = **A** / BNP 8575, ff. 88r-88v = **B** / BNP 13218, ff. 21v-22v (an.) = **D**

Versão de **P**

Romance

A ãa Dama que amava um cavalhe[i]ro sem ser correspondida

Perdeu-se Menga por Brás,
e Brás por se não perder
tem tomado por capricho
pagar mal o querer bem.

5 Toda a perdição de Menga
é querer só por querer,
com resolução tão cega
que é teima e parece fé.

Brás, que de Amor e fortuna
10 tanta experiênciã tem,
não quer crer que isto é ventura,
e porque não crê não quer.

Menga quer bem a matar,
porém Brás não quer morrer,
15 que é também o ser ingrato
razão de estado tal vez.

Grandes extremos faz Menga,
mas quando costumam ser
baldadas as esperanças,
20 serve o desejo à mercê.

Já no lugar se murmura,
pouco menos há de um mês,
de ver em Menga as finezas,
de ver em Brás os desdéns.

25 Também não falta quem diga
que Brás tem certos porquês
e que por outros cuidados
anda perdido também.

Mas é Brás tão cauteloso
30 que se acaso isto assi é,
poder-se-á suspeitar,
não se poderá saber.

Era Menga natural
de junto a Penafiel,
35 e Brás de Cima do Douro,
Concelho de Benviver.

Variantes

Legenda. Cavalhe[i]ro] Cavaleiro **P** A uma Dama que amava muito a um Cavaleiro que a não correspondia **L** De João de Sucarelo / Romance **A** A um bem-querer sem ser correspondido, pelo Doutor João Sucarelo / Romance **B** A uma freira que amava sem ser correspondida / Romance **D**

2. se não] não se **D**

4. o] e **A**

10. tanta experiência] tantas experiências **B** || tem] o tem **A**

16. tal vez] talvez **L A B D**

20. à mercê] a mercê **L B**

25. Também] Assim **B**

26. certos] outros **L**

27. outros cuidados] o[u]tro cuidado **A**

31. suspeitar] só suspeitar **L**

32. não] mas não **B**

Post 32. **B** apresenta o seguinte verso: o que ocultamente se fez.

34. a] de **L**

Em **L** Penafiel está sublinhado

36. de Benviver] do bom Viver **B**

Em **L** Benviver *está sublinhado*

Notas

1. O par amoroso Menga e Brás faz parte do cancionero teatral espanhol: aparecem, pelo menos, nas peças *La Carbonera*, de Lope de Vega (1562-1635), publicada em 1635, e *Baile de Los Zagales*, de Pedro Calderón de la Barca (1600-1681).

36. Benviver – antigo concelho da província do Douro, extinto a 31 de dezembro de 1853.

Arte poética

O romance é formado por quadras heptassilábicas, com rima toante nos versos pares que se mantém constante ao longo do poema.

18.

O soneto foi já editado por Topa (1999: II-Anexo, pp. 163-164), numa secção intitulada “Anotação complementar de alguns sonetos”, tendo tomado como base a versão de **P**. Propomo-nos reeditar o poema, acrescentando mais fontes e aprofundando as notas.

O soneto é transmitido por quinze testemunhos: oito, que o atribuem a Sucarelo (um dos quais é um manuscrito principal); três, que o dão como sendo de Bacelar e quatro que o apresentam como anónimo. Cremos que esta divergência não põe em causa a autoria de Sucarelo, tanto mais que o manuscrito **P** apresenta uma particular autoridade nesta matéria.

Manuscrito principal: **P**, ff. 12v-13r

Manuscritos secundários: ACL A 581, f. 7v = **A** / ACL A 693, f. 145v = **B** / BA 49-III-49, f. 461v = **D** / BNP 1650, p. 132 (A. Barbosa Bacelar) = **E** / BNP 6204, p. 681 (an.) = **F** / BNP 6269, f. 86v (A. Barbosa Bacelar) = **G** / BNP 10894, pp. 490-491 = **H** / BNP 13098, p. 255 (an.) = **I** / BNP 13221, p. 70 = **J** / BPE R Arm. I, 29, II, p. 3 (an.) = **K** / PA, I, ff. 198r (an.) = **M** / TT Lv 1804, p. 189 = **N**

Impressos modernos: FT, II-Anexo, pp. 163-164 = **O** / MCF, p. 227 (A. Barbosa Bacelar) = **P**

Soneto

A Maria do Spírito Santo, freira conversa de Celas

Soror Dona Barbata, em que vos pês,
haveis-mo de pagar por esta cruz;
hei-vos de pôr as mãos, pois lhe não pus
ao vosso frade os cornos desta vez.

5 Ser amante não tira o ser cortês,
ser firme ações grosseiras não produz;
mas se ouro não é tudo o que luz,
não perde o ano o que perdeu o mês.

10 Se contra vós algum delito fiz
em fazer o que todo o mundo faz,
vós não podeis ser parte e mais juiz.

Mas por esta carinha de rapaz,
que se o vosso Bernardo o contradiz,
que é um refinadíssimo palmaz.

Variantes

Legenda. Escrevendo o Sucarelo a ãa Freira Barbata, esta lhe não respondeu por correr com um frade bernardo / Do mesmo / Soneto **A** Soneto a ãa freira de Celas /*perversa/ **B** Soneto do mesmo Autor a Maria do Spírito Santo, Freira conversa em Celas **D** A ãa Freira. Soneto de Bacelar **E** A ãa Freira Barbata. Soneto **F** A ãa freira. Bacelar **G** A ãa Freira/ Do Sucarelo **H** A ãa Freira que se isentava de falar a um só porque falava com um frade. Soneto 255 **I** A Maria do Espírito Santo, conversa no convento de Chelas / Soneto **J** A ãa Freira por nome Maria do Santíssimo Sacramento **K** Soneto / A ãa que era devota de um frade **M** A ãa Freira / Soneto **N** A ãa freira **P**

1. Soror Dona Barbata] Senhora Dona Barbata **E** Madre Dona Barbata **F** Dona Barbata Soror **H** Soror Dona Bárborá **IP**
2. haveis-mo de] haveis de mo **E H** haveis-me de **G** haveis de me **P**
3. hei-vos de] Hei de vos **P** || pois lhe] já que **A F H M** pois que **B E I J N** pois vos **D G K P**
4. ao] a **H** || desta] esta **B**
6. ações] a ações **P**
7. mas] porém **H**
8. o que perdeu] o que perde **A B D E G I K N P** quem perde **F** não quem perde **J** quem perdeu **M**
9. Se] Se eu **B I M N**
10. o mundo] mundo **B**
11. e mais] mais **I**
- seja a doutora nisto o meu Juiz **F**
12. esta] essa **A** || carinha] barbinha **F**
13. o contradiz] assim o quis **F**
14. que é] é **I M** || refinadíssim] refinadíssim **D** || palmaz] mangaz **A B H M**

Notas

1. Barbata – a freira é assim designada por se relacionar com um *Barbato*, nome atribuído aos frades de S. Bernardo por usarem barba.
- pês – forma abreviada de *pese*.
6. firme – perseverante.
8. Adaptação do provérbio “O que perde o mês, não perde o ano”.
- 12–14. Se o frade contradiz aquilo que o sujeito declara, sugerindo que ele fez algum delito, é porque, apesar de usar barba, não passa de um rapaz e uma grande cavalgada. *Palmaz* ocorre como metonímia de *palma*, com o sentido de casco das bestas.

Arte poética

A rima em agudos deste soneto obedece ao esquema ABBA / ABBA / CDC / DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas ocorre o pentâmetro iâmbico no verso 4 e são sáficos os versos 8 e 9.

19.

Manuscrito principal: **P**, f. 13r

Manuscritos secundários: BGUC 390, f. 251r = **A** / BPMP 127, f. 178v (an.) = **B**

Versão de **P**

Décima

Ao malogrado sítio de Badajoz

Tremendo estive de nós
quando nos viu na campanha
atemorizada Espanha,
sem prevenção Badajoz[;]
5 bastavam dous meses sós
para a sua perdição
e perdeu-se esta façção,
porque achando-o neste estado,
o quisemos atacado
10 e não co'as calças na mão.

Variantes

Legenda. Décima / Do Doutor João Sucarelo Claramonte / Saindo o nosso exército em campanha em 12 de junho de 658 a sitiá a praça de Badajós, a qual achámos sem nenhuma prevenção e dipois que a teve, esti{ve}vemos sobre ela 4 meses e tantos dias e levantámos o exército sem tomar a praça **A** Décima / Ao malogrado cerco de Badajós **B**

Nota

1-10. Fazendo fé na legenda do manuscrito secundário, o poema alude a um episódio da Guerra da Restauração: o cerco de Badajoz de 1658, conduzido por Joane Mendes de Vasconcelos. Esta investida, que se seguiu a duas tentativas frustradas conduzidas no ano anterior pelo Conde de S. Lourenço, seria mal sucedida (não propriamente pelos motivos apontados no texto de Sucarelo, mas devido a uma epidemia).

Arte poética

O poema é constituído por versos de redondilha maior, agrupados numa décima espinela, que recorre ao esquema ABBAACDDC.

Manuscritos principais: **L**, p. 177-179 / **P**, f. 13r-14v

Manuscritos secundários: BNP 4259, pp. 133-135 = **A** / BNP 13218, ff. 24v-25v = **B** / BPE R Arm. I, 29, II, p. 158 (an.) = **D**

Versão de **P**

Romance

A Maria da Ressurreição, Freira de Monchique

Sabereis, mana Maria,
como me fui confessar
e não botei pela boca
mais que um pecado mortal.

5 Perguntou-me o confessor
se me havia de emendar
e se vinha arrependido,
isto e isto, e tal e tal.

10 Respondi-lhe: «— Padre meu,
só Deus sabe o que será,
que eu protesto hoje ãa cousa
e faço outra amanhã».

15 Não me queria absolver
sem eu me determinar;
enfim lá nos concertámos,
sabe Deus se bem ou mal.

20 Disse-me que vos quisesse
como a próxima e não mais,
assim que convosco agora
trato de me aproximar.

Se vós me derdes, Maria,
a mão para me ajudar,
para moer-me, isso não,
que então será mão de gral.

25 E pois mandais ovos moles,
não me estranhareis que eu vá,
com duplicada potência,
nas vossas mãos desovar.

Este doce, minha mana,
30 multiplica o radical
e tem notável virtude
de fazer multiplicar.

Se mo não deminuirdes,
virá de sorte a somar
35 que repartido me inflame
todo o calor natural.

Fazei por tirar-lhe a prova,
porque sua conta terá,
e eu terei ao confessor
40 mais fraquezas que contar.

Variantes

Legenda. À Madre Maria da Ressurreição, freira no Mosteiro de Monchique na Cidade do Porto, com quem o Autor se correspondia **L** A Maria, de João de Sucarelo / Romance **A** Do Doutor João de Sucarelo Claramonte / A Maria da Ressurreição, Freira de Monchique **B** A ãa Freira de Monchique, Maria da Ressurreição / Romance **D**

1. Maria] Maricas **A**

3. botei] deitei **L**

8. e tal e tal] tal e tal **A B** tal por tal **D**

10. só Deus sabe] sabe Deus **B**

11. eu protesto] protesto **L** eu prometo **D**

12. e] porém **D**

14. eu me] me eu **B D**

18. a próxima] próxima **L** à próxima **A** || e não] não **D**

20. trato] tenho **D**
21. derdes, Maria] deres Maricas **A** déreis, Maria **B** deres Maria **D**
isto é, se também me derdes **L**
25. mandais] me mandais **A** me dais **B** || ovos moles] ovetes **A**
26. me estranhareis] me estranheis de **L** me entrenehais **A** estranhareis **B D**
28. desovar] aparar **A**
33. mo] me **L** || demenuirdes] deminuires **A D**
35. repartido] repetido **L B D**
38. porque] que **B**
40. fraquezas] fraqueza **A**

Notas

Legenda. Monchique – ver nota ao poema 4.

24. mão de gral – almofariz.

30. radical – de acordo com Bluteau, «aquelle humido natural, & succo vital, que sustenta a vida». No contexto, parece significar potência sexual.

38. Embora não seja impossível a leitura de *sua* como monossílabo, é possível que haja gralha no manuscrito e que a forma correta seja a da versão **B**: *que*...

Arte poética

O romance é formado por quadras heptassilábicas, com rima toante nos versos pares, que se mantém constante ao longo do poema.

21.

Manuscritos principais: **L**, pp. 76-77 / **P**, ff. 14v-15r

Manuscritos secundários: BA 49-III-49, f. 468v = **A** / BGUC 391, ff. 169r-169v = **B** / BPE R Arm. I, 29, II, pp. 154 (an.) = **D** / **PA**, I, f. 200v (an.) = **E**

Versão de **P**

Décimas

A Eva da Cruz, que andava com Pero Paulo de Sousa amancebada, sendo ele Corregedor da Comarca do Porto

Por toda a cruz cristãmente
jurei sempre, mas não sei,
Cruz, se por vós jurarei
bem e verdadeiramente;
5 se quem murmura não mente,
quem cuidara de vós tal,
pois tanto por vosso mal
Eva parecer quisestes
que c'um Pero cometestes
10 o pecado original.

Bem pudera o Senador,
pois que veste a saltimbarca,
deixar de ser da Comarca
outra vez Corregedor;
15 mas são milagres de Amor,
que já lá na idade d'ouro
por ir a Europa ao couro,
Júpiter de amor ferido
dizem que foi convertido
20 na bruta forma de um touro.

Variantes

Legenda. A uma Fulana da Cruz, que se deixou vencer do Corregedor Pedro Paulo de Sousa, o qual, para mais autoridade de possuí-la, vestiu a beca / Décimas **L** Décimas do Sucarelo a vários intentos a Eva da Cruz, que andava amancebada com Pero Paulo de Sousa **A** Ao Desembargador Pedro Paulo de Sousa, por ser amigo de uma Joana da Cruz / Do Doutor João de Sucarelo / Décimas **B** A Eva da Cruz, amancebada com Pero Paulo de Sousa / Décimas **D** Décimas / A Pero Paulo de Sousa, Corregedor, que para dormir com ãa mulher chamada Cruz vestiu a veca **E**

1. toda] esta **D**
2. jurei] juro **A**
3. jurarei] jurei **A**
5. mente] sente **L**
6. cuidara de vós] de vós cuidará **L** cuidara de ver **A** de vós cuidara **E**
7. pois] por **D**
8. quisestes] quiseste **B**
9. Pero cometestes] Pero comestes **L E** Pedro cometeste **B** Pedro cometestes **D**
- 12–14. *Faltam estes versos em A.*
12. que] já **L E**
13. deixar de] não querer **L E**
15. mas são milagres] porém são casos **L E** || de] do **B D**
16. que] pois **L E** || já lá] lá **B** já **D**
17. por ganhar melhor tesouro **L E** || a Europa] Europa **A** de Europa **B**
20. um touro] touro **A**

Notas

Legenda. Pero Paulo de Sousa – Corregedor da Comarca do Porto, pelo menos entre 1631 e 1639.

12. saltimbarca – antigo vestuário rústico, aberto aos lados. Espécie de balandrau ou hábito dos condenados a auto de fé.

17-20. Referência ao episódio mitológico em que Júpiter, apaixonado por Europa, se transforma em touro, que a deusa montou, seguindo para a ilha de Creta, onde viveram um ardente romance.

Arte poética

O poema é constituído por versos de redondilha maior agrupados em décimas espinelas, que recorrem ao esquema ABBAACDDC.

22.

O romance é transmitido por dezasseis testemunhos: três manuscritos principais (que o atribuem a Sucarelo), doze secundários (oito dos quais se pronunciam a favor de Sucarelo) e um impresso moderno. Um dos manuscritos secundários – e o impresso moderno, que o toma por base – indica Gregório de Matos como autor, ao passo que noutros três o poema vem anónimo. A tradição favorável a Sucarelo é portanto sólida.

Manuscritos principais: **C**, pp. 111-113 / **L**, pp. 145-149 / **P**, ff. 15r-17r

Manuscritos secundários: ACL A 693, ff. 250r-250v = **A** / BA 49-III-49, ff. 464r-464v (inc.) = **B** / BA 49-III-50, pp. 154-156 = **D** / BGUC 338, ff. 409v-410r = **E** / BGUC 405, ff. 27r-27v = **F** / BI L.15-2, III, pp. 368-372 (Gregório de Matos) = **G** / BMC B 52/3, pp. 202-203 = **H** / BNP 6269, ff. 269r-269v = **I** / BPE R Arm. I, 29, II, pp. 171-172 (an.) = **J** / BPMP 1045, ff. 66v-67v = **K** / BPMP 1854, ff. 233r-234v (an.) = **M** / PA, I, ff. 98r-98v (an.) = **N**

Impresso moderno: AP, III, pp. 139-142 (Gregório de Matos) = **O**

Versão de **P**

Romance

A Maria da Ressurreição, falando com Lopo Moreno, que era Judeu

Não corrais, bela Maricas,
correi-vos, por vida vossa,
do mal que tendes corrido,
com amores até agora.

5 Quem algum tempo cuidara
de vós tamanha vergonha,
quando igualmente estimáveis
as almas como as lisonjas.

10 Quando apesar das bonitas,
pondo quartéis às fermosas,
éreis doçura da vida,
sem ser esperança nossa.

Deu-vos Amor grande perro,
no mor gosto desta escolha,

15 que também Amor costuma
 vingar-se das melindrosas.

 Quis-vos dar fome canina,
 milhor vos pusera às moscas;
 no fim fartou-vos de bode,
20 no gosto das vossas bodas.

 Nenhum modo de desculpa
 tendes que valer vos possa,
 que se o cão entra na Igreja
 é porque acha aberta a porta.

25 Porém são fadas e estrelas
 com que nascem as pessoas,
 Deus perdoe a vossa tia,
 que vós sois minina e moça.

 O que mais do vosso amante
30 alma e vida me magoa
 é que de vossos bilhetes
 anda feito um cão de mostra.

 Ah, maldições! Ah, Fortuna!
 Aqui convinha, Senhora,
35 estragar a bizzarria,
 para remir a desonra.

 Favorecer quem pudera
 com navalha cortadora,
 eternizar nas queixadas
40 a vingança desta afronta.

 Perdoai esta advertência,
 se acaso n'alma vos toca,
 que pois podengos vos mordem,
 bem é que outro tal vos morda.

45 Em Romance estas pancadas
deixai dar, que se ãa boa
bota o cão fora do Moinho,
vá este desta vez fora.

Seja o amor pobre e cego,
50 tanja sanfoninha embora,
porém não traga cachorro
para enganar as cachopas.

Houvera de encomendar-vos
outro amor por minha conta,
55 se eu soubera namorar
como sei tanger viola.

Mas enquanto amor não quer
que eu entre nestas galhofas,
Deus vos dê para emendar-vos
60 Graça, que é penhor da glória.

Variantes

Legenda. Romance / A ãa freira que falava com um cristão-novo **C** A ãa freira do Convento de Monchique do Porto, correspondendo-se de amores com um Lopo Moreno, Hebreu de Nascão **L** Romance / A certa dama que falava com um mulato **A** Romance a ãa Dama indo-se para ãa quinta / Não o acabou o Autor **B** A ãa dama **D** Romance de Sucarelo / A Maria da Ressurreição, freira em Monchique, falando com Lopo Moreno, Judeu **E** Romance. Sucarelo **F** A ãa certa Dama, que deixou a um seu melhor Amante, por se casar com um tal cristão-novo e muito paroleiro / Romance **G** Romance / De João de Sucarelo **H** A Maria da Ressurreição, freira em Monchique, falando com Lopo Moreno, Judeu / Sucarelo **I** A ãa Dama que deixou ao Autor por falar com um Judeu... do Assucarelo / Romance **J** Romance do Sucarelo que fez a ãa Freira que não quis falar com ele e falou com um Judeu **K** A ãa Moça a quem ãa Tia queria casar com um Cabra **M** Romance brulesco [sic] **N** A ãa certa Dama, que deixou a um seu melhor Amante, por se casar com um tal Cristão-novo e muito paroleiro **O**

1. Maricas] Marica **K** Amarílis **N**

3. tendes] haveis **D F** || corrido] comido **C**

Post 3. **K** *apresenta a seguinte quadra:* Alcançada estar deveis, / Lebre de amor corredora, / daquele gozo atrevido, / que vossos favores goza.

4. c'os amores de até 'gora **C** c'os amores até 'gora **A H** com os amantes 'té agora **D** c'os amores até agora **F G I J O** com os amores de até agora **K M** com os amores de té agora **N**

5. algum tempo cuidara] cuidara algum tempo **C D F** cuidaria algum tempo **A** cuidara em algum tempo **G N O** cuidaria algum dia **H J** cuidava algum tempo **K**

Como as] co' as **A**

6. vergonha] derrota **N**

7. igualmente estimáveis] igualmente estimais **J M** tanto esbandalháveis **K**

8. almas] veras **F H** || como as] cõ as **K M**

9. bonitas] boninas **C N**

10. pondo quartéis] dando quartel **A** por quartéis **F** pondes quartéis **K**

11. éreis] quereis **C N** eras **F** eres **H** que éreis **J** e sois **K**

13. Deu-vos Amor grande] Deu-vos amor um grão **E I** Deu-vos o Amor grande **G J K** Tem-vos dado amor um **H**

O termo perro encontra-se sublinhado em G e grafado em itálico em O.

14. mor] mau **C A G H K M N O** || desta] dessa **G O** || escolha] escola **E I**

15. também] tão bem **F H N** || Amor] o amor **A G**

16 melindrosas] belindrosas **K**

17. *O termo canina encontra-se sublinhado em G e grafado em itálico em O.*

19. no fim fartou-vos] enfim fartou-vos **A** no fim fartai-vos **F** Fartou-vos, enfim, **G O** no fim fartar-vos **I M N** por fim fartou-vos **K**

O termo bode encontra-se sublinhado em G e grafado em itálico em O.

20. no gosto das] no gosto de **C** nos gostos de **A N** nos gosto de **F** no melhor das **J** nos gostos da **M**

Bem vos acudia à boca **K**

A versão de K não apresenta os versos 21 a 24.

22. tendes] acho **H J** || que valer vos] valer que vos **M**

23. que se o cão] que o cão se **C N** que é o cão **F** se o cão **H**

O termo cão encontra-se sublinhado em G e grafado em itálico em O.

24. acha aberta] aberta acha **A F**

25. fadas] fados **C L D G H J N O** e estrelas] estrelas **F**

26. em que nascem as estrelas **J**

27. tia] mãe **K**

29. do] de **A I M** devo **K**

30. alma] a alma **G M O**

31. de] dos **L F G O**

É ver que de vossos olhares **K**

32. um cão] cão **E I M N** || de] da **J** || mostra] amostra **G O**

O termo cão encontra-se sublinhado em G e grafado em itálico em O

33. Ah, Fortuna!] da fortuna **C A D E F G H I J M N O**

A versão de B está incompleta, começando no verso 33.

Ai maldizeis da fortuna **K**

34. Aqui] a que **C** o que **N**

Em G convinha apresenta-se sublinhada na primeira sílaba.

35. estragar] de estragar **L B** desbragar **K** || a] la **A E G I J O**

O verso 35 apresentam-se sublinhado em G e grafado em itálico em O.

36. para remir a] por redimir la **A E G I J O** para remir la **F** por redimir a **N** || desonra] vergonha **M**

Em G por redimir apresenta-se sublinhado. Em O todo o verso está grafado em itálico.

37. Quem aqui entrar pudera **G O** Favoreceis quem pudera **J** Favorecer a quem pudesse **K**

38. com navalha] co' a navalha **A D** na malha **K**
39. eternizar] o eternizar **C** e eternizar **L A F H** eternizas **B † E** a imprimir-lhe **G O** a ternezas **I** e aternizar **K**
40. a vingança] vingança **K**
41. Perdoai] Perdoai-me **C L D F G H J K M N O**
42. (se acaso n' alma vos toca) **G O**
43. mordem] trincam **L** lambem **J**
44. bem é que um papel vos morda **C A G H J M N O** é bem que um papel vos morda **L** bem é que um palmo vos morda **D** bem é que papel vos morda **F K**
45. Em]E com **M** || estas pancadas] esta pancada **D**
Das pancadas do rosnante **K**
G e O não apresentam os versos 45 a 48.
46. deixai dar, que se] deixai que se **D** deixar porque é **F** deixai dar que é **H** deixai dar que **J** deixo dar que se é **N** || boa] é boa **B**
47. bota o cão fora] bota fora o cão **L B E I** bota cão fora **D** lança o cão fora **J K** || Moinho] ninho **D J**
48. vá este desta vez] vai este desta vez **C K** vai esta desta vez **H** vai desta vez o cão **N**
49. Seja o amor pobre] Amor seja pobre **A** Seja amor pobre **F K N** Sim, seja Amor **G O** Seja amor menino **J** || e cego] e mais cego **N** cego **O**
50. tanja sanfoninha] tanja sanfonina **L A E F G H I J K** tanja a sanfonina **D** tenha sanfonina **M O**
51. cachorro] cachorros **C A F H N** o cachorro **D**
O termo cachorro encontra-se sublinhado em G e grafado em itálico em O.
53. encomendar-vos] encomendar **M**
Houvéreis vós de tomar **J**
55. eu soubera namorar] eu namorar bem soubera **L** acaso cantar soubera **G O**
Em K, os versos 55 e 56, apresentam-se em primeiro lugar. Assim a sequência é a que se segue: Se eu soubera namorar / como sei tanger viola, / houvera de encomendar-vos / este amor por minha conta.
Post 56. **M** apresenta os seguintes versos: Porém já que amor não quis / que eu tivesse habelidade, / hoje hei de ter paciência / tendo já muita idade.
57. Mas enquanto] Mas em que **K** || amor] Deus **G O** ele **M**
58. eu entre nestas galhofas] eu saiba destas galhofas **C D F J M N** eu ande nestas galhofas **A** eu entre nesta galhofa **E I** saiba destas galhofas **G O** eu saiba desta galhofa **H** meter-me nesta galhofa **K** saiba destas galhofas **N**
59. dê] dei **C** || emendar-vos] encomendar-vos **B**
60. penhor] o penhor **L G O**

Notas

Legenda. Lopo Moreno – vd. nota ao romance “Se Amor é fogo fatal”.

1–4. O verbo *correr* é apresentado com diferentes sentidos. No verso 1, surge com o sentido de *exibir-se, tornar-se público*. No verso 2, a ocorrência com pronome sugere *envergonhar-se*. A forma *correr com* dos versos 3 e 4, de acordo com Morais, significa *ter trato, conversaço, administrar*. Entenda-se: a freira é admoestada por manter uma relação amorosa com o judeu Lopo Moreno.

10. pondo quartéis – não encontramos a expressão dicionarizada. Admitimos que possar ter o sentido de *pondo em guarda*.

13. perro – de origem espanhola, *cão*; forma como pessoas de certas religiões se referem a outras de religiões diferentes, como afronta ou desprezo. Canalha, patife, indigno.

18. pusera às moscas – talvez uma possível analogia com “estar às moscas”. Entenda-se: em vez de a freira se relacionar com um judeu, era preferível que ninguém fizesse caso dela.

20. bodas – promessas; do latim *vota*, que significa *promessa*.

32. cão de mostra – aquele que descobre a caça.

35–36. Adaptação dos versos «Estragar la bizzarria / Por redimir la deshonna» da comédia *El mariscal de Biron*, do poeta dramático espanhol Juan Perez de Montalvan. No contexto, o termo *bizzarria* tanto pode sugerir *garbo*, *galhardia*, como pode ocorrer com o significado de *basófia*.

46. boa – serpente.

47. O verso é hipermétrico.

55. sanfoninha – diminutivo de sanfona, instrumento musical de cordas usado pelos cegos.

Arte poética

O romance é formado por quadras heptassilábicas, com rima toante nos versos pares que se mantém constante ao longo do poema.

23.

Manuscritos principais: **L**, pp. 26-33 / **P**, ff. 17r-20r

Manuscritos secundários: ACL A 693, ff. 175r-177r = **A** / ADB 373, ff. 150v-152r = **B** / BA 49-III-49, ff. 469v-471v = **D** / BNP 6269, ff. 155r-156r = **E** / BPMP S 747, ff. 149r-151r = **F**

Versão de **P**

Carta

que fez o autor a Rui Fernandes de Almada, estando em Coimbra, para mandar a Dom Rodrigo de Meneses

Si, Senhor, eu me vim dessa cidade
para esta Academia;
trouxe meus quatro dedos de saudade,
mas parou tudo à vista da alegria,
5 donde às mãos cheias, glórias e favores
reparte o doce cano dos amores.
É verdade que a Corte
seus desenfados tem de toda a sorte;
mas aqui com sossego
10 tudo achamos nos campos do Mondego;
vós à vista do Tejo
sacrificais nas aras do desejo
a doce liberdade do alvedrio.
Eu, que nas margens deste manso rio,
15 sem vítima fazer da liberdade,
logro o gosto à medida da vontade,
canto, ouço cantar, como e descanso,
e tudo quanto emprendo, tudo alcanço.
Com Dom Luís na grade, a tarde inteira
20 fazemos vir a ãa e outra freira;
também de quando em quando
Cristóvão para a grade vem chegando;
e se à guitarra ambos lhe cantamos,
as vazas nos gasnates lhe empatamos.
25 As moças de folgar carapichosas,

prezadas de fermosas,
de músicas discretas e galantes,
como fez o Reitor aos estudantes,
o último co' as férias lhe puseram
30 e todas para nós se converteram.
E eu, que tudo mando e tudo ordeno,
se Rei Chico não sou, sou Rei pequeno.

 Vede que vida esta;
quem esta vida tem não quer mais festa.
35 Vós na *visitação* sempre metido
 e sempre compreendido
amante incorregível e obstinado,
tendes cá opinião de amancebado;
tanto que a mim me disse um dia destes
40 certa muchacha, que de amores morre,
«É Dom Rodrigo já conde da *Torre*.

Temo-lhe, na verdade, um grão perigo
 ao Senhor Dom Rodrigo,
que como é mercador, o seu cuidado
45 pode quebrar c'o cabedal gastado.»
Juro-vos pela cruz de Jesu Cristo
 que quando lhe ouvi isto
dito com tanta graça e tal juízo,
perdi o meu, mordendo-me de riso.

50 Porém agora é bem que vos despache,
entro com Guzmanilha de Alfarache.
É toda flor, Rodrigo, a vossa filha;
não é amor-perfeito, é maravilha;

 infiel de maneira
55 que dorme com Lutero à cabeceira.

 Se no canto é Sereia,
no encanto é outra Circe, outra Medeia;
mas nas transformações da natureza
não é maior a arte que a beleza.

60 Dom *Vasco*, que era *Lobo* antigamente,
 depois que à sua vista
ardeu de amor o pobre porcionista,

ela o tornou Carneiro ingratamente,
com outros infinitos,
65 que fez veados, touros e cabritos.
A semana passada
fizemos ãa alegre cavalgada
àquele de Lorvão célebre vale,
que não tem Vénus outro que o igale;
70 ali vos digo eu que às bofetadas
com ãas e com outras às punhadas,
Rodrigo se gastara
cem mil vezes melhor que em Santa Clara.
Como eu me vi buscado desta sorte
75 pela hora da morte,
(como quem não gostava do que via)
a todas me vendia.
Vem senão quando entre esta cerimónia
entra mui descuidada Dona Antónia,
80 a filha do Coelho,
cujos fermosos olhos são de espelho,
em que eu me vi perdido de maneira
que inda não sinto cousa que mais queira.
Enfim naquele dia
85 ela fez seus pecados de Heresia,
porque apesar do Inquisidor Andrade,
a fé humana ali se foi na grade.
Aqui vos diz deveras Rui Fernandes:
[«-] Que dizeis, Dom Rodrigo[?»]
90 Aí não há mais Flandes
do que estas aventuras que vos digo;
eu me vi como em casa de meu sogro,
mas à *Madre de Deus* tanto lhe quero
que muito mais que o logro
95 a *Esperança* venero
em firme e respeitosa idolatria,
que enfim é o meu pão de cada dia.
Adeus, que vou à cama como um raio;
segunda-feira, dezasseis de Maio.

Variantes

Legenda. A **D**. Rodrigo de Meneses, tendo-se o Autor ausentado de Lisboa para Coimbra; donde lhe escrevera a seguinte Silva **L** Silva **A** Carta do Sucarelo a D. Rodrigo **B** Carta que o Sucarelo escreveu a Rui Fernandes de Almada, estando em Coimbra, para mandar a Dom Rodrigo de Meneses **D E** Silva / A Dom Rodrigo / Feita pelo Sucarelo **F**

3. saudade] saudades **B** saúde **D**

4. parou] cessou **L** || tudo à] toda a **B**

5. donde] onde **L A B**

6. *Em L* cano dos amores *está sublinhado.*

Post 6. *Em L há intervalo interestrófico.*

10. nos campos] no campo **D E**

Post 10. *Em L há intervalo interestrófico.*

11. à vista] à vista do vista **B**

14. que] cá **E F** || nas margens] na margem **B** || manso] brando **B F**

15. sem] sei **L F** soy [sic] **B**

17. e descanso] descanso **L**

B não apresenta o verso 18.

Post 18. *Em L há intervalo interestrófico.*

19. tarde] tarde toda **B**

20. a ã e] ã outra **D** a ã e a **F**

23. cantamos] tocamos **B F**

24. vazas] vozes **L D** vezes **E** || gasnates] gasnetes **L D E F**

25. carapichosas] carpichosas **F**

28. aos] dos **F**

(como fez o Reitor aos estudantes) **L A**

29. férias] Freiras **L A D**

31. E] eis **A B F** || mando] alcanço **L**

32. *Em L* Rei Chico *está sublinhado.*

33. esta] é esta **L**

Post 34. *Em L há intervalo interestrófico.*

36. compreendido] compreendido **L A B F**

D e E não apresentam o verso 36.

37. incorregível] corregível **L**

38. cá] já a **B F**

39. destes] des **L**

40. Amores] amor **D E**

42. grão perigo] grande prigo **L** grande perigo **B D F**

43. ao] Ah **B**

45. co' o] o **B F** com **D E**

Post 45. *Em L há intervalo interestrófico.*

-
46. pela] pelas **D** || Jesu] Jesus **L D F**
47. lhe ouvi] eu ouvi **L** ouvi **D F**
48. tanta] tal **B F** || juízo] aviso **B F**
49. mordendo-me de] morrendo-me de **A B F** perdendo-me com **D E**
Post 49. *Em L há intervalo interestrófico.*
51. com] com a **B** || Gusmanilha] Gusmanilho **L D E**
Em L Gusmanilho de Alfarache está sublinhado.
52. a vossa] vossa **D E**
56. canto] tocante **B** || Sereia] serena **D**
57. outra] e outra **D E**
58. mas nas] nas mais **L**
59. não é] é **B F**
63. tornou Carneiro] tomou cordeiro **D E**
Post 65. *Em L há intervalo interestrófico.*
66. semana] somana **F**
68. àquele] naquele **L F** || de Lorvão] do Lobão **B**
69. que] a que **L** a quem **B F** || o igale] o iguale **L A B D E F** iguale **D**
70. ali] aí **F**
71. e com] e **D E** || outras] outros **B**
73. cem mil vezes] cem vezes **B**
76. **P, B, D, E e F não apresentam este verso.**
77. todas] todos **L D**
78. vem senão] vai senão **L** senão **D E** || cerimónia] simonia **D E**
79. mui descuidada] mui descocada **L A** ãa descarada **B** discuidada **D E** mui descarada **F**
Em L D. Antónia aparece sublinhado.
80. *Em L Coelho está sublinhado.*
81. de espelho] espelho **L A B F**
83. inda] ainda **D F** || coisa que] que **D E** coisa a que **F**
Em L todo o verso aparece sublinhado.
85. seus pecados] seu pecado **B**
87. a fé] à fé **L**
Post 87. *Em L há intervalo interestrófico.*
B e F não apresentam o verso 89.
90. aí] Aqui **L**
91. aventuras] veras **D E** venturas **F**
93. *Em L Madre vem sublinhado.*
94. o logro] logro **D E**
96. em] que em **L** || e respeitosa] respeitosa **B**
97. que enfim é o meu pão] é o meu pão, enfim, **L** que enfim é meu Pai **B** que é meu pão **F**
98. que] que me **B** || vou] ou **D**

Justificação de emenda

76. Na lição de **P** o verso não aparece, pelo que optámos pela solução oferecida pelas versões de **L** e **A**.

Notas

Legenda. Rui Fernandes de Almada – foi um fidalgo português do século XVII, presidente do senado da Câmara de Lisboa, onde mandou abrir em 1665 uma rua que ficou conhecida até aos nossos dias como a Rua Nova do Almada. Foi partidário do Rei D. Afonso VI e, por isso, vítima de uma cilada, ao que consta pelo próprio irmão do Rei, D. Pedro II. Foi provedor da Casa da Índia, cargo em que lhe sucedeu Cristóvão de Almada, seu filho.

D. Rodrigo de Meneses – *vd.* nota à réplica I.

3. quatro dedos – corresponde a um palmo geométrico, segundo Bluteau.

6. cano dos amores – o "Cano dos Amores", na atual Quinta das Lágrimas, em Coimbra, é uma caleira que levava a água da nascente, a Fonte dos Amores, até ao Mosteiro de Santa Clara-a-Velha e onde, segundo a lenda, circulavam as mensagens entre D. Pedro e D. Inês de Castro.

9–10. O vocábulo *sossego* e a expressão *campos do Mondego* podem ter sido adaptados a partir da estrofe 120, respetivamente dos versos 1 e 5, do episódio "Inês de Castro", do Canto III de *Os Lusíadas*.

12. ara – altar.

13. alvedrio – vontade própria, arbítrio.

24. vazas – bordados, rendas.

gasnates – gasganetes, garganta.

empatar – embargar.

25. carapichosas – forma epentética de *caprichosas*.

27. músicas discretas – no sentido de *palavras avisadas, inteligentes*.

28. Reitor – seguramente o Reitor Manuel de Saldanha, natural de Lisboa, que era filho de João de Saldanha, Comendador de Alcains, e Salvaterra na Ordem de Cristo, e de Leonor de Menezes. Licenciado em Cânones, foi Inquisidor de Évora, tendo sido provido no lugar de Reitor por Filipe III. Continuou no cargo mesmo depois da aclamação de D. João IV, até 1659.

32. Rei Chico – possível referência a Mahomad Boabdil, a quem chamavam Rei Chico de Granada. O seu reino foi conquistado por D. Fernando, o Católico, no ano de 1492. Foi morto pelos cidadãos de Almeria. Note-se o jogo de palavras com *Rei pequeno*. Ser *Rei pequeno* significa mandar muito, ter grande poder.

35. O destaque sugere que o termo *visitação* pode ser entendido como o ato de visitar ou como nome próprio.

36. compreendido – espanholismo com o significado *compreendido*. No contexto, pode sugerir *cúmplice, culpado*.

41. Como filho segundo do II Conde de Cantanhede, D. Rodrigo de Meneses não tinha direito a este título nobiliárquico, que transitou para o seu irmão D. António Luís de Meneses, também 1.º Marquês de Marialva. A expressão *conde da Torre* denuncia a ironia da freira, sendo possível que a *Torre* de que ela fala seja a Torre de Belém, funcionando como símbolo da cidade onde o destinatário da carta se encontrava e jogando com o título nobiliárquico que efetivamente existia.

44. mercador – a palavra deve ser entendida em sentido figurado, entenda-se, nos *negócios do amor*.

45. cabedal – capital e rendas de um negócio. No sentido do texto e de acordo com Morais, «A estimação, que se faz de alguma pessoa, ou cousa.»

51. Guzmanilha de Alfarache – adaptação do nome da personagem principal Guzmán de Alfarache da novela picaresca com o mesmo nome, escrita por Mateo Alemán (1547-1615), publicada em duas partes: a primeira em Madrid em 1599 e a segunda em Lisboa em 1604. A obra apresenta igualmente aventuras picarescas e comentários de caráter moralizante.

53. maravilha – planta ornamental de grande variedade de cores.

55. Lutero – Martinho Lutero (1483-1546) foi um monge agostiniano e professor de teologia alemão, que se tornou uma das figuras centrais da Reforma Protestante.

56. De acordo com a mitologia grega, as sereias seduziam através do canto, que extasiava quem o ouvisse.

57. Circe – deusa ligada à feitiçaria e encantamentos.

Medeia – tida como filha, irmã ou ainda sobrinha de Circe, a deusa, de natureza selvática e impetuosa, foi responsável pela morte dos próprios filhos, inspirando sentimentos contraditórios.

60. Dom Vasco Lobo – filho de D. Luís Lobo da Silveira e D. Eufrásia Luísa de Távora (condes de Oriola e barões de Alvito), foi porcionista do Real Colégio de São Pedro. Renunciou à vida eclesiástica para casar com a sobrinha, curiosamente também sobrinha do destinatário da carta, D. Rodrigo de Meneses, filha da sua irmã, D. Francisca de Gusmão, tendo assumido os títulos, dependendo das fontes, de VIII ou IX Barão de Alvito e II ou III Conde de Oriola. Num segundo casamento, desposou uma neta do remetente da carta, D. Inês Margarida de Lencastre, filha de Cristóvão de Almada (Sousa, 1745: Tomo XI, pp. 267-268; Costa, 1868: Vol II, 2.^a ed., p. 329).

68. Lorvão – o mosteiro cisterciense de Lorvão situa-se num vale próximo da vila de Penacova.

69. Possível referência à paradisíaca Ilha do Amores, do canto IX de *Os Lusíadas*.

73. Santa Clara – provavelmente o convento de Santa Clara-a-Velha, situado na margem esquerda do rio Mondego, em Coimbra, fundado por D. Mor Dias, nos finais do século XII. Estamos em crer não se tratar do convento de Santa Clara-a-Nova, erigido em local próximo do anterior, mas cuja construção começou em 1649 e só terminou em 1677.

83. Adaptação do verso 8 da estrofe 52 do episódio “O Adamastor”, do canto V de *Os Lusíadas*.

86. Inquisidor Andrade – supomos tratar-se de Cristóvão de Andrade Freire, natural de Bragança, que foi deputado do tribunal da Inquisição de Évora, tendo sido, em 27 de agosto de 1635, promovido à categoria de Inquisidor do tribunal de Coimbra.

89. O mesmo verso figura na silva “Acabaram-se os touros, vá de versos” de António Barbosa Bacelar, onde se pode comprovar também a amizade entre Rui Fernandes de Almada e D. Rodrigo de Meneses. Cf. Cunha: 2007, p. 413.

90–91. Possível referência ao extraordinário florescimento do comércio, da indústria, da ciência e da cultura da Flandres, no século XVII, após a perda definitiva dos Países Baixos pelos espanhóis.

92. Adaptação do provérbio “Estende-se como vilão em casa de seu sogro”, com o significado de estar à vontade, ser bem tratado.

93. *Madre de Deus* – O destaque sugere que a expressão possa ter um duplo sentido: referência ao Convento da Madre de Deus, outrora pertencente à Ordem de Santa Clara, que fica situado na zona oriental de Lisboa e à Madre do convento, cujo nome seria *Esperança*, que ocorre no verso 95.

94. logro – com o sentido de fruição, gozo.

96. firme – ver nota ao poema 18.

99. De acordo com as nossas pesquisas, ocorreu em 1644 (Cf. a Parte I, pp. 111-112).

Arte poética

A silva é composta por versos decassílabos, que alternam de forma irregular com o seu quebrado. A rima é variável, podendo ser emparelhada, cruzada ou interpolada.

Manuscritos principais: **C**, pp. 108-111 / **L**, pp. 161-166 / **P**, ff. 20r-22v

Manuscritos secundários: ACL A 693, ff. 263r-264r = **A** / BA 49-III-49, ff. 464v-466r = **B** / BA 49-III-50, pp. 566-567 = **D** /

BGUC 373, pp. 352-357 = **E** / BGUC 382, ff. 12v-13r = **F** / BNP 8632, pp. 254-257 = **G** / BPMP 127, ff. 199v-200r = **H** /

BPMP 1854, ff. 229v-231v (an.) = **I** / PA, VIII, ff. 230r-230v (inc.) = **J**

Versão de **P**

Romance

que o Autor fez ao Padre João de Santo Agostinho, mandando-lho de Braga

Reverendo Frade Loio,
diz-me o Cónigo Gondim^I
que neste breve Romance
vos corte bem de vestir.

5 Porque dando em ser poeta,
entre obreiro e aprendiz,
sois treito a dar saboletas,
useiro a fazer Pasquins.

10 Fora-vos muito melhor
chatinar para o Brasil,
co'as bonecas que pintais,
c'os paus velhos que tingis.

15 Mais dissera o prebendado
se soubera do rocim,
cuja desgraçada pele
também quisestes curtir.

20 Mas eu por guardar a minha,
não quero passar daqui,
e por ser vosso, a quem sempre
tratei de honrar e servir.

Melhor é que vos refira,
sem primeiro vos ferir,
a ventura de um cuidado
que alcancei depois que vim.

25 Rematou-me ùa freirinha,
de quinze até vinte Abris,
franguinha do galinheiro,
bom retiro para mim.

Os olhos são dous marmelos
30 mais brilhantes que o Sol cris,
das almas que levam presas
aleivosos Beleguins.

Belo sem comparação,
mostrar-se deixa o nariz,
35 na confusão das bochechas,
reto e cândido Juiz.

A boca de comedida
nem zelos sabe pedir,
e de medida é tão breve
40 que a taparam c'um ceutil.

Donde seciosa a fala,
entre alentos de âmbar gris,
tão sutil sai que parece
que sai por algum funil.

45 Do pescoço até o embigo
tudo é massa de alfenim,
donde os pomos mal maduros
são titelas de perdiz.

O mais daqui para baixo
50 que se costuma encobrir,

o alto da chã de dentro,
até à ponta do pernil,

obrou nele a natureza,
maravilhas mil a mil,
55 mas são miudezas que guardo
só para quando vos vir.

Iam-me esquecendo as mãos,
que têm dedos de jasmins,
nascidos sobre açucenas,
60 escumadeiras dos rins.

A moça é muito corrente,
dá também muito de si,
que para o tempo que corre,
é mais que anjo e sarafim.

65 É verdade que receio
que venha inda a parir,
em lugar de corpo humano,
algum par de chambaris.

Porém quando me aconteça
70 este sucesso infeliz,
assim tem entrado o mundo
e assim há já de sair.

Entretanto alegremente
ando feito um machachim
75 e com grão réquie e folgança
como e bebo e faço assi.

¹ António Velho Gondim, Cónigo de Braga.

Variantes

Legenda. Romance / A um Frade Loio que se prezava de poeta e era pintor **C** A Frei João de Santo Agostinho, que se prezava de Poeta, e inclinado a pintar; dando-lhe o Autor conta do encontro do novo gosto de se corresponder com ãa Freira nova / Romance **L** Romance **A** Romance que o Autor mandou de Braga ao Padre João de Santo Agostinho **B** A um Loio **D** Romance do Doutor João de Sucarelo Claramonte, estando em Braga, satirizando a João de Santo Agostinho, Frade Loio e lhe dá conta das feições de ãa Freira que tomou o Doutor Sucarelo **E** De João de Sucarelo. Romance **F** Contou um amante de ãa freira que tinha tomado. De Sucarelo / Romance **G** De João de Sucarelo, estando em Braga / Romance **H** Retrato de ãa Dama / Romance **I** Romance / Do Sucarelo às freiras do galinheiro de Braga, mas faltam-lhe muito, que não tinha mais donde tresladei **J**

1. Frade Loio] Padre Frei Louio **I**

J não apresenta os vv. 1 a 20.

2. diz-me] diz **E**

3. breve] vosso **C** curto **A D I** verso **G**

7. sois] sou **E F H** || treito] streito **L** estreito **D**

8. useiro] sujeito **A**

9. Oh! quanto melhor vos fora **C A D I**

E quanto melhor vos fora **G**

10. chatinar] caminhar **H I**

11. co' as] com **G** || bonecas] bonecras **C** monecas **H**

12. c'os] com **G** e os **I** paus] panos **D**

13. Mais dissera o] Que dissera o **C A G I** Mas dissera o **B** Quem dissera ao **D**

14. do] de **L**

15. desgraçada] desgraça da **L H I**

17. por guardar] porque guardo **L**

18. não quero passar] passar não quero **I**

19. e] ou **I** || vosso] vós **B** || quem] que **A**

21. Melhor é] Será bem **J**

F não apresenta os vv. 21 a 24.

22. primeiro] tratar de **L E H** || vos ferir] referir **I J**

23. cuidado] cuidoo **E** coitado **G** cudado **H**

24. alcancei] achei ao **L** tomei **J**

25. Rematou-me] Remeteu-me **G**

Prometeu-me ãa freira **B**

26. até] té **E**

Em A, a palavra vinte aparece da seguinte forma: 20.

27. franguinha do] franga deste **C A D G I J**

28. mim] mi **I**

31. das almas que levam] de almas que levam **D** duas almas se vão **I** || presas] presos **D**

33. Belo] Belos **C**

34. mostrar-se] cair se **C L A D I J** achei se **G**

36. e cândido] cândido **I**

38. zelos] celo **C**

39. e de medida é] é de medida **C L** e é de medida **B** e de medida **I** || breve] bela **I**

-
40. taparam] tapam **B J** tapara **H** || c'um] num **G**
41. Donde] Onde **I** || seciosa] sequiosa **C** || a fala] fala **J**
42. entre] traz **D** alentos] assento **I** || âmbar gris] ambarguis **L**
43. sai] é **J**
44. que sai] que sai já **C** que saiu **G** sair **J** || algum] um **G I**
J não apresenta os vv. 45 a 76.
45. até] té **B E**
47. donde] onde **C L A D I** ondes **G** || mal] mais **G**
49. O] No **C A D I**
50. que se] se **C**
51. o alto da chã] do alto da chã **C** do alto do chão **L D F I** o alto chão **B** desde do chão **G**
52. do pernil] dos pernis **C** || até] té **E**
53. nele] nela **C L H I**
B não apresenta os versos 53 e 54.
55. guardo] conte **H**
57. Iam-me] Ia-me **B** Não me **D**
58. que têm] pois têm **C L A D I** pois são **G**
60. escumadeiras] espumadoras **F H**
61. A] É **G**
64. e] ou **C I**
66. inda] ainda **L A D E F G H**
67. em lugar de] não digo eu **C A D G I** || humano] de humano **E**
68. algum] mas um **C A D G I** alguns **E** || par de] † **D** || chambaris] chamaris **F** chamberis **G**
69. Porém] Dirão **B**
70. este] esse **I**
72. e assim] assim **C A D** || há já de] ele há de **L** há de **B G H** há de já **I**
74. machachim] mochachim **C L A B D E F G H I**
75. com] e em **D** e com **I** || réquie e] réquie **C** requiem **L** réquia **I**
76. e faço] e falo **L** faço **E**

Notas

2. Cónigo Gondim – é possível que se trate do António Velho Gondim, que participou na armada de restauração da Baía em 1624.
4. cortar bem de vestir – dizer mal.
7. treito – atreito, propenso.
saboletas – repreensões.
10. chatinar – fazer comércio com, negociar.
- 11–12. O sentido dos versos percebe-se se tivermos em conta que nas legendas de **C** e **L** se explica que o visado no poema era dado à pintura.
30. cris – eclipsado.
32. aleivoso – traidor.
- beleguim – oficial de justiça.
38. zelo – cuidado, desvelo.

40. ceitil – moeda antiga.

41. seciosa – o mesmo que ciciosa; sussurrante, sibilante.

42. âmbar gris – âmbar cinza ou âmbar de baleia. Substância que, com a exposição ao ar e à luz, adquire um cheiro peculiar. Foi usada como fixante em perfumaria, atingindo por isso valores elevados.

46. alfenim – massa branca e dura, mas delicada, usada na doçaria, proveniente da mistura de açúcar e óleo de amêndoas doces. Metaforicamente, alude-se à brancura e à delicadeza física da freira.

48. titelas – peito carnudo das aves.

51. chã – no talho, designa a carne da coxa. No contexto do poema, refere-se às pernas da freira.

60. O verso pode sugerir a posição em que se colocam as mãos abertas sobre os rins.

61. corrente – de trato fácil.

68. chamberil – segundo Bluteau, «Pé de porco, ou de um outro animal, com pouca carne», embora no contexto possa se uma alusão ao diabo.

70. sucesso infeliz – espanholismo, com o sentido de *acontecimento funesto*.

74. machachim – ou muchachim, do espanhol *muchacho*. Rapaz vestido de panos de diversas cores, que dançava nas procissões.

75. réquie – o mesmo que *réquiem*. Embora designe uma composição musical de carácter fúnebre, estamos em crer que, no contexto, adquire o significado de *descanso* e *repouso*, que tinha no latim.

Arte poética

O romance é formado por quadras heptassilábicas, com rima toante nos versos pares, que se mantém constante ao longo de todo o poema.

Manuscritos principais: **L**, pp. 100-103 / **P**, ff. 22v-24r

Manuscritos secundários: BA 49-III-49, ff. 466v-467r = **A** / BGUC 373, pp. 357-361 = **B** / BNP 6269, ff. 293r (an.) = **D** /
BPE R Arm. I, 29, II, pp. 156-157 (an.) = **E**

Versão de **P**

Outro

Escrito de Coimbra a Pantaleão da Silva

A vós, Pantaleão da Silva,
médico capitular,
de quem tão grandes histórias
conta o Licenciado Vaz;

5 aquele, Doutor amigo,
confidente e figadal,
que foi no Porto e Coimbra,
vosso grande capataz;

com muitos anos de vida,
10 deseja saúde e paz,
bom vinho para beber,
dinheiro para gastar.

Dias há que me escreveram
que vos fostes caldear,
15 e dar-vos então não pude
pêsame do vosso mal.

Mas sempre a carta do amigo
vem a tempo e tem lugar,
só na garatusa perde
20 quem deixou a carta atrás.

As humidades de um olho
dizem fostes remediar,
e por ver se de caminho
se emendava o radical.

25 Permita Nosso Senhor
que quando esta vos achar
estejais rijo e valente,
assi como desejais.

Rijo mas não de maneira
30 que vos mateis por ser pai,
que isto de fazer mininos
não é arte liberal.

Fazei vós por beber bem,
mais à ceia que ao jantar;
35 comei carne, andai em carne,
vereis como vos achais.

Se sobre carne dormirdes
seja ao romper da manhã,
que a carne que se não coze
40 não tem sopas para dar.

Assi no-lo diz Galeno
na arte medicinal,
Tomás da Veiga, Argentino,
Vales e trezentos mais.
45 Vós sois Doutor, bem sabeis,
o que melhor vos está;
assi que nisto não tenho
mais que vos encomendar.

Mandai-me novas da terra,
50 avisai-me se há por lá

quem minta na Rua Nova,
quem beba na Rua Chã.

Variantes

Legenda. A Pantaleão da Silva, que tendo o Autor notícia de que tinha ido para as Caldas por moléstia, lhe escreveu de Coimbra o seguinte / Romance **L** Outro que do Coimbra mandou a Pantaleão da Silva **A** Romance jocoso do Sucarelo, escrito de Coimbra a seu amigo Pantaleão da Silva, médico, por este ir às caldas e era doente de um olho e esquentado **B** Romance **D** Ao Doutor Pantaleão da Silva / Romance **E**

4. *Em* **L** Licenciado Vaz *está sublinhado.*

5. amigo] e amigo **L**

8. *Ao lado está escrito* al. Machacâz, *que poderá ser uma alternativa a* capataz. capataz] Machacaz **B** || vosso] nosso **E**

13. escreveram] escreveu **L A D**

16. pêsame] pêsames **B** || do] de **A B D E**

A e D não apresentam os versos 17 a 20.

20. quem deixou] o que deixa **L**

26. que quando] quando **E** || achar] chegar **E**

29. Rijo] Rico **L A D**

30. ser pai] ter paz **D**

35. andai] e andai **L D**

37. dormirdes] dormires **L A E** dormireis **D**

E não apresenta os versos 41 a 44.

44. Vales] Valas **A D**

46. o que melhor] melhor o que **B**

51. *Em* **L** Rua Nova *está sublinhado.*

minta] beba **D**

52. *Em* **L** Rua Chã *está sublinhado.*

beba] minta **L D**

Notas

Legenda. Outro – Romance.

Pantaleão da Silva – certamente o médico, natural da cidade do Porto, a quem Barbosa Machado se refere na *Biblioteca Lusitana...*, Tomo III, pp. 504-505, na edição de 1752.

2. médico capitular – aquele que estudava e redigia a história de uma doença.

6. figadal – *íntimo*, mas, de acordo com Morais, poderá ter o sentido de *alegre*.

8. capataz – aquele que tem a confiança do chefe. Por analogia, no contexto do poema, significa alguém da confiança do destinatário do poema.

A nota que se apresenta ao lado do v. 8 poderá ser uma referência a uma suposta alcunha do *capataz* de quem se fala. *Machacaz* é calão e significa *grandalhão, corpulento*.

17–20. garatusa – em certos jogos de cartas, é o dispor dos trunfos, sem aproveitar nenhum. Note-se o jogo de palavras entre carta, com sentido de missiva, e carta de jogar.

22. A métrica obriga a que a última sílaba seja lida como ditongo ascendente.

24. radical – *vd.* nota ao poema 20.

31–32. arte liberal – as artes dividiam-se em dois ramos: as artes mecânicas e as liberais, estando estas relacionadas com aspetos imateriais, metafísicos e filosóficos, ao passo que primeiras diziam respeito a situações bem concretas do quotidiano. No contexto, alerta-se para as consequências do ato sexual.

34. jantar – refeição que corresponde ao atual almoço.

35–37. As expressões *andar em carne* e *dormir sobre carne* apresentam uma clara conotação sexual.

41. Galeno – Cláudio Galeno nasceu em Pérgamo, por volta de 129 d.C e morreu, provavelmente na Sicília, talvez em 200. Foi um proeminente médico e filósofo romano de origem grega. As suas teorias dominaram e influenciaram a ciência médica ocidental por mais de um milénio.

42. *Arte Medicinal* – uma das obras de Galeno.

43. Tomás da Veiga – nasceu em Évora em 1513 e faleceu em Coimbra em 1579. Cristão-novo, filho de um médico do rei D. Manuel, estudou Artes e Medicina na Universidade de Salamanca, onde se doutorou. Foi lente em Coimbra e médico de D. João III e D. Sebastião.

44. Vales – Francisco Vallés (1524-1592), também conhecido como Divino Vallés⁴ ou o Galeno espanhol, foi um médico proeminente que assistiu ao Rei Filipe II.

51. Rua Chã – rua na zona histórica da cidade do Porto.

52. Rua Nova – rua na Ribeira, no Porto.

Arte poética

O romance é formado por quadras heptassilábicas, com rima toante nos versos pares, que se mantém constante ao longo de todo o poema.

⁴ VILLANOVANO, Miguel, “Razon Universal de los Jarabes Segun Inteligentia de Galeno”. In *Biblioteca Clásica de la Medicina Española*. Tomo Noveno. Madrid: Cosano, Imp., 1943, p. 56.

Manuscrito principal: **P**, ff. 24r-24v

Manuscritos secundários: ACL A 693, f. 154r (an.) = **A** / BGUC 338, f. 330r = **B** / BGUC 526, f. 206v = **D** / BGUC 1636, p. 93 = **E** / BNP 6269, ff. 91r-91v = **F** / BNP 13098, p. 230 (an.) = **G** / BNP 13221, p. 71 (an.) = **H** / BNP Pb 133, f. 25v = **I** / BPE R Arm. I, 29, II, p. 4 (an.) = **J** / PA, I, f. 199v (an.) = **K**

Versão de **P**

Soneto

A Domingos de Figueiredo

Cheguei aqui às três da quarta-feira,
dia do glorioso São Martinho;
fundámos com fundage{m} a festa em vinho
e tudo ali se foi numa poeira.

5 «← Bota cá dessa bota outra goteira»,
disse eu com cara alegre e bom focinho;
«← Dá cá presunto de Entre-Douro-e-Minho,
brindemos aos amigos da fronteira.»

O licor como bom morreu de velho
10 a quem disse entornando um copo cheio:
«← Requiescat in pace, ó liteireiro.»

Esta é em breve a letra do Evangelho;
o mais que houver direi para o Correio.
Um abraço ao Diogo, outro ao Valeiro.

Variantes

Legenda. Soneto **A** Soneto de Sucarelo **B** Soneto de Sucarelo de quem escreveu a um amigo, somente falou-lhe em vinho que bebeu dia de S. Martinho **D** A um amigo, tendo ido a uma festa / Sucarelo **E** Do Sucarelo a seu amigo Domingos de

Figueiredo **F** Dando conta um Amigo a outro de ãa jornada / Soneto 23.º **G** Carta a um amigo, Domingos de Figueiredo, que assistia em uma terra de {d} onde o Autor se tinha ausentado para outra / Soneto **H** Soneto / De Sucarelo, dando conta de ãa jornada **I** A Domingos de Figueiredo / Soneto **J** Soneto / A um amigo tendo ido a ãa festa **K**

1. Cheguei aqui] Aqui cheguei **DEIK** || às três] a três **H** || da] de **AI** em **H**
3. fundámos] fundou-se **I** mandámos **K** || com fundage{m} a festa] com fundagem a festa **PABGH** se fundasse a festa **E**
K nossa festa toda **J**
- celebrámos esta festa com bom vinho **D**
4. e tudo] tudo **I** || ali] aí **D** || se foi] foi **G**
5. Bota] Lança **AG** || cá] lá **DEIK** || outra] uma **BEFGK**
6. disse eu] disse **DEK**
7. Dá cá] Venha **DEIK** || Entre-Douro-e-Minho] Entre-o Douro-e-Minho **E**
8. brindemos] e brindemos **AG** || da fronteira] de Fronteira **D** da Fronteira **GHIJ**
9. O licor] O vinho **AG** || como bom] por bom não **D**
10. a quem] e a quem **A** de quem **G** || copo] chapéu **F**
e vendo-me de vinho já bem cheio **D**
11. Requescat] Requescat **D** || ó liteireiro] disse inteiro **D**
12. Esta] Este **F** || em breve] em suma **I**
13. o mais] o demais **AD** || que houver direi] vos direi **A** escreverei **DEIK**
14. ao Diogo] a Diogo **ABFGJ** a Dionísio **D** a Novais **I** || outro ao Valeiro] outro a Valeiro **ADGIJ** aventureiro **BF**
Adeus, que se me apaga o candeeiro **EHK**

Justificação de emenda

3. Sem esta emenda, a ectilipse não seria possível e o verso ficaria hipermétrico.

Notas

1–2. De acordo com as nossas pesquisas, a data aponta para o ano de 1654 (cf. Parte I, pp. 86-87).

São Martinho – festa litúrgica celebrada a 11 de novembro. É tradição beber-se vinho novo.

3. fundagem – segundo Bluteau, o que fica no fundo da vasilha em que houve algum licor; borra.

5. Note-se o jogo de palavras entre *Bota*, forma do verbo *botar*, e *bota*, espécie de borracha com capacidade para três quartos de uma pipa.

9–11. Entenda-se: no S. Martinho é costume provar o vinho, que, sendo novo, terá menor qualidade. O vinho a que se alude no poema seria mais antigo, o que justifica que se diga que «como bom morreu de velho». O sujeito poético e os seus companheiros esgotaram o vinho melhor, o antigo, e brindaram à sua morte, dirigindo o comentário ao liteireiro que os acompanhava.

11. *Requescat in pace* – fórmula litúrgica; que descansa em paz.

Liteireiro – aquele que guia uma liteira. No contexto, talvez tenha o sentido de estalajadeiro ou taberneiro.

Arte poética

A rima deste soneto obedece ao esquema ABBA / ABBA / CDE / DCE. Predomina o decassílabo heroico, é sáfico o v. 7.

Manuscritos principais: **C**, pp. 131-133 / **L**, pp. 59-63 / **P**, ff. 24v-26r

Manuscritos secundários: ACL A 693, ff. 262v-263r = **A** / ADB 373, ff. 211r = **B** / BGUC 362, ff. 448r-449r = **D** / BGUC 405, ff. 35v-36r = **E** / BNP 13217, ff. 95r-95v = **F** / BNP 13371, ff. 123v-124v = **G** / BNP Pb 133, ff. 107v-109r = **H**

Versão de **P**

Décimas

Escrevendo de Lisboa a Domingos de Figueiredo, estando os Ingleses na Barra

Senhor, quem paga o que deve
à obrigação de ausente
reparte as mágoas que sente
c'os amigos quando escreve;
5 perdoai-me se for breve,
porque nesta ocasião
tudo é tão parão-tão,
trus, trus, tarara, tarara,
meter o arcabuz à cara
10 marchar co'a pica na mão.

Eu vi no terreiro um dia
certo capitão guerreiro
que nos tirava a terreiro
com a sua infantaria;
15 e todo o mundo dizia,
entre dentes murmurando:
«Lá vai fulano marchando;
valha o Diabo o mangaz,
que co'a pica por detrás
20 no cu do paje vai dando.»

Estes cá jogam de manos,
fazem flores c'o arcabuz,
uns dão c'os canos nos cus,

outros c'os cus dão nos canos;
25 se cá vem os Castelhanos,
não hão de ir muito contentes,
porque estes nossos valentes
cometem tudo o que vem,
e há muito tempo que tem
30 a mão destra, as costas quentes.

Porque os cachopos no mar
senhoreia o Parlamento,
vão zelosos cento a cento
com tenção de os abrasar;
35 se se houver de executar
este castigo fatal,
lá vai todo Portugal,
haverá mui brevemente
de hereges e desta gente
40 um cadafalso naval.

Fortefica-se entretanto
a terra em tamanho risco,
com que não vemos de cisco
monturos a cada canto;
45 nem eu, amigo, me espanto
faltar cisco junto aos muros,
que estando tão mal seguros
estes nossos valentões,
como cagam nos calções
50 falta a merda nos monturos.

Eis aqui, senhor cabaça,
tudo o que passa de novo
e o mais disto ao pobre povo
por mãos e narizes passa;
55 tende-me na vossa graça
e tereis da minha mão
as novas que vem e vão,

que em tudo quanto puder
a vossa Índia hei de ser
60 e o vosso Preste João.

Variantes

Legenda. Décimas / Quando se temiam os Castelhanos e estavam os Parlamentos na Barra **C** A um amigo, na ocasião em que se temia que os Castelhanos viessem a Lisboa no tempo do Parlamento, em 1650 / Décimas **L** Estando os parlamentários na barra e temendo-se viessem os castelhanos / Décimas **A** Carta que mandou o Sucarelo a um amigo **B** Décimas / Estando os Parlamentários na barra de Lisboa e temendo-se viessem os Castelhanos / Autor João Sucarelo **D** Do mesmo, em tempos que estava o parlamento na barra de Lisboa **E** Assucarelo / Carta em décimas que mandou o Assucarelo a um Amigo, dizendo que havia um capitão que se suspeitava por fanchono **F** Carta que mandou o Sucarelo a um amigo no tempo da Guerra **G** Novas de Sucarelo: a um estudante em ocasião que se tímiam em Lisboa Castelhanos **H**

1. Senhor] Amigo **F**

2. à obrigação] às obrigações **C L B E F G**

3. mágoas] penas **L F**

4. c'os] com **B H**

7. parão-tão] para-antão **C A** parantão **B D H** para-então **E F G**

E não apresenta o verso 9.

13. nos] vos **L** || tirava] tirou **B** || a] ao **H**

G não apresenta o verso 13.

14. a sua] sua **H**

15. todo o mundo] toda a gente **L F**

16. dentes] dente **H**

(entre dentes murmurando) **D**

17. vai] vem **L F**

18. Diabo] Diago **B**

Oh, bem sabe o que faz **F**

19. que co'a] com a **E H** pois com a **F**

20. no cu do paje] no cu dos outros **C D H** no cu do outro **B G** nos cus dos outros **L E F**

21. cá jogam] já brincam **C** que jogam **L E F** cá pegam **A D** já jogam **B** já pegam **H** || manos] mãos **E** mão **F**

22. fazem] e fazem **F** || c'o] com **E**

23. dão c'os] se dão c'os **F** dão os **G** dão com **H**

24. c'os cus dão] dão c'os cus **L E** c'os cus **D F H** dão os cus **G**

25. cá] já **B G**

26. não hão de ir muito] hão de ir bem pouco **C** hão de ir pouco **L** hão de ir mui pouco **A B D E G H** hão se de ir pouco **F**

27. nossos] Moços **L**

29. e há] há **H**

30. a mão destra, as] a mão destra, e as **L** a mão de detrás, e as **B** mãos atrás e **F** as manos destras, as **H**

F não apresenta os versos 31 a 40.

32. senhoreia] senhoreiam **G**

-
34. tenção] verão **E** || abrasar] abraçar **B E**
35. houver] há **C A D**
37. lá vai todo] não fica bem **C L A B D E G H**
38. haverá] e verá **C A B D G** e haverá **L H** que haverá **E**
39. hereges] eriges **H** || e desta] desta **B G**
40. naval] fatal **G**
41. Fortifica-se] Fortifique-se **L B F E F**
42. a terra] a praça **F**
43. com que] para **L** porque **F** || vemos] vermos **L**
45. nem eu, amigo,] mas nem, amigo, **C L E D H** e eu, Senhor, não **F**
46. que fortefiquem os muros **C L A D** faltar cisco para os muros **B F** faltar merda nos monturos **E** faltar cisco pelos muros **G H**
47. que estando tão] porque andam tão **C L A D H** pois andam **E** como andam tão **F**
48. nossos valentões] nossos cortesões **C A B D E F G H** Moços Cortesões **L**
49. como cagam] que cagando **C L A D** com cagam **E** porque cagam **F** que como cagam **H**
50. merda] trampa **L**
51. Aqui vos refiro a traça **C L A B D E F G H**
52. tudo o que se passa] do que se ordena **C L A B D F G H** do que se passa **E**
53. e do que este pobre povo **C A D** e do que ao pobre do Povo **L** do que o pobre povo **B** e do que o pobre povo **E G H** e o que o pobre do povo **F**
55. na] de **F**
56. da minha] na vossa **B G** na minha **H**
58. e enquanto eu vos viver **F**
60. Preste] prestes **E G H** presto **F**

Notas

- Legenda.* estando os Ingleses na barra – referência ao primeiro bloqueio do Tejo pelos ingleses, que durou de março a 4 de novembro de 1650, na sequência da vinda a Lisboa do príncipe Rupert, sobrinho do rei Carlos I, executado em Londres em 1649 pelas forças parlamentares. O príncipe tinha como objetivo pedir proteção a D. João IV.
- 7–8. As locuções onomatopaicas sugerem o ruído provocado pelo contexto de guerra em que se vivia.
- 10 e 19. pica – atente-se ao duplo sentido da palavra: arma e órgão genital masculino.
13. tirar a terreiro – segundo Bluteau, *desafiar, provocar*.
18. mangaz – ver nota ao poema 12.
19. pica – de novo a palavra adquire os dois sentidos apontados anteriormente.
21. a expressão *jogam de manos* sugere a homossexualidade que existia no exército. A palavra *mano* pode ter o sentido de amigo íntimo, com uma clara conotação sexual no poema.
31. cachopos no mar – rochedos à superfície.
32. Parlamento – referência à Armada do Parlamento estacionada na barra do Tejo, comandada pelo almirante Blake.
34. abrasar – com o duplo sentido de causar destruição, arrasar ou experimentar sentimentos intensos, apaixonantes.
43. cisco – pó do carvão, lixo.
44. monturos – monte de lixo, esterqueira.
51. A expressão *senhor cabaça* pode sugerir um indivíduo ingénuo, pouco inteligente ou pouco sagaz. O adjetivo também designa o irmão gémeo mais novo. Apesar dos nossos esforços não conseguimos identificar o destinatário do poema, pelo que os sentidos adiantados deverão ser perspetivados com reservas.

54. A expressão poderá ser sinónima de *passar-se debaixo do nariz*.

59–60. Preste João foi um lendário e generoso governante cristão do Oriente, de um território que se supunha ser na Índia.

Note-se o jogo de palavras com *prestes*, sinónimo de prestável.

Arte poética

O poema é formado por versos de redondilha maior, agrupados em décimas espinelas, que recorrem portanto ao esquema ABBAACDDC.

A polémica iniciada por este poema dá origem à réplica “Parte o medo para Aveiro” e ao romance “Dizeis-me, Senhor Dom Pedro”.

Manuscritos principais: **C**, pp. 114-117 / **L**, pp. 91-96 / **P**, ff. 26r-29r

Manuscritos secundários: ACL A 693, ff. 234r-235r = **A** / BA 49-III-49, ff. 467r-467v = **B** / BA 49-III-50, pp. 86-89 = **D** / BGUC 338, ff. 418r-418v = **E** / BGUC 373, pp. 361-368 = **F** / BNP 6269, ff. 296v-297r (an.) = **G** / BNP 8575, ff. 58r-59r = **H** / BNP 13217, ff. 267v-268v = **I** / BPE R Arm. I, 29, II, pp. 160-162 (an.) = **J** / BPMP 1854, ff. 235r-237r (an.) = **K**

Versão de **P**

Romance

Ao Doutor Santos de Sousa, indo ao Alentejo na ocasião que lá foi a Universidade

Foi Sílvio para Alentejo,
sabe Deus se tornará,
e se será tão ditoso
na guerra como na paz.

5 Oh, que suspiros que lança
sem remédio para trás,
onde deixa Francelisa,
em quem todos vão parar.

10 Conversando c’o seu Lima,
assi começa a falar:
«Só vós fostes nesta vida
sempre fâmulos leigal.

15 «Confidente a meus cuidados,
segredo de pedra e cal,
fechai-me a porta da rua,
deixai-me desabafar.

«Que dirá agora Vilhena?
Que discursos que fará,
vendo que se parte Sílvio,
20 sem que o possa acompanhar?

«Vilhena, aquele portento,
maravilha singular,
nas graças e nas notícias
tão sabida e tão geral.

25 «Aquele primor do Mundo
que estava sempre a mandar,
hoje o prato de ovos moles,
o de arroz doce amanhã.

30 «A que deu para os alforjes
caixa de manjar real,
que inda que ganhou bafio
não nos há cá de ficar.

35 «Por Deus, Lima, que vos juro
que em todo o mundo não há
mulher que à minha Vilhena
lhe dê pelo calcanhar.

40 «Vá-se pôr ao sol mil vezes
Dona Mariana de Sá,
que Francelisa dormindo
lhe pode dar seis e ás.

«Olhai que largo me escreve,
vede que bem sabe dar
as ternuras ao entendido,
as mágoas ao figadal.»

45 Responde o Lima mui sengo,
começando-se a coçar:

«Você diz suas virtudes,
a honra é de quem a dá.

50 «Mas se hei de falar verdade,
sempre ouvi dizer por lá
que era a senhora Diosa,
não quero dizer Deidad.

55 «Freira por freira a Abadessa
da Viela do Ferraz;
beijo mão, dá cá vintém,
fazer fresco e caminhar.

60 «Eu era de parecer
que a mandemos bugiar,
porque dá cem mil desgostos,
por quatro doces que dá.

«A mulher zomba zombando,
quando mais prendada está;
hoje se roça c'um frade,
amanhã c'um secular.

65 «Pois nos conceitos não acho
cousa em que se possa atar
nem quatro reis de mostarda
nem duas pedras de sal.

70 «Isto você bem me entende
que não é pela gabar,
mas se não for o que soa,
lo que fuere sonará.

75 «Finalmente se se enfada,
por pouco nos citarás,
e por escusar demandas,
eu tocara a retirar.»

Ia o Lima descosendo,
quando Sílvio disse: «Tá,
quem tais cousas vos contou,
80 mentiu para grão mangaz.»

Tocou neste tempo a caixa,
começa o pobre a gritar:
«Dá cá botas de Bronsuik,
dá cá chapéu de Bredá.»

85 E enfrornado num capote,
às três despois de jentar,
se foi (suspirando ainda)
na volta do Rabaçal.

Variantes

Legenda. Romance / Ao Doutor Santos de Sousa, indo para a fronteira **C** Ao Doutor Santos de Sousa, indo para o Alentejo por ocasião da guerra e deixando por isso certa Dama com quem falava / Romance **L** Romance **A** Romance ao Doutor Santos de Sousa, indo ao Alentejo **B** A Santos de Sousa, partindo para a fronteira **D** Ao Doutor Santos de Sousa, indo para o Alentejo, quando foram os estudantes. João de Sucarelo Claramonte / Romance **E** Romance jocoso do Sucarelo ao Doutor Santos de Sousa, indo para o Alentejo na ocasião em que lá foi a Universidade, murmurando de um que deixa a Dama **F** Ao Doutor Santos de Sousa, indo para o Alentejo **G** Carta / Do Sucarelo a Santos de Sousa, ausentando-se de Dona Francisca de Vilhena para o Alentejo / Em Romance **H** Romance do Assucarelo **I** Ao Doutor Santos de Sousa, indo da Universidade para o Alentejo com o seu criado Lima **J** Ausentando-se Sílvio de Francelisa / Romance **K**

1. Alentejo] a fronteira **C D** o Alentejo **E F H K**
2. sabe] e sabe **I** || Deus] Dios **C**
3. e se será] e se há de ser **C A I K** se ha de ser **D**
5. que lança] me canta **D**
7. Francelisa] a Francelisa **E G** Francisquinha **H**
só vós fostes nesta vida **I**
8. em quem] onde **L**
tão bela, rica e estimada **H**
9. c' o seu Lima] com Francelisa **I**
12. fâmulos leigal] criado leal **C** fâmulos leal **D E G H I J** fâmulos real **K**
- 13–16. *Falta esta quadra em H.*
13. a meus cuidados] a meus segredos **C A D** com meus segredos **I**
14. segredo] segredos **I**
15. fechai-me] fechas-me **J**

-
16. deixai-me] que quero **E G** deixas-me **J**
17. O que diria Vilhena **C** Que dirá agora a Vilhena **L F K** O que faria a Vilhena **A I** Oh, que diria Vilhena **D**
Em L Vilhena apresenta-se sublinhado.
18. que discursos] Oh, que cousas **A** com discursos **I**
e que discursos fará **J**
19. parte] aparta **B E G**
21. portento] protento **J**
23. graças e nas notícias] nas finezas e ações **H**
24. sabida] sabido **C** || tão geral] engraçada **H**
27. hoje] ou **B** || o prato] prato **C E G** pratos **D H**
28. o de] e de **C D E G I** de **B** ou de **H**
- Post 28. *Em G os versos 33 a 36, são antecidos dos versos 29 a 32.*
30. caixa] caixas **D F**
31. inda] ainda **H K** || ganhou] criou **L K**
32. nos] vos **C B K** || cá de] de cá **H K**
34. o mundo] mundo **A**
35. *Em L Vilhena está sublinhado.*
36. lhe] lha **D**
38. Mariana] Maria **L E F G H I**
39. Francelisa] a Francelisa **A**
41. me] que **K**
42. que bem] como **C D I**
43. as ternuras] ternuras **F** as ternezas **J**
ternuras ao entendimento **C** às ternuras ao entendimento **H**
44. as mágoas] e mangas **C** e manjar **D** mágoas **F** || ao figadal] a figodalma **H**
45. Responde o Lima] Respondeu Lima **C** Responde Lima **A F** || sengo] seco **D** longo **K**
48. é de] de **B**
50. lá] cá **A**
51. Diosa] mui Deusa **C** ãa Deusa **L**
que a Senhora era Deusa **H**
53. a Abadessa] Abadessa **J**
54. Viela] Viola **G**
55. beijo] beija **C L A B D E F G I K** || mão] a mão **J K**
56. fazer] falar **L**
- 57–64. *Faltam estas quadras em H.*
57. Eu] Que eu **J**
58. que a mandassem bugiar **C** se mandasse bugir **L** a mandássemos bugiar **A** que a mandássemos bugiar **B F K** que mandasse bugiar **D** que a mandássemos beijar **I**
61. A mulher] Mulher que **C A D F J K** A Mulher que **I**
62. quando mais prendada] quando mais na unha **C D** quanto prendada **L** quanta mais prenha **B** quando mais prenhe se **E**
G quando mais da unha **I** quanto mais prendada **K**
64. amanhã] e amanhã **B**
65. conceitos] escritos **K**
66. em que se] em que ela **L** em que **D H I** com que **J** que se **K**

-
67. quatro] oito **J** || mostarda] cominhos **CLADIJ**
68. duas] quatro **CABEFGIJ**
69. me] o **EGHK**
Você já cai no que eu digo **CDI**
70. pela] para **CLDH**
71. for] por **C** || o] lo **F** || soa] /*soa/ **J**
73. se se enfada] em se enfadando **CDI** se se agasta **H**
77. Ia o Lima] Ia Lima **ADF K** || descosendo] discorrendo **EG**
78. Sílvia disse] Sílvia tá **B**
79. tais cousas] tal cousa **CDFI**
80. mentiu para grão] foi mentiroso, e **L** mente para bom **K**
83. botas] as botas **H** || de Bronsuik] de brunjuque **C** de bransique **L** de Bronsique **A** de bronsuel **BEG** e esporas **D** de Brinsique **F** em Bruzeguins **H** de bronique **I** de moscóvia **J** de branxique **K**
84. chapéu de Bredá] chapéu de berdá **CL** chapéu de bordar **BDEGI** e chapés da albarda **H**
85. E enfronzado num] Enfronzado em um **CAEGIJ** Enfronzado num **L B D F** Embuçando-se em **H** Enfrolhado em um **K**
87. foi (suspirando ainda)] fez suspirando ainda **AHIK** foi suspirando ainda **CLBDEFG**
88. Rabaçal] Raboçal **J**
Post 88. **H** *apresenta os seguintes versos:* Deixando bem entre penas / o ânimo com que se aparta[,] / a alma no que suspira / e o coração bem onde ama.

Notas

Legenda. O Doutor Santos de Sousa era filho de Santos de Sousa Galhardo, Ouvidor Geral do Reino de Angola, Senhor da Quinta da Galharda e cidadão do Porto, e de Catarina Fernandes Murroa⁵. Matriculou-se em Coimbra no curso de Leis em 1632, obteve o grau de Doutor em 1642 e foi opositor à segunda cadeira de Instituta em 29 de maio de 1645. Integrou, com o n.º 54, a 3.ª Capitania de estudantes do 1.º Batalhão Académico da Guerra da Restauração. A lista dos estudantes, incompleta, data de 6 de novembro de 1645.

1. Sílvia – nome poético atribuído ao Doutor Santos de Sousa.
9. Lima – criado de Sílvia, estatuto que é confirmado na réplica que se segue, em que Lima defende o seu amo.
12. fãmulos leigais – estudante, sem votos religiosos, que vivia nos conventos e que desempenhava serviços domésticos.
24. ser geral – que se dá com todos e de fácil trato.
30. manjar real – sobremesa conventual feita a partir de galinha, amêndoas, pão, gemas de ovos e açúcar.
37. pôr ao sol – poderá ter o sentido de *exibir-se, gabar-se*.
40. dar seis e ás – talvez o mesmo que *dar sota e ás*, que significa ser mais esperto que os outros; excedê-los em algo.
41. largo – com o sentido de *extensamente*.
44. figadal – ver nota ao poema 25.
45. sengo – avisado, prudente.
52. Deidad – o mesmo que *deidade*, divindade, mulher formosa.
54. Viela do Ferraz – rua do Porto, atualmente com o nome de Travessa do Ferraz.
55. fazer fresco – talvez com o sentido de *pôr-se ao fresco, ir-se embora*.
65. conceitos – escritos, ditos engenhosos.

⁵ *Vd. Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*. Vol. XVII. 1954, pp. 273-274.

66–68. A mostarda era um condimento usado para estimular o apetite e o sal, em sentido figurado, designava graça, vivacidade, pelo que se conclui do contexto do poema que as palavras da freira não estimulavam nem tinham piada.

72. lo que fuere sonará – do espanhol, “O que for, será”.

74–75. Note-se que a linguagem judicial é usada em sentido hiperbólico.

78. Tá – de acordo com Bluteau (e Morais), interjeição destinada a advertir alguém para que se contenha.

80. mangaz – ver nota ao poema 12.

83. botas de Bronsuik – possível referência às botas usadas pelos soldados dos regimentos do Ducado de Brunswick-Wolfenbüttel na Guerra dos Trinta Anos, ocorrida entre 1618 e 1648.

84. chapéu de Bredá – talvez um chapéu do tipo do que se encontra retratado nas mãos do marquês Ambrósio de Spinola, no quadro de Velasquez intitulado “A Rendição de Bredá”, pintado entre 1634-35.

86. jentar – ou jantar. Cf. nota ao poema 25.

88. Rabaçal – antiga freguesia do concelho de Penela, agregada em 2012/2013 na União das Freguesias de São Miguel, Santa Eufémia e Rabaçal.

Arte poética

O romance é formado por quadras heptassilábicas, com rima toante nos versos pares, que se mantém constante ao longo de todo o poema.

V.

Na versão de **E**, no final da legenda, vem uma inscrição cujo sentido não conseguimos apurar: *A Baros*. Tratar-se-á de uma indicação de autoria?

Manuscritos secundários: ACL A 693, ff. 235r-236r (an.) = **A** / BGUC 338, ff. 420v-421v (an.) = **B** / BGUC 373, pp. 368-377 (Santos de Sousa) = **D** / BNP 13217, ff. 268v-269v (an.) = **E**

Versão de **B**

Resposta do Lima ao Romance retro f. que fez Sucarelo ao Doutor Santos de Moura

Parte o medo para Aveiro,
praza a Deus não torne cá,
pois podem viver sem ele
na guerra como na paz.

5 Antes de pôr-se ao caminho
falou à velha leigal,
companheira muito antiga
na cama, mesa e no lar:

«– Se vós sois meu escritório,
10 meu contador singular,
arca velha dos tesouros,
de todo o meu cabedal;

«sede secretária agora,
mui atenta [a] meu mal,
15 não para compadecer-vos,
mas para me aconselhar.

«Vejo vezinho Buarcos,
Coimbra sem gente está;
o Castelhana suspeito
20 que vem por terra e por mar.

«Vou-me recolher a Aveiro,
terra a mais firme e capaz,
mas avisai no correio
de tudo o que cá passar.»

25 «– Senhor, respondia a velha,
você atente o que faz,
não ande em bocas do mundo,
não lhe dê mais que falar.

«Nem queira que o Montearroio,
30 inimigo capital,
me dê varas cada dia
com a falta do jantar.»

«– Mas isto cá não importa,
haja vida e caminhar;
35 seguir quero a Valdevinos
se ao bom Sílvio atura Blas.»

«– Faça Você o seu gosto
que eu ficarei a chorar;
fuese Blas de la Cabaña
40 sabe Dios si volverá.»

Assim se despedem tristes,
dando com abraços mil ais:
«Adeus, minhas carnes moles»;
«Adeus, meu unto sem sal».

45 Agora entro eu e digo
que não posso averiguar
em que fundais tantos chistes
tanta presunção voraz.

Nem levo em paciência
50 desatino sem igual
que façais rimance a Sílvio,
filando a pedra desleal.

Mas sabeis de que vos nasce
este vosso murmurar?
55 Fazeis gala do timor?
Medo vem do natural.

Meu amo se na jornada
começou de suspirar,
foi chamar-vos como amigo
60 por não ficardes na paz.

Ingrato andou vosso ingenho,
Senhor, pese a Deus com tal;
sois agudo como um ente,
dais os piques por detrás.

65 Pondes ao sol Mariana;
que rude, que tosco andais!
Não sabeis que o sol não pode
ser seu laçao capaz?

70 Só Mariana, por Cristo,
apesar de quantas há,
é assombro dos assombros
no belo e no liberal.

Chamardes a Francelisa
maravilha singular
75 foi dar o seu a seu dono,
como o mundo diz por cá.

Mas logo tantos desdéns
daquele doce maná
por real vos desagrada,
80 lá disputareis o mais.

Em que tivesse bafio,
bem o podereis tragar,
que outros tragais cada dia
sem serem manjar real.

85 É entendida a Vilhena;
nosso São João virá
em que vos ensine o norte
por Diosa e por Deidad.

Morre quem com ferro mata,
90 rifão é muito geral;
o desacertar de língua
costuma a língua mingar.

Ainda lhe jura o Lima
que não há {a}qui de parar;
95 faça antolhos de couraça
que anda mui perto Gil Vaz.

Não despreze estes avisos,
não me tenha por leigal,
quem me avisa bem me quer,
100 ouvi mil vezes contar.

Também o pôr terra em meio
será remédio eficaz,
calçar plumas, vestir asas,
em vez de correr, voar.

105 Não para o reino de França,
que nos assiste leal,
mas para as partes remotas
do grã-Cairo ou grã-Pará.

Que a tão ligeiros temores
110 inda julgo que será
breve espaço o mundo todo,
cifra breve Portugal.

Variantes

Legenda. Romance / Em Reconvenção do que fica atrás **A** Romance jocoso de Santos de Sousa, partindo o dito Sucarelo na dita ocasião para Aveiro, o censura de medo e outras cousas em resposta ao dito Sucarelo **D** Romance contra o sobredito **E**

3. podem] pode **A E** || viver] todos **D**

4. na guerra como] viver na guerra e **D**

5. ao] a **A D**

8. na] da **A D E** || no] do **A D E**

9. Se vós] Só vo{*i*}s **A**

11. dos tesouros] do tesouro **A D E**

-
12. o meu cabedal] meu radical **A** o meu radical **D E**
14. mui atenta [a] mui atenta **B** ouvi atenta **A D** ouvi atento **E**
17. vezinho] o vezinho **A**
20. vem] dê **A D E**
22. a mais] mais **A D E**
23. mas] vós **A D E**
28. Não] nem **A D E**
29. Nem] Não **A D E** || Montearroio] Montarroio **A D E**
31. varas] vaias **A D**
32. com] como **E**
33. Mas isto cá] Olhai isso **A D E**
35. Valdevinos] Valdovinos **D**
36. ao] o **A D** || atura Blas] se vai **A** atura Brás **D**
se o bom Sílvio mo mandar **E**
40. si volverá] se vuelverá **A** se volverá **D**
41. despedem tristes] despede triste **D**
42. com abraços] co' os braços **A D E**
48. voraz] roás **A E D**
49. Nem] Não **A E** || em] na **A E**
51. rimance a Sílvio] romances Sílvios **A E** romances Sílvio **D**
52. ficando a pedra do lar **A D E**
Em A, D e E os versos 54 e 56 encontram-se trocados.
54. medo] tudo **A D E**
56. este vosso] crédito do **A D E**
57. na] a **D**
60. ficardes] ficares **D**
62. pese a] possa **A D E**
63. como um ente] comumente **A D E**
Em D comumente encontra-se sublinhado.
70. há] hay **A**
73. Chamares Francesilha **E**
75. dar] o dar **D**
76. diz] o diz **A**
82. podereis] podíeis **A**
84. serem] ser de **A D E**
86. nosso] vosso **A D E**
91. o desacertar de] e o desacertar da **A** e a desacertos da **D** que a desacertos da **E**
92. mingar] vingar **A E** a vingar **D**
93. Ainda lhe] E ainda lhe **A** E inda lhe **D** Que ainda lho **E**
96. Gil Vaz] o gilvaz **A**
98. não] nem **A D E**
101. o pôr] pôr **E**
104. em] e em **D**
108. grã-Cairo] Grão-Cairo **D E** || ou grã-Pará] ou Grão-Pará **D** e Grão-Pará **E**
109. tão] tal **D**
112. cifra breve] breve espaço **D**

Post 112. **E** *apresenta os seguintes versos:* Se queres ver bem o corpo / começa logo a limar / essa língua que foi ruim / é pior que de Pardal.

Justrificação de emenda

94. A métrica impõe esta aférese.

Notas

9. escritório – escrivãinha.

10. contador – móvel com muitas gavetas.

13. secretária – confidente.

14. A sintaxe e a métrica impõem esta emenda.

17. Buarcos – freguesia do concelho da Figueira da Foz.

18. Cerca de 630 estudantes tinham integrado o 1º Batalhão Académico da Guerra da Restauração, daí que Coimbra se encontrasse despo-voada.

32. jantar – ver nota ao poema 25.

35. Valdevinos – personagem dos romances cavaleirescos medievais, sobrinho do Marquês de Mântua, foi atraído e morto numa caçada por D. Carloto, que se apaixonou pela sua mulher. O tio e a viúva de Valdevinos reclamam justiça ao imperador Carlos Magno, que julga o próprio filho e o condena à morte. O romance foi dramatizado em 1596 por Lope de Vega e em Portugal por Baltasar Dias (dramaturgo, poeta e romancista do século XVI).

36. Blás – muito possivelmente o mesmo que Brás, personagem do cancionero teatral espanhol. No contexto do poema, refere-se ao Lima, criado do Doutor Santos de Sousa.

39–40. Adaptação da cantilena “Fuese Bras de la cabaña / sabe Dios si volverá”, que aparece, pelo menos, nas peças *La Carbonera* de Lope de Vega e *Baile de Los Zagales* de Pedro Calderón de la Barca.

47. chistes – gracejo.

52. pedra desleal – possível referência ao provérbio «Feitos de villaõ, tirar pedra, e esconder a mão»⁶ reforçado pelo verbo *filar*, no poema com o sentido de *instigar*, o que se confirma nos versos seguintes, em que Sucarelo é acusado de falar pelas costas e de ser mau amigo. O verso é hipermétrico, a menos que a última palavra seja lida como dissílabo.

63. agudo – subtil, perspicaz.

64. pique – lança antiga.

72. liberal – generosidade ou franqueza.

84. manjar real – ver nota ao poema 28.

86. São João – alusão à faceta precursora do santo, que anunciou a vinda de Cristo .

96. Gil Vaz – muito possivelmente Gil Vaz Lobo Freire, filho de Gomes Freire de Andrade e de D. Luísa de Moura. Participou com o seu pai no 1.º de Dezembro de 1640. Personalidade do período da Guerra da Restauração conhecida pela sua coragem no campo de batalha, mas também pelo seu carácter violento e por crimes cometidos, dos quais terá ficado impune devido à sua posição social e influência na Corte. Outra possibilidade de compreensão consiste em interpretar *gilvaz* como nome comum, com sentido de golpe.

106. A França opunha-se passivamente à Espanha e facultava homens, armas e meios para auxiliar a luta portuguesa.

Arte poética

O romance é formado por quadras heptassilábicas, com rima toante nos versos pares que se mantém constante ao longo de todo o poema.

⁶ F.R.I.L.E.L., *Adagios, Proverbios, Rifãos e Anexins da Lingua Portuguesa, Tirados dos melhores Autores Nacionaes, e recopilados por ordem Alfabetica*. Nova Edição Correcta, E Augmentada. Lisboa: Typographia Rollandiana, 1841, p. 95.

O romance é transmitido por sete testemunhos manuscritos: dois principais e cinco secundários. Embora um dos secundários atribua o texto a Gregório de Matos e dois outros não apresentem indicação de autoria, cremos que o conjunto e a autoridade do Ms. **P** são suficientes para sustentar que João Sucarelo foi o seu autor.

Manuscritos principais: **L**, pp. 97-99 / **P**, ff. 29r-30r

Manuscritos secundários: BA 49-III-49, f. 468r = **A** / BNP 4259, pp. 135-136 = **B** / BNP 13218, ff. 22v-23v (an.) = **D** / BNRJ 50.2.2, pp. 389-391 (Gregório de Matos) = **E** / BPE R Arm. I, 29, II, pp. 155-156 (an.) = **F**

Versão de **P**

Romance

que o Autor fez a Domingos Vieira, por responder ao romance atrás com ãas ignorâncias; era filho de um alfaiate que chamavam o Orelha

Dizeis-me, Senhor Dom Pedro,
que me cortou de vestir
certo poeta de Orelha,
entre obreiro e aprendiz.

5 Que pondo as linhas de casa,
porque o mais furtou de mim,
dos retalhos de um romance
fora cirgindo um pasquim.

Esta malícia é de sastre
10 que eu não posso prevenir,
São bom homem foi um só,
São maus homens trinta mil.

Não errou ele de todo
a medida, o corte sim,
15 segundo mostra o feitio
mal polido e bem ruim.

Não fez a obra ao costume,
tendo um molde tão gentil,
e assim nenhum caprichoso
20 ousou com ela a sair.

Ele si, porque faz gala
de imitar sem conseguir,
que os trovantes desta idade
são Macacos do Brasil.

25 Mas não vamos por diante,
Musa, paremos aqui,
que este nosso oficial
preza-se de espadachim.

E da volta de Alentejo
30 blasonando mais que um Cid,
veio¹ co'as tripas na mão
sem castelhano o ferir.

¹ Era quebrado.

Variantes

Legenda. Respondeu ao Romance antecedente um certo Domingos Nogueira, com ãa quantidade de ignorâncias, o qual era filho de um homem, a quem de alcunha chamavam *o Orelha*. E sobre essa matéria, e a esse respeito, escreveu o Autor a um Cavalheiro seu amigo, o seguinte Romance **L** A Domingos Nogueira, por responder ao Romance que fica atrás com ãa quantidade de ignorâncias e era filho de um Alfaiate que chamavam o Orelha **A** Romance / De Sucarelo a Domingos Nogueira, filho de um Alfaiate chamado Orelha, por responder a um Romance **B** Ao filho de um Alfaiate que chamavam o Orelha, por fazer ãa sátira ao Autor **D** Ao filho de um alfaiate que chamavam Orelha, por fazer ãa sátira ao Autor **E** Ao filho de um Alfaiate, que chamavam Orelha, por fazer ãa sátira ao Autor / Romance **F**

1. Dizeis-me] Dizei-me **A E**

2. cortou] corto **B**

3. *Em L Orelha está sublinhado.*

8. cirgindo] seguindo **L A B** fazendo **D E F**

9. é de] de **D E F** || sastre] xastre **L A B**

11. Em **L** São Bom Homem *vem sublinhado*.

17. fez a obra] fez obra **D** faz a obra **E**

20. ela] ele **A B E F** || a sair] sair **L A**

23. desta idade] da cidade **B**

28. preza-se] parece **D E F**

29. da] de **D E F** || de] do **L A B D E F**

32. o ferir] ferir **A D E F**

Notas

Legenda. ao romance atrás – referência ao poema “Foi Sílvia para Alentejo”.

2. cortar de vestir – *vd.* nota ao poema 24.

5–8. O jogo de palavras com os termos da área vocabular de costura decorre do facto de o visado ser filho de um alfaiate. A *linhas* são os versos, os *retalhos* são as partes plagiadas, *cirgindo* (variante arcaica de *cerzindo*) remete para a construção do *pasquim*.

9. sastre – espanholismo com o significado de alfaiate. Note-se o jogo com a sonoridade de *desastre*.

11. Possível referência à personagem bíblica Lot, o único homem que, por ser bom, se conseguiu salvar da destruição das cidades de Sodoma e Gomorra.

17. ao costume – de acordo com o que é habitual. Possível jogo com o galicismo *costume*, com o significado de vestimenta.

23. trovante – trovador, poeta.

24. Não encontramos a expressão dicionarizada, mas é claro o intuito de insultar aqueles que imitam, tal como os macacos.

27. oficial – não se refere a qualquer posto que o visado do poema tenha tido na guerra do Alentejo, mas, depreciativamente, ao facto de ser filho de um alfaiate, ofício que requeria um trabalho de mãos.

30. blasonar – no contexto do poema significa *vangloriar-se*.

Cid – Rodrigo Díaz de Vivar (1043-1099), também denominado Cid, o Campeão, foi um nobre guerreiro castelhano cuja vida e feitos se tornaram lenda, sobretudo devido a um poema trovadoresco – *Canción de Mio Cid* – transcrito em 1307 pelo copista Per Abbat.

31. Subentende-se, de medo.

A nota que acompanha o verso pode sugerir alguma deficiência na postura do indivíduo, que se apresentaria curvada.

Arte poética

O romance é formado por quadras heptassilábicas, com rima toante nos versos pares, que se mantém constante ao longo de todo o poema.

30.

Manuscritos principais: **C**, p. 126 / **L**, p. 9 / **P**, ff. 30r-30v

Manuscritos secundários: ADB 373, ff. 116v-117r = **A** / BGUC 338, f. 430v = **B** / BGUC 391, ff. 230r-230v = **D** / BGUC 526, ff. 249r-249v = **E** / BNP 13221, p. 72 (an.) = **F** / BNP Pb 133, f. 31v = **G**

Versão de **P**

Soneto

Definindo os disparates do Porto

As valentias de Gaspar de Anaia,
o mero-misto império do Sarinho,
a calva de João Nunes frita em vinho,
as folhas do Picão de Miragaia;

5 mercancia de esterco, âmbar da Maia,
bem comprado por lenha ou por toucinho,
geral remédio d'Entre-Douro-e-Minho,
achado antes nas casas que na praia;

baeta calva, imensa gravidade
10 dos Infanções mantidos com farelo,
da manta rota a célebre irmandade;

este é o Porto, acabo de dizê-lo;
ó muito nobre e sempre Leal cidade,
quem me te vira posta de bacelo.

Variantes

Legenda. Descrição do Porto / Soneto **C** Sátira por partes à Cidade do Porto / Soneto **L** Soneto do mesmo ao Porto **A** Soneto do mesmo aos cidadãos da Cidade do Porto **B** Do mesmo Autor à Cidade do Porto / Soneto **D** Soneto jocoso do Doutor Sucarelo, satirizando a Cidade do Porto **E** Aos disparates e bazófias do Porto / Soneto **F** A descrição do Porto por Sucarelo **G**

1. Em **L** Gaspar de Anaia *está sublinhado*.

2. mero-misto] violento **C A B D E G** mero e misto **L**

Em **L** Sarinho *está sublinhado*.

3. calva] alma **A B D E G** || em vinho] o moinho **A**

Em **L** João Nunes *vem sublinhado*.

4. as folhas] a folha **C** as ramas **L** as filhas **D E**

Em **L** Picão de Miragaia *está sublinhado*. **A** *não apresenta o verso 4*.

6. bem comprado por lenha ou por] bem vendido por lenha e por **C** trocado ou já por broa ou por **L** bem comprado por lenha e **A** bem vendido por lenha ou por **B** bem comprado por lenha e por **D F G**

7. geral remédio] útil contrato é **L** || d' Entre] Entre **A**

8. achado antes] mais achado **C** achada antes **A** || nas casas] casas **A**

10 dos] dois **A**

11. da manta rota a célebre] dos da manta rota célebre **C** /*os/ da manta rota célebre **B**

12. este é o Porto] esta és, ó Porto! **L**

13. ó muito] a mui **A G** ó mui **D E G** || e sempre] e mais **C** e muito **L D** e **A** e mui **G**

14. quem me te vira posta] quem te vira metida **L** quem te me vira posta **A** quem te vira já posta **D** Oh, quem te vira posta **F** quem te vira posta **G**

Em **C** me *está rasurado*.

Notas

1. Gaspar de Anaia de Meneses – foi Vereador no Porto, filho de Jorge Carneiro de Anhaia, também Vereador, e primo direiro do poeta Tomé Tavares Carneiro.

2. mero-misto império – soberania de poderes, sem restrição, pelo bem da justiça e sem retorno pecuniário. No contexto do poema, deve ser tida em conta a ironia das palavras, com a intenção de caluniar o visado.

Sarinho – possivelmente António Sarinho, escrivão do crime da Relação do Porto, que esteve longos anos ligado à Santa Casa da Misericórdia do Porto, tendo sido, nomeadamente, Mordomo dos Presos.

3. João Nunes – talvez João Nunes Barreto, filho dos senhores de Freiriz e Penagate de Vila Verde. Os Nunes Barreto eram pessoas ilustres da cidade do Porto, vereadores e detentores de terras.

A métrica impõe a leitura de *João* como monossílabo.

4. Picão de Miragaia – é possível que se trate de António Peres Picão, conhecido capitão de navios, na época do autor. As *folhas* a que se refere o poema poderão sugerir eventuais registos fraudulentos na declaração das mercadorias transportadas.

5. mercancia – negócio.

âmbar da Maia – certamente não a resina fóssil produzida pelos vegetais, mas o âmbar gris, betume que nasce nos intestinos da baleia, substância valiosa apanhada nas zonas costeiras, a que nos referimos nas notas ao poema 24. A relação com a Maia prende-se com o facto de à época este concelho ser muito vasto, abarcando muitas freguesias junto à costa, o que atualmente não acontece.

6–7. Dos meios de subsistência da região de Entre-Douro-e-Minho fazia parte a densa floresta, especialmente de castanheiros, e a criação de suínos, só ultrapassada pelos montados do Alentejo⁷.

9–11. Possível crítica aos irmãos nobres da Irmandade da Santa Casa da Misericórdia do Porto, assim chamados não porque fossem provenientes da antiga nobreza de sangue, mas porque pertenciam à camada mais endinheirada e prestigiada da cidade. A vontade de ascender socialmente levava a que muitos indivíduos de origens mais modestas quisessem pertencer à

⁷ RIBEIRO, Orlando, “Entre-Douro-e-Minho”. In *Revista da Faculdade de Letras – Geografia*. I Série. Vol. III. Porto 1987, pp. 5-11.

Confraria. Note-se que *infanção* era um título nobiliárquico, que entrou em desuso, concedido a fidalgos e senhores de menor poder, aplicado no contexto do poema de forma depreciativa.

13. adaptação do lema da cidade do Porto "Antiga, Mui Nobre, Sempre Leal e Invicta Cidade do Porto".

Se lermos *Leal* como bissílabo, o verso é hipermétrico. Neste sentido, é possível que a forma original do advérbio fosse *mui*, em lugar de *muito*.

14. bacelo – vara cortada da videira para plantar; muda de videira para reprodução. Sugere-se a necessidade de uma renovação na cidade. Note-se a construção pronominal estranha *me te*, sugerindo que o enunciador deveria acompanhar a cidade na renovação.

Arte poética

A rima deste soneto obedece ao esquema ABBA / ABBA / CDC / DCD. Predomina o decassílabo heroico, sendo sáfico o v.

1. No v. 7 ocorre o pentâmetro iâmbico.

Manuscritos principais: **L**, p. 10 (an.) / **P**, [f. 94r] (an.)

Versão de **P**

Soneto

Em resposta do que vai [a] f. 30. Pelos mesmos consoantes

Bem caro te custou Gaspar de Anaia
e te pode custar inda o Sarinho,
poeta Bacanal, farto de vinho,
que és desonra do Porto e Miragaia.

5 Vilão inda mais sujo que os da Maia,
criado com boroa e com toucinho;
quem te mete a falar no Douro e Minho,
sendo filho das ervas e da praia?

10 Como hás tu de entender da gravidade
dos Infanções, Brichote de farelo,
se não logras dos nobres a Irmandade?

Oh, quão Bêbado! Acabo de dizê-lo,
pois só para beber toda a Cidade,
a desejaste posta de bacelo.

Variantes

Legenda. Resposta que se lhe fez. Pelos mesmos consoantes / Soneto **L**

2. inda] ainda **L**

5. inda] ainda **L** || os] o **L**

6. com boroa] só com broa **L**

9. de entender] entender **L**

11. logras] gozas **L**

12. Oh, quão] Este és **L**

13. pois] que **L**

14. a desejaste] é que a desejas **L**

Notas

Legenda. O soneto que vem na f. 30 é “As valentias de Gaspar de Anaia”.

10. brichote – designação pejorativa aplicada aos estrangeiros.

Arte poética

A rima deste soneto obedece ao esquema ABBA / ABBA / CDC / DCD. Todos os versos são decassílabos heroicos.

Manuscritos principais: **L**, p. 6 / **P**, ff. 30v-31r

Manuscritos secundários: BA 49-III-49, ff. 461v-462r = **A** / BA 49-III-52, f. 95v = **B** / BNP 6269, f. 94v = **D** / LC Pt 9, [f. 121v] = **E**

Versão de **P**

Soneto

A João Rebelo Pegas, que fazia um livro ridículo que intitulava “Política amorosa em frase culta”

Esta vil poluição do entendimento,
política amorosa em frase culta,
em que o Destino avaro hoje tumultua,
por obra, por palavra e pensamento;

5 caso sempre será de esquentamento,
memória sempre torpe, sempre estulta,
pois quanto em labirintos deficulta
merece em maldições o sofrimento.

10 Ó Pegas!, pego, inundação, tormenta,
aonde deu à costa infaustamente
essa alma bruta que teu corpo alenta.

Ludíbrico viverás perpetuamente
porquanto o mar abraça, o sol aquece,
pois começaste fábula da gente.

Variantes

Legenda. A João Ribeiro Pegas, fazendo um livro de Políticas amorosas em frase culta **L** Do mesmo Autor / Soneto / a João Rabelo Pegas, que compunha um livro que intitulava Política amorosa em frase culta **A** De João Sucarelo 53 **B** A João Ribeiro Pegas, que compunha um livro que intitulou “Política Amorosa”, pelo Sucarelo **D** A João Rebelo Pegas, por dizer que fazia um livro de política amorosa **E**

1. Esta vil poluição] Essa vil pululão **L**

-
4. e pensamento] pensamento **A**
5. caso] causa **B** || esquentamento] esquecimento **L D**
6. sempre] e sempre **L B E** || estulta] stulta **B**
7. labirintos] labarintos **A**
8. maldições] maldição **E** || o] do **L** /*ao/ **B**
9. Pegas] Pega **D**
13. porquanto] de quanto **B** || o] e o **B E**
14. começaste] começastes **L** || da] de **E**

Notas

Legenda. João Rebelo Pegas – segundo Freitas (2006: pp. 91-92), terá sido um «cavalheiro seiscentista» dado a fazer versos ridículos. Frequentou a Universidade de Coimbra, aproximadamente na mesma época de Sucarelo. No seu registo consta uma primeira matrícula em Leis, em 1641, não havendo qualquer menção a provas de curso e atos e graus. O livro referido na legenda, de acordo também a com informação de Freitas, nunca terá sido publicado.

1. polução – ejaculação; metaforicamente, a verborreia do visado.

5. esquentamento – segundo Morais, gonorreia. No contexto, o incómodo que provoca a poesia de João Rebelo Pegas.

9. pego – fundão.

Arte poética

A rima deste soneto obedece ao esquema ABBA /ABBA /CDC / DCD. Domina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 9 e 11, ao passo que nos vv. 6 e 13 é usado o pentâmetro iâmbico.

O soneto é transmitido por 33 testemunhos manuscritos: três principais, que o atribuem a Sucarelo, e 30 secundários, seis dos quais apontam para Sucarelo, sete para D. Tomás de Noronha, um para Bacelar, ao passo que os restantes 16 não apresentam indicação de autoria. Apesar desta divergência, cremos que deve prevalecer a indicação dos manuscritos principais – reforçada por alguns secundários –, tanto mais que **P** apresenta uma particular autoridade nesta matéria.

Manuscritos principais: **C**, p. 125 / **L**, p. 18 / **P**, ff. 31r-31v

Manuscritos secundários: **ACL** A 693, f. 158r = **A** / **ADB** 130, f. 47v (an.) = **B** / **ADB** 573, f. 196r (an.) = **D** / **ADB** 596, p. 92 (an.) = **E** / **BGUC** 359, ff. 132r-132v (D. Tomás de Noronha) = **F** / **BGUC** 390, f. 300r (D. Tomás de Noronha) = **G** / **BGUC** 392, f. 275v (D. Tomás de Noronha) = **H** / **BGUC** 526, ff. 72v-73r (an.) = **I** / **BNP** 3106, ff. 59v-60r (D. Tomás de Noronha) = **J** / **BNP** 3581, f. 106v (an.) = **K** / **BNP** 6204, p. 680 (an.) = **M** / **BNP** 6269, f. 91v = **N** / **BNP** 13217, f. 267v (an.) = **O** / **BNP** 13217, f. 278v (D. Tomás de Noronha) = **Q** / **BNP** Pb 133, f. 35r = **R** / **BPE** M 304a, f. 394r = **S** / **BPE** R CXIV/1-14d, ff. 199r-199v (D. Tomás de Noronha) = **T** / **BPE** R CXIV/1-32d, s/p (an.) = **U** / **BPMP** 1045 f. 57r (an.) = **V** / **BPMP** 1121, [ff. 43v-44r] (D. Tomás de Noronha) = **W** / **BPMP** 1396, f. 75r (an.) = **X** / **BPMP** 1397, f. 272v (an.) = **Y** / **BPMP** 1854, f. 101v (an.) = **Z** / **BPMP** S 747, ff. 24v-25r = **AA** / **LC** Pt 87, f. 134r-134v (an.) = **BB** / **LC** Pt 141, f. 91v = **DD** / **PA**, I, ff. 183r (an.) = **EE** / **TT** Lv 1659, f. 233r (an.) = **FF** / **TT** Lv 1818, pp. 349-350 (A. Barbosa Bacelar) = **GG** / **TT** Lv 2227, ff. 189r-189v (an.) = **HH**

Versão de **P**

Soneto

À Morte de D. Serafina, Dama de Coimbra

Aqui debaixo desta pedra fria
jaz Serafina, moça mal lograda,
que de jazer debaixo enfim cansada,
repouso dá aos membros que estendia;

5 Serafina, que a todos se vendia
mais amarela quando mais curada,
até que dos pavios destilada,
morreu daquilo de que já vivia.

Vós, maganas que andais co'a mão na massa,
10 Harpias da aljubeira do estudante,
vede-vos bem nesta fatal desgraça;

Vós quero que sejais o caminhante
deste soneto, e nesta pedra escassa
desenganos aprenda a vida errante.

Variantes

Legenda. Epitáfio na Sepultura de ãa mulher dama chamada Serafina **C** Epitáfio na Sepultura de outra tal Dama chamada Serafina, em Coimbra **L** A certa dama por nome Dona Serafina, que morreu de boubas / Doutor João de Sucarelo **A** Epitáfio / À Sepultura de ãa mulher pública chamada Serafina **B** À Sepultura de ãa Dama Sarafina, que morreu de boubas / Soneto **D** Epitáfio na sepultura de ãa mulher pública chamada Serafina **E** Outro / Dom Tomás **F** Epitáfio de Dom Tomás a ãa Dama morta **G** Epitáfio a ãa puta / Soneto de Dom Tomás **H** Soneto a ãa Dama e sepultura, que morreu de males e que tomem espelho as mais **I** D. Tomás / Epitáfio a ãa puta **J** Epitáfio à Sepultura de ãa Dama / Soneto 206 **K** À morte de Dona Serafina, solteira / Epitáfio **M** Do mesmo, à morte de Dona Serafina **N** Epitáfio a ãa puta chamada Serafina **O** Epitáfio a ãa puta chamada Serafina / Soneto **Q** Soneto de Sucarelo / À sepultura de Dona Serafina, que morreu de boubas **R** Soneto de João do Sucarelo a Dona Serafina, que morreu de boubas **S** Epitáfio à sepultura de ãa Mulher Dama a que chamavam Dona Serafina, do mesmo Autor / Soneto **T** À morte de ãa Dama chamada Serafina / Soneto **U** A ãa mulher chamada Serafina, que morreu de boubas **V** Do mesmo D. Tomás, à morte de Dona Serafina / Soneto **W** A Serafina, que morreu de males **X Y** A ãa Dama chamada Serafina, que morreu de boubas / Soneto **Z** A Dona Serafina, que morreu de boubas / Do sucarelo / Soneto **AA** Soneto a Serafina, que morreu de /*boubas/ **BB** A ãa dama por nome Serafina, sepultada / Epitáfio de Doutor João Sucarelo / Soneto **DD** Soneto / A Dona Serafina, que morreu de boubas **EE** Epitáfio a ãa Dama / Soneto **FF** Soneto do Bacelar à morte de Dona Serafina **GG** Epitáfio à sepultura de ãa mulher / Soneto **HH**

1. debaixo] debaxo **A G H I R U HH**

3. jazer] fazer **M** jacer **U** ficar **FF** || debaixo] debaxo **H I R U** || enfim] assim **I O Q** já está **U** já **DD**

4. membros] braços **N** || estendia] movia **A D M S X Y Z AA EE**

repouso deu os membros quem sentia **I**

5. Serafina] Cera fina **C E R** || que a] a **V** || vendia] rendia **X Y Z**

6. tão amarela quanto mal curada **C L O Q DD** mais amarela quanto mais curada **A D M R S T U X Y Z AA BB EE GG**
tão amarela quanto mais curada **B E K HH** mais amarela que a mais curada **G H** mais amarela quando mais surrada **N**

7. até que] té **I O Q** || destilada] estilada **F N**

8. morreu] morre **D** morria **BB** || daquilo de que já] do mesmo do que já **C D** do mesmo mal de que **L** do mesmo de que já **A B E M R S X Y Z AA EE** do mesmo mal que já **K HH** daquilo do que já **N** do mesmo do que **O Q** daquilo mesmo que **V** do mesmo mal com que **BB** || vivia] morria **HH**

por estarem ardidos já morria **I**

9. Vós, maganas] Ó vós outras **C B E O Q DD** Vós, amigas **G H J FF** Ó vós, Damas **K HH** Vós, ó Damas **X Y** Vós, maganos **BB** A vós, maganas **GG** || a mão] as mãos **L T AA**

10. da aljubeira] da algibeira **C L A B D E F G R S T W X Y Z AA BB EE FF** da algiveira **D** de algibeira **H J** de algibeiras **M N** da algabeira **O Q V DD GG** de aljubeira **HH** || do estudante] de estudantes **B D M N DD** de estudante **E G H**

J

vedes vosso ser tão semelhante **I**

11. vede-vos bem] vendei-vos bem **C K O Q H H** vede-vos vem **D** vede-vos **Z** || nesta fatal] em tão fatal **G H** agora em tal **X Y** agora bem em tal **Z**

considerai-vos bem nesta desgraça **I**

12. Vós quero que] Vós quem quer que **F G H M N F F** Também quero **I** Vós quer que **J** || sejais] vejais **I O Q S X Y Z**
AA BB DD EE || o caminhante] ó caminhante **F G I O Q S X Y Z AA EE FF** os caminhantes **M DD** o caminhantes **N**

Vós (quem quer que sejais) ó Caminhante **W**

13. deste soneto] do meu soneto **A D** neste soneto **B E M B B** a este soneto **O** o meu soneto **S X Y Z AA EE** neste epitáfio **V** que neste soneto **K H H** || e nesta] desta **A D** nesta **G K R S V X Y Z AA EE** e desta **H N** em esta **O Q** que nesta **BB**
H H || escassa] fria **U**

neste morto espectáculo a traça **I**

14. desenganos aprenda a] que desengano seja a **A D R S V X Y Z AA EE** desenganos colhei da **F W** desenganos notai da **G** desenganos aprendei da **H J N** com que serve esta **I** desenganos aprende a **K B B H H** desenganosa prenda a **O Q** desenganos aprendei da **F F** || errante] errada **G H J**

Notas

1. Possível adaptação do *incipit* “Debaixo desta pedra está metido” de um soneto de Camões.

10. harpia – monstro fabuloso, com corpo de abutre, mas rosto de mulher. Metaforicamente, designa uma pessoa que vive de extorsões.

Arte poética

A rima deste soneto obedece ao esquema ABBA /ABBA /CDC / DCD. Domina o decassílabo heroico, mas no verso 1 é usado o pentâmetro iâmbico e são sáficos os versos 8, 11 e 13.

O soneto foi já editado por Topa (1999: II-Anexo, pp. 49-51), cujo modelo de edição é por nós seguido. A edição que apresentamos de seguida leva apenas em conta os testemunhos dos manuscritos principais e aqueles que, entretanto, acrescentámos ao que era conhecido.

Somando os testemunhos já conhecidos com os agora revelados, verifica-se que o soneto é transmitido por vinte e quatro testemunhos: quinze, que o atribuem a Sucarelo (três dos quais manuscritos principais); três, a D. Tomás de Noronha; dois, a Gregório de Matos; ao passo que os quatro restantes não apresentam indicação de autoria. Apesar destas divergências, cremos que a autoria de Sucarelo está bem consolidada na tradição testemunhal, tanto mais que esta inclui o Ms. **P**.

Manuscritos principais: **C**, pp. 125-126 / **L**, p. 12 / **P**, ff. 31v-32r

Manuscritos secundários: BA 49-III-49, ff. 460r-460v = **A** / BNP 1650, p. 349 (riscado) (an.) = **B** / PA, I, f. 93r = **D**

Versão de **P**

Soneto

A um Frade que fazendo os versos sem medida, dizia mal dos do Autor

Padre Girão, se a Vossa Reverência
lhe deu licença o louro Patriarca
para fazer os versos mais de marca,
foi mui bem dada em minha consciência.

5 Porém se lha não deu, mostre Vossência,
em Camões, Lope, Góngora ou Petrarca,
algum exemplo; e não me roce a alparca,
porque me dá c'um pau na paciência.

10 Se a Musa de Vossência é centopeia,
sevandilha dos charcos do Pegaso,
faça os versos, com Deus, de légua e meia.

Mas se algum dos coimeiros do Parnaso
os levar por compridos à cadeia,
que há de fazer Vossência neste caso?

Variantes

Legenda. Falta em C A certo frade, de alcunha o *Pontinha*, que fazendo versos grandes, repreendia os do Autor / Soneto **L**
Soneto do mesmo Autor a um frade que fazendo versos errados dizia mal dos outros **A** Ao Padre Girão, por fazer versos compridos / Soneto **B** Soneto do Sucarelo / A frei Manuel Girão, havendo feito ãa décima em que se notou um verso de comprido **D**

2. lhe deu] deu **D**

3. de] da **C L B**

4. foi mui bem dada] foi mui bem dado **A** está mui bem **D**

está bem dada em sua consciência **C L** bem dada foi em sua consciência **B**

5. Porém se lha] Porém se lhe **A** Mas se tal lhe **D** || mostre Vossência] morte vasência [*sic*] **A**

6. exemplo em Camões, Lope, ou Petrarca **B**

em Gongra, Camões, Lope, ou Petrarca **D**

7. Algum exemplo] Exemplo algum **C** || e] que me **A**

e não me ande por aqui roçando a parca **B**

e veja não me arroje mais alparca **D**

8. porque me dá] que me dará **C**

que me espanca com isso a paciência **D**

9. a Musa de Vossência] acaso a sua Musa **C** a Musa de Vasência **A**

E se Vossência é tal qual centopeia **D**

10. sevandilha dos charcos] sevandija dos charcos **C L** sevandija do charco **B** lagartixa das águas **D**

11. faça os versos] faça versos **C** versos faça **B**

12. Mas] Porém **C B** || dos coimeiros] coimeiro **C B**

Mas temo que algum conteiro do Parnaso **D**

13. os levar] lhos levar **C** lhos leve **D**

14. que será grave, e desestrado caso

Notas

2. louro Patriarca – referência a Apolo. Ver nota à réplica IV.

3. marca – grandeza prescrita pela lei.

5, 9 e 14. Vossência – truncação de *Vossa Excelência*.

10. sevandilha – espanholismo; o mesmo que *sevandija*, parasita.

Pegaso – ver nota à réplica IV. Note-se a acentuação grave de *Pegaso*, por questões métricas.

12. coimeiro – o que recebe coimas.

Parnaso – monte da Grécia antiga, residência de Apolo e das suas Musas.

Arte poética

A rima deste soneto obedece ao esquema ABBA / ABBA / CDC / DCD. Domina o decassílabo heróico, mas o verso 7 é sáfico.

VII.

Manuscritos secundários: BA 49-III-52, f. 97v (Padre Girão) = **A** / BGUC 526, f. 249v-250r (an.) = **B** / PA, I, ff. 93r-93v (an.) = **D**

Versão de **D**

Soneto em resposta

Diga, assim me perde a Reverência,
filho do Israelita patriarca,
que sendo tão Pigmeu só tem de marca
vida, língua, nariz e consciência:

5 condena-se em ouvir minha ciência[?]
 Não sabe que Camões, Lope ou Petraca
 não chegam com seu verso à minha alparca[?]
 Não me espera descarga e tem paciência

10 ao esperar {o} Mexias Sentopeia,
 que caminhando ainda qual Pegaso,
 não tem inda caminhado légua e meia[.]

Vaso sem par e nada de Parnaso,
sabe por que o não levo à cadeia[?]
Porque ãa Águia de Moscas não faz caso.

Variantes

Legenda. Do Padre Girão 60, em resposta pelos mesmos consoantes, aludindo o ser judeu o Autor do outro **A** Soneto do dito Padre, em resposta pelos mesmos consoantes a um soneto que está atrás f. 411, que começa “Padre Girião, se a Vossa Reverência”, que é de Sucarelo **B**

1. Diga, assim me perde] Assim diga me perde **A** Diga assim me perdoe **B**
3. sendo] com ser **A** || só] /*só/ **A**
5. Condena-se em] Condena sem /*vir/ me **A**
6. que se me ouvira vira que o Petrarca **A**
7. chegam] chega **A** chegaram **B**
8. espera] espera a **A**
9. ao esperar{o}] ao esperar o **D B** pera esperar o **A**
10. caminhando ainda] diz vem caminhando **A**

-
11. tem inda] tem **A** tem ainda **B**
12. de] do **A**
13. levo à] meto na **A**
14. de] das **A B** || caso] /*caso/ **A**

Justificação de emenda

9. A métrica obriga à supressão do artigo.

Notas

2. Israelita Patriarca – Abraão, o primeiro dos patriarcas bíblicos. No poema a expressão refere-se a António Sucarelo, pai do visado, aludindo à sua condição de judeu. Na Parte I do nosso trabalho provámos que a família não era da Nação.
4. vida – sugere-se, possivelmente, que o visado fosse espirituoso, dado ao humor satírico; atente-se no sentido pejorativo da palavra, reforçado pela palavra *língua*, entenda-se *maledicência*, que surge imediatamente a seguir.
- consciência – com o sentido de *opinião*, tendo em conta o contexto do poema anterior.
8. descarga – defesa, apologia.
- 10–11. O visado é objeto de insulto, sendo comparado a um cavalo *Pegaso* (cuja acentuação grave se justifica por questões métricas e rimáticas). Este, com uma patada, terá dado origem à fonte de Hipocrene, fonte de inspiração dos poetas. Apesar da comparação, sugere-se a fraca produção poética do destinatário.
- O verso 11 é hipermétrico.
12. Vaso – copo; por metonímia *aquele que bebe muito*, reforçado pela expressão *sem par*.
- Nada de Parnaso – desvaloriza-se a qualidade dos versos do visado.
14. Possível alusão ao provérbio latino *Aquila non capit muscas* traduzido como *A águia não caça moscas*.

Arte poética

A rima deste soneto obedece ao esquema ABBA / ABBA / CDC / DCD. Com as particularidades apontadas, todos os versos são decassílabos heroicos.

Manuscrito principal: P, ff. 32r-34r

Romance

Escrito de Lisboa ao Porto, a Manuel Pinto Leão

Senhor soldado da armada,
que andais por várias derrotas
de Lisboa para o Porto,
do Porto para Lisboa;

5 vós, que prezado de guapo,
vestindo sempre a la moda,
andais agora à Francesa,
por dentro como por fora;

vós, que sendo homem tão destro
10 em todos os idiomas,
nos países baixos destes
miseravelmente à costa;

agora que estais em férias,
freirando a toda a hora,
15 em São Bento co'a Menezes
e com Mariana da Rocha;

matando a puras *saudades*,
as freiras de Vilalonga
que por *gloriosas* merecem
20 ser de gloriosa memória;

vinde ouvir de Constantina
as queixas velhas e as novas,
dos ciúmes que lhe destes,
dos amores que hoje logra.

25 Ali passou três semanas,
ou de fina ou de teimosa,
sem chegar em nenhum caso,
nem à grade nem à roda.

Tantos dias estiveram
30 aquelas mãos pecadoras
sem desperdiçarem almas,
piedosamente ociosas.

Até que um frade Bernardo,
com mais potência que a vossa,
35 malhando no ferro frio
fez vir a pobreta à molha.

Dela se soube depois
que porque a vergonha à força
lhe atava as mãos nos afetos,
40 tinha ela mão na vergonha.

Até que à força de braço,
toda banhada d'aljôfar,
trocara a alma em miúdos,
de ai em ai, de gota em gota.

45 Do que na mão lhe meteram
deu Constantina tal conta
que é já mulher de enche-mão,
com grande enveja das outras.

Saudades está viúva,
50 Paula tem dado em fanchona,
Dona Caterina é simples,
Gerarda é comendadora.

Ana, com fome canina,
dada a perros, corre agora

55 c'um Judeu por mercancia,
fazendo o que fazem todas.

Se quiser[d]es de Palácio
ouvir cousas prodigiosas,
de candeias às avessas

60 Dona Alcantra e Dona Solfa;

vinde-me ver e deixai
de andar tirando às gaivotas,
de estar sobre ferro à vela
entre manopla e manopla.

Justificação de emenda

57. Em todo o poema a forma de tratamento é a da 2.^a pessoa do plural.

Notas

Legenda. Manuel Pinto Leão – é possível que se trate de Manuel Pinto de Leão, natural de de S. Pedro de Ferreiros no município de Cinfães, (Rezende e Rezende, 1988: p. 124), filho de Afonso de Leão e de Maria Roiz de Figueiredo. Terá sido mordomo da Santa Casa da Misericórdia do Porto.

2. derrotas – jogo de palavras, entre derrota no sentido de direção que as embarcações seguem no mar e derrota na aceção de fracasso.

7. andar à francesa – não é claro o sentido da expressão. Morais regista *roupa de franceses*, com o sentido irónico de objeto a que muito se julgam com direito e *vestir à francesa*, «segundo o uso, a moda da Corte, e de França».

11. Atente-se na conotação sexual da expressão.

16. O verso é hipermétrico, a menos que Mariana seja lido como trissílabo.

18. Vilalonga – freguesia do concelho de Vila Franca de Xira, atualmente designada Vialonga. As freiras de quem se fala no poema só podiam ser clarissas do Convento de Nossa Senhora dos Poderes, que terá sido mandado erigir por D. Brites de Castelo Branco por volta de 1561/62, uma vez que o outro convento da freguesia – o Convento de Nossa Senhora do Amparo – era de frades franciscanos.

38–40. vergonha – note-se a antanáclase. Na segunda ocorrência, designa o órgão sexual masculino.

42. aljôfar – aqui no sentido de sémen.

47. enche-mão – a locução não é usada no seu sentido normal, mas no sentido sexual.

50. fanchona – mulher homossexual.

51. simples – de acordo com Bluteau, o religioso(a) que não tem dignidade nem cargo algum na sua Religião.

62–64. Entenda-se: deixai de andar à toa.

Arte poética

O romance é formado por quadras heptassilábicas, com rima toante nos versos pares, que se mantém constante ao longo de todo o poema.

Manuscrito principal: P, ff. 34r-34v

Décimas

que fez o Autor em Coimbra aos partidos dos Médicos que não pagava o Reitor Manuel de Saldanha, sendo Tesoureiro da arca um Colegial de S. Paulo, Médico que se chamava fulano Peres. Fala um Estudante c'os Partidos

Est. Partidos desesperados,
pode ser que aborrecidos,
pois há tanto sois partidos,
inda agora sois chegados:
5 que tais vindes? *Part.* Mui gastados.

Est. Depressa vos cobrareis.

Part. Atentai no que dizeis
porque há piratas de marca.

Est. Noé salvou-se na arca;
10 também vós vos salvareis.

Part. Furta-se hoje seca e meca,
olivais de Santarém;
muito há que o rifão diz bem:
na arca aberta o justo peca.

15 *Est.* Quem a abriu? *Part.* Foi-se da beca.
Mas no que dela pilhou
São Paulo não dispensou.

Est. Si, mas eu sei que não medro.

Part. Dem as chaves a São Pedro,
20 que sempre abriu e fechou.

Notas

Legenda. partidos – fundos destinados às bolsas de estudo para a formação de médicos e boticários obtidos através de rendas que se coletavam em determinados concelhos e cidades.

Reitor Manuel de Saldanha – *vd.* nota ao poema “Si, Senhor, eu me vim dessa cidade”.

arca – a *Arca dos Médicos* era a arca com o dinheiro, em depósito, para pagar aos partidos médicos atribuídos à Universidade.

Colegial – os opositores a cadeiras das Faculdades, que já possuíam graus e viviam no colégio.

São Paulo – Real Colégio de São Paulo, um colégio universitário de Coimbra, fundado em 1559.

fulano Peres – seguramente o Doutor Gaspar Peres, também referido como Gaspar Pires de Figueiredo. Foi o tesoureiro da *Arca dos Médicos* pelo menos até 1640. Foi lente substituto de Cirurgia.

11–12. Adaptação da expressão idiomática *Correr Seca e Meca, olivais de Santarém*, que significa andar muito ou de um lado para o outro. No contexto do poema refere-se a furtar muito.

13. Embora não ponha em causa a métrica do verso, *muito* impõe uma sinalefa um tanto forçada. É de supor portanto que a forma original fosse *mui*.

15. foi-se da beca – o Doutor Gaspar Peres ocupou uma beca de Medicina. No poema, a referência *foi-se da beca* pode sugerir o facto de, eventualmente, ter deixado o Colégio.

18. medro – entenda-se: o estudante, por falta do dinheiro que lhe era devido para os seus estudos, não consegue progredir.

19–20. Subentende-se que, na opinião do estudante, a *Arca dos Médicos* devia ser guardada no Colégio Real de São Pedro, para se evitarem os desvios de dinheiro. As duas instituições referidas eram rivais, entre outros aspetos, quanto a privilégios adquiridos e à precedência nas cerimónias.

Arte poética

O poema é formado por versos de redondilha maior, agrupados em décimas espinelas, que recorrem portanto ao esquema ABBAACDDC.

Manuscritos principais: **L**, pp. 196-200 / **P**, ff. 41r-43r

Manuscritos secundários: BNP 13218, ff. 19v-21v = **A** / BPE M 173, ff. 159v-160r = **B**

Versão de **P**

Romance

Manda o Senhor Dom Miguel,
Segundo de Portugal,
que lhe faça este romance,
à luz deste castiçal.

5 Foi conforme neste voto
também Gervásio do Sal,
um Bacharel importuno
que anda muito e pouco val.

Obedeceu-lhe o poeta
10 porque é muito figadal
e porque com seus amigos
foi sempre mui cordial.

Vá com Deus, entre o Romance
sobre o pecado mortal;
15 antes que chegue a quaresma,
logremo-nos do carnal;

com condição que no cabo,
arrezando afinal,
diga no último verso
20 «et cetra Martim Pascoal».

Oh, que de putas cochambres
há no mundo, e cada qual

é flegelo da luxúria,
é fogo de São Marçal!

25 Que de moças melindrosas
vemos vir ao Hospital,
cuja saúde e beleza
parecia pedra e cal!

Por mais que o membro pespegue
30 duro como um mangual,
ou por mais grosso e redondo
do que é ùa mão de gral;

se lhe chega o mal Francês,
logo se rende a este mal,
35 senão seja testemunha
o membro do Marichal.

Maldito seja o cabrão
que metendo tal por tal,
fornicações multiplica
40 com potência de pardal.

Todo o vaso é sanguessuga
gulosa do radical,
e não há membro que ature
um cricalhão sensual.

45 Leve o Diabo o madraço
que faz picado três val,
sugando c' o vaso o trunfo,
sendo de paus o metal.

Estes Padres Reverendos,
50 franciscanos do saial,
fornicando a tutiplé,
sempre dão salva real.

E talvez se se enfastiam,
remetem c' o Rabaçal,
55 de sorte que não lhe escapa
nada ao membro genital.

Perca-se embora a semente
pelo vaso natural,
ut fecerunt Patres nostri,
60 como faz todo o animal.

Seja uma vez na semana,
que como diz Marcial:
«O caldo dos grãos dos Homens
é muito sustancial».

65 Este romance cantava
Gil Vicente, o Sarrabal,
tangendo-lhe Antão Temudo
e mais Victório Zagal.

Depois de terem bebido,
70 já fora da lei mental,
disse o Temudo: «Esto es hecho,
et cœtra Martim Pascoal».

Variantes

Legenda. Sobre a matéria vasta, ou fragilidade da carne, discorreu o Autor a pedimento de certo Cavalheiro, desta sorte no seguinte / Romance em -al **L** Do Doutor João de Sucarelo Claramonte / Romance feito à petição do Conde de Vimioso, D. Miguel de Portugal **A** Romance do Assucarelo **B**

3. lhe] vos **B**

5. voto] caso **L**

5-8. *Falta esta quadra em B.*

6. Gervásio] Gonçalo **L**

10. porque] e porque **B** || figadal] cordeal **B**

11. e porque] porque **B**

12. cordial] figuadal **B**

-
13. entre o] este **L** seja o **A**
15. antes que chegue a] e antes do que entre a **L** logremo-nos da **B**
16. logremo-nos do] gozemo-nos do **L** antes que entre o **B**
19. diga] dirá **L**
20. et] de **L** e **B**
21-24. *Falta esta quadra em B.*
21. putas] Moças **L**
Em L Moças está sublinhado.
26. vir] ir **L B**
31. ou] e **L A** || redondo] roliço **B**
33. o mal] mal **A**
36. o membro] a peça **L**
Em L, peça está sublinhado.
37-48. *Faltam estes versos em B.*
39. Cavalheiro, multiplique **L**
41. sanguessuga] sangue e água **L**
43. membro] história **L**
Em L história está sublinhado.
44. um cricalhão] uma brecha **L**
Em L brecha está sublinhado.
47. sugando] jogando **L A** || o] ao **L A**
50. do] de **A**
51. fornicando] escorvando **L**
52. sempre dão] dão sempre **B**
53. E logo se s' enfurecem **B**
54. c'o] ao **L** no **B**
56. ao membro] à coisa **L**
57. semente] semana **L**
58. pelo vaso] pela via **L**
59. Patres nostri] nostri **B**
61. semana] somana **B**
63. O caldo dos grãos dos] A todo los grandes **L**
64. sustancial] substancial **B**
66. o Sarrabal] ao seu Rabal **L** no arrabal **B**
67. tangendo-lhe] tocando-lhe **B**
71. disse o] disse **L**
72. et coetra] et cetra **A** ede cetra **B**

Notas

Legenda. Senhor Dom Miguel – supomos que se trate do VII Conde de Vimioso (Sousa, 1755: pp. 213-214).

6. Gervásio do Sal – terá sido um corregedor de Elvas⁸ e também mordomo do Hospital de D. Lopo, no Porto⁹.

⁸ *Vd. A Cidade de Évora*, Boletim da Comissão Municipal de Turismo, n.ºs 58-59, 1975, p. 342.

⁹ Cf. livro de *Despesa do Hospital Geral (1648-1732)*, n.º 6, fl. 43v.

10. figadal – cf. nota ao poema 25.

20. Martin Pascoal – apesar dos nossos esforços, não conseguimos identificar de quem se trata.

A métrica impõe que o vocábulo «Pascoal» seja lido como dissílabo.

21. cochambres – do espanhol; sujidade, porcaria.

24. fogo de São Marçal – segundo a lenda, o santo, com o seu cajado, fez vários milagres, nomeadamente apagar fogos. Estamos em crer que a referência a São Marçal é uma conveniência rimática. Pelo contexto, inclinamo-nos mais para a sugestão de uma doença que se chamava “fogo de Santo António” numa referência aos Irmãos Hospitaleiros de Santo António, que se especializaram no tratamento desta doença, causada pela exposição a uma determinada estirpe de fungos que atacava os cereais e cujos sintomas, entre outros, eram fortes sensações de queimadura nos membros, podendo levar à gangrena.

30. mangual – instrumento de madeira que serve para para debulhar cereais.

32. mão de gral – cf. nota ao poema 20.

33 mal Francês – sífilis.

36. Marichal – marechal.

40. potência de pardal – possível alusão ao facto de a ave poder procriar até três vezes por ano.

42. radical – cf. nota ao poema 20.

44. cricalhão – aumentativo de *críca*, ameixa seca, que, figurativamente, designa o órgão sexual feminino.

46. fazer picado três – mostrar um tento que se marca com três cartas, em certos jogos.

val – forma verbal; o mesmo que *vale*.

51. tutiplé – Provavelmente do espanhol *tutiplén*, que significa em abundância, com excesso.

52. salva real – descarga de vinte tiros; no sentido figurado, exagera-se a potência sexual dos frades.

54. Rabaçal – ver nota ao poema 28. Contudo, as conotações sexuais da sonoridade das palavras parecem-nos evidentes.

59. ut fecerunt Patres nostri – latim; *como fizeram os nossos Pais*.

62. Marcial – Marco Valério Marcial, poeta latino hispano-romano que terá vivido entre os séculos I e II.

66. o Sarrabal – Poderá ser uma alcunha atribuída ao autor, numa alusão às características do teatro cómico de Gil Vicente, uma vez que em Couto (1842: p. 242) encontramos a palavra com o sentido de lunário. Morais define *fazer lunários* como «ocupar-se em especulações frívolas».

67–68. Antão Temudo foi Cavaleiro do Hábito de Santiago e capitão do galeão S. João da Armada da Companhia Geral do Comércio do Estado do Brasil. Antão Temudo ou António Temudo foi referido por António da Fonseca Soares, posteriormente, Frei António das Chagas, no poema «Mil vezes Temudo amigo» (Pontes, 1953: p. 45, nota 36).

Vitório Zagalo foi Cavaleiro do Hábito de Cristo e capitão do galeão S. Pedro (Esparteiro, 1976: pp. 5-6; Monteiro, 2003 e Melo, 2007).

70. Com o raciocínio perturbado pela bebida. Joga-se com “Lei mental”, designação de uma lei promulgada pelo Rei D. Duarte, em 1434.

Arte poética

O romance é formado por quadras heptassilábicas, com rima consoante em “-al” nos versos pares, que se mantém constante ao longo de todo o poema.

37.

O soneto é transmitido por nove testemunhos manuscritos: dois principais, que o atribuem a Sucarelo, e sete secundários, que dão indicações de autoria contraditórias: quatro indicam como autor Jacinto Freire de Andrade, outro indica D. Tomás de Noronha, enquanto nos dois restantes a composição vem anónima. Apesar desta divergência, cremos que deve prevalecer a indicação dos manuscritos principais, tanto mais que **P** apresenta uma particular autoridade nesta matéria.

Manuscritos principais: **L**, p. 5 / **P**, ff. 43r-43v

Manuscritos secundários: BA 49-III-52, f. 64v (Jacinto Freire de Andrade) = **A** / BGUC 338, f. 330v (Jacinto Freire de Andrade) = **B** / BGUC 359, ff. 270r-270v (D. Tomás de Noronha) = **D** / BNP 6269, f. 108v (Jacinto Freire de Andrade) = **E** / BNP 10894, p. 311 (Jacinto Freire) = **F** / BNP 13098, p. 207 (an.) = **G** / TT F 33, f. 146v (an.) = **H**

Versão de **P**

Soneto

Contra outro que fez António Barbosa Bacelar que começa “Este nasce, este morre, acolá soa”

Acolá e acolá e acolá soa
quem com tanto acolá crê que é suave;
no Rossio um cavalo rincha grave,
zurrando um asno a Alvalade atroa.

5 Aqui, aqui e aqui vemos que voa
algum que foi raposa e hoje é Ave;
um abaixa a madeira, outro ergue a trave,
que nem sempre de um modo está a pessoa.

10 Um pisa as uvas, outro faz pindura,
o que aquele aborrece estoutro adora,
e é mais do que a beleza a prata amada.

Este Rocim respinga, aquele atura,
os fidalgos se rim e o povo chora,
e quem não tem dinheiro é nécio e nada.

Variantes

Legenda. Contrariando o Soneto de Bacelar à variedade do Mundo, que principia *Este nasce; outro morre; acolá soa.* &a pelos seus mesmos consoantes / Soneto **L** Jacinto Freire de Andrade 69. Em contraposição do Soneto antecedente, pelos mesmos consoantes **A** Soneto / De Jacinto Freire de Andrade em contraposição de outro que começa *Este nasce* &a **B** Soneto. D. Tomás / À variedade do mundo **D** Soneto de Jacinto Freire de Andrade em contraposição de um soneto que fica a números 55 e começa *Este nasce* &a **E** Em contraposição do soneto antecedente / Por Jacinto Freire **F** Em contraposição do soneto antecedente à variedade do Mundo / Soneto 207 **G** Soneto **H**

1. Acolá e acolá e acolá] Acolá, acolá; acolá **L A F** Acolá, acolá e acolá **B E H**
4. zurrando] sussurrando **E F** || a Alvalade] Alvalade **A E F G H** de Alvalade **B**
5. Aqui, aqui e aqui] Aqui, e aqui, e aqui **L** Aqui, aqui, aqui **A F**
8. está a pessoa] se enfaroa **L**
9. faz pindura] as dependura **A F**
10. o que aquele] e o que este **A F** a que aquele **D** o que um **B E G** || estrouto] estostro **A** essoutro **H**
11. e é] é **D** || do que] que **A F**
12. respinga] relincha **A F** || aquele] estostro **B E**
13. rim] riem **A G** || e o] o **A B D E F G**
14. e nada] ou nada **A B E F G H**
quem dinheiro não tem, é néscio, é nada. **L**

Notas

Legenda. António Barbosa Bacelar – foi um poeta português (1610-1663). Frequentou a Universidade de Coimbra, onde se doutorou em Leis. Foi corregedor em Castelo Branco, provedor em Évora, desembargador da Relação do Porto e magistrado na Casa da Suplicação em Lisboa. Muitos dos seus poemas foram recolhidos na *Fenix Renascida*. O soneto em causa foi também publicado nessa antologia (1746: II, p. 84) e foi modernamente editado por Cunha, 2007: pp. 578-579, a partir da qual o reproduzimos: «Este nasce, outro morre, acolá soa / Um arroio que baixa, aqui suave, / Um roixinol se queixa, quando grave, / Um leão com um rugido o monte atroa. // Aqui corre ãa fera, acolá voa / Com o grãozinho no bico ao ninho ãa ave, / Um derruba o edifício, outro ergue a trave, / Um caça, outro pesca, outro aforoa. // Um nas armas se alista, outro as pendura, / Ao soberbo Ministro aquele adora, / Outro segue do paço a sombra amada. // Este muda de amor, aquele atura, / Do bem de quem se alegra, o outro chora: / Oh mundo, oh sombra, oh zombaria, oh nada.//».

11. uvas de pendura – as que se costumam pendurar para se conservarem.
13. rim – o mesmo que *riem*.

Arte poética

A rima deste soneto obedece ao esquema ABBA / ABBA / CDE / CDE. Note-se que as últimas palavras de cada verso são as mesmas dos versos de António Barbabosa Bacelar, com exceção do que acontece no verso 8. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 4 e 9.

38.

O soneto foi já editado por Topa (1999: II-Anexo, pp. 52-53), cujo modelo de edição é por nós seguido. A edição que apresentamos de seguida leva apenas em conta os testemunhos dos manuscritos principais e aqueles que, entretanto, acrescentámos ao que era conhecido.

Somando os testemunhos já conhecidos com os agora revelados, verifica-se que o soneto é transmitido por trinta testemunhos: dezoito, que o atribuem a Sucarelo (três dos quais manuscritos principais); ao passo que cinco se pronunciam por Gregório de Matos, três por D. Tomás de Noronha e dois por dois outros autores – Fernão Correia de Lacerda e Troilo de Vasconcelos, enquanto os restantes dois apresentam o texto como anónimo. Apesar desta divergência, cremos que não se justifica pôr em causa a autoria de Sucarelo: a tradição manuscrita é-lhe claramente favorável.

Manuscritos principais: **C**, p. 123 / **L**, p. 11 / **P**, ff. 43v-44r

Manuscritos secundários: BA 46-VIII-44, f. 50r = **A** / TT Lv 2227, f. 190r (D. Tomás de Noronha) = **B**

Versão de **P**

Soneto

A ãa Dama presumida, Caterina dos sarafins, freira em Monchique

Rubi, concha de perlas peregrina,
animado cristal, viva escarlata,
duas safiras sobre lisa prata,
ouro encrespado sobre prata fina;

5 este o rostinho é de Caterina,
e porque docemente obriga e mata,
nem livra o ser divina o ser ingrata,
raio a raio os corações fulmina.

10 Viu-a Fábio ãa tarde, e transportado,
bebendo admirações e galhardias,
a quem tão grande Amor levantou aras.

Porém disse-lhe, amante magoado:
«– Oh, formosa gentil, que tal serias,
se sendo tão formosa não cagaras!»

Variantes

Legenda. A Dona Caterina, Freira / Soneto **C** Exagerações a uma Dama formosa / Soneto **L** Soneto de *Assucarelo* **A** A ãa Dama por nome Caterina / Soneto Burlesco **B**

1. perlas] perla **B**

B *apresenta o seguinte verso riscado:* Conchas de perlas estrela matutina.

3. lisa] fina **B**

5. Este o] Este **B**

6. e porque docemente] que porque docemente **L A** aquela que com seu amor **B**

Em B e porque docemente *está riscado, mas de uma forma que não impede a leitura.*

7. nem] não **C L A** mas não a **B** || o] ou **C** em **L**

8. raio] que raio **C** e raio **L A B** || os corações] corações **C**

9. Viu-a] Viu **C L** || e transportado] transportado **C**

10. *Em B*, em vendo adorações *está riscado, mas de uma forma que não impede a leitura.*

11. a quem] a **B** || tão grande] já **C** jactado **L** já tanto **A**

12. Porém disse-lhe] Disse igualmente **C L A** || amante] o amante **B** || magoado] e magoado **C L A**

13. “ – Oh,] Ah **B** || ferrosa] muchacha **C L A**

Nota

Legenda. Monchique – *vd.* nota ao poema “Meu Gregório Martins, Deão do Porto”.

Arte poética

A rima deste soneto obedece ao esquema ABBA / ABBA / CDE / CDE. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os v. 3, 4 e 8.

Manuscritos principais: **L**, p. 83 / **P**, f. 44r

Versão de **P**

Epigrama

Dando uns suores o Autor ao Vedor-geral António de Sequeira Pestana, lhe mandou ãas patacas, que o autor não quis aceitar e lhe respondeu

Deus, que ao Mundo por nós veio,
este preceito nos deu:
que viva cada um c'o seu
e não c'o suor alheio.

5 Assim que fora, Senhor,
estranho estilo e grosseiro
comer eu este dinheiro,
custando o vosso suor.

Variantes

Legenda. Dando um sujeito uns suores ao Vedor-geral António de Sequeira, não lhe quis aceitar paga / Epigrama **L**

Nota

Legenda. Vedor-geral António de Sequeira Pestana – personalidade de destaque na Guerra da Restauração e Fidalgo Cavaleiro, era natural da vila de Arronches, filho de Francisco Pestana. Ao Vedor-geral tinham de ser dadas contas de todas as despesas e receitas, nomeadamente dos Hospitais Reais da Província do Alentejo, pelas quais respondia na Corte. Dele dependia a ordem de pagamento dos salários dos médicos e cirurgiões.

Arte poética

O poema é constituído por quadras heptassilábicas, com esquema rimático em ABBA.

O romance é transmitido por 16 testemunhos manuscritos: três principais e treze secundários. O facto de um destes últimos atribuir o texto a Jerónimo Baía não põe em causa a autoria de Sucarelo, que nos parece bem consolidada, tendo também em conta o teor da réplica que se lhe segue.

Manuscritos principais: **C**, pp. 105-108 / **L**, pp. 167-171 / **P**, ff. 44r-46r

Manuscritos secundários: ACL A 693, ff. 83r-84r = **A** / ADB 373, ff. 188v-189v (Jerónimo Baía) = **B** / BA 49-III-50, pp. 567-568 = **D** / BGUC 362, ff. 422v-423r = **E** / BGUC 389, ff. 21r-22v (an.) = **F** / BGUC 405, ff. 48v-49v = **G** / BMC B 52/3, pp. 191-193 = **H** / BNP 6269, ff. 246v-247r = **I** / BNP 8575, ff. 135v-136r = **J** / BPMP 127, ff. 198r-198v (an.) = **K** / BPMP 1157, ff. 190v-192r = **M** / BPMP 1396, ff. 255r-256v (an.) = **N** / PA, I, ff. 69r-69v (an.) = **O**

Versão de **P**

Romance

Feito em Coimbra no ano de 1645, pregando em Santa Ana Frei Jerónimo de Moura, homem de extravagante génio

Reverendo Estagirita,
peripatético Mico,
Anticristo que pregais
giringonças ao divino;

5 Lutero dos idiomas,
com provérbios esquisitos,
enigma, tudo conceitos,
prosa, tudo labirintos;

enquanto vos poupa um raio
10 e vos perdoa um corisco,
ou vos não parte um badalo
d'algum dos celestes sinos;

fazei confissão geral
de todos vossos delírios,
15 e será a primeira ação
vossa feita com juízo.

Recolhei-vos a vós mesmo,
e quiçá que arrependido
venhais a estado de graça
20 com que pregueis sem fastio.

Aquele conhecimento
que chamastes comprensivo,
nunca pude compreender
para que fora trazido.

25 Nem levar em paciência
chamar[d]es a São Francisco
Cristo feito de burel,
por se parecer com Cristo.

Na questão que levantastes,
30 esbabacando os ouvidos,
ficou-vos um pé no ar,
outro fora do estribo.

Não me há de passar por alto
aquele passo do livro;
35 vós perdestes-vos no passo,
nós perdemo-nos de riso.

Alegar mal os latins,
dar erros, dar solecismos,
isso é galantaria
40 no Doutor de São Martinho.

Mas em vós que o sabeis todo,
é desconcerto, é delírio,
digno de ser relaxado
à censura dos mininos.

45 Não sabeis que estais na Terra
onde o mais breve mosquito

da luz tira residência
ao sol no seu Epiciclo?

Pois se o sabeis, que vos move
50 a chamardes-vos altivo,
Evangélico Orador,
tendo tão infame estilo?

Mas com tanta confusão,
bem hajam vossos amigos
55 que receitar-vos souberam
de ãa retirada o fio.

Onde em mais pios sujeitos
podeis, brilhante Narciso,
clarins espalhar à Fama,
60 em aplausos repetidos.

Porque esta terra não sofre
(será de pequena indício)
nem cómicos de baeta
nem pregadores de chispos.

Variantes

Legenda. Romance Satírico / A um Pregador culto em um Sermão do Evangelista **C** A Frei Jerónimo de Moura, que sempre falava culto, sobre um sermão que ele pregou em Coimbra, como obra sua / Romance **L** Romance / A Frei Jerónimo de Moura, vindo a esta Universidade pregar **A** Sátira feita a um frade Tomarista, pregando em Santa Ana de Coimbra de S. Francisco, feita pelo Baía **B** A um Pregador culto, em um Sermão do Evangelista **D** Romance Satírico / A Frei Jerónimo de Moura, sobre o sermão que fez em Santa Ana de Coimbra / Autor Sucarelo **E** A Certo Pregador Mau / Romance **F** A um pregador culto / Romance. Sucarelo **G** Sátira feita a Frei Jerónimo da Mata / Pelo / Sucarelo **H** A frei Jerónimo de Moura, pregando em Santa Ana de Coimbra / Sucarelo **I** Do Sucarelo a um sermão de Frei Jerónimo de Moura / Romance **J** Romance a frei Jerónimo de Moura **K** Sátira a um sermão de Frei Jerónimo de Moura do Evangelista Suraculeo [sic] **M** Romance **N** Romance / A certo pregador **O**

1. Estagirita] Estagerista **C L B D E G H I J K M N** Estadegista **F**

3. pregais] pregas **M**

4. giringonças] geringonça **K** || ao] a **B**

Post 4. **B** apresenta a seguinte sequência: Com provérbios esquisitos, / enigma, tudo conceitos, / Lutero dos idiomas, / prosa, tudo labirintos;

6. com verbos hermafroditos **C K N** com verbos hermafodritos **L G** com versos hermafodritos **A** com versos, com aforismos **D** com versos Heremafroditos **E** com verbos hermafodritos **F** com verbos hermafroditos **H J** com verbos hermafroditos **M** com verbos amafodritos **O**

7. tudo conceitos] todo conceito **C D** todo o conceito **L A E F H J K M N**
enigma [sic], todo o conceito **G** enigmas todo o conceito **M O**

8. tudo labirintos] todo labirinto **C D** toda labirinto **L**

toda a prosa labirinto **A E H J K** prosas tudo labarinto **F M** toda a frase labarinto **G** toda a pobreza labirinto **N** prosas todo labarintos **O**

9. poupa] perdoa **G**

10. e] ou **L** || perdoa] poupa **G**

11. ou] e **A E H M** || parte] passa **L** || um] algum **J** o **O**

12. d'algum] de alguns **J** || dos] desses **H** || sinos] signos **C L A B D E F G H J K M N O**

14. delírios] delitos **A B E G H I O**

15. e será] será **N** || a primeira ação] a ação primeira **M** primeira **O**
e pública penitência **A E** e publicai penitências **H**

16. feita] obrada **B**

de tudo o que tendes dito **A E H**

17. a] com **A E H** em **O**

18. e quicá] de preço **D** e talvez **I**

20. com] e **G** || preguéis] faleis **A E H** || sem fastio] com juízo **G**

22. chamastes] chamaste **L B J N** || compreensivo] compreensivo **A B D E F G H I J K M N O**

23. pude] lhe pude **J N** || compreender] compreendê-lo **L** entender **J K N** compreender **O**

jamais vos pude entender **A E H** jamais o pude entender **G**

24. para que] a que fim **B** || fora] fosse **D J K N**

25. levar em] meter na **C B D F G H J K N O** levar à **L**

26. chamar[d]es] chamares **P C L B G I K** chamastes **D** chamareis **H**

27. Cristo feito] Crucifixo **B G H**

29. levantastes] levantaste **L J N** alevantastes **G**

29–36. *Faltam estes versos em F.*

30. esbabacando] embasbacando **L** || ouvidos] ouvintes **M**

embasbacando os sentidos **A E H J K N** embaraçando os sentidos **G**

Em I esbabacando está sublinhado.

32. outro] e outro **I** || fora do] mal posto no **C L A D E G H K N** mal posto **J**

33. Não me há de passar] Não hei de passar **A E G H** Não me passará **B**

34. do] de **L** || livro] libro **B K**

35. perdestes-vos] vos perdestes **I** perdeste-vos **J K N** || passo] paço **B**

porque inda que o não provastes **A E** que inda que o não provastes **G** porque ainda que o não provastes **H** pois sem dardes passo nele **M O**

36. perdemo-nos de] perdemo-nos com **C** perdemos-nos de **D** nos perdemos com **I**

foi galante passo, amigo! **A E G H** destes passo a grande riso **M O**

Post 36. **A** apresenta a seguinte quadra: Pôr-se um cómico a pregar / desde um púlpito subido / permite-se aos entremezes / que são matérias de riso.

Em **E** e **H** a quadra reveste a seguinte forma: Pôr-se um cómico a pregar / desde um púlpito subido / permite-se os entremezes / que são matérias de riso.

Em **G** a quadra apresenta-se assim: Pôr-se um cómico a pregar / desde um púlpito subido / permite-se ao entremez / que são matérias de riso.

37. mal os latins] mal nos latins **A E** com o latim **I** mal os conceitos **M**

38. dar solecismos] dar solescismos **C** dar solegismos **L** e silogismos **B** dar barbarismos **F** dar soloscismos **J** dar solocismos **N** e solecismos **O**

39. é] era **C L A D E G H J K M N O**

40. no Doutor] no dia **B** em um Doutor **J N** em o Doutor **K** do Doutor **M** || de São] São **J K N**

41. o sabeis todo] sabeis tudo **G H I** sabem todos **K** o sabeis **M**

42. delírio] delito **C L A D E F G H J K M N O**

43. que houveram de castigar **A E H** que houveram de castigar-vos **G**

44. à censura dos] às pedradas os **A E G H** às censuras dos **M** || mininos] domínios **N**

Post 44. **C** apresenta os seguintes versos: Mal haja quem vos alquila / neste trabalhoso ofício / donde o homem mais letrado / sai cabaça ou pepino. // Buscar vista entre as pestanas, / e prezar-vos de mal visto, / mais que donaire parece / cegueira de presumido.

Post 44. **L** apresenta os seguintes versos: Busca vista entre as pestanas, / e prezar-vos de malvisto, / mais que donaire, parece / cegueira de presumido.

Post 44. **B** não apresenta mais versos.

Post 44. **A** e **E** apresentam as seguintes quadras: Se um homem por desgraçado / veio a faltar-lhe o juízo, / porque o não há com rapazes / ou se vai lançar no rio? // Mal haja quem vos alquila / neste trabalhoso ofício / onde os homens mais letrados / saem cabaça ou pepino. // Amigo samaritano, / recebei-me este exorcismo, / que falo puras verdades / em tudo quanto vos digo.

Post 44. **D** inclui estes versos: Buscar vista entre as pestanas, / é prezar-vos de malvisto, / mais que donaire, parece / cegueira de presumido.

Post 44. Em **F** segue-se esta quadra: Buscar vista entre as pestanas, / cegueira de presumido / mais do que pregar parece / parte do enxoval de lindo.

Post 44. **G** inclui uma quadra com esta forma: Buscar vista entre as pestanas / e prezar-vos de malvisto, / mais que doudice parece / cegueira de presumido.

Post 44. **H** apresenta os seguintes versos: Se um homem por desgraçado / veio a faltar-lhe o coiso, / porque o não há com rapazes / ou se vai lançar no rio. // Mal haja / *quem / vos alquila / neste trabalhoso ofício / onde os homens mais letrados / saem cabaço ou pepino. // Amigo samaritano, / recebei-me este exorcismo, / que falo puras verdades / com tudo quanto vos digo.

Post 44. **J, K** e **N** inserem a quadra seguinte: Buscar vista entre as pestanas, / e prezar-vos de malvisto, / mais que donaire, parece / cegueira de presumido.

Post 44. Após os versos anteriores **A, E** e **H** não apresentam mais versos.

45. Não sabeis que estais na] Vós sabeis que estais em **C G J K N** Pois sabeis que em tais em **L** Vós sabeis que estais na **D** Não sabeis que estais em **O**

45-64. Faltam estes versos em **A, B** e **H**.

46. onde] donde **C D G M** || o mais] mais **N** || breve] bre **I** leve **J**

47. da luz] ao sol **F** de luz **G O**

48. ao sol no seu Epiciculo **C** ao sol, no doirado signo **L** ao sol no dourado ciclo **D** no seu dourado epiciclo **F** ao sol no dourado estio **G** ao sol no seu epicidio **I** ao sol no dourado siglo **J K** ao sol no seu Epociglo [sic] **M** ao sol no dourado signo **N O**

49. se o] se **G K** || que] quem **O** || vos] nos **K**

50. chamardes-vos] chamares-vos **L D G I K** chamarde-vos **J N**

a chamar-vos presumido **C F M O**

51. Evangélico] Evangélico e **C** Evangelista **L**

52. porque o disse Paravessino **C** porque o diz Paravezino? **L** porque o disse Paravezino **D** porque o disse Parassino **F** porque o diz o peziho [sic] **G** porque se diz Agostinho **J** porque o disse pravicino **K** porque o diz paravescino **M** porque se diz Augostinho **N** porque o disse Paraverino **O**

Post 52. **M** *apresenta estas duas quadras*: Buscar vista entre as pestanas / e prezar-vos de malvisto, / mais que donaire, parece / cegueira de presumido. // Pelas quatro Avé-marias / bem podereis pedir cinco, / não pelo bem que pregaste, / mas por nos deixardes vivos.

53. com] em **C L D F G J M N O** se em **K**

54. bem] mal **G** || vossos] nossos **J** os vossos **M**

55. receitar-vos] retirar-vos **F G**

56. fio] pico **G**

57. Onde] Donde **C G J K** || em mais pios sujeitos] no estado ditoso **L** em estado ditoso **M**

Donde em mais pior sujeito **D** Donde em mais ricos sujeitos **O**

58. podeis] possais **C**

59. espalhar] esgotar **C L D F G J K M N O** || à Fama] da fama **K** a fome **M**

60. em aplausos] com aplausos **C D G J K N O** em afetos **L**

61. esta] desta **G** || sofre] logra **C D F G J K M N O**

62. pequena] pequeno **N**

(será de pequena) indícios **D** como já tendes ouvido **G** para de pequeno indício **I** (será de pequena indício **J** será de pique-no indício **K** (será de pequeno indício **M**

63. nem] não **I** || baeta] baieta **L G**

64. nem] não **I** || chispos] chispo **C L D G I J K N O**

Post 64. **C** *inclui a seguinte quadra*: Pelas quatro Avé-marias / bem podereis pedir cinco, / não pelo bem que pregastes, / mas por nos deixar[d]es vivos.

Post 64. **G** *apresenta as três quadras seguintes*: Já a um por desgraçado / veio a faltar-lhe o juízo, / porque o não há com rapazes / ou vá-se lançar num rio. // Mal haja quem vos alquila / neste trabalhoso ofício / onde os homens mais letrados / sabem a cabaça ou pepino. // Amigo samaritano, / recebei-me este exorcismo, / que falo puras verdades / em tudo do que vos digo.

Justificação de emenda

26. A forma de tratamento é a da 2.ª pessoa do plural.

Notas

Legenda. Frei Jerónimo de Moura – apesar dos nossos esforços, não conseguimos identificar o visado no poema, apenas sabemos que participou nas *Memorias Funebres...*, tal como João Sucarelo.

Santa Ana – ver nota ao poema 46.

1. Estagirita – o frade é ironicamente comparado a Aristóteles, a quem chamavam o Estagirita, por ser da cidade de Estagira, que ficava na Macedónia.
2. Mico – demónio.
5. Lutero – ver nota ao poema 23. No século XVII, «os poetas cultos [eram vistos como] heréticos» (Aguar e Silva, 1971: p. 478).
13. confissão geral – aquela que envolve todos quando assistem à missa e que antecede o ato de comungar. No poema, o sujeito da enunciação exorta o padre a confessar-se publicamente.
27. burel – hábito religioso feito de tecido grosseiro.
30. esbabacar – variante arcaica de *embasbacar*.
- 31–32. O sermão proferido por Jerónimo de Moura teria muitas inconsistências.
40. Doutor de São Martinho – referência a Santo Hilário de Poitiers (300-367) – doutor da Igreja Católica – de quem Martinho de Tours foi discípulo.
43. relaxar – neste sentido, *condenar*.
- 45–48. A metáfora tem como objetivo criticar a falta de humildade de Frei Jerónimo de Moura.
51. Orador Evangélico – é o mesmo que Orador Sagrado, aclamação para aquele que prega sermões ou faz práticas religiosas.
- 55–56. Possível alusão ao facto de o sermão poder ter sido interrompido.
58. Narciso – herói da mitologia grega, conhecido pela sua beleza e arrogância e vaticinado à nascença com uma vida longa, desde que não contemplesse a sua própria figura, o que não veio a acontecer. É o símbolo da vaidade.
59. Fama – divindade feminina greco-latina encarregada da divulgação de toda a espécie de notícias, quer fossem boas ou más.
64. chispos – sapatos de mulher muito altos e bicudos.

Arte poética

O romance é formado por quadras heptassilábicas, com rima toante nos versos pares, que se mantém constante ao longo de todo o poema.

VIII.

Manuscritos secundários: ACL A 693, ff. 84r-84v (Frei Jerónimo de Moura) = **A** / BA 49-III-50, pp. 568-569 (an.) = **B** / BGUC 362, ff. 423r-424v (Frei Jerónimo de Moura) = **D** / BNP 8575, ff. 136r-137r (Frei Jerónimo de Moura) = **E** / BPMP 127, ff. 199r-199v (an.) = **F** / BPMP 1396, ff. 256v-258r (Jerónimo Baía) = **G**

Versão de **B**

Resposta a um médico que fez o romance acima

Ó tu, Médico em ditongo,
cura-potros por ofício,
meio mono, meio rolho,
mal barbado por lampinho;

5 Cerurgião de Cochichina
me pareces mui ao vivo,
Doutor só de trapos velhos,
ou senão Doutor em cisco;

homem chato e carilongo,
10 que te vestes de comprido,
não murmures dos que pregam
como manda Jesus Cristo.

A minha prosa não pode
tragá-la nenhum cochino;
15 pode contudo, Senhor,
mordê-la qualquer perrinho.

Vilão tosco nunca soube
mais que a vida a Valdevinos;
como hás de saber do culto?
20 Como hás de saber do fino?

Antecristo tu me chamas,
melhor fora antebugio,
que esse tal qual tu és
faz temer o meu latido.

25 Grandes piedades vos devo;
 (oh, como sois compassivo)
 pois temeis que possa um raio
 dar comigo no abismo!

 Olhai, Douto: nunca um raio
30 doutro raio vi ferido;
 do badalo só me temo,
 que sois vós badalo fino.

 Õa confissão geral
 me mandais fazer; eu digo
35 e confesso geralmente
 que vos tem por mafodrito.

 Que me recolha a mi mesmo
 dizeis muito em vosso siso,
 pois, Senhor, para o diante,
40 a vós só para o ensino.

 Quer falar na Teologia
 um barbado de improviso,
 barbado a pouca broa,
 ou de centeio ou de milho.

45 Uma questão de grossuras
 tem você, Senhor apógrifo,
 bem que inda assi a não tem,
 juro ao hábito de Cristo.

 Senão digam-no meus males
50 que nas mãos de tal cachimbo,
 sendo achaques de discreto,
 os fazia de tolhido.

 Oh, que pontinho toquei
 meu rolho, meu Senhor brinco,
55 ou para falar mais certo,
 de Ricardo grão burrico!

Para barbar-se receita
Vossarcê algum trovisco,
e não nos queira apurar
60 o burel de São Francisco.

E se por ele lhe chamo
de Cristo retrato vivo
porque há de ser em mi culpa
imitar Paravecino?

65 Nisto do livro já sabe,
Doutoraço ou Doutorinho,
que as cousas não as entende
quem não entende é menino.

Assi não lhe dou resposta
70 ao que toca latinismo,
que fora /*muito/ erro grande
pôr-me com um tal aos pinchos.

Só digo, Senhor fidalgo,
por o ter a meu princípio,
75 que de tontos e de néscios
mal se livra um entendido.

Variantes

Legenda. Resposta **A** Resposta de Frei Jerónimo de Moura **D** Resposta de Frei Jerónimo de Moura ao mesmo Sucarelo / Em Romance **E** Resposta do Frade **F** Resposta de Frei Jerónimo Baía / Romance **G**

2. cura-potros] cura-potras **D E G** cura-portas **F** || ofício] ofícios **E**

3. mono] momo **A D**

4. lampinho] lampino **F**

5. Surgião da Cauchichina **A D** cirurgião da Cochichina **E** çurgião de cochichino **F** cerurgião de Cochinchino **G**

6. pareces] /*pareces/ **A** || mui] muito **A D E G**

10. que te vestes] quem te vestiu **A D E F G**

11. dos que pregam] de quem prega **G**

12. Jesus] Jesu **A D G**

14. nenhum] qualquer **F**

18. a vida] e vida **G** || Valdevinos] Valdovinos **A F**

20. saber] entender **E F G**

-
23. porque qual tu és, velhaco **A D** porque qualquer que tu és **E F G**
25. vos devo] devo **G**
26. oh, como sois compassivo **A D E G** e como sois compassivo **F**
28. no abismo] nos abismos **A D** lá no abismo **E G**
29. Douto] Doutor **E G** || um] a um **G**
34. eu digo] indigno **A D** e eu digo **E G**
36. que vos tem] vos tenho **A D** vos tem **G** || mafodrito] mafrodito **D** hamafordito **F** hemafrodito **G**
seres vós hermafrodito **E**
37–40. *Faltam estes versos em F.*
38. dizeis] me dizeis **D**
39. pois que, meu senhor pedante, **A D** sem temer que vos perguntem **E** sem temer que vos pergunte **G**
40. só para o] para vosso **A D**
quem te deu tamanho pico **E G**
41. na] em **G**
43. a pura broa criado **E G** a pouca broa barbado **F**
45. grossuras] apogrifos **E F** apogrificos **G**
46. você, Senhor] meu senhor **A D** você, Sô **E F** você, sou **G** || apógrifo] apogrífico **G**
47. inda] ainda **D E** || a não] o não **E** o **F** não **G**
49. digam-no] digam a **A**
56. grão] grã **E F**
57. Para barbar-se] Pera ter barbas **E F G**
58. Vossarcê] que se coza **E G**
59–62. *Faltam estes versos em E, F e G.*
63. mi] minha **A**
64. imitar Palavicino **E G** imitar a Pravicino **F**
65. sabe] sabes **E**
68. não] no que **A D F G** no que as **E**
69. Assi não lhe] E assi lhe não **A D** Assi lhe não **F**
70. ao que] porque **E F G**
71. que fora /*muito/ erro] porque fora um erro **A D** que seria erro mui **E G** que fora erro mui **F**
72. um tal] tal burro **E G** um burro **F** || pinchos] rinchos **F**
74. por o] pelo **E F G**
76. livra] lembra **A D**

Notas

1. Médico em ditongo – possível alusão ao primeiro nome do visado (João) ou ao facto de ele ser simultaneamente médico e poeta.
3. mono – segundo Moraes, significa macaco ou, em sentido figurado, pessoa muito feia.
rolho – baixo e gordo.
lampinho – sem barba.
5. Cochichina – o mesmo que Cochinchina, região ao sul do atual Vietname, assim designada pelos portugueses em quinhentos para a distinguir de Cochim, na Índia. Figurativamente designa um local distante.
A métrica obriga à leitura de «Cerurgião» como trissílabo .
8. cisco – ver nota ao poema 27.

-
9. carilongo – não encontramos a palavra dicionarizada, mas trata-se certamente da aglutinação de *cara* e *longo*, com o sentido de rosto comprido.
10. vestir de comprido – à época, significava vestir com o traje da Universidade de Coimbra ou de Évora¹⁰.
14. cochino – o mesmo que *cochinho*; porco.
16. perrinho – diminutivo de *perro*; cão.
18. Valdevinos – ver nota à réplica V. No entanto, no contexto do poema, adquire o sentido de estroina, pobretão.
20. fino – subtil.
22. bugio – espécie de macaco.
32. badalo – Constâncio (1836: p. 152) regista a palavra como sinónimo de *badajo*, um espanholismo com o sentido de tagarela e tolo.
33. confissão geral – ver nota ao poema anterior.
36. mafodrito – o mesmo que *hermafrodita*; que apresenta características dos dois sexos. No poema, será uma possível referência ao facto de o visado não ter barba.
48. hábito de Cristo – insígnia da ordem de Cristo.
50. cachimbo – o nome pode estar relacionado com um sentido de *iludir*, *enganar*, do verbo *cachimbar*, que Morais regista.
46. apógrifo – o mesmo que *apócrifo*. O sujeito da enunciação acusa o visado de fazer poesia de pouca qualidade ou de não ser o autor dos versos que apresenta.
54. brinco – ludíbrio, aquele que é objeto de escárnio.
58. trovisco – segundo Bluteau, é um arbusto pequeno «que usavam os Antigos, para purgar com violência as serosidades». Possível alusão ao facto de o visado poder apresentar acne.
59. apurar – neste sentido, poderá significar *pedir explicações*.
60. burel – ver nota ao poema anterior.
64. Paravezino – Hortensio Félix Paravicino y Arteaga, orador e poeta espanhol (sécs. XVI-XVII). Religioso trinitário, foi o principal representante da oratória barroca, tendo cultivado também a poesia gongórica.

Arte poética

O romance é formado por quadras heptassilábicas, com rima toante nos versos pares, que se mantém constante ao longo de todo o poema.

¹⁰ Cf. *Ordenação e Leys do Reyno de Portugal...*, 1742: p. 216.

Manuscrito principal: P, ff. 46r-46v

Redondilha

Indo Martim Peixoto, Médico do Porto, que era doudo, a Guimarães, teve ãas disputas co'o Médico António Meireles de Guimarães, que lhe deu por isso com um pau

Foi Peixoto a Guimarães;
fez progressos, mas sobre eles
deu-lhe o Médico Meireles
daquelas que dão aos cães.

Arte poética

Trata-se de uma quadra em versos de redondilha maior, com rima do tipo ABBA.

42.

Manuscrito principal: **P**, ff. 46v

Outra

Vindo o Autor das Caldas, mandou um moço buscar Carneiro ao açougue a 25 réis o arrátel, sendo que o preço passado era a 20 réis e nesse tempo era Vereador mais velho António Carneiro de Vasconcelos

Carneiro de Vasconcelos
a vinte cinco; arre lá;
acabado o Porto está
pelos Santos amarelos.

Notas

Legenda. arrátel – antiga unidade de medida, que correspondia a 459 gramas.

Vereador mais velho – ou 1.º Vereador, assim designado por ser o de maior idade dos três que existiam nas antigas Câmaras.
António Carneiro de Vasconcelos – foi vereador no Porto na altura da aclamação do Rei D. João IV, como consta de uma ata de 8 de dezembro de 1640. Foi Fidalgo Cavaleiro da Casa Real, filho de Miguel de Couros Carneiro de Vasconcelos e de Catarina Barreto, casado com D. Maria da Costa Falcão.

4. pelos Santos amarelos – locução interjetiva com claro valor de desagrado.

Arte poética

Trata-se de uma quadra em versos de redondilha maior, com rima do tipo ABBA.

Manuscrito principal: P, f. 46v

Outra

Mandando pedir a Nuno Barreto um frasco de vinho, em tempo que andava Manuel Pinto Leão ameaçando ao Autor

Mandai vinho tinto
para me alentar,
que anda Manuel Pinto
para me matar.

Notas

Legenda. Nuno Barreto – talvez se trate de Nuno Barreto Fuseiro, natural da cidade do Porto e filho de João Nunes Barreto, Senhor dos Coutos de Freiriz e Penagate, e de Ana de Sande Fuseiro, herdeira do Morgado dos Fuzeiros. Casou com D. Maria Pimenta da Silva e foi Provedor da Santa Casa da Misericórdia do Porto de 1666 a 1667.

Manuel Pinto Leão – muito provavelmente Manuel Pinto Leão, natural de S. Pedro de Ferreiros no município de Cinfães, filho de Afonso de Leão e de Maria Roiz de Figueiredo.

Arte poética

Trata-se de uma quadra em versos de redondilha maior, com rima do tipo ABBA.

44.

Manuscritos principais: **L**, p. 17 / **P**, f. 47r

Manuscrito secundário: **PA**, I, f. 199v-200r (an.) = **A**

Versão de **P**

Soneto

A Grácia da Costa, ãa mulher Cortesã do Porto, que andava com um homem que chamavam Manuel de Sousa, o Galhardo

Aqui de costas jaz Grácia da Costa;
acharam-lhe duzentos mil em prata,
porque nunca foi gratia gratis data,
sendo sempre galharda e bem disposta.

5 Mulher que nunca dava má resposta
por não ser tida por patifa ingrata;
não se vendia cara nem barata,
senão em meio de que o Mundo gosta.

Lá vai bem pesarosa a criatura
10 dar conta ao Criador de seus pecados,
que cometeu com tanta simonia^I.

Deixou por seu herdeiro ao Padre Cura^{II},
deixando-lhe à razão de dous cruzados
ũa missa e memento cada dia.

^I Porque vendia a graça.

^{II} Gonçalo Gomes, que era Cura de São Nicolau.

Variantes

Legenda. À morte de ãa mulher pública chamada Engrácia da Costa, que foi pouco interesseira e deixou duzentos mil reis em prata ao Cura da Freguesia / Soneto **L** Soneto a ãa dama pouco interesseira: epitáfio **A**

2. acharam-lhe] que tinha os seus **L A**

4. sendo sempre galharda] e sempre foi roliça **L A**

6. por não ser tida por patifa] por lhe alguém não chamar grosseira **L** por lhe alguém não chamar coxambre **A**

8. sempre com o que lhe davam mui composta. **L A**

9. Ninguém do corpo a viu fazer usura **L A**

10. dar conta ao Criador de] de graça sempre o fez por **L A**

11. que cometeu com tanta] cometendo perpétua **L A**

12. Deixou] Ficou **L A** || ao] o **L A**

13. deixando-lhe] cantando-lhe **L A** || de dous] dos seus **L** de seus **A**

14. uma missa e memento] a reza dos mementos **L** a missa dos mementos **A**

Notas

Legenda. Manuel de Sousa, o Galhardo – cremos tratar-se do Capitão de Infantaria e cidadão do Porto Manuel de Sousa Galhardo, morador na Rua Nova, irmão mais velho do Doutor Santos de Sousa, destinatário do poema “Foi Sílvio para Alentejo”.

3. gratia gratis data – latim; *graça dada de graça*.

11. simonia – compra ou venda ilícita de coisas espirituais, numa alusão indireta e jocosa ao patronímico *Grácia*.

14. memento – oração que se reza pelos defuntos e que principia pela palavra latina *memento*, que significa *lembra-te*.

ⁱⁱ – Não conseguimos encontrar registos de Gonçalo Gomes na paróquia de São Nicolau, no Porto. Contudo o padre aparece mencionado num registo como celebrante de um casamento ocorrido a 14 de feevereriro de 1649, na ermida de Nossa Senhora da Graça (Costa, 1706: I, p. 353, situa-a na paróquia da Vitória, da mesma cidade).

Arte poética

A rima deste soneto obedece ao esquema ABBA / ABBA / CDE / CDE. Domina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 6 e 8.

45.

Manuscrito principal: P, f. 47v

Estando ãa noite fazendo câmera o Autor em companhia do Doutor Duarte Ribeiro de Macedo, Desembargador do Porto, deu o dito Duarte Ribeiro um traque grande, dizendo um verso:

Desabafa, coração;

E logo o Autor, que era pouco afeto a Miguel de Tavares, criado do Conde de Miranda, que era Tesoureiro das despesas, respondeu continuando a redondilha:

e quando desabafares
lança um grande cagalhão
para Miguel de Tavares.

Notas

Legenda. fazendo câmera – defecando.

Duarte Ribeiro de Macedo – *vd.* nota à réplica I. O poema deverá ter sido escrito em 1659, altura em que Duarte Ribeiro ocupou o cargo de Desembargador na Cidade Invicta.

Miguel de Tavares – É possível que se trate de um Mordomo do antigo e já desaparecido Hospital de D. Lopo, na cidade do Porto.

Conde de Miranda – Talvez seja Diogo Lopes de Sousa, 2.º Conde de Miranda do Corvo ou, mais certamente, o seu filho, Henrique de Sousa Tavares, 1.º Marquês de Arronches e 3.º Conde de Miranda do Corvo.

Arte poética

Trata-se de uma quadra em versos de redondilha maior, com rima do tipo ABBA.

Manuscrito principal: P, ff. 47v-49r

Resposta do Autor

a ãa carta de Duarte Ribeiro, que estava em Coimbra com ãa deligência

Coçaste[s]-me a borbulha,
meu Duarte Ribeiro,
e como se estes versos foram pulha,
ficou-lhe ardendo à Musa o parrameiro;
5 diz que há de fazer versos de repente,
ainda que arrebente;
e quando ela arrebenta é tal o estouro
que a termos passa que suspende o Douro.
As novas que me destes da jornada
10 e dessa celebrada
alma Universidade estimei tanto
que deixara o meu canto
e os gigotes que faz a mãe Luísa,
por lograr esta nossa Academia.
15 Que ainda que dos já passados anos
e daquela florida Primavera
vedes só desenganos
da vida, que não é qual dantes era,
lá tem a saudade
20 a sua complacência na memória,
do gosto que logrou em outra idade.
E porque se rumina aquela glória,
do já passado (vão contentamento),
me diz {a} qui Padre Bento
25 que peço mortalmente;
o Padre o sabe, o Sucarelo o sente.
Dizeis que Mariana
está feita estropalho

capandua – espécie de maçã vermelha.

44. carne crua – expressão com clara conotação sexual.

45. ir para valhaco – não encontramos a expressão dicionarizada; no entanto, a locução interjetiva apresenta um claro tom injurioso.

valhaco – o mesmo que *velhaco*.

46. Grijó – Mosteiro agustiniano, na freguesia homónima, concelho de Vila Nova de Gaia.

pisar tabaco – não encontramos a expressão dicionarizada, contudo temos conhecimento do facto de determinados Conventos cultivarem, processarem e venderem tabaco.

Arte poética

O poema é composto por versos decassilábicos, que alternam de forma irregular com o seu quebrado. A rima é variável, podendo ser emparelhada, cruzada ou interpolada. Os versos 13 e 14 apresentam rima toante.

47.

Manuscrito principal: P, ff. 49r-51v

Romance

ao Doutor Manuel Maio de Macedo, em que lhe dá conta de ãa jornada que fez com D. Álvaro de Abranches

Os olhos com pranto amargo,
cheio o coração de dor,
desfeito o alento em suspiros,
triste o peito e rouca a voz;

5 embravecidos os ventos,
o Céu coberto de horror,
tudo confusão e pena,
negro o dia, ausente o Sol;

manco o meu macho castanho,
10 vestido Estêvão de dó,
com saudades de Luísa,
que é Tisbe da mesma cor;

se são circunstâncias tristes,
amantíssimo Doutor,
15 e a quem se vai mais lastima,
já sabereis qual me vou.

Atrás da incerta esperança,
de sua Excelência após,
chegamos noite, não noite,
20 ao Mosteiro de Grijó.

Fez-nos fidalga hospedagem
liberalmente o Prior,

veio o Padre Dom Fulano
e o Padre Dom Golondron.

25 Logo as cisternas do Céu
ao outro dia, Senhor,
se abriram e se vazaram
impiamente sobre nós.

30 Cheguei a Fermelainha,
a casa de um lavrador,
ensopado qual se eu fora
fatia de pão de ló.

Finalmente vim a Esgueira,
onde o meu macho me pôs
35 manquejando de ãa perna,
feito em cinza e feito em pó.

Falei ao nosso Fidalgo,
fez-me muito mais favor
do que a Inácio de Azevedo
40 quando era seu girassol.

Chegámos a Cantanhede
e aí se nos agregou
Luís Gomes de Loureiro,
digníssimo Senador.

45 Viemos a Santa Cruz,
onde nos agasalhou
o Vigairo Dom Bernardo
com grandeza e com primor.

Ali veio dar connosco
50 um Bacharel^l que morou
mais acima do Serrão
e mais abaixo de vós.

Se ele faz bem a justiça,
inda a rezão faz melhor,
55 das saúdes dos Amigos
grande Solicitador.

Enfim bebeu de maneira
que lhe fez logo o licor
dous grãos de milho zaburro,
60 os olhos ambos de dous.

Viemo-nos finalmente
a Leiria, aonde estou
escrevendo este Romance
que é bem trabalhoso em ó.

65 Pela estrada me chamavam
os vilãos Comendador,
e talvez se a cruz não fora,
fora de mal em peor.

Também me chamava o Negro,
70 em voz alta e de bom som,
para mais autoridade,
Senhor Desembargador.

Enfim, que eu nesta jornada
talvez sou, talvez não sou,
75 Comen[da]dor, Capitão,
Fidalgo e Senhor Doutor.

Melhor fora que andar nisto
ser Bispo de Meliapor;
não digo eu Bispo senão
80 Cura de São João da Foz.

Do que mais for sucedendo
iremos fazendo o rol;

dezassete de Setembro,
vosso Amigo e Servidor.

¹ O Desembargador Luís /* Francisco/ Teixeira.

Justificação de emenda

75. Trata-se de uma gralha evidente do copista, que portanto emendámos.

Notas

Legenda. Manuel Maio de Macedo – segundo os registos de matrículas e exames do Arquivo da Universidade de Coimbra, era natural de Vila do Conde, filho de Belchior Fernandes. Desempenhou as funções de médico no Porto a serviço da Câmara, tendo sido também mordomo do Hospital de D. Lopo. Costa (1789: p. 343) refere: «Secular, e versadíssimo nas letras Humanas. Floreceo no seculo passado. Medicina.»

D. Álvaro de Abranches – Senhor do morgado de Abranches. Foi um dos aclamadores do Rei D. João IV e do seu Conselho de Estado e Guerra, e, entre outros cargos importantes, foi Governador das armas da província da Beira e das de Entre Douro, Minho e cidade do Porto. Casou pela primeira vez com D. Maria de Lencastre, de quem teve sete filhos, e em segundas núpcias com D. Inês de Ávila, sua prima, filha de D. Pedro de Menezes, II conde de Cantanhede, de quem não teve filhos. Morreu em abril de 1660.

12. Tisbe – heroína de *Píramo e Tisbe*, uma das 250 narrativas em verso das *Metamorfoses* do poeta latino Ovídio. Protagoniza uma história de amor, que acaba tragicamente com a morte do par amoroso. A cor de Tisbe é o vermelho, numa homenagem dos deuses que a atribuíram à amoreira.

17. Desconhecemos os motivos que terão levado o sujeito da enunciação a partir, no entanto, cf. a nota 83.

18. sua Excelência – referência a D. Álvaro de Abranches.

20. Mosteiro de Grijó – ver nota ao poema anterior.

22. liberalmente – com generosidade.

24. Dom Golondron – o nome é referido no auto *Anfitriões* de Luís de Camões, em dois versos em castelhano.

29. Fermelainha – lugar do distrito de Aveiro.

33. Esgueira – freguesia do distrito de Aveiro.

39. Inácio de Azevedo – desconhecemos de quem se trata.

39. Por extensão, *quando o acompanhava*.

41. Cantanhede – concelho do distrito de Coimbra.

42. agregar – Morais regista «Receber na família».

43. Talvez um Conservador da Universidade de Coimbra (Almeida, 1972: III, pp. 100 e 200).

45. Santa Cruz – Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, fundado pelos frades da Ordem de Santo Agostinho, cuja construção foi iniciada em 1131.

46. agasalhar – hospedar, acolher.

51. Serrão – é possível tratar-se de Tomás Serrão de Brito (1576-1654), lente na Universidade e padrinho de João Sucarelo no seu ato de Formatura.

59. milho zaburro – variedade de milho de cor vermelha.

65–68. O poema terá sido escrito depois de 24 de junho de 1651, data em que João Sucarelo foi agraciado com o grau de Cavaleiro (e não Comendador, como foi confundido) da Ordem de Cristo. Levaria a indumentária com a cruz da insígnia da Ordem, que o terá livrado de eventuais ameaças.

78. Meliapor – antiga fortaleza e porto comercial português na costa do Coromandel, na actual província indiana de Madras-ta. Conhecida dos portugueses por cidade de S. Tomé, porque ali teriam encontrado relíquias do Apóstolo, é bispado desde 1606.

80. São João da Foz – freguesia da Foz do Douro, concelho do Porto.

83. Muito possivelmente de 1657, altura em que poderá ter ido na companhia do Governador do Porto explicar as razões que o afastavam do cumprimento do serviço no Alentejo.

¹ Desembargador Luís /*Francisco/ Teixeira – é provável que se trate do mesmo Desembargador Luís Teixeira, de que nos dá conta um documento jurídico com data de 5 de julho de 1663 (Almeida, 1869: I, p. 179).

Arte poética

O romance é formado por quadras heptassilábicas, com rima toante nos versos pares, que se mantém constante ao longo de todo o poema.

Manuscritos principais: **C**, p. 133 / **P**, ff. 51v-52r

Versão de **P**

Tendo Clóri um coração e ãa chave e Nise outra chave e outro coração, deu Clóri a Nise a chave e ficou com o seu coração, e Nise deu a Clóri o coração e ficou com a chave; a este assunto académico fez um Poeta¹ um Soneto e o mandou ao Autor que o revisse, e ele respondeu com esta

Décima

Veio à revista nossa
este Soneto, e parece
nos triquestroques que tece
o Tio da Avó da moça.
5 É possível que não possa
cá pela minha vitola
dar nesta alcarracachola
deste mútuo coração:
ou ele é Signo-Samão
10 ou vós sois negro d'Angola.

¹ Era Francisco de Sá de Meneses, o de Coimbra.

Variantes

Legenda. Mandando-lhe de Lisboa Francisco de Sá um romance cujo assunto era dar Clóris a seu amante um coração com uma chave e dar ele a Clóris outro; um perdeu o coração e ficou-lhe a chave; outro perdeu a chave e ficou-lhe o coração **C**

2. Soneto] romance **C**

4. o Tio] c'o filho **C**

10. vós sois] eu sou **C**

Notas

¹ Francisco de Sá de Meneses, o de Coimbra – não nos foi possível identificar de quem se trata, contudo, o antologador teve o cuidado de o distinguir de um outro Francisco de Sá de Meneses que era do Porto e que foi o autor do poema épico *Malaca Conquistada*, que, quanto a nós, não necessitaria de sujeitar um poema seu à revisão de Sucarelo.

7. alcarracachola – não conseguimos encontrar registo desta palavra. É possível contudo observar que na sua composição entra *cachola*, o que – com os elementos fornecidos pelo contexto – talvez permita atribuir-lhe o significado de quebra-cabeças.

9. Signo-Samão – talismã; estrela de David, que simboliza o judaísmo, formada por dois triângulos equiláteros sobrepostos. Segundo Constâncio (1836: p. 871) «Entre os Egypcios huma estrella assim formada com seis angulos era o hieroglypho de céo, luz celeste.»

Arte poética

O poema é constituído por versos de redondilha maior, agrupados numa décima espinela, que obedece portanto ao esquema ABBAACCCDDC.

Manuscrito principal: P, ff. 52r-52v

Domingos Antunes Portugal, sendo Desembargador do Porto, casou com ãa viúva chamada Dona Maria dos Reis; e indo para a receber foi acompanhado de três filhos que tinha já homens, com os quais se sobressaltou a dita viúva, ao que fez o Autor esta

Redondilha

Vendo aqueles três Alarves
a Viúva estremeceu.
E Portugal respondeu:
«Estes são os meus Algarves».

Notas

Legenda. Domingos Antunes Portugal – natural de Penamacor, estudou em Salamanca entre 1621 e 1626. Entre outros cargos, foi Conservador da Universidade de Coimbra, Desembargador da Relação do Porto e Casa da Suplicação, de que tomou posse a 3 de novembro de 1661 e dos Agravos a 24 de maio de 1664. Morreu em Lisboa, a 1 de fevereiro de 1677. três filhos – Salvador Taborda Portugal, um proeminente magistrado da época; João Antunes Taborda Portugal, que, entre outros cargos foi governador da Índia e, provavelmente, Francisco Jorge Antunes Portugal, embora a documentação encontrada não nos permita ter certezas.

Arte poética

Trata-se de uma quadra em versos de redondilha maior, com rima do tipo ABBA.

Manuscritos principais: **C**, pp. 127-129 / **L**, pp. 21-25 / **P**, ff. 52v-54v

Manuscritos secundários: ACL A 693, ff. 167r-168v = **A** / ADB 373, ff. 149r-150r = **B** / BMC B 52/3, pp. 122-124 = **D** / BNP Pb 133, ff. 126r-126v = **E**

Versão de **P**

Silva

A Duarte Ribeiro de Macedo

Meu Duarte Ribeiro,
meu Bacharel barbinhas de sedeiro,
donde assedam as belas raparigas
as faces e as guedelhas como estrigas;
5 despois que vos safastes
e deste Tejo às praias vos negastes,
se nos safou também da vista aquela
primeira luz, madrugada estrela,
que emprestando esplendor ao pai do dia,
10 pelos balcões do Paço amanhecia
 tão brilhante luzeiro
que nos tirava as almas a terreiro;
aquela que de linda e graciosa
punha a boca à orelha à mais fermosa,
15 em cujo peito, sempre aos olhos franco,
víamos animado o manjar branco;
 e no pescoço belo,
vivo o nevado e doce caramelo,
onde os dous tufos, como cem mil ouros,
20 ovos de fio são, crespos e louros.
Moça tão fresca, bela e comezinha
em minha vida a vi por vida minha.
Mas como isto me falta em vossa ausência,
vou tendo muito santa paciência,
25 pondo embargos à morte,

que já me traz de espreita nesta corte,
onde se lança ao vinho de mor preço
e à cara melhor, almagre e gesso;
onde por enganar maridos tontos,
30 ao vaso natural dão quatro pontos;
arremendando a rota humanidade,
fazem artificiosa a virgindade,
de sorte que os remendos da desonra,
sem serem pundonor, são pontos d'honra.
35 Onde não val, Duarte,
sobre ter boa verga, engenho e arte,
porque nenhũa quer que homem lhe diga
conceitos que não lhe encham a barriga;
e dizem que lhe falem pela boca
40 de João da Cruz, que em seis vinténs se troca.
E porque murmurei estoutro dia
de quanto a carne humana aqui valia,
respondeu-me ùia moça como um brinco:
«Também val o carneiro a trinta e cinco;
45 e com pouca razão você se espanta,
que a carne val conforme se levanta.»
Cruzei-lhe as mãos, ainda que tomara
naquela ocasião cruzar-lhe a cara,
quando vi que vendia a gentileza
50 o que deu para dar-se a natureza.
Oh venturoso vós, que alegremente
à vista da corrente
das saudosas águas do Mondego,
gozais vosso conchego,
55 fornicando de graça
as duas Margaridas da Couraça;
e se acaso vos dá fome canina,
tendes à destra Andreza e Caterina.
Vivei em doce paz, réquie e folgança,
60 e de terçãs de França
fazei por ter segura sempre a pele;
e Deus vos faça aquele

- que a boa viúva vos deseja,
sem à dita de Aquiles ter enveja.
- 65 A tantos de tal mês, um dia a mais que ontem,
vosso João Sucarelo Claramonte.

Variantes

Legenda. Carta / Escrita de Lisboa ao Doutor Duarte Ribeiro de Macedo, estando em Coimbra **C** Ao Doutor Duarte Ribeiro de Macedo, tendo-se ausentado de Lisboa para Coimbra / Silva jocosséria **L** Silva **A** Carta do Sucarelo a Duarte Ribeiro **B** Silva do Sucarelo que escreveu a um seu amigo que assistia em Coimbra **D** Canção a Duarte Ribeiro / Sucarelo **E**

2. Bacharel] velhacão **B**

3. onde vão assedar as raparigas **C E** onde assedam as belas Raparigas **L**

4. as faces e as guedelhas] as faces e os os cabelos **C** as gadelhas e as faces **D** || como] com **B**
os dourados cabelos como estrigas **E**

Post 4. *Em C há intervalo interestrófico.*

6. às praias] à praia **B**

7. também da vista] da vida **C**

9. esplendor] resplendor **D** esplendores **E**

Post 12. *Em C há intervalo interestrófico.*

14. punha a boca à orelha mais formosa **C** a boca punha à orelha à mais formosa **L** punha a orelha à boca **D**

15. sempre aos] sempre a **B** aos **D**

16. o] ao **A**

18. vivo o nevado e doce] doce e nevado o vivo **C** vivo, nevado, doce **L** vivo e animado o **B**
doce e nevado o vosso cranelo **E**

19. os dous tufos] os tufos **C** os dou tufos **B** || como] com **D** || cem] dois **E**

Post 20. *Em C há intervalo interestrófico.*

20. fio] fios **C L** || são] tão **D** || e] e tão **D**

21. tão fresca, bela] igual tão fresca **C** tão bela, fresca **B**

22. em] e **C** || a vi] vi **L** || vida minha] minha vida **E**

23. ausência] ausência **B E**

24. muito] muita **C**

27. onde] aonde **B** || ao] o **D** || mor] mais **L**

28. à cara melhor] a toda a boa cara **C L**

29. onde por] onde para **C** donde por **B** aonde para **E**

31. arremendando] e remendando **C L A D** e romendando **B E**

32. a virgindade] virgindade **L**

Post 32. *Em C há intervalo interestrófico.*

33. remendos] romendos **B**

34. serem] ser **D** || pundonor] pondenor **L**

35. val] veio **D** || Duarte] (Duarte) **L**

36. sobre] em **E** || e] ou **C**

sobre ter bom engenho, verga e arte **D**

38. não lhe encham] lhe não enchem **C** não enchem **L** lhe não encham **B E**

39. e dizem] dizendo **C E** || falem] fale **B** || boca] roça **D**

40. João da Cruz] São Cruz **E** || em seis] seis **D**

João da Cruz *aparece sublinhado em L.*

Post 40. *Há intervalo interestrófico em C.*

41. porque] porque eu **C**

Queixando-me eu, um dia **E**

42. de] do **C**

43. respondeu-me] me respondeu **E**

44. val] vale **L**

47. Cruzei-lhe] Cruzei **E** || ainda] inda **D E**

50. para dar-se] para dote **C** (para dar-se) **D**

Em L o verso vem parcialmente sublinhado.

Post 50. *Em C há intervalo interestrófico.*

54. gozais] lograis **C D E**

55. fornicando] cavalgando **L** pespegando **D**

56. Margaridas] Madalenas **E**

57. e] ou **E**

58. e] e a **L**

Post 58. *Em C há intervalo interestrófico.*

59. réquie e] réquia e **C** réquie **L A E** réquia **D**

60. e de terçãs] de ter Pares **C** e de terções **L** e de treçãs **D** e de trances **E**

61. fazei por ter segura sempre] tende segura com cuidado **C**

tendes segura a pele **E**

62. e Deus vos faça] Deus vos fará **L A D** Deus vos faça **B E**

63. viúva vos deseja] da viúva vos dizia **C** viuvinha vos deseja **L**

64. Aquiles] aqueles **C**

Em L o verso vem sublinhado.

65. Tantos de outubro um dia mais que ontem **C** Tantos do mês: um dia mais do que ontem **L** Tantos de tal mês, um dia mais que ontem **A D** Tantos de tal mês, um dia mais que ontem **B** Tantos de outubro mais que ontem **E**

66. Sucarelo Claramonte] de Sucarelo Claramonte **A E** do Sucarelo Claromonte **D**

Notas

Legenda. Duarte Ribeiro de Macedo – cf. nota à réplica I.

2. sedeiro – fileiras de dentes de ferro, por onde se passa o linho para o separar da estopa.

3. assedar – passar o linho pelos sedeiros, para lhe separar as estopas.

4. estriga – porção de linho que se põe de cada vez na roca para se fiar.

8. madrugada estrela – planeta Vénus.

12. tirar a terreiro – ver nota ao poema 27.

14. pôr a boca à orelha – supomos que terá o mesmo sentido de «Pôr a orelha na boca» que Morais regista com o significado de causar grande admiração.

16. manjar branco – doce conventual preparado à base de peito de galinha, açúcar, farinha de arroz e leite.

21. comezinha – simples.

25–26. O poema poderá ter sido escrito entre 1655 e 1656, altura em que João Sucarelo se encontrava em «Requerimentos» na corte, como se queixa Francisco de Melo, General da Cavalaria do Alentejo, onde o poeta deveria estar a desempenhar as suas funções de médico (Almeida e Pegado, 1940: pp. 127, 151, 153 e 154), que não foram cumpridas com a regularidade a que estava obrigado, tendo alegado motivos de saúde para tal impedimento (Gião, 1942: pp. 10-11). Cf. na Parte I deste trabalho o capítulo “Sucarelo e a Guerra da Restauração”.

28. almagre – terra vermelha que serve para pintar.

gesso – ver nota ao poema 4.

30. vaso natural – ver nota ao poema 68.

33. desonra – neste contexto, sugere a perda da virgindade.

34. pundonor – dignidade.

35. val – ver nota ao poema 36.

36. engenho e arte – a expressão pode ter sido adaptada a partir da estrofe 2, verso 8, da Proposição de *Os Lusíadas*.

40. João da Cruz – não conseguimos identificar de quem se trata.

A métrica obriga à leitura de *João* como monossílabo.

43. brinco – ver nota à réplica VIII.

48. cruzar a cara – Morais regista a expressão com o sentido de «dar navalhada, ou cutiladas». No contexto terá o significado de *esbofetear*.

50. É o verso 4 da estrofe 76 do Canto IX de *Os Lusíadas*.

53. Possível adaptação do verso “Nos saudosos campos do Mondego”, que consta da estrofe 120, do episódio “Inês de Castro”, do Canto III de *Os Lusíadas*.

56. Couraça – a Rua da Couraça de Lisboa situa-se em Coimbra, junto à Universidade.

59. réquie – ver nota ao poema 24.

60. terçã – a febre terçã é o nome popular atribuído à malária que, entre outros sintomas, provoca episódios de febre intermitente. No contexto, a associação com a expressão *de França*, leva-nos a crer que se sugere o *mal francês*, ou seja, sífilis, cujos sintomas também incluem febre.

63. boa viúva – possível referência à personagem de uma história contada por D. Quixote de la Mancha a Sancho, em que uma viúva jovem, bela e repleta de qualidades é criticada por se ter enamorado de um «rapaz rapado, robusto, e bem incorporado», ao que ela respondeu: «para o que eu o quero sabe tanta philosophia como Aristoteles» (Cervantes de SAVEDRA, 1853: p. 117).

64. É o último verso de *Os Lusíadas*. Camões compromete-se a exaltar os feitos dos portugueses, de tal forma que Alexandre Magno se reveja neles, sem ter de invejar a glória de Aquiles (herói da *Ilíada*). No contexto do poema, o sujeito da enunciação apela ao destinatário para que a *boa viúva* não tenha queixas do seu desempenho sexual.

66. A métrica obriga à leitura de *João* como monossílabo.

Arte poética

A silva é composta por versos decassílabos, que alternam de forma irregular com o seu quebrado. A rima é emparelhada.

Manuscritos principais: **L**, p. 2 / **P**, ff. 54v-55r

Manuscritos secundários: ACL A 693, f. 153v = **A** / ADB 373, f. 93v = **B** / BGUC 1636, p. 90 = **D** / BNP 6204, p. 811 (an.) = **E** / BNP Pb 133, f. 67v = **F** / PA, I, ff. 198r-198v (an.) = **G** / TTV Lv 1080, f. 164r = **H**

Versão de **P**

Soneto

A um estudante que andava com D. Mariana de Luna, que fazia versos

Aónio, que de Délia namorado
doce vítima sois de Amor tirano;
e com verdes a cara ao Desengano,
ainda não estais desenganado;

5 Délia não presta já para cuidado,
já não é Sarafim nem Anjo humano;
é Câncer que dormiu qualquer magano
que teve ãa moeda de cruzado.

10 É escabeche o ouro do cabelo,
almagre e gesso a púrpura da rosa
do rosto que parece alegre e terso.

O mais, como sabeis, tudo é farelo;
fornicai como nós, Aónio, em prosa,
durma-se Délia muito embora em verso.

Variantes

Legenda. A um Amante disvelado, por ãa Dama que o não merecia **L** Soneto **A** Soneto do Sutarelo a um estudante que corria com ãa mulher negra **B** A um amante de ãa Dama que fazia versos / Sutarelo **D** Jocosos-Jocosos / Soneto **E** Soneto / A um estudante que corria com Dona Mariana de Luna / Sutarelo **F** Soneto / A um que tratava com ãa dama que fazia versos **G** Soneto do mesmo a um frade que falava com ãa freira de muito entendimento, mas de muita idade **H**

1. Aónio] Homem **B** || Délia] Célio **L** Célia **A B D E F G H**

-
3. com verdes a cara ao] com veres a cara ao **L B D G** com ver essa cara o **E** /*e/ vendo sempre a cara ao **F H**
5. Délia] Célia **L A B D E F G H**
6. nem] ou **F H**
7. Câncer] cadáver **E** cacar [sic] **F** || dormiu] logrou **H** || magano] magno [sic] **B**
10. púrpura da] purpúrea **L A B D E G H** purpúra e a **F**
11. alegre e terso] que padeço **B**
12. tudo é] tudo **F H**
13. fornicai como nós] comunicai-a enfim **L**
Em A fornicai está riscado.
13. Aónio] cono **B**
14. Délia] Célia **L A B D E F G H**

Notas

Legenda. D. Mariana de Luna – filha do lente da Universidade Pedro Barbosa de Luna, nasceu em Coimbra. Foi a segunda mulher do ministro espanhol Diogo Soares e viveu em Madrid durante parte do período filipino. Foi poetisa e em 1641 escreveu um livro de versos em castelhano e português intitulado *Ramalhete de flores à felicidade deste Reino de Portugal, em sua milagrosa restauração por sua majestade D. Juan IV do nome e XVIII em número dos verdadeiros reis portugueses*.

10. almagre e gesso – cf. notas ao poema anterior.

Arte poética

A rima deste soneto obedece ao esquema ABBA / ABBA / CDE / CDE. Todos os versos são decassílabos heroicos, exceto os versos 13 e 14, que são sáficos.

Manuscritos principais: **L**, pp. 85-90 / **P**, ff. 55r-56r

Manuscritos secundários: ACL A 693, ff. 261r-262r = **A** / ADB 373, f. 211v = **B** / BNP Pb 133, ff. 154v-155v = **D** / PA, V, ff. 265v-266r = **E**

Versão de **P**

Carta

A Dom Rodrigo de Meneses

Se com saudades partistes,
se triste vos ausentastes
do sol que chorando vistes;
a mim também me deixastes
5 lágrimas nos olhos tristes;

quanto nesta vossa ausência
tantas vezes magoado
à custa da paciência
abonais vosso cuidado
10 e a vossa correspondência.

Mas que quereis que vos faça,
se Amor nesta ocasião
pôs vossos erros na praça,
culpando-vos na devassa
15 mais que na Visitação¹?

Ó Rodrigo, ó Rodrigo,
quanto vos fora melhor
não ser[d]es governador
do que ver posto em perigo
20 empenhos de tanto Amor!

Deu-se aqui para entre nós,
como é estilo e costume,
um libelo em caso atroz:
o Autor era o Ciúme,
25 o Réu dizem que sois vós.

O que os artigos contém
sumariamente isto é:
delitos de querer bem
contra os artigos da Fé,
30 que o são da Morte também.

São testemunhas contestes
para mais dobradas mágoas
um não sei quê que fizestes,
item mais certas enáguas^{II}
35 que à Souto^{III} em prenda lhe destes.

Entre Maria e Maria
toda esta pendência topa;
quem tal imaginaria!
Fostes-vos com calma,
40 parastes com vento em popa.

^I A dita era Maria da Visitação, freira de Santa Clara de Lisboa, com quem falava D. Rodrigo.

^{II} Indo D. Rodrigo a Lisboa, foi falar com a freira em traje de menor.

^{III} Dona Maria de Soutomaior, Freira em Santa Clara de Coimbra.

Variantes

Legenda. A D. Rodrigo de Meneses, indo por Governador para o Porto, em tempo que falava com ãa Freira chamada Fulana da Vesitação / Quintilhas **L** A D. Rodrigo de Meneses, indo para o Porto por Governador, em tempo que falava com ãa freira fulana da Visitação **A** Carta do Sucarelo a D. Rodrigo **B** Carta de Sucarelo a D. Rodrigo **D** Quintilhas / Do Sucarelo, a D. Rodrigo, Governador do Porto **E**

Em **L** Vesitação *está sublinhado.*

4. deixastes] deixaste **D**

5. nos] no **D**

6. Quanto] Muito **L A E** Quando **B**

Falta este verso em D.

8. custa] vista **B D**

10. correspondência] correspondência **A B D E**

11. que vos] vós que **D**

15. *Em L Vesitação está sublinhado.*

16. Ó Rodrigo] Ó meu Rodrigo **L**

18. ser[d]es] seres **P B D E**

19. do que ver] que ver-vos **D** do que haver **E**

20. empenhos] empenho **L E**

27. isto é] é **D**

29. os artigos] artigos **D**

30. que o] que **A**

33. quê que] quê **B** || fizestes] lhe destes **D**

34. certas enáguas] certa anágoa **B**

35. à Souto em prenda lhe] em prendas à Soto [sic] **L A** de certo em prenda lhe **B D** à Souto em prendas lhe **E**

Em L Soto está sublinhado.

36. Maria e Maria] minha e minha **B**

39. calma] vento em popa **L A E**

40. parastes] partistes **B** || com vento em popa] em calma **L A E**

Post 40. **L, A e E** apresentam, com variantes, as seguintes quatro estrofes adicionais: Eu já, com vossa licença, / creio c'os pés à parede, / dizer do Sá a sentença: / “Quem a apetites dá crença, / uma mão toma, outra pede”. // E o vosso Sol, quanto a mim, / n'algum signo se há de pôr, / seja bom, seja ruim: / quando em Géminis não for, / Piscis pode ser que sim. // Pois vendo a vossa traição, / da sorte que aqui vos digo, / eis que uns vem e outros vão; / Afuera, afuera, Rodrigo, / obras sim, palavras não. // Hão-se as Torres de render / co' as vossas peças, melhor / que com canhões de bater; / pois vós dais para morrer, / armas ao competidor. **L**

Eu já, com vossa licença, / creio c'os pés à parede, / do Sá nos diz a sentença: / “Quem a apetites dá crença, / outra mão toma, outra pede”. // E o vosso Sol, quanto a mim, / em algum signo se há de pôr, / seja bom, seja ruim: / quando em Géminis não for, / Piscis pode ser que sim. // Pois vendo a vossa traição, / da sorte que aqui vos digo, / eis que uns vem, outros vão; / Afuera, afuera, Rodrigo, / obras si, palavras não. // Hão-se as torres de render / co' as vossas peças, melhor / que com canhões de bater; / pois vós dais para morrer, / armas ao competidor. **A**

Mas já, com vossa licença, / creio c'os pés à parede, / do Sá nos diz a sentença: / “Quem a apetites dá crença, / ãa mão toma, outra pede”. // E o vosso Sol, quanto a mim, / n'algum signo se há de pôr, / seja bom, seja ruim: / quando em Géminis não for, / Pices pode ser que sim. // Pois vendo a vossa traição, / da sorte que aqui vos digo, / eis que uns vem outros vão; / Afuera, afuera, Rodrigo, / obras sim, palavras não. // Hão-se as torres de render / com as vossas peças, melhor / que com canhões de bater; / pois vós dais para vencer, / armas ao competidor. **E**

Justificação de emenda

18. A forma de tratamento é a da 2.^a pessoa do plural.

Notas

18. governador – a circunstância a que se alude poderá estar relacionada com a função de Regedor da Casa da Suplicação do Porto, que D. Rodrigo de Meneses desempenhou entre 23 de julho de 1650 e 2 de maio de 1654 (Costa, 1947: IX, p. 528).

22. libelo – acusação; exposição breve do que se pretende provar contra um réu.

26. artigos – parte de uma lei.

31. testemunha conteste – a que reitera o mesmo facto que outra.

32. para mais dobradas mágoas – possível adaptação do verso 7 da estância 59, do episódio “O Adamastor” de *Os Lusíadas*.

^I Santa Clara de Lisboa – o Convento de Santa Clara de Lisboa era feminino e pertencia à Ordem dos Frades Menores e à Província de Portugal da Observância. Foi fundado em 1288 por D. Inês Fernandes, Maria Martins, Maria Domingues e Clara Eanes. Começou a ser construído no lugar do atual Largo da Trindade, mas dois anos depois foi transferido para o local onde hoje se situa o Campo de Santa Clara, junto a São Vicente de Fora. Foi extinto em 1828.

^{II} enágua – espanholismo; peça de roupa interior.

^{III} Santa Clara de Coimbra – ver nota ao poema 23.

Arte poética

O poema é formado por versos de redondilha maior, agrupados em quintilhas, com esquema rimático ABABA.

Manuscritos principais: **L**, pp. 41-43 / **P**, ff. 56r-57r

Manuscritos secundários: ACL A 693, ff. 262r = **A** / ADB 373, ff. 63v-64r = **B** / BNP Pb 133, ff. 150v-151r = **D** / PA, V, ff. 262v-263r = **E**

Versão de **P**

Carta

A ãa Freira

Isto sim, boto a Cristo;
isto é juízo, tenho-me eu com isto
e jurado a Santo Álvaro da graça
que tinha por desgraça.
5 Mariana querida,
disseram-me que estáveis ofendida
de um doce galanteio;
tenho o papel na mão, inda o não creio.
Isto é ser discretaça por estrela,
10 guapa, corrente, campanuda e bela.
Não há de ser Amor, se em Amor começa,
violência ou quebradeiro de cabeça[;]
há de ser nos princípios elegante,
no brando, no amoroso, no galante,
15 que os verbos cultos de um fingido trato
chamam-lhe locuções de esfolá-gato.
Quem assi me quiser brandinho e mole
não dirá que lhe vendo gato em fole;
com condição que quando me requebre,
20 me não venda também gato por lebre.
Com este desengano,
venero e adoro ufano
um [grande] favor vosso;
e do modo que posso
25 a vossos pés dedico
quanto tenho de meu, ou pobre ou rico.

E inda que a candidez de Amor me abona,
meu quarto de azeitona,
de fruta o meu cortiço,
30 o meu chouriço,
o meu queijinho fresco,
o soneto burlesco,
há de ser sempre vosso a qualquer hora;
guarde Deus a belíssima Senhora.

Variantes

Legenda. Satisfação a ùa Freira e resposta a ùa sua carta / Silva **L** Silva / A ùa freira de Celas **A** Do Sucarelo a ù[a] amante **B** Sucarelo a ùa freira / Canção **D** Silva / Carta do Sucarelo a ùa freira **E**

1. boto] Voto **L**

2. tenho-me eu] tenho-me **L B** atenho-me eu **E**

3. e jurado] jurando **L B E** jurado **A**

6. estáveis] estavas **L E** estava **B**

8. tenho] e tenho **E** || inda] e inda **L E**

Post 8. *Em L há intervalo interestrófico.*

9. Isto é ser discretaça] pois é ser discreta **B** isto é ser discreta **D E**

10. guapa] gopa [sic] **D**

11–14. *Faltam estes versos em L, A e E.*

14. no amoroso, no galante] e no amoroso e no elegante **B**

15. que] e **A** || verbos] versos **B**

16. chamam-lhe] chamam **E**

Post 16. *Há intervalo interestrófico em L, que apresenta também os seguintes versos, após os quais há novo espaço interestrófico:* Quem mais pode dizer, de Amor rendido, / um peito enternecido / entre as leis da modéstia e do decoro, / mais que morro por ti, firme te adoro? / E nesta derretida candidez, / sacrificar nas Aras da Beleza / um coração de amores abrasado, / fazendo adorações do seu cuidado?

Com pequenas variantes, E apresenta também os versos anteriores.

A inclui os seguintes versos: Que mais pode dizer, de amor rendido, / um peito enternecido / entre as leis da modéstia e do decoro, / mais que morro por ti, firme te adoro? / E nesta derretida candidez, / sacrificar nas aras da beleza / um coração de amores abrasado, / fazendo admirações a seu cuidado.

17. assi me] me assi **A D** se assim **B** || brandinho] brando **D**

19–20. *Faltam estes versos em B.*

Post 20. *Em L há intervalo interestrófico.*

23. um grande] um doce **A** um **P B D E**

26. ou pobre] pobre **B**

27. E inda] Inda **L A E** E ainda **B D**

29. *Falta este verso em L, A, B, D e E.*

30-31. O meu chouriço, o meu queijinho fresco **L A E**

33. há] e há **B**

hão de ser vossos sempre a toda a hora. **L**

Justificação de emenda

23. Na lição de **P** o verso é hipométrico, pelo que optámos pela solução oferecida pela versão de **L**.

Notas

1. boto a Cristo – fórmula de juramento; sinónimo de *juro a Cristo*.

3–4. Santo Álvaro – Álvaro de Córdoba (800-861) foi um poeta e teólogo radical cristão, que viveu no califado de Córdoba.

As suas obras relatam perseguições e execuções de cristãos na década de 850 pelo governo muçulmano.

Entenda-se *graça* não como a mercê do santo, mas como um gracejo que tinha por objetivo atingir a sua destinatária, daí o jogo com *desgraça*.

9. discretaça – aumentativo de discreta, com sentido de espirituosa, perspicaz; espertalhona.

estrela – destino, sorte.

10. corrente – versada, entendida, com experiência.

campanuda – folgazã.

11. Este verso tem 11 sílabas.

12. quebradeiro de cabeça – o mesmo que quebra-cabeças.

16. esfolo-gato – artifício enganoso, tergiversação.

18. fole – bolsa de couro usada para transportar cereais. A expressão *gato em fole* terá um significado semelhante a presente envenenado, dado que o gato fechado no fole estará muito assanhado.

29. cortiço – vaso cilíndrico e alto de cortiça.

30. O verso apresenta quatro sílabas.

Arte poética

A silva é composta por versos decassílabos, que alternam de forma irregular com o seu quebrado. A rima é emparelhada.

Manuscrito principal: P, f. 57r-57v

Décima

A um amigo do Autor que andava mui ufano por ãa Dama que tinha

Cuidará Você, Senhor,
que só venturoso há sido,
pois logra favorecido
de Luisica o primor;
5 engana-se no melhor,
que eu tenho quem mais me ama;
e sem respeitar a fama
nem o que a Sorte reprova,
Maria da Venda Nova
10 morre por ser minha Dama.

Arte poética

O poema é constituído por versos de redondilha maior, agrupados numa décima espinela, que obedece portanto ao esquema ABBAACDDC.

Manuscritos principais: **C**, pp. 117-119 / **L**, pp. 114-117 / **P**, ff. 57v-59r

Manuscritos secundários: ACL A 693, ff. 232v-233r = **A** / BA 51-II-4, f. 40r (an.) = **B** / BGUC 374, pp. 387-391 = **D** / BPMP 1854, ff. 231v-233r (an.) = **E**

Versão de **P**

Romance

A ãa Freira de Monchique

Deixai, Senhora Amaríles,
deixai de zombar de mim,
de fazer tanta moganga
com esses belos jasmíns.

5 Não me faleis por trejeitos,
como mudo ou Muchachim,
que não sou negro de Angola
nem Bujamé do Brasil.

10 Nunca me paguei de acenos
nem por momos me perdi;
mais depressa vos tomara
papagaio que saguim.

15 Para que havemos, Senhora,
de andar daqui para ali,
espreitando garatusas
nem pontinhos de Mariz?

Melhor fora responder-me
a dous que vos escrevi,
que o não responder é parte
20 só nas moças de servir.

Mas em vós, que sois {tão} guapa,
tão galante e tão gentil,
moça mais que campanuda
do toutiço mais sutil;

25 não vejo por vida de ambos
a quem o possa atribuir,
senão a ser eu um homem
mais que todos infeliz.

Já sabem as moças todas
30 que me vem para cá vir;
não falo em Maria Benta,
amiga dos meus ceitis;

mas na Ana e mais na sogra,
que publicam por aí
35 que porque sois muito minha,
sou muito vosso Amadis.

Vinde ao ralo, falaremos
cousas muito para rir,
e se houver de ser na grade
40 faremos nosso alfenim.

Daremos figas ao Demo,
mau grado a vilãos ruins,
porque assi entrou o mundo,
assi há já de sair.

45 Amor que no coração
saía de me ferir,
despois que zombo convosco,
deu-me quenturas nos rins.

Consumemos matrimónio,
50 não me queirais consumir,

porque vos quero, Amaríles,
mais do que nunca vos quis.

Variantes

Legenda. Romance **C A B** / Declarando-se de algum modo com ãa Freira com quem falava, que mostrava zombar do que o Autor lhe dizia e escrevia / Romance **L** Romance do Doutor João de Sucarelo a ãa Freira que lhe fazia acenos, mas que não passava a mais **D** A ãa Freira que lhe acenava e não correspondia aos seus escritos / Romance **E**

2. de] por **L B**

6. Muchachim] mataxim **L B**

11. mais] mas **L B**

12. que] e não **C L A B D E**

14. de andar] andar **C L A B D**

15. experimentando gratusas **L B** espreitando garatujas **E**

16. nem pontinhos de Alariz **C** nem pontinhas de nariz? **L A B** nuns pontinhos de Mariz **D** nem pontinhos de nariz **E**

17. responder-me] responder **D**

20. moças] moça **C**

21. sois {tão} guapa] sois tão guapa **P C L A B** tão guapa sois **D E**

23. a Moça mais campanuda **L B**

24. do] de **D** || mais] mui **D**

25. de ambos] minha **B**

26. quem] que **L A B D** || o possa] possa **C D E**

33. Ana e mais na] Ana e na **C A** Moreira e na **L B** Ana e mais a **D** ama e mais na **E**

36. Amadis] amor diz **D E**

37. falaremos] e falaremos **L**

38. muito] que são **L**

39. houver de ser na grade] grade houver de ser **L**

41. Demo] Diabo **L B**

42. mau] má **E** || grado] mês **L B** || vilões] vilões **C D** vilão **E**

43. porque assi entrou] que assim tem entrado **L B** que assim entrou **A E** pois assim entrou **D**

44. assi] e assim **C L A B D E** || já de] de **C D** de já **A E**

46. saía] soía **C A D E**

47. zombo] o tenho **L B**

48. deu-me quenturas nos] deu-me quentura nos **C** deu-me em quenturas dos **L B** me deu quentura nos **A** deu-me quenturas dos **D** deu-me quenturas de **E**

Justificação de emenda

21. Sem esta supressão, o verso seria hipermétrico.

Notas

Legenda. Monchique – ver nota ao poema 4.

3. moganga – trejeito de mãos e de gesto; momanguices, momices.

-
4. jasmims – as mãos.
6. muchachim – o indivíduo que participava na dança de muchachins, uma antiga dança burlesca.
8. bujamé – filho de mulato com negra ou vice-versa.
15. garatusa – logro, fraude, burla.
16. pontinhos de Mariz – tratar-se-á de um ponto de costura ou bordado, entretanto desaparecidos, da antiga freguesia do concelho de Barcelos, atualmente agregada com Creixomil? Será Mariz um patronímico? Alguém do conhecimento do sujeito da enunciação e da destinatária dado a enganar, a marcar "pontos" através de pequenos logros, fraudes?
20. moça de servir – criada de servir.
23. campanuda – ver nota ao poema 53.
32. ceitil – ver nota ao poema 24.
34. publicar – tornar público, divulgar.
36. Amadis – herói dos romances de cavalaria, que se mete em perigosas aventuras por amor a Oriana.
37. ralo – segundo Morais, «abertura de roda de freiras, pelo qual se lhes fala».
40. alfenim – ver nota ao poema 24. No contexto, a palavra adquire uma clara conotação sexual.
48. quentura – ardor.
49. matrimónio – com o sentido de ato sexual.

Arte poética

O romance é formado por quadras heptassilábicas, com rima toante nos versos pares, que se mantém constante ao longo de todo o poema.

Manuscritos principais: **L**, pp. 180-183 / **P**, ff. 59r-60r

Manuscritos secundários: ACL A 693, ff. 227r-227v = **A** / BA 49-III-50, pp. 85-86 = **B** / BA 51-II-4, ff. 40r-40v (an.) = **D** /

BMC B 52/3, pp. 200-201 = **E** / BNP Pb 133, ff. 130r-130v = **F**

Versão de **P**

Romance

A ãa Freira que lhe mandou ãa palma seca

Sabe Deus, Senhora minha,
se me custa o ser poeta,
e à conta daquela palma,
se dei palmadas na testa;

5 se roí todas as unhas
desta pobre mão direita,
se fiz mil cruces na boca,
dizendo mal das estrelas.

Tão palmaz co' meu cuidado
10 que parecer bem pudera,
se não Palmeirim de Oliva,
Palmeirim de Ingalaterra.

Para quem vos traz nas palmas,
mandar-lhe ãa palma seca,
15 se não fora confiança,
fora o favor ceboleta.

Dizerdes que era retrato
de meu Amor, só me pesa,
posto que por menos verde
20 pudera arder mais depressa.

Eu sou um moço mui fresco,
tenho bastantes bochechas,

e val mais um palmo meu
que cinco de qualquer freira.

25 Se me víreis em camisa
das ancas {a}té à cabeça,
víreis nua a fermosura,
com mil roscas de manteiga.

Se quereis fazer favores,
30 mandai-me ùa palma fresca,
palma que seja vitória
de esperanças e firmezas.

Respodei-me favorável,
que pela Santa Sé d'Elvas
35 e pela alma generosa
de Madalena Pinheira¹;

que vos hei de querer muito,
mas que o mundo se subverta,
se apaixone o senhor Tio
40 e a vossa velha não queira.

¹ Era uma criada das Freiras de Celas.

Variantes

Legenda. A ùa Freira, que enviando ao Amante ùa palma seca, lhe mandou juntamente dizer que assim era o amor dele para com ela / Romance **L** Romance / Mandando-se ùa palma seca **A** A ùa dama que lhe mandou ùa palma seca / Sucarelo **B** A ùa Freira, mandando ao seu amante ùa palma seca, dizendo que era o seu amor / Romance **D** Romance / De João de Sucarelo, mandando-se ùa palma seca **E** Romance de Sucarelo, mandando-lhe ùa palma seca **F**

11. Palmeirim] Palmarim **L**

Em L Palmarim de Oliva *vem sublinhado.*

12. Palmeirim] o Palmerim **L** || Ingalaterra] Inglaterra **L A D F**

Em L Palmerim de Inglaterra *está sublinhado.*

-
17. Dizerdes] Dizereis **L** Dizeis **B** Dizeres **D E** Direis **F**
18. de] do **L A B D E** || só] se **F**
19. *Em D o verso está parcialmente riscado.*
23. palmo] pal **D**
e um palmo meu vale mais **L**
25. víreis] vires **E**
26. ancas {a}té à] ancas até à **P L** chancas até à **A D F** chancas té à **B** pernas até **E** chancas até **F**
das pernas até barriga **E**
27. víreis nua a] acharfeis **L** víreis-me a **B** víreis numa a **D** vires nua a **E** vereis nua a **F** || ferosura] fremosura **A**
28. com] cem **D** sem **F** || manteiga] mateiga **E**
30. fresca] seca **L**
32. e firmezas] e firmeza **L** e de firmeza **D**
33. favorável] afetuosa **L A B D E F**
34. Santa Sé de] /*Sé/ de de [sic] **B**
36. de Madalena] /*dessa/ Maria **B** de Madanela **D**
38. mas] mais **L** em **F** || subverta] suverta [sic] **A B D E F**
39. se] e **B**
40. vossa] minha **B**

Post 40. **L apresenta mais três quadras:** E então vereis vós, Menina, / se estas minhas tais finezas / a palma levam a todos / que são Amantes de *Celas*. // E vós na vossa direis: / “– Este Amante é muito besta, / pois que quer que o seu amor / cada dia a palmas cresça”. // Mas hei mister muita graça / e também muita licença, / para entrar na vossa glória / com a palma desta feita.

Justificação de emenda

26. A aférese é imposta pela métrica.

Notas

Legenda. palma seca – a palma é um ramo de palmeira e simbolizava vitória, como é confirmado no verso 31. Se a palma que a freira mandou é seca, será, simbolicamente, a sugestão de pouco apreço.

9. palmaz – embora não tenhamos encontrado registo desta palavra, supomos que se trate de um adjetivo formado a partir de *palma*, na acepção de *parte inferior do casco das cavalgaduras*; *palmaz* teria assim um significado próximo de *cavalgadura*.

11–12. O *Palmeirim de Inglaterra* (de nome completo *Cronica do famoso e muito esforçado cavalleiro Palmeirim d’Inglaterra*) é um romance de cavalaria português escrito por Francisco de Moraes (1500–1572). É o quarto livro do ciclo hispano-português dos *Palmerins*, iniciado com o *Palmerim de Oliva*, publicado em Salamanca por de Juan de Porras, em 1511.

16. ceboleta – repreensão ou vaia.

23. val – ver nota ao poema 36.

¹ *Celas* – Mosteiro de religiosas cistercienses em Coimbra.

Arte poética

O romance é formado por quadras heptassilábicas, com rima toante nos versos pares, que se mantém constante ao longo de todo o poema.

57.

O soneto é transmitido por nove testemunhos, havendo apenas dois manuscritos secundários e um impresso moderno que indicam autores que não Sucarelo. Cremos que esta divergência não põe em causa a autoria de Sucarelo, tanto mais que o Ms. **P** apresenta uma particular autoridade nesta matéria.

Manuscritos principais: **C**, p. 124 / **P**, ff. 60r-60v

Manuscritos secundários: ADB 373, f. 116v = **A** / BGUC 405, f. 10r = **B** / BGUC, 1636, p. 91 = **D** / BNP Pb 133, f. 87v (D. Tomás de Noronha) = **E** / BPMP 1203, p. 223 (D. João de Carvalho) = **F** / BPMP 1420, f. 11v = **G**

Impresso moderno: **TA**, p. 179 (D. Tomás de Noronha) = **H**

Versão de **P**

Soneto

A um Amante de D. Maria de Meneses, Freira em S. Bento do Porto

Quando a Meneses te falar na grade,
manda-lhe descobrir pescoço e teta,
desataca o calção, despe a roupeta
e vai-lhe apresentando a humanidade.

5 Pede-lhe a mão com toda a liberdade,
fala-lhe em requeijão, nata e punheta,
em despejar alforjes de lã preta,
que ela o fará com toda a majestade.

10 Se acaso te disser que é vilania
de gosto infame este grosseiro logro,
idolatra o desdém, finca os geolhos
e dize-lhe: «– Eu estou, Mana Maria,
como vilão em casa de seu sogro;
dá-me essa mão, por vida desses olhos.»

Variantes

Legenda. Soneto / A um seu amigo que falava com Dona Maria de Meneses, freira em S. Bento do Porto **C** Soneto do Sucarelo, pedindo-lhe um memorial para falar com D. Maria de Meneses, em S. Bento **A** Do Doutor João de Sucarelo, pedindo-lhe um memorial para falar com D. Maria de Meneses / Soneto **B** A um amante de ãa freira nova / Sucarelo **D** Soneto por D. Tomás a um estudante que andava com D. Maria de Luna **E** Do mesmo, pedindo-lhe um filho um memorial para falar

com Dona Maria de Meneses na grade, em S. Bento do Porto / Soneto **F** Soneto do Sucarelo **G** A um estudante com D.
Mariana de la Luna **H**

1. a Meneses] Maria **D** Meneses **E** Meses **F**

3. desataca] descalça **E** desata **F G** || despe] tira **C A B D E F G H** || roupa] ropeta **E**

4. e vai-lhe] vai-lhe **F** || apresentando] apresentando-lhe **A**

5. Pede-lhe] Pondo-lhe **F** || toda a] grande **D E**

6. requeijão] /*requeixão/ **G**

7. em] que em **C A E H** e em **D** e **F** || despejar] /*despejar/ **G** || alforges] /*alforges/ **G**

8. o fará] fará **B G** || majestade] liberdade **F**

é a mulher que teve a nossa idade **C A E H** é a melhor que teve a nossa idade **D**

10. de gosto] do gosto **C** des gos [sic] **B** deste gosto **E** || infame este] infame esse **C** rui[m] **E**

deste gosto com grosseiro o logro **D** de disgosto infame e grosseiro **F**

11. o desdém] os desdéns **E** || geolhos] joelhos **D**

Falta este verso em B.

12. e dize-lhe] e diz-lhe **C** dize-lhe **B F**

14. essa] sua **E** || desses] dos teus **C** /*desses/ **G**

Notas

Legenda. S. Bento do Porto – ver nota ao poema 13.

6–7. Atente-se na conotação sexual das palavras.

13. como vilão em casa de seu sogro – adaptação da fraseologia “Estende-se como vilão em casa do seu sogro”, com o significado de estar à vontade como um malandro em casa do sogro, que se explica pelo facto de, em tempos, o objetivo de vida de qualquer mulher ser o casamento, pelo que o candidato seria bem acolhido pelos futuros sogros.

Arte poética

A rima deste soneto obedece ao esquema ABBA / ABBA / CDE / CDE. Domina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 1 e 10.

58.

Manuscrito principal: **P**, ff. 60v-61r

Indo o Autor a ver ãa freira com quem falava em um rocim, a toda a pressa lhe disse um Amigo que o encontrou aqueles dois versos de Francisco de Sá de Miranda:

Como corre e como atura
quem vai após do seu gosto.

E ele respondeu com muita presteza:

Mas mais corre quem vai posto
num bom rocim de andadura.

Notas

1-2. São os dois primeiros versos da conhecida égloga Basto.

Arte poética

Trata-se de uma quadra em versos de redondilha maior, com rima do tipo ABBA.

O romance é transmitido por nove testemunhos manuscritos: três principais e seis secundários. O facto de um destes últimos ser anónimo e outro atribuir o texto a António da Fonseca Soares não põe em causa a autoria de Sucarelo, que nos parece bem consolidada.

Manuscritos principais: **C**, pp. 101-104 / **L**, p. 107-113 / **P**, ff. 61r-63v

Manuscritos secundários: BA 49-III-49, ff. 454r-455v = **A** / BGUC 338, ff. 407v-408r = **B** / BGUC 405, ff. 35r-35v = **D** / BNP 6269, ff. 259r-260r = **E** / BPMP 1400, ff. 197r-199r (A. Fonseca Soares) = **F** / PA, I, ff. 39r-40r (an.) = **G**

Versão de **P**

Romance

Feito na ocasião em que o nosso Exército sitiou a Badajoz no ano de 1658. Escrito a D. Brázia de Sá, freira em São Bento do Porto

Dona Brázia dos meus olhos,
olhai que grande requebro
e que pequena lisonja
para os vossos olhos belos.

5 A vós, porque sois Madama
dos Países do Alentejo,
Clóris de Vila Viçosa,
Tisbe de meus rendimentos;

a vós só quero escrever
10 as novas do nosso exército,
e pois vos não mando a planta,
irão plantadas em verso.

Investiu-se a São Cristóvão
à escala vista e foi erro,
15 porque o santo é forte e duro,
prezado de teso e crespo.

Estava junto do rio,
no espinhaço de um outeiro,
peleijando no seu bairro
20 e assim fez grandes progressos.

Arrimam-se a Badajoz
as linhas e para o cerco
se fez delas um cordão
alinhado e mui bem feito.

25 Quero-me explicar convosco,
que aclara muito um exemplo,
e dizer-vos que é cordão
pouco mais ou pouco menos.

Cordão é como um Rosário[:]
30 os fortins são os extremos,
as contas são os soldados
repartidos pelos terços,

pelos quais todos os dias
se reza em todo este Reino,
35 porque não morram alguns
e outros pelos que morreram.

Atendaram-se os quartéis
e vem isto a ser o mesmo
que de ãa teia de estopa
40 fazer vários aposentos.

Os pobretes dos soldados
por este chão se estenderam,
sereníssimos infantes
dormindo sempre ao sereno.

45 Calor para peleijar
não faltou todo este tempo,

que o Sol teve esse cuidado
em julho, agosto e setembro.

50 Agora de febre e frio
estão chorando e tremendo
e com cursos, salva pace,
uns de sangue, outros de medo.

55 Plantaram-se as baterias,
os trabucos e morteiros
deitam balas, lançam bombas,
com estrondo e sem efeito.

60 De dar à bomba esfalfados,
os Vilãos dos Artelheiros
não se hão de acusar no quinto
como eu me acuso no sexto.

Conta-se que os Castelhanos
estão em mui grande aperto,
que não há em Badajoz
achar perdiz nem coelho.

65 Que lhes falta água de neve,
alفاças e peixe fresco,
e que não tem lá galinhas,
que é o pior que nós temos.

70 Comem somente os coitados
pão, vaca, porco e carneiro,
e legumes com azeite
e bebem-lhe vinho anejo.

75 Ninguém acha neste sítio
sítio de nós os rendermos,
e dando várias razões
por diversos fundamentos.

Resolvem que a razão é
porque estão junto do inverno,
os Portugueses de fora,
80 os Castelhanos de dentro.

A gente grande adoce,
os cabos estão enfermos;
que faremos nós sem cabos
e sem punhos que faremos?

85 Se lhe o socorro chegar,
que se espera por momentos,
ou nós voltaremos todos
ou todos nos perderemos.

Finalmente, Soror Brázia,
90 as cousas estão em termos
de não termos Badajoz
nem mui tarde nem mui cedo.

Adeus, mana, que vos livre
de olheiras e corrimentos,
95 vosso grande esperdiçado,
o Capitão Dom Gaiferos.

Variantes

Legenda. Romance que o autor escreveu a ãa Freira com quem falava, na ocasião em que o nosso exército estava no cerco de Badajoz **C** A ãa formosa Dama de Vila Viçosa, em que o Autor lhe dá conta de uma Batalha em que se achava contra Badajoz / Romance **L** Romance / Do Sucarelo, estando no sítio de Badajoz **A** De Sucarelo, estando no sítio de Badajoz / Romance **B** Romance do Sucarelo, na ocasião em que o nosso exército esteve sobre Badajoz, escrito a ãa Freira **D** Do Sucarelo, estando no sítio de Badajoz / Romance **E** Romance **F** Romance escrito a D. Blázia, do nosso exército na ocasião que estava sobre Badajoz **G**

1. Brázia] Blázia **G**
2. requebro] requebros **B**
4. para os] para **L A E**
6. do] de **C B D G**
7. Clóris] Clóri **L A B E**

8. Tisbe de] timbre dos **L A B E** Tisbe aos **F**
10. exército] terço **F**
11. e pois] pois **C** || vos não] não vos **F**
13. Em **L** São Cristóvão *está sublinhado e apresenta a seguinte nota:* Forte.
14 e foi] foi **G**
18. no] do **G**
19. pelejando no] pelejando **A**
20. fez] faz **L A B E**
21 Arrimam-se] Abriram-se **C L A B D E F** Abriu-se **G**
22. e para] para **B E**
24-27. *Falta esta quadra em F.*
26. aclara muito] claramente **A**
27. dizer-vos] dizer o **L B E** a dizer **A**
30. os fortins] fortins **F**
32. repartidos] divididos **L A B E**
36. e outros pelos que] outros pelos que **L D** outros pelo que **A** e outros porque **B E** e outro pelos que **F**
37. Atendaram-se] Estenderam-se **L A B E G** Assentaram-se **F**
38. vem] ver **D**
39. teia] pouca **L A B E**
41. Os pobretes dos] E os míseros dos **L** E os pobres dos **A B E** Os pobrezinhas **F**
42. por este] pelo **A B E**
pelo chão postos a jeito **L**
43. sereníssimo infante **G**
44. dormindo] dormiram **L**
45. calor] Daí **A B E**
Daí, para pelear **L**
46. faltou todo este] faltou a eles **L** falta aos soldados **A** falta aos soldados **B E**
47. esse] este **G** || cuidado] cuidado **A** cuidado **D**
50. tremendo] gemendo **D**
51. salva pace] (salve pace) **C G**
Em L salva pace está sublinhado.
52. de] com **G** || outros] e outros **C** || de medo] /*de medo/ **D** com medo **G**
53. Plantaram-se] Plantaram-se **D** Prantaram-se **G**
54. e] e os **F G**
55. lançam] deitam **L A B E** e lançam **G**
56. sem] com **F**
muito estrondo, pouco efeito. **L A B E**
57. De] **A L A B E** || esfalfados] os soldados **G**
58. Vilões dos] vilões dos **C A B E F G** ríspidos **L**
60. eu me] me **A B E**
63. que] e que **A B**
e que em Badajoz não há **L**
64. nem] ou **A B E**
65. lhes] lhe **L A B D E F**

-
66. alfaças e] hortaliça **L A B E**
71. e] os **C L A B D E F G**
72. bebem-lhe] bebem o **F** || anejo] arnejo **L A**
73. Ninguém acha neste] Nenhum de nós acha **L A B E**
74. sítio de nós os] no sítio de nos **L**
neste sítio de nos rendernos **A** neste sítio de rendernos **B E**
77. a razão] razão **L A B E**
78. do] ao **D**
80. de] por **F**
81–88. *Em L, A, B e E a ordem destas duas estrofes está invertida.*
84. e sem] sem **L**
85. Se lhe chegar o socorro **C A B D E F G** E sem chegar o socorro **L**
86. que se espera] a que esperam **L** que esperam **A B E**
87. nós voltaremos] cá ficaremos **L A B E**
88. nos perderemos] nós voltaremos **L A B E** nós perderemos **G**
89. Soror] minha **L** /*Senhora/ **A** Senhora **B E** || Brázia] Blázia **G**
91. de não termos] que não temos **L** que não teremos **A B E**
92. mui] mais **C** || mui] mais **C**
93. Adeus] E adeus **F** || livre] guarde **L A B E**
94. olheiras] olheiros **L** || corrimentos] corrumentos **C**
96. Gaiferos] Gaiferros **E G**

Notas

Legenda. O romance alude ao episódio da Guerra da Restauração, que ocorre nos alvares do verão de 1658, da tentativa de tomar Badajoz conduzida pelo general Joane Mendes de Vasconcelos, comandante em chefe do exército do Alentejo, que, na sua ótica, teria de ser antecedida pela tomada do Forte de São Cristóvão, no que encontrou grande resistência, levando-o a desistir. No entanto, insistindo no seu intento, teve de travar a sangrenta batalha do forte de S. Miguel, da qual saiu vitorioso, no dia 22 de julho de 1658, derrotando o duque de S. Germain, desbaratando-se contudo uma parte considerável do exército. Estavam criadas as condições para se abrir uma circunvalação e sitiar Badajoz. Porém, as fileiras ficaram tão fracas que, depois de quatro meses de cerco, em que uma epidemia dispersou o exército português e em que Badajoz continuou a ser abastecida livremente, e constando que do lado espanhol se formava um poderoso exército liderado por D. Luiz de Haro, Joane Mendes de Vasconcelos mandou levantar o cerco e regressar a Portugal.

São Bento do Porto – ver nota ao poema 13.

6. Países do Alentejo – entenda-se, da região do Alentejo.

7. Vila Viçosa – vila do distrito de Évora.

8. Tisbe – ver nota ao poema 47.

rendimentos – cumprimentos respeitosos.

14. à escala vista – de sobressalto.

16. crespo – referência ao terreno acidentado da colina onde se situa o Forte de São Cristóvão.

18. espinhaço – série ou continuação de montes.

30. fortim – pequeno forte.

32. terço – unidade militar de soldados.

43. Jogo com a forma de tratamento usada para designar os filhos do Rei.

44. sereno – relento, orvalho.

51. curso – diarreia.

salva pace – A expressão não se encontra dicionarizada. Numa tradução literal, seria "mantida (conservada) a paz".

57. Possível referência ao fogo de artifício usado nas praças sitiadas, para iluminação dos muros.

59. quinto – possível referência ao jogo da espadilha, que envolve cinco jogadores.

60. sexto – possivelmente o mesmo que *sexta*, que Morais regista: «no jogo dos cento, são seis cartas seguidas do mesmo metal».

65. água de neve – água arrefecida com neve.

72. anejo – que tem um ano.

81. gente grande – militares mais graduados.

82. cabo – oficial militar.

84. punho – no contexto, metonímia de soldado.

95. Com o sentido de “o vosso amor”.

96. Capitão Dom Gaíferos – personagem do *Romance do Marquez de Mantua e do Imperador Carlos Magno*, dramatizado por Baltasar Dias (ver nota 35 à réplica IV).

Arte poética

O romance é formado por quadras heptassilábicas, com rima toante nos versos pares, que se mantém constante ao longo de todo o poema.

60.

Manuscrito principal: **P**, f. 63v-64r

Manuscrito secundário: BGUC 338, f. 430v = **A**

Versão de **A**

Soneto de Sucarelo

Às Justiças e unhas do Porto

Ó muito nobre e sempre leal cidade,
Meirinhos, Escrivães de serventia,
escudeiros de Sua Senhoria,
que são ladrões por carta de ametade;

5 muito Moiro, Judeu, Clérigo e frade,
muito fanchono, muita simonia;
e o galego fazendo-as cada dia
com Martinho, Escrivão da puridade;

10 a unha e pena de águia do Mesquita,
do Destribuídor a arte e manha,
as ladroíces do famoso Pita;

com as trapaças de Francisco Aranha,
são os clamores com que o povo grita,
sem haver um remédio a dor tamanha.

Variantes

Legenda. Governando o Porto D. Álvaro de Abranches **P**

1. Ó muito] Ó mui **P**

2. Meirinhos, Escrivães] Meirinhos e Escrivães **P**

4. são] sois **P**

5. muito Moiro, Judeu] tanto Mouro e Judeu **P**

6. tanto fanchono, tanta sodomia **P**

7. fazendo-as] a fazer ãa **A**

7–8. **P** apresenta a seguinte nota, referente a Galego e Martinho: Este Galego era o Vigário-geral do Porto, João Roiz de Araújo, que depois foi Abade de Lordelo; e o Martinho, Martinho de Matos, Escrivão da Câmara Eclesiástica, Ave bem conhecida pela pena e pela unha.

9-14. *Faltam estes versos em P, que apresenta esta nota final:* Não acabou o Autor.

Justificação de emenda

7. Na lição de **A** o verso é hipermétrico, pelo que optámos pela solução oferecida pela outra versão.

Notas

Legenda. unhas – entenda-se, *ladroagem*.

De acordo com a legenda de **P**, o soneto pode ter sido escrito entre 15 de novembro de 1654 e 16 de agosto de 1657, período da ocupação do cargo de Governador do Porto por D. Álvaro Abranches.

1. A métrica impõe a leitura de *leal* numa só sílaba.

2. *escrivão de serventia* – funcionário judicial que, entre outras atribuições, desenvolve e acompanha autos de processos, despacha mandatos judiciais ou ordens de serviço.

4. *carta de ametade* – contrato que instituíra o casamento sob o regime da comunhão universal de bens. No contexto, sugere-se que as classes profissionais referidas tinham em comum os roubos que praticavam.

6. *fanchono* – homem homossexual.

simonia – ver nota ao poema 44.

8. *escrivão da puridade* – aquele que no século XIII era responsável pelos documentos particulares do rei. O cargo foi restaurado no século XVII por D. Afonso VI, que o atribuiu ao conde de Castelo Melhor, sendo extinto após a queda deste ministro. De acordo com informações do copista de **P**, o visado seria Escrivão da Câmara Eclesiástica e não da puridade.

9. Sugere-se eventuais registos fraudulentos através da *pena* do visado, que não conseguimos identificar, que lhe permitiriam rapinar como uma águia.

10. A métrica e a acentuação determinam a leitura de *destribuidor* com diérese.

10, 11 e 12. Não conseguimos identificar os visados.

Arte poética

A rima deste soneto obedece ao esquema ABBA/ABBA/CDC/DCD. Com as particularidades apontadas, todos os versos são decassílabos heroicos, exceto os versos 11 e 13, que são sáficos.

61.

Manuscritos principais: **C**, p. 134 / **P**, ff. 64r-64v

Versão de **P**

Quarteto

Feito de repente a ãa freira de Celas chamada Serafina, a quem galanteava um estudante que namorava ãas cerieiras

É muito grande mofina,
é muito grande mazela,
que arda em cera amarela
quem não arde em Serafina.

Variantes

Legenda. Copla de repente que em Celas de Coimbra fez o Autor a ãa freira chamada Serafina, que falava com um estudante que mais se inclinava a ãa filha de um cirieiro **C**

4. Serafina] cera fina **C**

Notas

Legenda. Celas – ver nota ao poema 56.

cerieiras – a que trabalha em cera; a que fabrica ou vende velas de cera.

1. mofina – infortúnio, má sorte.

Arte poética

Trata-se de uma quadra em versos de redondilha maior, com rima do tipo ABBA.

O romance é transmitido por treze testemunhos: três manuscritos principais, nove secundários e um impresso moderno. Um dos manuscritos secundários e o impresso moderno atribuem-no a D. Tomás de Noronha, havendo ainda dois manuscritos secundários em que o poema vem anónimo. Apesar desta divergência, o conjunto – e sobretudo os três manuscritos principais – não permite pôr em causa a autoria de Sucarelo.

Manuscritos principais: **C**, pp. 99-100 / **L**, pp. 118-121 / **P**, ff. 64v-65v

Manuscritos secundários: ACL A 693, ff. 265v-266r = **A** / ADB 373, ff. 203v-204r (D. Tomás de Noronha) = **B** / BA 51-II-4, f. 39v = **D** / BGUC 395, ff. 4v-5v (an.) = **E** / BMC B 52/3, pp. 203-204 = **F** / BNP Pb 133, ff. 242v-243v = **G** / BPMP 1396, ff. 79v-80v = **H** / BPMP 1854, ff. 227r-228r (an.) = **I** / TT Lv 241, f. 58r = **J**

Impresso moderno: **TA**, pp. 120-121 (D. Tomás de Noronha) = **M**

Versão de **P**

Romance

que fez no Porto a ùa moça chamada a Corcôs, indo à Fonte das Virtudes

Fui amar por meus pecados
a velhaca da Corcôs,
e por mais que fiz por ela,
nunca me fez um favor.

5 Bem lhe arrei as esparrelas,
mas nenhũa aproveitou,
porque a Puta era cadima
nas mecânicas de amor.

10 Fiz-lhe mil pontes de prata,
entendeu-me logo a flor;
o Diabo lhe dizia
que era eu pobre como Job.

15 Prometi-lhe muitas vezes
ùa peça de valor,
mas ela viu que eram peças
e nenhũa lhe acertou.

Encontrei-a nas Virtudes
ũa tarde c'um tenor;
disse-lhe quatro palavras,
20 isso que Amor me ensinou.

«– Maria, pois dos meus lombos
és a corcova maior,
porque sem alma e sem vida
perdido de todo estou[;]

25 «não queiras pagar, ingrata,
por levar a tua a nós;
quantos suspiros me custas,
quantos passeios te dou.

30 «Hei-te de ir escudeirando,
e enquanto contigo for,
dize-me só que me queres,
porém que me queres só.»

Respondeu-me mui tirana,
muito atiplada de voz:
35 «– Tanta honra a João Fernandes,
pague-lho Nosso Senhor.

«Dessa cor fora o meu pano
se ele tomara essa cor;
hei de ser mulher honrada,
40 viva Deus, viva o Senhor.»

Quis-lhe dar um beliscão,
ela andou-me derredor,
mas inda lhe descosi
três passamanes do cós.

- 45 E vim por ali dizendo
quanto me fora melhor
não tomar esta porfia
que ir morrendo como eu vou.

Variantes

Legenda. Romances **C** Indo o Autor em ãa ocasião em seguimento de amar ãa Dama, que por acaso encontrou / Romance **L**
Romance **A E** Romance de D. Tomás **B** Romance pelo Sucarelo **D** Romance de João de Sucarelo **F** Romance de Sucarelo
G Romance / Sucarelo **H** A ãa Dama desdenhosa / Romance **I** Sucarelo **J**

3. que] que eu **A** || fiz] fui **B**

e por mais que lhe fiz de afagos **E**

4. nunca] jamais **A F G H I**

5. as esparrelas] a esparrela **B G J M**

6. nenhũa] nada me **L D F G H I J M** nunca me **B** || aproveitou] lhe acertou **E**

7. porque] que **C E F G I J M** || era] era já **A B D F G I J M**

que a perra era já cadima **L** que a Dama era já cadima **H**

Em L perra está sublinhado.

8. mecânicas] maganices **M** || de] do **B M**

9. pontes] pontas **C L A D E F G H I J M** || prata] parta **E**

9–16. *Em F a ordem destas duas estrofes está invertida.*

11. o] mas **L** || Diabo] Dialho **B** || lhe dezia] lho diria **C A B D** lhe diria **L E F H I** lho disse **G**
que o Diabo lhe disse **J M**

12. era eu] eu era **B** era **F G**

13–16. *Falta esta quadra em G.*

15. viu que] viu **H I** || eram peças] era peça **L**

16. e nenhũa] nenhũa **F J M** || lhe acertou] lhe agradou **L** me aproveitou **F J M**

18. tarde] trade **E** || c'um tenor] com Leonor **L D** com temor **E** c'um Senhor **G**

19. quatro] em quatro **L G**

20. isso] isto **L A B D E F G I** destas **J M** || ensinou] ditou **L H**

21. dos] de **H I** || lombos] olhos **B E J M**

22. és a] essa **C H**

23. porque] por quem **B E F G J M** || e sem] nem **B M**

24. perdido de todo] de todo perdido **L J M**

25. queiras] quisera **E**

26. a nós] atroz **D**

(por mostrar a tua atroz) **L**

27. custas] debes **L B D H I**

29. Hei-te de ir] Hidetir [sic] **G** Hei de te ir **H**

30. e enquanto] enquanto **C L A B D E F G H I J M**

31. só] sim **J M**

-
32. queres] queiras **G**
33. mui tirana] muito altiva **L**
Respondeu muito tirana **J**
34. muito] mui **B H I**
35. João Fernandes] João Gonçalves **L H** João Frenandes **E** Jan [sic] Gonçalves **I** Jan [sic] Fernandes **J**
36. pague-lho] pague-lhe **C B** pago-lhe **E** pague-lha **M**
37. Dessa] Desta **B J M**
38. tomara] tomar **E** || essa] esta **J M**
40. viva o Senhor] vivam os bons **L A B D F G** e vivam bons **E H I** e vivam os bons **E** ouçam os bons **J M**
41. Quis dar-lhe um beliscãozinho **H I**
42. ela] e ela **L** || derredor] ao redor **C G** do redor **E**
43. mas inda] mas ainda **B** inda sim **F**
44. três] dous **L D H I**
45. E vim] vim-me **B**
46. quanto me] Oh, quanto **L B D H I**
47. tomar] amar **L A B D E F H I J M** amar a **G** || porfia] profia **C** patifa **L A B D E F G H I J M**
48. eu vou] vou **E F G H I J M**

Notas

Legenda. Corcôs – corcova, corcunda. De acordo com Bluteau e Teófilo Braga (1872, p. 223), o nome fora já utilizado num verso do poema *Vida de Nossa Senhora* de José de Anchieta (1534-1597).

Fonte das Virtudes – Fonte localizada na cidade do Porto, concebida por Pantaleão de Seabra e Sousa e construída em 1619. Também chegou a ser designada Fonte do Rio Frio.

4. favor – entenda-se, favor sexual.

5. esparrela – armadilha, cilada.

7. cadima – experiente.

9. ponte de prata – conceito do direito penal que consiste no arrependimento posterior do agente criminoso.

12. Job – personagem bíblica sujeita por Deus a uma série de provações, nomeadamente à miséria, sem nunca se revoltar ou blasfemar.

14–15. Jogo entre *peça*, objeto de valor, e *peças*, com o sentido de partidas, engodos.

18. tenor – recipiente de barro.

19. quatro palavras – possível adaptação da expressão que se encontra no Ato I, Cena I, da comédia *Andria* de Públio Terêncio, dramaturgo e poeta romano (entre 195 e 185-159 a.C.).

34. atiplada de voz – em tom de voz elevado.

35. João Fernandes – apesar dos nossos esforços, não conseguimos identificar de quem se trata.

37. pano – metonímia de vestuário.

Arte poética

O romance é formado por quadras heptassilábicas, com rima toante nos versos pares, que se mantém constante ao longo de todo o poema.

Manuscritos principais: **L**, p. 81 / **P**, ff. 65v-66r

Manuscrito secundário: ACL A 693, f. 96r = **A** / ADB 573, f. 222v (an.) = **B**

Impresso antigo: Fénix, III, p. 86 (an.) = **D**

Versão de **P**

Epitáfio

Na sepultura de um Bedel da Universidade, grande Bêbado

Aqui neste posto escuro
jaz um Bêbado que tinha
por beber sobre sardinha
ofício de beber puro[;]
5 mas caindo de maduro,
sua sepultura inventa
junto à pia de água benta[,]
porque assi quer desta sorte
ter por regalo na morte
10 quem vivo lhe discontenta.

Variantes

Legenda. Na sepultura de um Bedel, que tendo sido bêbado, se enterrou junto à Pia de água benta / Décima **L** À sepultura de um Bedel / Décima **A** Epiáfio / À sepultura de um bêbado enterrado junto a ùa pia de água benta **B** A um bêbedo sepultado junto a ùa pia de água benta / Décima **D**

3. por] de **D**

4. ofício] o ofício **L**

8. assi] ali **B**

Notas

Legenda. Bedel – funcionário de secretaria que na Universidade aponta as faltas dos estudantes e dos professores.

3. beber sobre sardinha – não encontramos a expressão dicionarizada. Contudo, no contexto, poderá sugerir beber abundantemente depois das refeições.

Arte poética

O poema é constituído por versos de redondilha maior, agrupados numa décima espinela, que obedece portanto ao esquema ABBAACDDC.

Manuscrito principal: **P**, ff. 66r-67v

Manuscritos secundários: BA 49-III-50, pp. 83-85 = **A** / BGUC 389, ff. 170r-171r (D. Tomás de Noronha) = **B** / BGUC 555, p. 126 (an.) = **D** / BMC B 52/3, pp. 201-202 = **E** / BNP 6269, ff. 298r-298v (an.) = **F** / BNP 8575, f. 188v = **G** / BPE M 173, ff. 94v-95r (an.) = **H**

Romance

que fez o Autor em nome de Paio Ferreira Pinto a D. Leonor de Magalhães, a Baida, freira de S. Bento do Porto, por amor da qual o dito Paio Ferreira teve ãa pendência no terreiro do dito convento com João do Amaral de Albuquerque, que se caiava e punha posturas no rosto por ser mui negro de cara

Madrepérola, algum dia
de quem se logrou convosco,
não só das conchas saído,
mas mui tredo e muito concho;

5 das peças que me fizestes,
ouvi murmurar um pouco,
nos versos deste Romance,
que em bom Romance vos mostro.

10 Quis-vos bem, fostes meu tudo,
agora sois já de todos;
glória dos olhos daquele
que soube encher-vos o olho.

15 Vi-me convosco na grade,
como em casa de meu sogro;
então pude o que queria,
hoje quero o que não posso.

20 Eu liberal, vós ingrata,
fazendo por vários modos;
eu a vós pontas de prata,
vós a mim pontas de corno.

Nas vossas contas não falo,
porque isso são largos contos,
vós cuidáveis de meus gastos,
eu tratava de meus gostos.

25 Não vos toco em ceguedades,
que era melindre forçoso,
sendo vós minha de meias,
por[d]es-vos comigo em pontos.

Mas já Amor a quem o serve
30 não dá bocado sem osso;
estes meus são de correr,
pois tanto deles me corro.

Lá vos entendi embora
com vosso Amante crioulo,
35 que por suas mossas de pau
é bem entendido moço.

Porque se em outra hora já
armado, horrendo e custoso
o vistes de ponto em branco,
40 hoje vem de branco em ponto.

Mas isto foram desejos
de vos parecer fermoso;
o mal é que o tem por simples,
andando ele {tão} composto.

45 Deus lhe dê alva ventura,
porque eu, madre, me resolvo
que heis mister para estas cargas
cada mês um burro novo.

De quem eu já solto e livre,
50 darei, lambendo-me todo^l,

a Deus cem contos de graças
in sæcula sæculorum.

¹ Chamava-se Paio Ferreira, de alcunha Cabeça de Vaca.

Variantes

Legenda. A ãa freira, que deixou Silvio por Lizardo / Sucarelo **A** A ãa Freira que deixou o Autor / Romance de D. Tomás **B** Romance CXV †CXV / A ãa Freira que deixou ao Amante por outro **D** Romance / De João de Sucarelo, deixando-o ãa freira por outro **E** Despedindo ãa freira que o deixou por falar com outro **F** A ãa freira que desprezou a Sucarelo, por cuidar que se vingava em tomar outros Amores: pelo mesmo Sucarelo / Romance **G** A ãa Freira que variou de amores, não sei de que Autor / Romance **H**

1. Madrepérola] Madre Pérola **D H** Madre pérola **F G**

2. logrou] gozou **B D G**

3. não só] não **D** || saído] mui saído **D**

4. mui] muito **A G** || tredo] lindo **B G** tesou **E** || e muito] e mui **A E F** || concho] co [sic] **G**

mas mui de todo mui concho **D**

5–8. **D** não apresenta esta quadra.

7. nos] em **B E F G** os **H**

8. mostro] conto **B G**

10. já de todos] já de todo **A D E G H** mais de todo **B**

11. daquele] de aquele **F**

12. soube] pôde **A B D E F G** || o olho] os olhos **D**

14. meu] seu **G**

15. pude o que queria] cuidou que queira **H**

16. hoje] agora **A E F** || não posso] posso **A E F**

19. pontas] a pontas **D** pontes **F H**

20. pontas] pontes **F**

21–24. **A, B, D, E, F e G** não apresentam esta quadra.

23. de] em **H**

25–32. Em **A, B, E e G** a sequência das quadras está trocada.

25. Não] Nem **H**

27. vós minha] menina **B D G**

28. por[d]es-vos] pores-vos **P A B D G H** pôr-vos **E F**

29. já Amor] já o amor **A** amor **B G** || a quem o] que nos **A E F** || serve] segue **B G**

Post 29. **D** não apresenta as quadras dos versos 29 a 36.

-
31. estes] e estes **B G**
32. tanto deles] deles também **A** deles tanto **F G** || corro] roço **B G**
33. entendei] havinde [sic] **G**
34. com vosso] convosco **A**
35. que por] por **F H** || mossas] moças **A E F**
36. bem] muito **A B G** mui **E F** || moço] o moço **E**
37. *Em P à margem, vem a seguinte anotação:* al. Tão amante que se um tempo
Tão amante que se um tempo **A B D F G** Tão amante que se um pouco **E**
- 37–44. **H** não apresenta estas quadras.
38. e custoso] custoso **A** e vistoso **B G** vistoso **E F**
39. vistes] viram **A B D E F G**
40. vem] o vem **A B D E G**
- 41–44. *Em P esta quadra está escrita à margem.*
42. vos parecer] parecer-vos **A E F**
44. andando] sendo **B D G** || {tão} tão **P A B E F G** mui **D**
45. Deus lhe dê] Dê-lhe Deus **A F** Deu-lhe Deus **G**
Dê-lhe Deus tua ventura **D**
46. porque eu] porque **D** pois eu **B G**
47. heis mister] só são **A B D E G**
que só para estas cargas são **F**
48. negrinhos da Manicongo **A** negrinhos de Manicongo **B D E** os negros do Manicongo **F** negrinhos do Manicongo **G**
49. Se eu fora destes enredos **A** E eu fora destes enredos **B F G** Eu fora destes enredos **D E**
50. darei] livre **A B D E F G** || lambendo-me] lembrando-me **H** || todo] todos **A**
51. dera mil graças a deus **A** darei mil graças a deus **B D E F G**
52. in sæcula seculorum **A** in secula seculorum **D E F H** pera secula seclorum **G**

Justificação de emendas

28. A forma de tratamento é a da 2.^a pessoa do plural.

44. Sem esta emenda o verso seria hipermétrico. A variante de **B, D e G** (*sendo* em vez de *andando*) também será uma alternativa possível.

Notas.

Legenda. Paio Ferreira Pinto – foi aluno de Cânones na Universidade de Coimbra, de 1640 a 1649. Obteve grau de Bacharel em 1648 e formou-se em 1649. Foi também mordomo da Santa Casa da Misericórdia do Porto, como consta numa ata de 24 de outubro de 1668¹¹.

D. Leonor de Magalhães, a Baida – segundo Barbosa Machado, era de origem nobre, da região de Entre-Douro-e-Minho. Morreu com mais de 90 anos, a 22 de dezembro de 1688. Dedicou-se às Letras.

S. Bento do Porto – *vd.* nota ao pema 13.

João do Amaral do Albuquerque – de acordo com Moncívio (2006-2007: p. 327), seguiu a carreira das armas. Era filho de António do Amaral de Albuquerque, que foi fidalgo e vereador na Câmara do Porto, e de D. Maria Pereira Leite, moradores na Rua das Flores, no Porto.

¹¹ *Vd. Livro 3 de Lembranças.* Livro n.º 5, f. 510r.

caiar e pôr posturas no rosto – Morais regista «Caiar o rosto» com o sentido de «por-lhe posturas [cosméticos] para parecer alvo».

1. Madrepérola – jogo com *Madre*, como se confirma no v. 46, uma vez que a destinatária era freira.

3. sair da concha – segundo Morais, «fallar, obrar com despejo o que era acanhado, e apoucado, ou modesto».

4. tredo – traidor, pouco sincero, embora no contexto, adquira o sentido de *traído*.

concho – de acordo com Morais, significa «Mui confiado, em si, ou em outrem».

5. peças – ver nota ao poema 62.

7–8. Jogo entre *Romance*, composição poética, e *Romance*, a língua vulgar.

12. encher o olho – contentar, satisfazer.

14. Cf. nota ao poema 23.

17. liberal – generoso, franco.

19. ponta de prata – técnica de desenho cujo traço, embora não podendo ser apagado, é muito subtil. Por extensão, sugere-se a delicadeza com que o sujeito da enunciação tratava a amada.

21–24. Subentende-se que o sujeito da enunciação presenteava a freira com dinheiro.

25. ceguedade – espanholismo; cegueira.

27. de meias – de igual forma.

28. pôr-se aos pontos – alterar, questionar, disputar.

31. correr – o contexto sugere que é sinónimo de *sofrer*. Morais regista *correr a tormenta* com o sentido de «sofrer a tormenta».

32. correr-se – envergonhar-se.

34. Amante crioulo – referência ao outro amante da freira, João do Amaral do Albuquerque, que, segundo o copista, era «mui negro de cara».

35. mossas de pau – de acordo com Morais, indica «singeleza, ou simplicidade, com que calcula, e rege as suas coisas; por suas rudes contas».

A métrica impõe a leitura de *suas* como monossílabo.

39. de ponto em branco – *de pontaria ao alvo* ou possível adaptação da expressão *de ponta em branco*, que significa de maneira que os golpes do agressor sejam aparados pela lança ou pela espada, de forma a que se proteja o corpo. Possível alusão ao facto de o visado ter seguido a carreira das armas.

40. branco – referência aos cosméticos que o visado usava para clarear o rosto.

em ponto – exatamente.

47. haver mister – ter necessidade.

50. lambar-se – o contexto sugere o sentido de *regalar-se*.

51. cem contos de graças – no contexto, a unidade monetária hiperboliza as muitas graças a Deus que o sujeito da enunciação tem de dar, em virtude de se ter afastado da freira.

52. in sæcula sæculorum – expressão litúrgica; pelos séculos dos séculos, para todo o sempre.

Arte poética

O romance é formado por quadras heptassilábicas, com rima toante nos versos pares, que se mantém constante ao longo de todo o poema.

Mafalda Ferin Cunha, trabalhando com dois dos testemunhos, editou este soneto no âmbito do trabalho que dedicou a Bacelar, apresentando-o no apêndice dos poemas de autoria não completamente segura (Cunha, 2007, p. 753). Contudo, o conjunto – e sobretudo os dois manuscritos principais – não permite pôr em causa a autoria de Sucarelo.

Manuscritos principais: **L**, p. 1 / **P**, ff. 67v-68r

Manuscritos secundários: ACL A 693, f. 44v = **A** / BGUC 383, f. 145r (A. Barbosa Bacelar) = **B** / BPMP FA 21, ff. 115r-115v = **D**

Impressos modernos: MCF, p. 212 (A. Barbosa Bacelar) = **E** / MFC, p. 753(A. Barbosa Bacelar) = **F**

Versão de **P**

Soneto

Quando a fermosa mão Fílis movia,
quando a sonora voz Fílis soltava,
como rendia as almas que enlevava,
tudo era alma na métrica harmonia.

5 E porque namorado do que ouvia,
o Céu, o ar, o vento se parava,
o coração que apenas respirava,
segunda vez de amores se acendia.

10 Em duplicado fogo Amor procura
sacrificar a presa liberdade,
falsas a voz, donaire a fermosura.

Oh poder superior da Divindade!
Oh singular disconto da ventura,
achar junto à beleza a falsidade!

Variantes

Legenda. A Filis, tocando e cantando / Soneto **L** Soneto **A** Poema / A ãa Dama tocando e cantando / Soneto **B** Soneto / A ãa Dama tangendo e cantando / Do Sucarelo **D** A ãa dama cosendo e cantando **E** Sem título **F**

3. rendia] rendida **D** || enlevava] elevava **L**

-
4. tudo era alma na] toda era alma a **L** tudo era alma a **A B D F** tudo era alma e **E**
5. ouvia] via **B E**
6. o vento] e o vento **L D**
8. amores] amor **E** || acendia] encendia **L A D F**
11. falsas] falsa **B E** || a] à **A H** || a fermosura] à fermosura **A F** o firmamento **D**
12. superior] superior **B**
13. singular] singular **A** || disconto] desplante **E**
14. junto à beza a] junta a beza à **E**

Notas

11. falsas – termo da música que caracteriza a voz de Fílis.
12. A métrica torna a síncope obrigatória.

Arte poética

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA / ABBA / CDC / DCD. Todos os versos são decassílabos heroicos, embora o v. 9 também possa ser lido como sáfico.

Manuscrito principal: P, ff. 68r-68v

Décima

Estando o Autor em casa de Francisco Ferreira de Valdevezo, por ocasião de uma briga deu um desmaio a ãa sua cunhada, que vendo outra irmã sua mais moça e mais fermosa, se desmaiou também à vista da irmã, acudindo-lhe

Fílís um desmaio teve,
como era neve caiu;
de Célia o Sol lhe acudiu
e desmaiou junto à neve.
5 Mais Fílís a Célia deve
em a imitar nos desmaios
do que florecendo Maios
se ela Sol a socorrera,
pelo risco que correrá
10 Fílís, neve junto aos raios.

Quando o Autor fez esta décima pediu aos circunstantes que nenhum dissesse que era sua porque foram os primeiros versos sérios que fizera.

Notas

Legenda. Francisco Ferreira de Valdevezo – poderá tratar-se de Francisco Ferreira de Val de Vezo, que, em 1666, governando a nau S. Gonçalo, foi exercer o cargo de Vedor Geral da Fazenda do Estado da Índia.

5–10. Entenda-se: Fílís deve mais a Célia por ter desmaiado do que o mês de maio ao sol no que respeita ao desabrochar das flores. Se Célia não tivesse desmaiado, a sua formosura ofuscaria Fílís.

Arte poética

O poema é constituído por versos de redondilha maior, agrupados numa décima espinela, que obedece portanto ao esquema ABBAACCDDC.

67.

Manuscritos principais: **L**, p. 14 / **P**, ff. 68v-69r

Versão de **P**

Soneto

A Francisco de N[oronha], estando o Autor preso. De consoantes forçados

Depois que à sombra estou, Monsiur Francisco,
teve a Musa de mim tal nojo e asco
que nunca me quis já meter no casco
métricas influências por São Pisco.

5 Por mais que lhe brindei sobre um lambisco,
fazendo-lhe Turíbulo de um frasco,
mais fria está, mais dura que um penhasco,
aquela que foi raio e foi corisco.

Pobre do entendimento rude e tosco;
10 vede como estará galante e fresco
para entrar a medir versos convosco;

convosco que bebeis como um Tudesco
e tendes granjeado já connosco
opinião de espírito burlesco.

Variantes

Legenda. Vendo-se o Autor em ãa prisão, escreveu a um Amigo poeta o seguinte / Soneto **L**

1. Monsiur] Monsieur **L**

9. rude] rudo **L**

Notas

Legenda. Francisco de Noronha – apesar dos nossos esforços, não conseguimos identificar de quem se trata. consoantes forçados – ver nota ao poema 11.

-
4. por São Pisco – locução interjetiva popular já usada por Gil Vicente e Camões cuja origem não está bem esclarecida.
 5. lambisco – pequena porção de comida.
 6. Turíbulo – incensório.
 12. beber como um Tudesco – beber em grandes quantidades.

Arte poética

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA / ABBA / CDC / DCD. Todos os versos são decassílabos heroicos.

68.

Manuscrito principal: P, f. 70v

Décima

Contra os Sodomitas

Como Autor libelo dá
o bom vaso natural
contra o membro genital;
e se cumprir provará
5 que é de condição tão má
e que tão más contas faz
que por um torpe rapaz
deixa uma moça galante;
não dá nela por diante,
10 mas dá nele por detrás.

Notas

1. libelo – ver nota ao poema 52.
2. vaso natural – órgão sexual feminino.
3. membro genital – órgão sexual masculino.

Arte poética

O poema é constituído por versos de redondilha maior, agrupados numa décima espinela, que obedece portanto ao esquema ABBAACDDC.

Manuscrito principal: P, [f. 71r]

Redondilha

feita quando morreu o Arceiago da Régua e Provisor do Porto Manuel de Seabra de Sousa,
que sendo um homem mui alegre, morreu de melancolia

Gastou todo o bom humor,
deixou o ruim para o fim;
porque se não fora assim,
não morrera o Provisor.

Manuscrito principal: P, [ff. 71r-73r]

Romance

A João de Santo Agostinho, Frade Lóio, estando em guerra sua Pátria e o Autor na Cidade do Porto

Que fazeis na vossa Terra,
Frade de cacaracá,
fora do vosso convento,
em caz de vossas irmãs?

5 Já se acabaram as festas,
e mais inda por sinal
que disse o Pero vendeiro
que foram elas bem más.

Houve comédias de réquie,
10 gente muito principal,
albardeiros da Arrifana,
almocreves de Baltar.

Caretos muito sisudos,
sem nenhum deles falar,
15 gentilmente disfarçados
os narizes c'um sendal.

Deixo os Touros de cavalo
porque para cavalgar
não há terra como essa
20 tão galante em Portugal.

Porém, Padre da minha alma,
tudo isto se acabou já;

e vós não acabais nunca
de partir nem de chegar.

25 Se acaso não tomais banhos
nas caldas de Pero Vaz,
não sinto cousa que possa
deter-vos nesse lugar.

Perdestes cá peixe fresco,
30 sardinha viva sem sal,
muita soma de cabrinhas
e muito infindo goraz.

Vieram naus do Brasil,
trouxeram muito ananás,
35 um Francês de Bacalhau,
três caravelas de sal.

Prenderam Gaspar de Anaia
por se querer reformar,
ele e mais o seu cavalo,
40 sem ordem do general.

Proveram mais a João Dias
em Cónigo Magistral,
e mais não leu como Escoto
nem como Santo Tomás.

45 Fizeram nova Abadessa
as Madres do Codeçal,
mas houve de parte a parte
chopinadas a rachar.

Eu tenho Freira em Monchique
50 por ter em que me ocupar,
mulher de grandes primores,
muito honrada e figadal.

Não é muito sabichona
que digamos, porém faz
55 ricas ameixas de calda,
fermoso manjar real.

A moça zomba zombando,
bota patacas ao mar
e faz vanglória de ser
60 grandiosa e liberal.

Livre-vos Deus, Frade Lóio,
d'ũas que dão seis e ás,
amigas de falar culto,
mortas por discretear;
65 que entre jogo e zombaria,
vos põe, salvo tal lugar,
um par de cornos na testa,
como tentos de três val.

Mas a minha não é destas,
70 é mulher mui cortesã
e agora manda um bilhete,
pede-me que chegue lá.

Notas

4. caz – variante arcaica de *casa*.

9. comédias de réquie – comédias fúnebres, tristes, sem graça.

11. Arrifana – Arrifana de Sousa, atualmente Penafiel, onde o ofício de albardeiro se encontrava, em seiscentos, bastante representado.

12. Baltar – freguesia do concelho de Paredes onde existiu uma importante colónia de almocreves, que faziam o serviço de transporte de mercadorias entre o Porto e várias terras do país.

13. careto – máscara.

16. sendal – véu fino.

17–20. Os espetáculos tauromáquicos chegaram a ser tradição nas ocasiões festivas da cidade de Guimarães.

26. caldas de Pero Vaz – alusão à extinta (agregada) freguesia de S. João, atualmente Caldas de Vizela, onde se situa o Paço de Gominhões, que foi propriedade de Pedro Vaz Cirne de Sousa.
31. cabrinhas – designação do ruivo, um tipo de peixe.
37. Gaspar de Anaia – *vd.* nota ao poema “As valentias de Gaspar de Anaia”.
41. João Dias – muito possivelmente, João Dias Ferreira, que se tornou cónego em 24 de dezembro de 1647 (Freitas, 1952: p. 10), pelo que o poema há de ter sido composto por volta dessa altura.
42. Cónigo Magistral – o cónego que tinha nas Sés o encargo de ensinar teologia e gramática.
43. Escoto – João Duns Escoto (*1265-6 †1308), franciscano escocês que foi um dos nomes mais sonantes do período áureo da Escolástica.
48. Santo Tomás – S. Tomás de Aquino (1255-1274) que nasceu em Roccasecca, na Itália, em 1225, e morreu em Fossanova, a 7 de março de 1274. É considerado um dos maiores nomes da filosofia na Idade Média e as suas obras tiveram enorme repercussão na Escolástica.
46. madres de Codeçal – referência ao Convento de Santa Clara, que se situava-se junto às Escadas do Codeçal, no Porto.
48. chapinada – briga com chapim, calçado de sola alta.
49. Monchique – *vd.* nota ao poema “Meu Gregório Martins, Deão do Porto”.
52. figadal – ver nota ao poema 25.
55. ameixas de calda – possível referência às “Ameixas d’Elvas” um doce conventual, dos mais antigos e típicos da região do Alto Alentejo.
56. manjar real – ver nota ao poema 28.
62. dar seis e ás – ver nota ao poema 28.
64. discretear – falar dos outros ou a despropósito, cometer indiscrições.
68. tento de três – um tento que se marca com três cartas, em certos jogos.
- val – cf. nota ao poema 36.

Arte poética

O romance é formado por quadras heptassilábicas, com rima toante nos versos pares, que se mantém constante ao longo de todo o poema.

Manuscrito principal: P, [ff. 73r-74r]

Décimas

A ãa Dama a quem subiu um rato pelas pernas acima

Deste rato a sorte envejo,
pois venturoso se esconde
no lugar, Senhora, aonde
apenas chega o desejo;
5 mas nas circunstâncias vejo
que neste torpe animal
força de ação natural
desculpa o grosseiro trato,
porque é negaça de rato
10 cheiro de queijo frescal.

Afirma, que eu não lho assaco,
quem diz que fez a experiência,
que o rato em sua assistência
não sabe mais que um buraco.
15 Este, que é grande valhaco,
muito bem soube escolher
buraco adonde viver;
porque, se eu nele estivera,
viver noutro não quisera
20 nem pudera mais querer.

Brioso andou pois disposto
para a empresa pretendida;
quis aventurar a vida
por satisfazer ao gosto.
25 E assi teve tão bom posto
que eu lho envejo de maneira

que passara a vida inteira
onde ele esteve aquela hora,
e fora rato, Senhora,
30 preso nessa ratoeira.

Arte poética

O poema é constituído por versos de redondilha maior, agrupados em décimas espinelas, que obedecem portanto ao esquema ABBAACCDDC.

Manuscrito principal: P, [f. 74r]

Redondilha

Fazendo Pontifical Frei Jacinto [†], Abade de S. Bento no Convento da Avé-Maria, na profissão de D. Joana Bandeira, pregou o Prior de Águeda e não lhe tomou vénia, e fazendo despois outro o dito Abade na /*Misericórdia/ pregou o Prior de Cedofeita Nicolau Monteiro e lhe tomou vénia, dilatando-se muito em seu louvor

Fervem os Pontificais
e ferverão se assi for,
que o que não fez um Prior
fez outro de mais a mais.

Notas

Legenda. Convento da Avé-Maria – Convento beneditino do Porto, fundado em 1518.

Prior de Cedofeita Nicolau Monteiro – nasceu em 1585 e morreu a 20 de dezembro de 1672. Foi uma personalidade insigne da cidade do Porto. Esteve por vários anos ligado à Santa Casa da Misericórdia do Porto, na qual ocupou funções de Provedor em 1636, 1643 e 1664.

Arte poética

Trata-se de uma quadra em versos de redondilha maior, com rima do tipo ABBA.

Manuscrito principal: P, [ff. 74r-74v]

Um Prior de Moreira mandou pedir ao Autor que lhe fosse ver uns inchacinhos que tinha, e ele lhe respondeu co' a copla seguinte

Faço meu Procurador
ao Matos de Matosinhos,
para ver os inchacinhos
que tem o padre Prior.

Nota

Legenda. Moreira – freguesia do concelho da Maia, distrito do Porto.

Arte poética

Trata-se de uma quadra em versos de redondilha maior, com rima do tipo ABBA.

D. POEMAS TRANSMITIDOS PELO MENOS PELO MS. L

74.

Manuscrito principal: **L**, p. 4

Manuscritos secundários: ACL A 693, f. 150r = **A** / TT Lv 1804, p. 207 (an.) = **B**

Versão de **L**

À morte da Condessa de Vilanova

Soneto

Faleceu a Senhora Vilanova;
o Céu o haja por bem, pois que a logrou;
com desejos e fome nos deixou,
e ela se meteu farta na cova.

5 Õa Senhora foi de grande prova
e tão clara que nunca se turbou;
de ruins línguas ela só zombou,
com que a sua vida urdiu por arte nova.

Muita gente chorou na sua morte,
10 porque a muitos deu gosto cá na vida;
que assim se paga tudo desta sorte.

Mau grado tenha a Morte fementida,
que Dama tão corrente e tão de Corte
bem merecia vida mais comprida!

Variantes

Legenda. Soneto / À morte da Condessa de Vilanova **A** À morte de ãa mulher / Soneto **B**

2. o haja por bem, pois que a] haja por bem que se **A** haja que bem que se **B**

3. desejos] desejo **B**

8. com que a sua vida urdiu] e a vida ordenou **A B**

10. gosto] gostos **B**

Notas

Legenda. Poderá tratar-se de D. Branca de Vilhena da Silveira que, por desvios conjugais, foi obrigada a recolher-se a um convento, vindo a falecer no dia 30 de abril de 1649; D. Guiomar de Castro, envenenada pelo marido supostamente também por ter sido infiel; ou de D. Mariana de Lencastre, terceira mulher do 3.º Conde de Vila Nova de Portimão, envolvida simultaneamente com D. João IV e o célebre D. Francisco Manuel de Melo. A redação do soneto será posterior à data indicada inicialmente; posterior à data da morte da segunda mulher do conde (que não conseguimos apurar); ou ainda após 11 de abril de 1662, data da morte do conde, a quem a terceira mulher sobreviveu.

8. Para que o verso possa ser considerado como regular, temos que admitir uma sínérese em *sua*.

Arte poética

A rima deste soneto obedece ao esquema ABBA /ABBA /CDC / DCD. Predomina o decassílabo heróico, mas os vv. 5, 7 e 10 também podem ser lidos como sáficos.

75.

Manuscrito principal: L, pp. 64-68

Manuscrito secundário: BNP 13217, ff.255r-255v = A

Versão de L

A um Amante que prometeu, dando Deus saúde à sua Freira, Fulana de Salazar, casar seis Órfãs e vestir as Serventes da Casa

Décimas

Seis Órfãs, e muito honradas,
e não sei quantas Serventes
se queixam a Deus e às gentes
que ficam desamparadas;
5 com seus homens concertadas,
de muito boa estatura,
estão a Deus e à ventura;
e fica a pobre Beleza
com dotes da natureza
10 e com arras de natura.

As Serventes que com saias
muito luzidas e belas,
se não queriam ser Pélas,
trataram já de ser Maias;
15 porque todos lhes dão vaias,
não querem já sair fora;
cada qual se queixa e chora,
dizendo publicamente
que suposto que é Servente,
20 não é vossa Servidora.

Pedem juntas elas todas
à formosa Salazar

lhe[s] queira fazer pagar
saias e dotes das vodas;
25 ou chamarão pelas rodas
que em Santa Clara tiveram,
onde à Virgem ofereceram
e saúde lhe alcançaram;
fazendo, se não choraram,
30 a pior cara que puderam.

Para as Serventes trazer,
mandareis um pano forte;
nele Amor pintado e a Morte,
que ambos tem igual poder;
35 juntamente recolher
as Órfãs em Santo António,
porque é sutil o demónio;
e fareis feito de um Fúcar;
isto até que venha o açúcar,
40 será doce o matrimónio.

Porém seja de maneira
que às Órfãs se lhe[s] socorra,
que o dito açúcar não corra
pela mão de algũa Freira;
45 que açúcar em conserveira
nunca lhe saiu da mão;
e se ela for Freira então
tereis certa ãa demanda,
por fazer do que se manda,
50 por fazer negociação.

As Órfãs enfim casadas
e as tais Serventes vestidas,
em forma de agradecidas
ante Salazar prostradas;
55 em lágrimas desatadas,
dirão em vosso louvor

mil sanchonetas de Amor;
e enfim sereis celebrado,
o Pai das Órfãs chamado
60 e das Serventes Senhor.

Variantes

Legenda. A um Amante que prometeu, dando Deus saúde a sua Freira, casar seis órfãs e vestir as serventes da casa / Autor Asucarelo **A**

5. seus] seis **A**

15. lhes] lhe **A**

20. não] que não **A**

23. lhe[s]] lhe **L A**

26. Santa Clara tiveram] /*Santo/ estiveram **A**

27. onde] donde **A**

32. mandareis] mandarei **A**

33. e a] e **A**

42. lhe[s]] lhe **L A**

43. que] e **A**

52. tais Serventes] serventes **A**

54. Salazar] a Salazar **A**

Notas

7. a Deus e à ventura – de acordo com Morais, a todo o risco.

10. arras – segundo Morais, certa quantia ou bens que o noivo, por contrato dotal, assegura à esposa para seu sustento e tratamento, se ela lhe sobreviver.

13. péla – Morais regista, como aceção antiga, o significado de rapariga que bailava nos ombros de uma mulher que também andava bailando, fazendo a primeira os mesmos movimentos da outra. Este sentido é também acolhido por Houaiss, que acrescenta o sentido figurado de brinquedo.

14. maia – Morais, também como aceção arcaica, aponta o sentido de dama, donzela.

24. vodas – forma arcaica de *bodas*.

25–26. roda – com o sentido de *roda dos expostos*, onde se depositam crianças enjeitadas.

32. pano forte – provavelmente o mesmo que *pano de pintor*, tipo de pano cru, sobre o qual se executa uma pintura.

38. fúcar – espanholismo; o mesmo que *fúcaro*, homem muito rico.

39–40. Supomos que se trata de uma alusão à utilização do açúcar como dote de casamento ou como ingrediente de algum bolo ligado à festa do matrimónio.

57. sanchoneta – possível variante *chançoneta* ou *cançoneta*.

Arte poética

O poema é constituído por versos de redondilha maior, agrupados em décimas espinelas, que obedecem portanto ao esquema ABBAACDDC.

Manuscrito principal: L, pp. 69-72

Manuscrito secundário: BNP 13217, f. 255v (an.) = A

Versão de L

A um Amigo cuja Freira sua desmanchou um braço, a qual tinha dado ao Autor um pouco de pão de ló

Décimas

Por vida de El-Rei Dom Sancho,
que por razões infinitas
podeis receber vesitas
por nojo desse desmancho.
5 Eu, que também tinha gancho,
tenho, Amigo, tanta mágoa
que continuamente frágua
agua meu peito a meus olhos
e em cada um deles a molhos
10 choro dous almudes de água.

É meu sentimento tanto
que só jantando me esqueço,
porque eu nunca me entristeço
naquele tempo que janto.
15 Não fica Santa nem Santo
que eu não tome por terceiro;
a alguns, Padre Nosso inteiro;
a outros, rezo ametade;
enfim, Senhor, em verdade
20 ando feito um rezadeiro.

Queira Deus (mas sinto em mim
quantos meus pecados são)

que diga o Senhor que não,
só porque eu digo que sim;
25 queira Deus pôr cedo fim
a este mal que em tanto aperto
vos tem, que tenho por certo
que sendo por descuidada
a Madre a desconcertada,
30 vós sentis o desconcerto.

Dizei-lhe que digo eu
que tenha tento em seus braços,
já para vossos abraços,
já para regalo meu;
35 meu regalo, pois me deu
pão de ló daquela mão,
e assim tal pena é razão,
qual por meu Pai, me descarne,
que se é meu Pai minha carne,
40 esta Senhora é meu pão.

Variantes

Legenda. A um Amigo cuja freira desmanchou um braço e dera ãas fatias de pão de ló **A**

20. ando] que ando **A**

21. (mas] mas **A**

22. são)] são **A**

28. descuidada] descudada **A**

37. tal] esta **A**

38. descarne] desalme **A**

Notas

5. gancho – provavelmente no sentido de interesse, ganho.

8. Tal como está, o verso apresenta oito sílabas, o que sugere a existência de gralha no original. É possível que a forma correta fosse: *agua o peito a meus olhos*.

16. terceiro – o que intercede a favor de alguém; mediador.

Arte poética

O poema é constituído por versos de redondilha maior, agrupados em décimas espinelas, que obedecem portanto ao esquema ABBAACCDDC.

Manuscrito principal: **L**, pp. 73-75

Manuscritos secundários: BNP 13217, ff. 254v-255r = **A** / BNP 13217, ff. 261r-261v (an.) = **B**

Versão de **L**

A ãa Freira que enquanto falou com um Frade, falo[u] também com um Estudante

Décimas

Engenho agudo mostrastes
quando na traça em que destes
dous amantes ofendestes
e ambos também obrigastes;
5 de modo a coisa ordenastes
que os Amantes ofendidos
fizestes favorecidos;
e por ardis extremados,
ofendidos e obrigados,
10 cornudos e agradecidos.

Podendo um Frade ocupar
a já destinada grade,
deu a tardança do Frade
vagantes ao secular;
15 quisestes pois despachar
papéis de um e de outro estado
com tão zeloso cuidado,
fazendo em tempos perdidos
que fossem dous escolhidos,
20 sendo um somente o chamado.

Com igual destribuição
o tempo assim repartistes
que os prendestes e os ouvistes,

dando a cada qual ação;
25 assim, com muita razão,
pertendem os despachados
que nos casos reservados
ao Tribunal eminente,
de Amor sejais Presidente
30 na Junta dos Três Estados.

Variantes

Legenda. A ãa Freira que enquanto falou com um frade falou com um Estudante / Autor Asucarelo **A**

9. e obrigados] obrigados **A**

10. e agradecidos] agradecidos **A B**

13. a tardança] tardança **B**

23. e os ouvistes] ouvistes **A B**

Justificação de emenda

Legenda. Trata-se certamente de um erro do copista, pelo que emendámos.

Notas

2. traça – modo ardiloso de conseguir alguma coisa; ardil.

14. vagante – vacância, vacatura.

19–20. Alusão às palavras finais da Parábola *A Boda do Filho do Rei*: «Porque muitos são os chamados, mas poucos os escolhidos», do Evangelho Segundo São Mateus (22:1-14).

30. Junta dos Três Estados – um dos órgãos da administração central portuguesa criado pelo rei D. João IV, para administrar os impostos lançados para custear as despesas militares originadas pela Guerra da Restauração.

Arte poética

O poema é constituído por versos de redondilha maior, agrupados em décimas espinelas, que obedecem portanto ao esquema ABBAACCCDDC.

Manuscrito principal: **L**, p. 78

Manuscrito secundário: BNP 13217, ff. 255v-256r (an.) = **A**

Versão de **L**

A ãa Dama que indo a comer ãa cereja, a deu ao seu Amante, que lha pediu

Décima

Senhora, tudo me dais
quanto meu gosto deseja,
pois por dar-me esta cereja
da vossa boca a tirais;
5 bem vejo nela os sinais
de gozar tanta ventura,
porque tem, formosa e pura,
no rosado e no sabor,
de vossos beijos a cor,
10 de vossa boca a doçura.

Variantes

Legenda. A ãa Dama que deu ãa {s} cereja ao seu Amante, tirando-a da boca **A**

4. da] de **A**

7. tem] tão **A**

Arte poética

O poema é constituído por versos de redondilha maior, agrupados numa décima espinela, que obedece portanto ao esquema ABBAACDDC.

79.

Manuscrito principal: **L**, p. 79

Manuscrito secundário: BNP 13217, f. 309v (an.) = **A**

Versão de **L**

A ãa Freira, Luísa da Vesitação

Décima

Pois que vos fostes, traidora,
da *Vesitação* chamar,
ou deixai-vos visitar
ou me vesitai, Senhora;
5 que se vesitais agora
quem vos ama, com razão
não temo a vesita, não;
que inda que nos achem sós
quero, por ficar em vós,
10 ficar na Vesitação.

Variantes

Legenda. Freira] Freira chamada **A**

Arte poética

O poema é constituído por versos de redondilha maior, agrupados numa décima espinela, que obedece portanto ao esquema ABBAACDDC.

Manuscrito principal: L, p. 80

[A] Um homem que se fazia parente de outro e o estafava cortesmente

Décima

Silva, aqui para entre nós,
não quero que isto se note,
o pé do pobre Filhote
é pé de altar para vós;
5 e como estivermos sós,
vos direi o que isto é,
sabendo primeiro que
cá se murmura entre a gente
que sendo vós seu parente,
10 sejais frieira do {seu} pé.

Justificação de emendas

Legenda. O sentido impõe a emenda.

10. Tal como está o verso é hipermétrico, o que aconselha a supressão do determinante.

Notas

4. pé de altar – os proventos que o sacerdote auferia com o serviço eclesiástico.

Arte poética

O poema é constituído por versos de redondilha maior, agrupados numa décima espinela, que obedece portanto ao esquema ABBAACDDC.

81.

Manuscrito principal: L, pp. 133-144

Manuscrito secundário: BNP 13217, ff. 265v-267r = A

Versão de L

A ãa Freira, com quem o Autor se correspondia, e que não tendo gostado de outro Romance antes deste, só lhe agradou outro de um ruim Poeta

Romance

Minha Anarda, cuja voz
é como a de um pintassilgo
ou como a de ãa frautinha
de órgão que não tem registo;

5 dai-me atenção, que convosco
pertendo alterar o estilo
neste que, em tom de romance,
vos remete o meu capricho;

10 pois que outro que a minha Musa
vos fez, por claro destino,
perdeu em vosso conceito
os aplausos de polido.

15 E só os logrou ditoso
o de um Poeta vadio,
que ao porto dessa Beleza,
passou o vau sem perigo;

20 porque a limitou de sorte,
no epíteto ou no apelido
de que usou, chamando monstro
de beleza a vossos lírios;

dando a entender entre os logros
da aceitação, como digo,
que a pé enxuto passar pode
vosso mar qualquer mosquito;

25 exceto se a vossos lábios
for mergulhar no humor tinto,
que das Províncias da parra
se converte em gargarismos;

30 porque nunca falta neles
este licor que imagino
lhe pondes, para arremesso
da cor flamante de Tiro.

Confesso, primeiramente,
que sois aquele Prodígio,
35 com quem o céu traz demanda,
como outro Poeta há dito.

Mas fora melhor não ser,
porque em tão alto letígio
não há de haver Advogado
40 que vos dê seu patrocínio;

maiormente sendo Autor
o Céu (como eu vos afirmo),
que é sempre em todas as causas
de superior juízo;

45 e quando vos pôs embargos
(seja por qualquer motivo),
porque embargada não fôsseis
ao depósito do Limbo.

Confesso mais que açucenas
50 são vossas mãos, e epiciclo

do Sol a cela que tendes
para vosso domicílio;

porque de estar[d]es sujeita
a seus raios e a seus giros,
55 que a neve do vosso rosto
se deixou estar, infiro.

E finalmente confesso,
de muitas razões vencido,
que esse Convento é um sumário
60 do Céu, não entrando o Empíreo;

cujos planetas brilhantes,
cujos astros cristalinos,
com o diáfano globo,
fabricado de Zafiros;
65 apostas de raio a raio,
em perenes desafios,
fazem de modo que nunca
deixam de estar competindo.

Mas que doidice vos deu,
70 ó Musa minha! Que é isto?
Não adianteis tanto o passo,
porque vo-lo não permito.

Deixai perífrases cultas
para assunto mais altivo,
75 aonde os voos da pena
se empenham mais presumidos.

E continuai o Romance
como lhe destes princípio,
porque se escusam agora
80 estar com tantos prantinhos.

Qualquer iguaria basta
para Anarda e seus Amigos,
maiormente quando broa
gastam por falta de trigo.

85 Dize[i] pois que este Convento
em tudo é tão parecido
aos Céus que, como se sabe,
até lhe não faltam signos.

E quando não tenha os doze
90 de que dão notícia os livros,
não lhe devem de faltar,
segundo o que entendo, cinco.

E por não encobrir faltas,
uma e mil vezes publico
95 que lhe falta Aquário Céu,
Escorpião e mais Virgo.

Os mais todos tem; e Pisces
é o primeiro, pois seu mimo
é peixe o mesmo que nada
100 entre dous pratos metido.

O segundo Áries, mas cuido
que em latim me não explico,
e assim falarei na língua
em que falam meus vezinhos.

105 É pois Carneiro o segundo
de que este Céu tem domínio,
bem que o interesse não pode
consentir que esteja vivo.

E por andar arriscado
110 à morte entre alguns ministros,
sucede achar-se talvez
a cada quarto vendido.

E tanto que contra a ordem
do[s] Signos, a tem por isso,
115 como de Líbera, que havia
de estar mais distante, unido.

Porque as Leis lhe não dispensam
no supérfluo e excessivo,
e assim todos seus contratos
120 tem a peso reduzidos.

Segue-se logo o de Tauro,
que se mandou em concílio
geral que ajuntasse a casa
com o Capricórnio frio.

125 Porém são tão semelhantes
nos efeitos, como visto
se tem, que fora imprudência
conservá-los desunidos.

E neles lhe ampliaram
130 seu privilégio e destino,
dando-lhe ralos e grades
em que fazer exercício.

Gémines tange dobrado;
junto deles se está rindo
135 de quantas burlas se fazem
ao homem singelo e liso.

De tal sorte que aos Planetas
se pegou logo este vício,

de ruim exemplo, que viram
140 lhes dava seu mau ensino.

A par dele está o de Cancro,
tão ambicioso e faminto
que a todos quartos se pega
como dentro no entestino.

145 Sagitário, ultimamente,
está, como outro Cupido,
tirando com duas setas
a quanto encontra a tiro.

Por ver, dos muitos que fere
150 por sua arte e seu feito,
se tira algum de proveito
com que vá sendo mais rico.

E com isto à confissão
ponho fim, porque os ouvidos
155 se me quebram, com os grandes
repiques de tantos Signos.

Porém, não confesso, Anarda,
que o Poeta vosso amigo
sabe fazer um quarteto
160 de versos ou um quartilho.

Porque além de não fazer
conclusão em seu sentido,
erra neles, como vós
de o ter[d]es por momozinho.

165 Nesta terra todos dizem
que sois amiga de vinho,
que o Deus que levam as trovas
é um muito seu amigo.

Dizei-lhe que digo eu
170 que vá aprender com Rengifo
para fazer versos certos,
e terá melhor juízo.

E se vos disser que falo
mui soberbo ou atrevido,
175 respondi-lhe que de Torres
assim se fala a Inemigos.

Variantes

Legenda. A ãa Freira / Romance do Asucarelo **A**

2. pintassilgo] pintaxirgo **A**

7. que, em tom de romance,] romance que faço **A**

9. que outro] que **A** || a minha] minha **A**

10. destino] e destino **A**

11. vosso conceito] vossa a opinião **A**

13. ditoso] aventureiro **A**

14. o] os **A**

15. ao porto] os portos **A**

16. o] a **A**

18. ou no] ou **A**

21. que se à mais rara lhe chamam **A**

22. um mar, desde agora digo **A**

24. vosso mar] o vosso **A**

28. gargarismos] gorgorismos **A**

44. de superior] do superior **A**

47. não fôsseis] éreis

53. estardes] estares **L A**

55. do] de **A**

80. prantinhos] pontinhos **A**

85. Dizei] Dize **L A**

88. signos] sinos **A**

107. o interesse] interesse **A**

114. dos Signos] do Signos **L** dos sinos **A** || a] e **A**

120. a] o **A**

121. Tauro] Touro **A**

127. imprudência] imprudências **A**

130. privilégio] pervilégio **A**

131. ralos] raros **A**
135. burlas] bulras **L A**
143. quartos] quantos **A**
144. no intestino] nos entestinos **A**
148. quanto] quantos **A** || a] o **A**
149. ver] verdes **A** || fere] faz **A**
156. Signos] sinos **A**
158. o Poeta] Poeta **A**
163. erra] era **A**
164. terdes] teres **L A** || momozinho] mozinho **A**
165. todos] todo **A**
174. ou] e **A**

Justificação de emendas

- 53, 85 e 164. A forma de tratamento em todo o poema é a 2.^a pessoa do plural.
114. Trata-se de uma gralha evidente, pelo que foi corrigida.
135. Trata-se de uma gralha evidente do copista, que não hesitámos pois em emendar.

Notas

4. órgão – o órgão, instrumento musical, possui diversos registos que alteram o timbre do som, deixando-o mais grave ou mais agudo, imitando o som de instrumentos musicais, tais como flautas, etc. *órgão que não tem registo* refere-se ao órgão sexual feminino.
20. lírios – metáfora de mãos, confirmada, posteriormente, nos vv. 49–50.
23. Este verso é hipermétrico.
28. gargarismo – o mesmo que gargarejo.
31–32. Note-se a antanáclase em *Tiro*: *cor de Tiro* significa púrpura; tomando o nome da cidade como substantivo comum, joga-se no verso anterior com a expressão *armas de tiro e arremesso*.
35. demanda – neste contexto, processo judicial ou ação.
45–48. Entenda-se: o Céu, em litígio com Anarda por inveja das superiores qualidades desta, impede-a de ascender a um espaço mais elevado do que o Limbo.
59. O verso apresenta uma sílaba a mais.
60. Empíreo – lugar no mais alto dos paraísos, reservado para anjos, deuses, santos e seres abençoados.
64. Zafiros – o mesmo que safiras. Do latim *sapphirus*, adquiriu ao longo do tempo a forma feminina, por influência de *pedra*.
88. signos – à época a palavra apresentava a dupla grafia signo (de acordo com a etimologia) / sino (segundo a pronúncia). É essa alternância que permite o jogo que se observa daqui para a frente.
92. cinco – nos conventos e mosteiros, cinco era o número habitual de sinos¹².
109–110. À época, a carne de carneiro só era consumida por famílias de condição social superior, sendo completamente vedada ao povo.
112. quarto de carneiro – medida que consistia numa das pernas do carneiro até à metade do lombo.
121–124. Touro e Capricórnio têm como elemento comum a terra.
164. momozinho – diminutivo de *momo*.

¹² CERIMONIAL *Monastico Reformado da Congregação de S. Bento de Portugal*. Lisboa: Impressão Régia, 1820, p. 4.

170. Rengifo – autor espanhol, natural de Ávila, que publicou *Arte Poetica Espanhola*, em 1606.

Arte poética

O romance é formado por quadras heptassilábicas, com rima toante nos versos pares, que se mantém constante ao longo de todo o poema.

Manuscrito principal: **L**, pp. 150-152

Manuscritos secundários: BA 49-III-49, ff. 453r-453v (an.) = **A** / BA 49-III-50, pp. 296-297 (an.) = **B** / BGUC 338, f. 408r = **D** / BGUC 373, pp. 377-379 = **E** / BGUC 395, ff. 87v-88r = **F** / BGUC 395, ff. 113r-113v (an.) = **G** / BMC B 52/3, pp. 188 = **H** / BNP 6269, f. 262v = **I** / BNP Pb 133, ff. 134v-135r = **J**

Versão de **L**

Aos formosos olhos pretos de uma engraçada Dama

Romance

Olhos pretos matadores,
que nessa bela carinha,
os azuis e mais os verdes,
deixais a perder de vista;

5 que tem os Príncipes negros,
Reis de Congo e de Mandinga,
que fazer com o vosso Império,
que ver co'as vossas Meninas?

Sois tão guapos, tão correntes,
10 tendes tanta valentia
que de rasgados e crudos,
passais escritos de vida.

Também tendes de fanchonos,
meus olhos, qualquer coisinha,
15 pois enganando as vontades,
vos meteis pelas braguilhas.

Sois negros, mas sois mui livres,
e desprezando as conquistas,
triunfais das liberdades
20 de tantas almas cativas.

Sois gentis, não sois gentios;
com graça e com tirania,
nenhã Lei vos governa,
nenhã fé vos obriga.

25 Cego Amor das vossas sombras,
nos raios com que fulmina,
em competência das cores,
al blanco del alma tiran.

Nos vossos belos escuros
30 a minha alma anda perdida:
achou-se em serra morena,
não vê por onde caminha.

Olhos, vós sois feiticeiros,
porque todo o Mundo afirma
35 que o Sol vos pede emprestada
a luz com que nasce o dia.

Variantes

Legenda. A uns olhos pretos, pelo Sucarelo / Romance **A I** A uns olhos pretos **B** A uns olhos pretos, por Sucarelo / Romance **D** Romance do Sucarelo, gabando uns olhos pretos **E** Do Sucarelo, a uns olhos pretos **F** Romance a uns olhos pretos **G** Romance / A uns olhos negros, de João de Sucarelo **H** Romance a uns olhos pretos, por Sucarelo **J**

4. perder] perdar **L**

5. que] não **A B D E F G H I J**

6. Reis] Rei **D F I** || e] ou **D E F I** || Mandinga] Mondinga **A I** Mandiga **E G J**

7. com o] com **A B D E F I** do **H**

8. que ver co'as vossas] nem com as vossas **A D I** com vossas belas **B** com as vossas belas **E F H** nem ver com vossas **J**

9. Sois] São **E F H** || tão] e **B G** e tão **J** || guapos] pagos **A D I** || correntes] contentes **A D I** valentes **J**

10. valentia] fantasia **J**

11. que] pois **A D I** || rasgados e crudos] rasgados e grandes **D I** rasgados **F**

Crudos *encontra-se sublinhado em E.*

12. de] da **B** || vida] vidas **J**

13. fanchonos] Fanchones **A**

14. coisinha] cosinha **G**

15. pois] pois que **G J** || enganando] engando **A** rasgando **J** || as vontades] vontades **A D E F I** a vontade **H**

16. braguilhas] barguilhas **B E H I J** barrigas **F G**

17. sois mui] sois **A**

18. e] que **H**

20. de tantas] e destas **B**

Post 20. **J** *apresenta os seguintes versos*: Tanto que cheguei a ver-vos / não pude deixar de amar-vos / porque depois de mirar-vos / era forçoso o querer-vos.

21. gentis] gentios **B** || não] mas **A B D E F G H I J**

22. e com] e tal **B** e **E**

23. governa] obriga cativa **B**

25–32. *Faltam estas quadras em J.*

25. das] de **A B D E F G H I**

27. em] e em **A B D E F I** e entre **H** || das] de **B**

28. al] el **B** || tiran] tira **A B E F H** tiras **G**

al blanco de la mentira **D I**

29. belos] vales **A D I** || olhos **F**

30. a minha alma anda] anda minha alma **A D I** anda a minha alma **B E F G H**

31. achou-se] ache-se **A** acha-se **D I** || em] na **H**

32. vê] vês **G**

B *não apresenta os versos 33 a 36.*

33. Olhos, vós sois] Os olhos são **G**

35. vos pede] vos tem **D I** || emprestada] emprestado **D F G H I J**

Justificação de emendas

4. Trata-se de uma gralha evidente, pelo que foi corrigida.

Notas

6. Mandinga – O reino de Gabu (também conhecido por *Kaabu*, *Ngabou* ou *N'Gabu*) foi um reino mandinga que existiu entre 1537 e 1867 na região da Senegâmbia, que deveu a sua ascensão na região graças às suas origens como antiga província do império Mali. Após o declínio deste, Gabu tornou-se num reino independente. A expressão «de Congo, e de Mandinga» é recorrente na poesia da época (cf. Barros, 2008: p. 543).

11. crudo – o mesmo que cru, com o sentido de cruel.

13. fanchono – ver nota ao poema 60.

28. Referência indireta a *Tirant lo Blanc*, novela cavaleiresca do escritor valenciano Joanot Martorell, terminada postumamente por Martí Joan de Galba e publicada em Valência, em 1490. Narra as aventuras de Guillem de Vãroic, um herói armado cavaleiro, após diversos combates individuais contra reis, duques e gigantes.

Arte poética

O romance é formado por quadras heptassilábicas, com rima toante nos versos pares, que se mantém constante ao longo de todo o poema.

Manuscritos principais: **C**, pp. 119-122 / **L**, pp. 156-160

Manuscritos secundários: ACL A 693, ff. 233r-234r = **A** / BMC B 52/3, pp. 193-194 = **B** / BNP 8611, ff. 233r-234v = **D** / BNP Pb 133, ff. 151v-153r = **E** / BPMP 1410, ff. 209r-210r (an.) = **F**

Versão de **C**

Romance

Pois que dos meus disbarates
tanta estimação fazeis,
ouvi minhas desventuras
e meus pesares também.

5 Nesses bem-aventurados
campos onde amor vos tem,
apesar do sofrimento,
feito guardador da fé;

depois que vos ausentastes,
10 fui-me entregando a Isabel,
aquele belo feitiço
de quantos olhos a vem.

Achei-a um dia na fonte,
caiu-me a sopa no mel;
15 era fora Maria Alves,
segundo meu parecer.

Disse-lhe amorosamente
dous verbos em Português,
claro, brando e derretido,
20 tudo quanto pode ser.

Dei suspiros, fiz mogangas,
mais que um negro de Guiné,

que nos princípios amor
ensina muito a querer.

25 Prometi-lhe Seca e Meca,
olivais de Santarém,
mais anos do que serviu
Jacob a bela Raquel.

Finalmente abriu-se a Moça,
30 entre vergonha e prazer,
honestamente liberalmente,
piedosamente cortês.

Fez-me seu {s} par de favores,
se não foram mais de três,
35 de que a fonte murmurava,
envejosa de me ver.

Mas depressa se engana
quem ligeiramente crê
o toutiço do varão,
40 as mentiras da mulher.

Tem outro amor Zabelinha,
outro amante em que me pês,
um sastre da nossa Rua,
que é desastre o querer bem.

45 O Moço é magano e feio
na fegura[,] é fraca rês
e atravessou-mo a ventura,
sem que lhe possa valer.

Achei-o junto à parede,
50 posto nas pontas dos pés,
fazendo vários trejeitos,
campando por Bacharel.

Eu fiquei tão agravado
que fui para me perder,
55 mas não me achei em mim mesmo
e susti-me outra vez.

Foi-se, deixou-me com ela;
fiz-lhe quatro mil porquês,
não houve fome nem sede,
60 de traïdora e cruel.

Neste estado nos ficámos
desavindos, até a que
sare amor as mataduras
que dentro n'alma me fez.

Variantes

Legenda. A um Amigo ausente em ãa Quinta, dando-lhe o Autor conta dos requebros que teve em catequizar uma Moça, que depois viu que amava a um Alfaiate **L** Romance **A** Romance a Dionísio Rebelo, de João de Sucarelo **B** Do Doutor João Sucarelo, ao Doutor Rebelo / 18 Romance **D** Carta de Sucarelo a um amigo ausente, dando-lhe conta de ãa moça que galanteava **E** Romance **F**

1. Pois] Já **F** || dos] de **D E** || disbarates] disparates **L A**
3. desventuras] aventuras **F**
5. Nesses] Nestes **B D**
6. onde] donde **E F** || amor] o Amor **L**
8. da] de **A E**
10. a Isabel] Azabel **A E**
12. de quantos olhos] de todos quantos **L**
13. Achei-a] Falei-lhe **L**
15. Maria Alves] Marialves **L** Maria Alvres **A B D** Marialveres **E**
16. segundo] conforme **B D** || meu] o meu **L**
19. e derretido] derretido **B D**
20. quanto] quando **E**
23. amor] o Amor **L** de amor **B D E F**
24. a] o **B D**
26. olivais] e olivais **A**
27. anos] nos anos **B** || do que] que **B**
28. a] à **D**

Post 28. **L** *apresenta a seguinte quadra*: Tudo pode e tudo obriga / um belo Rostinho, a quem / fazem todas as potências / tudo o que a vontade quer. **D** *inclui também a quadra, embora com variantes, seguida de uma outra que, igualmente com variantes, aparece mais à frente em L*: Tudo pode, tudo obriga / um fresco rostinho a quem / fazem todas as potências / tudo o que a vontade quer. // Ficámos grandes compadres, / votou mil vezes de ter / firmezas a meu cuidado, / fé a minha candidez.

29. abriu-se a] brioca a [sic] **B** a briosa [sic] **D**

33. Fez-me seu{s}] Fez-me seus **C B** Fez-me seu **A D F** Fiz-lhe um **E**

35. a fonte] a gente **B D** || murmurava] me matar **E** murmurou **F**

Post 36. **L** *apresenta a seguinte quadra*: Ficámos grandes compadres; / votou mil vezes de ter / firmezas a meu cuidado, / fé a minha candidez.

37. Mas] Mas que **L A B D E F**

38. quem] que **L A B E** se **F**

39. verão] verão **C F**

40. as mentiras] nas mentiras **L** mentira **E**

41. Zabelinha] Isabel **B**

43. sastre] xastre **L B E** || da nossa Rua] da Reboleira **L** da vossa rua **E** de Raboleira **F**

44. é desastre o querer bem] é de xastre o querer bem **L** xastre há no querer **E** é de sastre o querer bem **F**

46. na feitura[,] é] má figura **L F** má figura e **A B D E**

47. e atravessou-mo] atravessou-mo **L** e atravessou-me **B D E F**

49. à parede] da Fonte **L**

50. nas pontas] nos bicos **B E**

53. Eu] **E B**

Piquei-me de tal maneira **L**

55. mim mesmo] mim **E**

56. susti-me] recolhi-me **L** retirei-me **A B D E F**

57. deixou-me] e deixou-me **L**

60. e] e de **L A D E F**

61. Neste estado] Desta sorte **L** || nos ficámos] ficámos **B**

62. a que] que **L A B D E F**

63. sare] cure **L**

Justificação de emendas

33. Trata-se de um lapso evidente de **C**.

39. Supomos que se trata de uma gralha de **C** (e de **F**), pelo que acolhemos a lição dos restantes testemunhos. A passagem significa que se engana quem se deixa levar pelo juízo do homem e pelas mentiras da mulher.

Notas

1. disbarate – variante arcaica de *disparate*.

14. cair a sopa no mel – vir (algo) muito a propósito, acontecer como convém.

21. moganga – ver nota ao poema 55.

25–26. Adaptação da expressão idiomática *Correr Seca e Meca, olivais de Santarém*, que significa andar muito ou de um lado para o outro. No contexto do poema refer-se a prometer muito.

27–28. Referência ao episódio bíblico no qual Jacob serviu catorze anos o pai de Raquel, para obter o consentimento deste para se casar com ela, que se tornou na sua esposa favorita.

43. *sastre* – espanholismo que significa *alfaiate*.

52. *campar* – exhibir-se, vangloriar-se.

60. A métrica impõe a diérese em *traidora*.

63. *matadura* – pequena ferida na pele de uma cavalgada.

Arte poética

O romance é formado por quadras heptassilábicas, com rima toante nos versos pares que se mantém constante ao longo de todo o poema.

Manuscrito principal: L, pp. 172-176

A ãa certa Freira, que se chamava Úrsula da Trindade, correspondendo-se com três Amantes

Romance

Soror Úrsula, que sois
da trindade da Beleza,
uma para três Madraços,
de natureza diversa;

5 sobre milagres de Amor,
são as palavras do tema,
o que o rifão diz: que o Demo
a dança de três fizera.

10 Fez este jogo o Diabo
quando com Adão e Eva,
o pecado original
caiu na face da terra.

15 Fez a célebre discórdia
das três Deusas lambareiras,
que Páris julgou peitado
pelas promessas de Helena.

20 Fez três Fúrias ou três Parcas
da tesoura ferrugenta,
que as maçarocas da vida
fiam, cortam tão depressa.

Finalmente de três caras
fez Diana, a casta e bela;
que há muito tempo, Senhora,
que já corre esta moeda.

25 Já Pedro de malas artes,
vindo um dia de ãa feira,
enfadado de três Burros,
amantes de ãa jumenta;

depois de cortar aos três
30 os narizes e as orelhas,
os lançou da ponte abaixo
ao rio que vai por Leça;

dizendo: «– Já que o Diabo
vos fez três, ele vos reja,
35 pois vos meteu nesta dança,
depois de nacerdes bestas».

Só o Diabo quis ser
Patriarca das terceiras;
assim o canta o Lisipo
40 da grã constância de crê-las.

Assim o Fénix de Espanha,
o nosso Lope da Vega,
o diz da grande Gerarda,
finíssima alcoviteira.

45 Deixo outros bravos exemplos
e sentenças verdadeiras
do grande Amaro da Lage,
expositor desta letra;

como nota Gil Vicente
50 em o número setenta,
sobre Maria Castanha
da antiguidade das velhas.

Porquanto o intento, Senhora,
de toda a minha contenda

55 é tratar de fazer quarto
nesta espadilha imperfeita.

Entrai pois para os abonos
com três ou com quatro pedras,
quando não forem de linho,
60 serão de panela velha.

E assim, Madre da minha alma,
pois vos prezais de discreta,
da parte de Amor vos peço
que ameis a quatro de meias;

65 que sou, para derreter-me,
brando como ãas manteigas;
no mais terei, como os outros,
muito santa paciência.

Notas

2. madraço – aquele que é dado ao ócio; mandrião, vadio.

7–9. Apesar de o ideal de perfeição estar tradicionalmente aliado ao número três, são frequentes as associações deste número com o Diabo. Segundo determinadas crenças, é um número considerado aziago, relacionando-se com o facto de as três da manhã ser considerada por muitos a hora do Demónio, por oposição às três da tarde, hora em que se supõe terá morrido Jesus Cristo. O sujeito da enunciação previne relativamente ao azar que pode causar o relacionamento com três pretendentes.

13-16. Referência ao episódio mitológico que está na origem da Guerra de Troia. Zeus delegou em Páris a responsabilidade de eleger a deusa mais bela e tomar a decisão relativamente a qual das três deusas, Hera, Afrodite e Atena, seria entregue a maçã de ouro. Para a conseguir, Hera, Atena e Afrodite fizeram-lhe promessas, tendo o jovem optado por Afrodite, que lhe garantiu o amor da mais bela mulher do mundo, Helena, casada com Menelau, que, por vingança, marcha contra os troianos.

17-20. As Fúrias da mitologia romana correspondem às Erínias gregas, divindades que puniam os mortais. Eram três: Tisífone, Megera e Alecto. As Parcas (designação romana das Moiras gregas) eram as três irmãs que determinavam o destino, tanto dos deuses quanto dos seres humanos. Fabricavam, teciam e cortavam o fio da vida dos mortais. As Moiras eram: Cloto, que segurava o fuso e tecia o fio da vida; Láquesis, que puxava e enrolava o fio tecido; e Átropos, que cortava o fio, determinando o fim da vida.

21-22. Sendo Diana, na mitologia romana, a deusa da Lua, as suas três faces correspondem às três fases da Lua: lua cheia, quarto crescente e quarto minguante.

-
25. Pedro de malas artes – figura tradicional dos contos populares, em que se apresenta como um tolo que acaba por ver os seus problemas resolvidos.
- 37-38. A «terceira» seria a medianeira da luxúria alheia, concertando encontros ilícitos, atividade mal vista, daí resultando ter o Diabo como *Patriarca*.
- 39-40. A referência a Lizipo, escultor grego do século IV a.C., será um lapso do copista. Tratar-se-á, mais certamente, de Justo Lipsio, filólogo e humanista flamengo do século XVI. *De constantia* é a sua obra mais importante, havendo uma tradução castelhana dada ao prelo em 1616, por por Juan Baptista de Mesa¹³. Note-se o jogo a partir do título do livro.
- 41-44. Gerarda é uma personagem da obra *La Dorotea* de Lope de Vega, publicada em 1632, caracterizada como sendo uma velha intrometida e intermediária de encontros amorosos.
47. Amaro da Lage – segundo Bluteau, foi um clérigo de Lisboa, célebre pelos seus ditos e peças galantes.
55. fazer quarto – O quarto é um jogo de cartas com quatro intervenientes. A expressão deve ser entendida como um pedido para ser o quarto elemento do conjunto de pretendentes da freira.
56. espadilha imperfeita – o jogo da espadilha (quinto) implica a existência de cinco parceiros, sugerindo-se, então, que para aquele “jogo” ser perfeito têm de participar a freira e os seus quatro galanteadores¹⁴.
57. abono – de acordo com Morais «em certos jogos os tentos, que cada um dos parceiros toma, para restituir se não perde outros tantos, ou pagar a dinheiros os que perdeu, e lhe faltou.»
- 58-59. Cada pedra de linho é o peso de oito arráteis de linho depois de gramado. Um arrátel corresponde a 0,459 kg.
60. Colocamos a hipótese de o verso remeter para o conto popular em que figura o motivo da sopa de pedra.
62. discreta – espirituosa, perspicaz.
64. de meias – cf. nota ao poema 64.

Arte poética

O romance é formado por quadras heptassilábicas, com rima toante nos versos pares, que se mantém constante ao longo de todo o poema.

¹³ LIPSIO, Justo, *Libro de La Constancia*. Traducido de Latin en Castellano, por Iuan Baptista de Mesa; Natural de la Ciudad de Antequera. Sevilla: Impreso por Matias Clauijo, 1616.

¹⁴ *ACADEMIA dos jogos, que trata do Voltarete, do Mediator, do Whist, do Boston, do Brelan, do Cassino, da Banca, das Damas, do Xadrez, do Dominó, do Gamão, do Passo de Roma, e de outros muitos Jogos de Cartas, e de Dados*. Tomo I. Lisboa: Impressão Regia, 1806.

Manuscrito principal: L, pp. 184-187

Manuscrito secundário: BA 51-II-4, ff. 39v-40r = A / BPMP 1854, ff. 228v-229v (an.) = B

Versão de B

Notícia que dá o Autor de sua prisão

Romance

Tem-me Sua Senhoria
metido em ferros d'el-Rei,
e por dizer o que corre,
o que corre é o que me tem.

5 Quem diz que el-Rei o mandou
não sabe donde isto vem,
que um só rei não me prendeu,
cem mil sim, que eu bem o sei.

10 Quem mandou tirar o mandado
com que me mandou prender,
já de contado se sabe
quando foi, como e por quem.

15 Quem lhe manda a Dono Rapia,
manda a Dona quando quer,
e o que bem parece à Dona
parece ao Dono também.

20 Depois que se salvou Dimas
na Cruz antes de morrer,
todos nesta vida querem
de Deus a mesma mercê.

A comodidade infame,
zelosa no que há mister,
abrindo-se à simonia,
faz seita e chama-lhe Lei.

25 Nesta nossa Idade de Ouro,
não val ser bom Português;
somente são estimados
os que El-Rei mandou fazer.

O vulgo me sentencia
30 sem piedade e sem quartel,
e se um me condena à morte,
respondem todos: “Amem”.

Este me afia o cutelo,
se não me aperta o cordel,
35 rezam-me todos pela alma,
subvenite sancti Dei.

Porém como eu estou preso
há já dous dias ou três,
entre estes votos do vulgo
40 vai-me rebentando o fel.

Componho-me com a desgraça,
topo-lhe a como vier,
já não há de ser três paus
o meu azar esta vez.

45 Não foi erro do destino
este injusto padecer,
senão revés da fortuna,
que tudo faz ao revés.

Variantes

Legenda. Estando o Autor preso, por ordem que diziam ser de El-Rei, por causa de ùa dívida de cem mil réis que devia **L**

Romance do Sucarelo **A**

4. o que me tem] que me têm **L**

7. só rei] Rei só **L A**

9. tirar o] tirou **L A**

12. quando foi, como] do como foi **A**

13. Dono] Dom **L** Dona **A**

15. bem] é bem **A**

19. querem] esperam **L A**

22. no] do **L A** || há] hás **A**

23. simonia] cerimónia **L**

24. seita] zurra **A**

faz surra e parece Lei **L**

Post 28. **L** *apresenta a seguinte quadra*: Fez de Escrivães subornados, / mártir me querem fazer, / que é tanto como em Marrocos, / ser martirizado em Fez. **A** *apresenta também a quadra, com variantes*: Fez de escrivães subornados, / mártir me querem fazer, / porque val como em Marrocos, / ser martirizado em Fez.

32. respondem todos] responde-lhe o outro **L** responde o outro **A**

36. sancti] santi **A**

37. como eu] eu como **L A**

43. há] hão **L A**

44. desta] este **L**

46. injusto] invicto **L**

47. senão revés] são reverses **L A**

48. ao revés] padecer **L**

Notas

13. Rapia – do normando “rapiat”, aquele que rapina; do latim “rapere”.

17. Dimas – o bom ladrão que, na cruz, pede a Jesus que se lembre dele.

23. simonia – ver nota ao poema 44.

Post 28. fez (**L** e **A**) – singular arcaico de *fezes*.

36. Subvenite sancti Dei – latim; que venham os Santos de Deus.

43. três paus – força construída com dois postes e uma trave.

Arte poética

O romance é formado por quadras heptassilábicas, com rima toante nos versos pares, que se mantém constante ao longo de todo o poema.

Manuscrito principal: L, pp. 191-192

Manuscrito secundário: BGUC 405, f. 48v (an.) = A

Versão de L

A um pensamento altivo, falando o Autor com o seu próprio, animando-o a que siga as adorações de Nise

Romance

Atrevido pensamento,
já desde agora vos digo
que para ser venturoso
é parte o ser atrevido.

5 Quem não despreza os temores,
atropelando os perigos,
não merece as esperanças
nem os menores alívios.

Amor, que vos deu as asas,
10 os favores e os motivos,
voará sempre convosco
seguro dos precipícios.

Não é culpa o querer bem;
que se amar fora delito,
15 criara-se a Formosura
somente para castigo.

Chegai aos olhos de Filis,
confessando arrependido,
das passadas covardias
20 a fé com que as sacrifico.

NB. Pelas poucas coplas, entendo também que ou falta, ou não concluiu o Autor este romance.

Variantes

Legenda. A um pensamento amoroso / Romance **A**

2. /*já/ dêz agora te aviso **A**

15. criara-se] cria-se **A**

18. confessando] confessado e **A**

Arte poética

O romance é formado por quadras heptassilábicas, com rima toante nos versos pares, que se mantém constante ao longo de todo o poema.

F. POEMAS TRANSMITIDOS APENAS

POR MANUSCRITOS SECUNDÁRIOS

87.

Manuscrito secundário: **BPMP S 747**, f. 266v

No sítio de Elvas, mandando o Assucarelo pedir um pão para cear a pessoa com quem jantava todos os dias

Copla

Mande-me Vo{ssa} Senhoria,
Senhor Conde Dom João,
pera cear o meu pão,
pois é pão de cada dia.

Justificação de emenda

1. A métrica impõe esta apócope.

Nota

2. Pode referir-se a qualquer uma de três figuras proeminentes da Guerra da Aclamação e das batalhas na fronteira do Alentejo: D. João Rodrigues de Sá e Meneses, 3.º Conde de Penaguião; D. João Mascarenhas (cunhado do anterior), 2.º Conde da Torre e 1.º Marquês de Fronteira, ou ainda D. João da Costa, 1.º Conde de Soure.

Arte poética

Trata-se de uma quadra em versos de redondilha maior, com rima do tipo ABBA.

Manuscrito secundário: **BPMP S 747**, ff. 266v-267r (an.)

Resposta

Antes que pão, muito açoute
Vossa Mercê merecia,
pois come o de cada dia
e me falta cada noute.

Arte poética

Trata-se de uma quadra em versos de redondilha maior, com rima do tipo ABBA.

Manuscrito secundário: **BNP Pb 133**, ff. 241r-242v

Romance a ùa mulher chamada a Pérola. Sucarelo

Margarida, mais fermosa
que o sol belo quando arraia,
esfera dos meus sentidos,
centro e descanso desta alma,

5 ouvi meu canto de cisne
nas eixéquias da esperança,
de que me sois devedora,
sequer por rezão da causa[.]

Dizei, belo Ganimedes,
10 qual foi a fatídica ave
que por pouco do seu gosto
nas unhas vos arrabate[.]

Quem é este novo António
de que vós sois Celeópatra[?]
15 Quem é este Páris troiano
de quem sois bela Spartana[?]

Éreis um tempo nos fogos
de amor como salamandra,
que passáveis sem perigo
20 pelas mais ardentes chamas[.]

Mas hoje sois outra Pórcia,
que comeis as vivas brasas
e o pior é que por brutus,
indignos de fé tão alta[.]

25 Perdoem-me vossos amantes,
se em vossa vida se trata,
que Réu que verdades conto,
já votos confessei d'alma[.]

Sois pedra, mas não sois dura,
30 que a pedra dura escalavra
e a vossa é tão branda e doce
que com qualquer pau se lavra.

Sois estrada coimbrã[.]
senda conhecida e larga
35 por onde caminham todos
à gineta e à bastarda.

Sois orago onde se ajuntam
gente de enfenitas castas,
para ver representar
40 de amor não vistas farsas.

Sois altar preveligiado
onde por amor se ganha,
quem com devoção vos beja,
indelugência plenária[.]

45 Éreis pérola preciosa
estando a concha cerrada,
mas mostrastes na abertura
muitos quilates de falsa.

Bem sabe amor que me pesa
50 de que na vossa muralha
se ponham tantos canhões
e tantas pontas de lança[.]

Porém, como o vosso gosto
é sereis da vida airada,

55 medo hei que em guerra justa
vos leve alguém por escrava.

Bem sei contudo em quem
fora melhor empregada
a /*força/ do vosso corpo
60 por vo-la haver dado d'alma.

Mas foi dita e não rezão[,]
que amor na sua seara
nem sempre premite o fruto
à medida da esperança.

Notas

5. canto de cisne – antiga crença de que o cisne branco é completamente mudo durante toda a sua vida, mas pode cantar uma bela e triste canção imediatamente antes de morrer. Metaforicamente refere-se a uma aparição final teatral e dramática ou qualquer trabalho final ou conclusão.

9–12. Ganimedes era um príncipe de Troia por quem Zeus se apaixonou e, transformando-se numa águia, raptou e possuiu em pleno voo.

17–20. Na mitologia crê-se que as salamandras são imunes e controlam o fogo.

21–23. Pórcia, mulher de Brutus, o mais conhecido dos assassinos de Júlio César, ao saber da morte do marido, em batalha, suicidou-se, engolindo carvão em brasa. *brutus* refere-se simultaneamente à personalidade romana e aos amantes da amada.

30. escalavrar – ferir.

36. Técnicas de montar a cavalo. A primeira com as pernas mais esticadas do que a segunda.

44. indulgência plenária – remissão total da pena devida pelos pecados.

54. sereis – serdes.

Arte poética

O romance é formado por quadras heptassilábicas, com rima toante nos versos pares, que se mantém constante ao longo de todo o poema.

Manuscrito secundário: **BNP 8632**, pp. 284-289

Pendência Bacanal

De Sucarelo

Romance

Quero-te contar, Geraldo,
nestes quartetos medidos,
o que hoje assucedeu
nuns bem medidos quartilhos.

5 Andando /*a souto/ da noute,
passeando pelo Rossio,
por gozar da viração
ou ouvir mil desvarios,

10 corri abaixo dos arcos,
por ouvir lá reboição
e sem ser Arcos de pipa
corria lá muito vinho.

15 Era o Borrás e o Perreiras,
fidalgos de tanto brio,
que por bebedores grandes
tiveram seu desafio.

20 Entre ãas rezões de estado,
que entre os brindes se há admetido,
havendo estado os brindes
sem razão e sem juízo,

sobre dá cá aquela palha[:]
«– Bota mais meio quartilho,
joga a sota, acaba infame,
/*jogas/, jogas comigo».

25 Quem /*à/ mesa se põe
com bêbado merece isto;
« – Senhora, torne-me o troco,
que eu não sofro tanto /*finho/.»

«– Bêbado, vê como falas,
30 que tu o estares por Cristo,
toma troco, deixa troco.»
se trocou tudo em ruído.

Para a parte que te conto
se foram os dous amigos;
35 não foi pouca valentia,
endereitar o caminho.

Vinham de bico revoltos,
mas porém eu imagino,
por ser de vinho a pendência,
40 que não trouxe água no bico.

O Parreira, que era teso,
disse ao Tomás: «– Tu, comigo
sabes que a vinte de ti
os engulo e os vomito.»

45 Não disse muito, que estando
o Tomás um tonel de vinho
não só a ele, mas eles
engolira vinte e cinco.

Logo o Tomás respondeu
50 com má cara e mau focinho:

«– Qués que a facadas te coza?

Dize mandica, dize vinho.»

E eu digo que não fora

cozê-lo pouco serviço,

55 pois que o vinho o Parreiras

não trazia inda cozido.

De siso te digo que houve

gram boto a tal, boto a Cristo;

depois que esgotaram botos

60 e perderam todo o siso,

puxaram pelas espadas,

foi um dia de juízo,

houve mui grandes fracassos

entre os dous frascos de vinho.

65 Começaram trape zape,

logo acudiram aos gritos,

de ùa parte os albardeiros,

doutra os frades dominicos.

Vindo-se chegando à Igreja,

70 o dito Tomás Francisco,

topando na cruz de pedra

que no adro terás visto,

disse assustado da cruz,

cuidando ser inimigo:

75 «– Dous a um é cobardia,

tenham-se lá, boto a Cristo.»

Mas sem mais tirte nem guarte,

dando o Parreiras um trinco,

lhe correu ùa estocada

80 em cheio pelo vazio.

Se lhe dera na cabeça
fora o mesmo, porque visto
que miolo não trazia,
também dar fora em vazio.

85 O Parreiras com justiça
fez pipa do inimigo,
pois no furo que lhe fez
corre em vez de sangue vinho.

Acudiu ãa tendeira
90 com estopas e com fios,
que me pareceu batoque
de pipa a cura que digo.

Tanto que se viu curado,
em grã cólera embebido,
95 lançando espuma da boca
e não sei se era a do vinho,

feito um vinagre se foi
atrás do outro que, caindo
a uma regueira, fazia
100 lavatório aos focinhos.

Embebido em grande ira,
como num copo embebido,
fez a copa do chapéu
co'a espada um grande tiro.

105 Deu-lhe de alto e de bom som
um alto baixo grandíssimo;
na cabeça lhe fez quartos,
estando um quarto de vinho.

Descobriu-lhe logo o casco
110 e mostrou ao descobri-lo

que era o vinho mui cascão,
por ter ao casco subido.

«– Ah que d’el-Rei!», gritou logo;
foi a justiça acudindo,
115 «– Conheçam a vara d’el-Rei!»,
disseram com grandes gritos.

Considera neste caso
da justiça o desvario,
querer se tivesse a ela
120 quem ter-se a si não há podido.

Neste passo se mostrou
o Tomás descomedido
e dando-se bem com tinas,
nunca aqui perde destino.

125 Deles pegam os galegos
e à cadeia os hão trazido
mui encadeados ambos,
por ser já candeia o vinho.

Donde por seu ensino ficam presos
130 e eu neste papel a seu serviço.

Notas

Legenda. bacanal – o adjetivo, derivado de Baco (deus do vinho) sugere o motivo da «Pendência».

4. Referência à quantidade de vinho que motivou a querela aludida na legenda.

5. souto – poderá ser uma variante regional de *soto*, que significa inferioridade, abaixo de. A expressão *a souto* pode sugerir que o enunciador andava a coberto da noite.

7. viração – segundo Morais, «vento brando, e fresco, que corre depois da calma».

6. Rossio – pode aludir à praça com o mesmo nome que existe em Lisboa, mas mais certamente refere-se à zona da cidade de Évora assim denominada, tendo em conta que o nome «Geraldo» do destinatário do poema poderá ser uma fórmula retórica que alude a Geraldo Galdes, uma personagem lendária da Reconquista cristã portuguesa, que, em 1165, foi determinante na tomada de Évora aos mouros. Nesta cidade existe uma praça com o seu nome, bem como os «arcos» de que se fala no v. 9.

-
13. Atente-se que os nomes atribuídos aos contedores inserem-se no campo lexical de vinho.
17. razão de estado – ver nota ao poema 3.
21. soubre – certamente uma variante de *sobre*.
23. sota – a dama, no jogo das cartas.
- 24 e 25. Na leitura que se apresenta, ambos os versos são hipométricos.
37. bico revolto – Morais regista «pessoa de bico revoto, suberba.», com sentido de altiva, presunçosa, arrogante.
46. Tal como se apresenta, o verso é hipermétrico. É possível que no original não constasse o determinante inicial.
51. Qués – o mesmo que *queres*.
- Morais regista «*Cozer a facadas*, ferir bem com a faca».
52. O verso é hipermétrico. A alternativa seria substituir por *diz* uma das formas verbais «dize».
56. cozido – Morais regista «*Cozer a bebedice*, dormir até que passe».
58. boto a Cristo – ver nota ao poema 53.
68. A alteração pode ter ocorrido em Évora, próxima do antigo Convento de São Domingos, extinto em 1834 e demolido entre 1836 e 1840.
77. sem mais tírte nem guarte – de repente, sem aviso.
78. trinco – estalido dado com os dedos. A expressão reforça o ataque imprevisto sugerido anteriormente.
79. O verbo *correr* apresenta o sentido de *dar*.
80. vazio – ilharga.
90. fios – pequenas porções de panos de linho, para tratar feridas.
99. regueira – o mesmo que *regueiro*, que Morais regista como «arroio», com sentido de «água, que corre da fonte».
106. alto baixo – na esgrima é o golpe dado a direito, de cima a baixo.
- 111–112. Note-se o jogo de palavras *casção / casco*.
- 115 e 120. O verso é hipermétrico.
124. destino – no poema, com o sentido de propósito, intento.
- 129–130. Os versos apresentam dez sílabas métricas.

Arte poética

Excetuando os casos apontados, o romance é formado por quadras heptassilábicas, com rima toante nos versos pares, que se mantém constante ao longo de todo o poema. A última estrofe é um dístico com versos decassílabos heroicos.

Apesar das vinte e duas versões recenseadas, trabalhámos apenas as quatro que apresentam Sucarelo como autor do poema, devido ao constrangimento dos prazos académicos.

Mafalda Ferin Cunha, trabalhando com quatro dos testemunhos, editou este poema no âmbito do trabalho que dedicou a Bacelar, apresentando-o no apêndice dos textos de autoria não completamente segura (Cunha: 2007, pp. 728-731).

Manuscritos secundários:

Versões convocadas nesta edição: BA 49-III-49, ff. 474r-476r = **A** / BGUC 338, ff. 310r-310v = **B** / BGUC 1069, ff. 20v-22r (inc.) = **D** / BNP 6269, ff. 154v-155r = **E**

Outras versões: ACL A 693, f. 223r-225r (Dr. Manuel de Almeida) / ADB 573, ff. 220r-222r (an.) / BA 49-III-49, ff. 56v-57r (an.) / BGUC 324, ff. 186v-188r (an.) / BGUC 362, ff. 458r-459v (an.) / BGUC 388, ff. 42v-44v (an.) / BGUC 390, ff. 298r-299r (an.) / BGUC 395, ff. 109r-110v (A. Barbosa Bacelar) / BGUC 510, ff. 171v-172r (an.) / BGUC 1134, ff. 360r-362v (an.) / BNP 1650, pp. 449-453 (an.) / BNP 6204, pp. 291-[295] (an.) / BNP 12932, ff. 100r-101v (an.) / BNP Pb, ff. 115v-116r, 158v-160r (an.) / BPE R Arm. I, 29, II, pp. 125-128 (an.) / PA, I, ff. 72r-74r (an.) / TT Lv 1818, pp. 123-126 (an.)

Impresso Moderno: MFC, pp. 728-731(A. Barbosa Bacelar)

Versão de **E**

Sátira que o Sucarelo fez aos frades, patrocinando aos Estudantes

Que discretos que são e que polidos,
Estudantes das damas escolhidos;
os frades, porqueirões e malcriados,
são em todos {os} {seus} gostos disgraçados;
5 logo ir querem ao cabo
e fedem a Bodum como o diabo.
Que cousa tão alegre e tão galante
é ver chegar à grade um estudante;
que conceitos, que graça e que aviso,
10 parece qualquer deles um Narciso.
 É bem-aventurada
a freira que de estudantes é amada,
pois já se aconteceu que entre paredes
com calções e jubão um dia o vedes,

15 bom calção, bom jubão, meia e sapato.
O frade mui contrário é em todo o trato,
que há de trazer por força
sapatos e calções de Saragoça.
Ver como o Estudante assim se obriga,
20 só tocando com um dedo na sua amiga;
e o frade cuida que não tem ventura,
se lhe não chega logo até à fressura.
Ó Lobos Carniceiros,
quem sofre estes diabos nos mosteiros[?]
25 Um Estudante sofre seus ardores,
encobre as ânsias e descobre amores;
à sua dama faz dalém mil tiros,
com Lágrimas, ardores e suspiros;
e com humilde rogo
30 alívios pede, abrasado em fogo.
O Frade acha o aperto mui penoso,
com os olhos está de cão raivoso;
não acha cousa que lhe satisfaça,
tem a pena dos gatos de Alcobaça;
35 e é possível que queira
entrar logo dentro e engolir a freira.
O Estudante, por não envergonhar-se,
busca palavras com que explicar-se
e sendo a petição às vezes justa,
40 por se não declarar muito lhe custa
e com discretos meios,
para chegar ao fim busca rodeios.
O Frade (Deus nos livre) logo atira
ao feito e se a freira se retira,
45 nem discrição nem paciência tem,
para vir a sofrer um só desdém;
se a freira se provoca,
qual besta brava escuma pela boca.
Diz um estudante: «Essa mão cristalina
50 me consenti tocar, Deusa Divina,
para que experimente a alma em termo breve,

que aumenta seus incêndios essa neve
e porque, com tal prenda
sendo já vosso, outra vez me renda.»

55 O Frade logo diz: «Senhora freira,
já saberá de mim esta manqueira,
que eu não venho aqui por dizer ditos;
arregace essas mangas e manguitos,
dê-me cá logo a mão,
60 não queira agora ter má condição.»

Um Estudante diz: «Ídolo da alma,
que dos sentidos meus tendes a palma,
não me queirais matar, que vos adoro;
havei dó destas Lágrimas que choro,
65 da minha dor indícios,
de amor permícias, da alma sacrifícios.»

Um Frade diz: «Que é isto[?] Faz-se grave[?]
Olhe, minha Senhora, não me agrave
que me irei por aquela porta fora
70 e deixá-la-ei muito em má hora.

De quando acá com frades
usam Senhoras destas gravidades[?]»

Um Estudante diz: «Estou penando,
por ver que vai o dia já acabando;
75 mas, doce vida minha, quem pudera
deter o sol no curso de sua Esfera,
porque glória tão alta
creio que hei de morrer se ela me falta.»

O frade diz: «Bofé, que quanto isto
80 pera quem for doente é um apisto
e eu não estou ainda tão enfermo
que me haja de pagar só deste termo,
que esta bugiaria
nem comer papas nãa almotolia.»

85 Isto é, minhas manas, o que passa;
se achais {a}inda que os frades tem mais graça,
aí os tendes, lá vo-los deixamos,
e com que nos deixeis nos contentamos;

e acabe-se esta briga,
 90 façamos paz, cada um sua sorte siga;
 mas não cuideis perdemos nosso brio,
 porque dizem que entrou em desafio
 o Roixinol com o Cuco e não faltou
 quem de músico ao Cuco mais gabou;
 95 tais sereis vós agora;
 são horas de cear, ficai embora.

Variantes

Legenda. Sátira que o Sucarelo fez aos Frades patrocinando os estudantes **A** Sátira / dos Estudantes contra os Frades / De Sucarelo **B** De um estudante a ùa sua relegiosa que o deixou por um frade / Sucarelo **D**

1. que são] são **A**

São graves os Estudantes e bem-nascidos **B** São brandos os beirões e bem-nascidos **D**

2. Estudantes das damas] para falar com freiras **B** são para tratar Damas **D**

3. porqueirões] porcalhões **B** || malcriados] mal-nascidos **D**

4. em todos] todos **A** || {os} {seus}] os seus **E** || desgraçados] destragados **D**

5. **B** não apresenta este verso.

6. e fedem a Bodum] e logo fedem ó Bodum **B** e fedem ao bodum **D**

9. conceitos] conceito **A** || graça e] graça **D**

10. parece qualquer] é cada qual **A D E**

11. É] **E A Ó D**

12. estudantes é amada] estudante é namorada **B**

freira que é de estudante namorada **D**

13. já se aconteceu] há de acontecer **D**

14. com calções e] em calças e em **D** || jubão] gibão **A** em jubão **B** || o vedes] os vedes **D**

15. bom calção, bom jubão] bom calção, bom gibão **A** bom jubão, bom calção **D**

16. mui contrário] é mui contrário **A** contrário **D** || trato] retrato **A**

Do frade em tudo é contrário o fato **B** Do frade tudo é contrário ao trato **D**

17. há] hão **D** || trazer] sofrer **B**

18. sapatos] sapatões **B** e calções] calções **D**

19. o] um **B D** || assim] ali **B D**

20. tocando com] com tocar **B** || na] de **B** da **D**

21. e o] o **B D** || ventura] aventura **A**

22. lhe não] não lhe **B** || até à fressura] à forçura **B** até forçura **D**

24. estes] os **B** || diabos] adibes **D**

26. as ânsias e] ânsias **D**

B não apresenta este verso.

27. dalém] ali **B D**

28. ardores] ardentes **B D**

31. o aperto] ao perto **A D E**
32. os] uns **B D**
33. lhe] o **B** lhes **D** || satisfaça] sastifaça **D**
36. entrar logo dentro e] saltar lá dentro **B** saltar dentro e **D**
37. O] Um **B D** || por não] por **D**
38. explicar-se] declarar-se **D**
rezões busca com que possa declarar-se **A E**
39. a petição às vezes] as petições às vezes **A** às vezes a petição **B** || justa] posta **A**
40. mostra que este pedir sempre lhe custa **B** mostra que este pedir sempre lhes custa **D**
43. Frade (Deus nos livre)] Frade, Deus nos livre, **B** Frade, Deus nos livre **D**
44. feito] fito **B D**
46. vir a sofrer] sofrer **B** saber sofrer **D** || só] seu **D**
47. se a freira se] a fúria se **B** a fúria se a **D**
48. qual besta brava] e qual a besta fera **B**
49. A mão do Estudante cristalina **A E** Diz o estudante: «Mão cristalina **D**
50. consenti] permite **B**
51. experimente] experimenta **A** || em] a **D** || termo] tempo **B**
52. aumenta] aumentam **B**
53. e porque] para que **B**
54. vosso] vossa **D** || me] se **D**
55. O frade: «Olá, senhora freira **B** O frade diz: «Olá, senhora freira **D**
57. por] a **B**
58. e] ou **B**
59. cá logo a] logo essa **B**
60. agora ter má] ter comigo **B**
62. tendes] tens **B D**
68. agrave] enfade **D**
Ó minha senhora, faz-se grave **A E**
69. por aquela] pela **B**
70. deixá-la-ei] a deixarei aqui **B D**
72. usam Senhoras destas] se usam nas grades estas **B D**
74. por ver que vai o dia já] porque se vai o dia **B**
75. mas] ai **B D**
76. o] do **B D** || no] o **B D** || de] em **B D**
78. creio] temo **B D**
79. O] Um **B D** || que quanto] que é **B** quanto é **D**
80. é] de **A**
é para um doente um apisto **B** é para um doente bom apisto **D**
81. não estou ainda] ainda **A** não me sinto ainda **B** me não sinto ainda **D**
84. nem] é como **B** || numa] na **B**
comer as papas é na almotolia **D**
85. manas] Rainhas **D**
A e E não apresentam este verso.
86. achais inda] achais ainda **E** ainda achais **B** || os] nos **B**

se ainda é que achais nos frades graça **D**

88. e com] com **B** || deixeis] queirais a nós **B**

D não apresenta os versos 88 a 96.

90. paz] pazes **B** || um] qual **B**

91. mas não] não **B**

96. são] porque são **B** || ceiar] jantar **B** || ficai] ficai-vos **A**

Justificação de emendas

4. Sem uma destas emendas o verso é hipermétrico.

10. O verso seria hipermétrico como quebrado e, tal como se apresenta, é hipométrico, pelo que optámos pela versão de **B** em que ele assume a forma de decassílabo.

31. Em **A**, **D** e **E** parece ocorrer um lapso de transcrição, pelo que escolhemos a versão de **B**.

38. O verso é hipermétrico, pelo que optámos pela versão de **B**.

49. Na versão de **A** parece ter havido um erro do copista, pelo que optámos pela versão de **B**.

51. O verso é hipermétrico, pelo que uma alternativa será a leitura de *experimente* com síncope e de *a alma* com crase.

68. Em **E** parece ocorrer um lapso de transcrição, pelo que adotámos a versão de **B**.

85. **E** não contempla este verso, pelo que optámos pela versão de **B**.

86. Sem esta emenda o verso é hipermétrico.

Notas

10. Narciso – ver nota ao poema 40.

14. jubão – gibão.

18. Saragoça – pano de lã preta.

20. A métrica impõe a leitura de *co{m} um*, com ectilipse.

22. fressura – conjunto das vísceras de alguns animais. A conotação sexual da palavra é evidente.

23. Adaptação de parte do verso 7 da estrofe 130 do episódio de Inês de Castro do Canto III de *Os Lusíadas*.

27. tiros – olhares.

34. Possível adaptação do dito *ter unhas de gato de Alcobaca*, presente na p. 11 do *Entremez da Assemble'a do Isque*¹⁵.

38. Este verso apresenta uma acentuação menos comum: nas 4.^a e 10.^a sílabas.

44. feito – objeto de desejo, intenção, propósito, fito.

56. manqueira – falta, defeito.

60. má condição – mau génio.

62. palma – ver nota ao poema 56.

71. acá – forma adverbial antiga; o mesmo que *cá*.

80. apisto – segundo Morais, caldo de substância feito de carne picada, bem cozida e espremida.

83. bugiaria – esgar, careta.

84. Alusão à fábula “A Cegonha e a Raposa”.

92–94. Alusão à fábula do burro que foi chamado para julgar o canto do cuco e do rouxinol, preferindo o do primeiro.

93. A métrica determina a leitura de *co{m} o* com ectilipse.

Arte poética

À parte das exceções apontadas, a silva é composta por versos decassílabos que alternam de forma irregular com o seu quebrado. A rima é emparelhada.

¹⁵ A obra consta da *Miscelânea n.º 537* da BGUC, com o n.º 8826, publicada em 1784 e atribuída a Leonardo José Pimenta e Antas e com o n.º 9051, numa publicação sem autoria, de 1770.

Manuscrito secundário: **BGUC 391**, f. 252v

Do mesmo Autor, ao jantar que o Marquês de Ar[r]onches deu aos pobres do Hospital

Soneto

Neste insigne aparato que à vaidade
pudera ser matéria na riqueza,
triunfam como sempre da avareza
os aplausos ilustres da piedade.

5 Ocupada a grandeza na humildade,
vencida a Majestade na pobreza,
alcançais na humildade mor grandeza,
desprezais com a pobreza a Majestade.

10 Descuidado o respeito em atos nobres,
por mais rico entre pobres vos publico;
entre humildes a vós vos excedestes[:]

pois sendo enfim jantar de humildes pobres,
não deixou entre pobres de ser rico
nem entre humildes o valor perdestes.

Notas

Legenda. Marquês de Arronches – Henrique de Sousa Tavares, 1.º Marquês de Arronches e 3.º Conde de Miranda, que foi Governador da Relação do Porto. Estamos em crer que o soneto pode ter sido escrito quer em 1658 quer em 1663, altura em que o homenageado foi Provedor da Santa Casa da Misericórdia do Porto, que tutelava o Hospital de D. Lopo, a que, supomos, se refere a legenda.

jantar – ver nota ao poema 25.

Arte poética

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA / ABBA / CDC / DCD. Todos os versos são decassílabos heroicos.

Manuscritos secundários: ADB 130, f. 45r (an.) = **A** / BGUC 388, f. 253v (an.) = **B** / BNP 4332, f. 98r (an.) = **D** / BNP Pb 133, f. 90v = **E**

Versão de **D**

Soneto

No eres nieve que fueras derretida
ya del furioso fuego que me abrasa;
ni eres brasa, que fueras siendo brasa
del agua de mis ojos ya vencida.

5 Ni Dama aunque por tal eres tenida,
porque viendo el ardor que me traspasa,
por mas que fueras de sentido escasa,
te tuvieran mis ojos persuadida.

10 Ni eres piedra, que si piedra fueras,
basta[r]a mi tormento a deshacerte;
eres un imposible destes hecho.

Tienes de Dama la apariencia y suerte,
de fuego los afectos y las veras,
de nieve el corazón[,] de piedra el pecho.

Variantes

Legenda. A ãa Dama muito isenta e desdenhosa **A** Ao mesmo assunto / Soneto **B** Soneto a ãa dama. Sucarelo **E**

1. que] pues **B** || derretida] derritita **E**

2. furioso fuego] fuego furioso **B**

3. ni eres brasa, que fueras] ni brasa, porque fueras **A** ni brasa fueras, porque **B** no brasa, por que fueras **E** || siendo] seindo **B**

4. agua] augua **E** || ya vencida] consumida **A**

6. el ardor que me traspasa] el dolor que por mi pasa **A** el amor que me traspasa **B E**

9. Ni] Pues no **A** No **B E**

10. bastara] bastava **D** buscara **E** || tormento a desacerte] pasión a enternecerse **A** tromento a dezazerte **B** tormento a dezazerte **E**

11. destos] deste **A** || hecho] hechos **E**

12–13. Em **A** os vv. 12 e 13 aparecem por ordem inversa.

12. Tienes de Dama] de Dama altiva **A**

13. De fuego] De brasas **A**

14. nieve] piedra **A** || piedra] nieve **A**

Justificação de emenda

10. A emenda é necessária para evitar o lusismo de *bastava*.

Notas

1. Por razões métricas, deve observar-se uma elisão em *No eres*.

5. A métrica impõe uma elisão em *dama aunque*.

Arte poética

A rima deste soneto obedece ao esquema ABBA / ABBA / CDE / DCE. Os versos 7, 9 e 11 são sáficos. Todos os restantes são decassílabos heroicos.

Manuscrito secundário: BA 49-III-52, f. 95r

De Sucarelo 58

A Frei Jerónimo de Moura, sobre os seus versos

Ó tu, que sibilante bamboleias
farmacopoleando mil vizages;
tu, que com Apolíneas vassalages
o métrico fatal trapizondeias;

5 sabe se culterante zeniteias
 amplexando linfáticas bagages
 que inexperto nas críticas ambages
 precipícios infaustos mausoleias.

 Se hórridos furibundos juvenetos
10 frauteliando a avena Pegazina
 tibieinar a Musa por jafetos,

 apesar do que a culta conglutina,
 deixa capirodados epítetos,
 vai-te à clarificante Cabalina.

Notas

1. Muito possivelmente, o soneto constitui um *pastiche* de um poema de Jerónimo de Moura. Satiriza-se um alegado abuso de consoantes fricativas. O estilo do visado é também ridicularizado no poema 40, a que se segue a respetiva réplica.

bambolear – menear-se, gingar.

2. farmacopoleando – não encontramos a palavra dicionarizada. É provável que se trate de um neologismo, criado a partir de *farmacopla*, com sentido jocoso de farmacêutico, boticário ou charlatão.

vizage – galicismo com o significado de trejeito, careta, esgar.

3. Apolíneas – referência a Apolo que era – entre outras atribuições – o deus da música, da poesia e da arte, presidindo ao coro das nove Musas.
4. trapizondeias – o vocábulo terá sido criado a partir de *trapizonda* ou *trapizonga*, de origem espanhola, com o significado de confusão.
5. culterante – neologismo que no contexto significa característico do cultismo ou culteranismo, um espanholismo. O poeta culterano era dado ao abuso de vocábulos rebuscados. Note-se o tom de crítica do texto.
zeniteias – neologismo criado a partir de *zénite*, o ponto mais elevado da abóbada celeste.
6. amplexando – forma verbal com origem em *amplexo*, com o sentido de abarcar, abraçar.
bagage – galicismo que, no sentido figurado, significa a soma de conhecimento de um indivíduo.
7. ambages – galicismo com o significado de ambiguidade.
10. frauteliando – neologismo formado a partir de *frautear* (tocar flauta / vadiar).
avena – flauta do pastor, simboliza a poesia bucólica.
Pegazina – segundo a lenda, a fonte de Hipocrene, também chamada Fonte do cavalo, brotou de uma patada do cavalo alado Pégaso.
11. tibieinar – vocábulo formado a partir de *tíbia*, instrumento romano de sopro associado à flauta.
jafetos – relativo a Jafet, um dos três filhos de Noé.
12. conglutinar – juntar.
13. capirotados – do espanhol *capirote*, que significa capuz. No contexto, *capirotados* significa encapotados, obscuros.
Epitetos apresenta-se com acentuação grave, não só por uma questão de rima mas também com o objetivo de satirizar os versos de Jerónimo de Moura.
14. Cabalina – O sujeito poético aconselha a que o destinatário do poema se deixe de conceitos obscuros e que procure conhecimento e inspiração na fonte consagrada pelos poetas às musas. O mesmo que Hipocrene.

Arte poética

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA / ABBA / CDC / DCD. Todos os versos são decassílabos heroicos.

Manuscritos secundários: BPE M 304(a), ff. 395v-396r = **A** / BGUC 526, ff. 113r-113v (an.) = **B** / TT Lv 1080, fl 163r = **D**

Versão de **B**

Soneto a ãa Dama Sangrada

Por mostrar milagrosa a Divindade,
Anarda, que doente padecia,
co{m} o sangue que dos braços lhe corria,
remir as culpas quis da enfermidade.

- 5 Culpas foram nascidas da vaidade,
com que a doença parecer queria;
fermosa na galharda hipocresia,
que {a}inda ali foi feitiço da vontade.

- 10 Que venturoso eu se amor lhe atara
co{m} a venda a veia que co{m} a seta abriira,
que igual fortuna aos dous acompanhara.

Ela tivera o bem por que suspira,
eu, se de amor Anarda se picara,
o fim de meus disvelos conseguira.

Variantes

Legenda. Soneto a ãa sangria, do Sucarelo / **A** Soneto / De Sucarelo, a ãa sangria **D**

2. doente padecia] de amor em fogo ardia **A D**

3. com] com **A B D** || dos braços] da neve **A D**

4. remir as culpas quis] as culpas quis remir **A D**

5. vaidade] verdade **A**

7. fermosa na galharda] galharda na fermosa **A D**

8. ainda] ainda **B**

10. com] com **B A D** || que co{m} a seta] que com a seta **B** e com a flecha **A** e com a flecha **D**

11. dous] seus **A**

12. por que] porque **A**

14. desvelos] suspiros **A D**

Justificação de emendas

3 e 10. A métrica impõe estas apócopies.

8. A aférese é determinada por razões métricas.

Arte poética

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA / ABBA / CDC / DCD. Os versos 6, 9 e 10 são sáficos; todos os restantes são decassílabos heróicos.

95.

Manuscritos secundários: ADB 373, ff. 73r (an.) = **A** / BGUC 392, f. 93r (an.) = **B** / BNP 6269, f. 99v (an.) = **D** / BPMP 1203, p. 138 = **E**

Versão de **D**

Soneto ao amor.

Que fio de ouro, que cabelo ondado
piolhos não criou, lêndas não teve[?]
Que raio de olhos blasonar se atreve
que não foi de romelas maltratado[?]

5 Que boca se acha ou que nariz prezado
aonde monco ou escarro nunca esteve[?]
De que mão de cristal ou branca neve
não se viu seu besbelho visitado[?]

10 Que papo de mais bela galhardia,
que um dedo está do cu só devidido,
não mija e regra tem todos os meses[?]

Pois se amor é tudo merda e porcaria
e por este monturo andais perdido,
cago no amor e em vós trezentas vezes.

Variantes

Legenda. Soneto em desprezo da formosura humana **A** Ao Amor / Burlesco / Soneto **B** Soneto / Ao amor pelo Sucarelo, famoso poeta **E**

1. que cabelo ondado] da cabeça ondeado **A** de cabelo ondado **B** ou cabelo ondado **E**
2. lêndas não teve] e lêndas teve **A B**
3. raio de olhos] raios de olho **B** raio dos olhos **E**
4. foi de romelas] fosse de remela **B**
5. acha] achou **A B** || ou que] que **B**

6. aonde monco ou escarro] donde escarro ou monco **A E**
aonde o escarro e o monco não esteve **B**
7. De que mão de cristal] E de que cristal **D E**
8. seu] o seu **B** || visitado] ventado **B**
9. papo] pago **B**
10. um dedo está] um dedo **A** || devidido] d'vid^o [sic] **E**
12. é tudo] tudo é **A B E** || merda] merdas **B**
11. regra] regara **E**
13. monturo] monsturo **A E**
14. trezentas] trezenta **B**

Notas

1. ondado – com a forma de onda; ondeado.
7. Cremos que está errada a lição de **D** e **E**, até porque aí o verso se apresenta hipométrico. Acolhemos por isso a lição das duas outras versões.
8. besbelho – ver nota ao poema 9.
12. Na lição de **D** e **E**, o verso é hipométrico, pelo que optámos pela solução oferecida pelas outras duas versões.

Arte poética

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA / ABBA / CDE / CDE.

Domina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 1, 3 e 5.

Manuscritos secundários: BGUC 1636, p. 92 = A / PA, I, ff. 199r-199v (an.) = B

Versão de B

Soneto.

A ãa dama com quem o poeta teve algum trato.

Sapateiro moncoso o membro estava,
Clóri, quando por vós se derretia;
sapateira azeitona não sabia
a Fábio como um beijo que vós dava.

5 Linguado sapateiro não chegava
à língua que na boca vos metia;
rico sapateado amor fazia
quando sobre a barriga vos bailava.

Só vós sabeis de fornicar as tretas,
10 porque vos cabe por debaixo um gato
quando fazeis um par de sapatetas;

todas as mais mulheres de bom trato
de quem o mundo faz tantas gazetas
vos não dão pela sola do sapato.

Variantes

Legenda. A ãa Dama / Sucarelo A

2. Clóri] Clóris A

9. Só vós] Se vós A

10. porque] pois que A

12. de bom] do bom A

Notas

1. Sapateiro – cobra de água. Atente-se na conotação sexual da palavra.
3. sapateira azeitona – segundo Bluteau (e Morais), a azeitona sapateira é a que está muito mole e como que podre.
5. linguado sapateiro – o mexilhão.
11. sapateta – de acordo com Bluteau, a ação de sacudir com a mão o pé ou dar com a palma da mão na sola do sapato, saltando.

Arte poética

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA / ABBA / CDE / CDE. Domina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 9, 10.

Manuscrito secundário: **BGUC 303**, f. 14r

De Sucarelo

Às esperanças do tempo

Soneto

Sou vivo sepulcro de esperanças[,]
pobre mortalha de um triste, vida
bem empregada, porém mal perdida
entre ingratidões, entre mudanças.

- 5 Um campo de batalhas e {de} vinganças[,]
sombra vã de que fui, de mim ferida[,]
Troia abrasada e nunca consumida
na cinza de tão justas confianças.

- 10 Lastimo a quem me vê sepulcro e sombra[,]
campo, mortalha, Troia; e só me estima
por fábula do mundo e passatempo.

A ti só, ingrata Lísis, não assombra,
e quando assombra, nunca te lastima
este mostro de amor, fortuna e tempo.

Justificação de emenda

5. Sem esta emenda, o verso é hipermétrico.

Notas

1. O verso tem 9 sílabas. Uma emenda possível seria a introdução de um determinante como *um* depois do verbo.
2. Por razões métricas, deve observar-se uma diálise em *de um*.

4. A métrica impõe uma diálise em *entre ingratidões*.

12. A métrica impõe uma elisão forçada em *só, ingrata*.

14. *mostro* – é possível que se trate de uma gralha do original, por *monstro*.

Arte poética

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA / ABBA / CDE / CDE.

Domina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 2 e 3.

G. POEMAS DE AUTORIA DUVIDOSA

Apesar das seis versões recenseadas, trabalhamos apenas aquela que apresenta Sucarelo como autor do poema, devido ao constrangimento dos prazos académicos.

Manuscritos secundários:

Versão convocada nesta edição: **BPMP 127**, ff. 204v-208r

Outras versões: ACL A 693, ff. 211v-216r (Fr. Gabriel, frade Jerónimo) / ADB 373, ff. 288v-291v (an.) / BA 49-III-50, pp. 446-457 (an.) / BGUC 338, ff. 326v-329r (an.) / BNP 6269, ff. 210v-213v (an.)

Versão de **BPMP 127**

Décimas

Feitas pelo Assucarelo quando se proibiu falar com freiras

Corre por esta cidade,
porque de rezões me forre,
que ninguém com freiras corre
já nesta universidade;
5 já lhe nascem pela grade
mais ervas do que nas hortas;
todas já estão por po[r]tas,
as freiras estão de graça,
que se vier[d]es à praça
10 achareis mil praças mortas.

Pôs-se-lhe ùa excomunhão
que a nenhum secular falem;
qualquer teme que a declare[m],
se declara sua afeição;
15 já os estudantes não são
devotos desta Irmandade,
porque se as freiras na grade
só tratam frades amantes,
já nenhum dos estudantes
20 quer ser com frades confrade.

Cada um consigo se forra,
que andávamos por desgraça,
nós à porra e mais à maça,
elas à massa e à porra;
25 tudo o que cá vai é borra,
já não vem [a]o pensamento
bilhete para um convento;
ninguém quer por mais novato,
pois se lhe acabou já o trato,
30 dar tratos ao pensamento.

Já lá vai isto de data
que qualquer por mais demónio
tinha por seu Marco António
quem dava um marco de prata;
35 já disto que se não trata,
só letras levam o bolo;
a qualquer em tanto dolo,
se em dar era um Júlio,
quer ser mais um marco Túlio
40 do que ser um marco Tolo.

Pois amar freiras sem fruto
que talvez ama Escócia
é amar em Roma a Pórcia
só pelo que tem de bruto;
45 se os meus versinhos computo,
mais quer ser varas de Holanda
que ser ãa e outra banda
ũa carta; e querem freiras,
mais que cartas mandadeiras,
50 cartas de quem lhe[s] só manda.

Não estimam quem lhe assista
com sua vista ou da mais fama;
nenhũa suas letras ama,

só ama letras à vista;
55 cada qual quer ser Tomista
nestas letras por ter voto,
não de câmbio de um devoto;
e há Tomista em que se note
que só por entrar a escote
60 segue openiões de Escoto.

Ver pôr nos cornos da lua
a sua freira o outro Célio
e por tácito Cornélio
o vende esta Dama sua;
65 vê-lo estar posto na rua
à calma e [a]o caramelo
adorando por cancelo
a um campanário mui fino,
isto porque changue o sino
70 Dona Cecília de Melo.

Diz ao sino mil rezões
e talvez em que a desvele
dobra o sino já por ele
porque lhe faltam dobrões;
75 e cuidam quatro picões
que sem dobrões tudo se obra,
e a Senhora que os cobra,
passarinho já do ar,
em que saiba bem dobrar,
80 sem eles nunca se dobra.

Ver um quando changue e canta
quando ela em breves compassos
de garganta não quer passos,
quer não ficar em garganta;
85 talvez as freiras encanta
não com lhe cantar senão
com tanger ele um rojão,

que ouvindo com cuidado,
se a postura não é cruzado,
90 tocar a la vela se vão.

Ver um com saraus da escola
uma noite toda em calças
à vista de tantas falsas
fazer falsas na viola;
95 e ela tocando-lhe a bola
diz por desdém lá da torre
que de falsos pontos morre
e quer faça um som corrido,
que o que mais retine ao ouvido
100 é o dinheiro que corre.

Ver um por contentamento
ir ter as férias à beira
tendo já feito à freira
três mil férias no Convento;
105 vê-lo ir e vir num momento
e a freira que o estima rico
cantar pode ao tal burrico
tu que vás e tu que vens,
tu és o que me manténs,
110 sirolico, birolico.

Ver quanto um amante a mente
requebra à freira e a salva,
já lhe chama estrela d'alva
tendo ele a de padecente;
115 ver ela o quanto lhe mente
em dizer que sabe amar,
não deixando de falar
com dois mil, e é tão preversa
que sem ser freira conversa
120 com todos quer conversar.

Pois ver um Frei Ambrates
junto a um muro por de fora
todo o dia, toda a hora,
por ser um perpétuo orates;
125 já diz dous mil disparates
à Senhora Dona Elvira,
estão ambos a la mira,
ele para o miradouro,
ela para a mira do ouro,
130 apostando a quem mais tira.

Dais logo à primeira vista
com ãa devota da mina,
que por águia ou por rapina
se preza de Evangelista;
135 pois se dais com ãa Batista
que faz festa e pregação
a um e outro São João,
tira-vos a capa e cota
e com capa de devota
140 honra a São João de Latrão.

Pois ver prezar-se de agudo
um freirático eloquente
e porque diz um repente
cuida que já venceu tudo;
145 e ela estima mais a um mudo
que dá e cala ferrenho
do que o mais discreto empenho,
e obriga mais de Sanlúcar
com um engenho de açúcar
150 do que ele com seu engenho.

Se o que mais discreto é
dá a comer dois pés de versos,
conceitos não come adversos,
mas come-vos por um pé;

155 só será o que mais dê
um Camões e um Garcilaso,
que se tendes veia acaso
de Poeta por má estrela,
só vos picarão na veia
160 por tirar sangue do braço.

Ver a freira no Convento
fechado como um castelo
satisfazer com um cabelo
a dez e a vinte e a cento;
165 e arma castelo de vento
o que de ser seu se preza,
isto porque ela confessa
que só ele é seu regalo,
quando cuida que é galo
170 acha os galos na cabeça.

Diz-lhe a freira por fineza
«O ser firme me deveis»
e quer pague isto em anéis,
por serem também firmeza;
175 não aceita vossa terneza,
culpa-vos noutro mosteiro,
e se algum por mais palreiro
traz práticas oratórias,
quer que lhe não conte histórias
180 se pode contar dinheiro.

Já sente os agravos vossos
com queixas no ar fundadas,
que vos tiram as queixadas
e vos moem esses ossos;
185 já diz mil defeitos vossos
sem fundamento cabal,
a que quer ser mais leal
e não segue em conclusão

fundamento de rezão
190 mas fundamento real.

Ver ãa freira falar
«filho d'alma» a seu galã
porque é do tribo de Dan
e ela do de Issacar;
195 pois ver-se o outro jactar
de sua freira ser gusmão,
quando por linha de Adão
procede de algum tudesco,
ali vem o parentesco,
200 não de Adão mas do que dão.

Pois ver ãa aparentada
com mais comadres e avós
e todos comem de vós
sem serem a ela nada;
205 trazem-na disciplinada
a pedir e de maneira
que se o dia é o da freira
se fica o pobre coitado
mais que ela diciplinado
210 com disciplinas de freira.

Vedes ãa velha em flor
gabar a freira que empara
com mais nichos em a cara
do que tem um altar-mor;
215 já vos diz: «Que grande amor
vos tem, filho, esta menina;
outra freira não há tão fina
que melhor saiba querer;
sempre anela por vos ver
220 e por muito mais se fina.»

Por vos tirar quatro anéis
vo-la põe em oferendas,
e sem ser freira de prendas
quer que ùa prenda lhe deis;
225 faz que com ela gasteis
mil joias sua comadre
e que a uns não entre e quadre,
que entre amor mais reverendo,
madrepérola não sendo,
230 quer pérolas qualquer madre.

Se é música por seu mal
vos persegue e vos abrasa
por cançonetas com graça
para a noite de Natal;
235 e que sofra um pobre tal
por esta encerrada Dama
e que por mostrar que ama
lhe busca porque não falhe,
um e outro passa calhe,
240 passando calhes de lama.

Que se mate o outro tonto
talvez com um vilancico
e que escreva com grão pico
letras que ela tem sem conto;
245 e que ela não forma um ponto
para baixo sem baixão
e que só da augmentação,
mil pontos saiba formar
e nos faça a nós cantar
250 os pontos da alteração.

Dais-lhe a solfa com receio
de agradar à compostura,
que em que lhe deis por natura
não vos dão pontos do meio;

255 que esteja com este asseio
um amante tão notável
e não baste que em painel
dê mil pinturas cada ano,
mas que dê bom quadro em pano
260 e bom quadro no papel.

Ver prezar-se de Poeta
a freira talvez na grade
e só pela quantidade
do que recebe é discreta;
265 sendo contínua esta festa,
traz dous versinhos na mão
e diz glosas com tenção:
«Primo, em décima esses pés.»
e nisto leva talvez
270 a décima de enche-mão.

Já vos pede com mil momos
tomos de libros que ler
e ela não deseja e quer
os livros senão os tomos;
275 para não sofrer tais comos
e amor suas lanças vibre,
é bem que cada um se livre
dos corpos de livros quando
a tal freira que está amando
280 se fica com o corpo livre.

Entremez para folias
vos pede duzentas vezes
e são mais os entremezes
do que são os entredias;
285 comédias e comedias
fazem sem tempo devido,
e entre esta festa e ruído
vos investem com branduras

que vistais quatro figuras
290 inda que fiqueis despido.

Já se acaso por mau fado
faz ãa Abadessa amada,
quer que lhe honreis a perlada,
inda que fiqueis pelado;
295 quer fogos e desenfado,
quer justas e quer parelhas;
«Filho, dizem quatro velhas,
não façais disto se há amor
orelhas de mercador.»
300 e assim vos tiram as orelhas.

E que se com[a] um amante
por ter freira linda e bela,
estando comendo ela
do pobre de um estudante;
305 talvez ela ama em Levante
a uma certa dignidade
e ao dar lá frieldade,
diz [à] amiga que tem cara:
«Quanto meu Doutor folgara
310 com esta ventosidade.»

De dar palavras a freira
em grade ou ralo me privo,
que é joeirá-las por um crivo
ou ralo de escumadeira;
315 amar já desta maneira
não quero, amigo, nem sei
em que fé ou em que lei
vivia com tantos erros;
já me livreí destes ferros
320 como de ferros de el-Rei.

Com freira não haja freirar,
que tudo é freirar se há freira,
e vir por freiras à feira
não é freirar mas feirar;
325 já é disparate o dar
a freiras, em cujo estado
fazer não podem ao amado
[nem] pecado nem mercê
e ele como bem se vê
330 faz-lhe mercês e pecado.

Que peque Adão [de] improviso[,]
peque, se o pomo gostou
da árvore que lá achou
no meio do paraíso;
335 mas que sem gosto preci{o}so
eu peque será mui feio,
e assi a fugir me estreio
para isso que em si tem
no meio o mal e o bem
340 sem dar mal nem bem do meio.

Justificação de emendas

7. Parece-nos ter havido um erro do copista, pelo que o corrigimos.

9. A forma de tratamento é a da 2.^a pessoa do plural.

13. A emenda é imposta pela rima.

26. Possível lapso do copista, que corrigimos.

50. A emenda é imposta pelo sentido.

66. O sentido impõe esta emenda.

301. Possível lapso do copista, que corrigimos.

308. O sentido impõe esta emenda.

328. No original a primeira palavra é *fazer*, o que constitui claramente uma gralha motivada pela ocorrência da mesma forma no início do verso anterior. Fizemos, por isso a correcção, com base noutras versões.

331. Parece-nos ter havido um lapso na transcrição, que corrigimos.

335. Parece-nos ter havido um lapso na transcrição, que corrigimos.

Notas

1 e 3. correr – ver nota ao poema 22.

2. forrar-se – munir-se.

7. estar por portas – sugere-se um sentido equivalente a *andar* ou *pôr alguém por portas*, com o sentido de, respetivamente, mendigar ou submeter alguém à miséria.

8-10. – As freiras são conotadas como uma mercadoria que perdeu valor, uma vez que os estudantes foram proibidos de frequentar os conventos (metaforicamente, a *praça*, com o sentido de mercado), pelo que se encontram despovoados, num jogo com *praças mortas*, que Morais regista como o lugar do soldado que não está preenchido ou o que recebe o soldo de soldado sem cumprir a sua obrigação.

21. forrar-se – recuperar-se, ressarcir-se.

24. Jogo com *porra* e *maça* da expressão idiomática do verso anterior.

massa – Morais regista *maça* (alertando para a etimologia latina *massa*) com, entre outros, dois sentidos possíveis: alusão à massa obtida pela incorporação de farinha e água ou outro líquido, para o fabrico de pão ou bolos; porção de dinheiro, numa adaptação de uma expressão do *jogo da banca*. Bluteau regista com a dupla grafia *maça / massa*, admitindo também o sentido de «rendas de hũa Cõmunidade, Mosteiro, Convento, Collegio &c».

porra – conotativamente, o órgão sexual masculino.

25. borra – metaforicamente, coisas e palavras inúteis.

31. de data – de dar.

33. Marco António – militar e político romano de origem aristocrática (83-30 a.C.), célebre pela sua relação amorosa com Cleópatra, rainha do Egito.

34. marco de prata – antiga medida de peso de oito onças. Atente-se no jogo com o patronímico do verso anterior.

36. letras – palavras, versos.

38. Júlio – pelo contexto, pode referir-se a Júlio César (100-44 a.C.), militar e político romano de origem aristocrática que também foi amante de Cleópatra. Tinha ligações familiares com Marco António, uma vez que a mãe deste era sua sobrinha. Marco António casou também com Otávia, sobrinha-neta de Júlio César.

39. marco Túlio – referência a Marco Túlio Cícero (106-43 a.C.), que foi um grande orador da Roma Antiga, mas também filósofo, escritor e advogado. Era opositor político de Marco António. No contexto do poema, entenda-se *sábio*.

42. Possível referência ao uísque, bebida originária da Escócia, feita a partir de cereais e não de frutos.

43-44. Ver nota ao poema 88.

46. vara – unidade de medida.

Holanda – uma espécie de tecido muito fino ou uma espécie de papel.

49. cartas mandadeiras – são as que tratam de assuntos domésticos, pessoais, de felicitação ou pêsames.

53-54. Jogo com a palavra *letras*. No primeiro verso apresenta o sentido de palavras escritas na carta ou versos; no segundo letras de câmbio.

55. Tomista – É possível que haja um jogo de palavras na medida em que *tomista* tanto pode designar o seguidor de S. Tomás de Aquino, como aquele que valoriza o *tomo*, no sentido averbado por Bluteau de «Peso. Valor, eatimação, preço.».

59. a escote – espanholismo que significa a parte que cada um paga, relativamente a um gasto comum.

60. Escoto – cremos que não se refere às doutrinas de João Duns Escoto, entrando apenas num jogo com *escote*.

61. pôr nos cornos da lua – fazer grandes elogios.

63. Tácito Cornélio – jogo com Cornélio Tácito (55-120). Considerado um dos maiores historiadores, foi também orador e político romano.

66. caramelo – ver nota à réplica IV. No contexto, com o sentido de gelo, frio intenso.

-
67. cancelo – o mesmo que cancela.
- 69 e 81. *changue* – provavelmente do espanhol *changar*, num sentido próximo de *tanger*.
75. *picão* – valentão.
- 82-83. compassos de garganta – cantar variando os tons; fazer trinados. O termo *passos* é sinónimo de *compassos*.
84. *ficar em garganta* – certamente, o mesmo que *Deixar em a garganta*, que Morais regista com o sentido de «em aperto, na necessidade».
87. *rojão* – Morais regista «toque rasgado na viola».
90. *a la vela* – espanholismo, provavelmente no sentido de *ir embora*. O verso é hipermétrico.
92. *calças* – espécie de calção largo preso no joelho ou, como também regista Morais, *ceroulas*.
94. *falsa* – termo da música; consonância redundante ou diminuída de um semitom.
97. *ponto* – termo da música; é um sinal que colocado próximo a uma figura ou pausa altera o seu valor.
99. Para que o verso não seja hipermétrico, será necessária uma elisão forçada entre *retine ao ouvido*.
104. *féria* – dinheiro que o estudante terá ofertado à freira.
110. *sirolico, birolico* – fórmula de um jogo infantil, sem sentido particular.
- 111 e 115. *mente* – no primeiro verso com o sentido de alma, engenho; no segundo, forma do verbo *mentir*.
121. *Frei Amorates* – Possível jogo entre *amor* e *Amurates*, nome de vários sultões do império otomano. Góngora alude a um deles no seu romance “El Albanés”. No contexto do poema de Sucarelo, o frei, apaixonado, seria a fonte de rendimentos da freira, o seu “sultão”.
124. *orate* – homem doido.
127. *estar a la mira* – com sentido equivalente a *andar a la mira*, espanholismo que significa observar alguém atentamente.
134. *Evangelista* – subentende-se, devota de S. João Evangelista, um dos doze apóstolos de Jesus, autor do "Evangelho segundo João" e de três Epístolas.
135. *Batista* – subentende-se, devota de S. João Batista, filho de Zacarias e de Isabel, prima de Maria. Foi o introdutor do batismo e um precursor de Jesus Cristo, a quem batizou no rio Jordão.
138. *cota* – gibão.
140. *S. João de Latrão* – igreja no local de Latrão, Roma, fundada no século IV pelo imperador romano Constantino, cujo palácio anexo foi a residência oficial do Papa até 1309, altura em que o papado se mudou para Avignon. Tem como copatronos S. João Batista e S. João Evangelista.
141. *agudo* – ver nota à réplica V.
143. *repente* – dito súbito.
146. *ferrenho* – de má condição, com mau feitio.
- 148 a 150. *Sanlúcar* – possível referência a Sanlúcar de Barrameda, cidade portuária situada na margem esquerda da foz do rio Guadalquivir, de onde partiu e aonde regressou Fernão de Magalhães na sua viagem de circum-navegação. Foi um entreposto importante no comércio transatlântico, daí a referência ao *engenho de açúcar*, que joga com *engenho*, no sentido de talento.
- 152 e 268. *pé de versos* – sílaba métrica.
156. *Garcilaso* – Garcilaso de la Vega, soldado e poeta considerado o príncipe dos poetas castelhanos, nasceu em 1503 (outras fontes apontam 1498 ou 1501) em Toledo e morreu a combater em França, em 1536.
159. *picar na veia* – abrir a veia, sangrar.
165. *castelo de vento* – o mesmo que castelos no ar, fantasias.
172. *firme* – ver nota ao poema 18.
174. *firmeza* – o que valida um pacto ou contrato.
175. *terneza* – ternura.
177. *palreiro* – falador.

190. fundamento real – fundamento de uma qualidade.

193–194. Um das tribos de Israel teve como chefe Dan, quinto filho de Jacob, que nasceu do relacionamento deste com Bila, serva da sua mulher Raquel. A referência a esta tribo está relacionada com o amante da freira, o que não nos parece ser uma casualidade, podendo existir uma subjacente conotação erótica, em virtude de o seu símbolo ser uma serpente. A tribo de Issacar foi liderada pelo nono filho de Jacob, cuja mãe foi Lia, irmã de Raquel, e primeira esposa do patriarca. Na divisão da Terra Prometida, Issacar teve por herança uma parte muito fértil da Palestina.

Bluteau regista *tribo* como nome masculino, chamando a atenção para o facto de ocorrer como feminino em diversos autores.

196. gusmão – nobre que servia na armada ou no exército espanhol como soldado, embora com distinção. No poema, a freira gaba as virtudes cavaleirescas do seu amante.

Para que o verso seja considerado regular, *sua* tem de ser lido como monossílabo.

198. tudesco – alemão; no texto com sentido de homem rude. Ver também nota ao poema 67.

207–210. Jogo entre *freira*, nome de um peixe, e *freira*, religiosa. Subentende-se que o dia da freira seja um dia de abstinência para o amante, por analogia com «Dia de peixe», que Morais regista como aquele em que não se come carne.

213. nicho – neste sentido, ruga.

217–220. Jogo entre o adjetivo *fina* e *fina*, forma do verbo *finar*.

219. anelar – desejar ardentemente; figurativamente, morrer por algo.

223. freira de prendas – subentende-se freira prendada.

227. quadrar – dizer bem, agradecer.

239. passacalhe – Houaiss regista *passacale*, que define como «serenata que os espanhóis dedicavam às namoradas» e «marcha popular de andamento vivo».

240. calhe – quelha.

242. vilancico – forma poético-musical essencialmente escrita em castelhano, com características populares e profanas, que teve a sua origem nos vilancetes. Era cantada em diversas festas religiosas e foi muito difundida no século XVII, até à sua proibição por D. João V.

243. pico – Morais regista «Bom gosto, graça», embora no contexto do poema adquira mais o sentido de *de bom grado*.

244. As *letras* de que se fala serão, muito possivelmente, as de câmbio.

245–246. ponto para baixo – remete para um termo da música – o *ponto de diminuição* – que, colocado em cima ou por baixo da nota, divide parte do seu valor em pausa. Neste e nos casos seguintes, os termos musicais têm uma evidente conotação sexual.

246. baixão – antigo instrumento musical de sopro, de som grave, muito utilizado no Renascimento.

247-248. O *ponto de aumento* é um termo da música. Colocado à direita de uma figura aumenta metade do seu valor.

251. solfa – solfejo, música.

252. compostura – na música, e segundo Morais, «é a composição de duas, ou mais letras, que cantadas juntamente produza boa harmonia».

253. natura – Bluteau regista «*Canto de natura* he aquelle, que procede tão naturalmente, que nem he aspero, nem brando, & nisto se differença do B quadro, que procede mais aspero que o natural, como tambem do B mol, q. procede mais brando q. o natural.»

254. pontos do meio – jogo com meio ponto, expressão musical que corresponde aos intervalos dissonantes.

257. painel – poderá sugerir um quadro votivo.

259-260. Jogo entre *quadro* com sentido de pintura e *quadro*, divisão de uma peça de teatro, tendo em conta que Bluteau averba *papel* como «Qualquer obra de engenho em prosa, ou em versos.»

264. discreta – ver nota ao poema 53.

268 e 270. décima – no primeiro verso, designa forma poética; no segundo uma contribuição, um pagamento.

270. enche-mão – ver nota ao poema 34.

274. Consultar a nota 55.

278. corpo – volume.

283–284. entremezes e entredias – os vocábulos deverão ser entendidos num jogo com os espaços de tempo em que o amante recebe favores da freira.

285. comedia – alimento.

289. figura – ator ou atriz.

293. A freira exige ser obsequiada de acordo com o seu estatuto superior.

295. fogo – será no sentido de fogo de artifício ou fogo de ardor, paixão.

296. justa – torneio, jogo militar.

Parelha – correr parelha ou correr páreo é a competição entre dois cavaleiros, com o objetivo de atingir a meta em primeiro lugar.

300. Tal como se apresenta o verso é hipermétrico. Uma alternativa será a leitura de *orelhas* como dissílabo.

305. Levante – talvez na aceção de vento quente e seco.

310. ventosidade – flatulência.

313. A métrica impõe a leitura de *joirá-las* com sinérese.

321 e ss. freirar – note-se o jogo entre *freirar* em sentido próprio (tornar-se freira) e em sentido figurado (relacionar-se com freiras).

327. A métrica impõe a leitura da segunda forma verbal com ectilipse.

Arte poética

O poema é constituído por versos de redondilha maior, agrupados em décimas espinelas, que recorrem portanto ao esquema ABBAACDDC.

Manuscrito principal: **P**, ff. 69r-70v

Manuscritos secundários: ADB 5, pp. 149-152 (A. Fonseca Soares) = **A** / BGUC 384, ff. 124r-125r (A. Fonseca Soares) = **B** / BPMP 1186, pp. 359-361 (A. Fonseca Soares) = **D** / BPMP 1383, pp. 85-86 (A. Fonseca Soares) = **E** / BPMP 1400, ff. 66v-67v (A. Fonseca Soares) = **F**

Versão de **P**

Romance

A uns arrufos.

Não gosto, não, vida minha,
de ver vossas caravanas,
pois para ser[d]es Maltesa,
ter-me por Turco vos basta.

5 Com chamar-vos «vida minha»,
dais de sorte em maltratá-la,
que chamar-vos «minha morte»
mais é razão do que raiva.

Lá vos queixais em segredo,
10 sem ver que, apesar das traças,
quem se queixa às escondidas
não tem razão muito às claras.

Se ofereço às vossas queixas
as minhas pobres queixadas,
15 para que o vosso melindre
folgue de pôr-mas na cara;

fazeis gala da braveza,
e é cousa desnecessária
mostrar que sois brava moça
20 para ser moça bizarra.

Não me ponhais de Endoenças
esse rostinho de Páscoa,
pois para fazer-me a festa
são as paixões escusadas.

25 Vede, minha fermosura,
que perdeis na ira a graça,
pois tudo o que era bom rosto
se vai fazendo carranca.

Vede que a muda das iras
30 no rosto de Amor põe manchas,
porque quem muda de cores
de algum modo faz mudanças.

Se quereis, feita um Demónio,
vingar, meu Anjo, esta mágoa,
35 porque não só pague o corpo,
aqui estou em corpo e alma.

Se das Mirtas em Galiza
se vos mete a patarata,
dizei que tem cousas mortas
40 o regalinho das Martas.

Tá, meu Amor, não brinquemos,
que eu não sou destas trapaças,
e assaz corrida esta folha
vai das que esta me levanta.

45 Não mais co' as mãos de entrudo
me deis no amor bofetadas,
porque a razão se injuria
desse aleive que se assaca.

Não mais esta vossa birra
50 me cononize as maranhas,
que a fé será pecadora
se a cara minha for farta.

Variantes

Legenda. Arrufos **A** A uns arrufos / Romance **B** A ùa Dama a quem amava, a qual se mostrava sentida e se queixava às escondidas de ele ter ido ao Convento de Santa Marta / Romance **D** Romance 38 / Arrufos **E** Arrufos **F**

- 2. vossas caravanas] caramunhas tantas **A B F**
- 3. pois] que **A B F** || ser[d]es] seres **P F**
- 4. vos basta] vos falta **A B D E F**
- 8. mais é] é mais **A B D F**
- 10. das] de **F**
- 14. as minha podres queixada **B**
- 15. o vosso] vosso **A B D E F**
- 16. folgue] foge **A B D E F** || cara;] cara? **A B D**
- 17. braveza] bravura **B**
- 19. moça] cousa **B**
- 23. a festa] as festas **A B D F**
- 25. ferrosura] formosa **D**
- 27. o que] que **F**
- 28. se vai] se vão **F** || carranca] carrancas **A B D F**
- 29. a muda] a nódoa **B** || das iras] da ira **E**
- 30. de Amor] do amor **E** || põe] põem **A B D E F**
- 32. mudanças] mudança **E**
- 37. Mirtas] Martas **A B D E F** || em Galiza] em cabeça **A B D E F**
- 39. cousas mortas] com as moças **A B D E F**
- 40. regalinho] regalito **B** regailho **E F** || Martas.] Martas? **A B D E**
- 42. destas] dessas **A B D E F**
- 44. das] das das **F** || esta] essa **A B D E F**
- 45. de entrudo] da mentira **A B D E F**
- 47. porque] pois **A B D E F**
- 48. do que esse aleive se jacta. **A B D E F**
- 49. esta] essa **A B D E F**
- 52. se a caramunha for santa. **A D E** se a caramunha foi santa. **B F**

Justificação de emenda

- 3. A forma de tratamento é a da 2.^a pessoa do plural.

Notas

2. caravana – segundo Morais, o corso em que os cavaleiros malteses novéis andavam contra os mouros.
10. traça – modo artiloso de conseguir alguma coisa; ardil.
21. Endoenças – solenidades religiosas que se realizam na Quinta-feira Santa; rosto de Endoenças corresponderá pois a semblante triste.
22. rostinho de Páscoa – de acordo com Morais, rosto corado, alegre, prazenteiro.
37. Mirta – é possível que se trate de uma forma metatática de *mitra* (acentuando o jogo com *mortas* e *Martas*), mas também pode ser o mesmo que *murta*.
38. patarata – mentira presunçosa.
40. Martas – certamente as freiras do Convento de Santa Marta, já referido na legenda de **D**. Fundado em 1612, em Lisboa, pertencia às Religiosas Franciscanas Clarissas da segunda regra de invocação de Santa Marta. Foi convertido em hospital no final do século XIX.
41. Tá – ver nota ao poema 28.
43. correr folha – segundo Morais, consultar os escrivães do crime por ordem do juiz para saber se há querela ou crime em aberto contra determinada pessoa; folha corrida é o atestado de que não há nenhum processo em curso contra o requerente.
48. aleive – aleivosia, perfídia, deslealdade.
50. cononize – é possível que se trate de uma gralha do manuscrito, por *canonize*.

Arte poética

O romance é formado por quadras heptassilábicas, com rima toante nos versos pares, que se mantém constante ao longo de todo o poema.

Manuscritos secundários: BGUC 373, pp. 303-308 = **A** / BNP 13217, ff. 234r-234v = **B**

Impressos antigos: Fénix, II, pp. 174-178 (Dr. Duarte Ribeiro de Macedo) = **D** / Obras de D. R. Macedo, II, pp. 311-314 (Dr. Duarte Ribeiro de Macedo) = **E**

Versão de **E**

Adónis

Romance

Por entre um bosque de Ninfas
solicita Adónis feras,
estas deixando sem vida
e sem liberdade aquelas.

5 Leva de amor privilégios
e de Diana licenças,
para castigo de brutos,
para encanto de belezas.

10 Contra as belezas dos bosques
e os moradores das penhas
dos olhos fulmina raios
e das mãos despede setas.

15 Lástima e horror a um tempo
monte e vale representa,
naquele gemendo brutos,
neste suspirando Deusas.

20 Assim pelo bosque errando,
oh, quem lembrar-lhe soubera
que são feras o que busca
e Ninfas o que despreza!

Dando preceitos ao bosque,
o mais oculto penetra,
diversos sentindo estragos
cada tronco e cada penha.

25 De um javali teve vista,
que do Tebano pudera
ser perigoso trabalho
e ser duvidosa empresa.

Logo por tirar-lhe a vida,
30 ao arco a seta ligeira
aplicou com segurança
e despediu com destreza.

Chegou ao corpo do bruto,
nele se escondeu violenta,
35 mas foi por lugar adonde
com vital alento o deixa.

Voltou a fera ofendida
e mais fera que si mesma,
o ofensor tão cega busca
40 que não viu que Adónis era.

Chega primeiro que o jovem
ao arco aplique outra seta,
que em ódio de amor impede
a fortuna as diligências.

45 Entre os dentes tiraniza
de Adónis a gentileza
e faz lastimoso estrago,
o que o tempo não fizera.

Um tumulto de boninas,
50 que fora de Vénus prenda,

cadáver oprime adonde
assiste com mágoa a fera.

Prantos o vale ocuparam
e em repetida tragédia,
55 das lágrimas os dilúvios
foram de Adónis exéquias.

Em suspiros pela posta
foi a nova Citereia,
que pouco havia que Adónis
60 em laços de amor tivera.

Parte a buscar seu cuidado
e de sorte à dor se entrega,
que feria pés de prata,
pisando rústicas ervas.

65 Perde rubis de seu sangue
e teve mistério a perda,
que quem dava às flores forma,
esta vez lhe deu matéria.

Rosa já no vale triste
70 cada rubi se apresenta,
já o império das mais flores
goza defendida e bela.

Entanto chegou Dione
onde cobria tristezas
75 o corpo que à maior gala
ofereceu competências.

Aos olhos seu sentimento
trouxe mais cópia de perlas,
que quantas mostrando o dia
80 foram do campo riquezas.

«– Ai! disse, querido Adónis,
como é possível vos veja
sem vida Vénus com vida,
se não fora imortal Deusa[?]

85 «Aqui despojo de um bruto
estais para mágoa eterna,
porque ter imortal vida
me faz imortal a pena!

«Quem pode, luz de meus olhos...[?]»
90 Aqui a voz ficou suspensa,
que sabe a dor quando grande
embargar ações da queixa.

O Céu, que às mágoas atende,
piedosamente decreta
95 que Adónis da seiva gala,
bela flor honrasse a selva.

Já noutra forma o cadáver
vermelho goivo se ostenta[;]
da beleza nasce flor
100 e do sangue flor vermelha.

Adónis[,] amor de Vénus,
transforma o Céu, porque intenta
que o quis flor racional
flor vegetativa queira.

Variantes

Legenda. Romance de Sucarelo a quem caçando um javali, este o despedaçou e a Dama o veio sentir **A** Romance do Assu-
carelo a Adónis **B** Fábula de Adónis do Doutor Duarte Ribeiro de Macedo **D**

1. um bosque] uns bosques **A B**

4. e sem] sem **A B**

9. as belezas] a beleza **A B**
10. e os moradores] os ignoradores **A** e moradoras **B**
11. dos] nos **A B**
12. setas] flechas **A B**
14. e vale] vale **A B**
15. naquele] naqueles **A B**
16. neste] nestes **A B**
18. oh] a **A B**
23. diversos sentindo] sentindo diversos **B**
24. e] em **A B**
26. do] de um **A**
30. arco] ar **A B**
32. e] a **B**
34. violenta] violência **B**
35. adonde] aonde **D**
39. o] ao **A B**
Post 39 **B** *repete os versos 36 e 37, que se apresentam riscados.*
42. ao] do **A B**
43. impede] importa **A B**
45. tiraniza] despedaça **A B**
47. faz] fez **A B**
54. em] a **D** || repetida tragédia] repetidas tragédias **A B**
57. pela posta] por aposta **A B**
58. foi] vai **A B** || Citereia] a Citereia **A B**
59. pouco] há pouco **B**
61. cuidado] cuidado **A**
67. às flores] flores a **A**
68. esta] desta **A B** || deu] dê **B**
63. pés] os pés **D**
81. – Ai! disse,] Assim diz: **D**
95. seiva] selva **D**
104. queira] o queira **D**

Notas

Legenda. O romance alude à fábula de Adónis, deus das mitologias fenícia e grega, jovem de grande beleza, por quem se apaixonaram as deusas Perséfone e Afrodite, esta sempre referida no poema por Vénus. As duas tornaram-se rivais, o que fez com que Zeus determinasse que Adónis seria livre quatro meses por ano, dedicaria outros quatro a Perséfone e os restantes quatro a Afrodite. Ares, amante desta última, envia um javali para matá-lo, vingando-se, assim, da traição da deusa. Adónis passou a simbolizar a vegetação que morre no inverno (quando no submundo se junta a Perséfone) e renasce na primavera (quando acompanha Afrodite). A fábula tem sido profusamente tratada ao longo dos tempos pelos mais diversos autores, nomeadamente por Camões, na estância 60 do Canto IX de *Os Lusíadas*.

6. Diana – Ver nota ao poema 84. Na mitologia romana era a deusa da lua e da caça, filha de Júpiter e de Latona, e irmã gémea de Febo.

21. preceitos – mandamento, ordem superior. No contexto, sugere-se que penetra no bosque sem medo.

26-27. Alusão à lenda da mitologia protagonizada por Hércules que, no terceiro dos seus doze trabalhos, perseguiu durante horas o javali de Erimanto, que de exaustão se deixou capturar, sendo levado vivo pelo herói à presença do rei Eristeu.

46. gentileza – formosura.

57. posta – ver nota à réplica IV.

58. Citereia – outro nome atribuído a Vénus.

61-72. Segundo a lenda, Vénus, que corria pela selva para socorrer o amado, feriu-se e o sangue que lhe jorrava das feridas tingiu as rosas de vermelho.

73. Dione – era na mitologia grega a deusa das ninfas, em algumas versões mãe de Afrodite, fruto de um relacionamento com Zeus.

75 e 95. gala – graça, garbo.

95-100. No mito, Adónis, foi transformado numa flor, o goivo em algumas fontes e a anémone terrestre noutras. Curiosamente *Adónis* é o nome atribuído a uma planta que dá flor, com cerca de cinquenta espécies.

Arte poética

O romance é formado por quadras heptassilábicas, com rima toante nos versos pares, que se mantém constante ao longo de todo o poema.

Manuscrito principal: **L**, pp. 193-195

Manuscritos secundários: ACL A 693, ff. 229v-230r (an.) = **A** / BPE R Arm. I, 29, pp. 169-170 (an.) = **B** / BPE R CXIV/1-14d, ff. 203r-203v (D. Tomás de Noronha) = **D** / TT F 22, ff. 118v-119r (an.) = **E**

Versão de **D**

De D. Tomás, a todos os fanchonos de Lisboa, acudindo pelas Damas da Corte ou queixando-se em seu nome de que lhe não assistam por assistir a Rapazes.

Sátira

Queixa-se o Mar de Sodoma
de ver que passam seu vau
o Ginete, Macho e Mula,
o Asno, Bode e Quartau.

5 A natureza se queixa
de que um Fidalgo marau
deixe peitos de perdizes
por rabos de bacalhau.

10 Queixam-se as Damas da Corte
que estando baixas de grau
e tendo as barras abertas,
não entre por elas nau.

15 E que estes Ninfos cheirosos,
navegantes de culau,
deixem o caminho direito
pelo baixo e de calhau.

20 E nas tromentas da carne,
as mãos ferradas no pau,
vão nos rumos de Cuama
a buscar porto bem mau.

Estes tais se acaso vão
a algũa festa ou sarau,
deixam de bailar com cota
por damar com birimbau.

25 E quando entram no cio
com todo o seu marramau,
fogem do Senhor Dom Mendo
pera qualquer birimbau.

E pela mais linda Dama
30 não darão um só tacau,
deixando Júlia Gonzaga,
buscando a Gil Nicolau.

Enfim deixarão na grade
a Dona Isabel Tibau,
35 sem querer falar com ela,
por falar com um Macacau.

Estas novas escrevia
Frei Valério Carapau
ao Padre Nuno Vicente,
40 que é Vigário de Macau.

Variantes

Legenda. Contra os Somítigos, que era a malignidade que mais grassava no tempo em que o Autor a esse respeito fez o seguinte / Romance – em –au **L** Romance **A B** Contra os Nefandos **E**

2. passam seu] passa seu **A** passa sem **E**

3. Macho] o Macho **L**

6. de que] que **A**

7. peitos de perdizes] o caminho direito **A E**

8. pelo sujo, de culau. **A** pelo coiso do calhau. **E**

Post 8. **A** *apresenta a seguinte quadra:* E de ver que mil barbados / que /*cingem/ as de Bilbao / com retorcidos bigodes tangem e tocam berimbau. // **E** *inclui também a quadra, embora com variantes:* E de ver que mil barbados / que fingem as de Bilbao / com retrocidos bigodes / tanjam e toquem berimbau.

-
9. Corte] costa **B**
10. baixas] mui baixas **A**
11. tendo] estando **L**
12. entre] entra **L A B**
14. nas regrantas de Cumau, **L**
15. deixam peitos de galinha **A E**
16. baixo] sujo **B**
pelo sujo e de culau. **L** por rabos de bacalhau. **A E**
17. tromentas] tormentas **A**
19. nos rumos] em as Naus **L** ao ri **A** aos rios **E** || de] da **B**
20. buscar] tomar **A E**
Post 20. **A apresenta a seguinte quadra:** E dando quanto possuem / a um /*crespo/ Menelau / à fermosura de Elena / não lhe dão um carapau. // E tanto lhes aborrece / um feminino sarau / que por não dançar com cota / vão dançar c' o balandrau. // **E inclui também as quadras, embora com variantes:** E dando quanto possuem / a um crespo Menelau / à fermosura de Elena / não lhe dão um Coração. // E tanto lhe aborrece / o feminino sarau / que por não dançar com Costa / vão dançar c' o balandrau.
23. deixam] deixar **L**
24. damar] dançar **B**
por burlar com balandrau. **L**
26. todo o] todo **A E** || marramau] manamau **B**
27. fogem do Senhor Dom Mendo] fogem do mundo **L** fogem de Júlia Gonzaga **A E**
28. por buscar Gil Nicolau. **A** e buscam Gil Nicolau. **E**
Post 29. **A e E não apresentam os versos 29 a 36.**
30. tacau] quartau **L**
33. na grade] a grande **B**
34. a Dona] Dona **B** || Tibau] Belau **L**
36. Macacau] marapau **B**
39. Vicente] Bicote **L**
40. que é vigário de] vigairo dentro em Macau. **A** vigário dentro em Macau. **E**

Notas

Legenda. Fanchono – ver nota ao poema 60.

1. Sodoma – cidade situada no vale de Siddim, num local que, depois da sua destruição, causada por um sismo, ficou submerso pelo Mar Morto. A tradição bíblica apresenta-a, juntamente com Gomorra, como protótipo de cidade pecaminosa e os seus habitantes como homens perversos e desobedientes a Deus.
4. Quartau (ou quartão) – cavalo quadrado e corpulento, mas de pequeno porte.
6. marau – indivíduo ignóbil, desprezível; patife.
14. culau – existe o termo *colau*, que designa um conselheiro ou ministro de estado, na China, mas é provável que a palavra tenha sido introduzida pelo valor sugestivo da primeira sílaba.
15. Por razões métricas, a leitura deve ser feita com ectílipse.
19. Cuama – o rio Zambeze. Como é evidente, a sua utilização no texto deve-se sobretudo à sugestão fonética que permite.
23. cota – no sentido de corpete, aqui com valor metonímico, designando portanto a mulher.
24. damar – não encontramos a palavra dicionarizada. É provável que se trate de um neologismo, criado com propósito humorístico a partir de *dama*.

birimbau – (ou berimbau-de-boca), pequeno instrumento, geralmente de metal e em forma aproximada de lira que, posto entre os lábios, produz sons a partir de uma lingueta elástica que sai do seu centro, quando tangida pelo polegar ou indicador.

26. marramau – provável castelhanismo, de *marramao*, onomatopeia usada para imitar o miar do gato na época do cio.

30. tacau – talvez o mesmo que *tacão*, no sentido registado por Bluteau: «Bocado de sola. Remendo, q. se bota no sapato.».

39–40. Cf. Parte I, p. 115.

Arte poética

O romance é formado por quadras heptassilábicas, com rima toante (em *-au*) nos versos pares, que se mantém constante ao longo de todo o poema.

Manuscritos secundários: ACL A 693, ff. 168v-170v (Dr. Duarte Ribeiro) = **A** / BMC B 52/3, pp. 119-122 = **B**

Impresso antigo: Obras de D. R. Macedo, II, pp. 304-306 (Duarte Ribeiro de Macedo) = **D**

Versão de **B**

A ãa Dama que mandou pedir 20 mil reis, uns côvados de chamalote, um regalo e ãas meias azuis. Feita pelo Sucarelo

Silva

Reduzistes, menina, em tanto excesso
a preço aqueles bens que não tem preço
 que julga o pensamento
 ignorastes, amores,
5 se a preço de tormento
 se compram já favores;
pediste com a pena devertida
quanta seda Castela tem tecida
e assim, pois, reduzir-vos determino
10 toda esta fina seda a papel fino
 e vos hão de julgar melhor servida
 quem o intento penetra,
pois dou por letra o que pedis por letra;
 não fio da vontade
15 dê ao que mereceis com igualdade
e porque enfim ninguém dizer-me possa
 vos não sirvo de siso,
 encomendo ao juízo
 esta petição vossa,
20 e julgareis, estando um pouco atento,
se vos serve melhor o entendimento.
 Oh, como andais discreta
 em pedir a um poeta,
que só são os poetas abundantes

25 de rubins, de safiras e diamantes;
isto é prata e ouro,
é seu vulgar tesouro.
Assim que obedecendo,
vos vou a um tempo dando e escrevendo.

30 Para os vinte mil reis valer-me espero
das arraias do Tejo peregrino,
que envolvem ouro fino.
É longe ao poço, sim; ir lá não quero;
e sede agradecida a meu desejo

35 mais que às areias com que corre o Tejo.
E quanto às meias, pois de azul celeste
vosso gosto fizeste,
me mandareis dizer pelo primeiro
de qual dessas esferas cristalinas

40 quereis as meias finas,
porque me serve a escolha de embarço
e assim não tiro ao céu qualquer pedaço.
No chamalote estou mui bem cuidando,
mas já vou acertando

45 donde tirá-lo possa,
mais é ventura minha do que vossa.
Viste ao claro sol neste horizonte
claras nuvens que aos raios cristalinos
se apresentam defronte,

50 vários formando risos peregrinos,
e como o sol nas nuvens empregado
ou as veste de azul ou de encarnado.
Não há mais rica tenda
que tafetá, que chamalote venda;

55 deixai que venha um dia alegre e claro,
logo um vestido cortarei bem raro.
O regalo das mãos me dá cuidado,
mas tudo o engenho tem facilitado.
Se há ainda o velocino,

60 um regalo tereis bem perigrino,
mas enquanto não faço este caminho,

vos contentai que seja só de arminho.
Perdoai que me esquecia
que buscá-lo no céu também podia,
65 que há signo celeste
que Áries se chama e que de lã se veste;
e se não estiver já tosquiado,
de lá um regalo vos virá pintado.
Tenho a vosso preceito obedecido
70 e saber só quisera
se se dá vosso gosto por servido.
Ordenai mais preceitos,
que tudo vos darão pena e conceitos.

Variantes

Legenda. Silva / A ã Dama que mandou pedir ao Autor 20 mil, uns côvados de chamalote, um regalo e ãs meias azuis A
Silva D

5. se] que A D

6. já] os A só D

7. pediste] pedistes-me A D

8. Castela] Granada A D

10. fina seda] seda fina A D

11. e vos hão de julgar] e há de julgar ficais A D

25. e] de A D

26. é] que é A D

31. arraias] areias A D

33. poço] Potosi D || ir] e ir D

37. fizeste] se atreve A se veste D

38. pelo primeiro] primeiro D

47. Viste ao claro sol neste] Vedes ao pôr do sol nesse A Vistes ao pôr do sol nesse D

56. cortarei] cortareis A D

57. O regalo] Os regalos A D || dá] dão A D

62. seja] sejam A D

64. buscá-lo] buscá-los A D

65. que há] há lá A há um D

Notas

Legenda. côvados – antiga medida de comprimento equivalente a 0,66 m.

chamalote – tecido de lã, geralmente com seda.

regalo – abafó, geralmente de peles e de forma cilíndrica com que se resguardam do frio as mãos.

1–73. A oscilação entre a forma de tratamento da 2.^a pessoa do singular e da 2.^a pessoa do plural justifica-se pelo claro tom jocoso do poema.

13. Os pedidos da dama foram feitos por escrito, que é a única maneira que o sujeito poético tem de os satisfazer, o que é confirmado nos vv. 28 e 29.

22. discreto – avisado, inteligente.

30–33. Possível referência ao local denominado Conhal do Arneiro, a jusante das Portas do Ródão, um estrangulamento geológico que, em tempos, foi o limite de navegabilidade do Tejo e o ponto da sua maior profundidade (aproximadamente cinquenta metros, talvez o *poço* de que se fala no poema). Aqui o rio perdia uma boa parte da sua capacidade de transporte. Os sedimentos acumulados eram ricos em ouro.

arraia – o mesmo que raia, fronteira.

54. tafetá – pano de seda lustroso.

59. velocino – ou velo de ouro que na mitologia grega se chama à lã de ouro do carneiro alado Crisómalo.

62. arminho – mamífero cujo pelo constitui um agasalho precioso.

Arte poética

A silva é composta por versos decassílabos que alternam de forma irregular com o seu quebrado, sendo a rima maioritariamente emparelhada.

Manuscrito secundário: **BNP 13217**, f. 309v

Soneto ao mesmo assunto; o mesmo Autor

Depois que Ausente paso mi trabajo,
ofendido de tantas sinrezones,
ya más se ven /*bavis/ mis cojones,
aunque siempre arrecho mi carajo.

5 AÚN busquo Mujer dulce agasajo
ni las digo requiebros mis pasiones,
antes dormiendo mancho los calzones,
pensando que [t]e tengo asi debajo.

10 Y cuando com tu /*bufo/ te cabalgas,
olvidada de tu Amigo el /*bavio/
e no irradiando, aunque desemulo[,]

unas veces rascándome nas nadegas,
otras veces peinándome el pentejo,
que de puro /*creyer{er}/ me tapa el culo.

Justificação de emenda

8. O sentido impõe a substituição de *le* por *te*.

Notas

3. Provável variante de *babis*, plural de *babil*, que em calão da época designava o órgão sexual feminino.

4. arrocho – *ereto*.

9. royo – uma das aceções em espanhol aponta para alimento mal cozido. É possível, pois, que seja uma forma metafórica de aludir ao órgão sexual feminino, tal como acontece com o termo *fressura*, noutro poema de Sucarelo.

10. bavio – possível variante de *babeo*, que pode ser traduzido pelo português *babão*. Se aceitarmos esta possibilidade, o termo aludiria ao órgão sexual masculino, depois da ejaculação. Note-se, contudo, que, mesmo assim, a rima com *penetejo* fica de algum modo comprometida.

11. desemo – provável variante de *disimulo*, do verbo *disimular*.

O verso é hipermétrico.

12. rascar – esfregar.

nadegas – note-se a influência do português; a forma correta seria *nalgas*, que aliás, rimaria com *cabalgas*.

Arte poética

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA / ABBA / CDE / C'DE. Todos os versos são decassílabos heroicos.

Manuscrito secundário: **BNP 13217**, f. 310r

Soneto do Assucarelo. Burlesco

[ç]Como estáis aquí, linda prenda mía[?]
[ç]Porque en malo vado habéis entrado[?]
Calabazas tenéis[,] saí a nado,
que yo me emmendaré pera otro día.

5 Verdad es que aquel que se desvía
del vado que ya sabe vay encerrado[,]
desvíase[,] cayó[,] que engañado
Amor es ciego[,] vience su perfía.

A no quedar pelado en tales baño
10 me fue favorable en todo;
líbrime Dios de /*Vultos/ de Otoño[!]

Húmida Puta, a bos los malos como[;]
buena cara teneis en paz[,] es todo[;]
/*Vestas/ piernas son frescas y /*Vesto/ coño.

Notas

2. vado – vau.

8. perfía – provavelmente no sentido de *porfia*.

10. Este verso é hipométrico.

14. Este verso é hipermétrico.

Arte poética

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA / ABBA / CDE / FDE. A palavra final do verso 12 está errada.

105.

Manuscritos secundários: ADB 373, f. 119r = **A** / BGUC 526, ff. 218v-219r (an.) = **B** / BNP Pb 133, f. 37v (D. Tomás de Noronha) = **D**

Impresso moderno: TA, p. 174 (D. Tomás de Noronha) = **E**

Versão de **D**

Soneto de D. Tomás

Não há amor que iguale ao da fragona
no termo e gentileza de seu trato,
porque além de ser sempre mui barato,
vos lava punhos, lenço e balona.

- 5 Ela é dama galharda e não se entona,
nem tão-pouco quer cartas de torcato;
tratai-la lhanamente e com recato,
dais-lhe e chamais-lhe velhacona.

- 10 Quando quereis dormi-la, diz «não quero»,
mas este é o sim que dá toda a fragona
quando tem afeição a um bocado.

Enfim, só seu amor é amor mero,
fora andais de desgosto e peleona
farto, quente, limpo e repousado.

Variantes

Legenda. Soneto do Sucarelo **A** Soneto de quem avalia por melhor amar a Dama desonesta que satisfaz ao apetite **B**

1. que iguale] igual **A E**
2. no termo e gentileza de] na gentileza e terno de **A E** no termo e gentileza do **B**
3. mui barato] barato **A E**
4. punhos, lenço] punhos, lenços **A E** Lenços, Punhos **B**
5. Ela é Dama galharda] É amoroso humilde **A E**

-
6. não quer cartas de amores de trocato **A** nem tão-pouco quer cartas de Trocato **B** não quer cartas de amores de torcato **E**
 7. tratai-la lhanamente] tratai-a lhanamente **A E** tratai-la brandamente **B** || com] sem **A E**
 8. dai-lhe, chamai-lhe puta bela cona **A** dai-lhe, chamai-lhe puta velhacona **E**
 9. *Em A dormila está riscado, mas de uma forma que não impede a leitura.*
 10. que é o sim que dá, virando o rosto **A E**
 11. quando tem afeição] a toda a fragona é amiga de **A E**
 12. só seu] se teu **A E**
 13. andais fora do bragal do disgosto **A** do bragal andais fora do desgosto **E**
 14. quieto, farto, limpo e repousado **A** farto, esperto, contente e sossegado **B** quieto, farto, limpo, repousado **E**
Em B esperto vem na entrelinha superior, substituindo se quente, que está riscado.

Notas

1. fragona – variante de *fregona*, serviçal que faz as tarefas mais rudes de uma casa, especialmente as da cozinha.
4. balona – pode ser o mesmo que *valona*, grande gola caída sobre os ombros; pode tratar-se também do singular de *balonas*, calções grandes e franzidos, presos abaixo dos joelhos.
A métrica torna obrigatória a diálise em *lenço e*.
5. entonar – demonstrar altivez, arrogância.
6. cartas de trocato – poderá ser uma referência a cartas de amor trocadas entre namorados. Segundo Morais, *amor trocado* significa “amor recíproco”.
12. mero – genuíno, puro, sem condições.
13. peleona – castelhanismo; rixa, briga, pendência.
14. A métrica impõe uma diálise em *quente e*.

Arte poética

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA / ABBA / CDC / DCD. Todos os versos são decassílabos heróicos.

H. APÊNDICE

X.

O romance que se segue constitui uma réplica, desconhecendo-se o texto original de Sucarelo.

Manuscrito secundário: **ACL A 693**, ff. 226v-227r (an.)

Romance

A João de Sucarelo depois de se haver recebido ãa carta sua

Contra vosso esquecimento,
deitado o barrete fora,
empunhado tinha a lança,
calçadas tinha as esporas;

5 chegou o filho do Maia
e nem maio tarambola,
que verdes veste esmeraldas,
purpúreas calça papoulas.

10 Me pareceu mais vistoso,
nem com mais florida pompa,
que este que chegou correu
ou Mercúrio de obra grossa.

Vossa carta recebi
e assentei que em tal re[s]posta
15 muito mais que ao galarim
o encomenda de obra.

Vós sois o meu Sucarelo,
o meu Brasil, minha Angola,
se ãa carta /*fia visse/
20 /*dos deputados/ da bolsa.

Nela achei como em botica
quantas o desejo, drogas
para conservar a vida
se pode pedir por boca.

25 Carta foi de marear,
que nesta minha derrota
a esperanças já perdidas
descobriu maré de rosas.

30 Carta também de seguro,
que confessativa mostra
quanto prevalece a fé
contra ãa ausência traidora.

35 Carta será de tocar,
que dizem /*que a amor/ provoca,
como se à vontade livre
se pudera fazer força.

40 Carta de alforria não,
que para /*mim/ morte fôra
que quem ama o cativoiro
bem é que cativo morra.

Deixemos carta de guia
e outras muitas por agora,
que fizera um cartapácio
se as fora enfiando todas.

45 Carta de menos não val,
de mais si se forem vossas,
escrevei e descartai-vos,
mas nunca será de copas.

Justificação de emenda

14. Trata-se certamente de um lapso do copista, que não hesitámos em corrigir.

Notas

2. De acordo com Morais, um «Homem de muitos barretes» é aquele «que faz muitas cortezias». Por analogia, o que deita «o barrete fora» pretende pôr a cortesia de lado.

-
6. tarambola – ave pernalta que no mês de maio se desloca do sul para o norte do país, apresentando a plumagem de núpcias¹⁶.
12. Mercúrio – conhecido pela sua rapidez, é na mitologia romana o mensageiro de Júpiter, de quem é filho, sendo a mãe Maia Maiestas, a deusa da fecundidade e da primavera. Note-se que quem traz a carta de que se fala no poema é «o filho do Maia», que pela associação da expressão «obra grossa» seria inexperiente ou desajeitado.
15. galarim – Houaiss regista «pagar ao galarim», pagar em dobro o que se deve .
16. encomenda de obra – Morais regista «obra de encomenda», a que se manda fazer expressamente ou por medida.
25. carta de marear – mapa para navegação.
27. Para que o verso não seja hipermétrico, *esperanças* deve ser lido como trissílabo.
29. carta de seguro – segundo Morais «licença para se defender algum réo, andando solto».
32. O verso é hipermétrico.
33. carta de tocar – talismã para conjurar atos maléficis.
34. O verso é hipermétrico.
37. carta de alforria – documento que concedia liberdade ao escravo.
41. carta de guia – segundo Morais, «passaporte, ou licença de exportar».
45. carta de menos – Morais regista «*Perder antes por carta de menos*, por acanhado, não despejado, e ficar aquém do rigor das coisas, não se fazendo tudo».
- val – ver nota ao poema 70.
48. copas – na cartomancia, o naipe de copas representa o amor incondicional, confiança, generosidade e constância.

Arte poética

Excetuando-se os casos apresentados, o romance é formado por quadras heptassilábicas, com rima toante nos versos pares, que se mantém constante ao longo de todo o poema.

¹⁶ JÚNIOR, J. A. Reis, *Catálogo Sistemático e Analítico das Aves de Portugal*. 2.^a edição. lulu.com, 2012, p. 37. Disponível em WWW:<URL:https://books.google.pt/books?id=mrERBAAAQBAJ&pg=PA37&dq=tarambola&hl=pt-PT&sa=X&ved=0ahUKEwjL3a6wr4HLAhWFXBQKHTxRDcIQ6AEIQzAI#v=onepage&q=tarambola&f=false. [Consulta a 18 fev. 2016].

V. ÍNDICES PARCELARES

A. ÍNDICE DE FIGURAS

Fig. 1 – Assinatura de JSC	27
Fig. 2 – Aval do Cirurgião-mor para a prática de Cirurgia por ASC	41
Fig. 3 – Registo de batismo de JSC	44
Fig. 4 – Matrícula de JSC no curso de Artes em Salamanca (22 de outubro, 1635).....	50
Fig. 5 – Idem (12 de novembro, 1635)	51
Fig. 6 – Inscrição no exame de Gramática em Salamanca	55
Fig. 7 – Donativo de JSC à Confraria de Nossa Senhora da Luz (1639/40)	58
Fig. 8 – Idem (1644/45)	58
Fig. 9 – 1. ^a matrícula no curso de Medicina (1642/43)	60
Fig. 10 – Prova de Curso do 1. ^o Ano	60
Fig. 11 – 2. ^a matrícula no curso de Medicina (1643/44)	61
Fig. 12 – Prova de Curso do 2. ^o Ano	61
Fig. 13 – 3. ^a matrícula no curso de Medicina (1644/45)	61
Fig. 14 – Prova de Curso do 3. ^o Ano	61
Fig. 15 – 4. ^a matrícula no curso de Medicina (1645/46)	62
Fig. 16 – Prova de Curso do 4. ^o Ano	62
Fig. 17 – 5. ^a matrícula no curso de Medicina (1646/47)	62
Fig. 18 – Prova de Curso do 5. ^o Ano	62
Fig. 19 – Ausência ao exame para obtenção do grau de Bacharel em Artes	63
Fig. 20 – Obtenção do grau de Bacharel em Artes	64
Fig. 21 – Idem (cont.)	65
Fig. 22 – Provimento de 22 lugares para a frequência do curso de Medicina	66
Fig. 23 – Rol dos candidatos aprovados	66
Fig. 24 – Pagamento do «partido médico» a JSC (2. ^o quartel de 1643)	67
Fig. 25 – Idem (3. ^o quartel de 1643)	68
Fig. 26 – Pagamento antecipado do «partido médico» (1. ^o quartel de 1644)	68
Fig. 27 – Recebimento do adiantamento do «partido médico» (31 de março, 1644)	69

Fig. 28 – Idem (adaptada)	69
Fig. 29 – Obtenção do grau de Licenciado em Artes	70
Fig. 30 – Rol dos Licenciados em Artes	70
Fig. 31 – Obtenção do grau de Mestre em Artes	71
Fig. 32 – 1. ^a Tentativa em Medicina	73
Fig. 33 – 2. ^a Tentativa em Medicina	74
Fig. 34 – Formatura de JSC	74
Fig. 35 – Idem (cont.)	75
Fig. 36 – «Memória» (adaptada) de JSC ao Rei D. João IV	76
Fig. 37 – Oposição ao concurso para lecionar a cadeira de Cirurgia	78
Fig. 38 – Aval do Cirurgião-mor para a prática de Cirurgia por JSC	97
Fig. 39 – Ata (adaptada) da Mesa da Santa Casa da Misericórdia do Porto	119
Fig. 40 – Folha de rosto da «Memória» de JSC ao Rei D. João IV	151
Fig. 41 – «Memória» de JSC ao Rei D. João IV	152
Fig. 42 – Registo de óbito de JSC	164
Fig. 43 – Assinatura de JSC	677
Fig. 44 – Idem, Cristóvão Alão de Morais	677
Fig. 45 – Idem, ASC	677
Fig. 46 – Idem, Francisco Baía Teixeira	678
Fig. 47 – Idem, Manuel de Saldanha	678
Fig. 48 – Idem, Nicolau Monteiro	678
Fig. 49 – Idem, Conde de Miranda	679
Fig. 50 – Idem, João Rebelo Pegas	679
Fig. 51 – Idem, António Barbosa Bacelar	679
Fig. 52 – Idem, Francisco de Carvalho	680
Fig. 53 – Idem, João Ferreira Dias	680
Fig. 54 – Idem, Gregório Martins Ferreira	680
Fig. 55 – Idem, Duarte Ribeiro de Macedo	681
Fig. 56 – Idem, Paio Ferreira Pinto	681
Fig. 57 – Idem, António Sarinho	681
Fig. 58 – Idem, João Nunes	682
Fig. 59 – Idem, Álvaro de Abranches da Câmara	682
Fig. 60 – Idem, Domingos Roiz de Macedo	682

Fig. 61 – Idem, João do Amaral de Albuquerque	683
Fig. 62 – Idem, António do Amaral de Albuquerque	683
Fig. 63 – Idem, António Carneiro de Vasconcelos	683
Fig. 64 – Idem, D. João da Costa, Conde de Soure	684
Fig. 65 – Idem, Nuno Barreto Fuseiro	684
Fig. 66 – Idem, Manuel Pinto	684
Fig. 67 – Idem, Santos de Sousa	685
Fig. 68 – Autorização régia para JSC praticar Cirurgia	686
Fig. 69 – Idem (cont.)	686
Fig. 70 – Carta do Conde de S. Lorenzo para a integração de JSC no exército do Alentejo	687
Fig. 71 – Idem (cont.)	688
Fig. 72 – Parecer do Conselho de Guerra sobre o pedido do Conde de S. Lorenzo	689
Fig. 73 – Idem (cont.)	690
Fig. 74 – Idem (cont.)	691
Fig. 75 – Despedimento do Cirurgião-mor Diogo Pinheiro	692
Fig. 76 – Idem (cont.)	692
Fig. 77 – Carta patente de Cirurgião-mor de JSC	693
Fig. 78 – Atribuição de título de médico do Rei a JSC	694
Fig. 79 – Autorização para que JSC receba o Hábito de Cristo	694
Fig. 80 – Idem (cont.)	695
Fig. 81 – Carta do General Francisco de Melo, queixando-se da ausência de JSC (29 de setembro, 1656)	696
Fig. 82 – Idem (31 de maio, 1655)	697
Fig. 83 – Idem (7 de junho, 1655)	698
Fig. 84 – Idem (cont.)	698
Fig. 85 – Carta de D. Luísa de Gusmão ao Conde de Miranda (10 de set., 1657)	699
Fig. 86 – Idem (16 de fevereiro, 1658)	699
Fig. 87 – Folha de rosto do Ms. 755	700
Fig. 88 – Verso da folha de título do Ms. 755	701
Fig. 89 – Guarda posterior do Ms. 755	701
Fig. 90 – Cristóvão Alão de Moraes, escrivão da SCMP	701
Fig. 91 – Autorização para que ASC possa destilar óleos	702
Fig. 92 – Comprovativo do aumento de ordenado a ASC	702

Fig. 93 – Registo de óbito de ASC	702
Fig. 94 – ASC como padrinho de batismo	703
Fig. 95 – Francisco de Carvalho, mordomo da SCMP	703
Fig. 96 – Paio Ferreira Pinto, mordomo da SCMP	703
Fig. 97 – Registos de atos médicos prestados por JSC (janeiro, 1664)	704
Fig. 98 – Idem (idem)	704
Fig. 99 – Idem (agosto, 1664)	704
Fig. 100 – Idem (janeiro, 1665)	705
Fig. 101 – Idem (idem)	705
Fig. 102 – Idem (fevereiro, 1665)	705
Fig. 103 – Idem (abril, 1665)	706
Fig. 104 – Idem (setembro, 1665)	706
Fig. 105 – Idem (dezembro, 1666)	706
Fig. 106 – Folha de rosto do Compromisso da Misericórdia do Porto (1646)	707

B. ÍNDICE DE PRIMEIROS VERSOS

1. Poemas de João Sucarelo Claramonte

<i>A vós, Pantaleão da Silva</i>	382
<i>Acolá e acolá e acolá soa</i>	433
<i>Aónio, que de Délia namorado</i>	472
<i>Aqui de costas jaz Grácia da Costa</i>	453
<i>Aqui debaixo desta pedra fria</i>	416
<i>Aqui neste posto escuro</i>	506
<i>Aqui se esconde o corpo bem logrado</i>	342
<i>Aqui, Senhor Regedor</i>	312
<i>As valentias de Gaspar de Anaia</i>	409
<i>Atrevido pensamento</i>	565
<i>Besbelho comum de três</i>	335
<i>Carneiro de Vasconcelos</i>	451
<i>Cheguei aqui às três da quarta-feira</i>	386
<i>Coçastes-me a Borbulha</i>	456
<i>Como Autor libelo dá</i>	517
<i>Cuidará Você, Senhor</i>	481

<i>Deixai, Senhora Amaríles</i>	482
<i>Depois que à sombra estou, Monsiur Francisco</i>	515
<i>Deste rato a sorte envejo</i>	523
<i>Deus, que ao Mundo por nós veio</i>	437
<i>Dizeis-me, Senhor Dom Pedro</i>	406
<i>Dona Brázia dos meus olhos</i>	492
<i>É muito grande mofina</i>	501
<i>E quando desabafares</i>	455
<i>Engenho agudo mostrastes</i>	536
<i>Esta avaramente dura</i>	305
<i>Esta vil poluição do entendimento</i>	414
<i>Faço meu Procurador</i>	526
<i>Faleceu a Senhora Vilanova</i>	529
<i>Faz anos Dona Maria</i>	332
<i>Fervem os Pontificais</i>	525
<i>Fílis um desmaio teve</i>	514
<i>Foi Peixoto a Guimarães</i>	450
<i>Foi Sílvio para Alentejo</i>	393
<i>Fui amar por meus pecados</i>	502
<i>Gastou todo o bom humor</i>	518
<i>Guardadoras do gado deste outeiro</i>	336
<i>Isto sim, boto a Cristo</i>	478
<i>Juiz que na sala livre</i>	346
<i>Lágrimas brandamente derramadas</i>	307
<i>Lobo cerval, fantasma pecadora</i>	344
<i>Madrepérola, algum dia</i>	507
<i>Manda o Senhor Dom Miguel</i>	428
<i>Mandai vinho tinto</i>	452
<i>Mande-me Vo' Senhoria</i>	569
<i>Margarida, mais fermosa</i>	571
<i>Mas mais corre quem vai posto</i>	491
<i>Meu Duarte Ribeiro</i>	467
<i>Meu Gregório Martins, Deão do Porto</i>	319

<i>Minha Anarda, cuja voz</i>	541
<i>Não corrais, bela Maricas</i>	363
<i>Neste insigne aparato que à vaidade</i>	586
<i>No eres nieve que fueras derretida</i>	587
<i>Ó muito nobre e sempre leal cidade</i>	499
<i>Ó tu, que sibilante bamboleias</i>	589
<i>Oh, que valentemente as gotas dás</i>	340
<i>Olhos pretos matadores</i>	550
<i>Os olhos com pranto amargo</i>	459
<i>Padre Girão, se a Vossa Reverência</i>	419
<i>Partidos desesperados</i>	426
<i>Perdeu-se Menga por Brás</i>	352
<i>Pois que dos meus disbarates</i>	553
<i>Pois que vos fostes, traidora</i>	539
<i>Por mostrar milagrosa a Divindade</i>	591
<i>Por toda a cruz cristãmente</i>	361
<i>Por vida de El-Rei Dom Sancho</i>	534
<i>Quando a fermosa mão Fílis movia</i>	512
<i>Quando a Meneses te falar na grade</i>	489
<i>Que discretos que são e que polidos</i>	580
<i>Que fazeis na vossa Terra</i>	519
<i>Que fio de ouro, que cabelo ondado</i>	593
<i>Quero-te contar, Geraldo</i>	574
<i>Quis fazer o Carola seu papel</i>	338
<i>Reverendo Estagirita</i>	438
<i>Reverendo Frade Loio</i>	376
<i>Rubi, concha de perlas peregrina</i>	435
<i>Sabe Deus, Senhora minha</i>	486
<i>Sabereis, mana Maria</i>	358
<i>Saloia dos olhos verdes</i>	349
<i>Sapateiro moncoso o membro estava</i>	595
<i>Se Amor é fogo fatal</i>	327
<i>Se com saudades partistes</i>	474

<i>Seis Órfãs, e muito honradas</i>	531
<i>Senhor António de Abreu</i>	328
<i>Senhor, quem paga o que deve</i>	388
<i>Senhor soldado da armada</i>	423
<i>Senhora, tudo me dais</i>	538
<i>Si, Senhor, eu me vim dessa cidade</i>	369
<i>Silva, aqui para entre nós</i>	540
<i>Soror Dona Barbata, em que vos pêis</i>	355
<i>Soror Úrsula, que sois</i>	558
<i>Sou vivo sepulcro de esperanças</i>	597
<i>Tem-me Sua Senhoria</i>	562
<i>Tremendo estive de nós</i>	357
<i>Veio à revista nossa</i>	464
<i>Veio Elisa muita guapa</i>	330
<i>Vendo aqueles três Alarves</i>	466
2. Poemas de autoria duvidosa	
<i>Corre por esta cidade</i>	601
<i>Como estais aquí, linda prenda mía</i>	636
<i>Depois que ausente paso mi trabajo</i>	634
<i>Não gosto, não, vida minha</i>	616
<i>Não há amor que iguale ao da fragona</i>	637
<i>Por entre um bosque de Ninfas</i>	620
<i>Queixa-se o mar de Sodoma</i>	626
<i>Reduzistes, menina, em tanto excesso</i>	630
3. Réplicas a poemas de João Sucarelo Claramonte	
<i>Amor que por glória tem (D. Rodrigo de Meneses)</i>	314
<i>Antes que pão, muito açoute (an.)</i>	570
<i>Bem caro te custou Gaspar de Anaia (an.)</i>	412
<i>Contra vosso esquecimento (an.)</i>	641
<i>Daqui, Senhor Regedor (Duarte Ribeiro de Macedo)</i>	311
<i>De ãa em outra esperança (D. Rodrigo de Meneses)</i>	313
<i>Diga, assim me perde a Reverência (an.)</i>	421
<i>Ó tu, médico em ditongo (Frei Jerónimo de Moura)</i>	445

<i>Olá, Senhora Musa!</i> (Gregório Martins Ferrão)	324
<i>Parte o medo para Aveiro</i> (an.)	400

VI. ANEXO

FIGURAS

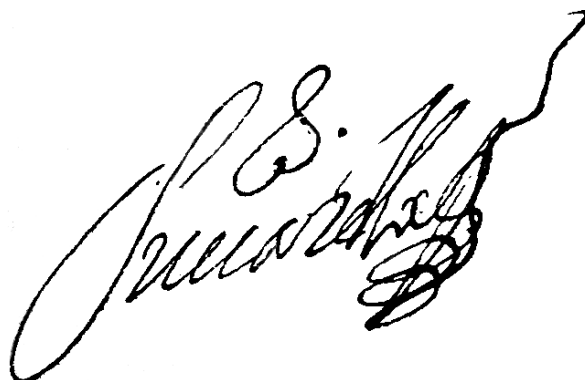


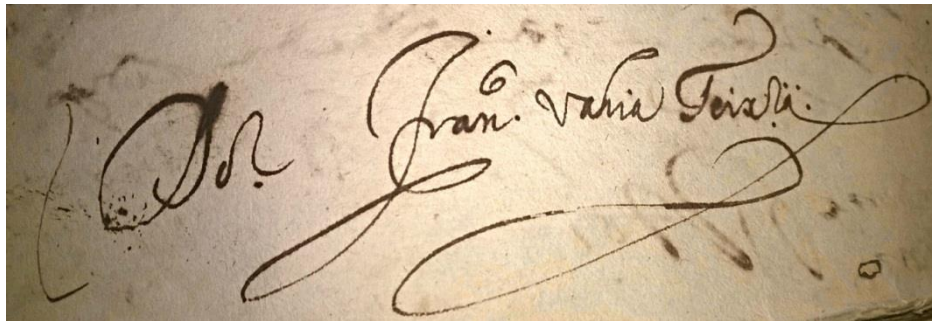
Fig. 43 – João Sucarelo Claramonte. Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia do Porto. In *Mantimento dos Presos*. Liv. 4, f. 31r, janeiro de 1665.



Fig. 44 – Cristóvão Alão de Moraes. Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia do Porto. In *Livramento de Presos*. Liv. 3, f. 41v, ata de 8 de julho de 1668.



Fig. 45 – António Sucarelo. Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia do Porto. In *Livro 2 de Lembranças*. Liv. 4, f. 435r, ata de 15 de novembro de 1628.



Mr. Fran. Baía Teixeira.

Fig. 46 – Francisco Baía Teixeira. Arquivo da Universidade de Coimbra. In *Livro de Processos de Provisões das Cadeiras (1623-1679)*. Volume 2. Liv. 2, f. 3r, 4 de julho de 1649.



Man. de Saldanha M.

Fig. 47 – Manuel de Saldanha. *Apud Almeida, M. Lopes e Brandão, Mário. In A Universidade de Coimbra: esboço de sua historia, 1937, p. 42.*



Nicolau Monteiro

Fig. 48 – Nicolau Monteiro. Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia do Porto. In *Livro 2 de Lembranças*. Liv. 4, f. 588v, ata de 28 de junho de 1637.

A handwritten signature in black ink on a light-colored background. The text reads "Conde de Miranda" in a highly decorative, cursive script. The word "Conde" is written in a large, flowing style, followed by "de Miranda". To the right of the name is a large, ornate monogram or flourish consisting of several interlocking loops and curves.

Fig. 49 – Conde de Miranda. Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia do Porto. In *Livro 3 de Lembranças*. Liv. 5, f. 297r, ata de 18 de dezembro de 1658.

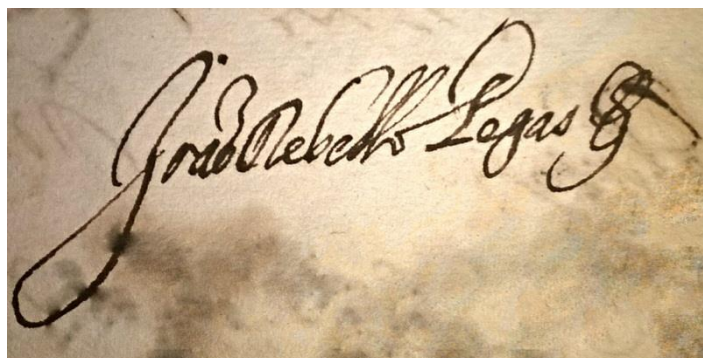
A handwritten signature in black ink on a light-colored, slightly textured paper. The text reads "João Rebelo Pegas" in a cursive script. The signature is written in a single line, with the name "João" being the largest and most prominent part, followed by "Rebelo" and "Pegas".

Fig. 50 – João Rebelo Pegas. Arquivo da Universidade de Coimbra. In *Provas de Curso (1642-43)*. Vol. 25; Liv. 1, f. 108v, 1 de outubro de 1642.

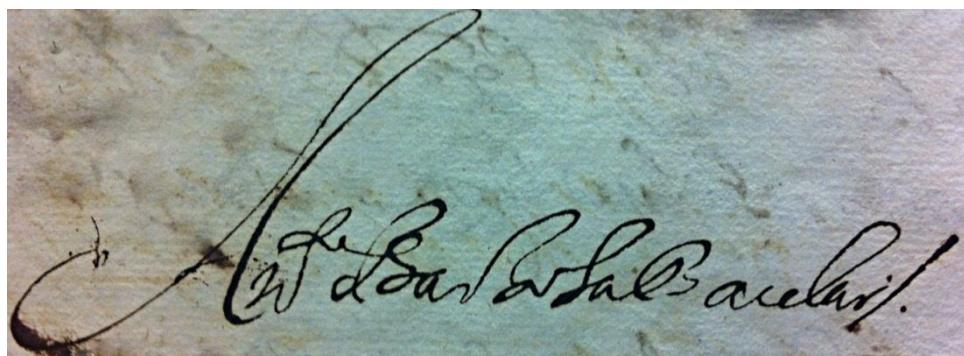
A handwritten signature in black ink on a light-colored, slightly textured paper. The text reads "António Barbosa Bacelar" in a cursive script. The signature is written in a single line, with the name "António" being the largest and most prominent part, followed by "Barbosa" and "Bacelar".

Fig. 51 – António Barbosa Bacelar. Arquivo da Universidade de Coimbra. In *Processos de Provisões das Cadeiras (1623-79)*. Vol. 2; Liv. 1, f. 142r, 8 de janeiro de 1643.

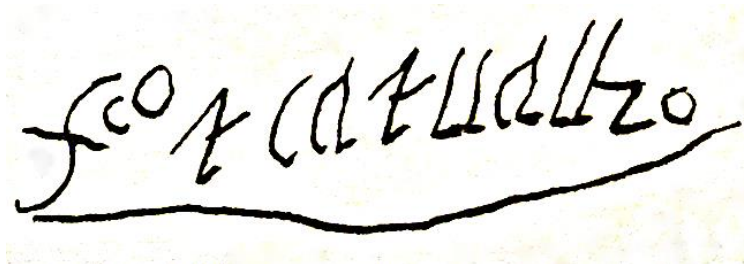
A handwritten signature in black ink on aged paper. The text reads "fco de Carvalho" in a cursive script, underlined with a single stroke.

Fig. 52 – Francisco de Carvalho. Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia do Porto. In *Despesa e Receita da Administração dos Legados de D. Lopo*. Liv. 47, f.1r, 1 de agosto de 1643.

A handwritten signature in brown ink on aged paper. The text reads "João Dias Ferreira" in a highly decorative, cursive script.

Fig. 53 – João Dias Ferreira. Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia do Porto. In *Despesa Geral*. Liv. 2, f. 378v, 30 de outubro de 1642.

A handwritten signature in black ink on aged paper. The text reads "Gregório Martins Ferreira" in a cursive script, with a long, sweeping flourish at the end.

Fig. 54 – Gregório Martins Ferreira. Biblioteca Nacional de Portugal. In *Códice 8611*, f. 26r, 6 de novembro de 1652.

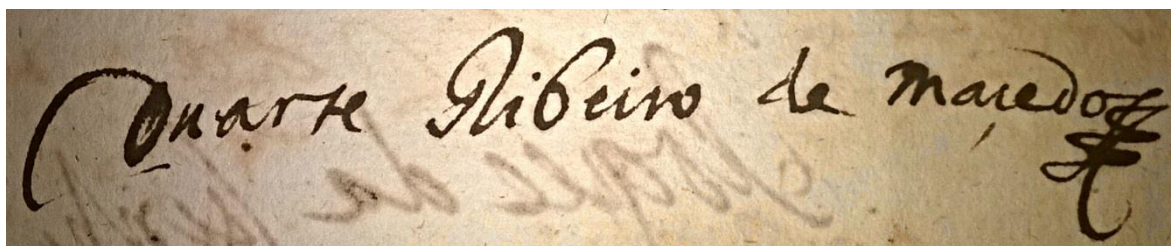
A photograph of a handwritten signature in black ink on aged, yellowish paper. The signature reads "Duarte Ribeiro de Macedo" in a cursive script. The paper shows some faint, ghostly impressions of the signature from the reverse side.

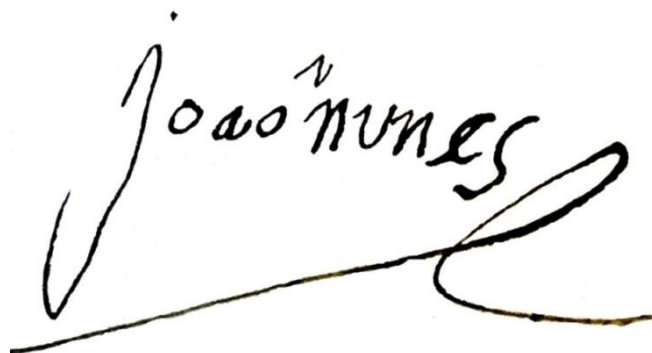
Fig. 55 – Duarte Ribeiro de Macedo. Arquivo da Universidade de Coimbra. In *Provas de Curso (1645-46)*. Vol. 26; Liv. 1, f. 106r.

A photograph of a handwritten signature in black ink on white paper. The signature reads "Paio Ferreira Pinto" in a cursive script. The letters are well-defined and the overall style is elegant.

Fig. 56 – Paio Ferreira Pinto. Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia do Porto. In *Livro 3 de Lembranças*. Liv. 5, f. 510r, ata de 24 de outubro de 1668.

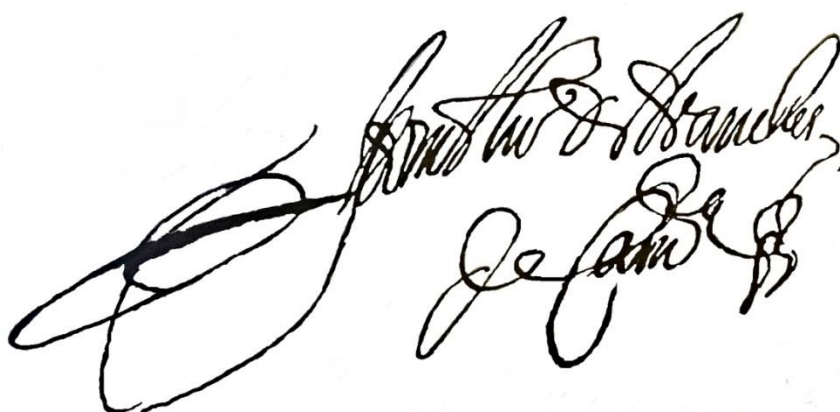
A photograph of a handwritten signature in black ink on white paper. The signature reads "António Sarinho" in a cursive script. The signature is highly stylized with long, sweeping flourishes.

Fig. 57 – António Sarinho. Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia do Porto. In *Despesas da Cadeia (1645-1648)*. Liv. N.º 35, f. 18r, janeiro de 1646.



A handwritten signature in black ink on a light background. The name 'João Nunes' is written in a cursive script. The 'J' is large and loops under the rest of the name. The 'Nunes' is written in a more compact, cursive style. A long horizontal stroke extends from the end of the signature.

Fig. 58 – João Nunes. Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia do Porto. In *Despesas da Cadeia*. Liv. 28, f. 31v, 26 de janeiro de 1634.



A handwritten signature in black ink on a light background. The name 'Álvaro de Abranches' is written in a cursive script. The 'A' is very large and loops around the rest of the name. The signature is written in a fluid, cursive style.

Fig. 59 – Álvaro de Abranches da Câmara. Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia do Porto. In *Livro 3 de Lembranças*. Liv. 5, f. 251r, ata de 25 de julho de 1655.



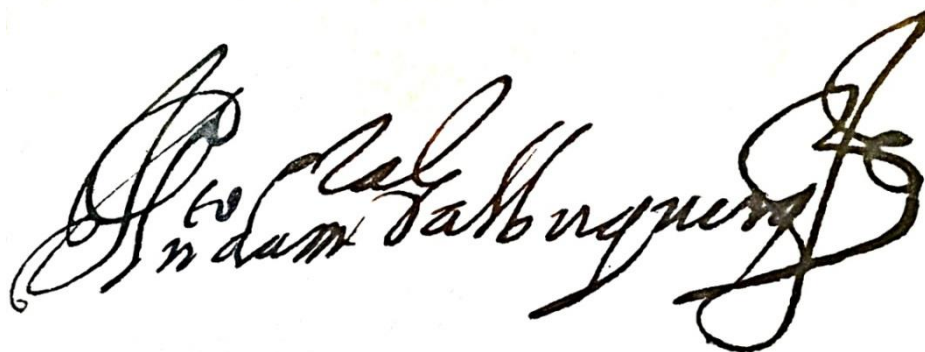
A handwritten signature in black ink on a light background. The name 'Domingos Roiz de Macedo' is written in a cursive script. The 'D' is very large and loops around the rest of the name. The signature is written in a fluid, cursive style.

Fig. 60 – Domingos Roiz de Macedo. Arquivo Nacional Torre do Tombo. In *Corpo Cronológico*, Parte I; mc. 119, n.º 1, 5 de janeiro de 1633.



João do Amaral de Albuquerque

Fig. 61 – João do Amaral de Albuquerque. Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia do Porto. In *Despesas da Cadeia*. Liv. 37, f. 3, julho de 1652.



António do Amaral de Albuquerque

Fig. 62 – António do Amaral de Albuquerque. Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia do Porto. In *Livro 3 de Lembranças*. Liv. 5, f. 81v, ata de 24 de maio de 1645.



António Carneiro de Vasconcelos

Fig. 63 – António Carneiro de Vasconcelos. Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia do Porto. In *Mantimento dos Presos*. Liv. 4, f. 68v, 3 de julho de 1663.

A handwritten signature in black ink on a light-colored background. The text reads "D. João da Costa" on the top line and "Conde de Soure" on the bottom line. The script is highly decorative and cursive.

Fig. 64 – D. João da Costa, Conde de Soure. *Apud Almeida e Pegado. In Livro 2.º do Registo das Cartas dos Governadores das Armas (1653-1657), 1940: s. p.*

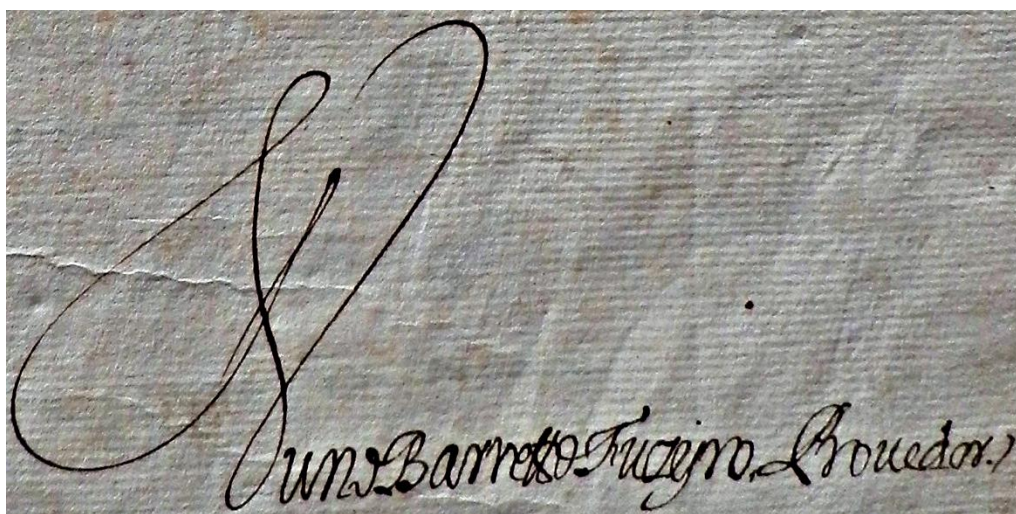
A handwritten signature in black ink on a textured, light-colored paper. The signature is highly stylized and cursive, starting with a large, looping initial. Below the signature, the text "Nuno Barreto Fuseiro, Provedor." is written in a smaller, more legible cursive script.

Fig. 65 – Nuno Barreto Fuseiro. Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia do Porto. In *Livro de governo da Misericórdia do Porto Feito por Nuno Barreto Fuseiro. No anno 1666 Em que foi Provedor.*

A handwritten signature in black ink on a light-colored background. The text reads "Mano^l Pinto". The signature is highly stylized and cursive, with a prominent initial 'M' and a long, sweeping underline.

Fig. 66 – Manuel Pinto. Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia do Porto. In *Livro 3 de Lembranças. Liv. 5, f. 259r, ata de 23 de abril de 1656.*

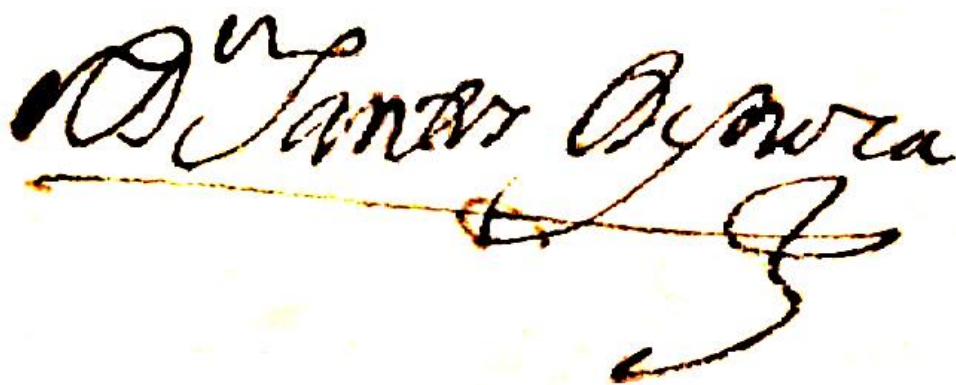
A handwritten signature in dark ink on a light-colored background. The signature is written in a cursive, flowing style. The first part of the signature is a large, stylized initial, possibly 'S', followed by the name 'Santos de Sousa' in a similar cursive script. The signature ends with a long, sweeping flourish that extends downwards and to the right.

Fig. 67 – Santos de Sousa. Arquivo da Universidade de Coimbra. In *Livro de Processos de Provisões das Cadeiras (1623-1679)*. Liv. 2, f. 197r, 29 de maio de 1645.

João Sucarelo
clarissimo

Dom D. Felippe III. foy saber q. João Sucarelo clari-
ssimo filho de Antonio Sucarelo clarissimo natural
de Vila Rica foy Brigada de Bordo que elle me em diron
adizes q. queria usar da sciencia de cirurgia por quanto
atrinca a perdido com suigencia a prouido de Teobaldino
d'Almeida souuido artes euer e praticar em varios hospitais
e es enenda em seu dizes mandes a D. Simão de
Albuquerque mor foy no cora por meu especial
mandado de seu de cirurgia mor q. elle o examinou
na forma de seu Regimento o qual o examinou com
D. Luiz de Albuquerque e seu de seu cargo de cirurgia de munda
para q. por me constar seu dizes q. que era apto e su-
ficiente para usar da dita sciencia de cirurgia em todos
os lugares de seu Reino de Portugal e suas Ilhas e
Cidades e terras q. ha e ha de haer q. D. Simão de
Albuquerque foy de cirurgia mor foy de cirurgia de seguir
a foy por Manuel Mendes de Alencar examinado de cirurgia
mor em Vila Rica do dize de seu dize de munda de


Fig. 68 – Arquivo Nacional Torre do Tombo. In *Doações de Filipe III, Livro 28.º*, ff. 190v-191r. Autorização para Sucarelo exercer Cirurgia, a 17 de junho de 1638.

trinta e dois annos de Manuel de Alencar
foi o nome de Sebastian

Fig. 69 – Idem (cont.).

Elvas + 650
 Do Conde de S. L. 15 de Outubro

 Representa a necessidade q' eu na
 quelle Ex. de S. L. bom Cirurgiã
 pelas razões q' aponta.
 e q' tem por noticia q' eu m. bom
 Cirugiã e medico se chama
 Cuquarello o quer aceitar com
 as condicoes do seu papel m. churo, e
 o pede o Conde e os mais p. merec.
 o V. M. e contenta com un. d. com
 a. r. e. e. pede.


 Conde

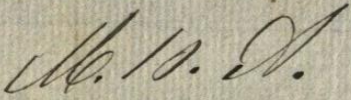

 M. J. D.

Fig. 70 – Arquivo Nacional Torre do Tombo. In *Consultas do Conselho de Guerra, Maço n.º 10, Doc. 174*. Pedido do Conde de S. Lourenço ao Rei D. João IV, para a integração de João Sucarelo como Cirurgião-mor no exército do Alentejo, a 15 de outubro de 1650.

42
5707

Cada dia experimentamos mais a necessidade
que este Exército tem de um bom Cirurgião
pois as occazões são muitas, e o sentimento
geral, de que se falta delle se aliscão a pender
a vida os que seguimos a V. M. nestas partes.
por que quando se manda buscar a Lisboa
de ordinario, ou de gatarde, ou não he já
necessario.

Tenho por noticia que um muito bom Ciru-
gião, e Médico, como he o Siqueirelo, quer
vir para assistir neste Exército, fazendo
do V. M. a merce que se de ne esta me-
moria que me mandou, e no que toca
ao soldo, e com a ordinaria, por aqui
se dá o mesmo a um Cirurgião que aqui
assiste que nem sua conta sabe de Cirurgia
O mais asy do habito, como latencia, seja
V. M. se me dá querernos fazer a talos
merce de contentar, honrando com esta
merce, pois fica toda a aduança obrigada
a servir, e nos com grande interesse de
continuarmos o mesmo, guarde Deus
a Real pessoa de V. M. e a todos seus
Vassallos hauemos mister, Elvas 15 de
Outubro de 1650.

R. de G. e S.

Fig. 71 – Idem (cont.).

2 de Nov^o 650

Con^o Segueria

o Conde do Prado
 Também foy
 Joao Mendes de
 São e fabricou por sua
 achar por fabricar
 desta Cons

Sobre o Conde de S^o Lourenço em orde
 a senhadar hum s^o de grande ex-
 periencia p^o de Montez

Tras parecer em da
 e lha

ell. n. 10 - 174

Fig. 72 – Arquivo Nacional Torre do Tombo. In *Consultas do Conselho de Guerra*. Maço n.º 10, Documento n.º 174. Parecer do Conselho de Guerra sobre o pedido de Conde de S. Lourenço com data de 2 novembro de 1650 e resolução do Rei, a 2 e 7 de novembro de 1650, respetivamente.

+
Sno

Comunicação, e o que se trata de oral
 e a qual se trata de oral e
 com a vida de com toa e fidei reora
 a Secretari de m. p. de the p. p. p. p. p.
 ria. A. de Novembro de 1685.

Z

Na causa inclusa representa o fonde De São Lourenço
 a V. Mage a necessidade que ha no exército de Alentejo
 de hum bom cirurgião, pois as occasiões são m. e o sentimento
 geral de que por falta delle se arriscas a perder a vida os
 que servem a V. Mage naquellas fronteiras, porq quando se
 manda buscar a esta cidade de ordinario ou chega tarde
 ou não he, ta necess. E que tom por noticia que hum m.
 bom cirurgião, e medico, como he o S. Jacinto quer ir assistir
 naquelle ex. fazendo V. Mage de ce. e habito de
 Christo; de quarenta milrs de tenca effectiva com
 facultade de poder testar delles; vinte milrs de
 praça cada me z pag. e na plana da Corte; Dotitudo
 de cirurgião m. e de Medico de V. Mage com ma
 radia, cafas pat. e c. euada para hu cavallo, como
 pede na sua memoria inclusa, a portanda nella as co-
 modidades q. d. x. a. m. d. servir de cirurgião m. e
 Alentejo, que são quar. enta milrs q. tem na V. Mage
 cidade e m. h. a. cad. em, as propinas de Sete, e a
 esperanza de ir subindo as cad. mais res, e o mais
 que lhe rendem as suas let. e. E diz o fonde que
 não q. toca ao soldo he a sua ordinaria, e que no mais
 a si do habito, como da tenca de V. Mage Ser servido
 querir V. Mage fazer a elle Conde, e a todos os daquelle ex.
 merce de contentar a este como paraque se disponha
 a ir servir de cirurgião m. e honrando com a merce
 que pede pois fica toda a sua vida obrigado a servir
 r. Muitas vezes se tem representado a V. Mage a urgente ne-
 cessidade que ha de q. no ex. de Alentejo a m. h. a. hum d. o
 m. h. o. cirurgião de Alentejo para curar os enfermos e
 feridos, e emuniar outros; e por inculcas de Francisco

Fig. 73 – Idem (cont.).

Nomes nomeou V. Mag^{de} hum de Santarem que he o que
 agora assiste em Mentis com titulo, e o s^o de sum
 mor do ^o D^o; E visto dizer o s^o de São Lourenço
 que não val nada. E que o S^o de S^o Carlos não é na arte de
 fuzileira, mas tambem na medicina he s^o de guerra, Pa-
 rece ao Cons^o q^o V. Mag^{de} mande despedir q^o de Santarem
 e nomear para S^o de S^o Carlos o s^o de S^o Carlos
 com o s^o de S^o Carlos que goza q^o agora serve; e porque
 para o obrigar á que acete, e sirva sera justo
 compensar V. E na forma q^o for p^ostuel as commo-
 ções que deixa, e as q^o se referem no papel in-
 cluso na carta do s^o de S^o Carlos das armas. Parece
 tambem ao Cons^o que V. Mag^{de} V. E deo mande dar
 titulo de seu medico, e o habito de Christo com qua-
 ranta mil r^os effectivos de tença com facultade
 de poder testar delles morrendo na guerra, en ser-
 uendo nella seis annos. Lisboa; 2 de Nov^o de
 1680.

Fig. 74 – Idem (cont.).

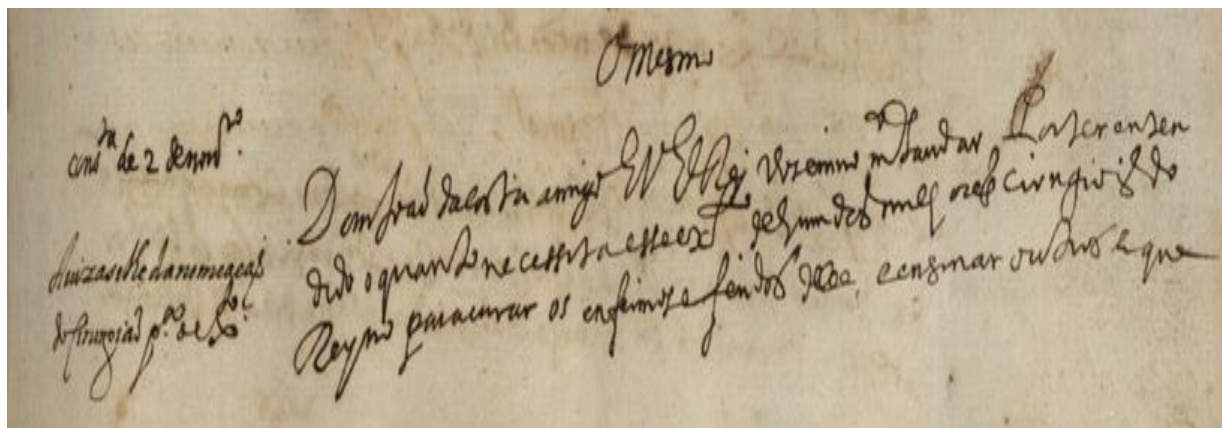


Fig. 75 – Arquivo Nacional Torre do Tombo. In *Consultas do Conselho de Guerra*. Livro 13, ff. 50r-50v. Carta de despedimento do Cirurgião-mor Diogo Pinheiro, na qual já se adianta o nome de Sucarelo como seu sucessor, datada de 28 de novembro de 1650.

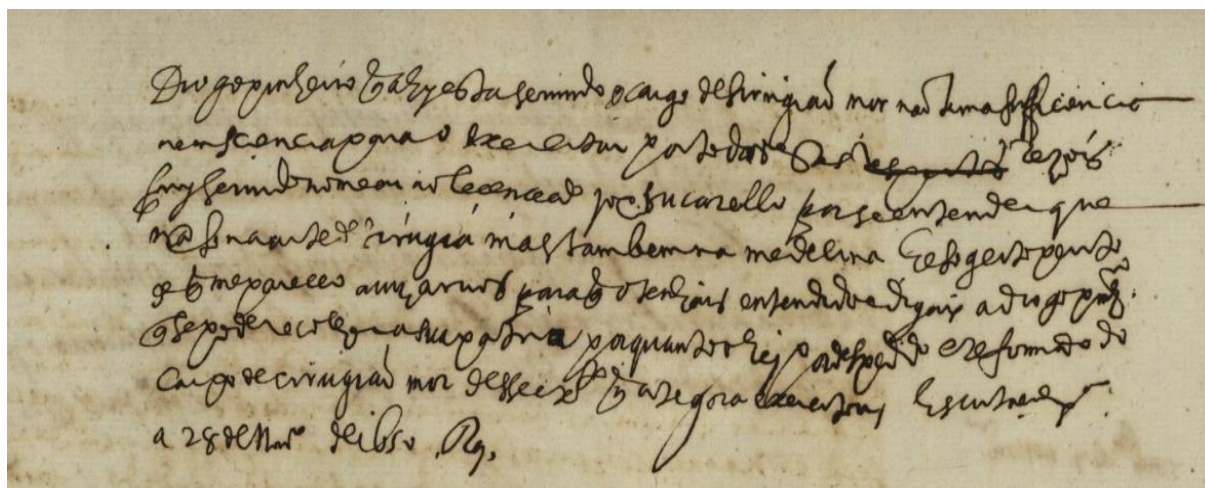


Fig. 76 – Idem (cont.).

Publicado
Cirurgião-mor do ex. do Alentejo
 João Sucarello
 V. M.

Dom João está feito saber aos que estam emba carta patente Vivem que por con-
 uir ameu de uia, prouerem o cargo de Cirurgião mor do Exército de Alentejo em
 quem concorrerem as partes que herequerem, para o exercicio deste cargo, e por
 ser informado que ellas concorrem no conhecimento de João Sucarello. E que nella occu-
 pado mede uia com toda a ocuidade com que o deue fazer, por todos estes resposos
 Heij por bem, em praz delhe fazer merce do duto cargo de Cirurgião mor do
 Exército de Alentejo para q' os uia a sim. E da maneira que o seruira, seus
 antecessores, e com elle haja de soldo por mes vinte e cinco mil r' pagos na conformida-
 de de minhas ordenis. Pelas q' mando ao Governador das armas da Prouincia
 Exército de Alentejo, e ao mestre de campo geral delle otenha, e conheca, por tal
 Cirurgião mor, e lhe deixem exercer este cargo, fazendolhe guardar as prerrogatiuas
 delle. E ao Secdor, e Contador geral do mesmo exercito lhe auentem e faga assentar
 todos os soldos nos livros de seus officios, para delle haueu pagaminto, na forma asi-
 ma declarada. E aos Cirurgioes dos tercios, e barbuos das companhias delles, este-
 ja as suas ordenis cumpradas as que elle lhes der, taõ inteiramente como deuem
 esã obriguadas. E do duto cargo Heij prometido de pose por esta carta ao duto
 João Sucarello, jurando elle na forma costumada que comprira em tudo as obri-
 gaoes do duto cargo. Por firmoza do que lhe mandei dar esta carta por
 mim assinada e sellada com o sello grande de minhas armas. Pada nãlidade
 de 18. do duto dia do mes de dezembro de 1650. Eu Antonio Pereira
 afiz escreuer. Dij:

Fig. 77 – Arquivo Nacional Torre do Tombo. In *Consultas do Conselho de Guerra*. Livro 13, f. 53v. Carta patente de Cirurgião-mor de João Sucarello, a 18 de dezembro de 1650.

Por virtude de 1 me de 7 de novembro de 1650
em virtude do foy de guerra de 2 de mesmo mez

João Succarello

Reij nro. Mendo Resp. a sufficiencia de João Succarello
causa montada com que se disputou a servir na prou. de Alentejo
de firungias mor do Re. della, de mais do folio que Eade. Eauer
pro outania na forma que o firungias mor seu antecessor gozava
Hoje p.bern de E. fater m. do h. de seu Medico, e de quar. a milia
de canda effeetiva em capellas ou bens de concessão para 40
os mesmos quaranta milia com o habito de xpo que h. tem m. do
Lancar, com facultade de poder ter os d. m. rrendos na guerra
ou termindo nella seis annos, e para comprim. da condicão com que
se h. deu o d. e q. de servir seis annos nas fronteyras de Alen-
tejo apinos termo que seia na feitura das m. e f. de por autorid. de
da justia de 1 me de dez. de 1650. Diante

Fig. 78 – Arquivo Nacional Torre do Tombo. In *Portarias*. Livro 2.º, f. 319r. Carta de atribuição a João Sucarelo do título de médico do Rei e condições em que vai para o Alentejo, a 20 de dezembro de 1650.

João Succarello Cartada
612

Dom João por grãza de Deo Rey de portugal hoz afgruado daquel das Indias
em a f. de de quem da d. q. de a navegação f. o m. s. do d. h. s. p. a a
sua p. resida da f. d. de a. com o q. e p. p. t. s. adm. n. r. do d. s. p. o
do m. r. do d. f. a. h. s. a. corde de m. h. s. q. e p. f. a. s. a. b. e. r. a. u. o. s.
do d. o. m. p. r. a. i. s. do d. e. u. e. n. t. o. d. e. t. h. s. m. a. r. d. e. m. e. m. o. r. d. e. o. u. a. q. u. e. u. s. o.
c. a. r. g. u. e. s. e. n. i. r. q. u. e. j. o. ã. o. s. u. c. a. r. e. l. o. i. n. p. e. t. i. t. o. q. u. e. p. o. r. q. u. e. e. l. l. e. d. i.
s. e. g. u. i. a. e. t. a. b. e. l. d. e. u. a. f. u. d. d. e. s. e. r. v. i. r. a. n. o. s. e. t. a. m. n. a. m. e. m. o. r. d. e.

Fig. 79 – Arquivo Nacional Torre do Tombo. In *Chancelaria da Ordem de Cristo*. Livro 31.º, ff. 213r-213v. Autorização para que João Sucarelo receba o Hábito de Cristo, a 24 de junho de 1651.

ou seja porben deoquer emandar puer de habito della can
 tes de the faser m^o conpber aorde a de hitou suapi de ante de
 prapiderite de deputados do desp^o da mesa da r^o men fia cordo eji
 is dellas e por q^o meisonston pella abe lctasid que p^o hieles sey de forma
 das de finis de estatuto dada de orde do goad p^o carido ter
 as partes equalidades necess^o conforme a ellas p^o ser p^ouidos
 do habito da mesa ora orde e por esperar q^o ella podera faser m^o
 faser por anoso r^o e amim fcy por be megras de coqueber a or
 de e por esta nos manda do p^o dere finisid q^o que the lantais
 oha bito do r^o ou por della de p^o duento sey de forma das de finis
 das de estatuto dada de orde do faseris de m^o r^o p^o huro dama
 triala do r^o canab^o r^o ou por della de de faseris do de a megras
 e the p^o asis sertidad na forma for tumuda e ota carta
 mandaris guardar e a qualq^o esta de p^o uada p^o guarda das
 cartas do habito q^o os mestres gouernadores do orde m^o da
 lantar esse buento e q^o se de p^o uia sendo pasa de p^o ch^o da
 orde do goad caruado de p^o uia a faser emda no uinta quatro de
 junho de seix^o fentos e n^oventa e humm^o f^o r^o p^o de f^o p^o r^o a p^o r^o
 creuer e l^o Rey

Com sexta da por N^om^o Fran^o de Santo velho

Fig. 80 – Idem (cont.).

+
SMC

74

Surgião modesto ex. São de Sucarelo. Se me
 nelle com tanta utilidade a os serviços de Vm^{de}.
 que sua ausência lhe é muito danosa pela
 falta que faz nos Hospitais, Acêsse nesta forte
 em requerimentos, seus merecim^{tos} sempre
 nos merecem que a grandeza de Vm^{de}. Coman
 de de fazer em forma que uenhas acôrrentado con
 tinuar sua obrigação de que summa m^{te} se nece
 sita, o quem pareceo preciso fazer presente
 a Vm^{de} pois a falta que aqui é de surgiões su
 ficientes, é muito notoria a conservação de ex.
 o que tudo se supprira com a presença do surgião
 mor que acode aos feridos com cuidado, e respeito
 de sua fazenda em sinando aos demais com conti
 nuas experiencias Vm^{de}. ordenara o que for ser
 uido. Aos quando a muito Alto e poderoso
 pessoa de Vm^{de} como seus Vasallos e auemos
 mister. E Das 29 de 7^{to} de 1655. Fran^{co} de mellos

Sobre o doutor João
 Sucarelo

Fig. 81 – Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. In *Manuscrito 540*, f. 74r. Carta de Francisco de Melo, General da Cavalaria, com data de 29 de setembro de 1655, enviada de Elvas ao Rei, na qual se queixa da ausência de Sucarelo, que se encontra na Corte.

Moy

A maior parte dos soldados feridos deste ex.^o pe
 decam, emorrem a falta de surtigia, em suido
 de tam ardo de tempo, e perda de prante
 sobre a falta que a Smg.^o por carta da q. de setembro do ano pa
 do faz aos sol.^{os} são a grande falta que fazia neste ex.^o o su
 gido mortal, ahy para acudir ao Hospital de
 como aos mais soldados enfermos, Smg.
 que ser semido e auendo llespeito a esta
 urgente necessidade mandado e ordena
 se recorra a esta praça com summa breuidade
 e se guarde a m.^o alta e poderosa pessoa de Smg.
 corpo seu de hallos e duenos mister Elvas
 31 de mayo de 1656 // Fran.^o de melcoy

Fig. 82 – Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. In *Manuscrito 540*, f. 87v. Carta de Francisco de Melo, General da Cavalaria, com data de 31 de maio de 1656, enviada de Elvas ao Rei, na qual reitera queixas sobre a ausência de Sucarelo e pede ao monarca que o mande regressar ao Alentejo.

Inno

Sobre o Sr João Sucarello.
 Quarta de 29 de Setembro do anno passa do
 De presente a S^mg^{da} como o surtiado mor
 deste ex^{to} João de Sucarello, servia no l^{do}
 com tanta utilidade a serviço do S^mg^{da}
 que sua ausência lhe era muito danosa
 pela falta que fazia nos Hospitais. e
 não nessa parte em requerim^{to} seus me
 recim^{tos}. e em por os meresem que a gra^{da}
 de ra de S^mg^{da} lhe manda de ferir em forma
 que venha a creder-se, e continuar sua obri
 gação, de que summa mente necessita a
 maior parte dos soldados feridos deste ex^{to}.

Fig. 83 – Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. In *Manuscrito 540*, ff. 89r-89v. Carta de Francisco de Melo, General da Cavalaria, com data de 7 de junho de 1656, enviada de Elvas ao Rei, na qual volta a reiterar queixas sobre a ausência de Sucarello.

Com feridos dos Hospitais que perocem
 em serem da falta de surtiado, e amoni
 do de tamanha e de am parte, e para me pa
 recer tornar a fazer sua lembrança a S^mg^{da}
 para que S^mg^{da} se sirva de a mandar aonde
 de ar como for servido. Que se guarde a m^{da}
 Alta e poderosa pessoa de S^mg^{da} como seus da
 sulcos e a vossa m^{da} e suas a 7 de junho
 de 1656 // Fran^{co} de mellos

Fig. 84 – Idem (cont.).

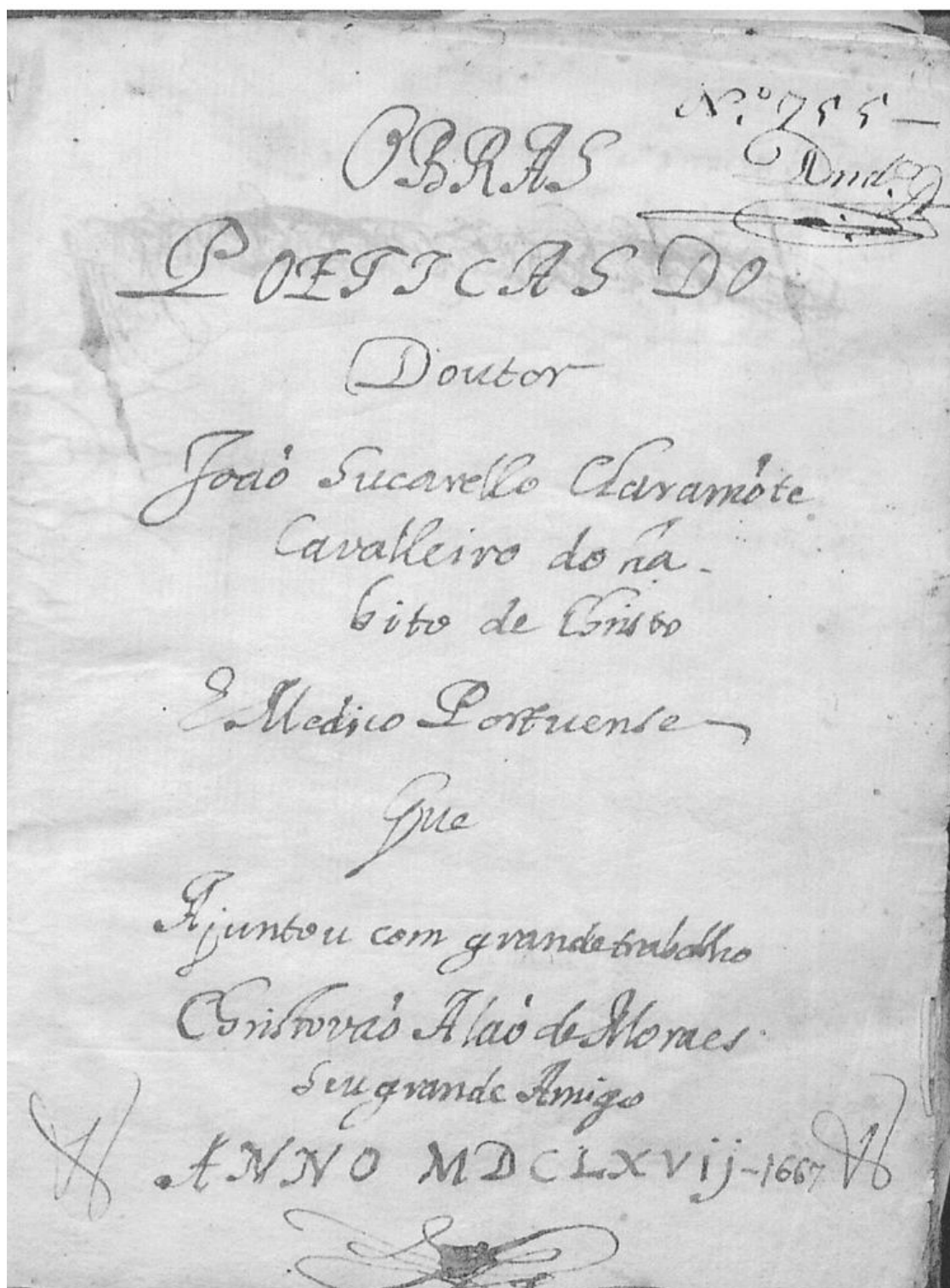


Fig. 87 – Folha de rosto do *Manuscrito 755*, do Fundo Geral da Biblioteca Pública Municipal do Porto. “Obras / Poeticas / Do / Doutor / João Sucarello Claramõte / Cavalleiro do ha- / bito de Christo / E Medico Portuense / Que / Ajuntou com grande trabalho / Christovão Alão de Moraes / Seu grande Amigo / Anno MDCLXVII”.

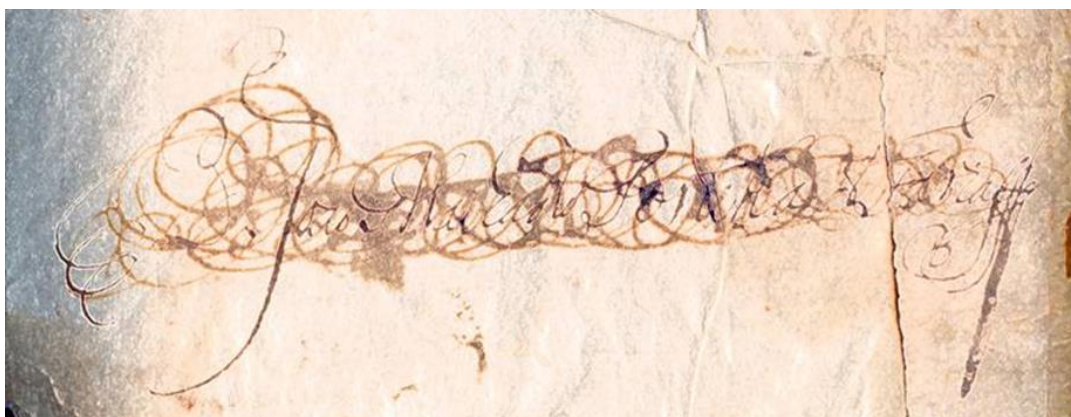


Fig. 88 – Verso da folha de título do *Manuscrito 755*, da Biblioteca Pública Municipal do Porto.

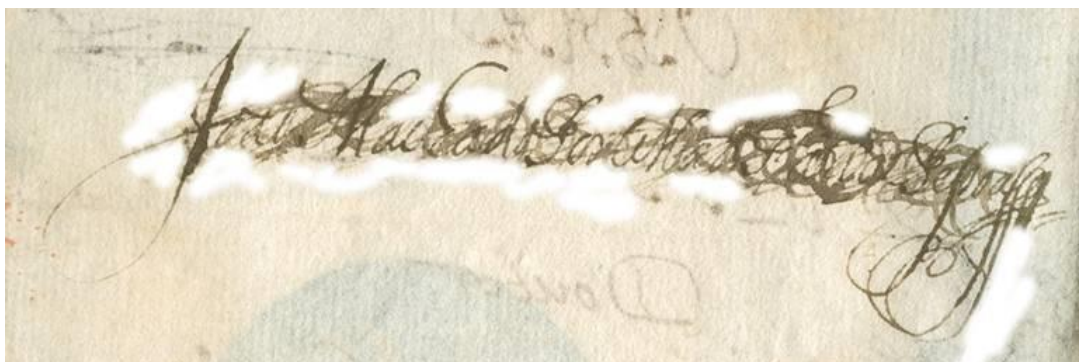
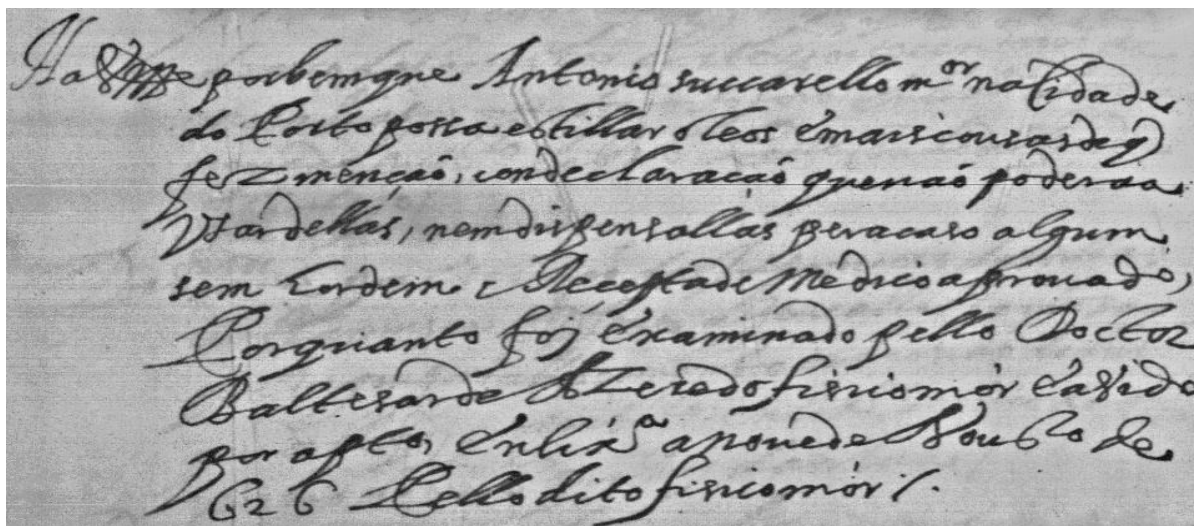


Fig. 89 – Guarda posterior do *Manuscrito 755*, da Biblioteca Pública Municipal do Porto.

Aos oito dias do mez de Julho do anno de mil e seis-
 centos e sessenta e oito estando em meza o illustre
 hono. Sr. Provedor dos Maos e maoes grão admitti-
 dos ao Dto. dos prezos Magdalena Lopes, Maria to-
 ges ma. ja. e Pantaleão Nunes seu ff. de dita cidade
 por informaçao q. se tomou dos mordomos da cadeia
 por contar de sua governança q. a seu nome se provedor
 os mordomos. Amstovão Alão de Moraes Escrivão da
 casa q. o escrevi a

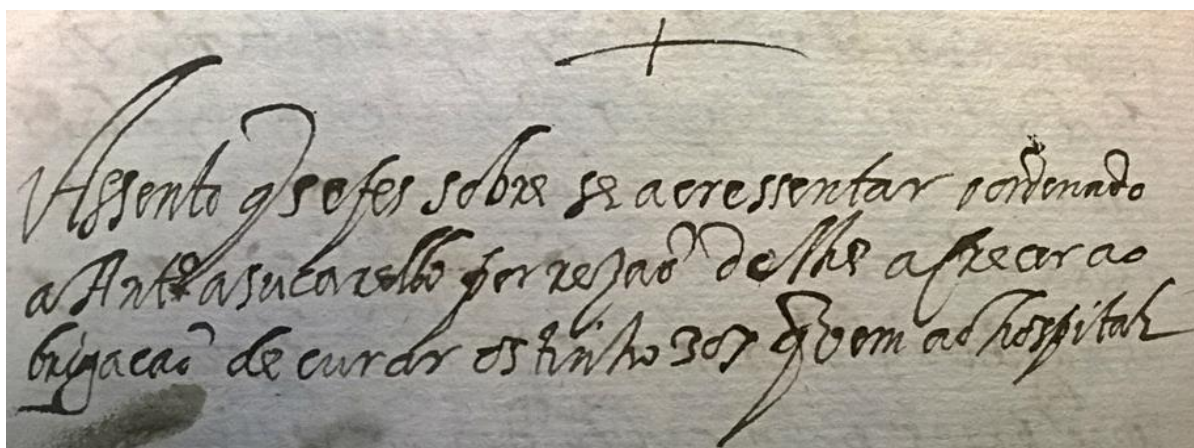
Amstovão Alão de Moraes

Fig. 90 – Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia do Porto. In *Livramento de Presos*. Livro n.º 3, f. 41v, ata de 8 de julho de 1668.



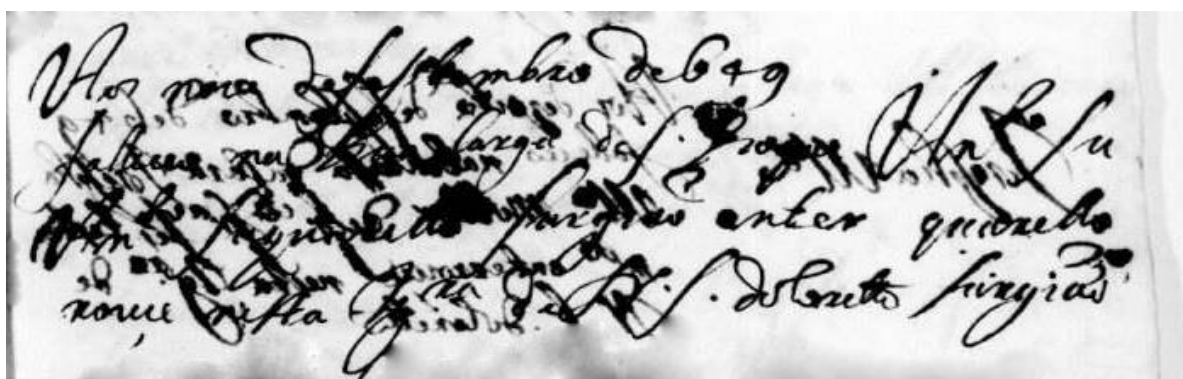
Ao 9 de outubro de 1626
Antônio Suquarello m^o natural de
do Porto foy examinado e test^o em ar^o curado de
fer^o mençai, condecoraçai q^uerai poderai
Vardelas, nem dispensallas peracaro algum,
sem Eudem e Aceptade Medico aprovado,
Porquanto foy examinado pelo Doctor
Balthazar de Almeida foyisior e ar^o de
por aq^uo, e l^o a nome de Dou^o de
626 Lello dito foyisior.

Fig. 91 – Arquivo Nacional Torre do Tombo. In *Livro 11 de Ementas da Casa Real*, f. 273r, 9 de outubro de 1626.



Assento q se fez sobre se acrescentar ordenado
a Ant^o asucarello por rezão de lhe a crecer a
brigaçai de curar os tinozoz q vem ao hospital

Fig. 92 – Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia do Porto. In *Livro 2 de Lembranças*, n.º 4, p. 513. Assunto da ata de 4 de janeiro de 1634: «Assento q se fez sobre se acrescentar ordenado / a Ant^o asucarello por rezão de lhe a crecer a o / brigação de curar os tinozoz q vem ao hospital».



Aos nove de Setembro de 1649
Ant^o Suquarello Surgião enter q^uerai
rouce nesta Igr^a da N. S. do Loreto

Fig. 93 – Arquivo Nacional Torre do Tombo. PRQ/PLSB 15 Paróquia de Encarnação 1611/1911. 003 Registo de óbitos 1620/1911. 04 *Livro de registo de óbitos 1645/1652*, f. 41r. «Aos nove de Setembro de 1649 / falleceo na Rua larga de S. Roque / Ant^o Suquarello Surgião enter / rouce nesta Igr^a da N. S. do Loreto» Na margem pode ler-se «Ant^o Su / quarello / Surgião».

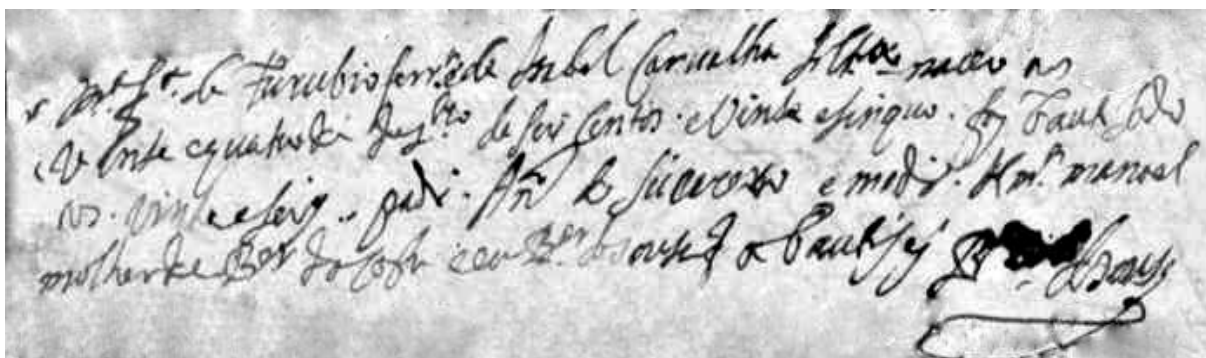


Fig. 94 – Arquivo Distrital do Porto. PRQ/PPRT 15 Paróquia de Vitória 1583-11-23/1911-03-31. 001 Registos de baptismos 1584-06-24/1911-03-31. 0002A Registos de baptismos 1625-01-08/1645-11-21, f. 4v. «M^a f^a de /*Furubio/ e de Isabel Carvalha sol^a naceo aos / vinte e quatro de dez.bro de seis centos e vinte e cinco. foi Bautizado / aos vinte e seis padr^o Ant^o de Sucare[†]o e madr^a H.m^a manoel / molher de B.^{ar} da /*Costa/ e eu B.^{ar} de souza q. a bautizei». Assina «B[†] de Sousa».

1643 -
 Siuro da despeza deste ophi
 tos que Comya Nofre Jones
 de julho de 643 anos sendo
 Mor do Mor Antonio Zeite
 J^o c^o Carvalho

Fig. 95 – Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia do Porto. In *Receita e Despesa da Administração dos Legados de D. Lopo*. N.º 47, f.1r, registo de julho de 1643.

Assento q se fez do promiamento da
 Capella do Sr. M. Jo^o de Lima no I^o
 Bayo Ferreyra Lito.

Fig. 96 – Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia do Porto. In *Livro 3 de Lembranças*. Livro n.º 5, f. 510r, ata de 24 de outubro de 1668.

Recebemos de vossa que se
faz em...
partes de...
de vinte e vinte - 360
Suas...

Fig. 97 – Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia do Porto. In *Mantimento dos Presos*. Livro n.º 4, f. 28r, janeiro de 1664.

Recebemos de vossa que se
fizemos em...
tanto de vinte e vinte 360
Suas...

Fig. 98 – Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia do Porto. In *Mantimento dos Presos*. Livro n.º 4, f. 28v, janeiro de 1664.

Recebemos de vossa com
digo de vinte e vinte
de vossa feito em
me... de castelomen
de... 360
Suas...

Fig. 99 – Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia do Porto. In *Mantimento dos Presos*. Livro n.º 4, f. 5r, agosto de 1664.

Dezembros de seculo
 me de si ma n uny
 da ferida que he fe
 Luis de S. Vincente do Almo de si 36
 Pra

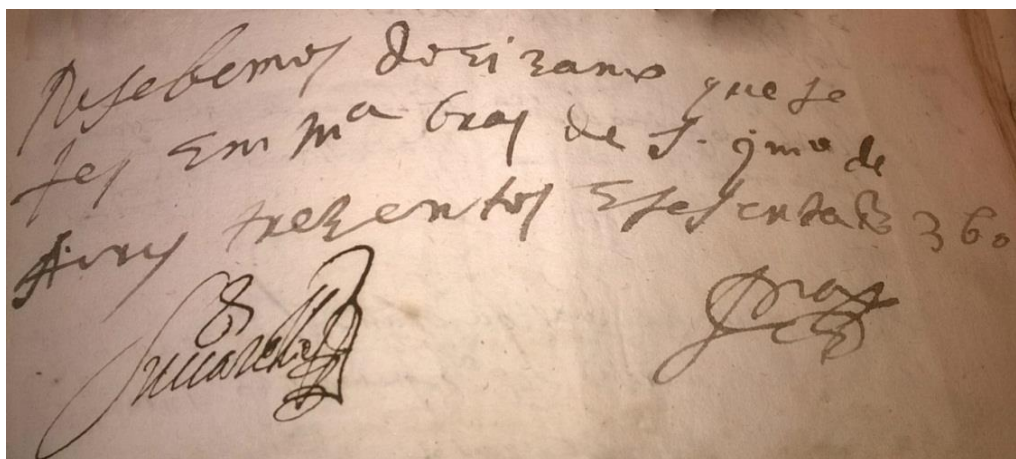
Fig. 100 – Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia do Porto. In *Mantimento dos Presos*. Livro n.º 4, f. 29v, janeiro de 1665.

Dezembros de seculo
 se fe em in.ª carta da
 ferida que he fe p.
 Luis de S. Vincente do Almo de si 36
 Pra

Fig. 101 – Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia do Porto. In *Mantimento dos Presos*. Livro n.º 4, f. 31r, janeiro de 1665.

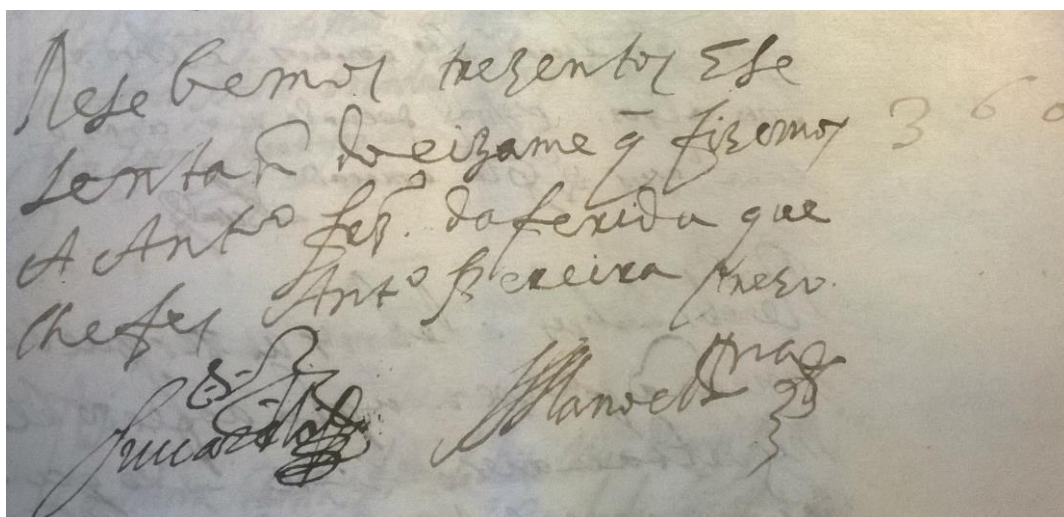
Dezembros de seculo
 ama ycha presa do Almo de si 36
 do vinte e cinco Pra

Fig. 102 – Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia do Porto. In *Mantimento dos Presos*. Livro n.º 4, f. 35v, fevereiro de 1665.



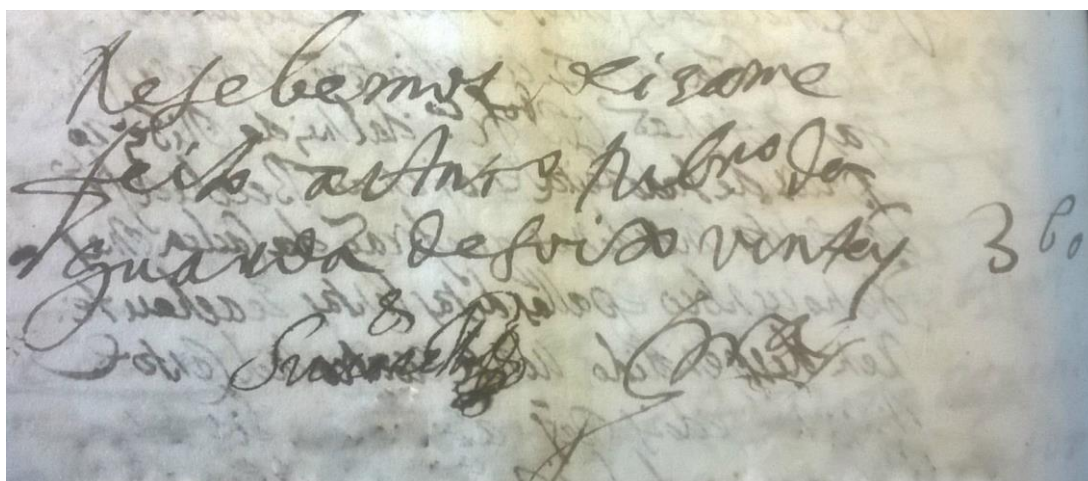
Recebemos do vizinho que se
fez em março de J. gmo de
Ano trezentos e sessenta e seis 360
[Signature]

Fig. 103 – Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia do Porto. In *Mantimento dos Presos*. Livro n.º 4, f. 49r, abril de 1665.



Recebemos trezentos e seis
centos de vizinho q fizemos 360
A Anta fez. da ferida que
cheza Anta p. caeira preso.
[Signature] Manuel [Signature]

Fig. 104 – Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia do Porto. In *Mantimento dos Presos*. Livro n.º 4, f. 11r, setembro de 1665.



Recebemos quinze
feitos a Anta e outro de
guarda de foido vinte e 360
[Signature]

Fig. 105 – Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia do Porto. In *Mantimento dos Presos*. Livro n.º 4, f. 20v, dezembro de 1666.

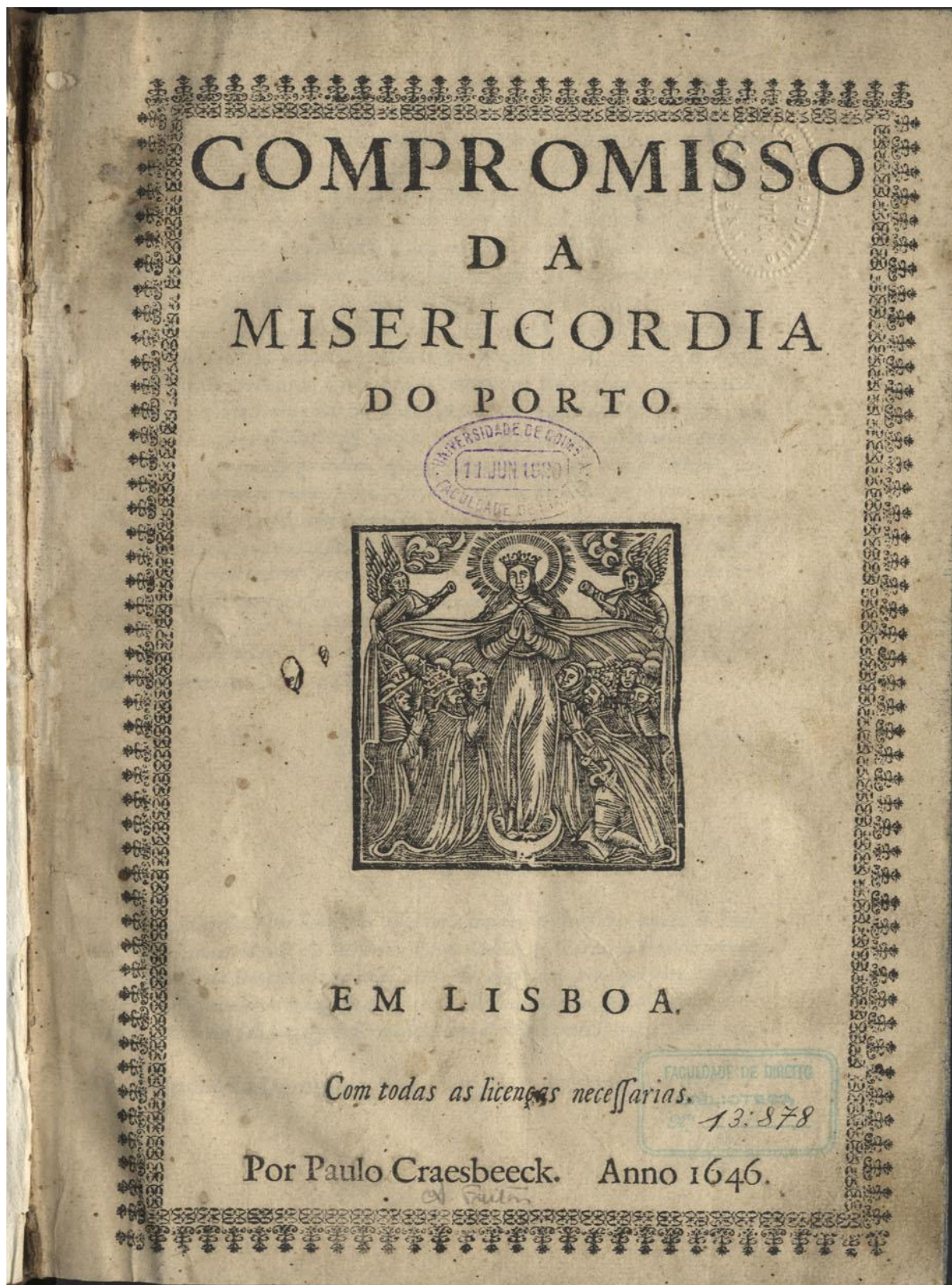


Fig. 106 – Biblioteca Digital de Fundo Antigo da Universidade de Coimbra. Folha de rosto do *Compromisso da Misericórdia do Porto*. 1646.¹

¹ Disponível em WWW: <URL: http://almamater.uc.pt/wrapper.asp?t=Compromisso+da+Misericordia+do+Porto&d=http%3A%2F%2Fbdigital.sib.uc.pt%2Fbduc%2FBiblioteca_Digital_UCFD%2Fdigicult%2FUCFD-H-B-16-6%2FglobalItems.html>. [Consult. 17 de abril 2014].

